SERÕES

N.° 31
JANEIRO

Livraria Ferreira
132, Rua do Ouro, 138 – Lisboa

SERÕES

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SEGUNDA SÉRIE — VOLUME VI

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA — EDITORA
132 — RUA DO OURO — 138

1908

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director:** Henrique Lopes de Mendonça — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

OS SERÕES DAS SENHORAS (28 illustrações)

A MUSICA DOS SERÕES

DIRECTOR LITTERARIO
H. Lopes de Mendonça

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

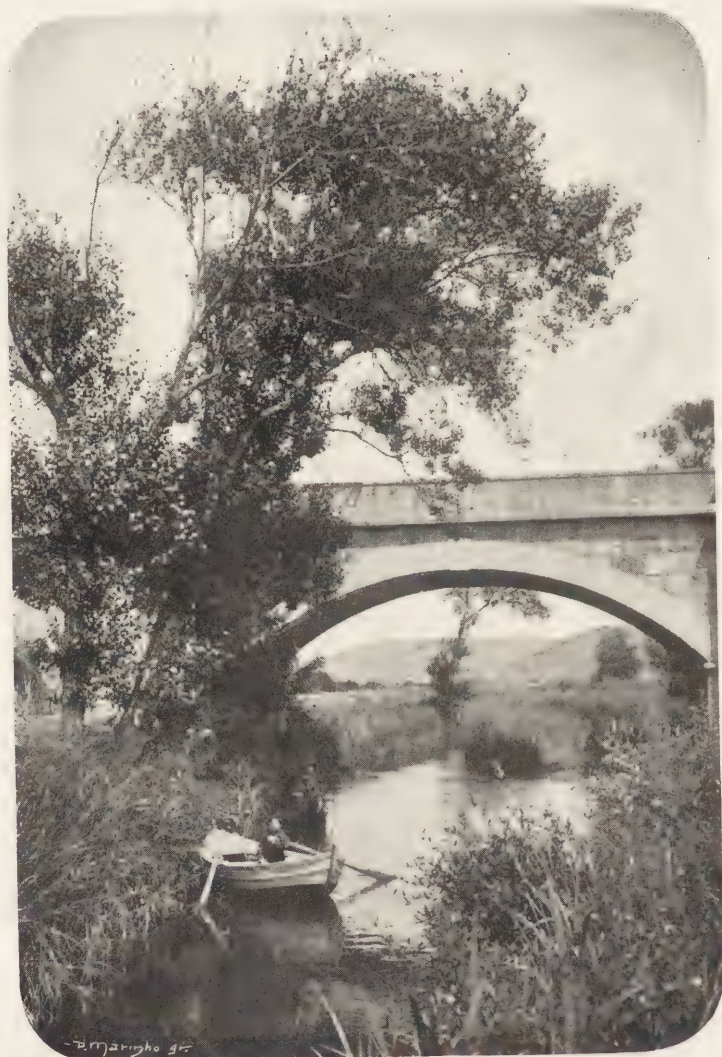
ADMINISTRAÇÃO DOS Serões

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) 27

Telephone 805 LISBOA

CASTELLO
MOURA
MOURA
PORTUGAL
ASSIS & C.ª
123, R. da Conceição
LISBOA

Quinto concurso photographico dos Serões

MENÇÃO HONROSA

Ponte da Barca (Nazareth)

Photographia de Alvaro Laborinho, Nazareth

UM CEMITERIO EM KYOTO

A architectura religiosa no Japão

É BEM sabido que dois systemas religiosos predominam no Japão: — o Shintó (o caminho dos deuses) e o Buddhismo. — O Shintó é uma crença mui remota, puramente nacional, sem origens estranhas que se conheçam nem sectarios para além das costas do Imperio. O Buddhismo indiano, importado da China por intermedio da Coréa, appareceu no Japão em meados do seculo VI da nossa era, alcançando em seguida alto prestigio. Poder-se-hia ainda apontar uma outra religião — o culto dos antepassados; — mas este culto, certamente ainda muito anterior ao Shintó, adaptou-se a elle com o andar dos tempos, como tambem ao Buddhismo, deixando de constituir um systema de crenças distinctas. Veneram-se os mortos nos cemiterios e em pequeninos altares domesticos, estes shintóistas ou buddhistas, segundo é shintóista ou buddhista o credo das familias.

O Shintó é, sem duvida alguma, uma religião perfeitamente constituida, com os seus deuses, com os seus templos, com os seus sacerdotes, com os seus ritos; mas é ainda mais, talvez, um regimen de moral civica, um codigo sentimental de brios nacionaes e patrioticos. Alguem já o explicou por esta maneira: — «E' uma coisa incorporea como o magnetismo e indefinivel como um impulso ancestral; constitue parte da alma da nação.» — Adoram-se os deuses criadores do Nippon e outras divindades protectoras, o sol, a lua, o solo patrio, o soberano, todos

TUMULO DO FAMOSO GUERREIRO NANKO,
EM KOBE

ENTRADA PARA O TEMPLO SHINTÔISTA DE GONGHEN-SAMA, EM WAKANOÚRA

os grandes servidores e todos os nomes illustres do Imperio.

O Buddhismo chegou aqui já profundamente modificado pelos chinezes; mas, em contacto com o Shintô, mais se modificou ainda. O facto foi devido á perspicaz tolerancia dos bonzos, que cuidaram de estabelecer affinidades entre as duas doutrinas, no proposito de evitarem antagonismos, melhor — de attrahirem sympathias. — E conseguiram-n'o: succede que, na massa da população indigena, raros serão hoje aquelles que professem exclusivismo absoluto por uma das duas religiões; o povo vae orar aos templos do Shintô e vae orar aos templos de Buddha, aprazendo-se na companhia de todos os deuses. O primeiro acto de devoção, do japonez e da japoneza, em cada manhã, logo após a lavagem do rosto e da bocca, é bater as palmas e erguer as mãos em prece, saudando o astro da luz; a pratica é puramente shintôista; mas

UMA VISTA DO TEMPLO SHINTÔISTA DE SUMIYOSHI

TEMPLO SHINTÔISTA DE IKUTA, EM KOBE

em seguida irá queimar incenso junto do altar dos mortos, conforme os ritos de Buddha. O japonez, quando menino, é levado ao templo de Shintô, onde o sacerdote, o *kannushi*, o abençôa; quando morre, o seu cadaver é levado ao templo de Buddha, onde o sacerdote, o bonzo, lhe reza pelo espirito. Pode mesmo dizer-se que as duas crenças de certo modo se completam: o Buddhismo, religião toda de paz, de piedade, de abnegações, vindo acalmar os impetos de um credo fogoso e aguerrido, como a querer vêr aqui tambem a majestade dos granitos e dos marmores, o monumento impondo-se por si só ás attenções do crente ou do curioso. Na sentimentalidade d'este povo nipponico, domina sobre todas as coisas um ineffavel deleite pela natureza, pelas harmonias da creação; o deus reclama um jardim; o cuidado do architecto mira antes de tudo e sobretudo á escolha da gentileza do local, á formosura carinhosa do proximo arvoredo, da ribeira visinha, do panorama em torno; o templo em si constitue materia secundaria.

TEMPLO SHINTÔISTA DE NANKO, EM KOBE

é a crença de Shintô, formando-se assim a alma nipponica, tal como hoje a conhecemos, tão especialmennte dotada de qualidades de eleição, capaz de todos os arrojos e capaz de todas as delicadezas.

Para o estranho, será tarefa interessante relancear, sob o ponto de vista artistico, os aspectos que apresentam os diversos templos japonezes; discriminando, quanto possivel, as differenças que os distinguem entre si. Será isto — um estudo de architectura religiosa no Japão; — mas convem que as ideias recolhidas da contemplação dos nossos templos occidentaes não venham predispôr-nos Uma expressão de ordem geometrica vem ajudar-nos a estabelecer mais nitidas as caracteristicas distinctivas entre as duas architecturas religiosas: no perfil do templo do Occidente, predomina a linha vertical, partindo da terra e elevando-se para o céo — symbolo graphico dos impetos do crente; — no templo japonez, nota-se a preferencia para a linha horisontal, que accusa o amor á terra, á creação, a consciencia satisfeita com os destinos.

O Shintô é a religião classica, trazida dos velhos tempos, de invasão persistente, do sul para o norte, no solo dos ainos ou ebisu;

TEMPLO SHINTÒISTA DE HOKOKU, EM KYOTO

quando o lar era a choupana nomada, formada por um tosco esqueleto de ripas, coberto de madeira e colmo, nu de utensilios e de adornos. Em uma ou em algumas d'estas choupanas, adoravam-se os deuses da tribu; e desde então até hoje conservam-se amorosamente as linhas geraes d'esta architectura primitiva. O templo shintôista, a *miya*

UMA FESTA NO TEMPLO DE IKUTA

TORII, NA VISINHANÇA DO TEMPLO DE IKUTA

(a augusta casa) é ainda a barraca lembrando a choupana nomada, de madeira, com o telhado coberto de colmo, em cujos angulos se distinguem por vezes as pontas salientes, em cruz, das traves mestras. No interior do templo, cuidado com extremos requintes de limpeza — porque o aceio constitue uma pratica dos ritos, — não ha imagens; vê-se apenas, de ordinario, um espelho de metal. A este respeito, diz o distincto professor e escriptor Inazo Nitobé: — «Todos nós temos notado que os altares shintôistas são notavelmente desprovidos de objectos e de instrumentos de culto, e que um simples espelho, suspenso do sanctuario, forma a parte essencial do seu conteudo. A presença d'este espelho é de facil explicação: symbolisa elle o coração humano, o qual, quando em perfeito estado de pureza e de placidez, reflecte da divindade a verdadeira imagem. Quando pois vos encontraes em adoração, de pé, em frente do altar, vêdes na superficie brilhante a vossa propria imagem, correspondendo assim o acto da prece á antiga legenda delphica — «conhece-te a ti mesmo.»

Bem. O templo de Shintô é a barraca lembrando a choupana nomada; mas não é só ella, é tambem todo o conjuncto de accessorios que se alastram no vasto recinto dependente, e que são os differentes nichos dispersos, e a pia das abluções, e o estrado para as danças religiosas, e o estabulo com o cavallo votado ao serviço do deus, e as lanternas de pedra, e os portaes da entrada, e as reliquias das guerras gloriosas; e é tambem a intima harmonia que resalta dos encantos naturaes da proxima paisagem — collinas verdejantes, massiços de arvores, serenidade de aguas.

TORII DO TEMPLO DE MIYAJIMA

TEMPLO BUDDHISTA
DE HIGASHI-HONGWANJI, EM KYOTO

PORTAL DE ENTRADA DO TEMPLO BUDDHISTA DE NISHI-HONGWANJI, EM KYOTO

O recinto do templo é povoado, em primeiro logar, por certos animaes da predilecção do deus que ali se invoca — veados no templo de Kasuga em Nara e no templo de Miyajima, gallinhas no templo de Nagata em Hiogo, pombos ou outros bichos n'outros templos; — em segundo logar, frequenta-n'o a chusma humana de visitantes, de peregrinos, e um bando de creancinhas que moram cerca do local e alli passam todo o santo dia em risos e brinquedos, aquecendo-se ao sol de inverno ou buscando no estio as sombras frescas. Os deuses shintôistas não professam a sombria gravidade dos deuses do Occidente; reclamam risos e não prantos. Por isto, as danças constituem uma das formas habituaes do culto; por isto, cerca do templo, sempre, mas particularmente

PORTAL DE ENTRADA DO TEMPLO BUDDHISTA DE KIYOMIZU, EM KYOTO

em dias de *matsuri,* de festa, agrupam-se as vendas ambulantes, as barracas de petiscos, os theatrinhos, para regalo do enxame de devotos.

PAGODE DE YASAKA, EM KYOTO

SINO DO TEMPLO DE DAIBUTSU, EM KYOTO

Uma das mais curiosas caracteristicas dos templos shintôistas é o *torii,* collocado triumphalmente nas suas visinhanças e como que encaminhando o peregrino. O *torii* é formado por duas columnas quasi a prumo e por duas barras transversaes; é construido geralmente de pedra ou de madeira, mas algumas vezes de metal. Para que serve? A que visa? Ignora-se-lhe a verdadeira origem; prevalecendo a opinião fundada n'uma supposta etymologia da palavra, que *torii* quer dizer — poiso de passaros — e que, na paz do templo, querem os deuses que as avesinhas tenham tambem um logar que lhes pertença, um poiso de descanço e de conforto. As avesinhas, por seu turno, são

ESTATUA DE BUDDHA, JUNTO AO TEMPLO DE NÒPUKUJI, EM HIOGO

d'esta mesma opinião; sendo vulgar a gente surprehende-las — corvos, pombos, pardaes e varios outros representantes da bohemia alada, — poisando sobre o *torii,* piando os seus amores. Seja como fôr, o *torii,* profusamente espalhado por toda a parte, constitue um complemento da paizagem japoneza, mil e mil vezes avistado pelo caminheiro, mil e mil vezes reproduzido pelo pincel do artista: e devemos reconhecer-lhe um interessante e estranho encanto na simplicidade hieratica das linhas, em estylo que se afasta de tudo que conhecemos de outras terras; offerecendo o conjuncto um curioso exemplo de equilibrio em arte architectonica, visto que as differentes peças se ligam entre si só por entalhes e pela pressão de cunhas, sem uso de pregos ou cavilhas. Um dos mais famosos *torii* é o do templo de Miyajima; este templo assenta á beiramar, sobre esta-

cadas, e o *torii* avança majestoso pelo oceano fóra.

Relancêemos agora, mui por alto, a estructura dos templos buddhistas, aos quaes os japonezes chamam *téra*. Já vamos comprehendendo, mais pelas gravuras que acompanham este estudo do que pelo proprio texto, que o templo, no Japão, não affecta as formas grandiosas, dominadoras, que distinguem o templo occidental. No entretanto, o estylo architectonico buddhista, herdado da China, é bem mais complicado do que o estylo shintôista, accusando por vezes indiscutivel majestade; sirva de exemplo, para citar um só, a vastissima e soberba bonzaria de Higashi-Hongwanji, na santa cidade de Kyoto. Os portaes da *téra* frequentemente nos revelam deliciosas linhas imponentes. O *tô,* torre ou pagode, existente em alguns templos buddhistas, é de pura importação da India; impressionando o seu aspecto, quando estampa no azul dos horisontes o vulto esguio e rendilhado: no *tô,* por exemplo, predomina a linha vertical. Junto de alguns templos, o Buddha, o sublime Shakamuni, offerece-se em imagem, a descoberto, exposto ao ar e á luz, á adoração dos crentes, em formas colossaes, moldadas no bronze indestructivel. Mas se o Buddhismo tem o seu inferno, e os seus deuses terriveis, e os seus atrozes supplicios impostos ás almas em peccado, a sentimentalidade nipponica, toda sorrisos e esperanças, soube carinhosamente amenizar os rigores d'esta doutrina; aqui, a casa de Buddha, embora povoada de imagens, de symbolos, de objectos rituaes — em contraste com os templos de Shintô, — não nos dá a impressão esmagadora, impregnada de mystico terrorismo, que emana de outros templos e de outras crenças, por este mundo fóra; é, pela serenidade dos aspectos, pela fresca penumbra d'onde emergem os altares, pelo calmante perfume dos incensos, um simples santuario de paz, de recolhimento e de meditação. Cerca do templo, encontra-se o alpendre com o grande sino de bronze, que a certas horas do dia e da noite o bonzo vem ferir com a pesada

ENTRADA PARA O TEMPLO BUDDHISTA DE OTANI, EM KYOTO

PORTAL DE ENTRADA DO TEMPLO BUDDHISTA DE DAIBUTSU, EM NARA

TEMPLO BUDDHISTA DE KIYOMIZU, EM KYOTO

TEMPLO BUDDHISTA DE GHINKAKUJI, EM KYOTO

trave de madeira que está proxima, suspensa por duas cordas que se lhe amarram aos extremos; e então echôa nos espaços, repetindo-se de collina em collina, um tremendo clamor, vibrante de mysterios da alma asiatica, fallando-nos de não sei que enlevos da solidão, em plena pureza de espirito, acalentado em fervorosas confianças no Nirvâna!...

O templo buddhidta tambem procura no Japão, como o templo shintôista, a amenidade dos verdes scenarios, a gentileza dos aspectos em volta; devendo ainda contar-se com o jardim privativo dos bonzos, vedado de ordinario á chusma dos profanos. No jardim, se podemos relancea-lo por favor especial, revelam-se-nos requintes de cuidados, de amanho, de cultura, de disciplina; os troncos de certas arvores têem sido pacientemente orientados em direcções requeridas, durante seculos sem conto, pelas mãos habilidosas dos bonzos, patenteando as mais estranhas apparencias; musgos macrobios avelludam as rochas, e até os bronzes das lanternas; os peixes vermelhos acodem humildemente ao chamamento, em cardumes, quando o senhor abbade se acerca do lago e bate as palmas; na loira areia dos trilhos, a vassoira experimentada do noviço traça em relevo figuras graciosas, que a brisa após apaga, mas que na manhã seguinte se renovam...

Kobe — Maio de 1907.

WENCESLAU DE MORAES.

TEMPLO DE SHINKOJI, EM HIOGO

LAMEGO — BAIRRO ALTO

Senhora dos Remedios

(LAMEGO)

TIO Cancela chegou á varanda a espreitar o tempo. O ceo limpo, ao longe sómente um barrocal de nuvens que a aragem demolia.

Depois, escudando a voz com as mãos, gritou ao moço, por sobre os azeviches da parreira bastarda, que fosse apôndo os bois, que eram horas. Em baixo, na arada, o rapaz alçou a cabeça, espadelou as mãos uma na outra, e de ancinho ao hombro meteu para o estabulo.

O Cancela, enquanto abotoava os bofes inteiriçados da camisa, ia percorrendo a granja com a vista, de ponta a ponta, desde as umbelas arrogantes do souto, á selva de galhardetes do milharal.

O sol no ocaso empoeirava tudo d'oiro: os castanheiros altissimos, as areias do atalho, a camisa de neve do camponez, os seus dois fios de prata grossos como serpentes.

Acalentando o riso aberto dos frutos, as boas arvores, as mães extenuadas, perdiam a côr. A ferrã começava a apontar na terra, os moscateis pelos cómoros explodiam em anasarcas de assucar.

Sobre o tanque, o silencio debruçava-se a escutar a toada monotona do caleiro.

Tudo esquadrinhava o Cancela e tam embevecido, que a filha pôde chegar ao pé d'elle sem ser presentida e disparar-lhe nos ouvidos um eh! travesso, brusco como um choque eletrico.

O velho voltou-se a resmonear, enquanto a cachopa ria a bandeiras despregadas, numa alegria limpida, cristalina,

Uns bois enormes como medas cortaram pachorrentamente o pateo, foram beber ao tanque.

De cima, a Rosinha recomendou ao moço, que se aviasse, que se estava a fazer tarde; depois largou pela casa dentro lepida, contente como uma pascoa.

Com um olhar o Cancela palpou a suan aos bois, tlintou aquellas trinta moedas, e satisfeito foi vestir a jaqueta, atarrachando pelo caminho o colete novo d'astrakan.

O moço jungiu os bois, apô-los ao carro

da lavoira enfeitado de alecrim e rosmaninho, coberto com um mantel velho de chita.

Depois aparelhou a pôtra e na cabeçada e nas molhelhas prendeu rocadas de crisantemos. Cheias as borrachas, equilibrados os alforges, dispostas as forragens para a jornada, foi-se elle tambem vestir a farpela de ver a Deus.

Os amos appareceram afinal, anchos, domingueiros, o Cancela numa andaina que estreiara pelo natal, a filha muito asseada na saia de gorgorina côr de café, na blusa branca, sob o cordão d'oiro que a mãe benevolamente lhe deixava trazer.

O Cancela foi-se andando com a besta á rédea.

A velha e a rapariga entraram para o carro, o moço, não aturando os sapatos, foi espetá-los nos estadulhos entre dois tirsos de alecrim.

Depois a um ei lá! vibrante, o carro arrancou, soltando num gemido doloroso, um adeus á granja, um adeus ao sol.

*

As cantigas ardem, iluminam a estrada, dão mais luz ao luar. Acima, muito acima, como sceptro do tempo, o setestrelo cintila.

Moços e moças tragam a pé a fita veludinea da estrada, chinelas na abada, sapatos no varapau, abana que abana.

O caminho vai-se enrolando insensivelmente no novelo das alegrias. Beijos, risos, abraços, tudo do alto a lua abençoa.

A filha do Cancela que vai no rancho garganteia:

> Toma lá cerejas
> Que te manda meu irmão
> Eu talvez t'escreva
> Na casquinha do limão.

E num triunfo que enche a noite, acorda os tentilhões das balsas, faz pestanejar as estrelas, a turba responde:

> E viva a pandega
> Olé, olá!
> Com'esta pandega
> Não ha, não ha!!

A' frente marcha a comitiva d'a cavalo, num chouto manso de caravana patriarcal, escoltando a boquinha d'oiro do senhor abade, que conta anedotas das sete partidas, e as rotundidades dum brazileiro rico ajoujadas d'oiro e pedrarias como um boi Apis.

Atraz, os carros de gala, chorando a eterna *berceuse* dos eixos e das campainhas.

A' passagem numa taverna, os da deanteira param, o rancho d'a pé pára, os mazorreiros vehiculos chegam.

O vendeiro ergue-se estremunhado, e a tanto barulho, os cães do logarejo arremetem uivando.

A alegria do vinho entorna-se na alegria das cantigas, e a ranchada abala, volta a trifurcar-se naquelles bandos em que é rei o abade, se desafiam os rouxinoes dormitam os anos em que já nevou.

Dos caminhos velhos, maltas de romeiros desaguam na estrada, lá vão entoando os mesmos salmos de alegria, de saude exuberante. Passa ás vezes um cavaleiro a trote, dois, trez cavaleiros a passo largo, fumando, discutindo alto.

As arvores pelas rampas rezam ao vento, as escarpas das trincheiras semelham fantasias do luar.

Lá em baixo, do silencio adormecido dalguma quinta, o clarim vibrante dum galo atira ao ceo um canto altissimo, puro como uma coluna de cristal.

Alva.

Lobriga-se um telhado, ouve-se o mastigar duma mó e a cantilena grave do ribeiro. E o macadam fugindo sempre, qual nastro cilhado ao ventre da terra, sobre montes, vales, casaes, córregos.

A morgadita do Cancela canta com a alacridade da cigarra na paveia dos ceifeiros, a alma visionando essa Lamego com casarios como conventos, torres mais altas que duas cordas de encarrar.

Canta... manda adeante uma cantiga ao Zé, militar lá no 9, guapo a valer, com as mangas cheinhas de riscas vermelhas.

E o estribilho prosegue:

> E viva a pandega
> Olé, olá!
> ....
> ....

Mas as gargantas começam a emperrar, a estrada não se farta de saltar regatos, cortar caminhos

— Eh! gentes, alma! — brada um galaroz da malta. Mais umas pernadas e estamos em Britiande.

Britiande.

O sol sobe mansinho, polvilha a cruz do campanario, chameja nuns cabelos de mulher que vieram espreitar á vidraça partida.

A aldeia anda já a pé. Uma alcateia de mendigos segue vagarosamente pela estrada, um homenzinho lanzudo rebola uma pipa, ouve-se-lhe chocalhar dentro a lavagem. Duma carroça a um canto, alçada, os varaes estendem-se para o infinito, como dois braços.

Homens e mulheres, de cabeça descoberta, formigam pela rua; da taverna vem uma vozearia indistinta dos tresnoitados.

Petisca-se; o brazileiro come do regaço da Rosa, abre na meza franca o seu farnel opiparo. Bem comidos e bem bebidos, ala; dali a Lamego é um salto e a récega vai apertar.

A estrada vai inçada de gente. A poeira começa a morder, os cachos a luzir o seu sorrisinho meudo de pequenos nababos contentes.

EGREJA DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS

Tira-se o chapeo ao Senhor dos Aflitos, sobe-se a ladeira e Lamego defronta-se na vertente de lá.

A cidade resplandece. Abrazam-se em incendios as vidraças, as torres sagitam o azul, flechas, chaminés, empenas, pairam num labirinto geometrico, sob a asa doirada do sol. Em torno, a muralha verdenegra do arvoredo, entremeando-se pela casaria, quebrando-se em fuga na garganta do Barosa.

E lá ao cimo, como uma escada caprichosa de Jacob, a rampa de granito do santuario, cheia de sol, de flamulas, de lavôres de fadas.

Nos labios dos serranos murcham mesquinhas as cantigas.

Lamego, o burgo pacato que fez das suas noites um proverbio de eternidade, e dos seus presuntos asas de gloria, envergou a dalmatica festiva das Mecas, com flôres, musicas, bandeiras ao vento.

Villas e aldeias chegam em massa, alagam as velhas ruas roidas do sol, sulcadas lá de

CAPELLA
DE N. S. DE LOURDES

PORTICO DOS GIGANTES

quando em quando pela sotaina negra arregaçada e as meias sanguineas dum conego chantre a caminho da Sé.

Um rumor imenso esvoaça nos ares, turbados na roda do anno apenas pelos toques do regimento, e a tarantula implacavel dos sinos da catedral.

Ha rendas de verdura pelos passeios, roseiraes de cabeças femininas pelas janelas de que escorregam damascos, como limos de cascatas exaustas. Descantes sucedem-se num turbilhão de paus, velando as melodias do queixoso harmonio. Um automovel vem de traz, a roncar, abrem-se as filas como no domingo á missa, no ceremonial do asperges.

E as aldeias desfilam pasmadas, estarrecidas, ante senhores tam janotas, festões entretecidos no ar como teias d'aranha, os aventaes casquilhos dos peitoris.

O senhor abade, da sua ranchada é elle o guardião. Paga tanto vinho como o brazileiro, e vai mostrando então um ceo aberto de coisas!

O pano fronteiro da catedral — ah!! O cincelo nos pinhaes não deixa bordados mais lindos.

O padre explica solicito, mas numa parlenga para o seu rancho tam nebulosa como o misterio da Santissima Trindade.

— Isto é estilo gotico de lei; as colunetas finas que nem avemarias, subindo, até florescerem ao sol carinhoso das alturas; os santos extaticos banhados na penumbra contemplativa dos baldaquinos; as ogivas lançadas como duas mãos postas que muito resaram. O que destôa é aquelle torreão romanico, mais pesado que um baluarte...

Ninguem o ouvia; o Cancela até cabeceava, especado ao marmeleiro, roufenhando da Pompeia dentaria a surdina cansada das gaitas galegas. O brazileiro esse olhava a Rosa como boi para palacio.

O abade aventou em vista disso que se fosse até cima, até o parque, lá dormiriam a sésta á sombra dos castanheiros.

E o rancho pôz-se de novo a caminho do

Santuario, na escalada inflnita dos romeiros.

Pelas rampas, mendigos exibiam os aleijões, numa gritaria maquinal, lancinante. A' passagem de caras burguezas o seu clamor era mais agudo, mais desbocado. Do alto, como vozes arremessadas em fundas, os pregões retiniam.

Canastrinhas de doce e chafaricas de capilé escoltavam o caminho na imobilidade branca das toalhas, num esplendor de caras rosadas, tentadoras.

Na meia-laranja, onde desemboca um delta de veredas, não cabia mais alma. Canta-se, dança-se, as canecas vão e veem na sementeira das alegrias.

Dali, losangos de laçaria galgam a encosta, contornando pateos sobre pateos, até as torres esguias da basilica, disparadas para o infinito azul. Pelos lados, flechas, zimborios, piramides, tocheiros de pedra em procissão, acesos pelo sol.

Rojavam-se pelas escaleiras as lamurias dos pobres, penetrantes, afiadas como azagaias.

Pregões voavam:

— *Auguinha* fresca!

— Quem compra tremoços?!

— O fado dos amantes! a vintem!

A Rosita olhava muito admirada para tudo, como toutinegra que vê pela primeira vez uma primavera.

A cascata da Sereia causou-lhe um recondito pezar. Pois tão linda e metade peixe!...

Onde tudo ficou pasmado, boquiaberto, foi no recinto dos gigantes.

Ao centro uns latagões de granito sustentavam ás costas uma coluna afiusada e alta como um cipreste.

E eram tão gigantes, e tinham tanto peso em riba, que o seu halito eram levadas d'agua cristalina.

Em torno, as sentinelas biblicas, os reis de Israel com as barbas pintadas do tempo, o sceptro musgoso erguido para o céo, de plantão sobre manipulos de colunas compositas.

Para lá dos nove pateos, sobre um rôr de grutas, de cascatas, de obeliscos, sob as pingas do sombreiro gigantesco do parque, o Santuario com as duas torres altissimas, a frontaria barrôca, coalhada de balões venezianos.

Do adro lançaram a vista para baixo. O escadorio esbrazido, coalhado de gente, salpicado de agulhas, participava da fantasia dos sonhos. As aguas do lago chispavam áscuas de lume, palmeiras sacudiam os leques, suavemente.

Lufadas sonoras de bandas voavam no ar, vindas de baixo.

A multidão grimpava como uma enorme serpente a que só se veem colear as escamas. Ao fundo, para lá d'um milharal amarelento, estirava-se a casaria, a muralha verdenegra, a fuga do riacho, as montanhas religiosas do Douro. A deslado, como um guerreiro que petrificasse, a velha torre de menagem esquecida no seu idilio secular com o sol.

*

Ao estoirar dos morteiros, o senhor abade despertou.

Esfregou os olhos, abanou o brazileiro que dormia no regaço da Rosa e em voz vibrante, jovial, clamou o «leva arriba» dos malteses.

Dos castanheiros caía uma sombra algida, crepuscular, cheia de nimbos de sol, como um nostalgico tapete persa palhetado d'oiro.

Uma familia patriarcal, a dois passos, chupava, entre gracejos, louras fatias de melão. Da feira do gado vinha uma barulheira infernal, gritos á mistura com zurros e relinchos, e por entre os troncos das arvores lampejavam as evoluções das azemolas.

A' esquerda corria uma fieira do toldos oblongos, empenachados de fumo, eructando no ambiente o odôr acre dos petiscos.

As folhas terminam como ventarolas mansas, os bois do Cancela, dos olhos castanhos, enormes, contavam velhas lendas melancolicas. Um zumbido imenso subia para o alto numa nevoa sonora, massiça.

O rancho beijocou as borrachas, e atravessando a babilonia das tendas, meteu para o santuario.

Não se rompia no adro. Descantes moiam a desgarrada.

Numa guarda pretoriana de cacetes, seis raparigas desenvoltas cantavam em roda:

Ora bate Mariquinhas
Ora bate bem o pé!
....
....

Em torno do templo, romeiros de joelhos davam voltas sobre voltas, infinitas como a angustia da promessa. Uma guitarra circulava tambem, semelhante a um satelite.

O rancho enfileirou com os penitentes e após cinco voltas entrou dentro a rezar. Na grande nave havia um vacuo que os fieis não preenchiam. Muita cabeça curvada, e duas senhoras a mostrarem a uns pequerruchos os zagaes divertidos do presepio.

A Virgem perfilava-se reginalmente sobre um mólho de serafins, numa rampa montanhosa de talha dourada, regada de luzes. No peplum fulgiam-lhe constelações de pedras preciosas.

O sacristão, dum vermelho doce de beterraba, ia e vinha, espiava os sorrisos do padre tesoureiro, circunscriptos na mesa branca dos fieis que depunham a oferenda, e aos carolins de esterlinas e corôas, a conta aberta das graças de Deus.

Os dois padres trocaram um aperto de mão, emquanto o senhor brazileiro discorria sobre a assistencia clinica da Virgem, na febre amarela, que o ia pregando na cova. Deixava a bagatela de quatorze libras e a amabilidade de um retrato.

O capelão assentou-lhe o nome, ungiu-o de sorrisos, e prometeu um logar para o retrato, na galeria d'honra.

Depois uma mulher seca, de má esquadria, acercando-se, tirou do acefatinho uma trança dum castanho desbotado, curta e desegual.

Pendurou-a num prego á voz do capelão, e sacando dois vintens, pediu uma estampa, das pequenas, para mandar ao filhinho que andava na guerra c'os pretos e as febres iam levando.

REAL SANTUARIO DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS

— Trez, trez vintens, é o preço — objetou o sacerdote num sorriso de bonomia.

Entretanto a Rosita, muito esperta, muito perluxada, puxava por dinheiro, a soma exacta duma litographia pequena para pôr á cabeceira da cama,

A mão da mulher mirrada quedára, enodoava ainda a toalha branca; depois retraindo-se, procurou na algibeira, procurou, tornou a procurar e voltou vasia.

— Então não dá por um pataco? — insistiu numa voz estrangulada, chamando ao mesmo tempo os olhos do padre para a trança do cabelo.

— São trez vintens, é preço sabido...

— Trez vintens... trez vintens...

— Sim, santinha, trez vintens!

— Ai Jesus e eu que só tenho dois! Se o senhor padre me fiasse?...

— Fiar? Ah! ah! ah!

A mulher deitou-lhe os olhos, córou, e largando o dinheiro, saiu pela egreja abaixo muito encolhida, como quem foge muito cobardemente ao castigo dum sacrilegio.

Aquilo aproximou os padres que riram a bom rir da «sonsice da velha».

Fóra, descia o crepusculo. Fosforecencias brotavam pela escadaria, pela cidade. A resaca rugia mais forte.

As flechas das torres mal se viam no elevado azul, como se ao descer da noite tivessem ficado no céo.

Em breve tudo appareceu iluminado: o templo, os pateos, a meia-laranja, a povoação. Um clarão de cratera em actividade esbateu-se no ar. Hinos de bandas desfilaram ao vento, e girandolas sobre girandolas subiram aos ares, desfazendo-se em lagrimas sanguineas, em diluvios de ametistas e safiras.

Depois lá de longe, o guerreiro petrificado, a velha torre de menagem calou a viseira. As suas granadas policromas, ficaram a cruzar-se sobre o môrro, dando a ideia d'uma dança de estrelas cadentes.

E a olimpiada começou nas filarmonicas, nos foguetes, nas canecas do rascão.

*

O rancho voltou para o souto, não fossem as bestas espantar-se com os foguetes.

Cavalgaduras para o lado da feira relinchavam um panico de combates, vagas de gente assustadiça desertavam da zona sobre que chovia a triunfal metralha. Patrulhas de barretinas reluzentes passavam ás upas nos cavalões listrados de espuma.

Efectivamente, as pôtras do Cancela e do brazileiro espinoteavam como umas danadas; a egua do cura, essa, afeita áqueles pagodes de romaria, debulhava pachorrentamente o casculho deixado por um carreiro.

Instalaram-se numa clareira a trouxe-mouxe, o senhor brazileiro sobre uma ponta do chaile da Rosita, flanqueada da outra banda pelo Zé, o cabo que lhe arrastava a asa.

Dali assistiriam muito bem á guerra dos fogueteiros, percebendo ainda as notas agudas da filarmonica do adro.

O castelo é que vomitava fogo como um valente.

— Não fosse elle castelo — comentou o brazileiro.

O cabo, que tinha bom faro, retorquiu sem saber bem a que:

— Aquilo... peuff! Um balasio esborralhava tudo.

O brazileiro que não tinha menos olfato, disse sorrindo, que agora era um simples monumento, mas que nos seus tempos, nos seus tempos...

E abanava a cabeça num gesto de reverencia a uma magestade entrevista.

— Ora!... — cuspiu o cabo, a quem o coração obrigava ao papel de Keraban.

— O amigo não é das bandas do Thedo? — interpelou o abade — Pois olhe que por lá conhece-se bem o que aquela cidadela valeu.

— Ah! a tal patranha do *D. Taidom?*

— Patranha ou não, é um documento tradicional que atesta a importancia da velha fortaleza. O tio Cancela sabe, oh se sabe!

— Ouvi, ouvi contar a meu avô, mas ha tanto tempo que já se me varreu da lembrança. Uma moira que se namorou d'um principe cristão, não é? Conte-nos lá isso, senhor abade, que ha de ter lido nos alfarrabios.

Os olhos da Rosa, muito abertos, pediam tambem para contar.

O padre então, relanceando ao cabo e ao brazileiro um olhar malicioso, contou a velha lenda que lhe embalára a infancia.

«Foi no tempo que os pendões da moirama voavam sobre a nossa terra, como aguias carniceiras. Tinha o vali de Lamego uma filha a quem queria mais que ás meninas dos olhos. Era Ardinia o seu nome e tão linda que a noite não sabia se era mais noite nos seus olhos, se nos seus cabelos. Aconteceu um dia as hostes cristãs saquearem a cidade e pôrem cerco ao castelo. Mas as muralhas eram de bronze, ficou no assalto uma estrumeira de cristãos. Entre os cativos contava-se D. Thedon, o filho do infante, o cavaleiro d'armadura de prata mais valoroso que a rosa do sol cobria. Grilhões para elle eram mais as tranças negras de Ardinia que as algemas do vali. Mas uma noite sem lua, sem que as sentinellas sonhassem como, o prisioneiro evadiu-

se, e uns dias andados desapparecia Ardinia. Lançaram-se esculcas, que voltaram dizendo que por aquelas redondezas, só um pagem de Granada haviam visto, trotando a bom trotar, num ginete branco. Teve um palpite o vali e mandou que os melhores corredores fossem a prender o misterioso pagem. Mas o cavalo branco fugia como o vento, não o alcançaram os corredores.

«O pagem andou, andou até que foi dar a uma ermidinha onde estava um velho. — Velhinho, disse elle, não me saberás dar noticia do cavalleiro cristão D. Thedon que faltou á fé jurada de se avistar comigo? O anacoreta contou que D. Thedon fôra ferido pelos infieis e como anoitecesse ofereceu pousada ao pagem. De noite o pagem sonhou alto. Pela manhãsinha falou-lhe assim o frade: Sei quem és. Converte-te, Ardinia, á lei do Crucificado, e vai ter depois com o senhor de teu coração. Batisou-se a moirinha, com promessa do velho lhe trazer o seu principe d'armadura de prata.

«D. Thedon andava na guerra; levou dias e dias a dar com ele. Quando o velho lhe contou, saltou para o seu corsel de guerra e partiram a galope, sem escolher carreiro nem atalho. Chegados á ermidinha, caiu-lhe a alma aos pés.

«Sobre um montão de cinzas flutuava o pendão rubro dos infieis. As coleras do vali tinham por ali passado, destruido tudo, afogado a moirinha, que d'amor se perdera pelo cavaleiro d'armadura de prata.

D. Thedon atirou-se á moirisma como um desesperado, que já não tem peito para sentir os golpes. Muito pêrro imolou ao altar da sua Ardinia. Um dia, afinal, os malditos apanharam-no de surpreza; crivaram-no de lançadas e atiraram-no ao rio que desde então se ficou a chamar Thedo. As aguas envolveram-no na sua mortalha branca, quem sabe lá se o não levariam para os braços da desventurada moira!?»

O cortejo na andadura suave das madalenas, dos anjos, do prelado, coleava como uma serpente curtindo uma digestão laboriosa. O sol, a pino, deixava correr a flux a sua cascata d'oiro. Das torres manavam catadupas sonoras.

No decrepito castelo dos valis, a artilharia dos morteiros salvava.

A procissão embrenhou-se no Bairro Baixo, desaparecendo seguidamente na cadencia grave da marcha do Profeta, as asas rubras dos guiões, os resplendores opticos das cruzes e das lanternas, os carros de Elias puxados pelos bois dos arados, o nariz rubicundo do bispo.

Depois rolou um exercito de sobrepelizes, o 9 brunido de suor, a cauda da Grande Ursa, tecida de cabeças.

A SÉ DE LAMEGO

O Cancela, arreiada a egua, dirigiu-se para a ala dos oirives a comprar umas ciganas para o démo da rapariga. O ar queimava como um rescaldo de incendios. O alarido era medonho. Harmonios, gaitas, ocarinas, apitos ganiam, rangiam os dentes. Um rapazote assobiava como os melros e uma rapariga desdentada rufava a fantoches.

As tendas reviviam o cáos.

O Cancela escarrou moeda e meia, e ali mesmo deitou Rosa as argolas, que ficaram a badalar, a badalar apelos de beijos, para aquele rosto finissimo, de cambraia.

Depois o rancho desceu a rampa, perdeu de vista as laçarias de renda, as flechas audazes do templo, e foi direitinho á tasca das tias Catarras da rua dos Ferreiros.

Ali, comendo e bebendo, aqueles labios simples tornaram a rezar a mesma alegria da vespera. Em baixo o Baroza desferia a sua partitura ingente.

A certa altura, o brazileiro, suando como esponja sob uma montanha, cochichou não sei que ao ouvido da Rosita que a fez corar até a raiz dos cabelos. E ficou a espanejar-se como um galo sultão, vencedor.

A' despedida o Zé chamou a Rosa de parte:

— Então já pensaste, Rosa?

Ella sobresaltou-se. Depois muito delambida respondeu:

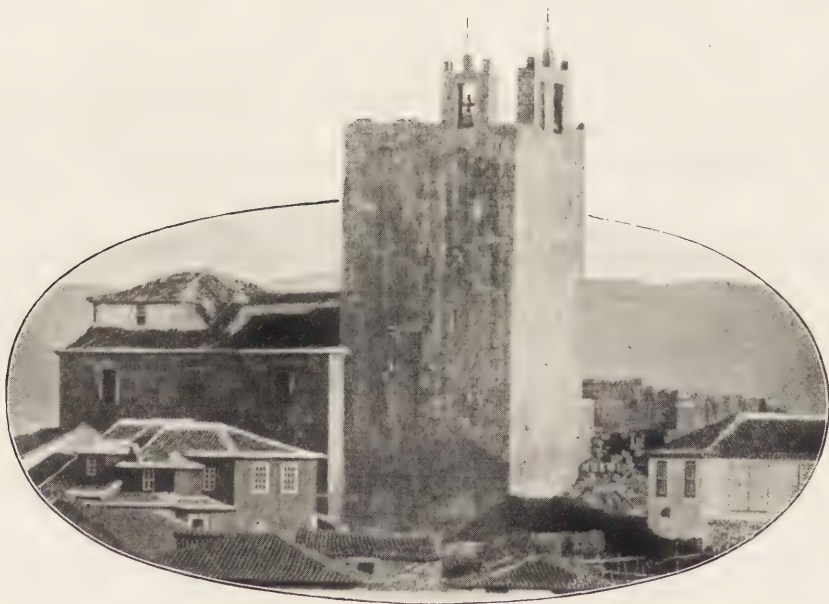
— Nunca mais me alembrou. Mas, ó Zé, tu com a vida que levas és um regalão. Eu cá se fosse homem, na tarimba é que me queria. Olha, se estás bem, deixa-te estar.

— Bem te compreendo — rouquejou o cabo — o ladrão do carióca...

A Rosa fez-se vermelha como um pimentão, depois de narinas dilatadas, vibrando toda, atirou-lhe á cara:

— E vossê que tem com isso? Importa-lhe a minha vida?

A dois passos, o senhor brazileiro segunda vez se espanejava como um galo sultão, vencedor.

Aquilino Ribeiro.

O CASTELLO DE LAMEGO

Magia do Canto

Á Senhora Condessa de Proença-a-Velha

Ouvindo-a cantar uma inspirada melodia, de composição sua, escripta para uns versos do auctor.

Ella diz — numa voz que voz nenhuma eguala,
Que nenhum alaúde ou cíthara maviosa
Ou harpa soluçante ou guitarra chorosa
Jamais nunca fará que eu receie olvidá-la;

Ella diz — nessa voz que ao coração nos fala,
Que abre oceanos de luz á noss'alma sequiosa
E, num fluido de sonho e nuvens côr de rosa,
Por páramos azues nos leva e nos embala;

Ella diz — numa voz, de beijos amassada,
De pérolas em fio e lágrimas coalhada,
Toda a gamma subtil da volúpia e da dôr...

Diz o anceio, a paixão, as tragédias, o idyllio...
E, ao escutá-la, eu penso: Ó Terra! és um exílio...
Para alem d'esta vida, existe outra melhor.

Existe, sim. Bem alto o diz esta saudade
De uma pátria irreal, de um bem que se não viu...
Di-lo esta insatisfeita e pungente anciedade
De encontrar a alma irmã, que a noss'alma entreviu...

Di-lo esta sêde ardente e innata de Verdade,
De Justiça, de Amor, que jamais se extinguiu,
Que jamais se saciou na Terra, onde a Piedade
As brancas azas fecha, á hora em que as abriu.

Di-lo este horror que sinto e palpo, ao ver que é nulla,
Que é impotente a lei, o ukáse, o dogma, a bulla,
Para varrer da Terra as mil fórmas do Mal;

E, mais que tudo, diz-m'o a ideal melancolia
Em que me lança, a mim, o canto, a melodia,
Transportando-me alem do mundo sideral...

Pairar, viver, sonhar, nessa harmonia estranha,
É ter a sensação de mundos ideaes,
Ver torrentes fluir, de limpidos crystaes,
Que um luar opalino em doces tintas banha...

É como que avistar, do tôpo da montanha,
No fundo, o fumo azul de rústicos casaes,
Na funda placidez de tempos patriarchaes,
Que nenhuma nevrose agita ou arrepanha.

E, depois, ver subindo, em refulgencias de oiro,
O heroe que vence a Noite, o Phébo esbelto e loiro,
Que ás morenas dá graça e dá sangue aos heroes;

E sentir, vendo o espaço a um ponto circumscripto,
Esta ância de voar, de sair do finito,
De ir mergulhar, a arder, no turbilhão dos soes!

M. DUARTE D'ALMEIDA.

NIJNI-NOVGOROD — VISTA DA FEIRA

Vinte dias na Russia [1]

(IMPRESSÕES DE UMA PRIMEIRA VIAGEM)

POR Z. CONSIGLIERI PEDROSO

CAPITULO VII

UMA CIDADE DE PROVINCIA

Partida para Koltsovo — Reconciliação definitiva com os caminhos de ferro russos — A linha ferrea de S. Petersburgo a Moscou e o tsar Nicolau I — A minha toilette — *Tver — Aspecto geral da cidade — A* Bolchaia Millionaia — *Antegosto da verdadeira cosinha russa — O Volga na tradicção poetica dos mujiks — O Volga e o commercio fluvial da Russia.*

CHEGOU emfim o momento de partir para Koltsovo, o novo objectivo da minha viagem depois do convite, que recebera da familia Agrenev. Não quer isto dizer que a visita a S. Petersburgo estivesse terminada. Pelo contrario. A uma capital como a da Russia, não se lhe ficam conhecendo todos os pormenores n'alguns dias apenas, em que á pressa se percorre. O viver intimo, a physiognomia moral escapa forçosamente a tão rapido exame.

O capitulo, por exemplo, «Museus» nem sequer pude encetal-o por falta de tempo. E assim como este muitos outros passáram em claro, e dos não menos interessantes na vida da grande cidade slava. Mas isto era fatal que acontecesse e tinha-o eu de antemão previsto. Paris, Berlin, Londres, S. Petersburgo, Moscou, ou se *veem* em meia duzia de dias, ou necessitam de longos mezes de convivencia e até de annos para com ellas se travar conhecimento. Tudo depende do ponto de vista em que o viajante se colloca, e eu, apertado pela escassez do tempo, não tinha a liberdade da escolha.

Por isso, bem a pezar meu, e deixando

(1) Continuado do 4.º vol. da 1.ª serie.

para melhor occasião visita mais demorada, decidi-me a tomar o expresso de Moscou, visto que para me dirigir a Koltsovo devia apear-me em Tver, e que esta cidade fica na linha que liga as duas capitaes.

Teria preferido fazer a viagem de dia por dois motivos igualmente ponderosos.

Era o primeiro a natural curiosidade de poder ir vendo a região que o comboyo atravessava, inteiramente nova para mim, como de resto o eram todos os caminhos que na Russia devia percorrer, visto ser a primeira vez que por elles passava.

O segundo motivo, porém, porque não hei-de contal-o? que me levava a evitar instinctivamente o passar mais noites em caminho de ferro, era ainda a não desvanecida recordação d'aquella primeira viagem nocturna ao sahir de Verjebalovo, recordação que apesar de bastante attenuada, como tive já occasião de o confessar, ainda assim me fazia pensar com certa inquietação, na alternativa de dormir (?) outra noite em wagon.

Infelizmente o meu desejo não poude ser satisfeito, por isso que o expresso só de noite faz o percurso entre S. Petersburgo e Moscou, ou antes a maior parte d'elle. Como na epocha em que estavamos as noites são muito curtas na Russia, havendo ar de dia até ás 9 horas e meia da tarde, e começando a aurora a raiar ahi pela hora e meia da madrugada, grande parte do caminho pude vel-o.

Compensou-me, no emtanto, da parte que não consegui vêr, a satisfação de definitivamente me reconciliar com os caminhos de ferro russos.

Sim, senhor! O expresso, em que eu acabava de entrar, era já um verdadeiro «rapido», commodo, cheio de conforto, e não desmentindo pela sua andadura o pomposo adjectivo do nome que lhe era dado na nomenclatura official. Não quero com isto dizer que elle realisasse ainda para mim o ideal dos comboyos, porque, segundo parece por um phenomeno de atavismo muito commum na Russia, sobretudo no dominio da viação, lá apparecia uma vez ou outra com insistencia teimosa a tendencia para a reversão ao typo inferior, que n'outras linhas moscovitas tão á vontade floresce. Assim o regimen das bagagens e o *struggle for place*, esta nova hypostase da grande lei de Darwin nos caminhos de ferro russos, são ainda importantes coefficientes de correcção, com que o passageiro tem de entrar nos seus calculos, sobretudo se se dispõe a viajar de noite.

A CAÇA

Mas estes pequenos senões esqueci-os eu, quando algumas horas depois da partida vi o *divan* onde ia sentado, e onde já me preparava para mais repousado descanço, transformar-se como por encanto em fôfa cama, onde de facto pude tranquillamente dormir até de madrugada. Reconciliei-me então definitivamente com os caminhos de ferro russos, e aprendi, não sem uma ponta de remorso a pungir-me na consciencia, como era falsa no paiz onde me achava a inducção do *ex uno disce omnes,* pelo menos applicada á hypothese ferro-viaria.

A parte da linha, que pude ver, quasi não differe pelo aspecto da que eu percorrera nas provincias occidentaes do Imperio. A paysagem é pouco mais ou menos a mesma, com identica flora e com parecido relevo. Tem a seu favor, porém, o ser mais povoada. As *derévnia,* os *seló* e as *imiénie* são mais frequentes, e accusam um desenvolvimento de vida mais intenso. Não deve esquecer, que iamos caminhando a toda a velocidade para o centro da Russia, para a Moscóvia, esse coração onde palpita toda a vitalidade da grande nação, e de onde ella irradia para os pontos mais affastados. De resto a planicie sempre, primeiramente dourada pelo sol poente prestes a esconder-se por detrás das florestas lá para as bandas do golpho da Finlandia, e depois suavemente velada pelo lusco-fusco do indeciso crepusculo boreal, que a povoava de umas sombras ligeiras, meio transparentes, que tanto podiam representar o esmaecer do dia a despedir-se, como o raiar da aurora a annunciar-se.

A originalidade d'esta linha de S. Petersburgo a Moscou não está, porém, no paiz que ella atravessa. Como acabamos de vêr, sob tal ponto de vista em pouco se differença das suas congeneres, construidas na vasta planicie, que constitue a quasi totalidade da Russia europeia. A sua feição caracteristica é outra. Consiste propriamente no traçado. Este sim, é original, unico. Imagine-se um percurso de alguns centos de kilometros, sempre em linha recta, mas linha recta geometrica, sem um desvio, sem uma inflexão, por mais insignificante que seja, sem a mais leve attenção, não direi pela geographia physica, por isso que o solo pequenos accidentes orographicos offerece, mas pela geographia economica, pois parece semelhante caminho de ferro nem suspeitar sequer a existencia das cidades, villas e aldeias, que naturalmente devia ligar, e das quaes julgariamos que se afasta de proposito, ao vel-o na solemnidade da sua inflexivel trajectoria.

O caso conta-se do modo seguinte:

Quando se procedia aos estudos para a construcção, o tsar Nicolau I percebeu que o pessoal technico encarregado d'esse trabalho, em vez de se inspirar para a escolha do traçado nos interesses da região, que o caminho de ferro devia atravessar, attendia mais a considerações particulares e aos empenhos de determinados proprietarios, que se esforçavam por que a linha ferrea passasse junto aos seus dominios. Chegado o momento de conceder a sua alta approvação ao projecto,e na occasião em que o ministro dos Caminhos de Ferro em presença do processo completo das expropriações e das competentes plantas se preparava para justificar perante o seu imperial amo o traçado escolhido, Nicolau sem escutar o ministro, que já começára a sua exposição, pegou n'uma regoa e, reunindo no mappa as duas capitaes, traçou com o lapis uma linha recta, accrescentando laconicamente mas n'um tom que não admittia replica: «Aqui está o meu traçado. É por este que a via ferrea vae construir-se.» E assim se construiu, com effeito.

Ao principio este acto de feroz autocracia, digno de um verdadeiro pharaó, deu muito que fallar, e embora em voz baixa, conforme a prudencia o aconselhava aos protestantes, a determinação do imperador foi severamente criticada. Hoje no entretanto parece que a opinião a este respeito se modificou, e começam a apreciar-se as vantagens de a linha entre as duas cidades correr sempre a direito, o que significa maior rapidez das viagens e por consequencia maior barateza dos transportes directos, tanto mais que tal rapidez é perfeitamente compativel com os interesses economicos das cidades desattendidas pela arteria principal, mas que a ella se podem ligar por meio de ramaes secundarios de um e outro lado.

A historia, authentica segundo me affirmáram, é corrente em toda a Russia, e explica por si só, valendo pelo melhor dos commentarios, muitas anomalias apparentemente injustificaveis que n'este paiz o extrangeiro encontra . . .

Foi pela volta das seis horas da manhã, que o comboyo chegou á estação de Tver. O tempo tinha sensivelmente melhorado, embora grossas nuvens ainda toldassem uma parte do horizonte.

O ar, porém, estava frigidissimo. Parecia de inverno. Com que saudades me recordei n'esta occasião do meu sobretudo e da minha manta-châle que impensadamente, ou antes confiando demasiado nos 27 gráos centigrados á saida de Lisboa, eu eliminára o caso, um fatinho de verão, de uma alpaca muito fresquinha, que o Fonseca alfayate me recommendára como a mais leve para a estação... na rua dos Algibebes, intende-se.

Não sei em verdade por quem, com tal traje, me teriam tomado em semelhante latitude os meus companheiros de viagem. Talvez por um doido, talvez por um excentrico, talvez, quem sabe? por algum penitente a offerecer por essas Russias fóra as

MOSCOU — PRAÇA VERMELHA

da bagagem com uma leviandade de que estava agora soffrendo as consequencias! Porque, não obstante ser-me impossivel verificar pelo thermometro a exacta temperatura, sentia gelar-me todo, intiriçando-me n'um arripio que me fazia tiritar o frio cortante, a que a brisa da madrugada ainda accrescentava o seu tic caracteristico. Deviam estar a essa hora uns trez ou quatro gráos, quando muito. E eu a ostentar galhardamente, como mais apropriada *toilette* para carnes desprotegidas a um genero novo de mortificação, em desconto de peccados desconhecidos, sim, mas que deviam de ser grandes, attenta a crueza do sacrificio expiatorio.

O que é certo é que a minha *toilette* primaveril parecia fazer sensação entre toda aquella gente embuçada em grossos capotes forrados de pelles. Percebi até que o meu casaco d'alpaca era o principal alvo das attenções. Sentia fallar em voz baixa

quando passava junto dos grupos, que se haviam formado na *gare* á sahida do comboyo. Cochichavam, olhando-me significativamente. Cheguei mesmo a divisar em alguns rostos inequivocos signaes de compaixão. Não havia que duvidar. A impressão em todos era a mesma: doido, excentrico ou penitente... No fim de contas tudo se cifrava n'um pobre viajante, que á sua custa estava pagando a ignorancia da climatologia do paiz, e que com infinda melancolia lá ia philosophicamente repetindo para si a sentença do velho Dante:

... Nessun maggior dolore che ricordarsi del tempo felice nella miseria...

O que no caso significava em traducção livre: «Nada ha mais triste do que lembrar-se a gente de um bom casaco, quando está a tremer com frio.»

A cidade de Tver está afastada da *gare* do caminho de ferro o sufficiente para que o trajecto não possa fazer-se a pé. Foi pois n'um *drochke,* que para lá me dirigi, por uma estrada bastante larga, menos mal conservada, ladeada por um lado e outro de campos verdejantes, e sobre a qual a todo o instante pousavam, mesmo quasi debaixo das patas dos cavallos, grandes bandadas de corvos e de pegas. A'quella hora matutina parece que tudo ainda dormia na cidade. Pelo menos assim o indicava o aspecto das casas hermeticamente fechadas, e a solidão das ruas apenas raramente atravessadas por algum viandante de apparencia meio estremunhada. Verdade seja, que mais tarde pelo dia dentro o movimento e a vida não augmentaram de modo muito sensivel. Bem se via logo á primeira vista. que se estava n'uma cidade de provincia. A ausencia de rumor era tão completa, que ruas havia atapetadas de herva por onde, ao passar, o andar da nossa carruagem acordava

MOSCOU — A PONTE DE PEDRA

verdadeiros echos. Tranquillidade assim nunca na minha vida presenciei em agglomeração urbana. Visitei algumas vezes mais Tver, em outras occasiões e em dias differentes — n'um domingo e pela semana adeante. A impressão que ao percorrel-a senti sempre, foi a mesma d'esta primeira hora. Ruas desertas, casas silenciosas, estabelecimentos vasios, jardins solitarios... Como todo este socego contrastava com o bulicio que eu tinha visto em S. Petersburgo e que d'ahi a pouco ia tornar a vêr em Moscou!

E no entretanto apesar da falta de movimento ou talvez por isso mesmo, achei esta cidade adoravel. Pareceram-me singularmente encantadoras sobretudo as suas casas, pintadas com esmero de verde, de amarello ou de branco, com o seu jardimsinho na frente quasi todas ellas, e com os seus vasos de flores vermelhas por dentro dos vidros, porque tambem ali pude verificar, que a paixão das flores é, pode dizer-se, geral.

Não se julgue, porém, pelo que acabamos de dizer, que Tver seja algum logarejo ou aldeóla, como tantos outros que vegetam ignorados no fundo das mais remotas provincias do imperio.

Cometteria grave erro quem tal imaginasse. Tver é uma cidade bastante importante, pela população que conta perto de cincoenta mil almas actualmente, e pelo commercio tanto terrestre como fluvial, que pela linha ferrea de Moscou-S. Petersburgo, e pela grande arteria do Volga se realisa. Tem além d'isso Tver uma historia illustre. Foi fundada no fim do seculo XII pelo grão-duque Vladimiro Vsevolod Géorghievitch, principe de Suzdal.

No ultimo quartel do seculo XV passou para o poder dos moscovitas. Na segunda metade do seculo XVI foi saqueada pelos soldados de Ivan IV. Em principios do seculo XVII por ultimo, no tempo do «falso Dmetrio», foi tomada d'assalto e em parte incendiada pelos polacos.

Primitivamente a parte principal da cidade era na outra margem do Volga. Só em 1240 é que o grão-duque Jaroslav Vsévolodovitch construiu a fortaleza, que passou a ser o centro da cidade nova. N'esta epocha governava Tver um principe independente.

A cidade actual está situada na embocadura da Tmaka e da Tvertsa no Volga e sobre as ilhas formadas por estes rios, o primeiro dos quaes é atravessado por uma ponte, emquanto que a passagem pelos dois ultimos se faz por meio de barcas.

O bairro mais importante de Tver, chamado a *Gorodovaia*, levanta-se em amphitheatro sobre o Volga, e foi Catharina II quem o mandou reconstruir depois de um temeroso incendio, que reduziu o antigo a cinzas. O bairro *Zatmatskaïa* fica do mesmo lado do Volga, sobre a margem esquerda da Tmaka. Finalmente os bairros *Zavoljskaïa* e *Zatvéretskaïa* estão na margem esquerda do Volga, dos dois lados da Tvertsa. A orientação d'estas differentes partes da cidade está de resto indicada pela prefixação da particula *za* aos nomes de cada um dos trez rios, o que immediatamente na lingua russa lhes determina a respectiva situação.

Tver, que é séde de um arcebispado e residencia de um governador, tem alguns edificios notaveis, como o Gymnasio, o Gostinny-Dvor, reducção modesta do grande bazar de S. Petersburgo, e o Dvoriansky ou palacio da Nobreza. Conta quarenta egrejas, das quaes a mais notavel o *Sobór Preobrajéniia Gospódnia* (Cathedral da Transfiguração do Senhor) tem a honra de possuir as reliquias de S. Miguel Jaroslavitch, e umas preciosas pinturas muraes que datam do tempo do arcebispo Platão, conforme resa a chronica. Tem igualmente Tver algumas praças, entre ellas a *Ekaterinovskaia plochtchad*, em cujo centro se levanta o monumento de Catharina II, feito de marmore da Siberia; alguns jardins, como o *Publitchnii sad* e a *Osmiugolnaïa plochtchad* (praça de oito angulos ou lados) e uma bella rua, a *Millionaïa*, que corre em grande extensão, parallelamente ao Volga, entre a Tmaka e o *Vauxhall*.

A *Millionaïa* é a principal arteria de Tver, não só pelas suas dimensões, mas ainda porque n'ella se encontram os melhores edificios e as mais vistosas lojas da cidade.

É uma especie de Prespectiva Nevsky provincial, mas sem cousa alguma que faça lembrar a vida e o movimento da grande avenida de S. Petersburgo. Quantas vezes por ella passei, tantas a encontrei deserta e silenciosa, como o resto das suas subordinadas em grandeza, irmãs em solidão. Foi sempre emquanto ali estive e ainda é hoje

para mim um mysterio, onde e como vive a população de Tver. Não sae á rua, e á janella não se vê.

A cidade é espaçosa, as ruas são largas, e as casas, algumas magnificamente construidas, e todas ellas irreprehensivelmente cuidadas, indicam a presença de numerosos habitantes. No entretanto anda-se, anda-se, por um lado e outro. Passa-se da Millionaïa ás travessas mais secundarias, e d'ahi aos jardins publicos e ás praças, e pelo menos aos dias de semana, que foram n'esses que principalmente a visitei, não se encontra quasi viva alma. O aspecto geral faz lembrar o das ruas mais solitarias do nosso bairro da Estrella. Até a conformação das edificações é a mesma — predios baixos, de ordinario com um ou dois andares apenas, a maioria das casas, como já dissemos, com jardim, e um socego tão grande, que custa a perceber que se está n'um importante centro de população urbana. São assim todas as cidades provinciaes da Russia? Não posso por agora responder a esta interrogação, pois não as conheço de *visu*. É provavel, porém que o sejam, e que Tver em vez de constituir uma excepção, nos apresente pelo contrario o typo normal do genero.

O meu primeiro cuidado, installado que fui no hotel, e logo depois de reparados os estragos mais viziveis que na *toilette* me occasionára a viagem de alguns centos de kilometros que acabára de fazer, foi preparar-me por uma refeição conveniente para a excursão a Koltsovo, que, áquella hora, eu ignorava ainda se era longe ou perto, de facil ou difficil accesso, tendo noticia apenas de que só indo em *dróchke* ou *tarantáss* lá poderia chegar.

Por isso o almoço prévio se me affigurava de primeira intuição, quer dizer, de indispensavel necessidade. E memoravel foi elle, não ha duvida. Verdadeiro almoço de cossaco!

Realisou-se n'esse dia, posso affirmal-o, a minha primeira iniciação a valer na cosinha russa. Até ahi, com effeito, mal lhe entrevira os succulentos mysterios, que só agora principiavam, desvendando-se em surprezas sempre crescentes, a deslumbrar-me, e por-

UM «TARANTÁSS» PELOS CAMPOS

que não o direi tambem para ser sincero? a intristecer-me — a deslumbrar-me pela opulenta variedade; prompta a desafiar a mais pormenorisada descripção da mais completa lista; a intristecer-me pelo reconhecimento humilhante da minha propria impotencia gastronomica, incapaz de fazer as devidas honras ás tentadoras seducções da arte culinaria slava.

Antes d'este dia, em verdade, da comida na Russia eu só conhecera ou os pratos frios e leves, que á pressa é costume servirem-se nas *gares* dos caminhos de ferro, ou os *menus*, mais ou menos cosmopolitas do restaurante allemão, aonde invariavelmente ia almoçar e jantar, emquanto estive em S. Petersburgo. Mas nada d'isso, conforme mais tarde pude verificar, era a verdadeira cosinha russa. Essa, a genuina, começava para mim agora em Tver, attingindo em Koltsovo e em Moscou a suprema caracteristica da sua feição nacional. Pobre estomago meu, em que espartano regimen tu fôras até este momento educado, não suspeitando sequer como por esse mundo fóra se comprehende uma das mais solemnes funcções da nossa humana natureza!...

Não antecipemos, porém. Ainda não é este o logar apropriado para eu communicar ao leitor as minhas impressões definitivas sobre o importante capitulo do que um anthropologo chamaria a vida vegetativa do povo russo.

Depois do almoço e antes de deixar Tver por aquelle dia, estava naturalmente indicada a visita ao Volga. Era mesmo esta uma das minhas maiores preoccupações. De ha muito que eu aprendêra a ver na *Mátuchka Volgá* (a querida mãe Volga), como o mujik russo a denomina com amor, um dos mais importantes rios historicos do mundo. A influencia exercida por esta formidavel arteria, que constitue o systema vascular central da Russia europeia, na evolução da grande raça estabelecida no vasto ambito da sua bacia, não me era desconhecida. Nas recordações, agora presentes, dos meus anteriores estudos sobre a civilisação slava, misturavam-se com a lembrança do rio memoravel, que dentro em pouco ia ver, as reminiscencias de outros rios, tambem celebres nos annaes da humanidade, cujos deltas haviam servido de primeiro *habitat* ás mais illustres nações dos passados tempos ou em cujas margens se haviam desenrolado alguns dos decisivos dramas da historia universal — um Nilo, um Euphrates, um Indo — um Rheno, que diante de mim evocára, na primeira vez em que o avistei, todos esses combates cruentos, a que desde o tempo de Tacito tinham servido de testemunha as suas aguas impetuosas e revoltas — um Danubio, em cujas ribas fragosas eu julguei divisar ainda, quando por ellas passei, os wisigodos de Alarico promptos a lançarem-se sobre as fronteiras indefesas do imperio romano.

Não foi por isso sem uma certa commoção que eu me vi junto ao rio, que para mim continuava a estar cercado do nimbo mysterioso e lendario do seu passado mythico, e que me trazia á memoria tambem todas essas raças que na penumbra da Edade-Media o tinham atravessado em som de guerra, desde os hunos de Attila, e os mongóes de Tamerlão e Gengis-Khan até aos slavos de Vladimiro Vsévolod...

E no entretanto o Volga ao pé de Tver é de dimensões mais do que modestas, nada em relação até com a sua grande nomeada. Faz pouco mais ou menos a figura do nosso Douro junto ao Porto. Simplesmente as aguas d'este ultimo são mais rapidas, mais agitadas, o que de resto se explica, pela maior proximidade do mar. O Douro, com effeito, n'este sitio está a lançar-se no Oceano, em cujas aguas as suas se vão misturar, ao passo que Tver mais perto da origem do que da foz do grande curso d'agua, está situado no meio da vasta planicie central da Russia, a uma incommensuravel distancia do lago Caspio, termo ultimo da longa e accidentada viagem do afamado rio.

Em todos os tempos o Volga exerceu a sua poderosa attracção sobre as raças, que se lhe approximáram. Pouco faltou, que d'elle fizessem um Deus, como os velhos egypcios pharaónicos do seu Nilo. As denominações, porém, por que nas differentes linguas é conhecido, provam de fórma eloquente a ideia, que do seu poder e grandeza de seculo em seculo se foi consolidando na tradicção popular.

A palavra Volga parece vir de *Vláha*, «humidade», a humidade ou a agua por excellencia, donde os russos derivâram como já vimos, a expressão carinhosa, implorativa quasi de *Mátuchka Volgá*, isto é «a querida

Mãe Volgá», ou por alargamento de sentido, a bemfaseja agua que alimenta a fertilidade das terras.

Chamáram-lhe *Rha* ou *Rhos* os auctores antigos; *Ra*, os mordvinos; *Yul*, os tcheremissos; *Itil*, os tataros; *Tamar*, os armenios.

Ora todos estes nomes significam uniformemente o «rio», «o grande rio», o «rio entre todos o primeiro». O nome finnez do Volga, quer dizer «o rio sagrado» e é sabido, que entre os russos se considera como a verdadeira nascente d'elle uma especie de charco proximo da aldeia de *Volgo-Verkhovie*, conhecido pelo nome caracteristico de *fonte do Jordão*. Esta reminiscencia biblica testemunha melhor do que qualquer outro facto a especie de adoração, que ás aguas do seu rio predilecto tributa o mujik da Grande Russia.

Tambem não admira que assim succeda. Em todos os tempos e em todas as regiões da terra sempre os rios foram divinisados pela poetica imaginação dos povos primitivos. Na propria Russia, na Ukrania, recebe o *Dnipro batko* (o pai Dniepre) culto identico. E' naturalissimo, pois, que o grande rio, primeiro entre todos, pelo percurso, pelo volume d'agua, pelas cidades que banha e pelas provincias que atravessa, assim como pela antiguidade das recordações, que lhe andam ligadas, seja objecto de uma maior veneração e haja, por assim dizer, absorvido de fontes pertencentes a outros cyclos tradicionaes grande parte dos elementos, que actualmente lhe constituem a lenda e que tão vivos se teem até agora conservado na alma popular.

UM «PRUD» NO OUTOMNO

Ainda hoje o *rybalóv* (pescador), que voga pela superficie remançosa do Volga, repete, ao sentir escorregar docemente a barca no crystal da agua, os cantos melodiosos e tristes que entoavam outr'ora á beira do rio, em noites de luar, as *russalkas* (1), vestidas de branco, toucadas de algas verdes, escorrendo perolas, á espera dos amantes que, attrahidos pela voz a que não podiam fugir, vinham lançar-se-lhes nos braços, anciosos por descerem com ellas aos palacios encantados, feitos de ouro e custosas pedrarias, que lá no fundo os aguardavam para celebrarem as nupcias d'onde, pobres loucos! não voltavam mais...

E que extraordinarios todos esses cantos são! Aqui mesmo em Lisboa não ouvimos nós em côro pela celebre companhia do maestro Agrenev um d'elles, formosissimo, inimitavel?...

Recordo-me bem como era magestoso e que funda impressão produziu em todos os que o escutaram...

Parecia fundir na sua melopeia compassada, as mil vozes ignotas das florestas e das estepas da mysteriosa Russia, ora em meigos suspiros flebeis, mal perceptiveis ao ouvido como o suave deslisar de tranquillo ribeiro pelo relvado de um jardim, ora em estridulas vibrações, em fremitos de cólera, semelhantes ao bramir de furiosa tempestade, açoutando ao longe as arvores, as campinas, as aldeias, e vindo nos derradeiros echos do seu grandioso *crescendo* suggerir a sensação intraduzivel do choque de algum

(1) Genios femininos das aguas na mythologia slava.

mundo estranho, onde se estivessem ferindo titanicos cambates!...

Nunca mais se me apagou da memoria tão extraordinaria canção, e ao dizer o adeus de despedida ao grande rio, que quem sabe? talvez não tornasse a ver, pareceu-me ir ouvindo por muito tempo ainda, até se perder ao longe n'um leve murmurio apenas, as ultimas notas d'esse assombroso canto, que é ao mesmo tempo prece, grito de guerra e hymno festival...

Não foi sómente, porém, a poesia popular e anonyma, onde palpita a alma inconsciente da nação, que celebrou o Volga nos

NA FLORESTA

seus cantos. Tambem a litteratura erudita não se dedignou de ir buscar á vida do velho rio alguns dos seus melhores quadros, que são ao mesmo tempo paginas de commovente inspiração.

Rechétnikov, o malogrado auctor de *Os Podlipovtsianos,* escolheu de preferencia para heroes dos seus contos os *burlaki* (1). A vida d'elles nos rudes trabalhos diarios, o lançamento á agua das barcas ao findar o degelo, as peripecias todos os dias repetidas mas nunca iguaes da navegação fluvial, e depois a faina de trazer para terra de novo as *lódkas* (1) ás primeiras ameaças do inverno, tudo isto acompanhado de canções tão melancolicas, como aquella que começa assim: *Ei! úkhenem, echtchó raz! echtchó avd ráza!...* (Leva arriba! uma vez ainda... mais duas vezes...) (2), que antes do que canto mais parece o soluço abafado d'aquella pobre gente, a que uma resignação sem limite dá tão singular physiognomia, eis os themas favoritos de um dos escriptores mais notaveis da moderna litteratura russa, considerado pela critica como o continuador da escola de Turguénev, e isto para não fallar em Gorki, cujos contos, tendo os trabalhadores do Volga por heroes, são bem conhecidos.

Até aqui o Volga da tradicção, da poesia. Não é menos interessante, porém, para o viajante o Volga da vida real, do commercio e da navegação. Digamos duas palavras sobre este ultimo.

O Volga é o maior rio da Europa, podendo apenas comparar-se pela extensão e importancia aos grandes rios americanos — ao Mississipi e ao Amazonas. O seu curso mede 3:715 kilometros e a sua rede navegavel representa perto de 12:000. Junte-se a este formidavel desenvolvimento hydrographico uma bacia, cuja área é pelo menos igual a trez vezes a superficie da França, com uma população actual de uns quarenta milhões d'almas, e poder-se-ha fazer ideia approximada do que significa tal rio para a economia interna da Russia. Quantas cidades, villas e logares banha elle em tão largo percurso desde Tver até Astrakhan!...

Trez systemas de canaes — o de Vychny-Volotchok, o de Tikhvin e o de Maria — servem para as communicações com S. Petersburgo; o canal Catherina e o canal do duque de Wurtemberg ligam o Volga á Dvina. Calcula-se que percorrem annualmente o rio, nas suas diversas zonas, uns 22:000 navios e barcos de todas as lotações, transportando para cima de meio milhão de passageiros, e carga no valor de 200 milhões de rublos, ou 120 mil contos da nossa moeda ao cambio actual!

Além d'isso o Volga tem, para ligar as principaes cidades que no seu percurso se

(1) Trabalhadores das barcas do Volga.

(1) Barcas.

(2) Este estribilho animador é cantado em côro quando puxam os barcos para terra.

encontram, perto de seiscentos vapores *(legkie passajirskie parakhody)*, pertencentes a differentes companhias. Assim de Tver partem, rio abaixo até Astrakhan, os barcos da Companhia postal Samoliot, a bordo dos quaes ha, além de outras commodidades, o competente restaurante, onde por um rublo se póde jantar rasoavelmente, segundo me informáram.

Terminada a visita ao Volga, e depois de lançar rapido golpe de vista á paysagem circumvizinha, banhada já então por um sol claro, que me tranquillisava a respeito da minha proxima excursão a Koltsovo por mares nunca dantes navegados... quer dizer, por caminho para mim ainda até esta hora desconhecido e sobre o qual tinha sem demora que orientar-me, voltei para Tver, afim de dar começo á delicada operação do aluguer de um *izvochtchik*, que me conduzisse á propriedade do maestro Slaviansky.

Antes, comtudo, quiz saber ao certo o que era Koltsovo, e se na cidade alguem conhecia de nome o cavalheiro a cuja casa eu me dirigia. Como era natural foi ao *tsyriulnik*, que pela manhã me barbeára, a quem dirigi a primeira pergunta sobre o caso. Qual não foi o meu espanto, porém, e a minha alegria ao saber, não só que o bem informado Figaro o conhecia de perto, mas que o meu futuro hospedeiro era popularissimo na cidade, estimado e respeitado por todos, como pessoa da mais alta consideração!

Com informação tão favoravel, mudavam as cousas de figura.

E, com effeito, apenas eu declarei ao primeiro *izvochtchik* que vi na rua, onde e a casa de quem ia, o homem com uma grande mesura poz-se logo á minha disposição, não se atrevendo sequer a regatear o preço do transporte, e accummulando ainda por cima com as suas funcções de cocheiro, o cargo de guia gratuito para a região, que iamos atravessar.

Paidiòm, po skarèi! (Vamos depressa) gritei eu ao meu Laomedonte, e para o animar fiz-lhe luzir a esperança de algumas kopeikas de gorgeta.

Da bárin, seitchás (sim, patrão, é já) foi a resposta d'elle.

E lá parti á mercê de Deus, por entre os campos, em direcção a uma floresta que se divisava á direita do caminho, por detraz da qual, segundo Jvan Ossipovitch (1) me informou, ficava a aldeia de Koltsovo...

(1) O nome do cocheiro.

UM MOSTEIRO NO CENTRO DA RUSSIA

Camilla Cornaro

No cimo do Monte Marian, esse dedo titanico que de Spalato se atira para o norte pelo mar dentro, estiraçava-se na terra o moço Petar Jurgjevic, creatura sem importancia, e seus olhos alongavam-se attentos para o nascente, atravez da bahia que se denomina o Canale Castelli. Para esse lado, á similhança de sete marcos regularmente dispostos entre Spalato e a remota Trau, erguiam-se os sete castellos venezianos — e ainda lá se vêem hoje as suas ruinas, cada uma d'ellas com a sua aldeiola empilhada ao derredor — Sucurac, Abbadessa, Cambio, Vitturi, Castelvecchio, Castelnuovo, Stafileo.

Por detraz d'elle, se para ahi dirigisse a vista, poderia observar o sol declinando para um esplendido occaso, e seus derradeiros raios cahindo rubros e aureos sobre as muralhas do vetusto palacio de Diocleciano, sobre o zimborio da cathedral dentro das muralhas do palacio, e sobre o grande *Campanile* que dominava tudo, ainda por acabar, mascarado de andaimes. Mas os olhos do rapaz estavam fitos e immoveis. Olhavam para o nascente, onde, abaixo da empinada serrania de Koziak, Abbadessa se elevava carrancuda e sombria, com os pés babujados pela maré. Em torno d'elle piavam gaivotas; de muito longe vinha o sonido de uma trompa; um pescador, movendo o remo vagaroso, cantava a seu sabor, e a voz erguia-se no ar sereno, delgada e suave; mas o rapaz não via nem ouvia. Olhava para leste, e os labios agitavam-se-lhe inaudivelmente, formando um nome feminino — nome tamanho, que mal se comprehendia como o articulasse o filho de um lenhador de Monte Marian.

Eis o que elle dizia:

— Madonna Cornaro!

E repetia uma e muitas vezes, muito devagar, muito gravemente, como se as palavras fossem um sortilegio — ou porventura uma oração.

De certo modo eram ambas as cousas.

Uns quinze dias antes, adregara trepar pelo alcantilado carreiro que sobe ao Monte Marian uma pequena cavalgada de gente nobre, venezianos dos Castelli, em procura do assaz afamado panorama. Dominava a todos Messer Gianfrancesco Cornaro, gentilhomem de illustre familia, exilado de Veneza por motivos politicos; todavia, quem sobredominava ainda era Madonna Camilla, filha d'elle. Chegados ao cimo, toparam um lenhador, rapazote magro e desempenado, de olhos pardos, braços e garganta nus — um juvenil Hercules, como aprouve a Messer Gianfrancesco alcunhal-o, e com effeito esses slavos do sul são muita vez singularmente hellenicos. Os nobres do rancho fallaram-lhe com affabilidade, e elle respondeu sem servilismo. Madonna Camilla chamou-o para a sua ilharga, e sobre o rapaz cahiu o encantamento, envolveu-o em seu manto mystico para nunca mais o largar, nunca mais, até ao fim da vida.

Decorridos dois dias, ao passar pelo mesmo sitio, deparou-se ao moço, na gleba calcada, uma joia verde, uma grande esmeralda pallida com um fio de ouro partido.

Recordou-se de que era Madonna Camilla quem a trazia, presa ao extremo de um cordão de perolas. Não se demorou mais que o tempo preciso para envergar a sua camisa lavada e enrolar uma faixa vermelha á cinta; partiu logo para Abbadessa levando o seu achado.

Nos degraus do castello, quiz o capitão das guardas repellil-o com desprezo, porém o rapaz insistiu, e foi por fim introduzido e levado por uma comprida escada de caracol até á camara da torre, onde Madonna Camilla Cornaro, muito franzina, envolta n'um diaphano sendal de ouro, viva maravilha, de olhos doces e maviosos, estava sentada n'um cadeirão esculpido, no meio das suas aias.

Ella acolheu o filho do lenhador como se elle fôra um nobre visitante de Veneza — tratou-o por Messer Pietro (e o coração do rapaz intumeceu com a honrosa particula), agradeceu-lhe effusivamente a restituição da joia perdida, e reteve-o a seu lado emquanto uma das aias lia n'um livro illuminado — *I Reali di Francia* — e emquanto do vão de uma janella certos mancebos de rosto effeminado, tangendo alaudes, entoavam disticos e *strambotti*.

Ao cabo de uma hora, o camponez apartou-se d'ella, deixando-a de pé, esbelta e formosissima, junto de uma janella que deitava para o occaso, banhada no our suavissimo do sol declinante. Ella pediu-lhe que voltasse, mas o filho do lenhador curvou a cabeça, e percebia-se n'elle, comquanto desaffeito áquelle meio eminente, uma grave e simples dignidade que lhe assentava a primor.

— Eu sou aqui um barbaro no meio de gente nobre, illustre Madonna — disse elle — mas, se por acaso alguma vez precisardes de mim, virei logo.

Em seguida, beijou a mão que ella lhe estendia, e dirigiu-se para o seu barco de pesca, que balouçava atracado á escada marinha. Mas emquanto vogava pelo amplo canal, pairava-lhe deante dos olhos deslumbrados uma visão aureolada, uma viva e luminosa gloria, de olhos maviosos e dulcissimos.

E por esta feita se entranhou n'elle o quebranto, e se desviou seu espirito das cousas d'este mundo.

Tudo isto se passára havia uma quinzena, mas desde essa hora esplendida, dia após dia, desde o romper do sol até ao poente, até que o lusco-fusco resvalava sobre o mar e sobre os montes e se cerrava em treva, o filho do lenhador mantinha-se no cimo elevado do Monte Marian, os olhos immoveis fitos em Abbadessa, o espirito campo em que batalhavam memorias de perigosa doçura, e esperanças indefinidas e informes, e preces de desespero, até que de pura exhaustação se aquietavam — para de manhã despertarem, novamente aguerridas.

— Prestar-lhe sequer o mais insignificante dos serviços! — bradava mudamente a sua alma angustiada — ser o degrau por onde seus pés delicados subissem a maiores venturas — o manto que a abrigasse n'um momento de perigo!

E não havia n'elle comtudo um proposito egoista. Era todo elle humildade. O que elle ambicionava era servil-a.

Assim estava n'esse dia ao sol posto, e dentro d'elle guerreavam memorias e supplicas. Mas quando a noite chegou — uma noite de *scirocco*, com um bloco de nuvens corredouras que presagiavam chuva — pozse afinal de pé, suspirando, e encaminhouse para a misera choupona que lhe servia de lar.

Succedeu que, justamente n'esse momento, lá muito ao mar, a coberto da noite espessa, uma armada de trinta navios turcos — commandados por um almirante genovez renegado — barcos compridos e estreitos, muito velozes, de duas velas, dobrava a ponta septentrional da ilha de Solta e corria de vento em popa para o porto de Spallato. Era uma completa surpreza.

Mais de um anno passára sem haver rebates de turcos pela costa de Dalmacia — desde a grande batalha nas Bocche di Cattaro.

O moço Petar acordou por volta da meia noite e agitou-se na cama. Parecia não haver motivo para que elle despertasse, mas certo é que o somno o desamparou e que lhe foi crescendo a inquietação, e um pouco de colera tambem, visto que em geral dormia como uma pedra até ao romper do sol. Por fim, enfadado, ergueu-se e foi á porta aberta da choupana. Essa porta dava para o sul, e para essa banda via-se o firmamento singularmente abrazado de amarello. O rapaz examinou por momentos essa ra-

diação palpitante, a scismar qual seria o motivo. Reentrou logo em casa, vestiu-se e calçou-se á pressa, entalou na cinta a comprida faca de matto, e sahiu. O bloco de nuvens tapara por ultimo o firmamento, e de quando em quando tombava d'ellas um aguaceiro miudo. A' proporção que o rapaz andava, batia-lhe no rosto o *scirocco* humido e tepido. Encaminhou-se rapidamente para o costumado miradouro — a cumieira desafogada do monte — mas apenas o attingiu, soltou de repente um grande grito, fraquejaram-lhe os joelhos ao peso do corpo. A velha Spalato ardia em chammas. Desde a beira-mar corria sobre ella um mar de fogo. As altas muralhas do palacio, com os muitos edificios sumptuosos agrupados em seu recinto, estavam por emquanto negras, intactas na apparencia, mas os andaimes do *campanile* estavam esbrazeados e chammejantes — um facho hediondo, desatinado, gigantesco, cujas labaredas se alçavam da cidade para os ceus tenebrosos.

O rapaz volveu os olhos para a banda do mar. Os navios do porto estavam tambem incendiados, todos elles, afóra uma enfiada de embarcações oblongas, negras, sinistras, forasteiras, para as quaes elle olhava estupidamente, pestanejando, sem perceber como ellas haviam entrado depois do sol posto. Nem por um momento lhe ocorreu a explicação d'aquella enorme catastrophe.

A ventania soprava da cidade a arder, e razia, até ainda áquella enorme altura, longinquos alaridos de panico e ribombos de canhão. Elle não comprehendia por que razão os canhões faziam fogo. Eram ainda n'aquelle tempo umas bugigangas dispendiosas, de uso pouco vulgar n'aquella costa.

SOLTOU DE REPENTE UM GRITO, FRAQUEJARAM-LHE OS JOELHOS AO PESO DO CORPO

Sem pensamento definido, achou-se a descer de corrida pela vereda entenebrecida de pinheiros. Conhecia o caminho a palmos e corria sem percalço. Até sabia de atalhos

pela encosta do monte, de laço a laço da sinuosa vereda, e d'elles se aproveitou, immergindo sem receio na treva. Não havia porém corrido mais de cinco minutos, quando ouviu clamores em frente de si, e um rumor de excitados colloquios, e pragas de homens que estimulavam as bestas de carga pelo carreiro acima — camponios, ao que parecia, que viviam ás abas da cidade no sopé do monte.

O moço Petar poz ouvidos á escuta, e subitamente teve no meio da escuridão um arquejo de agonia.

Eram os turcos que vinham!

Era o antigo terror d'aquelle littoral. Com essa ameaça assustavam as mães aos filhos para os ter em socego. Durante a vida de Petar, tinham os turcos apparecido duas vezes, mas de ambas ellas tinham sido finalmente rechaçados. D'esta feita, segundo todas as apparecias, haviam conquistado a cidade. Restava o seguimento: uma orgia de horrores de que a palavra humana não podia sequer expressar um vislumbre.

O espirito do rapaz volveu para Abbadessa e para aquella que ahi residia, rapido e espontaneo como o de uma mãe para a sua creança. Parou um instante em plena treva, e uma ideia lhe acudiu immediata.

— Prestar-lhe sequer o mais insignificante serviço!... Ser o manto que a acoite n'um momento de perigo!...

Desatou de novo a correr, mas sem descer o monte na direcção de Spalato. Contornou-o para o lado do nascente, por um caminho de pé posto, estreito e tortuoso, que levava á borda do Canale Castelli. Tinha ahi o barco de pesca. Era uma vereda ingreme, muito apertada, e perigosa até á luz do dia; elle porém estava habituado a caminhos assim. Corria com tanta affoiteza e desafogo como um cabrito montez, até que alcançou a pequenina enseada onde estava o barco, sem sentir fadiga nem afogueamento.

Cortou a amarração, e empurrou o barco pela praia ladeirenta, mettendo-se pela agua e saltando em seguida para dentro. Içou a vela e assestou a alta prôa pintalgada para os minusculos pontos de luz que em plena escuridão marcavam, sabia elle, a fortaleza do velho Gianfrancesco. Estava agora por detraz da cidade e d'ella se ia afastando sem hesitar, visto Spalato ficar situada na orla marinha de uma estreita lingua de terra que termina no Monte Marian, e o Canale Castelli ficar do lado opposto, entre essa lingua e a terra firme. Da abrazada ruina não podia elle ver mais do que a reverberação no ceu e uma fita tremulante de fogo — o topo do *campanile* — mas nunca ella se lhe despegava dos olhos como a avistara do Monte Marian — desvairada furia, devastação tremenda, que a immensa distancia se tornavam visiveis.

O que tencionava fazer em chegando a Abbadessa, eis o que não determinara com precisão. Madonna Camilla achava-se alli em perigo, e isso para elle bastava. Era possivel que algum serviço humilde lhe fosse dado prestar. Não tinha sombra de duvida de que os turcos lá iriam, e sem delonga. Os sete castellos eram opulenta preza, e estavam mal apercebidos para a defeza. A prolongada immunidade tornara-os incautos. A questão mais importante, pensava elle, era o intervallo que elles se demorariam ainda — se acaso dariam tempo aos moradores de Abbadessa para se evadirem, ou fazendo-se ao mar, ou seguindo pela costa fora até Sebenico. Era esse o ponto principal. Mas justamente quando esse pensamento lhe surgia ao espirito, e começava a engendrar meios e artificios, pela terceira vez n'aquella noite lhe parou o coração no peito, e rompeu-lhe do intimo um grito abafado e rouquenho.

Estava já a menos de meia milha de Abbadessa, e perscrutava com os olhos agudos a escuridade lobrega, quando n'um rapidissimo instante a radiação palpitante do cariz resplendeu n'um lampejo subito — porventura uma explosão na cidade, ou talvez o desabamento dos andaimes flammejantes que cercavam a elevada torre — e a esse relampago viu elle, enfileirados defronte da escada marinha do castello, oito — pareceram-lhe oito — d'aquelles esguios baixeis piratas de dois mastros, vindos do sul.

Estavam os turcos na sua frente! Deviam ter dividido as forças, logo que a cidade fôra tomada, e parte d'elles tinha-se logo dirigido áquelle ponto.

Os dedos do rapaz deixaram escorregar a escota, que dera meia volta na espadela, e o barquito tomou á pôpa o vento que lhe estivera pela alheta. Alguma potencia, extranha a elle proprio, devera de tel-o en-

caminhado, pois que o moço tudo executara inconscientemente. Machinalmente amarrou o punho da bambeada vela, deixando ir a espadela a reboque. Machinalmente tambem apertou bem no cinto a pesada faca de matto, e sem hesitar atirou comsigo pela borda fóra. O esquife oscillou, poz-se de novo a caminho e foi velejando sem elle pela costa abaixo no rumo de Castelnuovo. O moço Petar, mancha imperceptivel na vastidão lobrega, nadou para Abbadessa.

Chegou ás escadas e á enfiada de barcos longos e negros, que se amarravam a arganeos fincados na cantaria, e escoou-se sob a pôpa de um d'elles. Ahi achou pé, e ficou com agua pela cintura, occulto na impenetravel caligem. Ouvia a maruja e a soldadesca de guarda aos navios interpellarem-se em volta d'elle; por cima da cabeça via o castello illuminado, e de dentro das paredes resoavam gritos e lamentos e tinir de armas; elle porém soltou da cinta a faca de matto, e ficou á espreita de ensejo propicio.

D'alli a pouco, sahiu açodado um turco do pequeno pateo que communicava com a escada do mar. Tinha um dos braços a escorrer em sangue, e apertava-o com a outra mão, praguejando e gemendo em voz baixa. Desceu pela escada até á borda de agua, e mergulhou o braço ferido. Logo ao lado d'elle, surgiu como da profundeza um vulto, cujas mãos de ferro o estrangularam. O turco immergiu na treva, sem resistencia nem gritos.

A breve trecho, o mesmo homem, ao que parecia, revestido de uma capa grande e vermelha e de pelote bordado, armado com a cimitarra curva usada pelos turcos, correu para o castello como ancioso de reatar a interrompida peleja. Dois ou trez mareantes, que lhe seguiam os movimentos, soltaram exclamações de alento e de admiração.

Dentro do grande vestibulo, Petar parou para se orientar. Travava-se ahi uma lucta desesperada, e mais renhida ainda na larga escadaria que conduzia ao pavimento superior. Elle recordou-se porém para onde o haviam levado havia quinze dias, e correu na mesma direcção. Sem diffculdade achou a sala que dava serventia á escada particular. Tambem ahi se combatia, mas era no outro extremo da sala, onde uma duzia de turcos acantoavam ferozmente trez serviçaes do castello. O rapaz relanceou os olhos para elles e encaminhou-se para a escada. Estava meio cerrada a pesada porta de ferro que a separava da sala.

Entrou. Fechou a porta sobre si — tarefa que demandava vigor pouco vulgar — e collocou no seu logar a enorme tranca. Depois começou a trepar pelo caracol, com o coração opprimido, receioso de ter chegado tarde. Chegou acima offegante e precipitou-se na camara superior. Illuminavam-n'a lampadas coloridas de suspensão e velas em placas presas á parede. Por uma fresta que olhava para o sudoeste, podia elle avistar a chamma dourada e palpitante que pairava sobre a devastada Spalato.

A meio do aposento, sob um grande lampadario de bronze e vidro carmezim, estava de pé Camilla Cornaro, franzina e branca, com as mãos no seio, os olhos arregalados de terror. Estava só. Mas ao ver no limiar aquelle vulto meio agachado, de capa e pelote broslado, empunhando um sabre, soltou um grito debil e baqueou no chão. Petar largou a cimitarra e dirigiu-se á porta de ferro que fechava o topo da escada. Tentou cerral-a, mas ella resistiu a todos os esforços, por ser massiça e ter os gonzos enferrujados de prolongada inacção. Novas experiencias apenas serviriam para o fatigar, e elle necessitava de toda a sua força. Deu uma rapida vista de olhos ao aposento, e correu para uma pesada cadeira. Brandiu-a acima da cabeça, e atirou com ella para as lages do pavimento. A' segunda tentativa fel-a em pedaços, entre os quaes escolheu um sarrafo grosso e forte, e voltou para a porta. Serviu-se do sarrafo como alavanca entre a porta e a parede, até conseguir cerral-a e aferrolhal-a. Depois encaminhou-se para Madonna Camilla.

O estrondo da cadeira a despedaçar-se tinha-a feito voltar a si. Ficara de joelhos no sitio onde cahira, com as mãos sempre aconchegadas ao seio.

O filho do lenhador lançára ao chão a capa e o pelote, e ajoelhara em frente d'ella, batendo-lhe de chapa no rosto a luz colorida da lampada.

— Sou eu, Madonna! — disse elle.

Ella soltou outro grito estridente:

— Pietro! Pietro!

Agarrou-lhe nos braços com as duas

mãos. Elle ergueu-se, e ella tambem, amparada a elle, soluçando debilmente.

— Oh! Pietro! salvaes-me? — pranteou ella — Salvaes-me d'elles, Pietro?

— NÃO VOS CAPTIVARÃO, MADONNA.

— A isso vim, Madonna — respondeu elle — se acaso é possivel.

— Não deixeis que elles me captivem, Pietro! — exclamou ella.

Elle redarguiu, energico:

— Não, Madonna, não vos captivarão.

Desviou-a de si com brandura, e ella quedou-se desarrimada, a tremer.

— E vosso pae? — interrogou elle com interesse — Messer Gianfrancesco onde está?

Madonna Camilla tapou o rosto, e o rapaz teve de curvar-se para a frente para ouvir as palavras que n'um cicio se coaram por entre os dedos comprimidos.

— Morto... Morto... Morto!... Ainda tentámos fugir... desapparecer... antes de elles chegarem. Tencionavamos ir por Trau... e Sebenico até Zara. Mas elles surgiram de repente... ainda nós não estavamos fóra do pateo de entrada. Houve uma peleja medonha... vi-o eu morrer... de envolta com muitos outros. Consegui escapar e vim para aqui... Ah! Pietro, podereis salvar-me?

E o rapaz repetiu:

— Não vos captivarão, Madonna.

Circumvagou o olhar. As duas portas de ferro, que vedavam a escada, podiam servir algum tempo. Para lhes dar entrada, tinham que as demolir os invasores.

Para a banda do mar, estava a torre livre de ataque — mas tambem não dava sahida possivel. Do lado da terra, havia duas janellas. Correu a uma d'ellas, e olhou para fora. Dava sobre o telhado do corpo principal do castello, alguns pés acima d'elle, mas para além d'esse corpo havia mais duas torres, similhantes áquella em que elle estava, e atravez das janellas d'essas podia elle ver homens em renhido combate. Estava pois interceptada essa escapula, e, a não ser a escada, não

havia outra. No proprio momento em que elle examinava as janellas fronteiras, via cabeças que espreitavam e dedos a apontar. Petar cerrou o batente de ferro e correu a tranqueta. Depois saltou á outra janella do nascente, e fechou-a tambem. O tempo apertava.

Quando se voltou, cravava Madonna Camilla n'elle os olhos anciosos e ardentes. Dirigiu-se a ella açodadamente.

— Não tarda que elles arrombem estas janellas — disse elle — Tratemos de fugir pela escada. Pode ser que não esteja nenhum d'elles na sala de baixo.

A donzella começou de novo a tremer, mas, quando elle atravessava a camara em direitura da porta de ferro, seguiu-o sem dar palavra. Sómente, quando elle levou as mãos á enorme tranca para a deslocar, ella tocou-lhe no braço. Elle deteve-se e voltou-se para ella.

— Tenho... medo, Pietro! — murmurou Camilla — Se elles estiverem lá em baixo... á espera? Eu... não deveis consentir que elles me captivem.

E o rapaz repetiu mais uma vez:

— Não vos captivarão, Madonna.

Correu para uma meza que havia no aposento, e pegou n'uma pequena adaga veneziana, cravejada de pedrarias. E disse:

— Se por acaso me matarem, sabeis o que tendes a fazer. Que elles por forma alguma vos apanhem com vida! Não largueis de mão esta adaga.

Ella fez um aceno mudo, com os olhos fitos nos olhos d'elle, como alheada de si.

Elle tornou a agarrar na barra de ferro, mas n'esse instante sentiu-se em baixo um estrondo tremendo, como de alguma cousa que desabasse — e depois do estrondo um alarido estridente de triumpho.

Era a porta de baixo que cedia.

Madonna Camilla soltou um grito gemebundo, e pela vez primeira o filho do lenhador empallideceu — mas não pelo seu proprio perigo.

...Os dois acharam-se no meio do aposento, aconchegados, olhos cravados nos olhos um do outro. Até que o rapaz fallou.

— Não ha fuga possivel, Madonna. Não posso salvar-vos... viva.

E teve um gesto de cabeça.

— Sim... bem sei — murmurou ella; e acrescentou d'ahi a momentos — Que... que devo eu... fazer, Pietro? Ou antes... quando?... Já?

— O tempo aperta — replicou elle — E é mister que elles não vos colham com vida.

Ella respondeu, com um debil soluço de pavor:

— Não... não... não!

Ergueu nas duas mãos a opulenta adaga, mas logo a deixou cahir no chão.

— Isto é melhor — disse ella em voz tenue, levando a mão ao seio.

Saccou uma ambulasinha de vidro, de feitio grotesco, tendo como rolha uma amethysta.

Sentiram-se nos degraus de pedra passos arrastados e cautelosos, e bramidos de raiva pelo imprevisto estorvo. Em seguida, houve um sussurro de palavras, e os passos afastaram-se. Tinham ido em busca de qualquer objecto com que podessem arrombar a porta.

— O tempo aperta, Madonna — disse o filho do lenhador — Apressae-vos!

— Sim... depressa... — segredou ella.

Deitou os braços aos hombros do rapaz que lhe estava na frente, e elle sentiu tremer, estreitado ao seu peito, aquelle corpo franzino e formosissimo. Ella proseguiu:

— Oh! Pietro! foste tu só no mundo que vieste valer-me... n'este supremo transe. Estavas a salvo, e por amor de mim te arriscaste a tanto. Tu só, mais ninguem! Ah! muito... muito me devias amar, penso eu!

— Mais do que a vida, Madonna — replicou elle — Mais do que a vida eterna.

Ella disse lastimosamente:

— Estou tão contente por não morrer... sósinha! Tão contente por morrer junto com um homem intrepido!

E acrescentou:

— Beija-me, Pietro mio, antes de eu partir. Custa... custa tanto... a morrer!

Elle baixou a cabeça e beijou-a, mas o beijo deixou-o insensivel: já n'elle se haviam embotado os estimulos da carne. Depois atravessou o aposento, para a janella mais distante. Nos batentes que davam para leste sentiam-se já punhadas e choques de armas.

Afigurou-se-lhe que estava alli ha uma hora, contemplando o firmamento annuviado, e o mar revolto, e as cinzas faiscantes do que fôra Spalato. Até que ouviu um leve retinido. Devia ser a ambula de vidro a

partir-se na lage do pavimento. Esperou mais um instante, pallido e taciturno, depois voltou para dentro.

Madonna Camilla, um pouco curvada, tapava o rosto com as mãos. Na lage, em frente d'ella, viam-se os fragmentos do frasco, n'uma pequena pôça de liquido.

— Madonna! Madonna! – exclamou em voz terrivel o filho do lenhador — Madonna, não bebestes o veneno!

O moço Petar precipitou-se para a adaga veneziana; ella porém, ao ver que elle a empunhava, esquivou-se aos tropeções, com lamentos estridulos. Encostou-se á parede mais afastada, e encarou o rapaz em cujo punho brilhava a adaga. Estava branca, os olhos pareciam ter-se de subito obscurecido e encovado. Baqueou de encontro á tapeçaria de parede, como se lhe houvessem fallecido as forças.

Pietro acercou-se mais; ella tentou gritar, mas apenas lhe sahiram dos labios uns sons debeis e arquejantes. Recorreu á supplica, ao amavio.

— Concede-me... algum tempo mais! — implorou — Pouco mais, pouco mais, emquanto não perco o horror á morte, Pietro. Sou tão nova, tão nova para morrer! Uns momentos apenas!

— Madonna! Madonna! — exclamou o rapaz no auge da angustia.

Da janella do nascente veiu o estrondo de armas mais pesadas — machados, provavelmente — que percutiam os batentes de ferro. Madonna Camilla correu para os braços de Petar, fóra de si, á força de terror.

— Ah! salva-me d'elles, Pietro! — bradou ella — Salva-me d'elles!

E o lenhador redarguiu com brandura:

— Sim, salvar-vos-hei!

Tinha no rosto erguido uma pallidez funerea. Enroscou com o braço esquerdo o collo deslumbrante da virgem, prendeu-lhe a cabeça de encontro ao peito, e levantou a dextra, armada da adaga, e deu um golpe apenas, firme e profundo...

Quando finalmente ella lhe pesou com mais força no braço que a enleiava, elle pousou-a muito suavemente no chão, e ajoelhou á beira d'ella...

A porta de ferro começou de novo a abalar-se com as pancadas violentas e repetidas. Realmente, o tempo apertava. O slavo, como sonambulo, olhou em torno de si. Faltava-lhe ainda alguma cousa a cumprir. Ella estava livre d'elles, livre para sempre, mas cumpria que elles não apascentassem os olhos sobre aquelle lindo corpo, embora d'elle se houvesse apartado o espirito. Petar ajuntou os cortinados e estofos a que poude lançar mão, e fez uma especie de leito a meio da camara; ergueu nos braços o cadaver de Camilla, e depol-o n'esse leito, cobrindo-lhe o rosto. Curvou a cabeça sobre os pés delicados, e beijou-os. Depois, rapidamente, arrancou da parede uma das placas illuminadas e lançou fogo aos pannos sobre os quaes jazia o cadaver.

Quando a fogueira se ateiou, ajoelhou aos pés d'ella com a adaga veneziana em punho. E segredou:

— Fiz quanto podia, Madonna.

Depois murmurou uma breve prece, e ao cabo, cravou em si a lamina, com tanta segurança e energia como da outra vez.

A porta de ferro desabou com estridor formidavel, e quasi ao mesmo tempo cedeu um dos batentes da janella. Precipitou-se no aposento uma horda, com uivos de triumpho, mas o filho do lenhador nada via nem ouvia. Parecia-lhe que Madonna Camilla Cornaro, linda, cheia de vida, transbordante de ternura, surgia de entre as chammas altaneiras, que nem queimavam nem crestavam sequer, e vinha de joelhos para elle, e lhe enleiava a cabeça n'um meigo abraço, e a pousava sobre o proprio seio.

E figurava-se-lhe estar muito fatigado, mas que ella o beijava, com um sorriso divino, e lhe assegurava que tudo ia bem. E ouvia a voz d'ella a dizer-lhe:

— Eu estava ao desamparo e á mercê do infortunio, mas tu vieste a mim atravez de perigos nunca vistos, e salvaste-me... até de mim propria. Alma leal e forte! — parecia repetir-lhe a voz d'ella — salvaste-me até de mim propria!

E assim se lhe afigurava a elle que, após prolongadas angustias e amarguras, elle alcançara finalmente o anhelo do seu coração, mas sentia-se muito cançado, e Madonna Camilla segredava-lhe ao ouvido:

— Repousa! Sim, repousa agora!

E elle deixava-se adormecer docemente, com a mesquinha cabeça enleiada nos braços d'ella...

Justus Miles Forman.

Versão do inglez.

Parte II — O PAIZ

GOLLEGAN

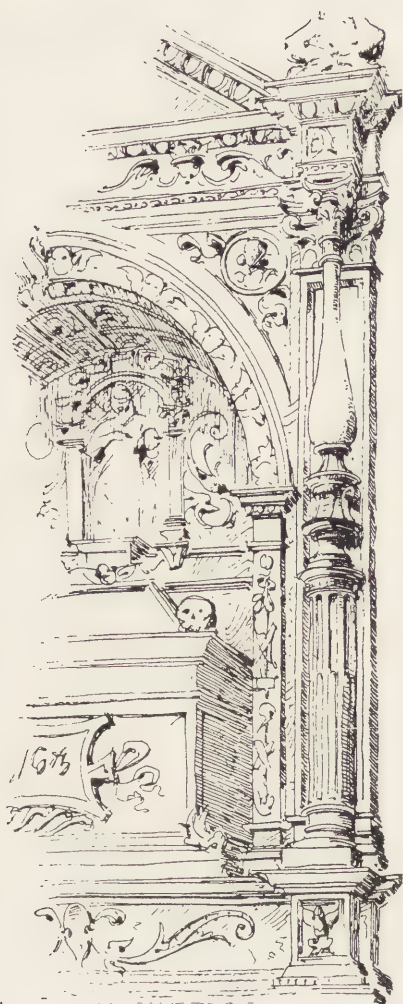
A pouca distancia de Thomar, para a banda do sul, depara-se-nos em a pequenina Golegan ainda uma egreja da era manuelina, cabalmente do precitado typo da de S. João Baptista; um pouco mais recente, talvez. A nave é repartida por cinco arcos aguentados por pilares, com um tecto obliquo; quadrangular, d'esta vez, o côro é ricamente abobadado. O sumptuoso portico constitue o principal adorno do todo; rigoroso lavor, um tanto selvatico, com reminiscencias, já da Batalha, já do estylo dos Fernandes.

Tanto aqui como no interior, quer no opulento arco do côro, quer nas abobadas, predominam os cordões á feição de calabre e as molduras torses; a indole das formulas é conspicuamente gothica-tercearia. A singéla torre occupa o lado meridional da fachada. Pela respectiva mão de obra, esta egreja é uma das mais energicas do seu genero.

O motivo porque apresenta ainda o brazão de armas de D. João II, na frontaria, por cima das espheras de D. Manuel, não é facil deslindar. A construcção seria talvez principiada no tempo de D. João II.

COIMBRA

Na provincia septentrional da Beira Alta, estabelece o ponto médio, collocada entre Lisboa e Porto, em situação admiravel, dominando o rio, a cidade de Coimbra, a antiga cidade romana e mourisca, a Universidade do paiz.

Os reis, desde éra remota, tem-n'a tido em muito apreço, fomentando-lhe o progresso; os dois primeiros escolheram, desde o principio, o mosteiro de Santa Cruz, fundado por D. Affonso Henriques, para logar de jazigo. Foi erguida uma alcaçova na culminancia

TUMULO DE D. DIOGO PINHEIRO EM SANTA MARIA DO OLIVAL (1)

da cidade, e ali, em 1308, instituida a Universidade por D. Diniz, a qual, transferida para Lisboa em 1338, para ali voltou outra vez em 1354. Em seguida á sua nova trasladação para a capital em 1377, tornou a mudar-se, em 1537, para a antiga séde, onde ficou permanecendo até hoje, tornando-se, consequentemente, o foco intellectual de todo o paiz. N'ella se agruparam, desde então, os acontecimentos de caracter artistico.

PULPITO DE SANTA MARIA DO OLIVAL (2)

Uma serie de notaveis principes da egreja occuparam a séde episcopal, entre estes, D. Jorge de Almeida (1481-1543), pelo espaço de sessenta e dois annos, atravessando os reinados de D. João II, D. Manuel e D. João III, e foram os mais acerrimos propulsores das Artes, deixando obras importantes, testemunho de quanto lhe eram dedicados.

Mais tarde, em 1600, foi o cardeal D. Affonso de Castello Branco não menos notavel instigador da Arte e muito em especial das tendencias architectonicas que ainda hoje ali predominam.

Os Jesuitas que, desde 1555, haviam por assim dizer tomado posse da Universidade, brindaram a cidade com os soberbos monumentos da segunda Renascença, representados por uma serie de collegios com espaçosas egrejas; Terzi, ou seus continuadores, foram os que deram a estes edificios o seu cunho artistico.

---

(1) e (2) Estas gravuras referem-se ao texto de Thomar, publicado no numero anterior.

PORTICO DA EGREJA DA GOLLEGAN

E todavia, os dias de maior esplendor que a velha cidade conheceu, foram os de el-rei D. Manuel. Este reedificou os antigos Paços Reaes quasi que desde os alicerces, trasladou os antigos jazigos dos primeiros monar-

chas, em Santa Cruz, e juntamente o respectivo mosteiro, para um dos mais sumptuosos moimentos em todo o paiz, e, antes de mais nada, transferiu para ali, afim de se occuparem na opulenta decoração dos seus emprehendimentos architectonicos, aquella colonia de esculptores francezes que imprimiram aos seus trabalhos decorativos o maximo acabamento, a maxima gracilidade e finura, a par da mais singular belleza na composição, de que se encontram exemplos no paiz.

Sem duvida, teriam esses homens, a seu turno, recebido influencia de quantos os cercavam, e designadamente d'essa mimosa escola de pintores, cujo mais peregrino representante, Velasco de Coimbra, ali se estabeleceu, assim como de Hespanha, exemplos que não tardariam em preponderar na sua maneira, estampando-lhe o cunho da nova patria, e isto tanto mais visto como seguramente se haverão auxiliado de collegas portuguezes, vindo d'este modo a fundar a escola de esculptura coimbran. Assim, pois, licito nos é o consideral-os, a elles e ás suas obras, como pertencendo á Renascença portugueza, tanto mais que o numero dos que apresentam em toda a sua pureza o estylo francez, é ainda o que menos avulta.

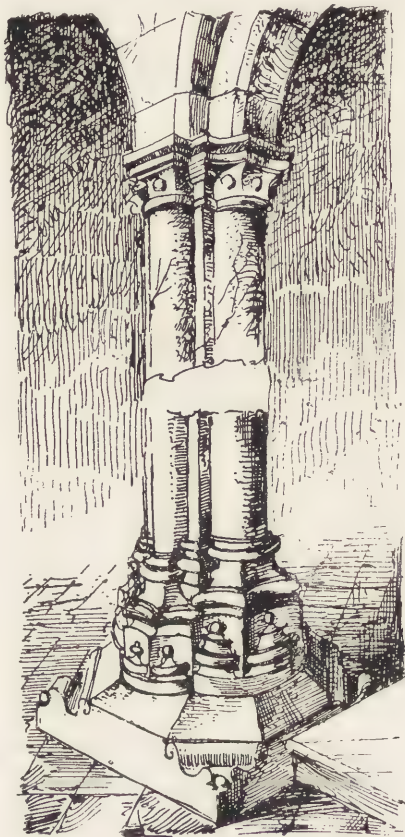
PILAR DA EGREJA DA GOLLEGAN

Os trabalhos d'esses homens, em Lisboa, Belem, Cintra e Thomar, marcam uma data anterior; o centro da sua actividade ficaria sendo Coimbra.

Uma noticia do padre Nicolau de Santa Maria (1560) affirma que mestre João de Ruão, Jacome Longuino, Nicolau e Filippe Duarte, de Coimbra, foram chamados para os trabalhos de Santa Cruz.

Recentemente, graças ao precioso trabalho de Sousa Viterbo (1), o qual compulsou os registos das instrucções de Santa Cruz, dando a publico o mais importante para esclarecer esta questão, estas investigações vieram derramar mais luz sobre os factos emburilhados pela intervenção de toda a casta possivel de amadores.

Nas seguintes linhas, tentâmos recopilar a quanto se baseia em factos.

Cerca de 1517, surge pela vez primeira mestre Nicolau, «o francez», em Belem, na obra da egreja do mosteiro. Este mestre, pelas formas decorativas ali manifestadas, pertence ao grupo dos artistas do cardeal Jorge de Amboise, sénior. Comparem-se as formas dos pilares da nave com os restos do Paço acastellado de

(1) *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.* Coimbra, imprensa da Universidade — 1800.

Gailon, existente na Escola de Bellas Artes de Paris (1). A propria cornija é quasi identica á de Belem. Devemos, pois, ver em mestre Nicolau o primeiro importador das formulas da Renascença em Belem, ao passo que Castilho se ia identificando com ellas, tempos havia.

Este mesmo mestre, mais tarde, trabalhou, como «pedreiro», no portico de Santa Cruz, em Coimbra, desde 1526. E' possivel o elle ter sido o mestre Nicolau Chatranez, que, em 1532, fez, em Coimbra, o altar ali existente, quando não hajamos de ver n'este artista um segundo francez.

Tal qual os outros artistas de Gailon, que trabalharam para Jorge de Amboise, seria sem duvida oriundo da Normandia, talvez que de Ruão. Pela mesma época, encontramos ainda outro artista d'aquella localidade, Jeronymo de Ruão, que, para D. Maria, filha de el-rei D. Manuel, construiu a egreja da Luz, proximo de Lisboa.

Apparece ainda em terceiro logar, em Coimbra, um tal João de Ruão; em todo o caso, é-lhe attribuido o altar do claustro da Manga, em Santa Cruz, obra datada para ahi de 1530. Funccionava mais tarde ainda, em 1549, 1553, até 1570. A historia das Artes portuguezas menciona aliás um certo Simão de Ruão. Devemos talvez consideral-os como pae e filhos.

Em 1520, foi principiado em Ruão o sumptuoso tumulo da Renascença franceza, destinado aos restos mortaes de Jorge de Amboise. Entre os esculptores, encontra-se João de Ruão, que veiu a largar o trabalho em 1521, depois de haver principalmente concluido ali uma estatua. Em 1522, achava-se terminado o pulpito de Santa Cruz de Coimbra, a mais encantadora joia d'aquella egreja, identica em absoluto, pelo estylo, ao supracitado mausoleu, de Ruão. No friso, apparece um monograma, que eu, com Barbosa, leio J. R. Portanto, é da maxima verosimilhança o concluir-se: que, em 1521, o artista, recommendado por seus conterraneos, fosse chamado por el-rei, a Portugal, havendo produzido aquellas obras magistraes da Renascença, que constituem as joias da cidade. Os trabalhos d'aquelles que para ali se transferiram, anteriormente a Nicolau, differem muitissimo dos d'este artista.

Onde iriam desencantar os outros nomes francezes os escriptores que, posteriormente, se occuparam da Historia da Arte é facto que se não acha ainda esclarecido.

Tirariam talvez por consequencia que a necessidade obrigaria a admittir reforço n'aquelle cyclo.

O historiador deve manter uma certa reserva, em estabelecer afinidades entre D. Manuel e o seu congenial contemporaneo, Jorge de Amboise, como meio de tudo esclarecer.

Passando, pois, a occupar-nos dos monumentos, corrâmos a vista pela vetusta cathedral (Sé velha). (1)

Este imponentissimo quanto importante edificio, no ponto de vista da Arte, deve de incidir com os primeiros tempos da conquista da cidade pelos

(1) Charvet. *Enseignement de l'art décoratif* — pag. 326.

(1) Sé (sedes), residencia episcopal, significa apenas «egreja episcopal», isto é, o mesmo que cathedral. Aqui, no paiz, não apresentam amiude maiores dimensões do que as de qualquer egreja importante de aldeia, pois se não encontram egrejas muito grandes; a maior de todas, Alcobaça, mede 105 metros de comprimento, 79 a da Batalha, e a de Lisboa 65, apenas.

christãos (1093) e filia-se nas construcções francezas meridionaes do mesmo periodo (S. Sernin de Toulouse), e ainda nas egrejas do norte da Hespanha (S. Thiago). O sombrio aspecto do exterior, com o seu diadema de ameias, é amenizado e adornado por uma formosa cupula; o interior, de três naves com tribunas, nave transversal e côro de três faces, manifesta aspecto opulento a par de nobreza na concepção.

Este severo e tão completo edificio recebeu, no principio do seculo XVI, riquissimas decorações das mãos da supracitada colonia de esculptores francezes. Exteriormente, chama, acima de tudo, a attenção, a meio da face septentrional, de todas a mais desimpedida, aquelle portal de summa delicadeza e não menor encanto, e que deve de ser considerado como o trabalho mais primoroso e completo da primeira Renascença classica em territorio portuguez, e contrastando com as obras do celebre estylo mixto.

RESTOS DO CASTELLO DE GAILLON

Ostentando as fórmas da mais fina Renascença franceza dos primeiros tempos, construcção de cerca de 1540, eleva-se a esbelta estructura até á corôa de ameias da cathedral, em três pavimentos. O andar terreo apresenta um portico de volta redonda, cujos corpos projectam muito para a frente, a fim de facultarem a desejada profundidade, e indo morrer na parede do edificio mediante dois lados obliquos; assim, pois, apresenta três lados de um octogono.

A architectura recebe effeito das pilastras que adornam os angulos, ostentando, nos lados obliquos, nichos com figuras; a meio, os formosos arcos da portaria descansando em pilastras com columnas e outros esteios, e adornados de caixotões.

As pilastras principaes repetem-se no pavimento superior e com duas columnas intermedias aguentam uma arcada rôta; os lados obliquos do piso

inferior vindo terminar numas torrinhas, acantonadas.

O terceiro pavimento, encimando o conjuncto, dividido por quatro pilastras molduradas, sustenta o coroamento á feição de empêna do lanço superior, o qual, numa architectura de arco triumphal, preciosa, ostenta a Annunciação em figuras de relevo; lá muito no topo abrem-se uns arcos fenestrados, de pleno-cimbro, nos quaes, com uma disposição realistica, predominando em tempos na França, sobresahem umas meias figuras. Aos cantos, umas torrinhas redondas.

PORTICO DO NORTE DA SÉ VELHA DE COIMBRA

O que mais concorre a adornar esta obra, imprimindo-lhe um cunho de magnificencia, é o primor da individuação architectonica, o inegualavel e finissimo ornato, revestindo quasi todo o piso inferior, assim como a perfeita realização do trabalho de cinzel. O material é marmore branco, o qual, infelizmente, muito ha soffrido com as intemperies e muito em especial no lanço inferior.

Attinge o auge da magnificencia o piso inferior. Aqui, a superficie, á ex-

cepção dos fustes das columnas, é enriquecida com um admiravel ornato vegetal ascendente, os seguintes com medalhões, as tabellas com rosetas, os nichos contendo figuras. O ponto mais elevado consiste no tympano, com uma deliciosa imagem da Virgem em medalhão, cercado de anjos, e orlado por uma cercadura de ornato concentrico e uns frisos com meninos. Tudo isto de singular finura e perfeição.

O todo apresenta uma feição franceza que se não differença á primeira vista: quer a composição quer o tratamento das minucias lembram o nordeste da França; Chartres, principalmente, e os trabalhos normandos na sua generalidade. Lavôr muito semilhante encontra-se no formoso guardavento do cruzeiro, em Limoges, e certas particularidades no sul da França, e designadamente em Toulouse. As torrinhas redondas, vêem-se na Bretanha a cada passo, não sendo, aliás, raras pela Normandia, mas não me parecem oriundas d'ali.

Justi, ao classificar de «absolutamente florentina» a *Madonna* em relêvo, não tem, a meu ver, grande razão para isso (1). Foi tudo obra das mesmas mãos, e é, por assim dizer, fundido de um jacto. A reminiscencia do alludido relevo, esclarece-a um tanto ou quanto a circunstancia de serem importados, a essa data, em quantidade, altos relevos dos Della Robbias, para Portugal, e que el-rei D. Manuel com predilecção mandava embutir nos nembos das arcarias dos porticos das egrejas.

No interior da egreja, a arcada do portal é ladeada por pilastras de sumptuoso ornato, e o seu vão em caixotões, assim como tambem as quatro fornices á feição de capellas, na parede da banda do norte e a primeira capella da banda do sul, encerrando um soberbo altar insculpido em madeira, com S. Miguel e seis formosas pinturas da escola portuguesa. A ornamentação architectonica destas pilastras, corresponde á do exterior do portico, e é obra das mesmas mãos, supposto não apresente a mesma opulencia e subtileza na realisação. As outras frentes das capellas olhando para o sul não ostentam egual firmeza, e serão obra de mais fracas mãos, e de época mais recente.

O que porém communica mais subido valor a estas decorações internas, é o seu optimo estado de conservação, inclusivè no que diz respeito á leve pintura e á douradura; o caracter do ornato é aqui manifestamente identico ao de uma parte dos espaldares constantes do côro em Chartres, notando-se-lhe aliás um certo sabor meridional.

A proximidade entre Chartres e Ruão poderá confirmar as minhas previas affirmações.

(1) *Annuario das reaes collecções do reino da Prussia* — 1888.

(Continúa.)

Os amigos e admiradores de Manuel Alves, esse estranho cavador que soube ser tambem um singular poeta, vão erigir-lhe, em vez do pequeno monumento que simbolisasse a sua vida e a sua obra, monumento que seria erguido no Bussaco e para o qual se trabalhava já, — um outro monumento mais perduravel, mais bello e mais humano. Sobretudo mais tocante para a sua memoria.

No primeiro teriamos pedras amontoadas, toscamente, na bronca aspereza da montanha, um veio d'agua deslisando e n'um medalhão de bronze a efigie do poeta, tostada pelo sol, dando bem a conhecer como esse corpo e esse espirito foram caldeados na dôr e na fadiga.

No segundo teremos ainda o medalhão e o veio d'agua deslisando, mas sobretudo e antes de tudo procuraremos erguer á sua memoria o que faltou na sua vida: a escola da sua terra.

Elle que foi na vida um cavador analfabeto e desgraçado, terá, d'esta maneira, o unico monumento que em justiça devemos á sua memoria.

«Que alegria divina para o coração de Manuel Alves» o saber que os queridos pequeninos da sua terra, tantas vezes cantados nos seus versos, irão ter aquillo que elle em vão procurou dar-lhes, o pão do espirito!

Elle que tanta vez cantou a luz e a liberdade, terá assim, na sua morte, erguido o templo onde se bebe a luz e a liberdade canta a sua divina omnipotencia.

Elle que nasceu, viveu e morreu combatendo com a terra, ignorante, faminto, miseravel, agonisando para não morrer, cantando para não chorar; elle que cumpriu e realisou na vida, resignadamente, o seu destino e pôde erguer ainda a sua obra inconfundivel, vae assim determinar-nos a um acto collectivo em que se realisa inteiramente o nobre ideal que para o povo elle tanto reclamou e sonhou a vida inteira.

*

Poeta, cavador, a sua obra inconfundivel... Muitos dos leitores d'esta revista hão de estar perguntando: — *Mas afinal quem foi esse Alves e que obra é essa inconfundivel?*

Pois merece que lhes deis um pouco de attenção, tão singular é a sua figura e tão estranha impressão elle causou no meio intellectual da nossa terra.

Historiemos rapidamente.

Um dia, n'uma feira (foi pelo natal de 1900), encontrei o cantador Manuel Alves cercado de muitos dos seus admiradores e amigos. Sorri perante essa ingenuidade popular que fazia do Alves de Valle do Boi a oitava maravilha do mundo.

Comtudo aproximei-me d'elle e entramos em conversa. E, estranho facto, o seu tracto d'algumas horas produziu em mim as mais profundas e vivas impressões. Reconheci que estava em frente d'uma alma. Tinha na minha presença as vagas fulgurações d'um grande espirito, espirito que veiu para mim como o sopro d'um vento desconhecido.

Duas poesias suas, recitadas ali, numa barraca tumultuosa, entre o *bruáhá* da

multidão que mercadejava e praguejava, bastaram para que eu o abraçasse, comovido, pedindo-lhe para que me contasse a sua vida.

— A minha vida! Pois que vida?

E Manuel Alves desculpou-se, dizendo que não tinha vida p'ra contar, porque a sua vida era a sua enxada e os seus versos.

Então pedi-lhe versos. Vieram versos.

Ou antes: vieram pedaços de coração, ondas de sentimento, flocos de luz bemdita. E a sua personalidade desfilou ante meus olhos, ao som das suas trovas que de continuo me traziam lagrimas.

Essas trovas eram, na verdade, a synthese perfeita da sua vida.

Diziam como fôra creado e vivera depois, sempre luctando e sofrendo, em meio da ignorancia e miseria mais completas.

> «*Eu sou filho da desgraça,*
> *Entre carquejas nasci*. . .»

A sua mocidade foi triste e foi heroica.

Luto e fome, trabalho e desventura.

Poemas d'amor e epopeias de lucta.

Poeta do amor, cantou as tranças fluctuantes e o riso ingenuo das lindas camponezas da sua terra, povoando-lhes de sonhos côr de céu as pequeninas almas luminosas.

Homem da lucta, ergueu a fronte e falou alto em toda a parte onde o destino o arremessou.

Os seus versos falavam do pequeno e do grande, do nobre e do plebeu, sempre com o mesmo dessassombro e a mesma rigidez d'alma.

D'ahi as invejas e os odios que tanta vez lhe amarguraram a existencia.

Mas se elle era o cantador invencivel, a alma heroica do troveiro que passa toda uma geração cantando e batalhando!

MANUEL ALVES

Quando, ha seis annos, o apresentei ao nosso publico letrado, com os seus *Versos d'um Cavador*, dizia, na primeira pagina d'esse livro, completando o seu retrato:

«Aos dezeseis annos todos o conheciam: pequeno de corpo, olhar vivo e penetrante, riso franco, recto no seu procedimento, tenaz nas suas convicções. De resto, o seu traje era dos mais caracteristicos: descalço a maior parte das vezes, esfarrapado sempre.

«Não sabia ler uma palavra e comtudo tantas luctas quantas victorias. Pigmeu pelo corpo, athleta pelo espirito.

«O desafio era o melhor campo para os seus triumphos, a satyra a sua arma predileta.

«E cantava, cantava sempre. Não tinha outra publicidade além da das ruas, outro publico além dos que paravam para ouvir e que depois seguiam para a vida.

«Sempre que cantava, o suor caía em bica d'aquella fronte calcinada pelo roçar do tempo, quer fosse nas mais rigorosas noites do inverno ou nos dias mais calmosos do estio.

«Nunca o venceram. O adversario. fosse elle quem fosse, tinha sempre este destino: retirar confuso aos apupos da multidão. Uma vez cantou treze horas consecutivas, depennando successivamente quantos chegavam para o fazer calar, para o estenuar, para o vencer.

«A tranquillidade do espirito e o bom senso das palavras, acompanhavam-no sempre emquanto durasse a prudencia do adversario.

«E' curioso ouvir contar os finos ditos, as replicas fulminantes com que ás vezes calava os imprudentes. Ha por vezes n'essas replicas o tom bocagiano, que foi

sempre, para o nosso povo, o melhor genero de canções.

«A sua imaginação é assombrosa. Concebe n'um momento as mais bellas e variadas poesias. A replica, prompta como o raio, é por vezes arrojada até á temeridade.

«Quando voltava do Brazil, onde fôra em busca da fortuna, teve mau trato em viagem, bem como todos os companheiros.

Era uma companhia ingleza. Uma tarde, sentado na pôpa do navio, um dos passageiros tocava guitarra. Era o fado, o lindo fado portuguez, a unica musica dos seus versos.... De repente, entre o enthusiasmo dos companheiros e o assombro da marinhagem, improvisou uma das suas mais arrojadas poesias.

«Se o não mataram, dizia elle depois, foi porque tinha todos os passageiros do seu lado.»

«Cantava d'outra vez n'um arraial, onde compareceram alguns funccionarios publicos da sua comarca, pondo em parallelo a sua vida nobre de cavador com a vida fadista e ociosa dos taes senhores.

«Foi uma alluvião e uma vergonha!...

«Puzeram editaes pelos povos, prohibindo assim ao pobre poeta que cantasse, que fosse justo.

«Foi então que elle appareceu, uma noite, n'uma dança popular, humilde, sentimental, onde chorou a sua magua, improvisando a obra prima da sua mocidade:

Morri, já não sou poeta...

«Sabe de cór todos os versos que tem feito: improvisa-os e fixa-os na memoria.

A MÃE DO MANOEL ALVES

(93 annos)

«Concorre muito para isso o seu estilo simples, natural, o verdadeiro estilo popular.

«Porque as suas poesias não são o produto d'uma elaboração artistica: vem naturalmente como a agua d'um veio.

«São quasi sempre d'uma espontaneidade que atráe...

«Os seus versos enternecem a multidão, fazendo-lhe amar a virtude. Não é só o Poeta da gargalhada e dos tumultos, é tambem o evangelisador do Povo. Não canta só para agradar, canta tambem para moralisar...»

*

O volume dos seus versos, coligidos e publicados por quem firma estas linhas, foi, como era natural, um verdadeiro sucesso literario.

Em menos de meio anno e sem reclamo nos jornaes, vendeu-se toda a edição, ou fossem 600 exemplares.

Mas o pobre Manuel Alves pouco tempo tinha já de vida para assistir aos seus triumphos.

Um dia em que o fui visitar, encontrei-o doente e muito triste. Outro dia em que voltava para ver o seu estado d'alma, achei-o morto.

Acompanhei-o á cova, lancei-lhe sobre o caixão a primeira terra que o cobriu, e quando regressei á minha aldeia trazia no cerebro um mundo de generosos planos para realisar em memoria d'esse cavador, que tanto amou e tanto padeceu.

*

Agora, para dar-vos, em breve resumo, a significação e importancia da sua obra,

basta transcrever algumas palavras das muitas que os nossos primeiros escriptores lhe dedicaram:

«Manuel Alves é a victima symbolica da impiedade e da crueza social que tão iniquamente fere em todos os paizes do mundo os humildes e os deserdados, aos quaes o Christianismo cessou de dar, no dominio das consciencias modernas, a corôa e a palma, immarcessiveis e eternas, que o Evangelho offerece aos tristes, aos pobres, aos famintos, aos nús, a todos os oprimidos da Vida.»

Ramalho Ortigão.

«O seu Poeta-cavador foi um humilde e um bom. Fez a jornada do globo, soffrendo e cantando, penando e amando. Viveu, na vida instantanea, a vida eterna, porque os dois polos em que a vida eterna se equilibra são a dôr universal e o amor infinito. . .

«Pois bem: que a sua alma, vibrando e movendo a nossa, nos determine a um acto collectivo, em que se realise, ainda que por instantes, o nobre ideal do cavador.»

Guerra Junqueiro.

UMA SOBRINHA DO ALVES

«Elle foi um evangelista do Povo, — mais que um filho e amigo, mais que um moralisador e um mestre; — foi um apostolo da Verdade, — tendo sido um nobre e honrado homem pela Vida — e um Santo, um Poeta, pela Alma.»

Lopes d'Oliveira.

«O que achei importante foi a fórma poetica do seculo XVIII, a *Decima*, com todo o seu cruzamento de rimas, e com a intenção epigrammatica da glosa, tendo-se vulgarisado entre gente analphabeta. Isto me basta, como phenomeno litterario. . .

«. . . ainda que me restrinja apenas ao phenomeno da morphologia litteraria, que já me não pode passar despercebido nos meus estudos sobre a Poesia popular portugueza.»

Theophilo Braga.

«O que nos versos do seu Alves até certo ponto espanta, é a limpidez clara da forma, que tem a espaços choques de cristal, e nas composições melhores chega a lembrar o João de Deus dos improvisos.

«Toda a obrasinha porém reçuma uma bondade triste de mysantropo que é talvez a lição melhor que o livro tem, e responde pela voz do obreiro dos campos, a ess'outra do das cidades, onde a logica de revindicações em parte justas mal disfarça por vezes um sentimento baixo de cubiça.

«Devia ser uma bela alma resignada, a do seu cavador poeta, uma alma fraca de lusitano vencido, pia, poetica, recolhida em nostalgias velhas de catholicismo e d'aventuras: a alma portugueza, vamos, n'uma ingenua versão de paysano cavador . . .»

Fialho d'Almeida.

«Elle é um magnifico exemplo de que sobretudo na alma heroica do povo, que trabalha e pena e se sacrifica até ao exilio, é que reside a mais abundante e generosa inspiração da poesia do lar e da patria.»

Bernardino Machado.

«Manuel Alves é um pantheista e um impressionista.

«Ao abrir-lhe o livro, analysei primeiro demoradamente o seu retrato, porque penso que, em geral, todos os grandes espiritos têm na physionomia algum reverbéro da radiação interna.

«Onde está uma alvorada, ha sempre um clarão ou, pelo menos, um palôr que a indique.

«N'aquelle rosto rugado e banal de camponez, encontrei effectivamente a luz que procurava, abrigada, nos olhos, n'esses bellos olhos d'uma firme lucidez penetrante.»

João Lucio.

«*Versos d'um cavador*...

«Remetto, pois, o leitor para o livro, e não hesito em recommendar-lho fervorosamente.

«E' uma obra consoladora; mais: é uma obra que reanima e avigora. Revela-nos que, entre nós, a Emoção brota dos peitos como a agua e o trigo surgem da terra, e para todos aquelles que são filhos d'este Portugal e que vêem já na superioridade da alma a garantia da existencia dos povos e individuos, no seculo que vae abrir-se, a constatação d'este facto representa o maior e o mais legitimo dos estimulos para as generosas iniciativas do Futuro.»

Mayer Garção.

CEMITERIO DA MOITA (ANADIA)

VISTA GERAL DE VALLE DE BOI

«Cavador e poeta, a enxada e a lyra, a realidade e o sonho, o trabalho e o amor: eis a vida na mais luminosa synthese, na mais gloriosa ascenção para Deus.

«Foi esta a vida de Manuel Alves. . .

«Entre os livros que mais estimo especialiso o d'elle, cuja leitura sã me delicia e encanta, e que eu leio sempre com uma attenção quasi religiosa, não só pelo que para mim representa, mas pela moralidade que encerra. *Versos d'um cavador* são versos feitos em horas de prazer ou de magua, onde brilha, n'uma simplicidade lyrica, uma inspiração sádia e forte; versos d'esses que o povo canta, cujo autor se ignora, que nos obrigam a pensar no anonymo que os fez e na alegria ou tristeza que os dictou; versos que são a expressão vivida da alma popular, expansiva, bondosa e simples.»

Cruz Andrade.

«. . .as suas canções tão docemente rythmicas, tão lindas, tão repassadas de sentimento.

«Ellas hão-de ter sempre atravez dos seculos entre o nosso bom povo, em qualquer parte onde se sinta um pouco da sua vida, tão grande e dolorosa, nas desfolhadas e romarias d'este nosso querido Portugal, uma voz, uma só voz ao menos que, de tempos a tempos, as faça despertar, — resuscitar.»

Vicente Arnoso.

«C'etait un analphabet; il n'a pas ecrit jamais un mot, il n'a lu pas un livre.

«Il s'est passée une vie de combats, pleurant et chantant, aimant et travaillant.

«Il n'eut des fils, mais cela ne l'a empeché de combler son existence dans la terre, car il a laissé un livre qu'il vécut et chanta, un champ qu'il defricha et sema et une famille de victimes qu'il soutint dans son amour pour les malheureux.

«Il a eté un apôtre dans son ignorance et un revolté dans sa faiblesse.

«Il a fait admirer tous ceux qui l'ont connu et tous ceux que l'ont vu oublié du sort.

«Nous voulons cependant laisser á l'avenir, comme une protestation sacrée, quelque chose qui, au nom de cette grande victime, crie aux passants l'injustice des hommes, faisant lever bien-haut notre foi pour le jour du lendemain: — le triomphe des oubliés.»

D'uma carta a Elisée Reclus.

«J'ai bien reçu l'ouvrage de poésie dû á votre ami le paysan, et autant que j'ai pu en comprendre les vers, ils m'ont paru charmants de grâce naturelle et de naïveté: je me rends bien compte de l'affection et de l'enthousiasme qu'il a provoqué parmi vous, les jeunes et les ardents, et de loin je salue l'obélisque dressé par vous sur le mont de Bussaco.»

Elisée Reclus.

«*Manuel Alves,* heroico trabajador y sublime desgraciado, como le llaman hoy sus compatriotas, condenado á la postergación del analfabetismo, como nuestra sociedad condena á todos los que luchan en la miseria, es un caracter, un genio, una figura colosal que hiergue hasta el cielo sus manos de altruista para bendecir al pueblo autor de su olvido, legándole una obra que le llama á mirar hacia el passado, y atrae sus oídos á los gritos de esas actividades encadenadas, por el desdén ajeno, á los escollos de la vida.»

E. Barriobero y Herran.

«Como eu vos invejo e admiro mais que a todos os sabios, ó sublimes ignorantes! Não sabeis ler nem escrever; nada mais conheceis da Vida, alem do vosso coração; por lira, tendes apenas uma velha guitarra de duas cordas, uma para o amor, outra para a dor: — mas n'ella encontraes voz bastante para falar a todas as almas dos simples, e para dar alivio a todas as amarguras dos pobres.»

Justino de Montalvão.

«Poeta-Cavador!. . . ergam-no com a sua enxada e a sua lyra — dois symbolos a luzir — e fique em oiro bem modellado o seu martello, para vergonha de tanto ferreiro enluvado da Arte que por ahi vae. . . Seja pois o monumento a Manuel Alves, uma Oração nossa que se faz marmore, bronze ou pedra — mas que ha de ficar sempre como uma Oração.»

João Correia d'Oliveira.

«O Alves, por isso, foi simplesmente poeta por obra e graça da Natureza; e só á Natureza deve toda a sua gloria, todas as ovações que as massas, subjugadas, lhe fizeram. Não deve nada aos homens, que o não ensinaram, sequer, a escrever o seu nome, que não o ensinaram tão pouco a pegar n'um livro...

«N'este regresso á materia mãe, n'esta trasmutação de forças individuaes em forças cosmicas, a seguir a corrente de que andava desviado ha 54 annos, o Alves deixa a Bairrada sem o seu ultimo poeta d'essa grande raça de cantadores de que Portugal se recordará sempre com fundas saudades — e que foi como que o complemento das nossas aventuras de soldados e marinheiros...»

Simões Ferreira.

«... acabam de apparecer em volume os versos de Manuel Alves; versos que me despertaram vivo interesse tanto mais que elles são d'um velho operario que não escreve uma lettra...

«... Manuel Alves é, como m'o havia annunciado o Thomaz, um genio e um poeta extraordinario.»

Domingos de Castro.

«... poeta que nada sabe de coisas de Arte e que nada leu nem poude ler, porque não sabe: e todavia as suas redondilhas são correctas e harmoniosas, e as suas glosas cahem-lhe quasi sempre acommodadas ao mote, cheias de naturalidade e por vezes scintillantes d'espirito.

Carlos de Lemos.

«Este bronco e surprendente homem de genio afigura-se-me uma incarnação milagrosa da alma immortal do povo, que, rompendo a crôsta da apagada e vil tristeza que o Estado, em Portugal, cultiva com methodo e amor, produziu um grande poeta — que póde cantar!

«Alves, isento de academia, de repartição e de sacristia, — livre da Papelada, — suando na forja, cavando a terra e cantando as suas redondilhas bellas e barbaras, consola-me em muito da desolação com que sinceramente temos de encarar a nossa gente privilegiada.»

Affonso Lopes-Vieira.

CASA ONDE MORREU MANUEL ALVES

«... é no Povo que vivem ainda, incultas, as fortes energias da nossa raça; e

GRUPO DO POETA COM SEUS AMIGOS

Da direita para a esquerda: Domingos de Castro, *redactor do «Progresso da Feira»*; Manuel Pinto de Sousa, *proprietario e director da typographia «Minerva de Famalicão»*; Simões Ferreira, *jornalista* (fallecido); Thomaz da Fonseca (ao tempo seminarista); Manuel Alves; Ribeiro de Carvalho, *redactor da «Mala da Europa»*; Antonio Carvalhal, *poeta e jornalista* do Porto.

que educá-las e fortalecê-las é o dever de todo aquelle que sabe e quer ennobrecer e respeitar a Vida.»

João de Barros.

«Hade cantar o cinzel
os teus versos, Manuel,
que são doces como o mel,
e cheiram a malmequer,
e sempre, no teu logar,
tua memoria hade ficar,
suspensa sobre o altar,
no coração da mulher!...

Dias d'Oliveira.

«Quando sibilar o vento
Por entre as veigas em flôr,
Dedica, vate, um lamento
Ao Poeta Cavador.»

Marcos Algarve.

«Levó, ramingo per deserta strada
l'imno, solto il gran ciel, soavemente
ed il verso brandi come uma spada...» (1)

Tommazo Cannizaro.

Manuel Alves é para o povo da Bairrada o que Camões foi para o povo portuguez: o cantor das suas glorias.

Tudo o que ha de bello ou de ridiculo, tudo o que de alguma fórma haja impressionado esse povo, o Alves o cantou. D'ahi a sua grande popularidade.

O povo, de seu lado, tambem o não esquece nunca. Não ha em toda a Bairrada

(1) Tommazo Cannizaro é hoje uma das maiores glorias litterarias da Italia e um grande amigo de Portugal. O seu

uma unica voz de rapariga, que não tenha repetido muita vez estas duas cantigas:

Se ouvirem dizer que morre
O Alves do Valle do Boi,
Rezem-lhe todos por alma
Que tão bom cantador foi.

Se o Alves depois de morto
Voltasse a resuscitar,
Ia de Lisboa ao Porto
Pelos arraiaes cantar.

soneto sobre o cavador é uma obra prima e por isso aqui o transcrevemos na integra:

Manuel Alves

Ei passò su la terra umile e buono
con la vanga su l'omero e il martello
e, in cenci avvolto, scese ne l'avello
più sereno che un principe sul trono.

Nel completo degli uomini abbandono
tu, povero, dei poveri fratello
e ai tristi e agli epuloni fu rubello
tra il suo sdegno divisii e il suo perdono.

Levò, ramingo per deserta strada
l'imno, sotto il gran ciel, soavemente
ed il verso brandì come une spada

E tante trasse dalla lira rude
faville, quante dal suo ferro ardente
batendo il maglio su la salda incude.

Messina, 23 de novembro de 1901.

TOMMAZO CANNIZARO.

Depois d'isto nada mais ha a dizer ácerca do homem que se chamou Manuel Alves.

Nada a dizer, — o que não quer significar tambem — *nada a fazer*, pois que nada se fez ainda.

Ora é precisamente essa lacuna — uma obra — o que vamos tentar preencher, erguendo á memoria do cavador e do Poeta, o monumento que a sua memoria reclama: a escola.

Essa escola será o templo onde os filhos do povo irão rezar os versos d'esse troveiro amigo que tanto pensou n'elles, cantando a suas mães a belleza immortal e a paz divina que do Bem e da Virtude se desprendem. Mas não é só á memoria do cavador que essa escola vae erguer-se. A sua aldeia reclama-a, a nossa época exige-a.

Chegámos quasi á plenitude dos tempos. D'hoje em deante será preciso crear uma escola em cada aldeia para que depois surja uma em cada lar, onde as mães façam dos seus pequeninos entes fortes homens de lucta, que vão para a vida, não gemendo e chorando como vão ainda hoje as nossas gerações, mas cantando, amando e libertando, a caminho d'essa manhã bemdita onde teremos tudo: amor sem egoismo, liberdade sem peias, humanidade sem fronteiras, a nossa Patria, emfim!

O cantador Manuel Alves vae, pois, erguer a escola da sua terra.

Vinde auxilial-o vós todos que tendes ainda no peito um pedaço de coração clamando amor e no cerebro uma faisca de luz, anciando a paz, a liberdade e a vida.

THOMAZ DA FONSECA.

ROCIO DE AVEIRO, COM A RIA

A ria de Aveiro

VASTA, ramificando-se n'um dedalo de canaes e esteiros, em alguns pontos ampla como um mar, a ria d'Aveiro estende-se a perder de vista, por entre tufos d'hervagens frescas e cordões frondentes de tamargueiras. A luz, caíndo em cheio sobre as suas aguas, dá-lhe espelhamentos cristallinos. Ondas de pedrarias parecem boiar n'uma opulencia oriental.

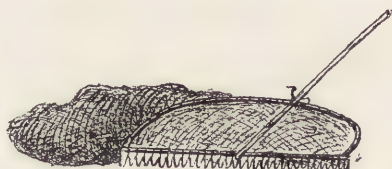
De todos os seus aspectos tão variados e originaes resalta uma alacridade vibrante e irradiando em exuberancias intensas de côr e magestade. Murmurante e seductor quando a viração perpassa n'um halito perfumante, severo e duro quando o assaltam os embates da borrasca, aquelle formosissimo talhão da natureza manifesta n'esses contrastes um attractivo que fascina e suggestiona.

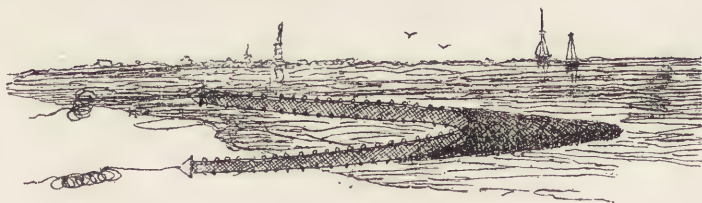
DRAGA OU ENGENHO

ANCINHO DE FERRO

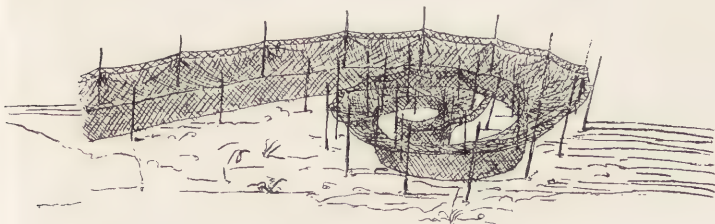
Mixto de graça e rudeza, de candura e arrogancia, de suavidade e aspereza, é um intenso reflexo do encanto que vive em todas as coisas sãs.

Cresce e desenvolve-se no seu seio uma vida forte, quasi isolada do que a cerca. Os typos que a habitam e cuja existencia por lá lhes decorre no descuidado enlevo das primitivas eda-

des, affirmam nos seus gestos e na sua linguagem uma independencia indefectivel, uma altaneira caracteristica, opposta aos preconceitos da velha sociedade. Comtudo, não impera n'elles a barbaria grosseira, que marca um estado primitivo. D'uma lhaneza quasi fraterna, não ha risco que os intimide, nem dedicação que não experimentem. O pescador da ria d'Aveiro assume um caracter vivo e impulsivo. Incitado por uma impres-

CHINCHA

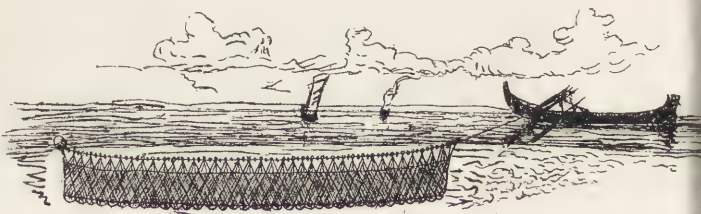
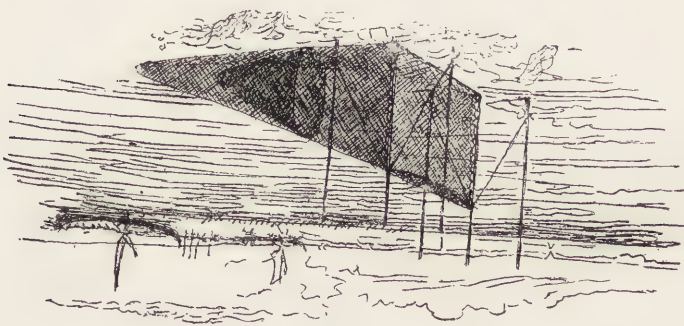
IÇANDO A VELA N'UM BARCO MOLICEIRO
(Cliché de Mendes da Costa)

são repentina, arde em exageros desabridos, quasi ferozes, para d'ahi a instantes se transformar na ingenuidade mais terna, que o faz adorado d'uma creança.

A ria é o seu predilecto campo d'acção. Arrancado d'ali, é um ente inerte, onde não vislumbram estimulos ou se agitam iniciativas. Transfigura-se, esbate-se n'uma penumbra indolente, e ninguem dirá, ao vel-o assim, que está ali o impavido heroe de grandiosas proezas, o arrojado trabalhador que, na conquista d'um bocado de pão para os seus, é capaz das mais audazes temeridades, sacrificando a vida e a felicidade.

Com uma prodigalidade benefica, a ria offerece-lhe todos os elementos indispensaveis. Todas as especies ictiologicas n'ella se desenvolvem com pasmosa fertilidade. E para as

SALTO OU PARREIRA

UMA MARINHA E PARTE DA CIDADE DE TRAZ DO ROCIO

colher o pescador serve-se de meios variados e engenhosos. E' o *botirão*, a *chincha*, a *branqueira*, a *solheira*, o *salto* ou *parreira*; e ainda, para nada escapar á sua cubiça insaciavel, emprega o *ancinho*, a *draga*, a *bolsa* e a *fisga*. E' um arsenal de apparelhos!

Sobre tudo isso, ha ainda uma numerosissima familia, a *nação* dos Calixtos, que faz uso das unhas para filar as enguias. D'ahi, o nome particular de *unhantes*. Com uma vista penetrante, avançando ao longo dos lameiros, de cuecas e mangas arregaçadas, mal descobrem um buraco no fundo da agua, que logo conhecem ser o abrigo

TRESMALHA BRANQUEIRA

do peixe, zás! enfiam o braço, enterram a mão no lôdo, pisam com o pé junto do buraco e sacam as enguias filadas nas unhas. Quando a agua, pela sua altura, lhes não permitte empregar a mão, é com os proprios dedos dos pés que executam a manobra!

BOTIRÃO

Esse dote peculiar da familia dos Calixtos tem-se propagado atravez do tempo até á actual descendencia. Só ella,

e ninguem mais, possue essa pericia, para assim dizer, ingenita.

A ria de Aveiro é um manancial prodigioso e inexgotavel. A sua importancia economica é extraordinaria. Os agricultores vão lá buscar consideraveis e ricos adubos, a industria vê n'ella um proveitoso motivo de exploração e o commercio considera-a como um admiravel subsidio para as suas communicações e um valioso factor para a sua prosperidade e florescencia.

TRECHO DA RIA DE AVEIRO

(Cliché de Mendes da Costa)

Entre tantas riquezas que o nosso paiz contém, não será esta uma das mais queridas e cubiçadas? Decerto. Por isso, já houve quem, uma vez, ousasse tentar monopolisal-a. Mas quê? Lá estava álerta o espirito insubmisso dos seus habitantes, que se levantaria á uma para defender a todo o transe o que já considera, por direito consuetudinario, um logradouro publico.

E ai d'aquelle que estendesse a mão rapace! Cortavam-lh'a cerce.

(Desenhos de Carlos Mendes)

RENATO FRANCO.

MISS

Da côr dos Céos e fundos como os mares,
Miss,—fidalga Flôr,—teus olhos bellos,
Azues, serenos, timidos, singelos,
Nadam em luz de lyricos luares...

—Não ha mais loura estrella nestes ares...
Em turbilhões ou soltos, em novellos,
São mais louros que o Sol os teus cabellos,
Louros, do louro ideal dos meus sonhares!

E com que graça rindo se illumina
A delicada petala mimosa
De tua rosea bocca pequenina!

Eu não conheço artistica pintura,
Tela melhor, galante e mais formosa
Que como tu mereça uma moldura!

Rio de Janeiro.

Peres Junior.

(Conclusão)

GATO, de orelha cahida, estava já vendo que não teria mais remedio que ir á côrte dar qualquer desculpa em nome de seu amo, quando avistou a distancia um coche, em que vinham o rei e a princeza, acompanhados de grande estadão. E ouviu o som de buzinas e trombetas.

— Ahi vem o rei e toda a côrte! disse elle para Gabriel. Muita esperteza, ou estamos perdidos!

Mas de repente deu um miau de contentamento, segredou qualquer coisa ao rapaz e bradou:

— Estamos salvos!

E foi de corrida ao encontro da comitiva real, gritando que seu amo, que andava a banhar-se no rio, tinha perdido pé e de certo se afogava se não lhe accudissem quanto antes.

Mal o ouviu, o rei fez um signal com o sceptro aos archeiros, e elles foram logo para o sitio que o gato indicou, ao mesmo tempo que uma buzina tocava a «alto!» e fazia parar a comitiva real.

Dois dos archeiros atiraram-se ao rio que corria perto d'ali e tiraram para fora Gabriel, emquanto a princeza olhava para outra parte... já se sabe porquê.

— Ai! Real Senhor, disse, entre gemidos, o matreiro do gato. Apanhando meu amo dentro de agua, uns ladrões, que passaram por aqui, roubaram-lhe o fato riquissimo, que elle tinha deixado na margem... o fato e as joias!... Levaram-lhe tudo os grandes malvados!

— Trazei um fato que sirva ao sr. marquez, ordenou logo o rei. Lá por isso não haja apoquentações. Ah! E um dos meus guarda-roupas que o ajude a vestir-se.

Deve-se dizer que o rei, sempre que ia de jornada, levava n'um cofre, debaixo do assento da carruagem, algumas andainas de roupa de sobrecellente e um estojo com joias.

N'um abrir e fechar de olhos o pobre Gabriel tornou-se no muito nobre e poderoso marquez de Carabaz, todo flammante com umas roupas de purpura e ouro.

— Já podes olhar, disse o rei á filha.

A princeza, que estava morta por isso, olhou immediatamente e gostou

«JÁ PODES OLHAR», DISSE O REI Á FILHA

tanto de ver o marquez de Carabaz, que ficou logo a morrer de amor por elle. E vae o rei convidou o marquez para sentar-se ao lado da filha, no coche.

Logo que a buzina deu o signal da partida e os postilhões chicotearam os cavallos, o gato pregou um salto por cima de uma sebe e correu a bom correr para uma ceara, que pertencia a um temivel papão e onde trabalhavam uns ceifeiros. O cortejo real tinha de passar por ali.

Tomou aspecto muito carrancudo e gritou para os ceifeiros:

— Lapuzes! Eu sou um gato endemoninhado e ordeno-lhes que digam ao rei, quando elle aqui passar no seu coche, que este campo é do muito nobre e poderoso marquez de Carabaz. Se me desobedecerem, tiro os olhos a vocês todos!

Mais adeante encontrou uns pastores e disse-lhes:

— Eu sou um gato endemoninhado, e ordeno-lhes que digam ao rei, quando elle aqui passar no seu coche, que esses rebanhos pertencem ao muito nobre e poderoso marquez de Carabaz. Se me desobedecerem, tiro os olhos a vocês todos!

E deu a mesma ordem aos couteiros e lenhadores, com que foi topando e que tambem dependiam do tal papão.

Passou depois o rei, deitando de fora a cabeça ora para um lado ora para o outro do coche, e ceifeiros, pastores, couteiros e lenhadores, todos lhe disseram á carga cerrada, com medo de ficar sem olhos: «Estas cearas, estes rebanhos, estes coutos e estas mattas pertencem ao muito nobre e poderoso marquez de Carabaz.»

— Pelas minhas reaes barbas! exclamou o rei, julgava que tudo isto pertencia ao papão, que vive em um castello perto d'aqui.

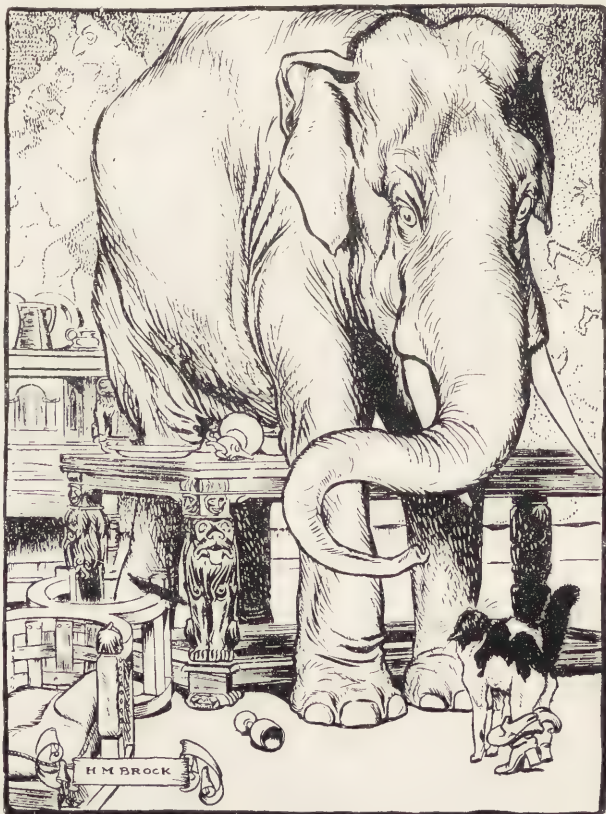
E o marquez, todo curvado para o chão, não dizia chus nem bus.

Entrementes o gato chegou ao castello do papão e bateu á porta com muita força. O papão, que se sustentava unicamente da carne de meninas mentirosas e de meninos malcreados, quasi não olhou para o gato, quando o viu fora do portão, a fazer-lhe grandes mesuras e rapapés. E o gato de botas disse-lhe com muita delicadeza que, tendo passado pelas visinhanças e ouvido falar do grande e talentoso papão que ali habitava, não quizera deixar de fazer-lhe os seus respeitosos cumprimentos.

MUDOU-SE EM ELEPHANTE DE TAMANHA ALTURA QUE A GRANDE MEZA LHE FICAVA POR BAIXO DA BARRIGA

— És realmente o gato mais admiravel que tenho visto desde que me entendo, respondeu o papão, todo satisfeito. Sabes falar, e até falas melhor que muitas almas christãs.

O gato pensou em responder que o mesmo dizia a mãe, o moleiro velho, o marquez e o rei, mas, como estava com muita pressa, deu muitos agradecimentos ao papão e pediu-lhe para falar em particular com tão distincta e sym-

pathica personagem. O papão, que tinha acabado de almoçar, levou-o para um salão muito grande e offereceu-lhe a melhor cadeira que lá havia.

— Grande papão, admiravel, sublime e talentoso, disse-lhe o gato, será verdade que podeis tomar a forma e o volume que quizerdes?

— É verdade.

— Sois capaz de vos tornardes, por exemplo, n'um elephante? Ainda me parece impossivel.

O papão nem se cançou em responder, e n'um abrir e fechar de olhos mudou-se em elephante de tamanha altura que a grande meza lhe ficava por baixo da barriga, e de tal comprimento que tinha as patas deanteiras de um dos lados da meza e as trazeiras do outro lado. A enorme tromba chegava quasi ao fogão que havia no fim da sala.

— É espantosissimo! exclamou o gato. Só de ver esta maravilha estou com os pellos todos em pé. E podeis tornar-vos papão outra vez?

O elephante desappareceu logo e deu logar ao papão.

— E n'um tigre tambem vos podeis tornar?

— Tambem.

E o papão tornou-se de repente n'um tigre, o que fez com que o gato désse um grande pulo e se encarrapitasse no alto de um aparador, por saber que o tigre come todos os bichos, ainda mesmo que não esteja com fome.

O papão riu-se muito d'aquelle susto e tornou á sua primeira forma.

— O que certamente vos é impossivel, disse o gato saltando para o chão, é tornar-vos n'um animal muito pequeno: n'um rato, por exemplo.

D'ali a menos de um segundo andava um ratinho, de olhos muito vivos, a escarreirar pela sala, e, em menos tempo ainda, o gato cahiu-lhe em cima e deu cabo d'elle com uma forte sapatada.

Estava morto o papão.

N'este comenos rodou fora uma carruagem, ao pé das muralhas do castello, e tocaram trombetas e buzinas. Era a comitiva real.

Não houve nenhum viva de camponezes, porque o papão tinha comido todo o povo do logar.

O gato saltou ao peitoril de uma das janellas e gritou para baixo:

— Mui alto e poderoso marquez de Carabaz, convidae Sua Majestade a visitar o vosso humilde castello e a tomar aqui alguns refrescos.

Vendo o marquez todo afflicto, o rei suppoz que seria porque a etiqueta não permitte a um subdito convidar para casa o seu real amo, e então, para tiral-o d'aquelle embaraço, com o sceptro fez signal ao homem da buzina para que tocasse a «alto».

D'ali a pouco estava todo o sequito dentro do castello, e o gato de botas levou o rei para a sala dos banquetes. Em vez dos restos do almoço, que o papão tinha comido, via-se uma bella refeição de doces, fructas e vinhos.

E o rei exclamou:

— Em verdade vos digo, marquez de Carabaz, que me recebeis com magnificencia perfeitamente real. Para vos recompensar, concedo-vos a mão de minha filha.

— Meu senhor, Deus me livre de alcançar com um embuste a minha felicidade. Sabei que não sou marquez, mas apenas filho de um pobre moleiro. Este castello e todas as terras que o cercam não me pertencem. Eram do temivel papão, que o meu gato acabava de matar quando aqui chegámos.

O rei ficou muito satisfeito com a franqueza e honestidade do rapaz, e pediu-lhe para contar a sua historia, o que Gabriel fez promptamente.

— Pelo meu sceptro e pela minha corôa! disse no final. Faço-te marquez, visto que não o és realmente!

E tendo obrigado Gabriel a ajoelhar, bateu-lhe trez vezes com a folha da espada no hombro, e armou-o cavalleiro.

Como não tinha filhos nem parentes o papão, os seus bens foram doados ao marquez de Carabaz, que d'ali a poucos dias casou com a princeza Elina. E annos depois cingiu a corôa do Reino Azul, tomando para seu primeiro ministro o gato de botas, que falava e pensava melhor que certos ministros d'aquelle e de outros paizes.

Quinto concurso photographico dos "Serões"

(MENÇÃO HONROSA)

Á MERENDA (FEIRA DA SENHORA DA AGONIA, VIANNA DO CASTELLO)
Phot. do sr. Antonio de Carvalho, Porto.

Grandes topicos

Portugal em Africa

Em 15 de setembro ultimo a historia militar de Portugal foi assignalada com um dos mais brilhantes feitos de armas dos tempos modernos. Um punhado de soldados — menos de mil — sob o commando do capitão Roçadas, atacou e reduziu á completa submissão os cuamatás, o mais aguerrido gentio da Africa Occidental que ha alguns annos já tem posto em constante cheque as orgulhosas armas allemãs e que ha bem pouco tempo ainda nos inflingira, a nós proprios, um serio desastre.

O que foi a campanha que conduziu a esse brilhante resultado sabem-o todos os que a seguiram com a carinhosa attenção de quem vê homens do seu sangue a luctar no campo de batalha, e melhor ainda os que conhecem a Africa e os seus naturaes. Foi uma serie ininterrupta de actos de bravura, da quasi louca bravura dos portuguezes quando, com as armas na mão e os olhos fitos na bandeira nacional, se arrojam sobre o inimigo, qualquer que elle seja, dispostos a vencer ou a morrer... D'esta vez venceram, e a Patria que lhes seguia os gestos, com desvanecimento e orgulho, soube depois acolhel-os, no regresso, com os naturaes transportes de admiração e reconhecimento. Na hora presente, toda a nação portugueza envolve n'um grande abraço os seus gloriosos soldados, que mais uma vez a honraram, engrandecendo-a aos olhos do mundo.

O CAPITÃO ALVES ROÇADAS

O «AFRICA» ENTRANDO A BARRA DO TEJO

O rei da Suecia

O rei Oscar II, rei da Suecia, dos godos e dos vandalos, nascera a 21 de janeiro de 1829. Ha tempos que a sua saude era vacillante e por duas vezes resignara temporariamente os poderes no principe real, como regente. O velho monarcha morreu finalmente em Stockolmo, a 8 de dezembro, depois de estar uma semana gravemente enfermo. O ultimo periodo do seu reinado foi obscurecido pela perda da corôa da Noruega, que elle não conseguiu suster ligada á da Suecia sobre a cabeça do mesmo soberano. Foi a 26 de outubro de 1905 que se ope-

OSCAR II, REI DA SUECIA

GUSTAVO V, REI DA SUECIA

rou constitucionalmente a desannexação dos dois reinos. Oscar II casou a 6 de junho de 1857 com Sophia, princeza de Nassau, a qual lhe sobrevive. Succedeu-lhe o principe real, que tomou o nome de Gustavo V e que é casado, desde 20 de setembro de 1881, com a princeza Victoria de Baden. O primeiro soberano da dynastia foi o francez Bernadotte, general de Napoleão.

OS JAPONESES NA AMERICA

O Tio Sam fica aterradissimo por ver que está sentado em cima de um formigueiro e que não pode ver-se livre das importunas visitas.

(Do «*Wahre Jacob*»

Guilherme II em Inglaterra

Como previramos, a visita do imperador Guilherme a Londres realisou-se sem o menor incidente desagradavel, mas, como egualmente se esperava, sem o menor enthusiasmo por parte da população ingleza. Os incitamentos a uma recepção hostil, feitos por alguns elementos socialistas, não surtiram o desejado effeito, mas tão pouco a multidão se mostrou satisfeita com a visita. A sua attitude foi a da mais completa frieza, a qual, de resto, parece terse communicado á propria côrte que não chegou mesmo a esgotar as pautadas galanterias do protocolo.

E isso explica-se facilmente. O rei Eduardo, sendo, como é, um homem de superior intelligencia e conhecendo bem os deveres do seu alto cargo, absteve-se habilmente de todos os actos ou palavras que pudessem ser interpretados pela opinião publica do seu paiz como uma censura ou sequer o desejo de a ver mudar de rumo. Assim, no brinde official feito no banquete de gala em honra do Kaiser, Eduardo VII, depois dos banaes cumprimentos do estylo, limitou-se a dizer o seguinte:

«Podem Vossas Majestades ter a certeza de que as vossas visitas a Inglaterra são-nos sempre sinceramente gratas á rainha e a mim, assim como a todo o meu povo, e eu faço ardentes votos não só pela prosperidade e felicidade do grande paiz de que sois soberanos, mas ainda pela manutenção da paz.»

Na sua resposta, o Kaiser aproveitou o ensejo para ir mais longe:

«O meu mais sincero desejo é que

QUEM FALLA EM DESORDENS?

Os principaes periodicos do Japão exprimem a convicção de que em breve se porá termo ás agitações.

Do «*Sidne Bulletin*»

AGITAÇÃO PAN-ISLAMICA

Mahomet faz consulta sobre se deve chamar os fieis á guerra santa.
Do «*Ulk*»

as relações que existem entre as nossas duas familias influam nas relações dos nossos dois paizes, confirmando assim a paz do mundo, cuja manutenção é o esforço constante de Vossa Majestade assim como o meu.»

ACCORDO CHINO-GERMANICO

KAISER — *Como são intelligentes estes jornaes japonezes! Attribuem-me cousas com que eu nem sequer sonho. Mas vale a pena experimentar.*
Do «*Tokio Puck*»

Por essa mesma occasião, o ministro dos estrangeiros da Allemanha, que acompanhava o Kaiser, dizia a um jornalista que o fôra entrevistar

«Temos a esperança de que d'esta visita resultará o reatamento das antigas relações de amisade entre os dois paizes. As nossas relações teem sido sempre correctas, mas isso não basta. Era bom que a imprensa dos dois paizes deixasse pouco a pouco de fazer commentarios de natureza a crear animosidades. Sejamos francos e esqueçamos lealmente certos mal-entendidos, lembrando-nos de que marchamos juntos no caminho da cultura intellectual e do progresso humano.»

Nunca a Allemanha official manifestara tão abertamente o desejo de se approximar da Gran Bretanha, mas nem por isso as suas palavras foram escutadas com mais atenção. O Kaiser abandonou a Inglaterra, depois de algumas semanas de simples vilegiatura, deixando as relações entre os dois paizes precisamente no mesmo pé em que estavam.

America Central

As pequenas republicas da America Central acabam de dar um bello exemplo ás grandes potencias. Com effeito, segundo informações de Washington, o Congresso dos representantes d'esses paizes terminou pela conclusão de um tratado segundo o qual Guatemala, Nicaragua, Costa Rica, Honduras e S. Salvador se comprometem d'óra avante a submeter a um tribunal internacional de arbitragem todos os conflictos que entre elles possam surgir. A jurisdição do tribunal será obrigatoria para cada um d'esses Estados e abrangerá todas as questões. Esta convenção não poderá ser denunciada antes de dez annos, salvo no caso de dois ou mais Estados contrahirem uma união politica.

Este accordo constitue certamente uma garantia de paz para a America Central, mas resta ver até que ponto elle será cumprido. Não devemos esquecer que estes paizes teem ás vezes uma concepção muito estravagante do direito. Ha alguns mezes apenas Nicaragua e Honduras tinham decidido submetter á arbitragem a questão de limites que as dividia; isso não impediu, porém, que se produzisse um conflicto armado, no qual Honduras foi vencida. Taes precedentes impõem uma certa reserva em presença do actual accordo.

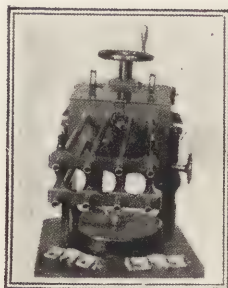
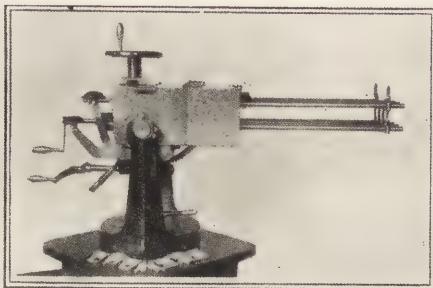
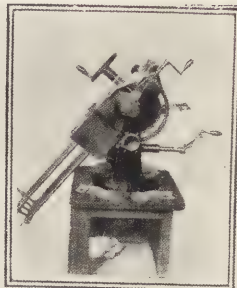
A GUERRA NO INTERIOR DE MARROCOS

Quando os navios entrarem pelo deserto dentro, é que se dará cabo dos mouros.
Do «*Pasquino*»

Estados-Unidos e Japão

Está-se realisando a viagem da esquadra americana do Atlantico para o Pacifico. Apezar de todas as informações tranquillisadoras, ha fundamentos para receiar um rompimento entre os Estados-Unidos e o Japão.

A FORÇA É O DIREITO
OU A EDUCAÇÃO POLITICA DA INFANCIA
Do «*Ulck*»

Vida na sciencia e na industria

DE FRENTE

DE LADO

MONTADA A BORDO

Peça de tiro rapido Fitzgerald

Nova peça de tiro rapido

O major inglez Fitzgerald inventou uma nova peça de tiro rapido, a qual se experimentou a 12 de dezembro em exercicio organizado pelo jornal *Evening Standard*. A particularidade da peça é que não aquece depois de fogo continuado. Pretende o inventor ter encontrado um methodo secreto de arrefecer os canos de forma que depois de cem tiros se podem metter impunemente os dedos na culatra. Depois d'esse trabalho qualquer peça ordinaria ficaria aquecida ao rubro. A peça Fitzgerald não é automatica, e está sempre sob a direcção do operador. Os canos não estão encaixados na culatra, e o operador pode vel-os de um extremo ao outro. Está montada de forma que pode girar horizontalmente, e levantar-se ou baixar-se quasi a qualquer angulo. Pode-se-lhe adaptar qualquer numero de canos multiplo de quatro, e com dezeseis canos pode dar mais de mil tiros por minuto.

Intoxicação nos automoveis

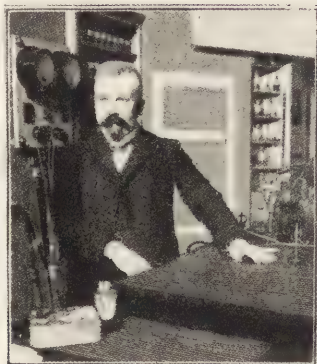
SEGUNDO communicação feita á sociedade de medicina legal de França por M. Marcel Briand, os gazes que se escapam do machinismo são capazes, n'uma viagem longa, de produzir um verdadeiro envenenamento. Parece que muitas pessoas não podem supportar durante alguns minutos os gazes queimados que sahem do motor. Finalmente, muitos automobilistas teem-se visto obrigados a renunciar ao seu favorito sport por causa d'esses gazes, que, penetrando ainda que em pequena quantidade no vehiculo, lhes teem causado achaques persistentes. Como taes gazes não são destinados a entrar-nos pelos bronchios, convem que os fabricantes da *carrosserie* tornem os sobrados tão estanques quanto possivel, afim de evitar que os viajantes respirem uns gazes que, pelo menos, lhes produzirão dores de cabeça.

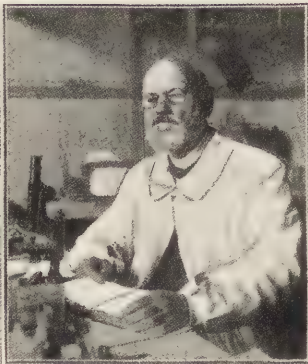
Uma aeronave chineza

ESTÁ-SE formando em Hong-Kong um syndicato para construir uma aeronave projectada por um chinez, Tse Tsau Tai. Deve ser feita de aluminio, e incluida n'uma couraça de aluminio para a proteger dos projecteis inimigos. O envolucro deve ter a forma de charuto. O principio em que se funda Tse Tsau Tai é que as aeronaves devem depender dos seus propulsores em leque para avançar, recuar, subir, ou descer. O envolucro de gaz deve empregar-se apenas como uma boia. Por conseguinte para o movimento vertical é preciso que haja propulsores horizontaes, regulados por um apparelho de relojoaria. O governo não deve ser por meio de planos e lemes expostos á vista, mas por azas de aço occultas, que podem deitar-se para fóra á popa, comprimindo um botão electrico.

UMA AERONAVE CHINEZA

O premio Nobel

A distribuição do premio Nobel relativo a 1907 realisou-se em dezembro na Academia das Sciencias de Stockolmo, mas, em consequencia da morte do rei Oscar, não houve cerimonia alguma publica. O premio de litteratura foi dado ao eminente escriptor inglez Rudyard Kipling, bem conhecido pelo seu *Livro do Juncal* e outros romances e fantasias, ardente imperialista que, por singular contraste, é pouco inclinado ao pacifismo; o premio de physica ao professor Michelson, de Chicago; o de chimica, ao Dr. Buchner, de Berlim; e o de medicina ao Dr. Laveran, de Paris. Todos os reci-

DR. BUCHNER

RUDYNARD KIPLING

DR. LAVERAN

LOUIS RENAULT

piendiarios estavam presentes. Além d'estes premios, que este anno montavam a 7:620 libras cada um, os vencedores receberam um diploma e uma medalha de ouro. No mesmo dia, na sala do Instituto Nobel de Christiania, distribuiu-se o premio Nobel de paz ao editor do jornal italiano *Secolo*, Ernesto Teodoro Moneta, e a Mr. Louis Renault, francez, auctoridade em legislação internacional. A Fundação Nobel, creada por legado do chimico e engenheiro sueco Dr. Alfredo Bernard Nobel, que morreu em 1896, é administrada por um conselho com sede em Stockolmo, constituido de cinco membros, com um presidente nomeado pelo rei da Suecia. Ha cinco premios, cada um d'elles na importancia approximada de 8:000 libras, incluindo um premio «á obra mais notavel de tendencias idealistas no campo da litteratura». A distribuição faz-se todos os annos a 10 de dezembro.

Machina voadora de Davidson — ESTÁ-SE construindo no Colorado (Estados Unidos da America) este novo apparelho. Funde-se no principio do vôo do passaro, que é devido ás forças resultantes de dois impulsos: o de gravidade e o de ascensão.

Aeronave Kluytmans — A ultima aeronave que attrahiu as attenções geraes em Paris, foi inventada por um official hollandez, Kluytmans de nome, de collaboração com o barão Edmond de Marçay. É um balão cylindrico dividido em duas partes eguaes, a meio das quaes gira uma helice, dando assim o poder motor no eixo da aeronave em vez de ser por baixo d'ella. A gravura que apresentamos mostra o modelo de 137 metros cubicos com que o inventor fez as experiencias na Galeria das Machinas.

AERONAVE KLUYTMANS

MACHINA VOADORA DE DAVIDSON

Vida na arte

LUIZA TETRAZZINI

Uma nova «estrella» lyrica

LUIZA TETRAZZINI, irmã da nossa muito conhecida Eva Tetrazzini, foi ultimamente acclamada unanimemente a maior estrella que o «Covent Garden», de Londres, tem visto depois do apparecimento da Patti. Fez a sua estreia sem ruido previo na *Traviata*, a 2 de novembro; logo empolgou o auditorio e alcançou uma voga enorme no meio artistico de Londres. Nasceu em Florença, e toda a educação durante seis mezes a deveu ao mesmo professor de sua irmã. Estreiou-se na sua patria na *Africana*. Desde então tem cantado em toda a Europa, e alcançou grande reputação na America do Sul e nos Estados Unidos. Ha trez annos casou com o tenor Bazelli.

ESTATUA DE UMA VELHA DA ANTIGA ROMA

Descobertas archeologicas em Roma

MUITAS se teem feito recentemente. Citaremos, entre outras, a de um Hermes da escola de Polycleto, feita entre a Piazza del Popolo e a Ponte Margherita, nas fundações de Villa Lucca; e a estatua de uma velha, descoberta ás abas da Rocha Tarpeia. E' esta que reproduzimos, notavel por pertencer á escola naturalista, cujos exemplos são communs em terra-cotta, mas raros em marmore. Representa uma velha que volta do mercado com um cesto contendo um peixe e duas gallinhas. E' um documento interessantissimo dos costumes da antiga Roma.

Archeologia de Creta

AS descobertas recentemente feitas em Creta provam a extrema antiguidade da civilisação na ilha, e a intima affinidade entre essa civilisação e a de Mycenas. Uma das cousas mais curiosas, apontadas n'um livro que a este interessante assumpto dedica o Professor Mosso, é a prova de existencia de modas femininas que geralmente se consideram inteiramente modernas. Muito antes do tempo das roupagens classicas da Grecia, a mulher de Creta comprimia a cinta e usava saias em forma de campanula. Outra cousa extraordinaria é a differença entre os assentos para homens e para mulheres: os dos homens eram estreitos e cavados, de altura dos modernos, os das mulheres mais baixos e largos. Mostram os retratos que as mulheres tinham narizes arrebitados, olhos e cabellos pretos e uma expressão de audacia. Nas figuras esculpidas, os artistas fazem distincção entre os narizes das matronas e os das donzellas; os d'estas ultimas correspondem á caracteristica apontada, ao passo que os das matronas são modelados conforme o typo consagrado da belleza hellenica. São de uma assombrosa riqueza archeologica os restos d'esta remota civilisação, que data de quatro mil annos.

O palacio do lendario rei Minos está a sciencia moderna tratando de o pôr a descoberto. O labyrintho, habitado pelo celebre Minotauro a quem Theseu deu a morte, vae sahir dos dominios da lenda, e graças aos esforços dos epigraphistas e archeologos encontrar plausivel interpretação historica.

FRESCO DE KUOSSOS

Mostrando o typo das mulheres da antiga Creta.

A DEUSA DE SERPENTE

Assim denominada por Mr. Arthur Evans. Mostra a cintura de vespa em moda entre as damas de Creta.

Decifrações do n.º 30

Charadas — 1.ª Intermino; 2.ª Maçaroca.

Charadas novissimas pittorescas — 1.ª É azedo o fructo d'aquella planta (Acropero); 2.ª Planta do mar que dá fructo azedo (Limoeiro).

Logogripho — Nostalgico.

CHARADAS NOVISSIMAS (Dialogadas)

Aquelle velhaco, é natural d'uma cidade americana? — 2-2.

É. E em tomando a bebedeira, diz que está nas relações dos partidarios de Richelieu e de Mazarino. — 3-2.

Ah! por isso me disse que era *inferior* ao chefe; que era o immediato. — 2-3.

J. N. da Fonseca.

◈

Logogripho

(Imitação)

Se quizer vender, eu compro — 1-2-3-9-10.
Remedio para a doença 4-5-6-8.
A casa pelo dinheiro, 1, 8, 4, 5, 9, 8.
Corro logo, sem detença 3-7-10.

Tem um A n'este meu todo,
Tem um E tambem eu juro,
Tem um I facto esquisito,
Tem um O bello e bonito,
Tem um U vos asseguro.

E das cinco consoantes
Quem será o adivinho?
Sou planta; que diabrura!
Fóra, fóra o cara dura
Que não pega o passarinho.

(Angra) Vareta.

SONETO

(In-justo)

Ao Ex.mo Sr. Justin de Carvalho.

Se um verdadeiro amigo nos saúda
Não pequeno prazer nossa alma sente;
Deve ser-nos, porém, assaz pungente
Se um bem, por fim, em males se transmuda.

Cousa triste é se alguem de terra muda,
E da mãe ou da esposa vive ausente;
Mais triste a vida leva-se, doente,
No leito está soffrendo febre aguda.

Assim, nem os amigos — inda mais —
Nem Ministro d'altar, com sua estola
Lhe minora o mal, a dor, os ais.

Quando na cama a roupa em nós se enrola,
Afflictos com doença, em casos taes,
Só a mãe — ou a esposa — nos consola.

Francisco Pereira Soares da Motta.
(Marco de Canavezes)

ENIGMA PITTORESCO

D. Sophia d'Ouvinho (Briteiros).

B

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

O caminho das lagrimas, por Pedro Tavares — Porto, 1907 — Romance em que se aborda o porventura mais universalmente conhecido, e por isso o mais difficil, dos assumptos: a vida e a prisão de Jesus. Uma rapida leitura, para que não demoremos a noticia que merece, mostra-nos uma prosa geralmente critica e malleavel, erudição vasta, e interesse dramatico. De outros requesitos só analyse mais demorada nos pode dar consciencia; mas afigura-se-nos obra honesta e de folego.

Opalandes, versos por Fernando Caldas — Bahia, 1907 — De alem-mar nos chega este livrinho, com toda a exhuberancia de colorido e de luz que assignala a patria brazileira. Uma certa procura do exotico, do scintillante, de opulencia nas rimas, não destroem o que ha de notavel n'esta parte, que se nos afigura um neo-parnasiano, se a expressão é licito depois da rima do nephelibatismo.

A mulher em Portugal — Cartas d'um estrangeiro, por Victor Moigénie — Porto, 1907 — Espirito, delicadeza feminil, deliciosa mordacidade, suave sentimentalidade, eis o que distingue o autor, em cujo extrangeirismo e em cujo sexo ousamos pôr duvidas. E' livro para ser lido ás vezes risonhamente, mas sempre com uma certa ponderação.

Cartas de Portugal, por Luiz da Camara Reys — Lisboa, 1907 — Recapitulação de correspondencias para o Brazil, onde se abordam todos os variados incidentes da vida portugueza, em politica, arte, litteratura, sociologia, moral, etc. Linguagem fluente e por vezes imaginosa, posta ao serviço de ideiaes generosos e juvenis. Demonstração evidente de raras aptidões de critico e de humorista, que levarão o sr. Camara Reys ao logar primacial que na litteratura portugueza lhe reserva o futuro.

Echos de Roma — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Thiago Jinibaldi — Via del Banco S. Spirito, 12 Roma — Summario do mez de agosto: O Dogma da Divindade de N. S. Jesus Christo — Recreatorios — O «Sillabus» no seculo XX. — Amor filial — O Bispo dos operarios — Conceição virginal de Jesus — Saudades — Chaves de Pedro — Faustos de Roma — Atravez dos Prelos.

Estatutos — Liga de Instrucção em Vianna do Castello.

As Sombras, por Teixeira de Pascoaes — Lisboa, 1907 — O illustre poeta vem firmar n'este livro os seus já conquistados creditos. Ligeiramente percorrido, apenas rapida noticia d'elle podemos dar. Uma doce melancolia reçuma das suas paginas, uma philosophia em que se nos afigura haver algo do neo-pantheismo, tão querido dos modernos lyricos portuguezes. Mas para as almas sedentas de sentimento poetico, podemos affirmar que esse conjunto de versos é de uma seducção irresistivel.

A questão religiosa, por J. Pereira de Sampaio Bruno — Porto, 1907 — O erudito publicista mostra-se infatigavel em nos brindar com fructos opimos do seu precioso lavor. O presente livro é um forte repositorio de apontamentos sobre um dos mais complexos problemas de philosophia e sociologia. Esses apontamentos formam um todo synthetico, uma lucida comprehensão que põe os espiritos menos versados no assumpto ao corrente do actual estado do problema.

Alma Feminina — *Revista semanal illustrada* — Redigida por algumas das mais notaveis escriptoras portuguezas e estrangeiras.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa — N.º 14. Dezembro de 1907.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza. Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos — *Instituto Rainha D. Amelia — Rua 24 de Julho.*

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — 4.ª Serie — Tomo XI n. 4.º — Director: Gabriel Pereira.

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

Luz do Oriente — Anno 1 — N.º 4 — Outubro de 1907 — Redacção e Administração: Ponda-Goa.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — 4.ª serie — N.º 46 — Novembro de 1907 — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º á Avenida da Liberdade, Lisboa.

Typ do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA, EDITORA

N.º 32 = FEVEREIRO

132, Rua do Ouro, 138 = Lisboa

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director:** Henrique Lopes de Mendonça — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

OS SERÕES DAS SENHORAS (22 illustrações)

A MUSICA DOS SERÕES

DIRECTOR LITTERARIO
H. Lopes de Mendonça

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) **27**

Telephone 805

LISBOA

Decifrações do n.º 31

Charadas novissimas (dialogadas)—1.ª Sonsonato; 2.ª Cardinalistas; 3.ª Sota-Capitão.

Logogripho—Mercuriaco.

Enigma pittoresco—Nascem cardos na terra sem cultura, nascem vicios no espirito do preguiçoso.

CHARADA NOVISSIMA

Este homem tem bichos nos pés—1-2.

VARETA (ANGRA).

◈

Lologripho

(TELEGRAMMA)

A mulher de Luthero, tinha um proceder grosseiro.

1-7-3-2
4-7-6-2
1-7-6-5
4-7-3-5

MELLO (ANGRA).

◈

Enigma

Com quatro lettras se escreve
O meu todo, nada mais,
Sendo duas consoantes,
E as outras duas, vogaes.

Mas eu tambem assevero,
Que, bem firmes e constantes,
Só quatro lettras encerra,
Todas quatro consoantes.

Se as suas funcções exerce,
—Obrigada a trabalhar—
Tanto póde dar-vos pêrdas,
Como póde ganhos dar.

FRANCISCO PEREIRA SOARES DA MOTTA.
(Marco de Canavezes)

CHARADA

Vejo alem tanto povo reunido...
Insoffrido se move, erguendo o pó.
Ouço rir, protestar em vóz tremente...
Que de gente sem fim! que grande mó!—2

Ah! percebo. Foi um que escarmentado,
Já zangado, não quiz pagar; fez scena.
Uns applaudem, uns dizem que é defeso...
Lá vae preso, coitado. Pois é pena!—2.

Vejo alem tanto povo reunido...
Insoffrido se move. E que ruido...
que nuvens faz de pó!
Ouço rir, protestar em voz tremente...
Que de gente sem fim, impaciente,
que formidavel mó!

E. R. Q. *(michaelense)* PORTO.

◈

CHARADA

És bella, seductora, ó cara Elisa,
Té mesmo passeando desgrenhada,
Evita, quanto possas, esta nodoa,—2
Porque pódes, emfim, ficar manchada.

Amo-te; mas, astuta e perspicaz,
Não deves ignorar que pouco valho;
Tu és rica, bem sei, porem mais rica
Tu ficarás com *isto*, e sem trabalho—1

Casa commigo, Elisa não te ufanes
De ter um coração, quaes duros seixos,
Se me vires, depois, duro, cruel,
Quebra-me, então, sem dó, com *isto* os queixos.

FRANCISCO PEREIRA SOARES DA MOTTA.
(Marco de Canavezes)

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Carta a D. Manoel II, por Silva Vianna — Lisboa, 1908 — O subtitulo *Resposta dos perseguidos e conselhos de quem não é, nem quer ser conselheiro,* indica claramente a indole d'este opusculo, allusivo aos graves acontecimentos politicos da actualidade em Portugal, inspirado em ideias generosas e patrioticas, digno de ser lido e discutido por aquelles que se interessam pelo bem da patria portugueza.

Memorias de uma actriz, por Mercedes Blasco — Lisboa, 1908 — Pôr a descoberto, sem refolhos, uma alma humana, á similhança do que fez Rousseau nas *Confissões,* sem occultar defeitos e sem alternar qualidades, eis a que se propoz a gentil autora d'este livro. Aos que possam objectar-lhe o excesso de louvores em bem proprio, apresentam-se documentos jornalisticos que tenderão a restringir a qualificação de vituperios. Em todo o caso, livro interessante para o estudo da vida theatral, que tanta curiosidade desperta em todos os meios civilisados.

Falsificações alimentares, por Cardoso Pereira — Famalicão, 1908 — Publicação da *Liga Nacional contra a tuberculose* — O autor versa um assumpto de uma altissima importancia hygienica e social, e bemvindos são os livros que abram os olhos do paiz para os problemas que mais diretamente o interessam. E' uma benemerita cruzada, que tem o applauso e o estimulo de todos os portuguezes.

A Tribuna — Este jornal quotidiano de S. Paulo — Brazil — insere o n.º 248 bellamente illustrado e escolhida collaboração, dentre os illustres collaboradores diarios.

Estudos Sociaes — *Revista catholica mensal* — n.º 1, Janeiro de 1908. — Summario: Explicação prévia. Estudos philosophicos. — A psychophysica e a doutrina espiritualista. Mãos á obra. Bons conselhos e correcção fraterna. Falar de cadeira. Chronica scientifica. — Telephonia sem fios. Chronica social do estrangeiro. Notas do mês. Bibliographia.

La Lectura — *Revista de ciencias y de artes* — n.º 84, Enero de 1908. — Summario: Confesión de poesias, por Juan Maragall. Una amistad fracasada, por Martin Hume. Poesías: Canción galana, Tarde de sol y de fatiga, Heroica, por Leonardo Sherif. Emilia Pardo Bazán, por Andrés González Blanco. ¿Viva el peccado?, por Pedro Dorado. Crónica americana, por Manuel Egarte Poesia, Novella, Historia, etc.

Boletim Photographico — Rua da Prata 135 e 137, Lisboa — n.º 93, Setembro de 1907.

O Economista Brazileiro — *Revista semanal de economia, finanças, politica e literatura.* — n.º 28, Rua da Alfandega, 114, — Rio de Janeiro.

Archivo Bibliographico — Da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, — Vol. VIII — N.º 1, 1908.

O Instituto — *Revista scientifica e Litteraria.* — Redacção — Rua do Infante D. Augusto, 44, — Coimbra. — N.º 10, Outubro de 1907.

Alma Feminina — *Revista semanal illustrada* — Redigida por algumas das mais notaveis escriptoras portuguezas e estrangeiras.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa — N.º 246, janeiro de 1908.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza — Janeiro de 1908. Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — 4.ª Serie — Tomo XI n.º 4.º — Director: Gabriel Pereira.

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

Luz do Oriente — Anno 1 — N.º 5, dezembro de 1907 — Redacção e Administração: Ponda-Goa.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — 4.ª serie — N.º 47, desembro de 1907 — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º á Avenida da Liberdade, Lisboa.

Echos de Roma — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Thiago Jinibaldi — Via del Banco S. Spirito, 12, Roma.

Sexto Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Para photographos Amadores

THEMA:

Um grupo, formado á vontade do concorrente, em que sejam representadas a velhice e a infancia, obedecendo a qualquer ideia moral ou philosophica.

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**».

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Sexto concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios,** sendo o primeiro de **10$000 réis;** o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES;** o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES,** a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

SEXTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 15 de maio

Titulo da photographia : ....

Local em que foi tirada : ....

Nome e endereço do photographo : ....

....

Declaração — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura : ....

Endereço : Direcção dos SERÕES, 27, Praça dos Restauradores, 27 — No verso do enveloppe a indicação : Sexto concurso photographico.

D. João da Camara

O ultimo passeio DE D. João da Camara

Deu-o commigo, ha pouco mais de quinze dias.

Eu vinha ralado, que a vida nem sempre corre de feição. E na livraria Ferreira, á rua do Ouro, dei de frente com o meu querido amigo D. João da Camara. Então, como em qualquer occasião que assim succedia, experimentei um prazer reconfortante e apasiguador. D. João era um dos homens que mais serenamente vi encarar a adversidade. Depois havia nelle uma tão elegante maneira de ser bom e indulgente, uma tão rara distincção na opinião formulada, uma tão nobre e excepcional simplicidade em tudo quanto fazia e dizia, que o seu convivio foi sempre a meus olhos do mais subido e puro quilate. Elle exercia sobre mim uma attracção toda de encanto; e a ponto tal que, desde que o conheci e comecei a apreciá-lo bem na sua rara personalidade, senti que conhecia uma expressão mais alta de cousas até ahi apenas entrevistas.

D. João era para mim a mais genuina, franca e nobre expressão do portuguez do Sul.

Verdadeiramente comecei a conhecê-lo no Porto, quando ahi se deram *Os Velhos* por primeira vez, momento que inicia o exito d'essa bella peça.

Os Velhos tinham sido recebidos fria, ou indifferentemente em Lisboa. No Porto havia então alguns rapazes novos, que um elevado sentimento animava de fórma pouco commum. Eu collaborava com esse grupo nos enthusiasmos pelas cousas d'arte; e, embora pela edade não pudesse pertencer-lhe, pertencia-lhe pelas aspirações. Creio até que alguma iniciativa partira de mim quanto á apreciação d'essa comedia. Facto é que escrevinhei o quer que foi ácêrca d'ella, procurando definir-lhe a sua significação, o seu symbolismo; porque para isso concorria em mim uma preparação especial que nenhum outro do grupo possuia. E quem conhece a peça acredita no que digo, quando souber que eu sou um humilissimo engenheiro, que construi estradas e caminhos de ferro e que habitei, durante cêrca de dois annos, exactamente executando trabalhos ferroviarios, numa região alemtejana muito proxima d'aquella em que D. João da Camara localisou *Os Velhos*. Passei esse tempo em Panoias do Alemtejo, a terreola onde D. João mais tarde vinha a collocar a acção da nova peça que deixou começada apenas e deveria chamar-se *As Comadres de Panoias*.

Certo é que *Os Velhos* despertaram em todos os do grupo um grande enthusiasmo. D. João foi ao Porto, e teve nessa occasião um dos seus maiores triumphos.

D'ahi dataram as nossas relações d'amizade. D. João creio ter visto em mim um homem que não mente. Apesar da minha rudeza, estimou-me sempre. E com isso muito me honro.

Mas, como ia dizendo, encontrando-o em dia infeliz para mim, experimentei, por ultima vez infelizmente, o mesmo contentamento de sempre. Elle sorriu-me affectuosamente; disse-me que ia, que necessitava dar um passeio; e perguntou-me se eu não quereria acompanhá-lo pela Avenida acima.

Accedi logo, torcendo o destino projectado e antegostando o prazer que ia ter e de que muito carecia; o prazer do imprevisto, do inedito, da essencia peregrina de que a mais nobre bohemia, a bohemia litteraria, usa alimentar-se.

E fomos lentamente, parando a conversar com uns e com outros; mas parando muitas mais vezes porque o coração do meu caro D. João já cançava. De mais elle ia falando e por vezes arfava-lhe o peito, exigindo paragem e descanço.

— Mal sabe você aonde eu vou, diz-me elle á saída da livraria. Vou ver uma sobrinha a quem succede um dos casos mais enternecedores que você pode imaginar. Casou vae pr'a dois annos, tem um filho de um anno e acaba de ter uma outra creança. Mas imagine você que, nesse estado, adoece-lhe de repente o primeiro pequerrucho com diphteria; levam-lh'o para fóra de casa e só hoje lh'o trazem curado. E ainda assim, ella só poderá vê-lo atravez d'um vidro. Não o póde beijar. Imagine você o que isso será. Vou vê-la...

A physionomia enternecida illuminára-se-lhe e D. João acendia á pressa um cigarro, talvez para esconder a intensidade da commoção que o dominava. E, emquanto nos encostavamos a uma loja qualquer para dar logar a quem passava, do meio d'uma alluvião d'artigos orientaes, duas ou trez amaveis *geishas* estampadas em ventarolas de cabos acharoados sorriam-nos suavemente. Falámos do eterno sorriso que á mulher japoneza impõe uma requintada civilisação de bom tom e de bom gosto. D. João não quiz porém, ou pareceu não querer que tal costume fosse privativo de regiões em que o christianismo não conseguira implantar-se. E contou-me que existe uma ordem religiosa em que o sorriso é sempre obrigatorio, sejam quaes fôrem os estados d'alma das irmãs que nella professam e vivem, e as situações em que ellas se encontrarem.

Mas os louvores á egreja triumphante não ficam por ahi. Discorrendo num thema tão grato ao seu religiosissimo espirito, citou-me em seguida varios trechos, todos elles penetrados de evangelica ternura e todos elles de Santo Agostinho. A citação, que me surprehendeu, causou-me ao mesmo tempo um grande prazer; porque me parecia obedecer aos dois seguintes intuitos, ambos elles egualmente carinhosos.

Havia dias que conversando com elle acêrca d'esse grande doutor da egreja e da sua theoria da *Graça* e da *Predestinação*, eu me manifestára em sentido contrario ao que por certo seguia o meu mallogrado amigo. O feitio combativo que herdámos do romantismo e o culto d'aquillo a que impropria ou

ironicamente alguem chama *os eternos principios*, levaram-me a achar feroz, violento, atrósmente cruel o espirito d'essa theoria; e a tratar o seu colossal auctor como podem tratar-se os politicos eminentes, como penso que devem ser tratados os tenores applaudidos e como os genios originaes costumam ser tratados pelos politicos eminentes e pelos referidos tenores applaudidos.

D. João certamente me não levou a mal o mau gosto da pequenina perversão que, de resto, visára apenas a provocar a sua defesa de ideias arreigadas e fundamente sentidas. Mas, ao tempo, nada me disse; deixou passar. Creio porém que elle desejava congraçar-nos, a mim e ao Santo Agostinho, bem como necessitava de pôr as coisas no seu logar; e que a isso tendiam as citações atrás referidas.

Chegára-me portanto a vez de ficar calado e assim fiz.

D. João gostou indubitavelmente; mostrava-se satisfeito e disposto a continuar nas suas citações, quando alguem nos fez parar. Estavamos defronte do D. Maria. Falou-se de theatro dramatico, da falta de actores, da inferioridade do publico. Mas, partido o critico, continuámos para o lado do Internacional. E mais uma vez fui dizendo ao D. João da Camara que os dramaturgos portuguezes são os unicos culpados da não existencia de bons actores, e elle principalmente, como o que mais poder tinha de crear vida, de crear typos inconfundiveis e reaes. E mais uma vez lhe apontei tambem o que se conta de Goethe e dos actores por elle formados: que nunca os houvera assim na Allemanha.

Em apoio d'este modo de vêr e da acção dirigente que julgo necessaria para melhorar o nosso theatro, chamei a sua attenção para o facto que se dá com todos os interpretes d'obras d'artes, os cantores e os concertistas que, como os actores, soffrem de uma doença que começa a atacá-los desde a primeira vez que agradam ao publico. Por menor esforço, por vaidade, por lisonja para com o publico inferior que os applaude numa communidade de sensações estheticas rudimentares, vão a pouco e pouco antepondo as suas por vezes insignificantes personalidades ás dos auctores que interpretam. E assim transformando, invertendo os caracteres, chegam a desnaturá-los até ao ponto de se illudirem, suppondo de creação sua a obra que executam, os typos que encarnam.

Aqui D. João interrompe-me para me dizer jovialmente:

— Você não ha-de querer que elles sejam todos Novellis, Zacconis, ou Duses. E olhe que até esses se enganam, meu caro Arroyo.

Que responder a quem sempre encontrou uma taboa de salvação a offerecer a quem muitas vezes não só não merecia o seu auxilio, como só deveria contar com uma attitude severa e rude da sua parte!...

Fiz por isso desviar a conversa para terreno menos ingrato e falei-lhe da sua nova peça. Elle disse-me que só fizera duas sce-

O ACTOR BRAZÃO

No D. Fuas do «Alcacer-Kibir»

Padre. Diga. Margarida
(Ester hesita, Paulo olha para ella tremendo, Esperança encosta-se ao Padre)

Mosca (dentro cantando)

Teu malmequer disse: muito,
E disse o meu: mal-me-quer.
Em ti sómente eu pensava,
Em quem scismavas, mulher?

Padre Ainda não. Chega um pobresinho. A esmola e a oração são os verdadeiros caminhos para obter a protecção divina. Deus nos escuta. Esmola para o cego.

Scena 21

Os mesmos, Cego e Mosca.

Cego (entrando) Esmola para o cego

AUTOGRAPHO DE D. JOÃO DA CAMARA

Trecho da peça inedita «Um milagre de Santo Antonio», em collaboração com Eduado Schwalbach e Henrique Lopes de Mendonça

nas das *Comadres de Panoias;* que as deixára a conversar á porta de casa. E que ultimamente havia traduzido em francez a *Meia Noite*. Havia de m'a lêr para eu lhe dar a minha opinião.

Pedi-lhe vivamente que não abandonasse as peças portuguezas, as suas lindas peças alemtejanas. Porque eu estou em dizer que, apesar da anarchia romantica que domina numa grande parte da obra de D. João da Camara, d'esse romantico incorrigivel, ninguem como elle sentiu a poesia da vida rural do sul do nosso paiz; ninguem foi tão portuguez, tão genuino e honesto na actual litteratura dramatica, como D. João. Ninguem como elle soube evocar a simplicidade ingenua e os conflictos sentimentaes das almas puramente portuguezas e populares. E, ainda nos momentos em que o dialogo apparece falseado pelo espirito romantico e por convencionalismos litterarios que o prejudicam, ainda ahi o seu p - der de evocação é tão sincero, a sua visão tão exacta, que as figuras pouco perdem da sua absoluta realidade. Vivem e movem-se de facto, não são de pau.

D. João creára assim uma galeria de typos portuguezes inconfundiveis e geralmente authenticos. E pena foi que a galantissima creação do D. Fuas do *Alcacer-Kibir,* esse interessante e original symbolo do amor da patria portugueza, fique isoladamente como unica figura d'uma serie que D. João, melhor e mais conscientemente do que ninguem, podia evocar: a da classe em que nasceu.

Mas a esse tempo já o D. João me não ouvia. O seu espirito havia fugido para longe. Provavelmente *Os velhos,* por natural associação de idéas, levaram-no a pensar nos novos; porque elle passou então a falar-me d'um dos seus assumptos favoritos: — *Os seus netos.*

— O mais velho, o rapaz, é d'uma ternura inexcedivel, contava, sorrindo; é serio como um homem, muito bomsinho e já todo cheio d'attenções (para elle certamente, o avô infinitamente carinhoso e tolerante). Mas a minha neta, essa é brava; e muito viva...

Nisto, interrompendo-se bruscamente e como que possuido de um grande remorso, pergunta-me olhando receioso, mas muito persistentemente, para mim:

— Você não acha, ó Antonio Arroyo, que a responsabilidade dos avós não é como a dos paes?... Os avós são outra cousa; podem escolher, podem ter preferencias. Os paes não. Eu confesso que gosto egualmente de todos os meus filhos.

E em voz grave e muito doce, voz d'artista que me encantava e me enternecia, fez-me então, em confidencia, a descripção de cada um d'esses sêres que comsigo trazia sempre no coração, que o adoram e hoje e sempre hão-de chorar a perda irreparavel d'esse homem d'eleição.

Eramos chegados á porta da sobrinha do D. João. Apertei-lhe a mão por ultima vez e fui pensando que já por pouco estaria a vida do meu nobre amigo Ha tempo até que já o vinha pensando. D'essa trindade d'amigos que por tantos annos trabalharam juntos e no mais «alegre convivio», como disseram no *Burro do Senhor Alcaide,* Gervasio Lobato, Cyriaco de Cardoso e D. João da Camara, só elle restava. Cada um d'elles supposéra mais do que devia das proprias forças; e morriam novos, em pleno vigor de talento, a mente cheia de projectos, cercados de affectos e d'esperanças. Mas mal cuidava eu, apesar d'isso, que poucos dias depois o meu caro amigo succumbiria por seu turno.

Tinha morrido o conde da Ribeira Grande, o irmão querido, o chefe da casa. D. João apparentava a mesma calma de sempre. Mas o golpe fôra profundo e o seu abalado organismo não poude aguentá-lo por muito tempo. Ainda festejou, ou apparentou festejar, com os seus, os 55 annos que completava a 27 de dezembro. No dia seguinte porém, logo de manhã, sentiu-se ferido de morte. Conheceu-o. As lagrimas corriam-lhe pelas faces, o peito arfava-lhe em suspiros dolorosos, olhando para os filhos. Acabára tudo.

E na ultima visão d'artista, no delirio da febre, foi o fim de tudo que elle evocou, assombrando, e commovendo ainda mais, os seres que cá deixou em eterna saudade.

Essa robusta organisação não poude por mais tempo resistir a quem lhe exigíra mais do que devia, sem conta, peso nem medida. Apesar d'isso foi preciso sangrá-lo duas vezes: ainda tinha sangue de mais. Mas a sua vida de romantico fôra tão intensa, cortada de tão violentos incidentes e tão descuidadamente tratada, que os cuidados da medicina chegaram tarde e a más horas.

OS AUCTORES E OS INTERPRETES DO «ZÉ PALONSO»

Sentado, o actor Taborda; em pé, da esquerda para a direita, os actores Dias e João Rosa, a prima-dona Helena Theodorini, Gervasio Lobato, actor Valle, D. João da Camara, actriz Jesuina Marques, Henrique Lopes de Mendonça, actor Mello e actriz Amelia da Silveira.

Quasi todos os romanticos morreram novos. Parece que andaram na guerra, ou que foram á Terra Santa.

D. João presumiu de facto mais do que devia da sua rica e vigorosa organisação. Mas quem o não faria no seu caso, amando tudo e todos como elle amou, dispendendo tudo pelos outros, trabalhando com a facilidade e maleabilidade proprias do bello e nobre talento que possuia, e possuindo tambem o mais completo desprêso pelas grandezas da terra?

Dava tudo sem contar: trabalho physico, talento, ternura, dinheiro. E só se sentia verdadeiramente feliz, parece, quando já nada lhe restava.

Mas a complexidade do seu espirito, e do seu modo de ser, não se comprehende bem sem se lhe conhecerem as suas obras vivas, os seus filhos. Todos diversos pelo temperamento, pelo caracter, pelo talento; as filhas ninguem as pode sonhar mais lindas, mais gracís, mais bondosas, nem mais senhoras.

Mas todos elles e todas ellas, se attentarmos bem, todos e todas se continham na pessoa do pae. De modo que, ouvindo ou vendo um d'elles, uma d'ellas, é sempre uma porção do pae que ouvimos ou vemos. Difundiu-se, dispersou-se na mais encantadora e nobre geração que é dado ter. Dando a cada um muito, como deu, nunca comtudo poude tanto quanto possuia. Não admira pois que se illudisse, que imaginasse que ainda lhe restava muito para gastar.

Morreu porém com a resignação de um santo, como só um grande e nobre espirito sabe morrer.

E no doloroso transe quem mais me impressionou, definindo-o com a maxima simplicidade, foi a sua nobre companheira, a mãe de seus filhos. Ella que fôra mulher de um artista, d'um grande artista, com a aggravante de ser um romantico incorrigivel, de possuir a adoração de quantos o conheciam e o roubavam á casa e á familia, ella disse-me apenas estas palavras:

— O João era um santo!...

. . . .

Depois commoveu-me ainda profundamente o aspecto das gentes que fui encontrando no percurso do cortejo funebre que levava o D. João ao cemiterio. Só vi rostos tristes e compungidos.

E' que todos lhe queriam do fundo d'alma. E não era só pela sua infinita bondade. Quero crêr que viam nelle o poeta do Sul, o poeta afim com elles, sentindo muito mais, superiormente, mas sentindo como elles sentem.

E este foi o ultimo passeio de D. João da Camara.

Era o seu espirito peregrino que passava.

6 janeiro 1908.

ANTONIO ARROYO.

Quinto concurso photographico dos Serões

MENÇÃO HONROSA

Um trecho do rio da Areia (Vallado)

Phot. de Cesar Coelho da Silva, Nazareth

O COVIL DO TIGRE
Quadro de Gustavo Surand

Féras, jaulas e domadores

DESDE a velha Roma, em que se enjaulavam os leões, os tigres, as pantheras, para os soltar nos amphitheatros a devorarem os christãos, foi sempre prazer captivante para o homem prender em jaulas as grandes féras dos paizes mais remotos do globo; e a influencia sobre ellas exercida pelos *domadores* constituiu sempre o assombro das platéas dos circos. Tinham-as os imperadores romanos e os ricos senhores da velha Roma, nos seus jardins e opulentas mansões e, seculos depois, os reis portuguezes orgulhavam-se, desde D. João I, de as ter junto aos seus palacios. Houve as *leoneiras* na Alcaçova, e outras féras, como o rhinoceronte e o elephante, povoaram os baixos do sumptuoso paço da Ribeira, onde por seculos persistiu a tradição manuelina, que reviveu no reinado de D. João IV, em que a jaula foi convertida em leoneira, chamando-se ao sitio d'ella *pateo do leão*. Alli provocou o insensato Affonso VI a lucta da féra com um touro, que mandou introduzir no acanhado recinto.

Modernamente, não só em todos os paizes cultos se estabeleceram as grandes *ménageries* e os jardins zoologicos, como até constantemente se exhibem nos logares publicos arrojados domadores, com as mais diversas especies de féras, em jaulas, constrangendo-as perante o pasmo do publico, a executar exercicios e a obedecer, mais ou menos recalcitrantes, ás suas imposições.

Como conseguem os domadores educar e amestrar estes animaes ferozes? E' o problema que ultimamente tem sido objecto de largos estudos scientificos. O celebre F. Bostock escreveu a este respeito um curiosissimo livro, intitulado — *A educação das féras*, o qual se acha vertido em francez por miss Lilian Holbrook, sob o titulo de *Le dressage des fauves.*

E' erro imaginar, diz o auctor, que as féras tiradas ás mães de tenra edade são as mais faceis de domesticar.

Apanhada a féra aos 2 annos de edade, e sujeita então á acção intelligente e bem dirigida do domador, educa-se e torna-se obediente. Bom alimento, cama fresca e descanço obrigado abatem-lhe a ferocidade.

Emquanto a féra dorme, o domador acorrenta-a. Passa depois a metter-lhe na jaula uma cadeira de ferro, á qual a féra se habitua, e na qual por fim, o domador vem sentar-se. A féra atira-se a elle, mas o domador foge, esconde-se atraz da cadeira,

fustigando severamente o animal. Por fim, este raciocina, como o faria uma creança, e acaba por comprehender a inutilidade da lucta contra aquelle que lhe dá de comer. Pouco a pouco, a féra vai-se domesticando, até chegar o momento em que o domador se arrisca a acaricial-a, e as caricias são geralmente o elemento mais importante para a dominação do homem sobre ella.

O domador que possue qualidades excepcionaes de força, de valentia, de lealdade, de sangue frio, olhar fascinador e espirito tranquillo, consegue mais facilmente dominar as féras e obter d'ellas os assombrosos resultados que todos os dias admiramos nos circos.

LEÕES DO JARDIM ZOOLOGICO DE LONDRES

Não póde porém contar nunca com a amizade fiel de similhantes animaes, cuja intimidade é sempre perigosa. Sem que possa saber-se o motivo, é facto averiguado que o caracter e sentimento da féra mudam repentinamente, e o animal manso e submisso converte-se de subito em féra rebelde, inacessivel, caprichosa, que a todo o transe procura a occasião propicia para tirar cruel vingança do seu dominador.

E' tão inconsciente, tão notavel esta mudança repentina, que os domadores e os sabios zoologos, que d'este assumpto largamente se teem occupado, chegaram a convencer-se de que uma especie de loucura ou hysteria, uma doença violenta, acomette a féra, dando-lhe a *irascibilidade* invencivel.

Forçoso se torna então isolal-a em jaula especial, para evitar encontros, que não raro degeneram em lamentaveis tragedias.

Bostock e quasi todos os domadores confessam não perceber as causas que determinam nas féras esta irascibilidade perigosa. Suppõem-na uma doença, variavel entre a loucura e a hysteria. Mr. Gruger, porém, que se occupa do caso n'um estudo proficiente e curioso, aprecia da maneira seguinte o facto.

Se encerrarmos em cella fechada uma pessôa sã, é facil sobrevir-lhe a raiva e a loucura. Quanto mais viva fôsse antes a sua intelligencia tanto mais rapidamente enlouquecerá. O mesmo succede com os animaes. Se aprisionarmos um tigre ou um leão, e o mettermos no porão de um navio ou n'uma jaula de ferro; se depois o coagirmos aos tractos e ás torturas inflingidas pelo domador para o obrigar a exercicios acrobaticos, o animal embrutecido, dominado, submette-se; mas pouco a pouco vai crescendo dentro d'elle uma onda de revolta, que avoluma de dia para dia, até explodir de subito n'um acto violento de vingança. O domador então, habituado a vêr no animal uma machina obediente, um barro amoldavel aos seus caprichos e explorações, fica estupefacto ante a colera da féra.

URSO POLAR DO JARDIM ZOOLOGICO DE LONDRES

Numerosos casos se registam em que os domadores são victimas das féras, que antes tão tranquilamente lhes obedeciam.

TIGRE DO JARDIM ZOOLOGICO DE LONDRES

Conta um d'elles, que uma vez em que trabalhava com o seu leão, não tendo percebido que n'elle se déra a mudança que acabamos de descrever, teve por qualquer pequeno indicio, a intuição de que, quando estava mettendo a cabeça na bocca escancarada da féra, esta dava os primeiros signaes de irascibilidade contra elle.

Pensou rapidamente que retirando a cabeça com precipitação o desenlace seria fatal; procedeu pois como de costume, retirando a cabeça das fauces da féra, com serena mansidão. Mas, antes de o fazer por completo, o leão furioso fechava as mandibulas, apanhando-lhe ainda a extremidade do queixo.

Não menos ameaçados andam os guardas encarregados de tratar estes ferozes animaes nos jardins zoologicos e nas *ménageries.* Bastantes vezes as féras, que aliás os conhecem e lhes demonstram uma certa estima, se reviram contra os tratadores. Assim succedeu com o grande tigre Rajah, da collecção de Bostock, o qual n'um momento de ira esmigalhou com os dentes a cabeça do tratador, que morreu dias depois.

A estes accessos de ira estão sujeitos mesmo animaes de maior domesticidade, como os elephantes. O celebre domador inglez Jorge Lockart foi, n'um d'estes ataques de irà de um elephante fugitivo, que elle perseguia, arremessado violentamente contra um wagon e esmagado n'um momento.

A condessa X, que em 1900 exhibiu no Colyseu dos Recreios de Lisboa os seus 14 leões selvagens, veiu a morrer mezes depois nas garras de um d'elles; e o tigre *Cazar*, da magnifica alcatéa de 10 ferozes corpulentos e lindissimos tigres de Bengala, que ha pouco fôram apresentados no mesmo Colyseu, matou em New-York, n'uma horripilante scena de sangue, um dos seus companheiros e o ajudante do domador, o allemão herr Herwicksens, que traz em todo o corpo as cicatrizes demonstrativas da ferocidade dos animaes por elle apresentados.

Ainda ha dias, n'um espectaculo, ia sendo trucidado por uma das féras. Valeram ao domador a sua valentia e agilidade, pondo-se de um salto fóra do alcance do tigre revoltado, e compellindo logo com energia todas as féras a recolherem á jaula. O domador ficou ainda com a mão direita muito ferída e com o calção dilacerado pelas garras do carnivoro.

E não é só contra os tratadores e domadores que as feras se encarniçam n'estes accessos de furor. Nas féras captivas é vul-

JAGUAR DO JARDIM ZOOLOGICO DE LONDRES

gar vêr-se que, perdendo o natural instincto maternal, devoram ou matam os seus proprios filhos. A Academia franceza acaba de interessar-se por este curioso assumpto, a respeito do qual o sr. Trouëssart apresentou já duas interessantes Memorias, tomando por thema o caso recente da morte do pequeno hyppopotamo, nascido no jardim das Plantas de Paris, em 15 de agosto ultimo.

Como se sabe, estes corpulentos mamiferos attingem grandes dimensões. Aquelle que o explorador Henrique de Carvalho nos conta ter sido morto pela sua expedição no rio Cuengo, em 1885, apesar de ter apenas dois annos de edade, media $3^{m},80$ da cabeça á raiz da cauda, com a altura de $1^{m},50$. A cabeça, cuja ossada se vê no museu da Sociedade de Geographia, tinha $0^{m},70$ de comprido.

HIPPOPOTAMO DO JARDIM ZOOLOGICO DE LONDRES

O hippopotamo parisiense recemnascido, a quem deram o nome de *Marius,* era filho de um casal senegalense, que alli se conserva ha dez annos. Tem este casal tido filhos por diversas vezes, mas a mãe recusa-se sempre a amamental-os. Na previsão de succeder o mesmo mais uma vez, deram-lhe agora como amas de leite oito cabras, que forneciam ao todo 12 litros de leite por dia. Apesar dos cuidados que o director do jardim ordenou, o *Marius* morreu ao fim de 15 dias, victima de uma infecção purulenta nas feridas causadas pelos maus tratos da mãe.

E' de notar que a femea do hippopotamo em liberdade manifesta pelos filhos grande amor maternal. Assim o constatam os viajantes africanos. Mesmo captivas, algumas conservam este sentimento. E' o que succedeu com o exemplar existente no Jardim Zoolo-

gico de Londres, onde a mãe, depois de um parto laborioso, durante o qual soltava lancinantes e aterradores urros, começou a lamber ternamente o filho e prodigalizou-lhe os maiores disvelos, emquanto viveu.

Não assim os do jardim zoologico de Amsterdam, onde em 1862 nasceu o primeiro hippopotamo em terras européas, o

CABEÇA DE RHINOCERONTE BRANCO

qual, como outros que vieram posteriormente, morreu, victima de maus tratos dos paes.

E' frequente isto mesmo nas leôas.

Por este motivo o *rei dos animaes* se acha ao presente tão mal representado no nosso Jardim Zoologico. De um bello trio que alli houve a principio, vingaram muitos filhos, dos quaes o primeiro, o leão *Gambetta*, veiu a fallecer em 1890. Do segundo casal porém nunca vingou a prole. A mãe, que é a leôa viuva, unico exemplar que hoje alli se admira, devorava os filhos logo depois de nascidos, e os poucos que escaparam a esta ferocidade, morreram de doença.

No curioso *Dietario* de S. Bento, manuscripto da Bibliotheca Nacional, lê-se uma noticia que interessa ao assumpto. Cita-se alli o exemplo raro de um casal de leões, vindos de Tunis, e que em Paris procrearam dois cachorros, que não vingaram. Dizia-se então não haver registo de mais de dois casos de leões nascidos na Europa, um na casa de féras de Florença, e outro em Napoles. E comtudo, o leão é animal tão conhecido no sul da Europa como no norte de Africa, desde tempos immemoriaes. Resta ligada a sua tradição nos monumentos: na Alhambra, na fonte dos leões; nas *leoneiras* da Alcaçova e no *pateo dos leões* nos paços da Ribeira, em Lisboa, como na *porta dos leões*, em Marrocos.

De outras féras se tem obtido no nosso Jardim Zoologico a reproducção. Estão n'este caso o leopardo, os ursos, os lobos, os javalis e alguns quadrumanos.

Em regra, os domadores de féras tomam a seu cargo a creação das que nascem nas *ménageries*. Geralmente os leõesitos ficam só quatro a cinco semanas com a mãe. A difficuldade está no apartamento.

Chama-se a leôa a outra jaula, e apanham-se os filhos quando a colhem distrahida. Não tardam depois as demonstrações violentas de raiva e de desespero. A leôa, enfurecida, agitada, percorre a jaula em todas as direcções, como louca, urrando e bramindo, atirando-se contra as grades, escutando attenta, e soltando verdadeiros gemidos de dôr se ouve ao longe os gritos dos leõesinhos.

Os ursos são os animaes que mais facilmente acceitam o ensino dos domadores; por isso é tão vulgar o velho uso dos ursos trazidos pelas ruas e praças, feiras e festas da provincia, dansando, pulando e urrando ao som do tambor e ao aceno da vara do cigano que os domesticou.

Não ha muitos dias presencearam os frequentadores do *Paraiso de Lisboa* o curioso espectaculo de 14 ursos brancos polares,

CRANEO DE HIPPOPOTAMO

corpulentos e de magnifico aspecto, apresentados pelo domador Albers, não só executando diversos trabalhos acrobaticos e de lucta corpo a corpo com o arrojado dono d'estas perigosas féras, como tambem banhando-se no lago, em cujas aguas se despenhavam por um plano inclinado. Os ursos escuros, são já muito conhecidos do publico

E' alli que vão abastecer-se dos exemplares raros, que pelo mundo apresentam em maravilhosos espectaculos, todos os domadores; é d'alli que se fornecem os jardins zoologicos de toda a velha Europa.

O *Zoo* de Hamburgo occupa 36 ares de terreno, aos quaes o proprietario tenciona accrescentar outros tantos, e foi construido em trez annos. Servido por uma avenida propria, com carros electricos em carreira para Hamburgo, o *Zoo* abre

O DOMADOR HERR HERWICKSENS

da capital, que tem tido amiudadas occasiões de os admirar no Colyseu, onde egualmente o emprezario, sr. Santos, tem apresentado elephantes, leões, tigres, phocas, e outros curiosos animaes exoticos.

Realiza-se todos os fins do anno em Hamburgo, uma grande feira, curiosa e interessantissima, na qual não só abundam os mais variados espectaculos, como principalmente se admira o notavel mercado de animaes ferozes. Existe tambem naquella cidade, além do riquissimo Jardim Zoologico, rival do opulento Jardim Zoologico de Anvers, um celebre negociante de féras, Karl Hagenbeck, que em Stelligen, nos arredores da grande cidade commercial, mantem em terrenos vastissimos, uma singular *cidade de féras*. N'um terreno cercado de fossos largos, vivem os animaes em plena liberdade, em florestas, cavernas e lagos.

OS TIGRES DE BENGALA
QUE ESTIVERAM NO COLYSEU DOS RECREIOS EM 1907

Féras do Jardim Zoologico de Lisboa

por um portal magnifico ornado de estatuas de bronze representando féras e animaes. Dentro ha cavernas, grutas, lagos, pontes, e montanhas simulando serranias alpestres. O que é deveras original é a maneira porque os leões, e outras féras perigosas se exhibem ao publico, sem grades de ferro, sem jaulas nem prisões apparentes. O recinto onde vivem é constituido por grutas, cujo fundo e leito são formados por altas e escarpadas rochas inacessiveis, ao passo que pela frente, entre ellas e o publico, corre um fosso largo e profundo cheio de agua. Pela montanha, simulando as regiões arcticas, ha um lago com as phocas e pinguins; mais além vivem os ursos polares. Nas planuras vagueiam em liberdade os bandos de camelos, de dromedarios, de girafas, de zebras, de antilopes, etc.

A PANTHERA SULTANA

CARLOTA, LEÔA DO SENEGAL NASCIDA NO JARDIM ZOOLOGICO

O URSO DOMINGOS

OLEOPARDO
Offerta de S. A. o Principe Real

A collecção de animaes, alguns raros e de muito valor, é enorme e preciosa. Só a população do *Zoo* está avaliada em 50:000 libras, mais do que o dobro do valor das collecções riquissimas do Jardim Zoologico de Londres.

Bastará dizer que por occasião da visita de um naturalista, que escreveu a sua impressão pessoal, havia alli 53 leões, 7 tigres de Bengala, 4 leopardos, 4 rinocerontes da India (animaes que não apparecem nos mercados ha mais de 35 annos), 3 elephantes de Africa, etc.

Pelo parque, bellamente ajardinado, ha os pavilhões, os restaurantes, em um dos quaes a sala de jantar pode conter 700 pessoas á mesa, os lagos e ilhas, brinquedos e divertimentos para creanças, carrinhos, elephantes, poneys, camellos e zebras empregados em transportes, tudo emfim quanto possa tornar este jardim attrahente e agradavel.

Junto á *ménagerie* está a habitação de Hagenbeck, o grande negociante, cujo aspecto simples e tranquillo nada revela do seu temeroso mister. O domador leva em Stéllingen uma vida patriarchal, no meio d'esses companheiros muito pouco amaveis, tigres, pantheras, leões, e outros animaes bravios. Ao lado da residencia de Hagenbeck está o circo destinado ás lições de ensino das féras e animaes, que em roda se admiram, distribuidos em jaulas.

A' força de verem o domador, diz Hagenbeck, as féras perdem as tentações de o devorar. E' um pouco o que succede aos caixeiros de confeitaria, que já raras vezes provam os bolos que vendem aos outros. A's primeiras investidas porém o perigo é grande e tornam-se necessarias mil precauções. A mais importante é verificar se as féras almoçaram abundantemente, e depois esperar que façam a digestão socegada.

«Assisti, conta o viajante, que visitou a *ménagerie*, a espectaculos extraordinarios. Um rapazito sentado tranquillamente dentro de uma jaula cheia de leões e de ursos, fumava com gosto a sua cachimbada. Outro domador jogava o eixo com alguns ursos brancos, sobre os quaes pulava alegremente. Outro ainda fazia o mesmo a uma hyena, das chamadas *rieuses*, das que riem com um riso sinistro, ao passo que outro dava leite por uma mamadeira a um leãosinho.

«Nos vastos terrenos da *ménagerie* vagueavam á solta os mais variados animaes, esvoaçavam aves de rara plumagem, ao passo que em manadas corriam os camellos e os cavallos da Siberia.

«Uma verdadeira arca de Noé, a mais phantastica do mundo, posta alli á disposição dos visitantes.»

A minha idéa ao estabelecer este *Zoo*, diz Hagenbeck, foi crear um parque modelo com feição natural, como eu entendo que de futuro devem ser os jardins zoologicos, que forçosamente hão de vir a estabelecer-se em todas as cidades de uma certa importancia. N'esta justa comprehensão scientifica o sr. Ernesto A. Gomes de Sousa, illustre capitão de fragata e director do observatorio meteorologico e magnetico de Loanda, apaixonado cultor das sciencias naturaes, creou e sustenta em Loanda um jardim zoologico, importante nucleo de animaes bravios das colonias africanas, de onde generosamente tem remettido para o Jardim Zoologico de Lisboa mais de cem exemplares interessantes e valiosos.

N'este, de Lisboa, ha um exemplar muito notavel da domesticação de uma féra.

E a *Sultana*, panthera nascida no Cacondo, onde a deram de presente ao commissario de bordo, sr. Alfredo da Fonseca. O animal fôra creado a *biberon* pelo francez mr. Pierre Puvel, que o conservou até aos 18 mezes, edade em que o offertou ao nosso compatriota, em 1904. A féra, emquanto nova, tornou-se mansa como um gato europeu. Não mordia nos brancos e apenas embirrava com pretos mal vestidos. D'este estado de domesticidade ainda hoje conserva vestigios mostrando-se sensivel aos affagos que lhe fazem atravez das grades.

Contaram-me tambem o caso singularmente notavel de um orango-outango domesticado por um armador de navios, que o empregou em servir á mesa, n'um grande jantar de festa que offerecera a outros armadores e á tripulação do navio. O orango, muito desconfiado, ia comtudo fazendo o serviço como um ligeiro creado de hotel.

Mas n'esta especie, como na dos chimpanzés e de muitos outros quadrumanos, são perigosas as furias de irascibilidade. Haja em vista o succedido com a celebre *Joanna*, chimpanzé que durante muito tempo constituiu o maior attrativo do Jardim Zoologico de Lisboa.

Este chimpanzé, taes turbulencias praticou, aggredindo n'um dos seus dias de irascibilidade o creado do seu antigo dono, o sr. dr. May Figueira, que este se viu constrangido, para evitar maior desgosto, a deposital-o no Jardim, e a vendel-o por cento e tantas libras ao emprezario Barnum, que depois o exhibiu como um prodigio pelas principaes cidades dos Estados Unidos.

* * *

O dominio exercido pelo homem sobre as féras excita a curiosidade e o interesse das multidões. E velha a tradição, narrada pelos chronistas romanos como Aulo Gelio, do caso singular do escravo Androcles.

Lançado este ás feras, no circo romano, o publico feroz que enchia o amphitheatro viu com assombro o grande leão da Numidia, encarar no escravo e lambel-o ternamente como mollosso fiel e submisso. O Cesar quiz saber o motivo de tão extraordinario acontecimento, e perguntado o escravo contou que, andando fugido no deserto, se lhe deparára um dia o leão, coxeando com um espinho cravado na pata, soltando lamentos de dôr. Androcles, com mil cautelas, arrancou-lhe o espinho, e o leão, reconhecido, partilhou com elle a sua caverna, durante alguns mezes.

PARQUE ZOOLOGICO DE CARL HAGENBECK EM HAMBURGO
VISTA GERAL DAS PRINCIPAES EDIFICAÇÕES

Quiz a boa sorte do escravo que viesse encontrar na arena o seu amigo leão da

A INSTALLAÇÃO DOS LEÕES NO PARQUE ZOOLOGICO DE HAGENBECK

Numidia. O imperador perdoou ao escravo, e depois este passeava pelas ruas de Roma, trazendo o seu leão captivo, apenas seguro por uma fragil correia.

A tradição biblica conta-nos que o propheta Daniel, no anno 606 antes de Christo, fôra lançado á cova dos leões por ordem do rei de Babylonia, e que as féras o deixaram incolume. Passou este facto á conta de milagroso; nos nossos dias porém, um caso analogo e sobremaneira notavel, se passou nas altas regiões da serra da Estrella. Narrou Castilho, com a sua penna de ouro, este lance inacreditavel. Um pastor que voltava de uma festa aldeã, com sua rabeca, caiu de subito no fundo de um fôjo, armadilha preparada para dar caça aos lobos, que infestavam a região. Alta noite, caiu junto d'elle um lobo, e o pastor vendo a féra recuar ao som inesperado que uma das cordas da rabeca produziu, começou a tocar e assim conseguiu dominar o lobo pelo terror, até que de manhã acudiram a salval-o. Este encantamento do lobo da serra, faz lembrar o muito conhecido influxo exercido pelos *encantadores* indios sobre a sensivel Naja e outras serpentes da India, que o *jongleur*, com seus trajos amarellos e largo turbante na cabeça, arrasta atraz de si, ao som de um pequeno instrumento ou flauta caracteristica, obrigando aquelles perigosos ophidios a uma dansa singular, serie de movimentos cadenciados e extranhos, conhecidos pelo nome de *Dansa das serpentes.*

Ao passo que o *domador* obtem das féras, animaes de instinctos *solitarios,* resultados com que se maravilham as plateias dos circos, outro resultado mais proficuo e admiravel obtem o homem conseguindo *domesticar* e avassalar aos seus designios, tornando-os seus auxiliares no trabalho, muitos animaes que antes viviam em bandos e manadas; assim, no decorrer dos seculos chamou á sociabilidade, o boi, o cavallo, o carneiro, a zebra, o cão, etc.

E assim vai conquistando, em prol da Civilização, auxiliares prestimosos, recrutados d'entre a vasta serie dos grandes animaes do globo.

Outubro — 1907. *Victor Ribeiro.*

QUINTO CONCURSO DOS "SEROES"

MENÇÃO HONROSA

Margens do Rio Douro (Espadanedo) *Phot. de Manoel Teixeira Monteiro, Porto.*

VISTA DO ASYLO DE RUNA

Velha guarda

Meu avô, o general Eça, era commandante do Asylo d'Invalidos militares, em Runa, desde 1885.

Quem lhe visse a estatura aprumada e marcial, a ruga que, perpendicular, lhe sulcava a testa, os olhos verdes e penetrantes como gumes toledanos, tinha a consciencia de estar diante d'um forte, mas não podia suppôr que sob aquelle peito arcado e amplo de velho caçador se abrigava um coração d'immensa e quasi feminil sensibilidade.

Era assim que nas noutes d'inverno, quando o vento irado fazia rumorejar as arvores do valle e soltar assobios estridulos e continuos aos buzios do moinho, no outeiro sobranceiro ao palacio, elle, sentindo-se alegre e feliz no conforto do lar, rodeiado dos seus, transbordava de infinita piedade por aquelles que sem familia, no ultimo quartel da vida, ouviam desencadear a tempestade sós nos seus quartos, revolvendo na memoria o passado, sempre saudoso, mas que, para quem não tem ninguem, torna cabida a sentida phrase do Dante, tão real para tantos, e que Musset alcunha de blasphemia n'uns encantadores versos que todos conhecem:

«Dante, pourquoi dis-tu qu'il n'est pire misère
Qu'un souvenir heureux dans le temps de douleur?»

Eram ao tempo trez os officiaes, graduados e velhos, recolhidos n'aquelle estabelecimento.

O major Almeida, portuguez, curvo, alquebrado, obstinado inimigo da agua e do ar, péssimista tão dicaz que desde novo o conheciam pelo *Má Lingua,* a qual n'elle, pelo excesso, não chegava a ser defeito.

Quando conversava começava por rasgar os ausentes, e depois sem mesmo o notar, chegava a vez das pessoas com quem estava fallando. Se dava por isso, a sua energia não afrouxava; passava a dizer mal de si e acabava por encolher os hombros, desdenhoso, resmungando ironicamente entre duas pitadas de rapé: — Os homens são bons! muito bons!!!...

Henri von Trescow, tenente, allemão da melhor linhagem, octogenario gentilissimo, irreprehensivel no trajo sempre branco, alto, magro, direito, rosto franco e altivo, olhos

azues, que deviam ter sido bellissimos, amortecidos pela idade, o peito e os pulsos varados por balas, as pernas trementes recuzando servi-lo. Muito intelligente, e além de optimo conversador um modêlo de bondade e cortezia. Acolhera-se a Portugal em resultado d'um duello com desastrosas consequencias.

Não lhe soffrendo o animo assistir como simples espectador ás luctas, então travadas entre nós, assentou praça no exercito liberal como voluntario. Com a carreira cortada e sem ambições, nunca mais voltou á patria que amava com devoção.

El-Rei D. Fernando distinguia-o com a sua amizade, escrevia-lhe cartas do seu proprio punho e estabelecera-lhe avultada mezada.

O alferes Charles Beghuim, francez, viera para Portugal contractado, como muitos outros, fazer a campanha contra o usurpador.

O GENERAL EÇA

Feio, grosso, atarracado, tão velho como Trescow, mas agil e forte. Dizia ter «oitenta primaveras, porque a sua alma juvenil não conhecia invernos». Quando morreu, com oitenta e seis annos u talvez mais, achava-se perdidamente enamorado por uma rapariga de dezenove. E vão lá dizer que o coração envelhece!

Tinha certo talento, inda que inculto; pintava, versejava, presumia de homœpatha mostrando soberano desdem pelo antigo systema. Dizia-se excellente cosinheiro e optimo caçador. Não lhe bastando estes encyclopedicos conhecimentos, resolveu-se a inventar uma machina de guerra.

Essa peça, modelar a todos os respeitos, destinava-a elle, em seu coração, á ruina da Allemanha. A França, possuindo *em segredo* aquella metralhadora unica, podia tornar-se em breve senhora do mundo; n'este p nto assaltavam-n'o delicados escrupulos.

«Aquella poderosa arma não se voltaria nunca contra Portugal?» — Era preciso não esquecer estipular essa condição no contracto com o governo francez: era difficil a sua situação, muito melindrosa: via-se «como um rapaz tendo de escolher entre uma querida mãe e a noiva extremecida do seu coração».

Um dia de dezembro, não posso precisar a data, admittiu elle os seus dois camaradas a exame da *Exterminadora*, o que, seja dito de passagem, não era honra concedida a todos.

Trescow, alma vibratil e aberta a todo o generoso sentir, sorriu ás illusões de Béghuim; gabou-lhe a obra, fingindo reconhecer-lhe as vantagens que elle enumerava vaidoso.

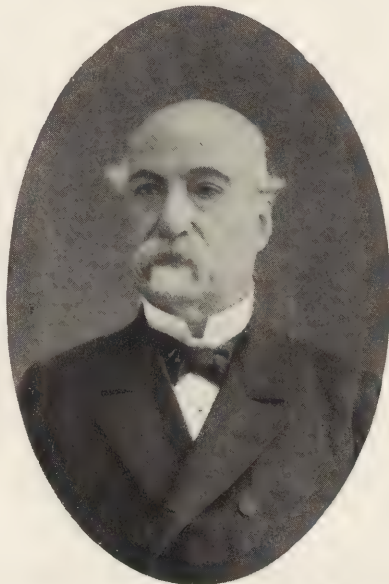
Fallando depois do maravilhoso invento, dizia com os olhos humidos: — «Duas vezes somos creanças; aquelle sonho é a felicidade da sua velhice; empresta-lhe um futuro que já não tem.»

O major, sempre mordente e mal humorado, alcunhava-lhe a obra de loucura senil, aconselhando-lhe um passeio até Rilhafolles.

O francez sorria com ar superior e n'um silencio eloquentissimo lançava-lhe um olhar piedoso.

A tarde d'esse dia mostrou-se asperrima. A chuva chicoteava as janellas, e o vento bramia pelos longos corredores; ás quatro horas estavam as luzes accezas de ha muito. Meu avô, segundo o seu costume, passeiava d'um lado ao outro da sala, com as mãos cruzadas atraz das costas; eu acompanhava-o n'aquelle insuportavel vae-vem, ouvindo pela centesima vez o ataque ás linhas do Porto em que lhe morrera o irmão; n'isto os relampagos illuminaram o valle, o trovão ribombou, a chuva recrudesceu e o vento sul, soprando rijamente, parecia querer arrancar as arvores do chão.

— Pobres velhos! murmurou meu avô, este desolador quadro d'inverno deve gelar-

lhes o coração; ter em si o isolamento e em volta este concerto, é triste!

Depois de minutos de silencioso passeio, chamou um creado, fez installar trez poltronas em volta da mesa, accender mais luzes, e voltando-se para mim que assistia calada áquelle arranjo, disse:

— Ist agora tem um aspecto mais alegre; vamos busca-los.

Fomos. Os dois primeiros mostraram uma certa resistencia, mas afinal vieram; o terceiro era certo lá todos os serões.

O avô, muito mais novo do que elles, julgava-se quasi rapaz e dispensava-lhes os mesmos cuidados que nós tinhamos para com elle. Sabendo, por experiencia propria, que nada encanta como recordar, levou a conversa para as guerras da sua juventude e dentro em pouco animados, risonhos, prazenteiros, soltavam gargalhadas, cruzavam ditos, repetiam anecdotas e, a não serem minhas tias que, tendo sahido surrateiramente da sala e reunindo em volta de si os creados, resavam em côro a *Magnificat*, ninguem notava a tempestade que, rugindo em furia brava, parecia, nos seus sons inconfundiveis, ora uma imprecação do mundo aos ceus, ora a voz potente do Creador intimidando a terra.

O ALFERES BEGHUIM

A conversa corria quente; meu avô contava com enthusiasmo.

Trescow, com o olhar quasi brilhante, bradou:

— Era um valente!

— Nunca contava as suas façanhas, continuou meu avô.

— Dizem que nem gostava que se fallasse d'elle, corroborou Beghuim.

— E depois, meu general, depois? inquiriu impaciente o major.

— Foi então, concluiu meu avô, que o Conde, abraçando a situação n'um golpe de vista, avançou á frente dos seus sobre o flanco direito da posição inimiga, que não pôde resistir á investida.

Beghuim exclamou então com convicção sincera:

— Porque não tinham lá a minha metralhadora.

Meu avô occultou um sorriso, o major resmungou, e Trescow, visivelmente contrariado por aquelle jorro d'agua fria que o chamava á realidade, perguntou com leve ironia que o altivo francez nem suspeitou:

— Olhe cá, monsieur Beghuim; porque não offerece ao governo allemão a venda da sua machina? Isso dava-lhe decerto uma fortuna.

O velho alferes, se lhe tivessem apontado ao peito a ponta d'um florete, não se ergueria n'um impeto mais juvenil. Com o rosto afogueado pela colera, olhos faiscantes de indignação e voz estrangulada na garganta, bradou:

— Vender aos allemães a minha invenção?! aos allemães!!! antes sepultá-la no fundo do Tejo... antes anniquilá-la eu proprio do que vê-la em taes mãos.

O gentilissimo allemão, ao vêr a borrasca que conscientemente provocára, respondeu n'um sorriso desdenhoso:

— Eis os francezes. Teem o coração ao pé da boca e esquecem que esses arrebatamentos são talvez o unico, mas grave symptoma da sua fraqueza. Sangue frio é a primeira qualidade dos fortes.

Beghuim, mais assanhado por sentir a verdade da asserção, ia repostar galhardamente, mas o major interrompeu-o dizendo para meu avô:

— Aqui está, meu general, o que são estrangeiros. Nem depois de velhos sabem o que é senso commum! E voltando-se para o

official francez n'um tom de malevolencia e superioridade verdadeiramente comico:

— Alferes, se o nosso general consente, dê-nos antes umas cantiguinhas de Beranger; é em *cantigas* que os francezes são eximios.

Beghuim dominára-se. Reconhecendo que se havia irritado nimiamente, acceitou a diversão que lhe propunha o major, sem comtudo lhe perceber o duplo sentido da phrase.

Conservar, aos oitenta annos, uma voz fresca e melodiosa era uma das vaidades do bom velho. De pé, apoiado ás espaldas da cadeira, entoou com garbo varias canções militares. Escutavam-no todos, incluindo meu avô, de olhos brilhantes e rostos enrubescidos,

Como corseis de batalha
Ouvindo ao longe o clarim.

Então o veterano, cada vez mais animado, cantou na conhecida toada do 14 de julho, de Beranger, a retirada da Russia. Ao terminar com voz vibrante e cheia de sentimento

Ils dorment sous la neige
Et le tambour ne les eveillera plus

o major e o bom allemão choravam; meu avô mesmo tinha nos olhos um brilho desusado.

O alferes, com um sorriso vingativo, disse:

— Os francezes não choram nem depois de velhos.

Trescow, dando livre curso ás lagrimas e tentando erguer-se, procurava desculpar-se com meu avô d'aquella commoção, que achava impropria de si e do logar, mas relanceando os olhos afflictos em redor viu que o major baixava desmedidamente a cabeça. Olhou-o investigadoramente inquirindo:

— Que é isso, major?

E' o Almeida, tirando sem pejo o lenço da algibeira, limpou as lagrimas, que lhe corriam em fio, e com voz tremula respondeu:

— E' que o tambor não nos acordará mais.

O avô fazia esforços em silencio para se mostrar enxuto, e Beghuim, n'um movimento impulsivo, estendeu a mão a Trescow, ao passo que com as costas da outra limpava os olhos, n'um gesto quasi infantil, murmurando commovido:

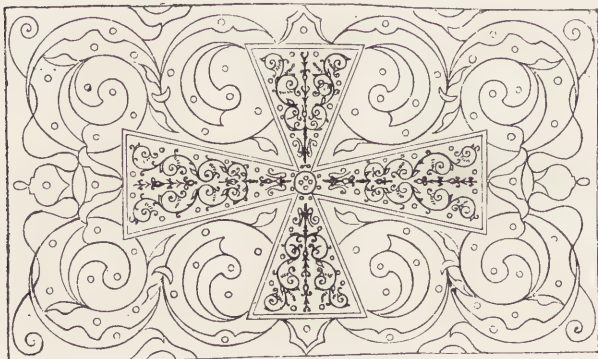
Et le tambour ne nous eveillera plus!

Eu, que tinha apenas treze annos, sentia o coração horrivelmente opresso ante a pungitiva saudade dos velhos militares. Felizmente minhas tias, tendo terminado as suas orações, voltaram á sala e a conversa tomou novo rumo: mas o enthusiasmo não voltou.

Todos morreram já.

Hoje, passados mais de quinze ann s, inda a ideia d'aquellas lagrimas me commove e os sons da toada em que o francez cantava eccôam-me dolorosamente no coração.

As impressões da mocidade são indeleveis.

MARIA PEREIRA D'EÇA O'NEILL.

CACHOEIRA PAULO AFFONSO

A CIDADE DE PENEDO

(No estado de Alagôas, Brazil)

O Brazil, este paiz de maravilhas que o *touriste* desprezador de fabulas nebulosas vae desvendando encantado e surprezo, semelha uma esplendida verdade luminosa e forte, que a treva da ignorancia envolvesse durante seculos e da qual o estudo a cada minuto fosse mostrando as linhas puras.

A treva da ignorancia! mas não só ella actuou para que ao longe se cobrisse de calumnias, de falsidades deprimentes, esta região d'um presente interessantissimo, captivante e absorvente, e d'um altissimo futuro!

Até ha pouco parecia que um proposito fatal levava o europeu intelligente ou não, que d'aqui regressasse ás grandes capitaes dos seus paizes, a ennegrecer os aspectos materiaes e moraes do Brazil, como sob a intenção mesquinha e condemnavel de arredar a concorrencia estranha...

Nós mesmo, que pela quarta vez pisamos o solo hospitaleiro da grande e prospera republica sul-americana, deixámos durante as tres primeiras de visitar o seu norte soberbo pela paysagem e pelo desenvolvimento social, que sempre nos apparecia crivado de referencias temerosas, perigos de clima, atrazos de civilisação, escassez de confortos, um mundo de pessimismos aterrantes e afastadores.

Mentira, tudo mentira!

Aqui está na presente descripção

d'uma cidade do interior do Estado d'Alagôas, descripção leal, desinteressada e sincera, o mais completo desmentido, o mais formal, a todas essas affirmações gratuitas e... burlescas, emfim.

O dr. Accacio Umbelino Ferreira da Silva, nosso distinctissimo patricio, alma d'oiro que interesses de familia levaram a vir residir em Maceió e a assumir a direcção d'uma importante casa commercial n'aquella cidade, quiz que eu viesse a Penedo sob a sua apresentação aos seus melhores amigos d'esta ultima localidade. E sabendo quanto amamos o pittoresco e o imprevisto, pôz á nossa disposição um hiate, pequena embarcação á véla, graciosa e ligeira, que em 18 horas fez 85 milhas, sem um incidente desagradavel ou temeroso. As tres grandes vélas desdobradas ao vento, seguras airosamente aos mastros elegantissimos, assim nos conduziram sem balanços, nem enjôos, por uma noite de luar e d'estrellas, e parti n'um dia de sol rutilo e fecundo. A sessenta e cinco milhas encontramos o rio S. Francisco, enorme curso de agua que nasce a qua-

RUA BARÃO DO PENEDO

Innundada pelo rio S. Francisco

O SUBURBIO CAMARTELLO

Durante as innundações

SUBURBIO BARRO VERMELHO

Durante as innundações

trocentas e tantas leguas do oceano, na Serra das Canastras, em Minas, e atravessa cinco grandes estados, alguns quasi do tamanho dos maiores paizes do velho mundo. A subida do magestoso S. Francisco é um rarissimo prazer para um contemplativo. Agora para mais elle fremia n'uma enchente ampla que inundava as povoações marginaes, obrigando os seus habitantes a abandonar momentaneamente as casas mais proximas dos caes, transformando alguns logares em microscopicas Venezas. Cortando a vasta superficie liquida, crusando-se comnosco, seguindo-nos ou antecedendo-nos, outros hiates e embarcações mais pequenas entregavam-se como nós ao sabor da brisa perpassante enfunando os *latinos*.

O rio é navegavel em todo o seu extensissimo percurso, excepção d'uns 100 kilometros em parte dos Estados da Bahia, Sergipe e Alagôas, onde cachoeiras consecutivas põem obstaculo invencivel á passagem de qualquer embarcação, sendo a maior a celebrada cachoeira de *Paulo Affonso,* que nos propômos visitar e descrever.

Percorridas as 21 milhas que separam Penedo da barra do S. Francisco, eis-nos saltando n'essa cidade, que é a maior e a mais importante das do norte do Brazil, não falando das capitaes dos Estados.

BARÃO DO TRAIPU
Ex-governador do Estado de Alagôas
Residindo em Penedo

Penedo não tem palacios, nem outras obras de grande architectura. Muito commercial e muito agricola, com bastantes industrias, cada proprietario foi construindo edificios publicos ou particulares na medida das suas necessidades e gosto pessoal, sem superintendencia municipal, o que lhe deu uma feição ingenua e pittoresca. Possue algumas egrejas interessantes, como a do Convento de S. Francisco, a de S. Gonçalo e a de N. S. da Corrente, um theatro que se deve a um benemerito portuguez extincto, o sr. Manoel Pereira de Carvalho Sobrinho, algumas praças e um caes vasto e bom.

Aqui nasceram e morreram os inspirados poetas José Batinga e Antonio Romariz e aqui veiu tambem ao mundo o celebre diplomata e politico de alto valor Barão de Penedo, ministro e figura primacial do Imperio.

Aqui se publicam quatro jornaes semanaes, de pequeno formato, mas bem feitos: *Penedo, Luctador, Nacional* e *A escova,* este pequena revista de critica e humorismo.

Entre outros cultores da arte d'es-

crever destacam-se os nomes de Joaquim Gomes d'Assumpção, vibrante jornalista, hoje retirado a uma especie

DR. ACCACIO UMBELINO PEREIRA DA SILVA

de Val-de-Lobos, a Villa Nova visinha, Moreno Brandão, apreciavel litterato, e o fino poeta Sabino Romariz.

Perto d'aqui nasceu o brilhantissimo jornalista e jurisconsulto dr. Virgilio de Lemos, que dirige na Bahia a *Gazeta do Povo,* um esplendido jornal diario do qual o sr. José Augusto de Castro é respondente em Lisboa.

As principaes industrias locaes são: cortume de coiros, fabricação do oleo de mamona, industria d'enorme futuro, e o beneficiamento do arroz.

A lavoura produz excellente algodão, milho e arroz, em muita quantidade.

Tem fabricas prosperas e entre ellas a da Companhia Industrial Penedense, estabelecimento de grande importancia com 700 contos de capital, uma reserva de 350 contos, sem credores de qualidade alguma, dando dividendo de 25 %, com quatrocentos operarios e 180 teares. D'ella é director-thesoureiro o dr. Joaquim Peixoto, filho do nosso patricio sr. Manoel da Silva Peixoto, actualmente residindo em Lisboa e um dos mais activos, intelligentes e respeitados portuguezes que por aqui têm passado. O dr. Joaquim Peixoto allia a uma bella cultura, e á sua iniciativa e actividade hereditarias, um completo desprendimento pelo seu valor e posição. Sonha agora uma cooperativa para aquella fabrica, o que quer dizer que ella surgirá em breve.

Fomos arrancados do modesto Hotel Commercial, pequena hospedaria de provincia, onde á falta de melhor pousada nos tinhamos installado, pelo joven compatriota sr. Manoel Gonçalves, natural de Fafe, e socio da primeira casa commercial de Penedo, cuja firma Peixoto & C.ª é conhecida no paiz e no estrangeiro como uma das mais solidas e conceituadas.

A hospitalidade do sr. Gonçalves revestiu o carinho e a gentileza mais inolvidaveis; elle e sua graciosa e bondosa esposa, procuravam adivinhar o que desejavamos, n'uma perenne preoccupação de requintada amabilidade.

DR. JOAQUIM PEIXOTO

Deviam partir dentro de dias para ahi com uma demora de oito mezes.

O sr. Manoel Gonçalves tem pouco

mais de trinta annos e alçou-se com invejavel rapidez a uma bella posição social, mercê das suas qualidades de trabalhador e de honesto.

E' um exemplo; como tal o apontamos aos leitores.

Tambem muito nos obsequiaram os srs. Antonio da Silva Costa, Eduardo Pereira, Fernando Peixoto Sobrinho, José da Silva Costa, Manoel Peixoto Filho, todos da casa Peixoto & C.ª, os srs. coroneis José Matheus, Vieira de Figueiredo e José Moreno, amaveis cavalheiros brazileiros entre os quaes colloco com alta satisfação o sr. Joaquim Mazzoni, escriptor, negociante muito intelligente. Dois outros patricios teem de ter aqui referencias especiaes: o sr. M. Braga, chefe da casa do mesmo nome, grande caracter, queridissimo em Penedo, Bahia, Maceió e Pernambuco, negociante acatado por todos, vivendo da nostalgia da sua muito amada Braga. O outro, sr. João Loureiro, é um *yankee* pelo esforço.

RODOLPHO MACHADO DA SILVA

JOÃO ANTONIO LOUREIRO

MANOEL GONÇALVES

João Antonio Loureiro, cidadão portuguez natural de Alcobaça, embarcou para Pernambuco em março de 1875, permanecendo alli no commercio até 1882, epocha em que passou a residir em Maceió, capital do Estado de Alagôas.

N'esta cidade fez parte como socio gerente de duas importantes casas de modas, a *Nova Aurora* e *Primavera*, estabelecimentos a que deu o maior impulso e conseguiu collocar entre os primeiros do norte do Brazil.

Em 1893, desligando-se dos referidos estabelecimentos, fundou a Empreza de Illuminação a Luz Electrica da capital, a que dedicou o melhor de sua actividade, cujo serviço foi inaugurado em 14 de janeiro de 1896 com geraes applausos da população de Maceió, que assim se collocava na vanguarda d'outras capitaes do paiz com a adopção de tão bello systema illuminativo.

Fundou tambem em Maceió por sua exclusiva iniciativa, em 1903, o *Parque Club*, estabelecimento de diversões que rivalisou com os principaes do Norte do Brazil, frequentado pela *élite* da capital, onde um theatro, em que se exibiram alguns artistas de nomeada, e um esplendido *Carroussel* importado d'America do Norte, fizeram na época as delicias dos *habitués*.

Não correspondendo os resultados da Empreza de Luz Electrica aos enormes sacrificios e capitaes empregados, resolveu em 1904 passar a direcção a outrem e foi fundar na cidade de Penedo a Empreza de Abastecimento d'Agua de sua exclusiva propriedade, melhoramento ha muito reclamado, a qual foi inaugurada em abril de 1904.

UMA FLOR DO PENEDO
A menina Aidil Peixoto

Fixando desde então n'esta cidade a sua residencia, mantem ali a sua firma commercial de Loureiro & C.ª, de Commissões e Consignações, em relações com as principaes praças do paiz e do estrangeiro.

Consorciou-se em 1889, em Maceió, com a ex.ma sr.ª D. Maria Haydé de Sequeira Loureiro, tendo actualmente duas filhinhas e um filho, Thomaz Osorio Loureiro, encantadoras creanças.

Acompanha este artigo, escripto sobre o joelho, uma serie de photographias de pessoas em evidencia em Penedo, da enchente que o anno passado o assolou, da Cachoeira Paulo Affonso agora impossivel de visitar, e d'alguns aspectos da sympathica cidade, onde os *Serões* teem innumeros leitores desde a apparição do apreciado *Magazine*.

ALCANTARA CARREIRA.

LUAR

Luar! O' grande chaga prateada
Como um habito branco d'algum monge!
Tendes em vós a luz d'uma alvorada,
Blócos de prata voando para longe!

Luar! Se n'esta terra em que se vive
E em que choramos a saudade vem,
O' meu distante amôr que em tempos tive...
Lindo luar como a alma d'uma mãe!

Deixa-me ir ter comtigo e de repente
Lançar-te os braços para te beijar,
Lançar-te os braços vagarosamente...

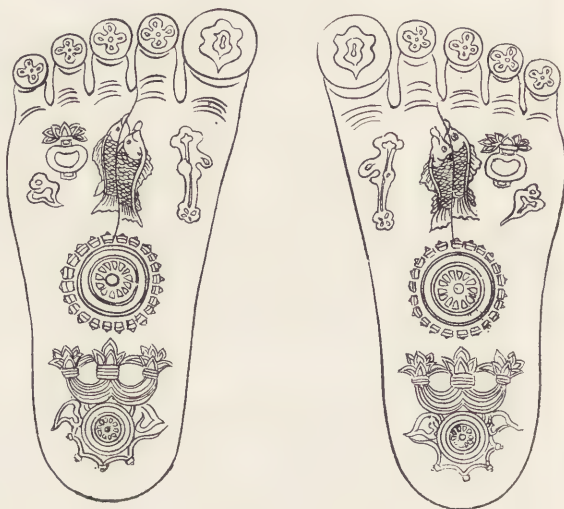
Mas a minha alma, como quem não quer,
Vê, anciosa, triste e devagar,
Um lindo rosto, branco, de mulher.

CARLOS CILIA DE MELLO.

PÉS LUMINOSOS

HA alguns dias, occupando-me em aprofundar assumptos santos, e avolumando sobre a visinha mesa de trabalho um montão de documentos e de velhos tratados de mysticas doutrinas, veiu parar-me ás mãos, por acaso, um escripto interessante, de investigador europeu, referentes aos divinos pés do Buddha. Em certa pagina, encontra-se a traducção de um texto japonez, colhido no livro de ritos *Hô-Kai-Shidai*, que diz assim: — «A planta do pé do Buddha é plana, como a base de um estojo. Sobre ella, distinguem-se varias linhas, offerecendo a apparencia de uma roda com mil raios. Os dedos são delgados, roliços, compridos, direitos, gracis e algum tanto luminosos...»

REPRESENTAÇÃO SYMBOLICA DOS PÉS DE BUDDHA

Adquirida esta noção, foi-me facil depois reconhecer que nos trabalhos artisticos japonezes, de esculptura e de pintura, a forma dos pés do Buddha — mas não só d'elle, de todas as divindades buddhistas, — obedece, em regra, á mesma concepção esthetica que apontei.

OUTRA REPRESENTAÇÃO SYMBOLICA DOS PÉS DE BUDDHA

Pude verificar seguidamente, sem vêr no caso motivo de surpresa, que o pé japonez, na sua belleza typica de contornos, realiza identicas caracteristicas. Effectivamente, assim devia acontecer; derivando, em todos os povos, a ideia concebida da divina formosura d'aquillo que a forma humana, dentro dos limites physionomicos peculiares a cada tribu, de mais bello e perfeito nos offerece. Assim: — os santos, na catholica Irlanda, têem cabello loiro e olhos azues; na Hespanha, são morenos e de cabellos e olhos negros; os narizes dos idolos africanos são esborrachados e a trunfa em carapinha — O estudo comparativo entre os divinos pés do Buddha e os pés dos japonezes torna-se particularmente emocionante, quando se relancêem os pés nús da japoneza; preferindo para exemplo a mulher de existencia reca-

tada, mimosa de confortos, passando a vida no seu lar, pisando as fofas esteiras do aposento. Direi — se o sacrilegio é permittido, — que os seus pés são iguaes aos pés do Buddha; nem melhor definição se encontra para elles do que as phrases sagradas, intensamente suggestivas na sua concisão, que já citei, extrahidas do livro dos ritos *Hô-Kai-Shidai;* até mesmo, por um effeito mal explicavel, que posso talvez attribuir ao tom especial da alvura da epiderme em contraste com a côr escura da fimbria do *kimono,* os seus pés são luminosos. A differença, do divino ao humano, do figurado ao vivo, está na mobilidade, na prodigiosa mobilidade dos gestos do pé da japoneza; pé, que nunca se humilhou á disciplina de um sapato, que cresceu nú como uma flôr de lirio, como um coelho branco; adquirindo assim formas esbeltas, singulares aptidões para o movimento, quasi que uma individualidade propria, com o dom de poder exprimir intensamente pela mimica todas as emoções que o sobresaltam... coisas de todo incomprehensiveis para o europeu que nunca tenha visitado este paiz do Sol Nascente. E vêde agora como, por este ligeiro divagar, respigam de surpresa profundas differenças de costumes entre a japoneza e a mulher occidental: esta, nos seus esplendores de graça, calça sapatinhos de setim, roja roupas de gala, em provocantes decotes dos braços e do busto; a japoneza enrola todo o corpinho n'um *kimono,* em cujas amplas mangas até por vezes as mãos desapparecem, deixando apenas em nudez os seus pésitos. E bem haja. O pé da graciosa filha do Nippon, castamente plano e unido á esteira, terminando por dedos delgados, roliços, compridos, direitos, gracis e algum tanto luminosos, constitue uma das suas feições mais caracteristicas, requintadamente gentil, divinamente primorosa.

TRAJO FEMININO, NO PERIODO DE GHENROKU (1688-1703)

Copia de uma gravura

Kobe, 1907.

Wenceslau de Moraes

DIAS COSTA

Antigo ministro de Estado

Lente das Escolas Superiores

Sans peur et sans reproche

Gósto de o ver e faz-me bem ouvi-lo.
A bondade resumbra-lhe no olhar,
E, na phrase vivaz, faísca o estylo,
Cheio de côr, que lhe é peculiar.

Quando lhe aperto a mão, fico tranquillo,
Como se fica á beira de um altar,
Porque o seu peito é um sagrado asylo,
Onde a lealdade altiva foi morar.

Typo do português de priscas eras,
Do português das expansões sinceras,
Da galhardia alliada ao pundonor,

Faz bem ouvi-lo e vê-lo. Intemerato,
Elle é o moderno, lídimo retrato
Do cavalleiro honrado e sem pavor.

Lisboa

M. Duarte d'Almeida

De MANUEL DUARTE D'ALMEIDA

Poeta

Meu caro e illustre Poeta

Chegou-me tarde (e só agora, como sabe) a noticia do inquérito sobre qual o ponto de paysagem portuguêsa indívidualmente preferido pelos que tiveram a honra de ser chamados a depor sobre o assumpto.

Ahi vae, em breves linhas, desaffectadas e correntias, o que, a tal respeito, conscienciosamente lhe posso dizer.

Disponha sempre do seu admirador muito affectuoso e obrigado,

M. Duarte d'Almeida.

No meu desconhecimento directo — com indissimulavel e dorido pesar o confesso aqui — da maior parte dos sítios que geralmente são considerados os mais picturescos do país (tenho viajado tão pouco, mesmo dentro de fronteiras!), seria temeridade estulta, para não dizer abusiva fraude, affirmar e justificar qual d'elles merece a minha decidida preferencia.

Ficou-me, por exemplo, indelevel a impressão de alguns deliciosos trechos de paysagem dos arredores do Porto e de varias terras do Minho por onde passei — Braga, Vianna, Guimarães, Vizella, para não citar senão estas — que poucas mais vi, tambem, mas todas, gentilmente, me captivaram com as suas exuberantes bellezas naturaes.

Recordo nitidamente o soberbo panorama que se desenrola, como scena de magia, deante dos olhos contemplativos de quem, com alma para sentir a natureza rural, circumvaga o olhar extasiado pela paysagem alegre, variada, ridentíssima e, ao mesmo tempo, sóbria, onde nada falta de suave e penetrante, como um retalho harmonioso da Attica, que se descortina do recinto, outr'ora fortificado, das Portas do Sol, em Santarem.

Um conjuncto de circumstancias occasionaes, a estação do anno — na primavera, a hora, a incomparavel formosura do dia, em que a luz se despenhava, a jorros, da macieza avelludada e azul do firmamento, como de gigantesca taça de sonho, transbordando de oiro etherisado e rútilo, que mão invisivel e portentosa, num rasgo de magnificente liberalidade, suspendesse bolcada em cheio sobre a terra; a inevitavel evocação de feitos históricos, marcados de prodigioso heroismo, que encheram de brilho inegualavel os alvores da nossa nacionalidade e que, naquelle momento, eu ia como que fundindo e amalgamando, na imaginação, com os logares que, aos meus pés e á roda de mim, magicamente se transfiguravam, volvendo á vida intensa e agitada de muitos séculos atrás, aos contrastes violentos de assolação e repovoação, de vida batalhadora, rude, grosseira, dos incultos e rapaces peões e cavalleiros da fé christã, e de vida nobre, amenizada de ócios artísticos e voluptuosos, da fina raça mauritana; a phantástica visão ensanguentada do choque repetido e formidavel de tão estranhas e antinómicas civilizações, em lucta cruenta e implacavel entre si; e, como natural corollario do que fica exposto, o meu estado de alma (chamemos-lhe assim), resultante de todos esses e ainda de outros múltiplos factores de ordem physica e moral: sem duvida, tudo isso concorreu, poderosamente, na sua quota parte, para a impressão profunda que recebi.

Sería essa impressão por ventura a mesma, se as circumstancias íntimas, e estranhas á paysagem, variassem, permanecendo ella, no entanto, invariavel e identica?

E, inversamente, não haverá outro ou mesmo muitos outros logares no país que, em egualdade de circumstancias no tocante ás condições externas e internas do observador, especialmente ás psychológicas, embora dessemelhantes nos seus traços caracteristicos e até desharmónicos entre si, provocassem, comtudo, no meu espírito identica sensação esthética?

ARRABALDES DE VILLA REAL — *Em baixo o rio Corgo*

Como affirmar conscientemente que um dado ponto de vista, um certo aspecto picturesco do país, seja superior a outro e muito menos a todos os outros, sem os conhecer todos, sem os poder comparar entre si, sem, principalmente, os poder observar, contemplar, *sentir*, sob a influencia dos mesmos agentes naturaes e das mesmas causas psychológicas, cujo conjuncto mysteriosamente se harmoniza para produzir a impressão?

De um modo genérico, só me é licito categoricamente affirmar que, em materia de paysagem, o que mais me agrada, o que mais me sensibiliza, o que mais me subjuga e se impõe á minha curiosidade scientífica e ao meu senso esthético — são as montanhas.

Sim, as montanhas, em geral, em absoluto; e, descendo a particularidades, os relêvos orographicos, grandes ou pequenos, tão caprichosos e picturescos, da terra que

me foi berço, do meu poético recanto nos ultimos contrafortes de dilatada serrania transmontana, onde os carvalhos multi-sèculares abundam e os não menos vetustos e venerandos castanheiros, de larga folhagem sussurrante, docemente acalentadora de — languidas e umbrosas — bucólicas séstas, lhes fazem amoravel e fraterna companhia.

Sinto-me tão pequenino (e, como eu, a humanidade inteira), tão mesquinho, tão frágil e transitório junto d'ellas! Mas, no entanto, não deixâmos de estar, eu e ellas, como em família, numa intimidade, numa correspondencia mútua, numa confiança e harmonia, que, maternalmente, me dilata e levanta o coração.

Que sôpro de liberdade, vivo e tonificante, se respira no alto dos seus cumes!

Como, d'alli, os interesses egoistas que mais agitam os povos, e dividem as familias, e separam os homens uns dos outros; as ambições, as ásperas luctas pela conquista da influencia e do poder, nos parecem cousa futil e desprezivel perante a soberania incontestada, a philosóphica indifferença do pastor errante, mais livre e independente, elle, e presumivelmente mais feliz, na desnudez absoluta da sua choça de côlmo ou sob o pavilhão azul das estrellas, do que o soberbo argentário nos seus sumptuosos palacios, assediado de mentirosas e fétidas adulações, afogado em requintadas e custosissimas e supérfluas commodidades e regalos, que dariam, á vontade, para o bem-estar de muitos infelizes; e, no entanto, victima, a final — irresgatavel — do seu próprio fausto, dócil escravo da vaidade, joguête cómico de mil fastidiosas peias, que lhe tolhem a liberdade e os movimentos, para não faltar aos deveres convencionaes da sua ostentosa e deslumbradora situação.

ESCARPAS DO CORGO (VILLA REAL)

Pobres argentários, coitados! Deixêmo-los em paz na sua constrangedora e pouco invejavel opulencia e voltemos, depressa, ao ar puro das montanhas.

Só ellas, na sua elevação dominadora, no seu grave e religioso silencio, na sua augusta immobilidade, hieraticamente solemne, quasi sagrada, me dão uma ideia palpavel da fixidez e da estabilidade, do repouso e da quietação,

Cada um tem o seu modo peculiar de sentir e conceber a felicidade.

Para uns consiste ella no mando supremo, no poder absoluto; para outros, na liberdade ampla, sem outras restricções que não sejam as que os mais nobres ideaes politicos, as mais bellas e generosas aspirações, sociaes e humanitárias, lhes inculcam como racionaes e justas.

UMA PERSPECTIVA DE VILLA REAL, VISTA DE NORDESTE

Para alguns consiste na posse indisputada e indisputavel da mulher única, da mulher amada e querida, que os enfeitiçou e escravizou, arrebatando-lhes irresgatavelmente o coração; para o maior número — e d'estes era o nosso Bocage, «devoto incensador de mil deidades, digo, de môças mil num só momento», segundo elle próprio refere — para esses, reside no gôso simultâneo de mil mulheres, todas amadas, sem se prenderem exclusivamente a nenhuma.

Para est'outros, no amontoamento incessante e áspero de riquezas materiaes, que avidamente aferrolham nos seus cofres, occultando-as egoisticamente ás vistas alheias ou fazendo d'ellas esteril e odioso alarde, sem se lembrarem de que ellas possam servir para alguma cousa mais, do que para o seu pessoalissimo e sordido prazer; para aquell'outros, na prodigalidade brilhante e ruidosa, que não olha ao dia de ámanhã e que, no gôso inconsiderado e despreoccupado do momento que passa, encontra a sua melhor e mais completa satisfação.

Para uns, raros, cifra-se a felicidade na glóra litterária, scientífica ou artística, levando-os essa ardente paixão a toda a casta de sacrificios, em busca da realização do seu sonhado ideal, mais ainda do que para alcançarem um nome, que as gerações presentes e as vindouras possam, imperecivelmente, reverenciar e abençoar; para outros, e não são raros, estes, nos meros prazeres do estómago, que os dispensam e compensam, gastronómica e absolutamente, de pensar em nada mais.

Para uns, finalmente, no jôgo do compli-

cado e mathemático xadrez; para outros, no da palpitante e fascinadora roleta. Para estes, na caça; para aquelles, na pesca, etc.

A minha concepção pessoal do que ella, a por todos tão appetecida e suspirada felicidade, seja — pode traduzir-se, e de factos se traduz com a possivel precisão, por esta simples e resumida fórmula: a desafogada commodidade na tranquilla estabilidade. É a *aurea mediocritas* de Horacio, a que eu accrescento por minha propria conta, como fundamental requisito que o meu temperamento indeclinavelmente exige, a condição magna da estabilidade.

As culminancias sociaes, individualizadas e estabilizadas, apavoram-me. Julguei-as sempre incompativeis não só com todo o esforço efficaz, todo o propósito sincero, vehemente, enérgico, de missão redemptora, com todo o espírito fecundo de renovação e de progresso, mas até com o simples sentimento mesmo de solidariedade e fraternidade humana, que exija sacrifício constante, abnegação inquebrantavel em benefício da causa commum.

Isto, ainda na melhor das hypótheses, a de não serem (ou não se tornarem, pela propria natureza das cousas) tyrannicas e retrógradas, inimigas irreconciliaveis de toda a evolução social num sentido mesmo ténuemente emancipador e egualitário.

Ora, sendo assim, como feliz ou infelizmente sou e como os factos me parece que são tambem, facilmente se comprehende o encanto supremo, a attracção irresistivel que me leva a preferir a todas as outras modalidades e aspectos da natureza physica as regiões montanhosas, com os seus vastíssimos horizontes, com a sua vida quasi patriarchal, serena e calma, com os seus profundos e pacíficos valles, ensombrados de frondoso arvoredo, sulcados de águas cantantes e crystallinas.

E tudo isso tem, á farta, nas suas accidentadas cercanias, aquelle pedaço de terra galhardamente portuguêsa, onde, pela primeira vez, os meus olhos se descerraram á luz e em que, successivamente, se habituaram a senti-la, a adorá-la — posso dizê-lo assim; pois que, neste particular, no culto ingénuo e espontâneo á luz natural, me sinto, em verdade, um tanto persa ou chaldeu — um *primitivo*, a final, como o sou em tantos outros casos. D'onde, a minha reconhecida incapacidade para me entender e conchavar com certos hábitos, certos modos de ser e de sentir dos *civilizados*, especialmente da raça irrequieta e cúpida dos políticos, na vulgar acepção indígena do vocábulo.

E tão fundamente me está gravada na alma, e na retina, a impressão acariciadora, a imagem familiar e querida d'aquellas agrestes ou suaves perspectivas, da grandeza imponente e severa ou das linhas esbatidas e vaporosas dos seus largos e recortados horizontes, d'aquelles casaes e choupanas dispersos pela encosta da serra ou conchegadamente adormecidos no côncavo remansoso das valles, hospitaleiros e tranquillos, que jámais pude esquecê-la nem consentir que no meu espírito fôsse avassallada ou substituida por outra, na mesma escala de impressões.

Já assim sentia, seguramente, quando — ha bons annos que isso vae! ainda no período aureo das imaginosas e candidas illusões, invocando a aza symbólica da saudade, eu exclamava, enternecido, num trecho de verso por então publicado:

Leva-me ao berço, entre montanhas posto,
Onde as Chimeras vi saudar-me a infancia,
Quero deitar-me no relvoso encosto
Da verde grama, haurindo-lhe a fragrancia.
. . . .

Leva-me aos montes, aos soberbos montes
— O que eu mais amo d'este bello globo,
Quero beijar-lhes commovido as frontes,
Vagar, scismando, onde vagueia o lôbo.

Quero descer, ao fim da tarde, ao valle
E vêr . . . etc.

O resto não vem para o caso. Quedar-me-hei por aqui.

M. Duarte d'Almeida.

De MANUEL DA SILVA GAYO

Escriptor

Qual é o ponto mais pittoresco de Portugal, ou qual o ponto de Portugal que prefere?

Das nossas paisagens prefiro, naturalmente, aquella que mais sei sentir, aquella que mais me absorve e para mim vive, assim, da minha propria vida.

E' a paisagem do Mondego nas suas curvas de Coimbra, onde a força da montanha

MANUEL DA SILVA GAYO

O MONDEGO LOGO ABAIXO DE COIMBRA

começa a diluir na graça da campina; onde todos os aspectos, revelando d'um lado o caracter ainda firme da serra, trahem do outro o fugidio encanto das orlas e chans ribeirinhas: paisagem de emoção dupla, paisagem que prende e que nos leva, como o seu rio, — com margens em extase, d'elle

O MONDEGO A DERIVAR PARA OS CAMPOS DE COIMBRA

O MONDEGO EM COIMBRA

múrmuras e vivas, e corrente lesta, breve tentada de suicidio nas ondas do mar.

E' a paisagem

dos saúdosos campos do Mondego;

saudosos por três modos: de quem os deixa — tão humanos são! — , para quem os deixa, para quem sómente sonhe que ha de deixál-os um dia; porque dão, na verdade, a *adivinhação da saudade.*

Em parte alguma do nosso país teremos mais viva a impressão complexa da eterna fuga das horas, a visão dos mortaes renascimentos, a seducção permanente do ephémero. E tanto nos identificamos com tal mundo, que cuidaremos ser o mesmo das aguas vivas o contínuo, vencido correr da nossa alma e sentidos.

Modelada, lá cima, de montes sombrios e colinas verdejantes, vem a paisagem amortecida já de relevos, a trocar pinhaes por olivedos e pomares, estes por *insuas,* e, fluindo de planos, por searas de trigo e de milho, pastagens e paúes. Opposta, nos trechos de serrania em repregos e de ribeira esbatida longe, concilia-se n'um total de enlevo immanente. Como a seguir o rio — alma da região, nume conjugante! Pois tambem desce de ser rio estreito, de montanhas, entaliscado em vigorosas escarpas o ribanceiras, só de delgados nateiros alegrado para agora beijar amorosamente, ao longe do valle divino, entre encostas povoadas, as tranças verdes, femininas dos sinceiros; até deslizar, desenganado então, atravez culturas vastas e pradarias, que outeiros distantes limitam, e que são divididas por extremas de salgueiros e de choupos claros, animadas pela dispersa faina dos amanhos, pelo retoiço da poldragem solta, e o pastejar lento das boiadas.

Rio-Adonis — soffre elle e espalha sua paixão: morre e resuscita. E ora alastra em cheia-mar, cobrindo beiras e planuras, ora adelgaça em fita humilde de ribeiro. E', á vez das estações, estrada caminhante de barcas e de velas-lábaros, ou parado caminho d'areal deserto; moço peregrino, de olhos humidos, mendigo inerte — sequinho da vista.

Tudo aqui diz *adeus,* com vontade de ficar.

A tudo, aqui, ouvimos simultaneamente: *para sempre!, nunca mais!*

Mesmo pela luz que a terra pede se revela e accusa este singular condão de fugaz enleio, esta graça de contrastes, a que dá unidade a alma melancolica da corrente derivante.

Exige, a minha paisagem, ser vista e contemplada ao crepúsculo; e ao da tarde, por melhor. Accentua-lhe a esculptura das massas, mas amacia-lhe as tonalidades; e funde-a de mysterio, parece esfumar-lhe de *passado* o que ainda é presente; como o rio, sempre como o rio — phantasma da vida que, a chorar, elle vae reflectindo e perdendo... Esmorece toda á luz crua do dia cheio; antes avistada entre chuveiros!

O seu ar, que mistura e casa o perfume das vegetações alpestres e o sabor longínquo da viração marinha — o seu ar, a certas horas, pulverisa-se de sonho; e veste á lua morta um tenuíssimo e farinhoso véo de magia. São as noites, cá, mães de cantigas, laços a corações, fontes de quebranto.

Assim nítida, ao perto, de linhas e contórnos, doce de tons nas distancias, mimosa de leiras e casaes, e, comtudo, sempre musicalmente saudosa, a sorrir por entre lagrimas, luminosa e vaga, fiel na inconstancia, sendo e não sendo já — só lembra e evoca, em natureza, as duas artes do *tempo,* que duram fugindo no compasso e na estrophe. Comprehende-se, bem vêdes, que tenha sido, esta, terra antes de poetas do que de pintores.

Anda imponderavelmente esparso, irreductivel a realizações plásticas, o encantamento que d'ella resuma.

E' esta a paisagem que prefiro — a do meu Mondego.

> *«E porque tanto eu lhe queira*
> *E' que, lembrando a doçura*
> *Da minha edade primeira,*
> *A' terra de sua beira*
> *Venho pedir sepultura.»*

Coimbra — 22 de dezembro de 1907.

Manuel da Silva Gayo.

De ARNALDO FONSECA

Escriptor

Oh! meus amigos! As mais epicuricas paisagens: paisagem-detalhe, paisagem-amplidão, paisagem-côr, supponho eu ter, vinte dias por anno (miseravel juro arrancado a uma vida de nóra), na *minha* vastissima quinta, que entre matta densa e regueiros de preciosas aguas, somma para cima de uma centena de hectares, sem regateio.

Por entre nevoas da manhã que eu chegue, ou de noite que eu surja á escadaria lavrada e nobre do *meu* solar (solar, como ides ver, de caminheiro) logo gente amiga

me colhe as malas e os abraços, piso tapetes fôfos, regalo a vista em decorações lusentes, aconchego-me no remanso do meu quarto simples, annuncio á Maria José um lustralissimo banho.

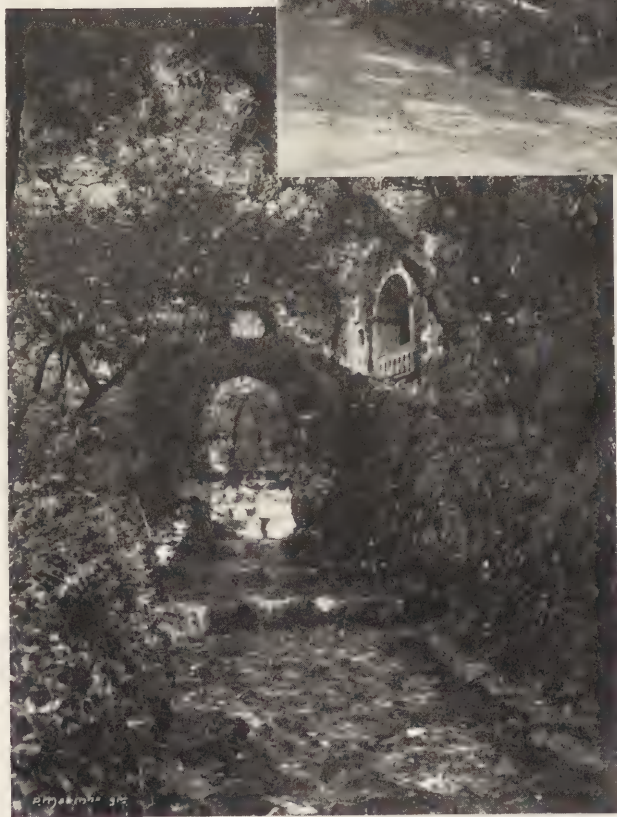
E sem mordómo que me rale o pensar e me perturbe o digerir (só pago os vinte dias da hospedagem!) inicío assim o meu sybaritismo, e entro, *subjectivamente* entro, na minha adorada paisagem.

ARNALDO FONSECA

Para exemplo, oiçam:

Manhãsinha, assim que o sol me morde o somno rico, envergado o menineiro *nico-boco*, vou de longada ao vasto verde.

E tenho, logo ao sahir da porta, de verde e de paisagem, quanto queira: em ramadas densas que quasi me encasulam, e rendilham a chapa prateada ou anilada do céu; em arcarias magnificentissimas de *cupressus*, robustos troncos de suppostos cedros, emmoldurando toques luminosos de *Courbet;* ou na suprema dominação do grande panorama, se trepo ás arestas da tapada, bebendo de alto o ar como uma aguia, e como ella mergulhando dum só golpe o olhar apavorado na pequenez do mundo: serras que são monticulos; leguas de pinheiraes que mais parecem magras theorias de mastros enramados; a vida coleante dos comboios que um ephemero penachito de fumo denuncia nalgum refêgo de terreno, como lagartas na nervura duma folha; casáes amontoados como ninhos; levadas de agua, que eu sei caudalosas, tenuemente rutilando como poeiras de mica...

UMA DAS CAPELLAS DO BUSSACO

A VARANDA DE PILATOS (BUSSACO)

E tudo isto, ou assim incrustado no parenchyma de gase da manhã, ou na faiscação do grande sol, ou no veludo macio do luar, ou sob o zurzir vibrante do trovão, tudo isto, é,

como paisagem, um abençoado, completo e sacrosanto pasto!

E pasto... ás vossas ordens, meus amigos, e com dispendio egual ao meu, na *nossa* famosa quinta do *Bussaco!*

Arnaldo Fonseca.

Do DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO

Critico d'arte

DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO

Sendo a paysagem um estado d'alma, todas as paysagens são bellas desde que ellas se integrem na nossa maneira de sentir no momento preciso em que as olharmos. Entretanto, paisagens ha que, mais profunda e fa-

CONDEMIL (SERRA DO MARÃO) — *A' direita a casa do conselheiro Antonio Candido*

cilmente que as outras, nos ganham e emocionam. E, porque a essas sentimos melhor e mais fundamente, essas são tambem aquellas que preferimos.

Para mim, nada me suggestiona e encanta como o mar. Talvez porque nasci e cresci visinho d'elle, e assim o meu espirito decifra melhor a sua linguagem, o que é certo é que a contemplação do mar nunca me cança ou aborrece. Antes, de cada vez que a elle volto, a esse mar, o meu bom e velho mar do norte, o mar dos sanjoaneiros, mattosinheiros e poveiros, que Antonio Nobre tão suggestivamente cantou nos seus versos, e Raul Brandão, Alberto d'Oliveira e Justino de Montalvão, tão bellamente, evocaram na sua prosa pessoal e intensa

mais fico preso do seu encanto e, mais saudosamente tambem, o abandono e deixo.

Amo a terra, e sobretudo a montanha, as grandes serras como o Marão e a da Estrella, nos seus altos cumes, escarpadas e despidas de atavios, serras em cujos pincaros o homem, reduzido ao minimo pela aridez ingrata do solo, reduz tambem á maxima simplicidade o seu trajar e *habitat*.

D'ella, com as suas arvores nodosas, erguendo-se violentas d'entre o abrupto das fragas, sahem os luctadores que trazem para a vida a força dos seus musculos ou o poder da sua vontade. E se esses homens, mais do que essa tranquilla e resoluta força, teem na alma o germen d'um mais alto sonho, afastam então a vista da realidade violenta que rodeia, e que, desde creanças, lhes offereceu combate, e erguem-n'a até ao infinito que os cobre. E, depois de interrogar o ceu, voltando as costas ao torrão que os viu nascer, olham para o largo. E a sua visão do deserto ou a do habitante da costa, porque o seu fito é menos vago do que o d'aquelles. Para cima, a atmosphera é mais limpida, d'essa limpidez que só se encontra na rarefacção das grandes altitudes. Para baixo, homens e c isas não conseguem perturbal-os porque lhes apparecem em synthese. Pequenos demais para os poderem interessar isoladamente, interessam-n'os só em conjuncto.

A montanha é, por isso, o ninho das toupeiras e das aguias; dos cavadores e dos prophetas. D'ella, nos veio Camillo, «verdadeira farça da natureza». N'ella, nasceram Guerra Junqueiro e Antonio Candido, o nosso primeiro poeta e o nosso primeiro orador.

Mas, amando assim a montanha, nada como o mar me impressiona.

A terra dá-nos a idêa da immutabilidade, e a sua renovação é tão lenta e surda que só, olhando-a a longos intervallos, lhe pudemos surprehender mudanças reaes e sensiveis. Sob a diversidade da luz, as flechas dos seus montes, os cimos das suas arvores, ou os seus barrancos e valles assumem aspectos ineditos, mas, passado esse effeito de luz, ahi a temos hoje, como hontem, egual, sphyngica e inalteravel. Vista de longe, da amurada d'um navio, e a não grande distancia das suas praias, a terra, então, alinha-se, achata-se, tornando-se banal e geometrica.

O mar, não! Tudo é, n'elle, vivo e variado. No seu dorso, ha sempre o arfar continuo e ininterrupto da vida. Olhem para elle, seja quando fôr, ainda mesmo n'esses placidos dias de outomno, em que quasi não ha vento, e a natureza parece adormecida na serenidade elysial do ceu calmo e infinito. Mesmo então, o seu movimento é suave mas constante.

O mar! Só elle, com as suas aguas profundas como a terra, translucidas e limpidas como o mais puro crystal, é eterno e imprevistamente novo. Faiscando á hora forte do dia, e então triumphal e explendente como a couraça d'um cavalleiro medievo; nostalgico e melancholico, ao cahir da tarde, como a esperança apagada e quasi desfeita d'uma noiva lacrimosa; ou sereno e doce, nas suas noites prateadas, como a velhice feliz dos que tem saudades a rememorar, só elle sabe fallar sempre aos corações e dialogar, com elles, a linguagem muda mas suprema das almas.

José de Figueiredo.

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II—O PAIZ

COIMBRA

(Continuação)

Da restante decoração da cathedral, convém mencionar, antes de tudo mais, entre os trabalhos coevos, o mausoleu do insigne bispo D. Jorge de Almeida, a cuja predilecção pelas artes se deve, principalmente, o conjuncto da sumptuosa ornamentação da antiga Sé, obra realizada entre 1481 e 1543.

O tumulo consiste em um retabulo em cima de um altar, conforme é uso no paiz; o monumento apresenta a feição de um arco de triumpho e contém na arcada interior a crucificação, de cada lado, em nichos, dois apostolos, no sócco subjacente uma crucificação; a um e outro lado, acha-se representada a lenda de S. Pedro com pittoresco relevo, e as armas do bispo. Por cima, ao meio, um medalhão com o Padre Eterno, lançando a benção. No attico, da esquerda e da direita, um conjuncto architectonico em arcarias, de reduzidas proporções. O todo apresentando nimia finura já nos pormenores estructuraes já na ornamentação, as architraves, apenas, um tanto pesadas. E' deliciosa a impressão. A sua situação na abside semi-circular do norte acompanha a direcção curvilinea da planta, de modo que as partes externas se acham em posição obliqua para com o arco central.

Que o bispo falleceu em 1843, é in-

INTERIOR DO PORTICO DA SÉ VELHA

formação que temos que agradecer ao monumento, cuja inscripção no lo patenteia. A mão do esculptor é a mesma a que se deve o portico exterior. Impressiona-me como sendo um tanto mais antigo este ultimo, attenta á sua elaboração mais severa e subtil. Se assim é, devemos pois concluir que o venerando prelado, nos ultimos annos de vida, encommendaria aos distinctos artistas estrangeiros, depois de haverem concluido sua tarefa em Santa Cruz, a decoração da egreja matriz, e que estes, como elle desejasse trabalho aprimorado, lhe houvessem lavrado egualmente o seu ultimo logar de repouso.

Anteriormente, comtudo, D. Jorge havia adornado com sumptuosidade a sua egreja, além da abside principal, dotando-a com aquelle tão primoroso altar gothico teceario, tomando todo o perimetro até á abobada. Este, o mais sumptuoso e mais bem conservado, é tambem a unica obra do mesmo genero em todo o paiz, e manifesta tanta afinidade com os restos do altar da egreja dos Templarios no convento de Christo em Thomar, que não duvido attribui-lo a Oli-

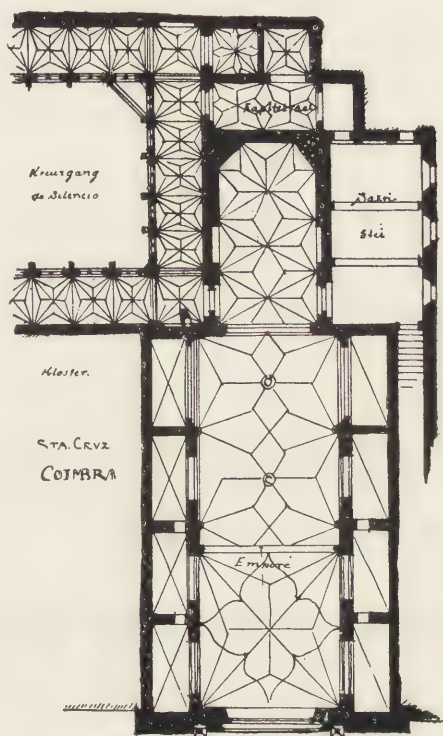
TUMULO DE D. JORGE D'ALMEIDA, NA SÉ VELHA

vel de Gand. O lavor da talha indica seguramente o haver sido feito em Flandres; obra talvez de 1490 a 1500.

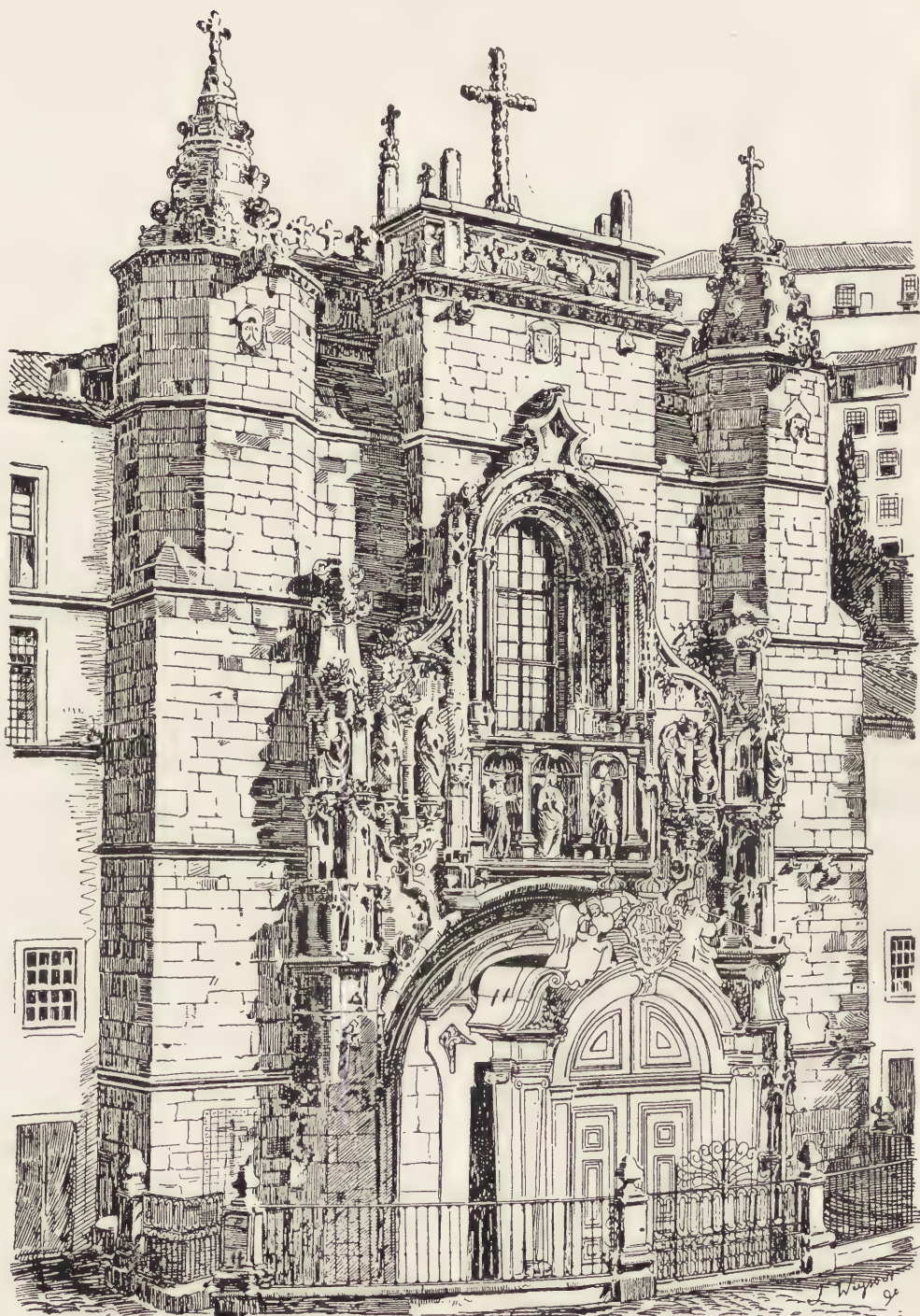
Adorna a basilica ainda uma obra opulenta de antigos tempos: a tribuna do lado do poente. A parte inferior, sobretudo, constituindo um tecto de madeira encimando dois e meio lanços da nave central, pertence aos trabalhos mais individuaes da época. E' lavrada em riquissimas molduras dividindo-a com intersecções geometricas de forma mourisca; as praças intermedias, lisas, ostentam ornatos da Renascença, de admiravel finura em lavor de embutidos. Este encantador estylo misto, raro na propria Hespanha em tão subido grau de finura, apresenta em Portugal, que eu saiba, tão somente o tecto abaulado da capella dos Paços de Cintra. A época da sua origem frizará por 1520. O recinto superior, sobre a tribuna, recebeu, mais tarde, ahi pelo seculo XVII, um revestimento singélo, de tabellas de madeira, assim como uma abobadilha da mesma madeira, em caixotões, os quaes, juntamente com o parapeito barrôco do recinto do côro ostentam um não sei quê de luxuoso e festivo.

Defronte do monumento de D. Jorge, na abside do sul, está a capella do Santissimo, uma das capellas mais ricamente adornadas na maioria das grandes egrejas, para instauração do Santissimo Sacramento. Edificada pelo bispo D. João de Mello, em 1566, ostenta assim a modo de uma cupula no espaço circular, apparentemente fundo.

A architectura apresenta singular primôr, e é dividida em dois pavimentos.

Por baixo da cupula, a superficie é repartida por pilastras corinthias, molduradas, com fructos em festões, e por cima columnas; nos intervallos nichos com estatuas de Christo, da Mãe de Deus e quinze figuras de apostolos. O nicho de Christo, no eixo, pela banda de cima, é ladeado por dois candelabros; por baixo, sobre o altar, o rico tabernaculo. Uma cupula de pedra com primorosos caixotões e lanternim cobre

PLANTA DE SANTA CRUZ DE COIMBRA

o recinto que, pela alvura do material ostentando pouca pintura e pouco oiro, apezar da sua pequenez produz effeito sumptuoso e festivo. O ornato consiste principalmente em rotulos e couraças; robustas as formas, algo pesadas.

A sacristia (15×10m), quadra espaçosa, produz um bello effeito monumental com a sua magnifica abobada de caixotões, a qual muito se parece á

FACHADA OCCIDENTAL DE SANTA CRUZ

que cobre a abside, em S. Domingos. A architrave, com carrancas nos frisos, descança sobre umas misulas. N'uma das faces vê-se, dentro de um nicho, a

pia baptismal, uma fonte de marmore branco e preto, com as armas do fundador, o cardeal D. Affonso de Castello Branco, e a éra de 1593. Nos lados mais estreitos, adornam as paredes pilastras doricas, com forro de azulejos nos intervallos; por cima, quatro nichos com umas estatuas de sacerdotes ladeando uma janella, e, no arco de resalva, uma imagem da mãe de Deus. Os lados mais compridos são tomados pelos sumptuosos arcazes; o lanço superior das paredes é infeitado com pintura de grutescos, muito deteriorada, actualmente.

No claustro velho encontram-se ainda diversas capellas da Renascença, entre as quaes mencionarei a da Universidade, por motivo do formoso altar da Familia Vieira, datado de 1559, circundado de columnas com festões, coroado com remate á feição de escudete, e encerrando uma representação do nascimento de Christo, em relevo. A um e outro lado pilastras salientes, com relevos. O caracter primoroso da esculptura tem um forte sabôr flamengo.

O segundo edificio sacro da cidade, e para nós o mais importante, é Santa Cruz, com o respectivo mosteiro de conegos regrantes de S. Agostinho, fundado em 1131 pelo primeiro rei de Portugal, D. Affonso Henriques, o qual, assim como seu filho, ali jaz sepultado.

O vetusto edificio não pareceu a D. Manuel ser um logar de jazigo condigno de varões tão venerandos, antolhando-se-lhe, além disso, deficiente em condições; nessa conformidade, tomou a peito el-rei o reconstrui-lo de novo, desde os alicerces, e com magnificencia. Até á data do fallecimento do monarcha, achavam-se completos, não só a egreja e a maior parte da respectiva decoração, mas ainda o claustro do Silencio. D. João III levou por diante os trabalhos até á conclusão, ampliando o edificio com o claustro da Manga.

O mosteiro, cada dia mais rico e mais potente, cujo prior, já pelos rendimentos já pela importancia, emulava com qualquer arcebispo, e cujos frades, além da dignidade de conegos, que já disfructavam, passaram desde o tempo de D. Manuel a ser honrados com o titulo de capellães d'el-rei, ampliou o já tão importante conjuncto, com o andar dos tempos, dando-lhe proporções monstruosas, mediante a addicção de novos claustros e novos lanços, e completando o edificio com um campanario e vastissimos jardins para recreio.

Actualmente tudo isso se acha em deploravel estado de ruina, o municipio ergueu uma casa da camara em um dos lanços, encerrando o primitivo claustro, e presentemente destituida do minimo interesse; abriram-lhe ruas, a ponto de, hoje em dia, apenas pertencerem ao mosteiro o segundo e o terceiro claustro, e algumas dependencias adjuntas á egreja, quando não haja derruido mais algum lanço, desde então até hoje.

A egreja actual levantada, provavelmente, sobre os alicerces da antiga, é de uma só nave, com capellas nos lados e luz de cima, lateral. Uma rica abobada com feixo muito ornatado, supportada por misulas e capiteis, abrange os quatro lanços da ampla nave. Na parte superior das paredes abrem-se umas esbeltas e grandes janellas, ladeadas de columnélos e rematando em arco canopiado. As do côro são de pleno-cimbro.

O estylo é um manuelino, rugoso e

ainda muito inclinado ao gothico terceario.

E' magnifica, a par de original, a fachada do poente. O agrupamento resultante da torre sobreposta, oitavada

CLAUSTRO DO SILENCIO, EM SANTA CRUZ

e baixa, e do resalto do corpo central é possante e apresenta novidade.

O portal, aberto em arcada robusta, eleva-se, tal qual o de Belem, á altura da grande janella central e em sua opulenta estructura é ladeado e adornado de gigantes e corucheus, enriquecido com pilastras, columnas e nichos, tão independentes quanto pinturescos, habil miscellanea de formas gothicas e da Renascença.

A darmos credito ás noticias historicas, temos que acceitar a Marcos Pires como sendo o mestre da ornamentação da egreja e do claustro annexo, exceptuando todavia o mencionado portico, visto que os primeiros são como que de um jacto. O proprio claustro do Silencio é de um pinturesco um tanto rugoso e maçudo; coberto de sumptuosa abobada, e com um dos an-

gulos truncados obliquamente. Ergue-se em dois pavimentos, o inferior com janellas de arcos de ponto subido e maineis de laçaria, o superior com uma galeria de volta abatida, rôta, e columnas baixas e airosas. As minudencias, esposando as formas do Go-

ABOBADA DO ANGULO DO CLAUSTRO DO SILENCIO

thico tardio, concebidas em um naturalismo robusto quanto pinturesco, apresentam um conjuncto independente e de muito encanto.

Inclina-se sobremodo para os ultimos trabalhos da Batalha.

Da noticia ácerca d'el-rei D. Manuel, dada a publico pelo notario Gregorio Lourenço em 1518 (1), consta que Marcos Pires tinha ás suas ordens, então, cincoenta ajudantes e vinte aprendizes, e concluira as doze capellas (?) e as nervuras e ribetes de três abobadas no claustro, assim como tambem se achavam promptos os trabalhos de cantaria para estas e a capella de Paio Guterres, por cima da fonte; o vidraceiro não havia ainda assentado as vidraças nas janellas da egreja.

(1) Sousa Viterbo, obra citada, pag. 20.

Em julho de 1518 ficaram concluidas as torres, conforme o projecto, as abobadas do claustro completadas com *balsoaria* (lavôr de calabre), expressão esta applicando-se manifestamente aos contorcidos e escamosos astesãos e respectivas minucias.

A essa data não se trataria ainda do alludido portico; é evidente haver cabido a outras mãos tanto a sua realização como a decoração interna.

Marcos Pires, successor de Pero Annes, o qual era ainda vivo em 1580 (1), nas funcções de mestre das obras dos paços reaes, tinha a seu cargo, tambem, a continuação dos trabalhos do edificio de Santa Cruz. Veiu a fallecer em 1524.

Para o logar de seu successor nas «obras dos nossos passos em Coimbra», nomeou D. João III a Diogo de Castilho, irmão do inclito João, e que assumiu na integra as funcções do seu antecessor.

Pelo menos existe uma carta, sem data, do rei, incluindo a ordem de pagar ao mesmo Diogo e a mestre Nicolau «*pedreiros e empreitôres* do portall de santa ✝», cem cruzados de oiro, pelas imagens que estejam ainda por fazer no «portall», além das já concluidas.

Voltamos a encontrar aqui, além de Diogo, outra vez o nosso mestre Nicolau, devendo pois concluir que serão obra deste os indicados lavôres em estylo da Renascença, e as estatuas do sumptuoso portico, cognominado «Majestade», ao passo que a Diogo de Castilho caberia a ultimação da architectura que as enquadra, assim como a direcção technica, trabalhos de canteiro e a propria construcção. Esta ambigua carta é possivel ser do reinado de D. Manuel, visto como este monarcha ordena a um certo Nicolau Leitão, na qualidade de thesoureiro do mosteiro, o pagamento da mencionada quantia, o qual Leitão, em 1518, segundo o noticía Gregorio Lourenço, foi nomeado para exercer o mesmo cargo. Assim, pois, Diogo de Castilho haver-se-ha recommendado, em virtude dos seus trabalhos em Santa Cruz, para futuro architecto das reaes obras.

Não haverá sido uma individualidade artistica de subido valor, porquanto, além do respectivo titulo e de algumas menções, da parte de el-rei (como, por exemplo, uma licença para ter um muar), em 1547 foi nomeado mestre da obra das paredes e trabalhos de canteiro da Universidade, cargo que até ali exercera em Santa Cruz, e nunca mais se torna a ouvir falar nelle, parecendo, pois, que a sua participação na obra do mencionado portico representará a sua unica manifestação artistica. E' escolhido muito principalmente pelo facto de ser irmão do proprio irmão e seria esse o seu maior merecimento.

(1) Pero Annes, em seguida a uma operosa carreira em Africa, no exercicio de mestre, já de construcções urbanas já de obras de fortificações (1473), veiu finalmente para Coimbra na qualidade de architecto da corôa.

A tragedia de Lisboa

REAL PALACIO DAS NECESSIDADES

Já estava impressa a 3.ª folha do presente numero, quando occorreu a espantosa tragedia que sobresaltou o nosso paiz e todo o mundo civilisado. A direcção dos SERÕES *não quiz deixar de registar desde logo nas suas paginas a impressão causada pelo historico successo, e de trazer os seus leitores ao corrente dos factos e das suas consequencias immediatas. Eis o motivo por que só no fim do numero tem cabimento o artigo expressamente feito por um illustre escriptor portuguez e copiosamente illustrado, artigo que, pela importancia transcendente do assumpto e pela elevada jerarchia das personagens envolvidas, deveria occupar o logar de honra na nossa revista.*

ODAS as nações, infelizmente para a humanidade, registam paginas, sanguinariamente tragicas, na sua historia. O povo portuguez, de indole bondosa e cavalheiresca, não pode, nem deve ser responsavel, por um acto de cega e nefasta loucura. E basta o movimento de horror, que sacudiu n'um frémito de mortificação e de piedade o paiz d'um extremo ao outro, para energicamente evidenciar que todas as almas se dóem cheias de profunda magoa e absolutamente assombradas pelo pasmo e por uma surpreza dolorosa, d'esse pavoroso attentado que roubou a uma senhora inoffensiva, que só dera provas da mais altruista caridade, o filho estremecido e o esposo bem amado, isto na sua presença, vendo-os passar, sem nenhuma transição apreciavel, sem que qualquer facto a prevenisse, da vida repleta de esperanças risonhas para a noite escurissima e eterna da morte.

A familia real fôra caçar para as propriedades da casa de Bragança em Villa Viçosa, onde existe o solar dos duques d'esse titulo. Para essa diversão cynegetica convidara o rei D. Carlos não só a maioria dos dignitarios palatinos, mas ainda os seus amigos particulares, que ali foram por turnos.

Sua Majestade El-Rei D. Carlos I

32.º REI DE PORTUGAL

As caçadas succederam-se no meio da maior alegria, e entre muitas visitas que o régio caçador recebeu contava-se a do duque dos Abruzzos, seu primo, commandante do couraçado *Italia,* fundeado no nosso formosissimo Tejo.

Em Lisboa tinham-se dado varios tumultos e a população da capital andava atemorisada, mais por um instinctivo presentimento de qualquer desgraça futura, do que propriamente porque os factos e as desordens fossem de tal modo sérias que ameaçassem radicalmente o seu socego. As massas, á semelhança do que succede com os animaes quando se approxima qualquer cataclysmo cosmico, adivinham com larga antecedencia que vão impender sobre ellas acontecimentos perturbadores e afflictivos. Pairava por sobre a cidade um angustioso panico, de que ninguem conhecia, ao certo, as causas, mas que nem por isso deixava de ser enervante e de entorpecer como n'um agonisado pesadêlo a energia e a actividade dos habitantes.

SUA ALTEZA REAL O PRINCIPE D. LUIZ FILIPPE

Mas vamos ao tristissimo caso.

A familia real deliberara regressar ao Paço das Necessidades no dia 1 de fevereiro. Ao que correu, alguem affirmara-lhe que havia em Lisboa o mais completo socego. A partida effectuou-se, de Villa Viçosa, no comboio das 11,40 da manhã, sendo acompanhados desde o palacio até a estação por todos os officiaes de cavallaria 10 e por uma escolta d'esse mesmo regimento. Ali, esperavam os soberanos as auctoridades da terra e ainda grande numero de pessoas sem representação burocratica, que, como sempre, quizeram demonstrar publicamente o immenso affecto da população da localidade pelos seus hospedes de dias. Nenhuma d'ellas pensava, com certeza, que seria a ultima manifestação de estima para dois dos membros d'essa familia!

Um acaso, d'estes que tantas vezes são como um aviso do céo, fez com que o comboio real descarrilasse ao entrar na estação de Casa Branca. Suppoz-se a principio que fôra uma agulha mal feita. Tal não se dera. O comboio deslisava pelos carris com grande velocidade, o machinista pretendeu diminuir o andamento, refreou a locomotiva quasi de salto, uma das rodas resvalou para a areia e enterrou-se, o *tender* seguiu a locomotiva, houve um forte estremeção, algumas pessoas desequilibraram-se, o engenheiro requisitou outra machina e o comboio seguiu, não sem que el-rei telegraphasse ao presidente do conselho communicando-lhe a causa do

atraso na sua chegada a Lisboa. Se a demora tem sido maior e o desembarque se effectuasse de noite, quem sabe se o lamentavel episodio se se teria realisado! Emfim, ninguem foge ao seu destino!

Na estação do Terreiro do Paço aguardavam os soberanos os funccionarios a quem a pragmatica ou a amisade particular exigiam o cumprimento d'esse dever. Eram cinco da tarde quando o vapor *D. Luiz*, dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, atracou. Feitos os cumprimentos do estylo, trocadas algumas rapidas palavras entre o monarcha e o presidente do conselho, a familia real e a comitiva subiram para as carruagens. Na primeira, um *landau*, metteram-se a rainha, el-rei e os seus dois filhos, e n'outro o sequito.

SUA MAJESTADE A RAINHA VIUVA D. AMELIA

A tarde, uma d'essas tardes de inverno, cheias de sol e tepidas, que são um encanto no nosso paiz, dava alegria á vida. O scenario da tragedia que breve se ia desenrolar era uma delicia de tons alacres e subtis, com um poente de tintas rubras mas suaves, com um azul d'uma diaphaneidade de rodoma, com o Tejo limpido como um cristal, com a natureza a entoar os seus himnos mais jocundos, com a expressão do goso da existencia pintada em todas as phisionomias.

As carruagens partiram a trote curto pela rua occidental do Terreiro do Paço, e as differentes pessoas, que iam e vinham ao longo da arcada e pelos passeios, tiravam respeitosamente o chapeu, a que o rei correspondia fazendo a continencia militar e conservando nos labios o seu sorriso attrahente, que a rainha retribuia, inclinando a cabeça com a sua proverbial amabilidade, com os seus rasgados olhos a revêrem-se ora no povo, que assim lhe manifestava a sua sympathia, ora nos filhos sentados defronte, e que eram o enlêvo da sua alma, como todos os filhos são o enlêvo da alma de todas as mães.

Nada, absolutamente nada, fazia prever a imminencia da catastrophe. Nem sequer a policia, tão de sobreaviso e tão precavida com os alvorôtos da vespera, teve a presciencia do medonho desastre que segundos depois lançaria tão implacavelmente duas victimas para o hediondo baratro do regicidio. Pois se todas as caras se mostravam, como o céu, expansivas!

* * *

Então o cocheiro tomou um pouco o governo da parelha para descrever a curva e entrar na rua do Arsenal. N'esse momento um dos regicidas, o Manuel Buiça, que

calculara muito bem o itinerario que os trens deviam percorrer, affastou-se d'um kiosque pintado de verde, que fica mesmo dentro da arcada, tirou de debaixo do varino a carabina Manlicher com que se munira, e sereno, com o sangue frio e a força de vontade peculiar aos fanaticos, com o mesmo arrojo e tranquillidade com que Ravaillac se approximara de Henrique IV ou Matheus Moral se debruçara da janella sobre o coche que transportava Affonso XIII e a noiva, e apontou. Pôde visar D. Carlos á sua vontade; ninguem o via, todos os olhos se fixavam no prestito que ia desfilando. Bem certo de que o tiro não falharia puxou pelo gatilho e a bala, desfechada quasi á queima roupa, penetrou no pescoço do monarcha e esphacelou-lhe as vertebras cervicaes.

A morte fôra instantanea.

Simultaneamente, com o impeto que só a cegueira da allucinação proporciona, Alfredo Luiz da Costa, do lado direito da carruagem, subia á capota do *landau*, e, receando que o primeiro tiro não tivesse attingido o soberano, desfechava o seu revólver, com a furia d'um iconoclasta que despedaça o seu idolo. Este acto, de phrenetica exasperação, tornava-se absolutamente escusado. O rei, ferido como um robusto carvalho pelo raio, pendia para a frente, ensopando o tapete e o *couvre-pieds* do sangue que, aos borbotões, lhe jorrava dos ferimentos.

SUA MAJESTADE EL-REI D. MANUEL

(O mais recente retrato)

A rainha, estupefacta, com o pasmo horroroso de aquelle ataque sanguinario, puzera-se de pé, de salto, e, com o mesmo ramo de flores com que ha pouco alguem lhe saudara a chegada e lhe desejara as boas vindas, quiz repellir a medonha e crua aggressão. Manuel Buiça, ou cego pela nuvem vermelha que lhe toldava o cerebro, ou dominado por um inexplicavel requinte de desatino, ajoelhou, e, com o mesmo socego da primeira vez apontou para o principe, que se levantara, como sua mãe e seu irmão, aturdidos, desvairados, não comprehendendo a terrivel realidade da acommettida e varou-o, entrando-lhe a bala pela face, destruindo-lhe a região malar e a orelha, sahindo-lhe pelo bolbo, o que provocou

a congestão a que succumbiu minutos depois.

Então um policia, que voltava a si do subito assombro, correu sobre elle. Ainda de joelho no chão, alvejou este adversario e furou-lhe o capote com uma bala. Assim hostilisado, o guarda disparou-lhe por seu turno o revólver, que o attingiu no peito e o fez vacillar. Foi n'esse instante que appareceu um soldado de infanteria 12, expedicionario do Cuamato, Valente, que o agarrou pelo pescoço e o derrubou, não sem que o regicida se debatesse furiosamente e ainda disparasse a arma, ferindo-o n'uma perna. Já empolgado, com a esperança perdida de se poder evadir, deparando-se-lhe na frente o tenente Francisco Figueira, official ás ordens d'el-rei, que lhe vibrara uma cutilada na cabeça, ainda disparou novo tiro que tambem acertou n'uma perna do brioso militar.

Ainda do lado direito da carruagem, isto é, da banda d'onde ia el-rei, o Alfredo Luiz da Costa, que depois de atirar sobre o sr. D. Carlos disparara sobre o principe real e sobre o infante D. Manuel, repellido em primeiro logar pela rainha, e cambaleando, ao ser lançado fora do *landau*, foi agarrado pelo segundo sargento da Guarda Fiscal, João Nunes Ribeiro, que lhe prendeu os braços ao tronco, fazendo-o tombar no solo e indo o revólver cahir no passeio. Foi n'este instante que varios policias de sabres desembainhados e outros á paizana se arremessaram sobre o criminoso e o arrastaram, já mortalmente ferido e sem acôrdo pela rua do Arsenal adeante.

NO TERREIRO DO PAÇO — ESPERANDO A CHEGADA DE SS. MM.

Suas Altezas os infantes D. Affonso e D. Manuel, hoje rei, os srs conselheiros João Franco, presidente do conselho, e Ayres de Ornellas ministro da marinha

De todos os lados partiram tiros, n'uma metralhada nervosa, suppondo-se toda a gente alvejada e correndo os horrorisados espectadores d'esta infernal scena em direcções oppostas, totalmente loucos e sem a força moral sufficiente para reagir contra o panico que tudo avassalava.

Na carruagem real, entretanto, passava-se o mais pungente drama que é possivel imaginar. A rainha, logo ao primeiro tiro, como dissemos, erguera-se no arranco instinctivo do amor materno em frente do perigo. Com a sua alta e elegante estatura, queria proteger quantos dos seus tinha ali.

Oh! mães, que abraçaes e beijaes esses bocados da vossa carne, esses pedaços do vosso coração, que tendes junto de vós, loução, cheios de vida, que vos sorriem e vos acariciam, lembrae-vos do horrendo lance! Que poema mais doloroso pode existir na historia da humanidade? Sem transição, passando da mais descuidosa alegria ao mais incomparavel desespero, essa senhora viveu e soffreu n'esses curtos instantes tudo quanto uma martyr pode soffrer na mais cruciante das torturas. O ferro assassino zumbia em redor em silvos sinistros e repetidos. O seu corpo

O ATTENTADO DO DIA I DE FEVEREIRO

O LOCAL DO ATTENTADO — QUINA DO TERREIRO DO PAÇO E RUA DO ARSENAL

A cruz indica o ponto onde el-rei D. Carlos recebeu os tiros, a linha ponteando o percurso da carruagem real, até ao ponto em que foi ferido o Principe Real — O regicida Buiça achava-se defronte da arcada do Ministerio do Reino, pouco mais ou menos no ponto em que na gravura se vê a deanteira do carro electrico.

ARSENAL DA MARINHA

Posto de soccorros medicos, onde foram recebidos el-rei D. Carlos e o principe D. Luiz Filippe, depois do attentado

ão era sufficiente escudo para cobrir si- ultaneamente o peito do marido e dos fi- hos. A quem acudir rimeiro? A quem nplorar protecção a estupenda conjun- ura? Os homens natavam-lhe os seus ntes mais queridos u abandonavam-n'a em soccorro; a Pro- idencia voltara-lhe s costas. Que fazer? Debalde pedia que he acudissem, em vão levantava as preces mais fervoro- sas para Deus! Pro- curava um amparo nos seus vassallos, não a ouviam; recor- ria ao céu, o ultimo bordão dos desalen- tados, e não lhe va- lia! Que mais é ne- cessario para endoudecer a creatura de crenças mais firmes, o espirito mais bem equilibrado?

Primeiro viu despenhar-se para a frente o esposo, como a arvore a quem o racha- dor corta pela base; depois, apertado a si, ouvindo bater-lhe apressadas as palpi- tações, cingindo-o n'um amplexo onde ia todo o incommen- suravel carinho da sua alma, sentiu as balas atravessarem a face rosada, quasi angelica, absoluta- mente inoffensiva, d'esse filho que déra á luz, que creara, que educara, que vira crescer, a quem se- guira dia a dia nos seus progressos phy- sicos e moraes, de quem anhelava fazer um principe modelo, um homem que fôsse o espelho dos seus compatriotas, que suppunha que todos estimavam e idolatra- vam, como se estimam e idolatram as crean- ças, e tinha-o ali exanime, ensanguentado, com a cabeça atravessada d'um lado ao

ARSENAL DA MARINHA

Casa de Balança, onde S. M. a Rainha D. Amelia e S. S. A. A. o Infante D. Manuel e D. Affonso, receberam a noticia official do fallecimento dos regios personagens.

NA MORGUE — OS DOIS REGICIDAS

O professor Manuel Buiça *Alfredo Luiz da Costa*

outro por uma bala estupida, cega, malfazeja!

Pois podia acreditar na verdade d'esse hediondo facto? Não era um pesadêlo? Acordaria! Que pessoa caridosa a podia despertar d'aquelle inegualavel tormento? Mas os tiros continuavam a detonar, as balas proseguiam na sua carreira lugubremente zumbidora e mortífera. Onde estava tanta e tanta gente a quem protegera, a quem livrara da fome, que arrancara á doença, que defendera da morte?

Onde estavam tantas mães para quem ella sorrira, tantas mulheres a quem auxiliara a amamentar os filhinhos, tantas creaturas a quem só dirigira palavras de consôlo, a quem a sua bolsa nunca se fechara, para quem fôra um clarão de luz benefica na noite gelada e tenebrosa da sua mizeria e das suas afflicções, que não lhe acudiam n'aquella suprema agonia? Pois a humanidade é assim tão má e ingrata?! Não estava ali a rainha, era a mãe, a quem matavam os filhos, a mãe que só desejara a ventura

NA MORGUE

O caixeiro João Sabino da Costa, morto pela policia na occasião do attentado.

dos filhos de todas as outras mães! Pois tinham-se invertido de momento todas as leis da natureza, essas leis que eram a maior gloria de quem as puzera no coração humano?

Ninguem, ninguem a defendia na medo-

JOÃO SABINO DA COSTA

nha crise; ninguem detinha esses loucos que lhe roubavam os affectos mais puros, mais sacrosantos do seu peito!

* * *

O cocheiro, fustigando tresloucado os cavallos, como se guiasse o carro da realeza aniquilada, arrastou por essa nova *Via dolorosa* o cadaver ensanguentado do monarcha e o corpo moribundo do principe real, o infante D. Manuel, cuja gravidade dos ferimentos se ignorava, e a desolada mãe vibrante de dôr e de indignação. Procurava um refugio. Nem uma porta, nem um alpendre, nenhum abrigo n'aquellas paredes mudas, frias e hostis do correio, da parte esquerda, e da direita a turba em lucta com a policia — pelo menos presumia-o —, n'um tiroteio incessante, ávido de mais victimas. Alcançou por fim, após minutos que lhe pareceram seculos, o portão do Arsenal, por onde enfiou.

Ahi, ao transpôr o amplo portal, o principe abriu muito os olhos, fitou-os já vítreos, embaciados pelas primeiras nevoas da morte, na rainha, e entregou a alma a quem lh'a confiara. Ainda o amor materno conservava a esperança de que restasse algum sôpro de vida dentro d'esses envólucros immoveis.

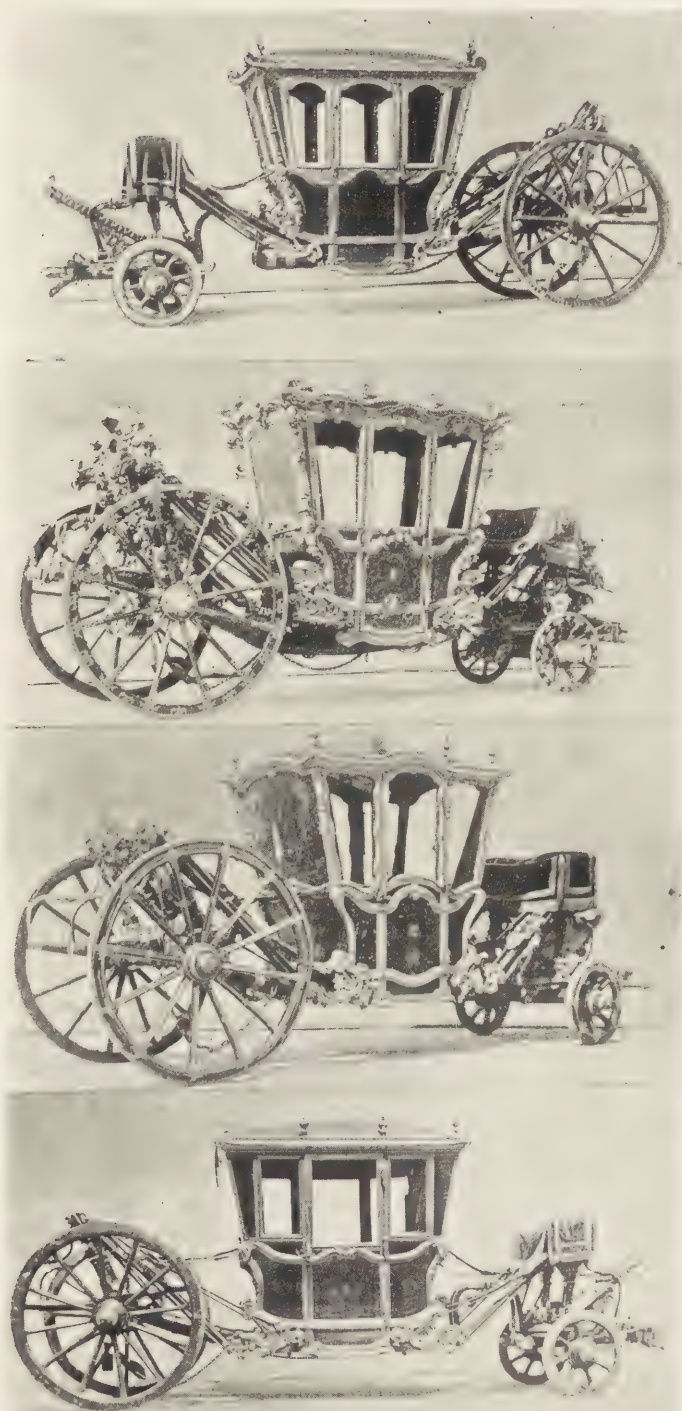
ransportados os dois corpos para o posto edico d'aquelle estabelecimento fabril, bem epressa os facultativos proferiram a sentença fatal, de que a sciencia nada podia azer!

Na casa da *Balança*, para onde tinha sido onduzida quasi á força a rainha D. Amelia, foram examinados os ferimentos do infante D. Manuel. Não apresentavam gravidade. Duas balas, passando de raspão pelo braço, causaram echymoses, que foram pensadas com algodão hydrophilo e desinfectantes.

Espalhada a noticia do regicidio com incalculavel rapidez, depressa o Largo do Municipio foi occupado por um esquadrão de cavallaria e um batalhão da Guarda Municipal. A rainha D. Maria Pia, prevenida no palacio da Ajuda, da horrorosa tragedia, correu immediatamente ao Arsenal. O encontro das duas soberanas foi lancinante. Uma chorava o esposo e o filho; a outra o filho e o neto! Que commevedor quadro! Custou a arrancal-as da presença dos dois entes estremecidos, ao pé dos quaes choravam como duas das mulheres mais experimentadas pela adversidade. E ha quem ainda inveje os privilegios e as castas!

Depois de inauditos esforços, chorando todos convulsivamente, metteram-se as duas rainhas n'uma carruagem e dirigiram-se para o paço das Necessidades escoltadas por uma força de cavallaria da Guarda Municipal. A's oito horas da noite, três coches da casa real transportaram, os dois primeiros os regios cadaveres e o terceiro os sacerdotes, que a rainha D. Amelia tanto desejou para os derradeiros momentos de el-rei e do filho, e que não chegaram a tempo de lhes receber o ultimo alento.

QUARTO DE EL-REI D. CARLOS NAS NECESSIDADES

Uma nota impressionante. O infante D. Affonso, a quem communicaram o horrendo attentado, pouco depois de ser commettido, correu no seu automovel para o Arsenal. Ahi ainda não queria acreditar no que os seus olhos lhe mostravam. Amicissimo do irmão e do sobrinho, tão fundamente afflicto que as lagrimas se lhe seccavam antes de descer das palpebras, passeava agitadamente como um leão reduzido á impotencia, como alguem que afugenta teimoso a idéa que houvesse gente tão deshumana, com tão in-

COCHES REAES QUE FIGURARAM NO FUNERAL

Coches de D. Anna Victoria, de D. João I, de D. Maria de Saboya e de D. Carlota Joaquina

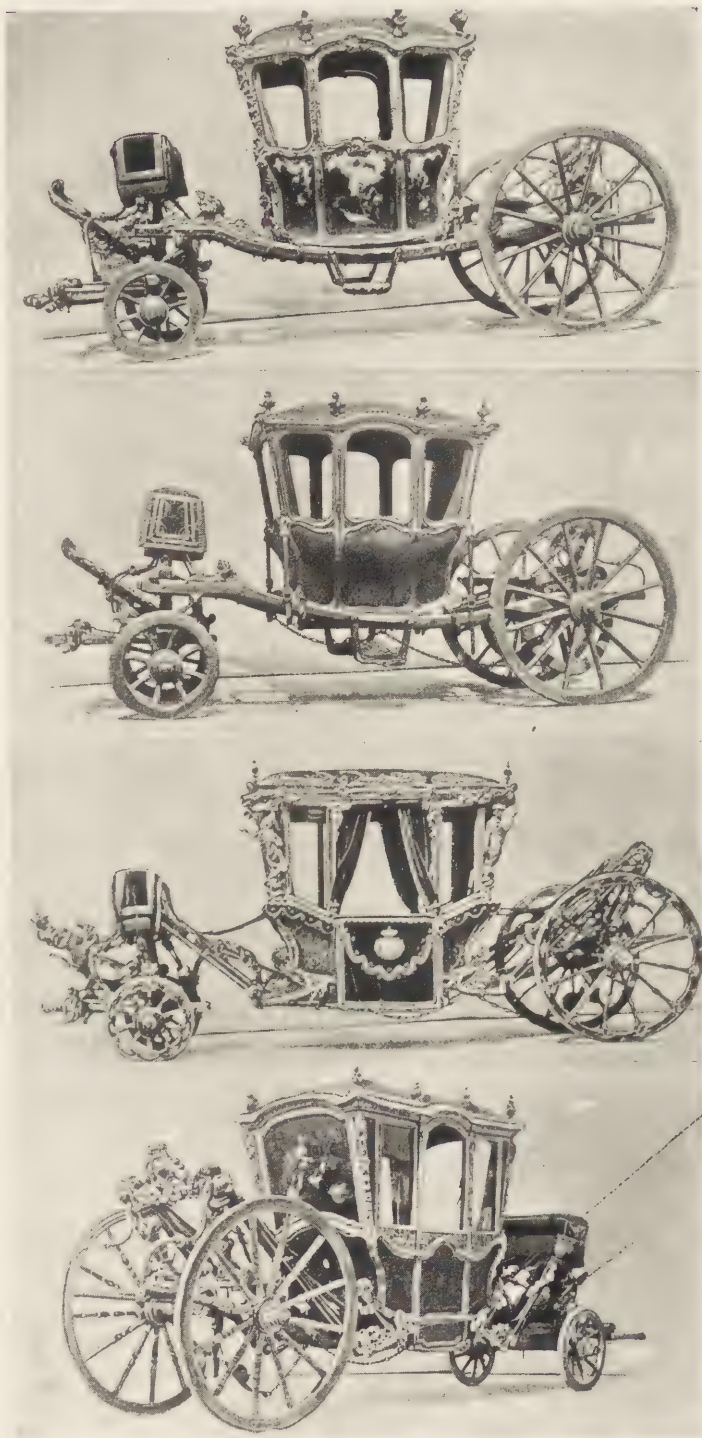
exoravel desvario. O seu aspecto era o d'uma dôr tão viva e intensa que a todos inspirava commiseração.

Logo que os dois cadaveres entraram no Paço foram conduzidos para os antigos aposentos do monarcha, deitados em dois leitos e cobertos com a mesma bandeira nacional que os tapara durante o trajecto. Ahi se deu nova e dilacerante scena. As duas rainhas e D. Manuel, que acabava de ser proclamado rei em momento tão luctuoso, declararam que velariam toda a noite as duas mallogradas personagens. E não houve rogos de amigos, nem conselhos de cortezãos, nem recommendações de medicos que os demovessem de tal intento.

Aquelles aposentos, testemunhas de tantas horas de alegria, em que cada objecto representava uma lembrança carinhosa, transformara-se em camara ardente. Os episodios de compungido sentimento succediam-se sem interrupção. Era a ama de leite do principe real, cujo pranto cahia em catadupas, e se estorcia alanceada pela mais vehemente afflicção, prodigalisando ao corpo frio e rigido os nomes mais ternos e repassados de uncção; era o mestre do *yacht Amelia* que não socegou nem se retirou emquanto não beijou a mão gelada de Sua Magestade; eram os serviçaes do Paço, desde o mais humilde até ao mais graduado, que, em piedosa romaria, desfilavam ante as duas individuali-

dades tão subita e descaroavelmente arrancadas ao seu affecto.

Os livros, collocados n'uma das salas para registo dos nomes das pessoas que iam ao Paço apresentar os seus pesames, encheram-se quasi logo. Foi necessario accrescentar-lhes folhas supplementares. A grande maioria da população da capital, sem exaggerar, a quasi totalidade, inscreveu-se ali patenteando por essa forma, não só o muito que a commovera o desgosto soffrido pela rainha com as perdas de seres tão intimos, mas ainda a indignação que lhe causava o nefando acto, tão fóra dos nossos cordatos e benevolentes costumes. Ninguem, pertencesse a que partido pertencesse, por mais radical e avançado que fosse, queria participar do labéo que para sempre estigmatisará os seus dementados auctores.

Incutia funda pena o espectaculo que offerecia o palacio das Necessidades, tão tranquillo antigamente no remanso d'aquelle sitio isolado, a que serve de moldura esmeraldina a coma viçosa do arvoredo do parque! Os sinos da capella tangiam gemebundos a finados, com um dobrar tão triste, tão dolentemente vibrante, que intimidava a alma com um pertinaz terror supersticioso. Em redor do edificio, o apparato bellico, sempre tão ruidoso e com frequencia festivo,

COCHES REAES QUE FIGURARAM NO FUNERAL

Duas berlindas de D. Pedro II, e os coches do Papa Clemente XI e do infante D. Francisco

Á SAHIDA DAS NECESSIDADES

Os novos ministros, conselheiros Ferreira do Amaral, presidente do conselho, Campos Henriques, ministro da justiça, Wenceslau de Lima, ministro dos negocios estrangeiros, e Augusto de Castilho, ministro da marinha.

participava da melancolia geral, com os tambores e as bandeiras dos regimentos envôltas em crepes, com as surdinas mettidas nas cornetas, com as armas em funeral, com todas as manifestações officiaes do luto pela morte do chefe do Estado e muito principalmente pela expressão de anciedade e de commiseração que se estampava em todas as physionomias, não como uma mascara afivelada por convenção, mas com um cunho accentuado de positivo pesar.

No dia immediato ao attentado foi necessario proceder ao embalsamamento. A decomposição não perdôa nem mesmo aquelles que foram ricos e poderosos em vida. Procederam a esse trabalho, que durou doze horas, todos os medicos da real camara. Terminado elle foram amortalhados os cadaveres para a derradeira ceremonia. A el-rei vestiram o uniforme de generalissimo; ao principe real o de capitão de lanceiros; ostentando ambos as condecorações que mais presavam. Foram em seguida mettidos em urnas de teca, com guarnições de pau santo e argolas de prata, acolchoadas a seda branca, com tampa de cristal. Assim os depositaram na capella do Paço e assim os transportaram para o pantheon dos reis no templo de S Vicente de Fóra junto dos seus antepassados.

Findou ahi, para o pae e para o filho, a hedionda tragedia. Ambos pertencem á Historia, que não será severa com elles. O segundo era uma creança sem responsabilidades nem acção politica; o primeiro ninguem com justiça poderá dizer que mereceu o rude fim com que a fatalidade o eliminou do tablado do mundo. Foi infeliz, mas não sanguinario.

* * *

Encaremos agora a hórrida tragedia por outra face. O attentado parece não ter ramificações dentro de qualquer dos partidos constituidos. Seria um caso esporadico, a allucinação de apenas dois homens, alguns d'esses criminosos, por excesso de piedade, de que falam os modernos criminalistas nas suas obras profundas?

Á SAHIDA DAS NECESSIDADES

Os novos ministros, conselheiros Sebastião Telles, ministro da guerra, e Calvet de Magalhães, ministro das obras publicas.

Vamos á narração succinta de quem eram as duas individualidades que tão lamentavelmente se puzeram em evidencia e bem pungente renome conquistaram.

O primeiro regicida, o que mais denodo e pertinacia mostrou, chamava-se Manuel dos Reis da Silva Buiça, contava trinta e dois annos e nascera em Bancoaes. Ficara viuvo e tinha duas filhas de pouca edade. Foi em Vinhaes ajudante do professor de instrucção primaria. Parece que a morte da esposa lhe perturbara fundamente o espirito. De alegre que era tornara-se taciturno e declarara aos seus intimos que o attribulava uma grande tristeza. Era actualmente professor d'um collegio muito considerado em Lisboa. Durante dez annos que ali esteve desempenhou exemplarmente os seus deveres, obtendo o passado anno lectivo os seus discipulos numero avultado de distincções.

Não fazia alarde de idéas avançadas. Na manhã do attentado compareceu na escola, pelas dez horas, e solicitou licença do director para sahir, pois desejava ir á estação esperar uma filha que vinha de fora. Era, ao que consta, assiduo frequentador da carreira de tiro de Pedrouços, onde obtivera a categoria de atirador de primeira classe.

Duas versões se espalharam ácerca d'esta tão tristemente celebre personagem. A primeira é que, quando já assentara na realização do crime, se fôra despedir de sua filha que vivia com uma especie de ama. Que n'esse momento solemne vacillou no proseguimento do seu plano. Infelizmente a hesitação não prevaleceu. A segunda é que, tendo durante três dias aguardado em determinado sitio o automovel do presidente do conselho, para o matar, só ao terceiro aquelle estadista ali appareceu, e que, no momento em que se dispunha a effectuar o criminoso acto, passou entre elle e a alvejada victima um homem de edade com o filho. O remorso de, para se desfazer d'um só homem, ter de sacrificar dois innocentes, actuou no seu animo de modo que renunciou á tentativa. Alguem, assegura-se, lhe exprobou a fraqueza, e que elle então declarara: «Veremos se ámanhã me chamam covarde!»

BERLINDA DE D. PEDRO II, COM OS CONDES DE SABUGOSA, DE FIGUEIRÓ, DUQUE DE LOULÉ E BARÃO-MARQUEZ DE ALVITO

Todos sabem como a phantasia popular é fertil em inventar anecdotas e boatos, que só se baseiam na sua imaginação exaltada.

Alfredo Luiz da Costa, o outro desvai-

COCHE DE D. CARLOTA JOAQUINA, COM O PRINCIPE DE HOHENZOLLERN, INFANTE D. CARLOS DE HESPANHA, DUQUE DE GUISE E CONDE DE WALWITZ

rado, nascera em Casevel e apenas contava vinte e três annos. Empregava-se no commercio. Viveu primeiro em Evora, depois em Estremoz e de lá veiu procurar fortuna a Lisboa. Expunha as suas idéas radicaes com grande fogo e enthusiasmo. Depois de se empregar em varios estabelecimentos abriu um escriptorio de commissões e exercia tambem a sua actividade como caixeiro de praça. Estimavam-n'o quantos o conheciam pela sua generosidade incondicional, pela sua indole francamente obsequiadora. A existencia sorria-lhe, por todos os prismas. Como seria levado até a loucura que tambem lhe custou a vida?!

Dois lamentaveis desastres, dos que tanto abundam nas commoções sociaes, se deram parallelamente ao regicidio.

Um foi a morte do pobre policia José Ramos, assassinado a 28 de janeiro, no cumprimento do seu dever, no largo do Rato, por uma onda de populares que o crivaram de tiros de revólver. Foi uma inutil barbaridade, que ha de vibrar sempre como um remorso latente na consciencia dos seus perpetradores!

O outro foi o fatal engano a que succumbiu um homem honesto e trabalhador, o desventurado João Sabino da Costa, a quem uma serie de coincidencias horrorosas atirou para a eternidade, n'um acto irreflectido e brutal de vindicta publica.

O pobre Costa era oriundo da Madeira e veiu para Lisboa com a mãe, viuva, de quem se tornara o mais prestimoso amparo. Tendo sido primeiro militar dedicou-se mais tarde ao commercio. Depois de varias peripecias no seu mourejar para ganhar o pão quotidiano, empregara-se n'uma loja da rua do Arsenal, onde ganhava doze mil réis mensaes, que na integra entregava á auctora dos seus dias. A' noite aproveitava o tempo de sobra occupando-se em ser bilheteiro do animatographo do largo de S. Domingos.

Na tarde do attentado fôra jantar ás três da tarde. De regresso á loja concluiu umas cartas que escrevera e declarou ao patrão que as ia deitar no correio. O dono do estabelecimento ainda lhe fez qualquer objecção, mas não insistiu. Agarrou em cinco tostões, sahiu em cabello e de animo completamente despreoccupado. Mal pensava que corria ao encontro da morte!

Entrou no edificio, desempenhou-se do encargo, e, como era natural, vendo approximar-se as carruagens régias demorou-se um pouco para assistir ao desfile. Detonam

os primeiros tiros, o panico empolga todos os espiritos, ha um fluxo e refluxo de gente, os encontrões succedem-se, os fugitivos esbarram uns nos outros, o tiroteio acirra-se e a fuga afigura-se á maioria como a unica probabilidade de salvação. O João Costa corre comó os demais. O facto de fugir em cabello chama a attenção da policia. «E' elle, é um dos regicidas!» — bradam alguns; e mais o perseguem, e mais o apavoram, e mais o instigam a correr como um doido. A' sua direita, no meio d'aquella confusão diabolica, abre-se o vestibulo da Camara Municipal. Se o alcançar, escapa. Ai! mas exactamente quando lhe vae a transpôr o limiar, algumas das dezenas de balas que lhe assobiavam aos ouvidos como besouros sinistros atravessam-n'o de lado a lado e estendem-n'o morto, com o sangue a borbulhar, com o anathema de regicida a infamar, a martyrisar a sua agonia de innocente, cujo ultimo pensamento é com certeza para a mãe, a quem o mesmo ferro que o assassina a elle a arremessa a ella para o deserto arido do infortunio e da miseria.

Os cadaveres de Manuel Buiça e o de Alfredo Costa tambem são conduzidos, após a rapida tragedia, para o vestibulo da Camara. Mais tarde enviam-n'os para o necroterio, onde os expõem ao publico afim de alguem lhes reconhecer a identidade. Mettidos em taboleiros inclinados, na lugubre casa que tem um aspecto e um cheiro particulares, uma parte da população desfila por defronte d'esses restos humanos, lividos, com as feições transtornadas pelo desespero d'uma suprema lucta, com os musculos contrahidos pela raiva da chacina inevitavel, com os olhos pavorosamente esgazeados a revelar o espanto doloroso d'uma aggressão inesperada e sem mercê.

Depois d'uma prolongada e lenta procissão, a mais compungida e afflictiva de todas, a da vida revistando a morte, sae do moroso prestito uma menina. Adeanta-se e fixa o cadaver das barbas, empallidece e sente a garganta estrangulada. E' rodeada acto continuo. Interrogam-n'a sem piedade, com ancia. Quando a pequena recupera o uso da fala, exclama:

— E' meu pae!

Os olhos inundam-se-lhe de lagrimas, quer lançar-se sobre o corpo inanimado n'um impeto de ternura filial, mas não lh'o consentem. Dos presentes, uns encaram a desventurada creança com misericordiosa pena, impressiona-os até a raiz da alma aquella tragica orphandade, a dupla desgraça que a fere; outros, n'um movimento

COCHE DE D. JOSÉ I, COM O PRINCIPE DE DIETRICHETEIN, CONDE DE ORMESSON, CONDE DE VERMISCK E EMBAIXADOR DA TURQUIA

COCHE DE D. ANNA VICTORIA, COM OS PRINCIPES EITEL FREDERICK, ARTHUR DE CONNAUGHT, CONDE DE TURIM, D. FERNANDO DE BAVIERA

instinctivo de espanto e de curiosidade recuam; julgam que se reflecte na filha a esteril intrepidez do pae, o seu pertinaz denodo n'um attentado insano que nenhum espirito culto pode desculpar. Mas, expulsas estas espontaneas e rapidas manifestações,

COCHE DE D. MARIA DE SABOYA, COM OS SACERDOTES E ACOLITOS DA COLLEGIADA DAS NECESSIDADES

COCHE DO INFANTE D. FRANCISCO, COM O ALMIRANTE CAPELLO CONDUZINDO A COROA REAL
COCHE DE CLEMENTE XI, COM OS OFFICIAES CONDUZINDO AS ESPADAS E CAPACETES DE EL-REI E DO PRINCIPE REAL

tão rapidas que fogem céleres ante o raciocinio, a pequena é alvo de sinceras e inilludiveis provas de sympathia.

Alfredo Costa foi reconhecido por alguns amigos.

*
* *

El-rei D. Carlos fazia a 28 de setembro quarenta e cinco annos; estava na força da

COCHE FUNERARIO DO PRINCIPE REAL

vida e era d'uma compleição robustissima. Tudo annunciava n'elle uma existencia prolongada. Casou-se com a rainha D. Amelia, quando ainda principe real, a 22 de maio de 1886. Educaram-n'o, entre outros professores, os srs. Augusto José da Cunha e Antonio Augusto de Aguiar, e foram seus preceptores os finados estadistas visconde de Santa Monica e Martens Ferrão.

Três vezes exerceu a regencia na ausencia de seu pae, el-rei D. Luiz I, emquanto este viajou no estrangeiro. Finalmente subiu ao throno por morte do seu progenitor, a 19 de outubro de 1889, e foi acclamado em 28 de dezembro do mesmo anno.

O mez de janeiro fôra-lhe fatal. Rebentaram n'esse mez os graves tumultos e agitações populares determinados pelo *ultimatum,* enviado pela Inglaterra em 11 de janeiro de 1880, por causa dos limites das fronteiras nos nossos territorios do interior da provincia de Moçambique; a 31 de janeiro de 1891 insurgiu-se uma parte da guarnição do Porto, revolta suffocada principalmente pela teimosa valentia do major Graça, commandante da Guarda Municipal do Porto; finalmente tudo leva a crêr que foram as desordens e mau estar d'uma parte da população da capital, manifestadas a 28 de janeiro d'este anno e dias subsequentes, que incitaram Buiça e Costa a commetterem o attentado.

Durante os dezenove annos do seu reinado succederam factos d'uma real importancia para o paiz. Avultam entre esses a gloriosa campanha effectuada contra o Gungunhana; a guerra contra os namarraes; as operações contra o gentio do Barué; e ha poucos mezes as successivas victorias alcançadas pelos nossos expedicionarios contra o Cuamato e contra os Dembos. A acção energica e triumphante das tropas portuguezas nas colonias consolidaram ali o nosso dominio e causaram um salutar effeito moral nas potencias estrangeiras.

Celebraram-se durante esse periodo os centenarios de D. Henrique, no Porto; e os do descobrimento do caminho maritimo para a India e o de Santo Antonio, em Lisboa. Em 1892 e em 1898 viu-se o seu governo a braços com duas terriveis crises economicas; sanadas estas teve occasião de receber na capital, umas após outras, as visitas dos reis de Inglaterra, de Hespanha, imperador da Allemanha e presidente da Republica Franceza. Inauguraram-se du-

O COCHE FUNERARIO DE EL-REI D. CARLOS

GUARDA REAL DOS ARCHEIROS

rante esse periodo algumas novas linhas ferreas, fomentou-se um certo desenvolvimento nas colonias, os Açores ligaram-se ao continente por meio d'um cabo submarino e assignaram-se varios tratados com diversas nações estrangeiras.

CASA MILITAR DE EL-REI

Na sua qualidade de chefe do Estado, instituiu el-rei D. Carlos differentes medalhas, taes como a de *Serviços no Ultramar*, em 1891; a de *Soccorros a Naufragos*, em 1892; a da *Cruz Vermelha*, em 1893; a da *Rainha D. Amelia* para premiar as expedições coloniaes, em 1895. Tambem creou a ordem do *Merito Agricola e Industrial*, destinada a recompensar os serviços prestados á agricultura e á industria do paiz, bem como reformou em 1894 a ordem militar de S. Bento de Aviz, onde foi introduzido o grau de grande-official.

Da sua missão politica e administrativa é cedo ainda para se lhe fazer a critica. Parallelo ao soberano, que se mostrou sempre bondoso e affavel com os que se lhe approximavam, ha a considerar o escriptor, o artista e o homem particular.

Como escriptor deixa o mallogrado monarcha algumas obras scientificas, favoravelmente apreciadas pelo mundo sabio. São ellas: *«Yacht» Amelia. Campanha Oceanographica de 1906; Resultado das investigações scientificas feitas a bordo do «yacht» Amelia, sob a direcção de D. Carlos de Bragança,* 1897; *A pesca do atum no Algarve em 1898; Esqualos obtidos nas costas de Portugal, durante as campanhas de 1896 a 1903; Catalogo illustrado das aves de Portugal, 1903 e 1907; Bulletin des campagnes scientifiques, accomplies sur le «yacht» Amelia; Palacio de Cristal Portuense, catalogo das collecções expostas por D. Carlos de Bragança,* etc., etc. Concorrera com as suas collecções oceanographicas e ornithologicas a varios certamens, onde obteve sempre as mais elevadas classificações e medalhas especiaes. Era presidente, protector e socio honorario de innumeras sociedades.

O senhor D. Carlos, como toda a familia Bragança, desenhava primorosamente e era um verdadeiro artista em varias especialidades. Confessam-n'o os criticos mais exigentes e menos palacianos. Foi presidente honorario de todas as sociedades organisadas por artistas portuguezes, e nunca deixou de concorrer ás exposições nacionaes com trabalhos seus. O seu *atelier* no palacio das Necessidades era um terreno neutro onde recebia todas as celebridades ou não celebridades artisticas, estrangeiras e nossas, e tratava-as ahi com a mais lhana *camaraderie*. Quando fora do paiz, visitava sempre, como simples particular, os pinto-

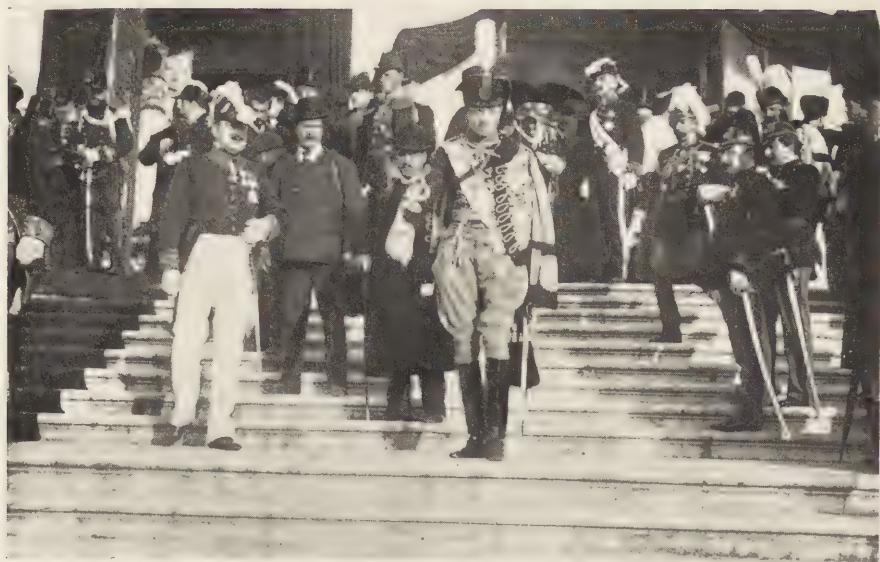
O GENERAL DA 1.ª DIVISÃO E O SEU ESTADO MAIOR

res e esculptores de mais nomeada, deliciando-se e orgulhando-se com o seu convivio.

Eram os estudos a *pastel* que mereciam a preferencia do extincto soberano, e n'essa especialidade ninguem o excedia, o que lhe valeu a alta distincção de ser nomeado socio honorario da *Sociedade dos Artistas Francezes,* nomeação que não deveu nada nem á lisonja, nem á sua elevada categoria. Entre as obras que mais ruido fizeram, contam-se: *A pesca do atum, Na costa algarvia, O mar em Cascaes, Preparando-se para a caça, Paisagem alemtejana, Chefe arabe* e *Um archeiro,* que figurou n'uma exposição de Paris. Devido á sua prodigiosa memoria, onde se gravavam as mais insignificantes minudencias, concluiu muito dos seus quadros sem voltar ao sitio que escolhera para reproduzir. Quando no seu *atelier* conversava com alguma visita, comprazia-se em *illustrar* o assumpto, desenhando trechos de sitios pittorescos, esboçando um typo, accentuando uma expressão, com uma verdade e um primor que surprehendia até os mais cotados profissionaes. Esses cartões eram, em geral, solicitados como lembranças que el-rei, a sorrir, concedia. Foi discipulo do apreciado professor Ferreira Chaves e continuou a perfeiçoando-se com o brilhante aguarelista Casanova.

EGREJA DE S. VICENTE, ONDE ESTÁ O PANTEON REAL

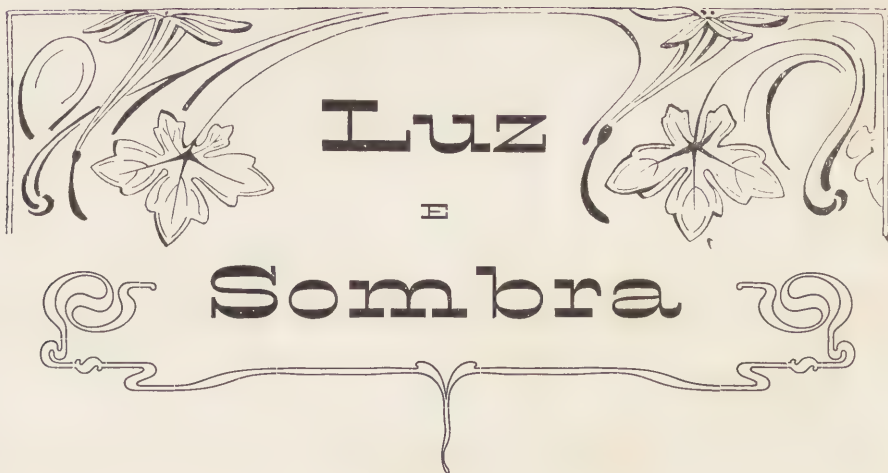
NO CAMPO DE SANTA CLARA — A CAMARA MUNICIPAL DE CASCAES

O senhor D. Carlos era, como todos os membros da sua familia, um caçador emerito. A firmeza do seu pulso tornara-se proverbial em toda a Europa. Chegava a fazer verdadeiros prodigios com uma carabina, um revólver ou uma pistola. Da ultima vez que D. Carlos se demorou em Paris visitou a *Sociedade do tiro á pistola.* Instado para atirar metteu no alvo, a quarenta e cinco metros, dezeseis

NA ESCADARIA DE S. VICENTE — DIGNITARIOS PORTUGUEZES E REPRESENTANTES ESTRANGEIROS

balas Sobre outro alvo que imitava uma lebre a correr acertou-lhe com doze projecteis. N'outro dia atirando á voz de commando, á pistola, sobre uma figura humana, a setenta

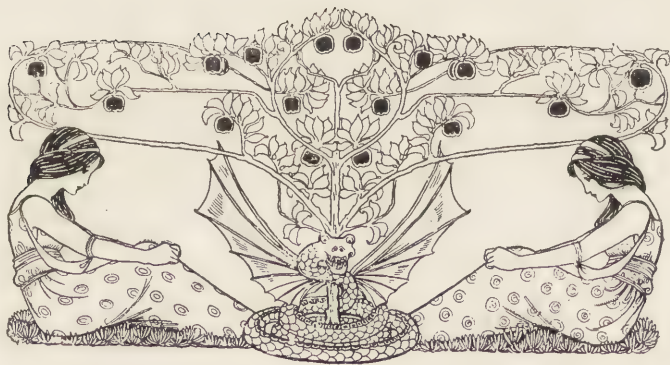
INTERIOR DO PANTEON REAL

e dois metros, empregou trinta e tres tiros sobre trinta e seis. Em Inglaterra foi a unica personagem que ultrapassou a extraordinaria pericia do principe de Galles.

Um jornalista inglez que muto privou com elle escreve: «Conheci o finado rei intimamente, tanto em Portugal como aqui em Inglaterra. Era, sem duvida, um homem notavel, e ninguem o excedia em certas coisas. Era o melhor atirador que tenho conhecido. Nunca errou uma ave. Era um admiravel philologo. Falava a maior parte das linguas da Europa; na ingleza era tão perfeito que não se distinguia que fosse um estrangeiro. A sua predilecção pela musica manifestava-se no soberbo modo como cantava e como tocava piano. não se fazendo nada rogado em patentear estes dotes. A sua amabilidade encantava, e era tão lhano que qualquer pessoa lhe podia falar sem a minima difficuldade.»

O principe real ainda não tinha biographia. O seu primeiro e unico acto official de importancia foi a sua visita ás colonias de que todos esperavam, no futuro, os melhores resultados. Succumbiu no limiar da juventude, sem deixar atrás de si nem odios, nem motivos para quaesquer represalias.

Foi um botão que uma rajada tempestuosa arrancou da haste sem ter ainda desabrochado! Que profundos mysterios os do destino!

Oxalá que a este tenebroso pesadêlo, que opprime todas as consciencias honestas, succeda uma alvorada radiante de justiça, de gloria, de engrandecimento, de amor, que imprima na historia do paiz uma nova era de que todos nos ufanemos!

E. DE N.

Visão radiosa! a natureza immensa,
A terra, o mar, os animaes, as flores,
O sol, o foco de uma luz intensa,
Radiando luz de refulgentes cores!

Milhões de sóes pela amplidão brilhando,
Mundos aos mil a faiscar no espaço,
Longos cometas pelo ceu girando,
Espadas nuas flamejando o aço.

E eu vou tambem no turbilhão diverso,
Cego de luz e sem saber aonde,
Sobre um planeta pelo ceu disperso,
Talvez a um sol que muito alem se esconde

Eu vou, navio que perdeu os mastros
E o mar arrasta ao caprichoso vento,
Em minha volta chammejando os astros,
Longe mil outros apagando o alento.

Circulam astros n'um correr constante,
Ali trez juntos, mais alem vão sete;
Sae-nos do labio a exclamação do Dante:
"Voi ch'intendendo il terzo ciel movete!"

Veste oiro o Cysne a gottejar saphira,
Hercules arde e entre rubís se perde,
Orion azul e mais alem a Lyra
Brilha nos raios da esmeralda verde.

Immensos arcos de fulgor nocturno
São maravilha de um planeta em volta,
Cingem o corpo ao singular Saturno,
Formam-lhe as luas luminosa escolta

Nos horisontes do infinito campo
Giram ardentes espiraes de fogo,
Palpitam lumes como o pyrilampo,
Cruzam espheras n'um constante jogo.

Kaleidoscopio formidavel! lida
Condensadora da materia informe;
O movimento a acordar a vida
Que ainda no ventre do universo dorme!

E a terra leva pelo espaço fundo
Todos os seres que no seio gera,
Naufragos tristes dos vae-vens do mundo
Grãos de poeira que o ignoto espera.

Cruzam-lhe a frente meteoros vivos,
Talvez os restos de algum mundo morto,
D'esses que brilham pelo espaço altivos
E que naufragam sem achar um porto

Entre os fulgores em que o ceu se banha
Tem uma sombra a luminosa vaga,
Cresce por vezes e se faz tamanha,
Que a luz n'um ponto ao firmamento apaga

No disco branco da brilhante Venus
A sombra ás vezes formidavel erra,
Sem que uma nuvem prive a luz ao menos,
Como uma chaga que lhe envia a Terra.

Oh! essa chaga que reflecte a altura
E mancha os astros pelo ceu profundo,
Sobe da terra, que ainda é escura,
Sangra do odio que ennegrece o mundo.

Fayal (Açores), dezembro-1907.

M. JOAQUIM DIAS.

Typ do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

SERÕES

N.° 33

MARÇO

LIVRARIA FERREIRA

132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

P. dos Restauradores, 27 Teleph. 805

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director:** Henrique Lopes de Mendonça — **Administrador:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

A

DIRECTOR LITTERARIO
H. Lopes de Mendonça

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) **27**

Telephone 805

LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Ignez de Castro — Drama em 5 actos por Maximiliano de Azevedo — Lisboa, 1908. — O distincto escriptor teve a intenção de vulgarisar o tragico episodio da nossa historia, tão versado na alta tragedia, na musica e na poesia, vasando-o na forma do drama assimilavel a plateias populares. Como se desempenhou d'essa tarefa, prova-o o exito enorme do seu trabalho no palco scenico. Mas a leitura mostra-nos ainda todas as qualidades de primor litterario e de escrupulo historico que o distinguem, e que tornam a sua obra, não obstante a modestia das suas intenções, digna de figurar honrosamente na nossa litteratura dramatica.

Do Paiz da Luz, por Fernando de Lacerda — Lisboa, 1908. — Não é bem o sr. Fernando de Lacerda, como elle proprio declara, o autor, mas simples introductor de uma obra collaborada pelo espirito de escriptores eminentes que pairam nas regiões de alem-tumulo. Achamo-nos em frente de um problema psychico que nos enleia e perturba, dada a reconhecida honestidade do sr. Lacerda. E francamente não podemos pronunciar-nos sobre o assumpto. Basta que accentuemos o interesse transcendente que tal livro deve despertar entre os que perscrutam os mysterios da vida futura, e para os que anciosamente os interrogam, isto é, para a humanidade inteira,

L'Enfant — *Revue mensuelle illustrée* — consacrée á l'Etude des questions relatives á l'Enfance. — Administration e Redaction: Rue de Condé, 24 — Paris — N.os 154 e 155, novembre e décembre de 1907.

A Saude — *Revista mensal* — Que ensina a manter, robustecer e restaurar a saude. — Redacção e Administração: Rua da Padaria 48 1.º — Lisboa.

Propaganda Catholica — A acção do sacerdote na imprensa Opusculo 133 — 1.º do XII anno — Janeiro de 1908 — Redacção e Administração: S. Clemente — Silvares — Fafe.

A Caça — *Revista illustrada do sport peninsular e da vida dos campos* — Redacção e Administração: Rua Nova do Loureiro 36, 2.º — Lisboa — N.º 6 — Janeiro de 1908.

Estudos Sociaes — *Revista catholica mensal* — n.º 1, Janeiro de 1908. — Summario: Explicação prévia. Estudos philosophicos. — A psychophysica e a doutrina espiritualista. Mãos á obra. Bons conselhos e correcção fraterna. Falar de cadeira. Chronica scientifica. — Telephonia sem fios. Chronica social do estrangeiro. Notas do mês. Bibliographia.

La Lectura — *Revista de ciencias y de artes* — n.º 36, Febrero de 1908. — Summario: Confesión de poesias, por Juan Maragall. El realismo en la enseñanza, por Baldomero Argente. Poesias: Los cantos del desastre, La bondade, por E. Marquina. Emilia Pardo Bazán, por Andrés González Blanco, Sociologias, Novelas, Musica, Arte, Pedagogia, Libras, Revista de revistas e etc. etc.

Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official — Fasc. XVI — Agosto a Dezembro de 1907. Rua Aurea 177, 2.º — Lisboa.

Boletim Photographico — Rua da Prata 135 e 137, Lisboa — n.º 94, Setembro de 1907.

O Economista brazileiro — *Revista semanal de economia, finanças, politica e literatura.* — n.º 32, Rua da Alfandega, 114, — Rio de Janeiro.

Archivo Bibliographico — Da Bibliotheca da Universidade de Coimbra. — Vol. VIII — N.º 1, 1908.

O Instituto — *Revista scientifica e Litteraria.* — Redacção — Rua do Infante D. Augusto, 44, — Coimbra. — N.º 11, Setembro de 1907.

Alma Feminina — *Revista semanal illustrada* — Redigida por algumas das mais notaveis escriptoras portuguezas e estrangeiras.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa — N.os 247 e 248, janeiro de 1908.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza — Janeiro de 1908. Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — 4.ª Serie — Tomo XI n.º 5.º — Director: Gabriel Pereira.

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

Luz do Oriente — Anno 1 — N.º 6, dezembro de 1907 — Redacção e Administração: Ponda-Goa.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — 4.ª serie — N.º 48, desembro de 1907 — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º á Avenida da Liberdade, Lisboa.

Echos de Roma — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Thiago Jinibaldi — Via del Banco S. Spirito, 12, Roma.

Sexto Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Para photographos Amadores

THEMA:

Um grupo, formado á vontade do concorrente, em que sejam representadas a velhice e a infancia, obedecendo a qualquer ideia moral ou philosophica.

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação ficará pertencendo aos «**Serões**».

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Sexto concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios**, sendo o primeiro de **10$000 réis**; o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES**; o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES**, a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

SEXTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 15 de maio

Titulo da photographia: ....

Local em que foi tirada: ....

Nome e endereço do photographo: ....

....

Declaração — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura: ....

Endereço: Direcção dos SERÕES, 27, Praça dos Restauradores, 27 — No verso do enveloppe a indicação: Sexto concurso photographico.

CASTELLO
MOURA
AGUA MINERO-GAZOSA NATURAL
DE
MOURA
PORTUGAL
MELHOR DAS AGUAS DE MEZA
123. R. da Conceição
LISBOA

As lindas tricanas

UMA CHEIA DO MONDEGO

Hontem e hoje — O que é um «urso» e o que se requer para o «officio» — A instituição do «nariz de cêra» — O que se pensa d'um «urso» — «Ursos» e «musicos» — O que é a «charanga».

UANDO se olha para esta Coimbra com o seu typo burgo mediévo, de viellas estreitas, onde na sombra luzem lampeões de nichos, esta Coimbra de casas historicas, de conventos, de paisagem inexcedivel, de poentes de fogo e de luar de prata, veem-nos á memoria gloriosos tempos idos, mocidades que por aqui passaram, a rir, n'um vôo d'aza pelo azul luminoso, mocidades briosas, onde se accentuavam qualidades que se estiolam e se perdem, caracteres e almas que rareiam e desapparecem.

Relembramos os tempos homericos da *Sociedade da manta,* em que se desarmavam patrulhas e sentinellas, e a academia se batia com as milicias na *Ladeira do Seminario;* recordamos depois n'um deslumbramento a geração extraordinaria de Anthero, de Eça e de João de Deus, e mais vizinha a nós, avivada pouco a pouco no esfumado do tempo, a pagina gloriosa d'esse evangelho que se chama *In illo tempore,* onde ha esturdia, onde ha graça, onde ha harmonia e camaradagem, amizade e solidariedade.

A solidariedade é hoje uma blague!...

O desapparecimento do Theatro Academico, que quiçá governos temerosos d'um nucleo de resistencia e de sã democracia, se não abalançaram a reconstruir, provocou a dissociação; ali se reuniam sob um mesmo tecto corações que um destino egual conduzia, que o mesmo ideal acalentava; ali se revelavam oradores, desabrochavam tribunos e parlamentares, em sessões academicas para sempre memorandas.

Extincto esse fóco de união que Emygdio Navarro tentou soerguer n'um esforço derradeiro e improficuo, a derrocada accentuou-se rapida, profunda, n'um exgotamento que jamais a deixará reviver!

Mas atravez d'este meio que dia a dia se torna incaracteristico e banal, typos ha em que a degenerescencia pouco actuou e que se conservam immutaveis como a propria Minerva.

UM «BICHO»
Phot. de Pamplom Corte-Real

Um d'esses typos é o que em giria ou calão academico se costuma designar por *urso*.

Não se trata de um plantigrado da especie *maritimus, arctus, proncyonlotor,* ou outra de que nos fala a zoologia. Não.

Urso em Coimbra é o estudante classificado.

O *urso* é em geral um estudante *bon enfant,* esperto, cumprindo religiosamente os seus deveres e seguindo quasi á risca aquellas famosas maximas que Antonio Castanha Neto Rua, estudante, com largo tirocinio do *officio* na Lusa Athenas dava a um *caloiro,* para alcançar a honrosa posição: andar muito tezo e circumspecto, em marcha de procissão e assim o modo de abstracto; parar quando fôr por uma rua e voltar para traz como quem chegou ali por um acto d'alma que chamamos *andar á razão de juros;* não deixar socegar a servente, já com livros para fóra, já com livros para dentro; trez dias cada semana frequentar as lojas dos livreiros e serem d'estas, em que melhor se vê quem está de dentro; não entrar em bilhares, pois é incompativel *affectar de sabio,* e por consequencia de estudioso, e gastar o tempo em semelhantes ninharias; não entrar em botequins, porque o verdadeiro café dos sabios é a leitura dos seus livros aos quaes já houve quem chamasse os seus boisinhos; não entrar em rifas de trastes que sirvam só para adorno, salvo um relogio, um jogo de livros e um annel, porque o primeiro marca as horas de estudo, o outro é a insignia do sabio e os livros as suas armas; trazer lunetas de vidro largo com aros de prata e caixa de madreperola . . .

De resto o *urso* veste com correcção, ás vezes mesmo com elegancia, é moderado no pentear, vive de exterioridades sem ser espalhafatoso, fére de preferencia a nota da *gravidade,* conscio da sua posição, porque já Lopes Vieira notára com graça no *Auto da Sebenta:*

Ser «urso» é mais que ser gente! . . .
Ser «urso» é mais que ser homem! . . .
Ser «urso» é quasi ser lente! . . .

Na aula está immovel, n'um silencio compenetrado de santuario, olhos fitos na cathedra, porque para elle o lente é alguma cousa de superior e intangivel que como os heroes da antiguidade tem pontos de contacto com os deuses.

Chamado á lição, levanta-se com gravi-

UM «URSO» DANDO LIÇÃO
Caricatura de J. Pinto Osorio

dade, senta-se com *pose* (o verdadeiro *urso* tem muita *pose)*, descalça as luvas, sacca da pasta o expositor predilecto, e expõe.

A sua fala é segundo as prescripções do Palito Metrico, em um tom nem cantavel nem resado, mas sonóro, espremido e ronceiro, *id est* a compasso de *fá* bordão em matinas solemnes; algumas vezes faz uma especie de echo estendendo as palavras a modo de gomma de borracha; os pontos de interrogação como quem declama, os de admiração erguendo a voz e as sobrancelhas, as virgulas espaçosas, os pontos redondos e pesados.

BANCA DE ESTUDO DE UM «URSO»

Phot. de Pamplona Corte-Real

Começa em geral por um *nariz de cêra.*

O *nariz de cêra* é uma instituição universitaria.

É um discurso, introdução, prologo, ou como queiram chamar-lhe, feito de palavras sonóras, entretecido de nomes de auctores que façam vista como *Puffendorf, Papafava, Bynsckershoek, Vadala Papale,* que o classificado decorou e que lança ali á queima roupa, com uma exibição de fogo de artificio, e que para os condiscipulos boquiabertos do arrojo faz o effeito de foguetes de lagrimas em romarias de aldeia.

Outras vezes, é apenas o extracto d'um livro, mais ou menos relacionado com o assumpto, que elle pespega, arqueando as sobrancelhas e, quando a materia o pede, para firmar argumentos ou impôr convicções, com o dedo no ar, erguido n'um gesto resoluto, ou martelando a mesa para cima e para baixo com a desinquietação de sacristão novo quando toca a campainha.

E era tal a ideia de balôfo que se ligava a um *urso* que eu por vezes ouvi contar que um conhecido e sabio advogado de Lisbôa, jornalista, politico e homem d'Estado, quando bachareis formados o procuravam para ir aprender ao seu escriptorio noções praticas que a Mãe-Universidade lhes não déra do seio uberrimo, a primeira pergunta que fazia era se o novel doutor tinha sido classificado; porque n'este caso, dizia o douto jurista, franzindo o sobrolho, o trabalho era dobrado: era mister tirar primeiro da cabeça ao rapaz as minhocas que lá lhe tinham mettido, para depois lhe ensinar

o que cá na vida pratica é util e neces sario.

De resto, esta ideia sobre o valor scientifico do *urso* falseou bastante desde que a nova reforma invadiu as aulas universitarias, destacando cadeiras e actos e complicando formaturas.

O *urso* é porém ainda *bon enfant*, timido e, recatado, não falta e não se pretere; na sua vida normal continúa a vir á Baixa, depois de jantar, cavaqueando no cenaculo do França Amado, alargando-se quando muito até ao Caes ou até á Sophia, e ao *berregar* da *cabra*, pouco mais, trepa offegante o Arco d'Almedina ou a Couraça, a enfronhar-se em *sebenta* e em expositores.

E cáem ás vezes lentas as doze pancadas da meia noute nos relogios das torres em roda, e o luar põe tons lavados na claridade mate das paredes da cidade adormecida, e ainda o *urso*, á luz do candieiro, curvado sobre a banca d'estudo, sorve n'uma soffreguidão de bibliomano as ultimas linhas da *sebenta*.

Era o que o auctor do *Ar Livre* frizava tão bem no *Auto* pondo na boca de Euzebio, aspirante a *urso*, estas palavras:

«Trez horas! Isto não finda!...
Inda ha tanto que estudar!...
Faltam dois «restos» (1) *ainda,*
Vou no meio da lição
E falta-me consultar
O codigo do Japão.
Isto é sciencia aos pótes!
Falta-me ver a lei dórica
Mais a lei dos hotenttotes,
E o «Portugaliae Monumenta Historica».

(1) Quando a sebenta era lithographada, não se confeccionava toda d'uma vez, e aos bocados que vinham depois pela noute adeante chamavam-se lhes *restos*.

PRIMEIRA PAGINA DE UM JORNAL DE ESTUDANTES

O estudante classificado d'um curso, em geral premio ou *accessit*, é o *urso magno*, os outros, simplesmente distinctos, são apenas *ursos*.

Todo o estudante que não é *urso* é conhecido pela designação de *musico*.

O musico limita-se a estudar a *sebenta*, sem ver materia por fóra; se é estudante regular é musico *afinado*, se é menos regular é *desafinado*, e d'um extremo ao outro ha todos os tons e todas as variedades da *gamma musical*.

E como geralmente os estudantes repetentes são mais desafinados e ficam na aula atraz dos outros, nas ultimas bancadas, chamam-lhe os rapazes *a charanga*.

*
* *

Como se ia para Coimbra em 1850 — O macho recoveiro — O Esgueira arrieiro — D. Maria II visita Coimbra em 1852 — É necessario deitar abaixo uma casa para a passagem do cortejo — Um calembourg do Secretario da Universidade — Perdões d'acto — O serviço da mala-posta em 1854 — Os estudantes passam a usar calças — A grande nevada de 1855 e como ella deu um feriado — «Ursos» do tempo: Dias Ferreira, o dandy Ayres de Gouveia, Emygdio Garcia e Veiga Bei-

rão — Um grupo de gymnastas e de valentes — De como desappareceram as gallinhas de Dom Victorino...

QUARTO DE ESTUDO DE AFFONSO LOPES-VIEIRA

Ha bons cincoenta e... tantos annos, quando para Coimbra ainda não havia sombra de comboio, faziase a viagem em machos recoveiros que se alugavam, de arrieiro ao lado, um homem ossudo e secco, typo de andarilho, de pernas ligadas por faixas para a resistencia das andadas por longos caminhos ao sol.

Deixava-se a aldeia entre os abraços dos paes e as despedidas dos parentes e amigos, com as ultimas recommendações sopradas ao ouvido, n'um beijo ultimo: «— muito juizo, estuda muito» — e na volta do caminho, ainda se voltava a cabeça n'um aceno, a fitar por vezes uns olhos negros que por lá se ficavam razos d'agua.

E o bacharelando seguia para a *cidade do saber* choutando por montes e valles.

No caminho encontravam-se conhecidos e amigos que voltavam tambem a Coimbra e a cavalgada engrossava em cada ramo de estrada, ferviam larachas e esfusiavam motejos, n'uma alegria de causar inveja ao mais pintado...

Os filhos de familias abastadas da provincia montavam os seus cavallos e faziamse acompanhar dos seus criados e no farnel bem sortido não faltava o nédio capão assado, o lombo e o presunto do melhor suino, o odre de bom vinho de cepas immemoriaes e a bem creada fructa dos pomares solarengos.

E quando a fome apertava, presos os cavallos á sombra d'alguma arvore, junto a uma fonte, ou á mesa d'uma das estalagens que orlavam o percurso, desdobrava-se a toalha de alvo linho e todos em leal e franca camaradagem reparavam forças para o resto da jornada.

Quando, ao deixar a Lusa Athenas, se regressava ao seio amigo da familia, procurava-se o *Esgueira*, conhecido arrieiro da Sophia que fornecia bestas por preços modicos. Ora por meiados d'abril de 1852, Coimbra engalanava-se para receber condignamente a Senhora D. Maria II que o dictador Saldanha, apaziguada a revolução de 51 e expulsos os Cabraes, ali levára, em viagem politica conciliadora, para lhe mostrar que tudo passára e que o seu povo lhe queria de novo muito.

A sége tirada por trez parelhas de solidos muares desceu de Santa Clara por caminhos ingremes após cinco dias de jornada de Lisboa.

A cavallo ladeando a sége seguiam o rei D. Fernando, e os principes D. Pedro e D. Luiz, que tinham acompanhado a soberana n'aquella missão pacificadora.

Ao entrar na ponte, duas immensas filas de capas negras, immensos estudantes e muito povo aguardavam as magestades que, verdade seja, não vinham muito seguras do bom acolhimento da Academia.

Mas a rapaziada victoriou-as e o cortejo seguiu entre grinaldas de buxo e acclamações até á *Portagem*, onde ao tempo se erguiam ainda as portas da cidade.

Ahi n'um palanque decorado a damascos, o presidente da camara, então o lente da Universidade, Doutor Secco, lida uma mensagem de boas vindas, lhes entregou as chaves de Coimbra.

O cortejo atravessou a rua hoje do Visconde da Luz, subiu pelo Arco d'Almedina,

onde pela estreiteza da passagem foi necessario deitar abaixo uma casa para a sége real dar volta, continuou pela rua das Fangas, do

QUINTO ANNO DE DIREITO (1868-1869)

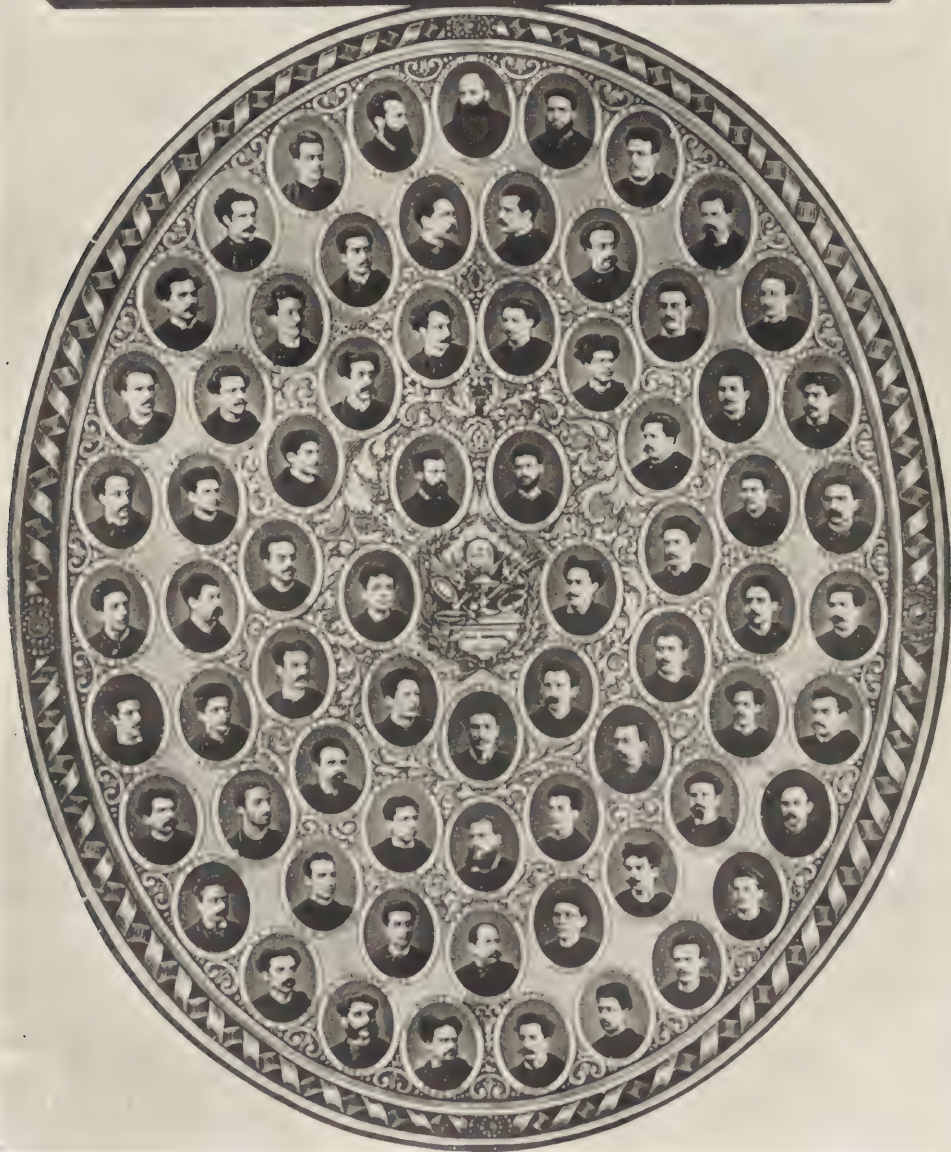
Correio, *subiu a mais que ingreme* rua das Covas, torneou a rua das Colchas e parou na feira dos estudantes em frente á Sé Nova.

Ahi se apearam os monarchas para ouvir um *Te-Deum* e depois seguiram debaixo do pallio a pé para a Universidade, acompanhados dos lentes, cabido, estudantes e muito povo.

Na reitoria lhes foi feita uma recepção brilhante com todo o cerimonial do estylo e os rapazes aproveitaram o ensejo para pedirem *perdão d'acto*, como já no anno anterior tinham feito pela passagem de Saldanha. E alcançaram-n'o. Conta-se que, ao tratar-se dos preparativos para a chegada da rainha, andava no pateo da Universidade, que ao tempo não era ajardinado, um bando de operarios, varrendo e tirando as hervas que arrelvavam o chão.

O secretario da Universidade, ao ver a azafama, voltou-se indignado para os trabalhadores e berrou-lhes: — «Eh! lá! que fazem vocês?!... não tirem a herva porque suas magestades gostam muito de verde!...»

Foi por uma manhã de meiados de janeiro de 1855 que Coimbra acordou coberta de neve que nos passeios e calçadas media alguns centimetros d'altura.

A rua larga, em frente á Porta-Ferrea, era um immenso lençol branco, e aos rapazes que vinham sahindo de casa embuçados

QUINTO ANNO DE DIREITO (1874-1875)

nas capas, espantados da novidade (1) e transidos de frio, acudiu, n'um relance, uma ideia luminosa — atulhar de neve a Porta-Ferrea, para que os lentes não pudessem entrar e assim não houvesse aulas!...

Mãos á obra, e em pouco tempo a tarefa estava consumada, as entradas foram barricadas e alguns lentes que quizeram penetrar foram bombardeados... a bolas de neve!...

E o caso é que n'esse dia não tiveram aulas!...

Foi depois da viagem de D. Maria II que se reconheceu a necessidade inadiavel de abrir a estrada de Lisboa ao Porto e logo n'esse mesmo anno se deu começo aos trabalhos.

Em 1854 apparecia em Coimbra a primeira mala-posta vinda de Lisboa, o que causou extraordinaria sensação.

O serviço era magnifico, as estações muito bem providas de gado e a exactidão das partidas e chegadas, mathematica; tanto que ao tempo se dizia, não haver melhor em qualquer ponto da Europa!

A estação da mala-posta em Coimbra ficou installada n'uma casa onde hoje está o correio, na ala esquerda do *Jardim da Manga*, edificio que anteriormente servira para uma escola primaria.

Curiosa serie de transformações!...

Foi n'esse mesmo anno que sendo reitor o Doutor Ferrer, se facultou aos estudantes o usarem calças, que até ahi os estatutos só permittiam calção, meia preta e sapato de laço!...

NO TEMPO DE ESTUDANTES...— OS DOIS CHEFES DO PARTIDO REGENERADOR, HINTZE RIBEIRO E JULIO DE VILHENA

Por estes saudosos tempos de Coimbra que João Penha já alegrava com a sua graça e deliciava com o dom de inexcedivel cavaqueador, frequentavam a Universidade alguns *ursos* e não dos mais vulgares.

Dias Ferreira cursava já o 3.º anno em 1856 e desde o inicio ao remate da sua formatura, com o doutoramento em 1859-60, o seu curso foi uma serie de successivos triumphos.

No anno immediato formavam-se Veiga Beirão, Eduardo José Coelho, e Manoel Emygdio Garcia, que compulsando as *Institutas de Gaio e Justiniano, Waldeck* e *A Historia de Melii,* começavam a revelar juristas atilados, escriptores de pulso nos *Preludios Litterarios* e na *Estreia Litteraria* e futu-

---

(1) Só pelo Natal de 36 havia memoria d'uma tão grande nevada em Coimbra.

ɔs triumphos no fôro, na magistratura e ı politica.

Um dos *ursos magnos* do tempo era Ayres e Gouveia, que era tambem um fino *dandy*. sava sempre de meia de seda muito repuıda, sem uma ruga, o talhe da batina ireprehensivel e do ultimo figurino, sempre ɔrida a botoeira.

Foi premiado nas trez faculdades em que formou — Theologia, Philosophia e Diito — e por fim veiu a ser lente de Diito Ecclesiastico.

D'entre a rapaziada d'esse tempo juntaım-se frequentememte em amigavel camaıdagem Eduardo Segurado, Montufar Bariros, Carvalhaes e outros, todos moços sforçados e inexcediveis em prodigios de crobatismo.

Guindados aos hombros uns dos outros, alınçavam a altura d'um segundo andar e n agilidade e saltos eram assombrosos.

Um d'elles, como morasse n'um quarto ɔm janella alta para a rua, em occasiões e pressa, para não descer a escada, d'um ulo sahia de casa: «Era mais rapido», dia elle.

Uma vez que jantavam ao ar livre no rdim d'uma *republica*, ao Arco da Traiıo, sentados na borda d'um poço fundo, ıccedeu que um dos garfos lá foi parar entro. Tanto bastou para que um d'elles descesse ao poço, apoiando-se unicamente ás paredes, mergulhasse e trouxesse o garfo para continuar o prandio interrompido.

JOÃO ARROYO

PIRES DE LIMA

De sociedade com Pereira Capon, dois d'elles fizeram desapparecer o badalo da *Cabra* e as settas de prata de S. Sebastião dos Arcos do Jardim, deixando-lhe por baixo este lettreiro: «Basta de tanto soffrer! . . .» Foi graças a estes dotes que pela calada de uma noute conseguiram transpôr um muro alto do quintal de um lente de Theologia, conhecido pelo *Dom Victorino*, que não acreditava na luz sem torcida, e subtrahiram-lhe uma a uma todas as gallinhas da capoeira. Escusado será dizer que as aves fizeram a mais opipara ceia que é dado imaginar.

Correu o lente á Reitoria, desconfiado, a protestar do furto. Indignou-se o Reitor e eis os *verdiaes* na pista dos *ratoneiros*. Foi debalde que os procuraram; e os endiabrados na noute seguinte foram-lhe pôr as pennas, em monte, no meio da capoeira para consolação do infeliz *esmifrado!* . . .

*
* *

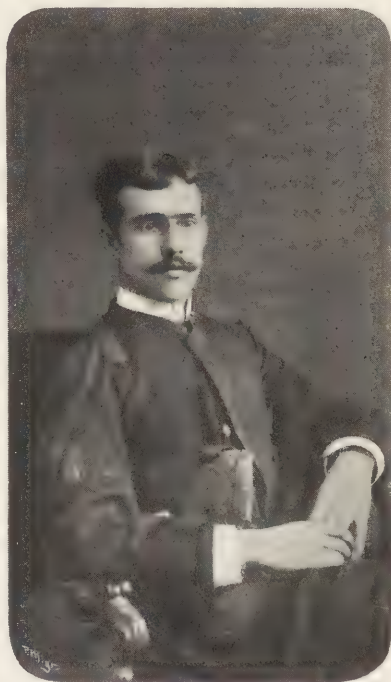
Coimbra em 1863 — O Natal, o Carnaval, e a Paschoa passados em Coimbra — Mais «ursos» celebres: Theophilo Braga, Emygdio Navarro, Lopo Vaz de Sampaio e Mello, Hintze Ribeiro, Julio de Vilhena e Neves e Souza — Jornaes dos rapazes do tempo: «A chrisalida» e «Academica» — O caminho de ferro inaugurado em 1864.

Ao cahir das primeiras folhas outomniças começava a rapaziada a voltar a Coimbra para procurar casa e entrar de novo na vida regrada a que as aulas obrigavam.

Pelas horas calmas do poente enchia-se o *O'* da ponte de capas negras, amigos e conhecidos, os que vinham e os que já tinham vindo, e desgraçado do *caloiro* que ao entrar na cidade se denunciasse (se é que elles se não conhecem *ex vultu atque ex fedore!)*, cahiam-lhe em cima dichotes e piadas e se embezerrava muito peor, porque depois pagaria a ceia na estalagem e serviria á meza.

Começadas as aulas, a grande parte dos rapazes não tornava a deixar Coimbra senão no fim do anno, feitos os actos, pelos fortes calores de julho, e aos que se formavam, ao dobrarem pela ultima vez a esquina da rua onde tinham morado, enegrecia-se-lhes o coração e uma nuvem de recordações saudosas turvava-lhes os olhos d'agua.

Era a mocidade que terminava! A vida de resto, ali, corria sem cuidados, a *tia Camella* fritava savel como ninguem, e o *sino saimão* (1) era uma boa medida.

LUIZ DE MAGALHÃES

MALHEIRO REYMÃO

Dois dos ministros do gabinete regenerador-liberal de 1906

A missa do gallo, pelo Natal, era de regra em Santa Clara, em Sant'Anna ou nas Therezinhas onde a elegancia mandava affluir.

Logo por fins de dezembro começavam os

(1) Chamava-se assim a uns copos em fórma de sino, de boca larga e estreitando para o fundo que levavam meia canada.

THOMAZ PIZARRO
Vogal do Supremo Tribunal Administrativo

ailes de mascaras no theatro de D. Luiz, oje em ruinas, ao fundo da rua do Correio; s *travestis* porém, ao que parece, eram ouco variados, pelo que um informador do mpo se queixava que os mascarados só sassem de dominó e gavão (sic).

Depois seguiam-se pelo anno adeante ecitas e espectaculos onde concorriam por ezes actrizes de nomeada, Emilia das eves, a Ristori, e onde os Meninos Flo-entinos fizeram furor.

Nas vesperas de feriado, o theatro tinha erdadeiras enchentes não só por parte dos studantes, mas de tudo o que havia «de ais bello e elegante do sexo amavel de oimbra» na phrase de um chronista da *Chri-ılida*. Estavam, dizia o informador, apon-ndo a assistencia elegante, *«as encantado-ıs Ab.os, a Sapho conimbricence, a vapo-ısa L. A.mo, a terna e meiga D. F.a»* e uitas outras que elle velava sob um ri-oroso incognito.

O Entrudo era outra epocha de folia, já elas ruas, já nas *recepções particulares.*

Depois os officios da Semana Santa, que tinham não sei quê de mais sublime attractivo na capella real da Universidade ou na Sé.

Por vezes nas ferias sahiam os rapazes a dar recitas por Soure e Condeixa onde eram sempre recebidos com immensa alegria e o chão juncado de flôres.

Por este tempo frequentavam a Universidade, entre outros, Theophilo Braga, Emygdio Navarro, Lopo Vaz de Sampaio, Neves e Souza, Macario de Castro, que já ahi se destacaram como *ursos* grandes que eram.

Por fins de 1863 apparecia em Coimbra o primeiro numero de um semanario de litteratura de que eram redactores Theophilo Braga e Simões Dias.

Entre os collaboradores assiduos viam-se os nomes de Silva Sanches, Duarte de Vasconcellos, Guimarães Fonseca, Amelia Janny, Souza Viterbo, Candido de Figueiredo, que por vezes enviava versos do Seminario de Vizeu, e Jacintho Nunes.

Já ahi o vigoroso poeta da *Visão dos Tempos,* patriarcha da nossa litteratura, ensaiava a lyra d'ouro, e o auctor das *Peninsulares* esboçava as suas buriladas estrophes.

Pouco depois fundava-se um outro perio-

PINTO DE MESQUITA

dico de litteratura, *A Academia*, que João de Deus, Simões Dias e João Penha adornavam com o rendilhado e a delicadeza dos seus versos, onde Lopo Vaz discreteava sobre politica e Adolpho Coelho sobre philologia.

Emygdio Navarro, figura estranha de luctador, que no seu paiz se engrandeceu e se impoz á custa do seu trabalho e do seu talento, polemista emerito e estylista primoroso, collaborava na *chronica* e exclamava n'um desabafo ao ouvir de novo *berregar a cabra*, por fins d'umas ferias «ó negregada *cabra*, sino agourento que como as corujas soltas o teu grito sinistro ás horas do crepusculo!... As tuas badaladas são como as notas tremendas de uma trombeta que tambem chama a um pavoroso juizo final!»

Era o estudo que apertava com os actos proximos!...

Por fins de 1864 inaugurava-se o comboio de Lisboa ao Porto, o que no meio academico produziu verdadeiro successo.

A rapaziada ia de capa e batina até ao Porto, e sahia frequentemente em passeios pelos arredores, com a mesma naturalidade, dizia um jornal do tempo, com que se vae ao Penedo da Saudade ou a Santo Antonio dos Olivaes!

Era um acontecimento!

*
* *

Coimbra de 1882-1886 — «Ursos» e mais «ursos» — A mais que famosa questão do nivel - O nivelista-mór de Mangualde — Quem era o heroe — Os bastidores d'uma aula universitaria — Do que seja a cólica — A farpa, o segredinho á porta da aula, queixos partidos e cabeças atadas — Como se mergulha em caso d'afflicção — Sahidas a tempo.

A geração que deixou os bancos universitarios ha vinte para vinte e cinco annos dir-se-hia uma geração de eleição, tantas as figuras hoje em destaque que então passaram pela Lusa Athenas. João Arroyo a quem Wagner e o *orpheon* pareciam não roubar tempo doutorava-se em 83-84, e nesse mesmo anno se formava Jacintho Candido, emerito na *ursulhice* desde o começo de sua formatura; José Maria Rodrigues formava-se em theologia no anno immediato, tendo-se já formado em direito, revelando a sua alta intellectualidade e dando que fazer a Camillo na celebre questão das *Sebentas;* a essa geração pertenceram tambem com pequeno intervallo Luiz de Magalhães, João Pinto dos Santos, Malheiro Reymão, Trindade Coelho, Silva Gaio, Ovidio d'Alpoim, Thomaz Pisarro, Pedro Gaivão, Antonio Feijó, Alfredo da Cunha, etc.

PAES DO AMARAL

Uma das questões palpitantes da epocha foi o caso do *nivel*. Succedeu que por occasião das exequias do rei D. Fernando, como narra encantadoramente o *In Illo Tempore*, trez *polainudos* se lembraram de partir para Lisboa, representando a Academia sem ninguem lhes encommendar o sermão.

Abespinharam-se os *briosos* e a rapaziada foi convidada para uma reunião magna.

Porém as chaves do theatro tinham sido roubadas por Antonio Cabral e pelo «Waldeck» que eram pelos da representação e que as entregaram ao *Saraiva das forças*.

Afinal a reunião sempre se realizou e os oradores inflammados, á luz do gaz, protestaram que «era necessario levantar o *nivel* da Academia»!...

Foi quanto bastou!... Nunca mais se

calaram os da opposição: — Olha o nivel!... Larga o nivel! Dá cá o nivel!...

Publicaram-se versos, caricaturas, poemetos desde *A Niveleida* á *Bolha* em que de parte a parte se cantaram:

«Os Pires de Lima e outros malcreados
Que ergueram na Trindade um vão lamento»

«E tambem as façanhas gloriosas
Dos Cabraes e Waldecks e quejandos.»

dos rapazes, surrateiro, á socapa, esfuzia por vezes com mais graça.

Emquanto o professor prelecciona maçudas theorias ou um condiscipulo repete a *sebenta* e dá provas do seu saber, o curso, já refeito do susto da chamada, abre Poinson du Terrail ou Bourget, ou desdobra cautelosamente o periodico para saber da politica.

O ponto critico é a chamada.

Quando o professor abre a caderneta e a folheia de traz para deante, de deante para traz, as respirações suspendem-se, ouvem-

COIMBRA — VISTA PARCIAL DA CIDADE
Para a direita a Couraça de Lisboa, onde existe um grande numero de «republicas»

Dos mais apoquentados foi Eduardo Augusto Pires de Lima, espirito scintillante que então cursava o 4.º anno de direito, e que encanzinava com a laracha, quando lhe chamavam o *nivelista-mór de Mangualde*, pintando-o á laia de anjinho polpudo e sobraçando um grande nivel, percorrendo o orbe em viagem de *nivelamento*.

O Padre Manoel Nogueira, hoje conego no Algarve, tambem foi dos perseguidos.

*
* *

As aulas universitarias são talvez, não o logar mais adequado, mas onde o bom humor

se zumbir as moscas, ha rostos lividos, olhares esgazeados, cabellos em pé... é a *colica*... a commoção como a definia um patusco: «esse mal-estar que partindo do extremo do intestino percorre todos os capillares incidindo especialmente no estomago»!...

Chamado o primeiro, echôa um longo ah!... de satisfação, de allivio, como um peso que se tirasse de sobre uma multidão opprimida.

E então fazem-se versos, bonecos, convoca-se o curso para reuniões, annunciam-se compras e vendas... o diabo!...

Eduardo Pires de Lima, apesar de *urso magno*, rabiscava na aula um jornal microscopico que chamava *Revista de Direito e Legislação* feito a lapis, e onde havia de

tudo, desde o artigo do fundo ao folhetim, e a collaboração poetica, que passava de mão em mão.

Ahi parodiava elle «o rapé do Padre Nogueira», «a linguagem fluente do classico Christiano de Souza», «a cara do Navarrinho», «as barbas do Padre Silvano», etc. etc.

Foi tambem nas aulas que Alfredo da Cunha escreveu as poesias que publicou depois sob o titulo *Coimbrãs — versos na aula pelo n.º 63 da coelheira.*

Uma vez em que a *cólica* o apertava na aula de Lopes Praça, desabafava elle assim:

> «*A Santo Antonio da Praça*
> *Fiz eu hoje uma promessa*
> *De lhe rezar uma missa*
> *Ou de lhe dar uma coça*
> *Em fatal escaramuça*
> *Se, a serio ou por chalaça*
> *Lhe désse lá na cabeça*
> *Cheia de leis e justiça*
> *Chamar-me hoje a esta troça*
> *Que a minha paciencia aguça!*»

Os estratagemas para escapar ás chamadas são variadissimos.

Além da dispensa que se pede por escripto ao professor entregando-lhe um cartão ao entrar — o que os rapazes chamam *uma farpa* —, ha um pretexto, sempre novo, que se segreda ao mestre com o rosto angustiado, o beiço pendido... — umas fortes dores de estomago... V. Ex.ª não calcula... um parente quasi á morte... muito consternado, como V. Ex.ª pode calcular, nem poude estudar!... Outras vezes quando se está na aula sem se saber nada *in albis* e se é chamado — *mergulha-se* — esconde-se o rapaz debaixo do banco antes que o mestre dê por elle; e lá fica o pobre sentado no chão com as pernas enforcadas, á espera que acabe a aula para se safar.

Por vezes vem-se á *sorte* e, na afflicção ultima amarra-se um lenço preto, salvador, á testa, a um olho, aos queixos, subentendendo nevralgias rebeldes ou quedas desastradas. O relogio consulta-se a meude (quando o ha...) para ver se a coisa ainda está para durar e quando a hora cáe, sonóra, na torre, é uma onda de alegria que invade as bancadas.

Conta-se que a um rapaz, muito de regras e horas fixas, succedeu um anno, ter aula ás horas a que costumava almoçar. E para não alterar o horario, levava o almoço para a aula n'um guardanapo e á socapa auferia o alimento todo desde o bife ao café.

O professor que já por mais d'uma vez notára a scena, reprehendeu-o um dia: «O' sr. F... isto assim não póde continuar! Será bom que se convença que isto aqui não é «restaurante»! Resposta do rapaz que se levanta muito sorna: — «Peço perdão a V. Ex.ª, mas eu não mandei vir nada!...»

. . . .

E é por isso que mais tarde ao evocarmos esta Coimbra, de tricanas ladinas, inexcedivel de paizagem, de poentes de fogo e de luar de prata, todos estes pequeninos nadas que para nós eram tudo, quando nos doirava a vida o sol da mocidade, sentimos o travo amargo da saudade rasgar-nos a alma, porque *houve* alguma que para nós passou e não voltará.

ANTONIO DE SOUZA MADEIRA PINTO.

O TERREIRO DO PAÇO

Lisboa de noite

(ASPECTOS DA CIDADE)

«O Sol, qual brigue em chammas, morre» — e esta imagem do pobre Anto, esse triste Antonio Nobre, de olhos grandes, sonhadores, é um occaso inteiro.

De todo já o sol desappareceu, e o ceu começou a pouco e pouco a escurecer. Perdeu os seus tons algodoados, os seus azues saphira, as suas claridades translucidas que embriagaram Byron. Mansamente, sugada pela treva, a luz foi desapparecendo. Por sobre nossas cabeças o que inda ha pouco era azul-manto da Virgem foi-se tornando em cinzento ou azul prologo de escuridões.

E' a hora do poente. Um ar de tristeza pesa nas coisas, enche a Terra, entra nas almas. Uma sineta ao longe toca, vibrante, deixando pelo ar um som de campainha nova, alegre e contumaz. A facha do horizonte, lá para as bandas da barra, onde a mansa fita do rio corre serena, é ignea como uma chapa de ferro em braza. Mas, dentro em breve, o que ora é alaranjado se transforma em vermelho, de vermelho em carmezim, e de momento a momento a luz se aferretoa, ennegrece e decompõe. Depois do alaranjado, o vermelho, depois do vermelho o cardinal, depois o roxo, depois o violeta, depois o cinzento, até que escurecendo, escurecendo sempre, a treva vem, subvertedora e enorme, tudo apagar e confundir. Mas emquanto ella não vem de todo, o espectaculo da cidade ao cahir da tarde torna-se uma coisa imponente, que nenhum pintor interpretou ou jamais soube interpretar.

Um bafor terreno sóbe ao ceu, se adensa e se balouça, espesso e pesado. E' a ultima bocanada das fabricas e o ultimo respiro das chaminés. Nos campos, do colmo dos casaes, a esta hora, uma columnasita tenue de fumo sobe direita até ao ceu, emquanto os rebanhos recolhem e as buzinas dos pastores soam de quebrada em quebrada como um toque de Ave-Marias. A cidade vista de um ponto alto mostra-nos a multidão da sua casaria em que um ultimo lampejo de sol

PANORAMA DA CIDADE, VISTO DA GRAÇA

A fiada de luzes ao fundo é da Estrada da Circumvallação

vem morrer, fazendo ainda illuminar em espelho a pobre vidraça que rebrilha e scintila n'um esplendor. Os montes da Outra Banda recortam-se no fundo alaranjado, e a casaria, que trepa pelas encostas, se acavalla nas surribas e se empina pelas montanhas,

PANORAMA DA CIDADE VISTO DO MONTE

O edificio mais illuminado, um pouco á direita do centro, é a egreja do Soccorro.

LARGO DAS DUAS EGREJAS

mostra-se tambem em silhueta no fundo cinzento do espaço. As agulhas dos mirantes, a torre dos campanarios, as mansardas que quasi chegam aos astros, os predios altos, os pontos culminantes, terraços dominadores ou simples arvores perdidas, tudo se recorta

THEATRO DE S. CARLOS

O INTERIOR DA LIVRARIA FERREIRA N'UMA NOITE DE AGUA

A RUA DOS RETROZEIROS VISTA DO ADRO DA MAGDALENA

a negro n'um plano onde a muralha do Castello na sua altiva sobranceria lembra uma fortaleza medieval e a face branquejante da egreja da Graça recorda um mosteiro onde praz a Deus morrer e viver n'uma paz espiritual, bucolica e pagã, com sua quinta pegada, onde grandes arvores já não são verdes mas escuras, e com sua cruz no alto que já começa a tornar-se indecifravel.

Já as fabricas apitaram a largar o trabalho e já toda a sua população começou a sahir em bicha, uma bicha morrinhosa e acrescente que as boccadas das fabricas e arsenaes vomitam, parecendo não ter fim. Os *ateliers* fecharam. As ruas são mais pequenas porque vão transbordantes de gente apressada que recolhe.

A luz afasta-se de todo e a treva principia o assedio da nossa visão. A cada momento que passa, ella estreita o circulo que á nossa volta traçou. Olhando para o horizonte é agora tudo negro. Aquelle clarão de incendio que o sol deixa do seu rastro apagou-se de todo,

THEATRO DE D. MARIA — FACHADA PRINCIPAL

e só no azul escuro do ceu a lua mostra o seu crescente em foice, que alveja como se fosse de prata.

O rio é uma fita prateada agora, com reflexos brilhantes e grandes porções emergentes na sombra que tudo cobre. As vergas dos navios ainda se avistam e uma vela ao longe na solidão deserta da agua, vem, melancholica e sósinha, rio acima, recolher-se da noite. Tudo se vae perdendo: o vermelho dos beiraes, o verde dos jardins, o branco dos predios, o aspecto dolente do rio.

UM DOS LAGOS DO ROCIO

THEATRO DE D. MARIA — FACHADA OCCIDENTAL

Já uma luz ao longe brilhou estrepitosamente, e dos postes telegraphicos se não vê mais do que a base. Na Avenida a pardalada que toda a tarde levou a cantar e a sujar quem passa, acoitou-se nas arvores que povoou inteiramente. Arvores descarnadas, sem folhas, apparecem pela noite inteiramente reverdecidas de folhedo que visto ao pé não é senão a passarada que ali se acardumou, cabeça debaixo da aza, empoleirada, mais espessa ainda que o milho no celleiro ou a areia na praia.

ENTRADA DA AVENIDA DA LIBERDADE — O AVENIDA PALACE

Um gallo cantarica, um cão ladra e nos quintalejos suburbanos e intra-cidade já de ha tempo a creação se empoleirou e dorme. Chiado abaixo, a multidão chalrante das costureiras recolhe. Pelos passeios vae um tropel, uma multidão que ás vezes abre em delta ante um grupo de gente encontradiça que conversa. Um operario que vem, de serra debaixo do braço, saquitel na mão, e parou para apertar a mão a outro que vae, provoca um movimento de impaciencia na chusma transeunte.

Nos bairros pobres as vaccas vão á sua romaria — «chéga-lá, chéga!» — parando ante cada portal. O accendedor do gaz veiu já, mais a sua luzinha na ponta de uma vara, luzinha que avança, que treme e que brilha, e que lá ao longe pharolisa toda a tenebrosa escuridão da rua.

NA AVENIDA — DOIS NOCTAMBULOS

Accendeu-se o gaz e nos *squares* da baixa, nas ruas centraes, nas avenidas, a electricidade, do alto dos seus globos, faz a sua brusca apparição. Então, tudo illuminado, os carros que passam, as lojas que escancaram suas portas, as *montres* que estadeiam seus recheios, as janellas, os predios todos, começa a vida da noite, vida mais curta, mas tão intensa como a do dia. E esta hora é pouco mais ou menos a hora dos theatros.

Já de todos os pontos da cidade, de todos os altos, de todas as ruellas afastadas, um diluvio de gente se precipita sobre a baixa. Da Graça, da Estrella, de Alcantara, das avenidas novas os carros, os elevadores, as carruagens, veem cheias, transbordantes quasi de gente que jantou bem e se presumiu e narcisou para vêr a peça da Trindade ou D. Amelia ou os palhaços do Colyseu, quando uma ou outra carruagem não sóbe o Chiado pimpante, orgulhosa de conduzir a familia a uma frisa de S. Carlos.

Toda essa turba passa, se mistura, e busca seu caminho. No Rocio e nas ruas da Baixa, tornadas centro da vida lisboeta, ha gente que se diverte a vêr a outra gente. E' a população dos *habitués,* dos que não teem que fazer e que são certos na cavaqueira do Martinho, do Suisso, do Estacio, da Monaco, a cujas portas veem passar as mulheres pomposas e as familias que vão ao seu destino. Passada esta effervescencia de gente que busca o seu logar, a baixa cae n'uma somnolencia ou quasi. A multidão é então menor. Entram os garotos de apregoar os jornaes mais tardeiros. Outros veem de corrida rua Nova do Carmo abaixo, sobraçando grandes massos, com destino aos pontos afastados. Ha trens que passam n'um galope vertiginoso, automoveis que sirenam com furor,

UM ASPECTO DA AVENIDA — EM FRENTE DA RUA DA CONCEIÇÃO DA GLORIA

minusculas bicycletas que buzinam como se fossem monstruosas *carrosseries*. Dez horas. E lentamente, quasi sem que por tal se dê, a multidão foi-se esvaindo a pouco e pouco. Já os palestrantes entram de apertar a mão e se retiram vagarosamente caminho de casa. Familias esperam carro, nas paragens. O Rocio descoalha-se da gente que o pejava e a Avenida é agora uma coisa ideal com suas ramarias e a sua luz jorrando do alto n'uma

OUTRO ASPECTO DA AVENIDA — NA ALTURA DO LARGO DA ANNUNCIADA

dupla fila de globos que se prolonga té onde a vista alcança. No *Avenida Palace*, ao fundo, visto por quem vem da Rotunda, a luz esmoreceu tambem um pouco e cessou de todo a animação.

As ruinas do Carmo com os seus musgos, suas ogivas e seus portaes estendem como uma ponte levadiça a *passerelle* do elevador. São onze horas. Os que estão na baixa ouvem então o relogio do Carmo e os que vão para a alta escutam ao longe, cortando os echos, as badaladas lentas e graves do relogio da Estrella.

As ultimas lojas fecham com ruido de portas onduladas que correm. Os caixeiros esperam em grupo que o patrão ou quem é, recolha na algibeira a mólhada de chaves para, dadas as boas noites, desandarem machinalmente. As *montres* não teem já tentações e os estonteantes veludos são como as outras fazendas ante as quaes ninguem pára.

Um automovel passa n'um relampago. Os carros electricos são mais raros. E como é meia noite e os theatros fechem, aqui começa de novo a accender-se a vida das praças com uma multidão apressada que toma de assalto os carros que estacionam em fila no Rocio ou se retira em grupelhos de quatro, cinco ou seis pessoas, quando não é um parsinho que muito chegado, muito unido, busca a tranquilidade e a quentura do lar, lá n'uma rua afastada e sósinha, em algum andar de predio modesto e feliz.

Limpa de novo a cidade. Uma nova vida começa. E uma legião de creaturas que de dia se não vêem, surdiu, não se sabe como, nem se sabe d'onde. São os da noite, vagabundos, serenos, mendigos, a escumalha de toda uma população a quem a noite é refugio e a treva dia habitual. São vultos suspeitos e indistinctos que passam e se cruzam. Alguns dormitam sobre o banco do *square* até que um empurrão do policia os faça levantar — *Olá amigo! quem quer dormir paga á guarda!* — e o misero lá vae caramunhante e encolhido, continuar o somno interrompido para o outro extremo da praça, fóra do ambito embirrativo d'aquelle agente feroz.

Um ultimo electrico passa de corrida, fugidiamente, guiado por um guarda-freio exhausto e somnolento. Os *serenos* dormitam sobre as almofadas, e se a cacimba cae, algum mais attento baixa-se resmungão, desdobra um velho cobertor ou um safado oleado e estende-o sobre as pilecas que de cabeça baixa cogitam na triste sorte de ser pileca em Portugal. O guarda nocturno, apalpando todas as portas, tilinta com ruido a sua mólhada de chaves e pharolisa a treva com o fóco da sua lanterna de furta-fogo. As arvores teem suas cabelleiras de maravalhas. Tudo fechado. Ao alto, balouçam-se os globos de luz electrica, espalhando a sua luz opaca e crúa, onde uma phalena attrahida voeja e esvoaça loucamente, como um avejão colossal preso n'uma gaiola.

A'quella hora as ruas são enormes, embuçadas de escuro, sem ruidos, a não ser o dos trens que rodam com um grande solavancar de rodas nas pedras da calçada. Um importuno bate as palmas ao longe, fazendo vibrar os echos. A vassoura mechanica municipal surge com seu conductor dormitante na bolea da impossivel armação, n'uma grande restolhada e levante de poeiras e microbios. Saccodem as sargetas com ruido de aguas batidas.

Abertas, áquella hora, sómente as esquadras de policia e as casas de ginjinha, onde dois ou trez *habitués* palestram n'um conluio suspeito. Nas ruas pobres da Mouraria calou-se o ultimo piano dos cafés. Ninguem passa. Começa a vagabundagem dos *pirilampos*, nome vulgar dos vendedores de café ou para melhor dizer, dos cafés ambulantes. No escuro da rua uma luzinha tremula avança. Perto já, se vê que ella habita o *folhetim* d'uma lata que o homem sustenta n'uma das mãos, emquanto enfiada no outro braço, vem uma cestinha ou cabaz onde se guardam as chavenas em que é servida aos freguezes a *carocha* que é como quem diz o café. O vulto, porque não é um homem, é um vulto, traz quasi sempre um velho capote militar no fio, um *cache-nez* que o embioca até aos olhos e, ou um chapeirão enorme como o dos limpa calhas, em feltro seboso, ou um bonet de palla ageitado de banda n'um ar provocativo. Um dos cocheiros chama. O vulto vem, poisa a lata e a cesta na rua, esfrega e bafeja as mãos, torna mais bambo o *cache-nez* onde recolhe o nariz e a cabeça toda, e começa uma palestra sorna, até que lentamente se baixa, busca chavena, deita o liquido preto que fumega e serve na ponta de uns dedos gretados de unhas negras. Se o *serneo* é de

confiança e gosta da sua libaçãosinha, o nosso homem, depois de ter olhado em roda, certificando-se de que ninguem vê, sepulta um braço no interior do capote e saca um vidro onde vascoleja o alcool. Serve tambem, e emquanto o *sereno* saboreia, vae elle accomodando outra vez o frasco, a lata, e ageitando a cesta para onde ha de voltar a chavena. O cocheiro saboreou, estendeu a moeda de cobre, afagou as orelhas dos cavallicoques, verificou se a humidade repassou o cobertor e voltou de novo á conversa, batendo com força os pés no chão. A palestra depois esmorece e o *pirilampo* prepara-se para se ir. Estende a mão: «Toque!» o outro aperta nas suas confraternalmente a mão do *Tio* e eil-o que vae, e a luzinha, tremendo, se afasta, a repetir a scena com outra freguezia.

O policia de serviço já se fartou de bocejar e as horas que das torres veem, ficam no ar como o fumo, n'um sonido metalico, vibrante e mysterioso. A cidade toda dorme. A neblina baixou até ficar nevoeiro. Parenthesis de ruidos, parenthesis de multidões, de toda a especie de vida. A hora avança. Não tarda que a luz venha surgindo lentamente, n'uma lentidão assustadora. Começa a clarear um pouco. E um homem apressado vem e bruscamente apaga a luz do gaz que nos candieiros ainda crepitava. A linha dos telhados começa a debuxar-se no escuro e uma luz diffusa se abre em leque das bandas do horisonte. E lentamente, como o comboio de um exercito, começam passando em fila, carregados de hortaliças, os carros para o mercado. O som das horas já não vibra tão alto e começa a anonymar-se na turba dos mil ruidos da cidade que se espreguiça.

E' madrugada.

*

* *

As illustrações que acompanham o presente artigo foram, como se vê, feitas de noite. Para as realisar, inutil seria dizer os desdens que só a lembrança d'ellas motivou em varios photographos que com espanto as verão hoje realisadas.

Foi J. Barcia, artista dos raros e espirito dos bons, quem pôz toda a sua boa vontade e o que é mais, toda a sua dedicação a uma causa tão ingrata. Não se contam, porque dariam muitas paginas dos *Serões*, todas as peripecias e aventuras que arietaram a sua paciencia. E é caso para se dizer que a photographia teve em J. Barcia um martyr. O que a estupidez indigena lhe despejou em cima! E eu creio que elle não teve o expediente de calafetar os ouvidos com cêra como o Nauta que as sereias não perderam! Formavam-se grupos, discutia-se, aventavam-se idéas, e ante o tripé armado toda a gente que passava se lembrava de dizer uma graçola. Para que seria, para que não seria!? Fazer photographia de noite era coisa que nem ao demonio lembrava. Nada. Photographia não era. E se fosse? Havia de sahir fresca. Ha cada ratão! Mas de todos estes episodios um mais interessante se me affigura. O de um garoto de jornaes que, descalço, chupando uma *beata*, quando a machina focava a Avenida, deu a explicação do caso, entre cathedratico e desdenhoso, á multidão ironica: — «Está a caçar pardaes!»

Albino Forjaz de Sampayo.

Ph. Lima — EM CARNAXIDE

Filarmonicas

A sobriedade do português é uma coisa que não soffre discussão.

Outros povos têm sido, ou são, ou hão devir a ser victimas dos seus exageros: o hespanhol arruina o estomago pelo coloráu; a bambochata, ao francês, amolece a espinha; a pinga, bem graduada de alcool, estropia o anglo-saxão; e quem, ao chim, tire da bôca a boquilha do opio, tira-lhe tudo.

Experimentem porém o português na provação de todas as minguas. Deixem-no ficar uma noite inteira ao relento, acocorado contra uma esquina, em desembro, sem manta nem capote em que se embrulhe — e elle passará ahi, e assim, a noite, tão bem como a teria passado num quarto do Braganza, com as janellas sem frinchas, édredons de pennas, e entre bons lençóes. Toda a noite levará a sonhar que se está no fim de verão, e elle a passá-lo em Cintra, á sombra d'arvores, ouvindo o murmurio de cascatas. E o que elle, em sonhos, julgar ser o murmurio de cascatas, será o beiral do telhado a pingar-lhe em cima...

Aguardem o anno que vae mau para as vinhas, deixem passar a vindima, a faina do lagar, a pisa, a trasfega, e vejam a cara que elle faz quando, entrando jovialissimo na taberna que primeiro poz o ramo de videira á porta em signal de vinho novo, e ao mandar saltar meio litro, lhe observa o taberneiro que é a quatro vintens o litro. Olhem bem para elle: nem pestaneja. Se jovial entrou, jovial se fica. Está o vinho mais caro? Melhor, que se bebe menos. E em vez de meio litro, dois decilitros o contentam.

Façam monopolio da carne, consintam ao cortador que em cada kilo do assem, da alcatra ou do pojadouro,

Ph. Lima — O SOL-E-DÓ DE CARNAXIDE

impinja ao magro freguez tresentas grammas de osso, e pelo pezo lhe leve desesseis vintens ou desoito.

Pois o freguez nem pegará num peso de dois kilos de cima do balcão para dar com elle na testa do cortador, nem sequer ao patife chamará ladrão.

Apenas delibera não comer mais carne, e se outra vez tem de tornar a fazer caminho por ali, passa de largo, receando sempre que o homem do talho lhe saia de lá armado de choupa com que o abata, para depois o cortar em pedaços, pendurá-lo na fateixa e vendê-lo por vacca.

Não se póde comer carne? Come-se peixe. E se ao peixe, em muitos dias, só os ricos chegam, come-se hortaliça, feijão, batatas.

Levem as coisas a ponto de o pôrem a pão e laranja, que é a expressão da ultima miseria de bôca, ainda mesmo estando o pão caro como está, e só nos deixarem os exportadores da fructa o rebotalho da laranja.

Elle se deixará pôr a pão e laranja, não direi já sem um certo esmorecimento, ou falha de alegria, o que é dado a barriga vasia, mas sem por isso rememorar a revolta do Vinagre.

Carreguem-lhe o custo de todo o genero, reduzam-lhe a porção de todo o alimento, expremam-lhe tudo e expremam-no a elle mesmo. Amachuquem-no á condição extrema em que começa então a produzir-se o chamado fenomeno da autofagía, que outra coisa não é senão pôr-se o sujeito a mastigar-se a si mesmo e a palitar-se em imaginação!

Tudo o que quizerem — menos uma coisa: não lhe hão-de tocar na filarmonica! Quer dizer — lá poderem tocar, podem; mas hão-de tocar cornetim, clarinete, trombone, flauta, aquillo que mais fôr preciso ou para que mostrarem melhor embocadura. Até bombo, ou pratos, que não é nenhum desprêso.

A filarmonica é o seu fraco. A filarmonica é o seu forte. O seu grande vicio se quizerem; mas, quer o queiram quer não, uma das suas grandes virtudes.

A mais intensa, mais viva, mais vibrante expressão da alegria portuguêsa é a filarmonica. A estudantina, a tuna, o sol-e-dó são tudo pieguices sem côr e sem animação, que só servem para reuniões particulares, recitas de amadores e sociedades dançantes onde a gente se aborrece. Ninguem peça ao instrumento de corda aquillo que elle não pode dar. Serão a viola, a guitarra, o bandolim e o cavaquinho muito bons para o fado, para a seguidilha, para a reverie, para a serenata, para a olheira e para o namoro, para a tisica e para o ra-

Ph. Lima

FILARMONICA INFERNAL — CHARIVARI CARNAVALESCO

pto — mas não são bons para mais nada. Tirem á guitarra, por exemplo, o panno de fundo d'um choupal do Mondego esbranquiçado de luar, ou o reprego d'uma viela da Mouraria por sombras de noite alta — e era uma vez uma guitarra!

Ao passo que o instrumento de sopro e o instrumento de pancada servem para tudo: para a festa rija como para a festa amena, para o salsifré como para o arraial, para a alvorada como para o fogo preso, para a sinfonia como para o final da opera, para o passo-dobrado como para a marcha heroica, para a Maria da Fonte como para a Maria Cachucha, para o Himno da Carta como para o Noivado do Sepulchro.

O instrumento de corda não passa de um devaneio, uma paixão em surdina, um mal do peito, ou simplesmente um defluxo. O instrumento de sôpro implica já uma optima funcção de saude; e o instrumento de pancada, é, concomitantemente, uma necessidade musical e um derivativo fisiologico: o bombo é sempre um irritado; o tambôr é sempre um frenetico.

Ponha-se a banza ao lado do cornetim e veja-se a differença: a banza é mollenga, chlorotica, dengosa; o cornetim esperto, vermelho, empertigado.

Está a banza a tocar mesmo aqui ao pé, e é preciso, para bem a ouvir, aproximar mais o ouvido. Chega-se um sôpro ao bocal do cornetim e logo elle desprende uma enfiada de notas claras e brilhantes como um canto de gallo num jubilo de alvorada!

A filarmonica é, na vida portuguêsa, um elemento constantemente activo de vitalidade e rejuvenescimento. O português, que não tem afinado o sentimento da musica como o tem, por exemplo, e mais que nenhum outro, o italiano, associa sempre a musica a todas as suas grandes alegrias como a todas as suas grandes desgraças. A mãe que toda se desvanece de contentamento sobre o bêrço em que embala o filho, rubicundo de saúde, adormece-o com a musica; a esteril mulher do fado, debruçada sobre a meia porta do seu antro de miseria, vae pondo em musica e canta a quem passa a lastima da sua deshonra. Mas a musica instrumentada para a filarmonica e executada pela filarmonica é que lhe enche, verdadeiramente, as medidas.

E aqui para nós, que ne-

nhum rabecão nos ouve, a verdade é que não ha nada que chegue a uma filarmonicasinha bem ensaiada, bem fardada, a acertar bem o passo por essas ruas da cidade ou pela estrada fóra que leva da villa onde ella tenha a sua séde á aldeia que a convidou para lá lhe ir tocar á festa. .

Rapazes, ella ahi vem!

E' a dos regeneradores ou a dos progressistas? Seja qual fôr, tanto faz ao caso. E' a filarmonica! A politica póde ter musica, mas a musica é que não tem politica. Euterpe é extrapartidaria. Tanto nos faz que a filarmonica seja a *União e Capricho*, que anda toda a noite a tocar quando os amigos do Meyrelles venceram as eleições, como seja a *Reciprocidade e Harmonia*, que anda a tocar toda a noite se o triumfo foi todo para a gente do Araujo.

Ph. Lima A PARTIDA — A FILARMONICA DE CARNAXIDE

Toquem elles na perfeição, que é o que a gente quer.

Não ha banda militar que os desbanque, nem na certêsa da marcha em alas paralelas, nem no irreprehensivel aceio do fardamento, nem no empenho com que foi puxado o brilho aos metaes e o lustro ás botas, nem no compasso, nem no desempenho.

Reparem vossês para a seriedade d'aquelle trombone; olhem agora o gosto com que o clarinete chupa a sua parte como se fôsse a chupá-la numa canna de assucar; vejam-me as bochechas d'este cornetim como luzem, e a graça pastoril com que este outro cóspe no buraquinho da flauta!

O musico da banda regimental tóca bem porque é obrigado a tocar bem. Se desafinar, o coronel castiga-o. Toca admiravelmente, porque tem mêdo da pelle. O socio da filarmonica, não. Quando se chega a dizer d'elle, «que tóca que é um mimo», só elle, e os vizinhos d'elle é que sabem quantas noites lhe foi preciso passar em claro para acertar com aquella mazurka ou com aquellas variações, que são o beijinho dos reportorios de arraial, das tardes de domingo no passeio publico, das noites de nortada, do 1.° de Dezembro em frente do Club Patriotico, todo Illuminado a lanternas com véllas de estearina. Chega a tocar admiravelmente — por brio.

Existe na Outra Banda uma filarmonica que se chama a *Incrivel Almadense*. Bem posto nome! Mas o exclusivo de incrivel que essa se arrogou e que hoje já ninguem lhe contesta, é que não tem razão de ser: porque incriveis são, em boa verdade, todas as filarmonicas de Portugal. Incriveis, por tudo

Ph. Barcia [PELAS RUAS DE SETUBAL

aquillo que nellas ha de força de vontade, de obediencia ao alamiré, de sentimento do compasso, de pertinacia no ensaio, de afinação e variado reportorio.

A' frente da filarmonica, quando ella passa em alas, de calça branca vincada, cabeça alta, lyra d'oiro no bonet de pala, pimpante e reluzente, só deixa o preconceito que corra a garotada effusa, pulando de contente.

Mas atrás da filarmonica todos nós corremos, e vamos para onde ella fôr, sob o ceu azul e o dardejante sol, entre explosões de bombas, risadas de foguetes, estoiros de morteiros — para a romaria e para o facto historico, para a procissão e para os toiros, para o bodo e para a Representação nacional, para o baile campestre e para a reivindicação. E isto hoje, hontem, amanhã e sempre!

Sempre — não! Porque lá vem um dia em que as coisas se trocam, e em vez de sermos nós que vamos atrás da filarmonica, é ella, a filarmonica, que vae atrás de nós: a calça preta, a lyra do bonet envolta em crepe, o bombo silencioso, vagaroso o passo, e os metaes, embaciados, a soluçar Chopin...

A marcha funebre de Chopin!

Ph. Lima OS «FENIANOS» DO PORTO

ALF. DE MESQUITA.

Foi-se uma vez um ladrão á casa de um negociante, marinhou pela parede acima e deitou as unhas á janella; mas eis senão quando veiu parar á rua com toda a rapidez e um pé quebrado, por isso que a janella se despegara do caixilho. E vae d'ahi, levantou-se conforme poude e foi d'alli a pé coxinho ter com o juiz.

— O' juiz — disse elle — eu ia para roubar a casa do negociante, mas depois de trepar pela parede e de me agarrar á janella, ficou-me esta nas mãos, e tumba! aqui estou eu com um pé quebrado.

O juiz exaltou-se e ordenou a um soldado que fosse buscar o dono da casa. Trouxeram-n'o logo á sua presença.

— Negociante — perguntou o juiz — porque tens a janella tão mal pregada? Repara: o malfadado ladrão ia roubar-te

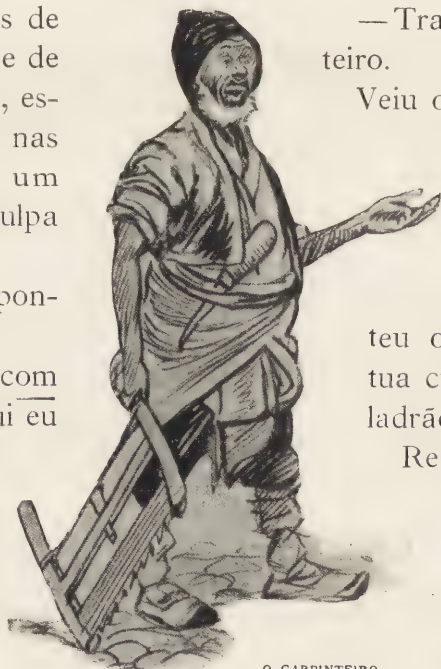
O LADRÃO MALAVENTURADO

O NEGOCIANTE E O JUIZ

a casa; mas depois de trepar pela parede e de se segurar á janella, esta despregou-se-lhe nas mãos. Ficou com um pé quebrado, e a culpa é tua.

O negociante respondeu:

— Que tenho eu com isso? Porventura fui eu que preguei a janella? Isso é lá com o carpinteiro que a fez.

Então o juiz disse:

O CARPINTEIRO

— Tragam-me lá o carpinteiro.

Veiu o carpinteiro, e o juiz disse assim:

— Por que motivo não pregaste a janella como os outros mestres do teu officio? Repara: por tua culpa está o pobre do ladrão de pé quebrado.

Respondeu o carpinteiro:

— Meu senhor, isso não é comigo. Responsavel é o mestre de obras,

porque foi elle quem assentou a janella na parede.

Disse então o juiz:

—Bem; que venha o mestre de obras.

Veiu o mestre de obras, e o juiz perguntou-lhe:

—Porque não assentaste bem aquella janella?

Mas o mestre de obras exclamou:

—Em nome de Allah, senhor juiz, na occasião em que eu estava a construir a casa, passou por alli uma guapa rapariga, com uma saia de uma côr muito vistosa. Foram-se-me os olhos atraz d'ella, fiquei sem saber o que fazia, e vae, as minhas mãos assentaram mal a janella.

O MESTRE DE OBRAS

Então o juiz ordenou:

—Vão-me buscar a rapariga.

Apenas ella chegou, disse-lhe assim o juiz:

—O' rapariga, porque andas tu com uma saia tão garrida?

E a rapariga respondeu:

—A culpa não é minha: é do tintureiro que deu a côr a esta linda saia.

A RAPARIGA DA SAIA GARRIDA

Mas quando trouxeram o tintureiro á presença do juiz, elle não fez mais nada senão ajoelhar com muita humildade, e sem dizer palavra.

Então o juiz disse:

—Levem-n'o, e enforquem-n'o á porta da sua loja.

Levaram-n'o com effeito; mas quando iam

O TINTUREIRO

para o enforcar, repararam que Allah o fizera tão alto que a forca não chegava.

Voltaram então ao juiz, e disseram-lhe:

—O' juiz, não temos maneira de o enforcar. E' alto como a breca.

Então o juiz bradou com grande furia:

—Irra! sucia de tratantes! quando acabarão de me atanazar? Se elle é muito alto, procurem outro mais baixo, e enforquem-n'o!

E vae d'ahi, foram á cata de um homem baixo, e enforcaram-n'o em logar do tintureiro. E então o ladrão ficou satisfeito, e o juiz dormiu socegado.

ALLAH FIZERA-O TÃO ALTO QUE A FORCA NÃO CHEGAVA

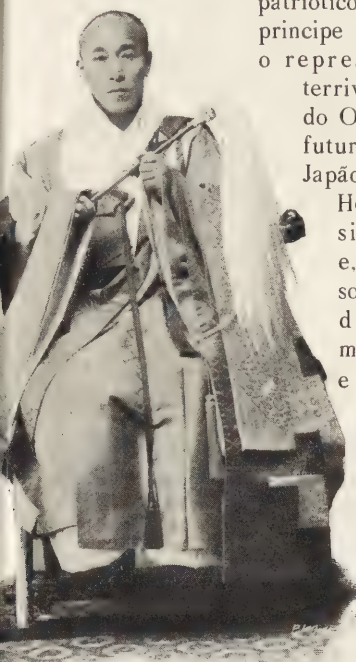
Hatakeyama Yuko

A primeira metade do anno de 1891, o actual Czar das Russias, então simples Czarewitche, visitou o Japão, chegando a Kobe a bordo de um cruzador do seu paiz. Incluia-se no programma da viagem — se a memoria me não falha — a excursão por terra até Tôkyô, a capital, onde o hospede seria recebido pelo Imperador, com as altas distincções que a sua pessoa requeria. E' certo que, no dia 11 de maio, o Czarewitche e a sua comitiva iam jornadeando de Kyôto para Otsu, usando de meio de transporte o modesto *kuruma*, o carrinho puxado por um homem — no caso que aponto, por dois homens, como é do estylo em longas caminhadas.-—A certa altura, um policia da escolta que acompanhava os viajantes desembainhou o sabre, arremettendo contra o principe e ferindo-o na cabeça; escapando o Czarewitche de ser assassinado, graças á dedicação dos dois homens do *kuruma*, os quaes corajosamente subjugaram o aggressor. O ferido, depois de receber o primeiro curativo, voltou para Kobe, para bordo do seu navio, desistindo de ir a Tôkyô. O Imperio cahiu em consternação. O Imperador apressou-se em vir a Kobe, apresentando em pessoa ao Czarewitche a expressão do seu pesar. Logo após, o cruzador suspendeu ferro, abandonando as aguas do Nippon.

Assim se passou o facto. Como detalhes interessantes, convem notar que os humildes conductores do *kuruma*, largamente recompensados pelo governo russo e com os peitos cheios de medalhas, tornaram-se uns notaveis personagens. Quanto ao criminoso, Tsuda Sanzô, foi preso, processado, condemnado, encerrado por toda a vida n'um presidio; ligeira punição. . porque morreu mezes depois.

Por mais estranho que pareça, ha quem defenda Tsuda Sanzô, que fôra, annos atraz, um soldado exemplar, um veterano da guerra civil de Satsuma, onde se distinguiu pelos seus brios. Curiosamente, Lafcadio Hearn, o delicadissimo narrador de coisas japonezas, diz n'uma carta intima, dois annos

HATAKEYAMA YUKO

depois do caso que narrei e *onze annos antes* da guerra russo-japoneza, que Tsuda fôra victima por ventura de um deslumbramento patriotico, vendo no principe estrangeiro o representante do terrivel colosso do Occidente e o futuro inimigo do Japão... Como Hearn, eu assim o creio; e, se Tsuda soffreu um tal deslumbramento, não se enganava, confessêmos... Dão-se, por vezes, phenomenos de estupenda previsão, na emotividade humana; Tsuda advinhara no futuro; tivera a prematura intuição das exigencias politicas do colosso, dos enormes sacrificios da patria, da carnificina da Mandchuria; por uma differença de datas, foi justamente um criminoso, quando um heroe podera ser...

O SUPERIOR WADA JUNNEN

O crime enodoou a patria inteira, cahindo todo o peso da vergonha no representante supremo da nação — o Imperador. — Quando se considerem os melindres de cortezia, de hospitalidade orientaes, que formam como que um codigo religioso em toda a Asia e mais especialmente no Japão, poder-se-ha fazer ideia, vaga embora, da magoa do paiz, da angustia do soberano. Como se se tratasse de um lucto nacional, os theatros fôram fechados, supprimidas todas as diversões habituaes; até o *shamisen*, a popular guitarra indigena, que de ordinario se faz ouvir por toda a parte, a toda a hora, em cada rua, em cada casa, emmudecêra; pensou-se em mudar o nome da terra onde o desacato fôra feito; todos soffriam; e sabia-se que o *Tenshi-Sama*, o Nobre-Filho-do-Céo, o Imperador, era quem mais soffria...

O principe molestado sahira da terra que o offendera; voltára-lhe as costas; vingára-se — estava no seu direito. — Não se pensava n'elle. O que mortificava a turba era sobretudo a consciencia do desprestigio da nação e do desconsolo do soberano. Que fazer? Cada qual segredava a si proprio esta pergunta, na ancia de ser util, de expiar por si a falta nacional e de reintegrar o soberano em seu conforto. Mas nada havia que fazer, sentindo cada um a mesquinha individualidade de si mesmo, sem peso em tamanha conjunctura.

Então, uma mulher, por nome Hatakeyama Yuko, com vinte e nove annos de idade, exercendo a profissão de serviçal em Tôkyô, a capital, perguntou tambem á sua consciencia: — «Que fazer?» — Mais compenetrada de soffrimento do que a turba, palpitando em mystico patriotismo mais intenso, poude encontrar uma resposta: — «Que fazer? Mor-

UM JOVEN SACERDOTE DE MAKKEIJI

rer!...» — Morrer, dar o que tinha — a vida, — pela patria e pelo Imperador. Remir, por esta forma, o crime da nação; restituindo, assim, á patria a honra e a tranquillidade, ao soberano a paz do sentimento... Nós, os loiros do Occidente, não podemos attingir o inteiro alcance d'esta emanação de affectos, d'este mar de ternuras, pelo solo sagrado e pelo Mikado-Deus. De alma gasta, a nossa comprehensão não dá para tanto. Ligamos como que uma ideia de delirio a taes transportes. Não o delirio do insano, certamente: sentimos que nos achamos em presença de uma grandiosidade moral inconcebivel; acodem-nos assomos de vertigem, como se, na ordem material das coisas, em frente dos olhos nos surgisse a paizagem estupenda de um planeta estranho, de Marte, de Saturno!...

ENTRADA DO TEMPLO DE CHION-IN

Hatakeyama Yuko pediu licença a seus amos para se ausentar. Vendeu os seus *kimonos*, os seus enfeites, obtendo assim um peculiosinho indispensavel para o fim que tinha em mente. Em 19 de maio, isto é, oito dias depois do attentado, seguiu para a estação da linha ferrea, tomando passagem para Kyôto, a cidade santa, a cidade dos Mikados e das cavalheirosas tradições. Chegou a Kyôto na manhã do dia 20. Dirigindo-se ao estabelecimento de uma cabelleireira, alli fez afiar, á sua vista, a navalhinha de barba que trazia, — instrumento de que toda a japoneza se utilisa, talhando com elle as sobrancelhas e tirando das faces a pennugem. — Visitou piedosamente varios templos. No templo de Chion-in, n'um canto solitario, escreveu uma carta de despedida a seu irmão e outra ás auctoridades de Tôkyô, rogando n'esta que se implorasse do Imperador para cessar de affligir-se, ao saber que uma mulher dera a sua vida em expiação pelos aggravos commettidos. Pela noite, junto do palacio da prefeitura, suicidou-se, ferindo-se na garganta com um golpe certeiro da navalha. O caso foi facil de apurar, em presença das duas cartas encontradas; o corpo foi transportado ao templo de Makkeiji, em cujo cemiterio se enterrou.

Makkeiji fica para o lado do oeste da cidade de Kyôto, não longe de Nishi-Hongwanji, o celebre mosteiro; modesto poiso buddhista, contando mais de trezentos annos de existencia, situado n'um bairro ermo (Omiya dori, Matsubara), onde se agrupam outros templos e onde verdejam vastos campos. Eu visitei, ha poucos dias, Makkeiji. Recebeu-me o superior, grave nas suas vestes rituaes, bello na sua physionomia serena,

dignamente cortêz; chama-se Wada Junnen, habita aquelle templo ha mais de trinta annos. Um joven sacerdote levou-me ao cemiterio adjunto — todo sol, todo paz, todo silencio, — curto espaço rectangular, eriçado de velhas lapides funerarias, que aqui se amontoam umas sobre as outras, carcomidas, esverdeadas pelos musgos. A um canto — unico sitio disponivel, — eleva-se uma bella pedra negra, com estes simples dizeres, em caractéres indigenas: — «*Retsujó Hatakeyama Yuko Haka*» (Tumulo da virtuosa mulher Hatakeyama Yuko), — monumento erigido por subscripção voluntaria do povo de Kyôto.

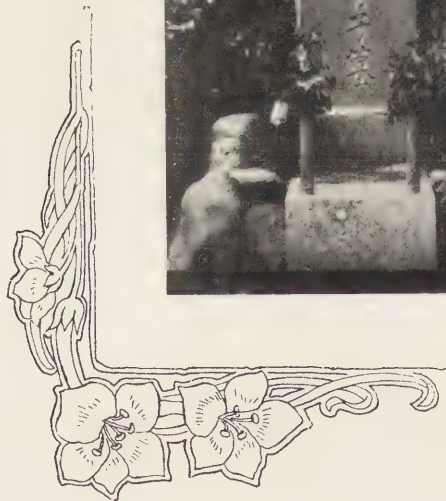
CEREMONIA FUNEBRE JUNTO DA SEPULTURA DE YUKO, ALGUMAS SEMANAS DEPOIS DO ENTERRO

Visitando seguidamente o interior do templo e o altar dos deuses, foi-me mostrado, junto das imagens, o *ihai* de Yuko, isto é, a pequenina taboa com o seu nome inscripto, de mistura com outros muitos, representando os mortos que estão sob a protecção particular d'aquelle templo e pelos quaes especialmente aquelles padres rezam. Após, n'uma sala visinha, relanceei dois biombos — unicos ornamentos do aposento, — sobre os quaes se encontram collados muitos pedacitos de papel, com poesias que varios poetas japonezes teem dedicado á memoria d'aquella admiravel rapariga; sendo certo que amoraveis cultores das lettras patrias veem ainda de quando em quando recitar ternas composições elegiacas junto da sepultura, em quanto que outros peregrinos a enfeitam de folhas e de flôres frescas, colhidas nos campos que avisinham. Finalmente, n'uma outra sala, o superior mostrou-me as reliquias colhidas do cadaver, bagatelas que dão vontade de chorar: — dois pentes da cabeça; o habitual *kanzashi*, gancho dos cabellos com uma conta de coral; a navalhinha, toda ferrugenta, que foi a arma do suicidio; um rosario buddhista; um lapis e um pequeno instrumento para aparal-o; um jornal comprado na viagem, tinto de sangue; varios papeis com apontamentos e notas de despeza; uma modesta bolsa de dinheiro, onde foi encontrada a som-

ma de cinco yens (uns trez mil réis) e alguns cobres, quantia previdentemente destinada aos gastos com o enterro. — A estas reliquias, o superior Wada Junnen juntou depois, delicadamente, duas mais: — duas cartas que Lafcadio Hearn lhe escrevera, quando interessado vivamente pela historia de Hatakeyama Yuko, visitara Makkeiji, entrando em relações com o sacerdote; — sabe-se que dois primorosos artigos sobre o assumpto figuram na obra litteraria de Lafcadio, fallecido em 26 de setembro de 1904, com grande perda para as lettras.

Bem. Despedindo-me do superior do templo de Makkeiji, recebia das suas mãos piedosas a dadiva gentil de uma photographia de Yuko, outra da sua sepultura e ainda outras. Que espera o leitor reconhecer no rosto da *musumé?* Acaso os traços geniaes de uma exaltada sonhadora? A nobreza das damas da velha côrte dos Mikados?... Nada d'isso: — a figurinha trivial, modesta, sorridente, de uma criada de servir. — E é precisamente pelo seu plebeismo que sobretudo encanta o dramatico episodio que acabo de contar: — uma filha do povo, educada entre o povo, ganhando duramente a subsistencia, isenta por conseguinte de hysterismos de ociosa, é a heroina. — Trata-se pois de uma flôr de sentimento, nascida na alma de Yuko, como podéra brotar em outra qualquer alma; é uma manifestação comezinha d'aquillo que se chama, em linguagem do paiz, o *Yamatodamashii*, o espirito do Japão.

TUMULO DE HATAKEYAMA YUKO

O acto de Yuko inspira-se intimamente na moral do Shintôismo, a religião primitiva, que manda adorar a patria e o soberano, sacrificando-lhe de bom grado a propria vida. O Buddhismo, que condemna em principio o suicidio, recebe em um dos seus templos o corpo ensanguentado da *musumé* e dá-lhe digna sepultura Duas religiões abençôam a alma enternecida d'aquella doce filha de Nippon...

Kobe, novembro de 1907.

Wenceslau de Moraes.

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II — O PAIZ

COIMBRA

(Continuação)

mais subido valor artistico ostentam-n'o, porém, os pormenores da decoração interna, mandada fazer na egreja por el-rei D. Manuel. Tudo ali foi combinado e levado a effeito com a maxima perfeição. Desgraçadamente, uma parte desses primores não existem já, hoje em dia; a egreja soffreu, no seculo XVIII, transformação parcial quanto importante; e, sem embargo, o que resta da primitiva, deixa suppôr que em 1530 haverá sido uma das mais ricas e sumptuosas em toda a peninsula.

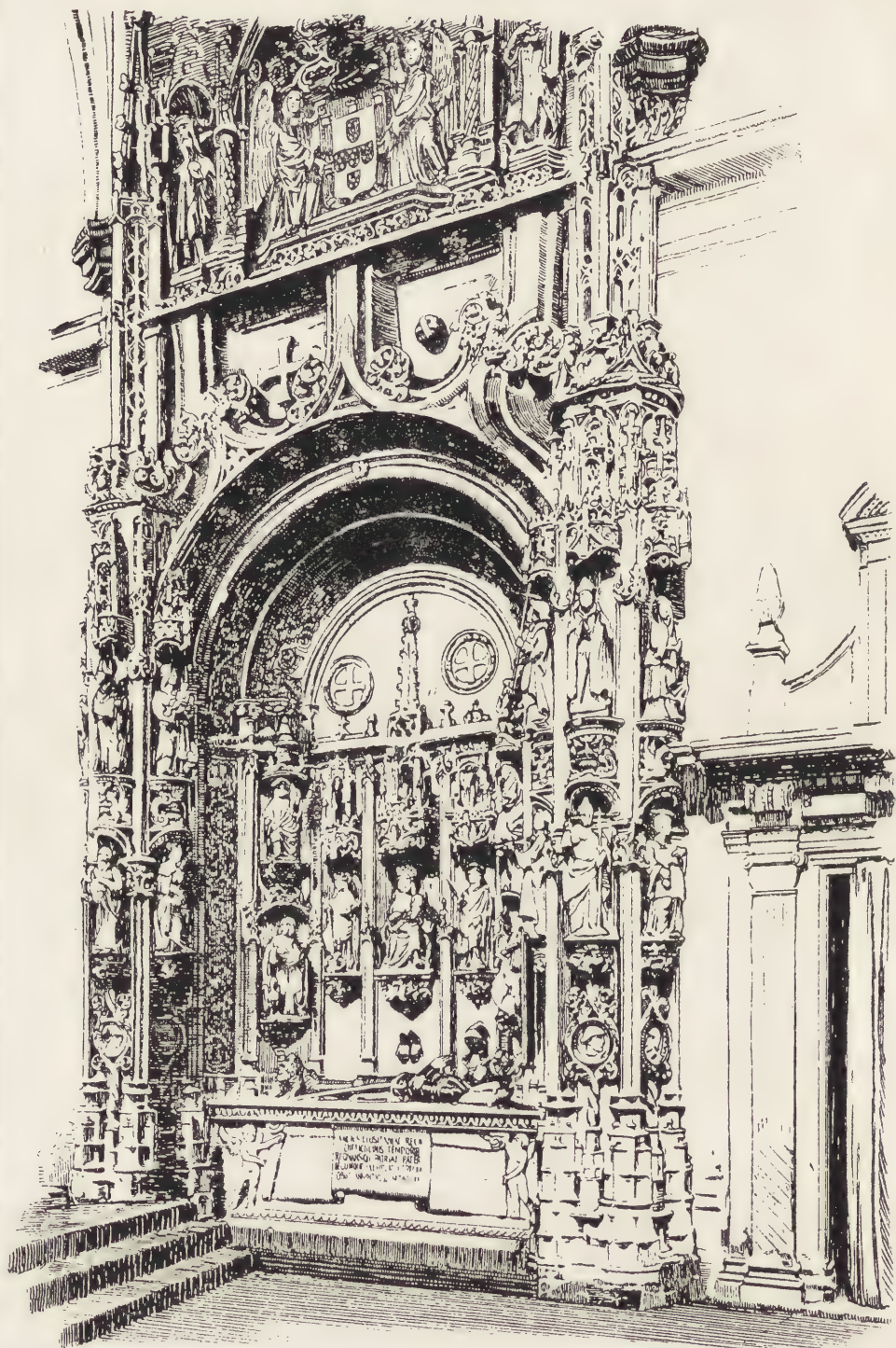
El-rei D. Manuel dotou-a com os dois riquissimos tumulos, existentes ainda hoje, dos primeiros reis, na capella-mór, com altares nas capellas, e, sobrelevando a todos, um avultado altar-mór de obra de talha; com o portentoso pulpito de pedra, com um côro alto para os membros da communidade, do lado do poente, sumptuoso cadeirado já para o mesmo côro já para a egreja, e uma teia, afamada pela summa belleza, dividindo o cruzeiro do corpo da egreja; esta, recebeu, aliás, riquissima decoração nas paredes respectivas, a saber: frisos com medalhões (terra-cotas dos Della-Robbias?), as abobadas ostentavam finissimas pinturas realçadas a oiro.

Dotou-a, aliás, D. Manuel, com alfaias de prata, de muita riqueza, e, entre estas, quatro tocheiros de vinte e um marcos de prata, duas lampadas de trinta e três, respectivamente, uma grande cruz, de cem, lavrada por Eytor Gonsalves, ourives da cidade de Lisboa.

Uma imagem muito antiga, de prata, foi mandada refundir por Pero Gonsallves, em Coimbra; dois relicarios de madeira revestidos com chapas de prata de primoroso lavôr, mandados fazer a Joan Roiz, ourives do Cardeal, para os altares, e assim por diante.

O antigo thesouro da egreja foi para a India. E' possivel existir ainda por ali, talvez que em Gôa.

Dotou-a ainda com estantes de côro, altares, orgão, baptisterios, relogio, em summa, com todo o preciso, da maxima sumptuosidade.

Nem é menos digna de menção a noticia existente ácerca da grade, hoje desapparecida, a qual, com a coronide

TUMULO DE D. SANCHO I, EM SANTA CRUZ

atingindo a altura de vinte e cinco palmos cortava transversalmente o corpo da egreja; ostentava pilares e trumos intermedios e, no friso, a seguinte inscripção, algo ingrammatical: «Hoc templun ab Alphonso Portugaliæ primo rege instructum ac tempore pene collapsum Regno successore et acto se Emmanuele restauverit. Anno Natalis Domini MDXX». O nome do mestre, Antonio Fernandes. Esta grade, no seu conjuncto, revocou-me á memoria as coévas e tão sumptuosas grades hespanholas (Burgos, Granada, etc.). E todavia, Antonio Fernandes achava-se estabelecido em Coimbra, com certeza, visto como Gregorio Lourenço nos seus relatorios a D. João III (1) transmitte a este as queixas do mestre, a quem conhecia pessoalmente, com respeito á mesquinhez da remuneração (dois mil réis por cada quintal de grade e cincoenta pelo coroamento completo). Este mesmo mestre fez mais duas grades semelhantes á primeira para os dois tumulos dos reis.

Além dos francezes resta ainda mencionar dois estrangeiros, cujos nomes se ignoram, havendo tomado parte nos trabalhos em questão.

Primeiramente, o mestre das obras de talha do côro: o altar-mór, do lado do evangelho, um sacrario, proximo do cadeirado, além de mais dois altares com reliquias, proximos dos dois mausoléus dos monarchas. Estes trabalhos devem ter sido ultimados por Christovam de Figueiredo. O esculptor veiu de Sevilha em janeiro de 1518 (1), com o intuito de encetar o trabalho do altar-mór; a 22 de Julho, havia concluido o dito altar, o sacrario e o cadeirado, e o bispo, examinando o trabalho, manifestou se muito agradado.

Tudo isto desappareceu, infelizmente. Quer do estylo quer da riqueza, poderá talvez ministrar-nos algumas ideias o sumptuoso altar da cathedral de Sevilha, da mesma época. Temos ainda a considerar a attribuição do côro occidental a um biscainho, por D. Francisco de Mendanha (descripção do mosteiro, etc., 1540).

Da decoração de D. Manuel existem ainda alguns fragmentos. Em primeiro logar, os dois sumptuosos tumulos dos primeiros reis, nas duas paredes longitudinaes do côro da abside. O aspecto geral de um e outro é quasi identico, divergem apenas em minudencias ornamentaes e nas figuras. A sua forma estructural é ainda gothica, pelo conjuncto, a individuação do ornato baseada, porém, na Renascença. O esquêma fundamental de um e outro apresenta um nicho, pouco fundo, cerrado por uma arcada semi-circular, abrigando o sarcophago e, sobre este, a imagem do sepultado, reclinada, e vestido o arnês de batalha. No fundo, sete imagens de santos, debaixo de balquinos gothicos muito ornatados. Emolduram o nicho dois opulentos frisos ornamentaes, amparados por botareus, lavrados e vasados de alto a baixo em nichos, baldaquinos e profusa ornamentação. Por cima, um rico frontão, figuras dentro de nichos, e um brazão de armas sustentado por dois anjos.

(1) Estas datas foram todas extrahidas da preciosissima memoria de Gregorio Lourenço, vedor e notario de Santa Cruz, o qual em 1522, fallecido elrei D. Manuel, as transmittiu ao seu successor na sobrintendencia das obras. Publicada por Sousa Viterbo — pag. 23-28.

(1) Carta de Greg. Lourenço a elrei D. Manuel, Sousa Viterbo — pag. 20.

Esta construcção, com cerca de 12 metros de altura, enche completamente a parede e o proprio arco esconso da abobada. A estampa dá sufficiente ideia da sumptuosa combinação e da riqueza com que é composta. A pormenorização é elaborada a primor; recorda os trabalhos decorativos de Belem, assim como o portico da Conceição velha, em Lisboa. Os motivos no estylo da Renascença apresentam, como além, o caracter da primitiva Renascença franceza.

DO ARCO, POR BAIXO DA TRIBUNA, EM SANTA CRUZ DE COIMBRA

Isto induz, pois, a attribuir ambos monumentos a mestre Nicolau e seus ajudantes. Em 1518 escrevia Gaspar Lourenço a D. Manuel: «E o mestre, que está fazendo os tumulos dos reis, continua a trabalhar nelles e tem já concluido muito trabalho de lavrante.» A julgar por esta noticia e por outras concordes, os ditos tumulos seriam os primeiros trabalhos de Nicolau no paiz, e em vista dos quaes seria chamado aqui. Em Julho de 1520 foram os restos de ambos monarchas transferidos para a nova sepultura, achando-se presente elrei D. Manuel; se considerarmos a magnitude e as proporções da obra—só estatuas abrange umas quarenta e oito—assim como a rica ornamentação dos pormenores, não parecerá inverosimil o haver o mestre invertido um decennio na sua elaboração. Em 1550 achava-se concluido o solar de Gaillon.

Poderá ainda admittir-se a hypothese de, em 1535, se haverem effectuado quaesquer aperfeiçoamentos, ou ainda acabamentos nos mesmos tumulos, e de haver sido confiado por D. João III o encargo a mestre Nicolau. Não divergiriam no estylo, visto como os monumentos existentes em S. Marcos, trabalho incidindo com um prazo de tempo mediando entre 1520 e 1522, apresentam a mesma feição, e a mesma mescla de formas. Tratar-se-hia,

PULPITO EM SANTA CRUZ DE COIMBRA

talvez, de completar minudencias nas figuras occupando os nichos, nas quaes, aliás, se notam ainda leves deficiencias, e isto com tanto mais probabilidade, porquanto nas figuras que adornam os botareus a manipulação é mais franca e manifesta um certo progresso.

Dado o caso de ser ainda vivo, ao esculptor dos monumentos competir-lhe-hiam as almejadas melhorias, e devemos pois ver n'essas ampliações posteriores o cunho da sua individualidade.

CADEIRAS DO CÔRO DE SANTA CRUZ

O valor artistico d'estes monumentos tumulares é consideravel; magistraes os pormenores; uma delicia as figuras; a composição, n'aquelle seu primoroso estylo mixto, da mais supina originalidade; e, depois do portal da Conceição velha, em Lisboa, tão semelhante a todos os respeitos, constituem a melhor producção do mesmo genero em todo o paiz.

Differe absolutamente quanto a estylo a obra prima da egreja, o preciosissimo pulpito—occupando a parede septentrional. A'cerca do seu auctor, cuja nacionalidade franceza se revela por forma inconcutivel, já atraz expendemos a nossa opinião. A estampa poupa-nos aliás o descrevê-lo. Denunciam o mais proximo parentesco o tumulo do cardeal de Amboise, em Ruão, o guarda-vento do cruzeiro, em Quimperlé, na Bretanha, o do côro, em Chartres, e ainda o do cruzeiro, em Limoges, com os quaes este nosso pulpito, supposto que de muito menores dimensões (1^{m},56 de alto) consegue emular em absoluto.

Gregorio Lourenço, em 1522, naquella sua memoria a que por mais

uma vez nos referimos, escreve o seguinte: «Elrei D. Manuel mandou fazer um pulpito; o parapeito acha-se concluido e levantado sobre os esteios; o sobreceu que o encima é porém insufficiente, e n'essa conformidade, foi mandado abrir um portico, de arrazoado tamanho, e por cima um esparavel com lavores condizendo quer aos do parapeito quer aos dos esteios. Do que está feito, dizem quantos o tem visto, que não existe por toda essa Hespanha obra de pedra lavrada que lhe leve a palma. O dito pulpito deve ficar concluido da maneira que Vossa Alteza está ouvindo, e pronto a servir.»

E não obstante, sob o governo de João III, o piedoso, sustou-se o trabalho. A porta do dito pulpito apresenta ainda hoje uma deploravel architrave.

A tribuna que, da banda do poente, aguenta o cadeirado do côro monacal,

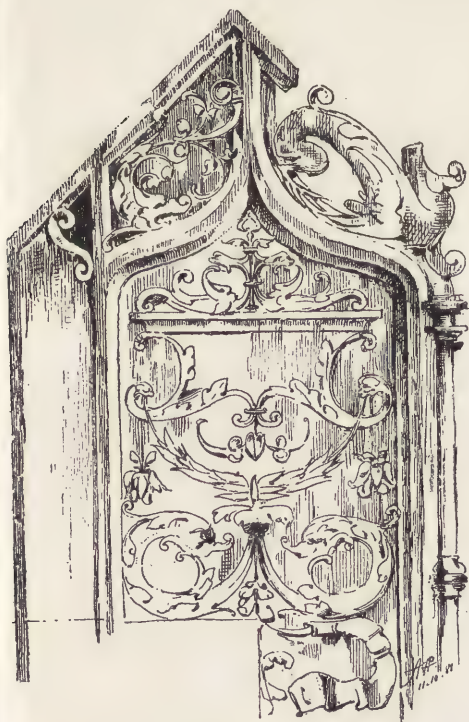
DAS CADEIRAS DO CÔRO DE SANTA CRUZ

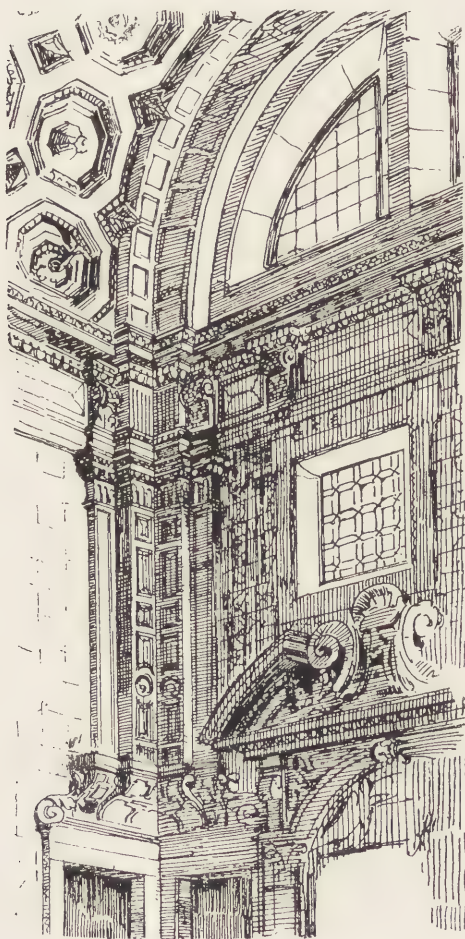
obra do tal biscainho, é constituida por uma sumptuosa abobada de pe-

DAS CADEIRAS DO CÔRO DE SANTA CRUZ

dra, descansando sobre duas pilastras acantonadas, com ornamentação de candelabros, e um arco refendido em tabellas. Manifesta-se aqui dedo de hespanhol.

Em cima, na tribuna, encontramos o unico exemplo de cadeirado portuguez daquella época remota. Consiste em um duplo renque de cathedras, seguindo a eito de uma e outra parede, com riquissimos espaldares e baldaquinos formando esparavel, cujo coroamento é uma mole architectonica, rematando nas mais fantasiosas intersecções. Opulentam o espaldar uns entrelaçados de marcenaria dividindo as faces. Apenas na parte inferior brota, de subito, a Renascença, mediante o formosissimo recheio de ornatos do respectivo estylo, em summa variedade, recamando as superficies, e os animaes fantasticos, e quejandas figurações, que repartem os assentos. Estes fragmentos, no gosto da Renas-

cença, são trabalhados a primor, e escoimados de influencia franceza.

O orgão apresenta parcialmente alguns retraços do seculo XVI, o corpo principal data, porém, do seculo XVIII.

Entre o claustro do Silencio e o côro da egreja intercala-se a sala do capi-

SACRISTIA DE SANTA CRUZ

tulo com a sua abobada artezonada e formoso portico abrindo sobre o mesmo claustro, no qual campeia a riquissima capella do Prior D. Theotonio; foi concluida em 1582, durante o priorado de D. Pedro da Assumpção, pelo architecto Thomé Velho.

E de facto, a rica frontaria com a sua duplicação de pilastras corinthias e o seu arco de tabellas, tão profusamente adornado de rotulos e escudetes, poderá muito bem ser coévo. O interior da capella, que medirá talvez uns quatro metros, em profundidade, e de seis a sete em largura, parece-me ser mais antigo, ahi de 1550 ou 60, e é lindissimo.

Ao fundo, campeia a imagem de S. Theotonio, debaixo de um rico baldaquino, cercado por cinco paineis de mimosa pintura; aos lados abrem-se uns nichos ladeados de columnas, tudo isto muito rico e delicado, e resplendente de côr.

A capella do refeitorio continha outr'ora trese valiosos registos de barro cozido (Della Robbia?).

O claustro contiguo é um verdadeiro documento de historia da Arte, concorrendo a exalçar-lhe a importancia os quatro recessos na parede, á feição de capellas, nos angulos, em três dos quaes se encontram ainda hoje as mais finas esculpturas de alto relevo da primitiva Renascença portugueza, reproduzindo lances da Paixão de Christo, producções de uma escola nacional de esculptura rica em sentimento, identificando-se com a tão aprimorada pintura coeva (1).

A contigüa sacristia, feita de novo por um mestre portuguez, aproximando-se bastante dos Alvares, produz optima impressão.

Uma abobada de berço vazada em ricas a par de vigorosas tabellas octogonaes, e a formosa cornija de misulas descansando em pilastras doricas, com quatro sumptuosos porticos nas quatro

(1) Justi — Annuario, 1888 — pag. 157.

CLAUSTRO DA MANGA EM SANTA CRUZ

faces, as paredes, vestidas de lindos azulejos, são estes os elementos, os quaes, realçados pela mais formosa impressão de luz, constituem um recinto verdadeiramente monumental e distincto de côr. Concorrem ainda a adorná-lo as obras capitaes do mais insigne pintor portuguez, Velasco de Coimbra.

O segundo claustro, denominado da Manga, pelo facto de haver D. João II indicado o risco do mesmo traçando-o na propria manga, é cercado por construcções de extrema singeleza, apenas notavel pelos restos das formosas disposições ajardinadas, pelo templete ostentando uma cupula, formando centro, aguentado por esbeltas columnas, cercado por quatro capellas redondas. E' accessivel por diversas veredas com escadas e pontes, ladeando uns tanques, e alegretes de gosto austero; conjunto deveras original.

Referir-me-hei ainda ao pesado campanario, um pouco mais distante, encostado a um massiço de construcções, e denunciando actualmente pelo seu aspecto pertencer aos seculos XVII ou XVIII, visto que tanto a sua linha geral como a sua architectura, severa e bem concebida, o tornam digno de menção; muito faz lembrar o cucurucheu do campanario da Cathedral de Granada.

A transferencia para aqui da Universidade, o florir do jesuitismo e o gosto do monarcha hespanhol, a datar de 1550 tornaram a cidade um centro de extraordinaria actividade architectural. Sobrelevam multidão de novos conventos e collegios, fundações da referida época, e dando ensejo á florescencia da segunda Renascencia portugueza.

Áquella data, havia-se já declarado essa tendencia, vigorosa quanto independente, da architectura portugueza, cujas manifestações, coévas de D. João III, observámos em Belem, Penha Longa, Thomar, e outras localidades; os seus principaes representantes parece haverem sido os irmãos Torralvas.

Inicia-se como novo factor na mesma direcção Filippo Terzi, o qual se me afigura haver adquirido singular influencia, e designadamente na construcção de egrejas. Agrupa-se a este mestre uma serie de artistas importantes, taes como Leonardo Turiano, seu successor, Nicolau de Frias, João Nunes Tinôco, Balthazar e Affonso Alvares.

Alem destes foram-nos ainda mencionados os nomes de Diogo Marques, (fins do seculo XVI), Domingos da Mota (1605), Francisco da Silva Tinôco (1634) e alguns mais.

Deste numero, e relacionando-se com Coimbra temos que considerar: Diogo Marques, Balthazar Alvares, Leonardo Turiano; deste ultimo consta haver existido, na livraria de S. Paulo, da mesma Coimbra, ainda em 1847, um livro com projectos de edificações. O já mencionado architecto, Thomas Velho (1590), capella de S. Theotonio em Santa Cruz, pertence a este grupo. (1)

(1) Inclino-me actualmente, em contrario á primitiva opinião, a conceder a Filippo Terzi uma importancia artistica tão transcendente, comparada com a dos mencionados artistas portuguezes, atendendo a que as bases para assentar o grande movimento da architectura religiosa portugueza, iniciado cerca de 1590, se encontravam já no caminho trilhado anteriormente por Torralva; este, haverá sido, talvez, o medianeiro, na implantação dos esquêmas estructuraes italo-jesuiticos, os quaes, aqui, como por toda a parte, ficaram constituindo a base da architectura religiosa da actualidade.

(Continúa.)

THRENOS

Ao grande poeta italiano e meu presado amigo J. Cannizzaro

1.º

ÁRIDO CHÃO...

Durmo pouco. Trabalho em cada dia
Quanto posso. De pouco me contento;
Mas o trabalho não me luz. Diria
Que na areia infecunda a phantasia
Meu grão semeia e que o dispersa o vento!

2.º

INFINITO E ÁTOMO

Vivo e não vivo. A teia de meus dias
Vae tecida de lutos e agonias,

De insondaveis martyrios: sonhos bellos,
Sepultos no ruir de meus castellos;

Affectos doces, brancos como arminhos,
Dispersos, pelo ar, em torvelinhos;

Pensamentos de paz e de concordia,
Apunhalados sem misericordia:

De generosas illusões, em summa,
Tornadas, pouco a pouco, em cinza, em bruma...

— Se é Deus que assim o quer — só Elle é forte!
Só elle é Deus! — bemdigo a minha sorte.

Elle, no espaço, os orbes incendeia,
Elle os apaga! Eu... sou o grão de areia.

Elle o intellecto humano enche e transvasa...
E os soes incuba sob a sua aza.

Só Elle é grande, é forte, é justo, é sábio,
E põe palavras puras no meu lábio

Para lhe perguntar (os olhos tristes
Ao impassivel ceu erguendo): — Existes?

3.º

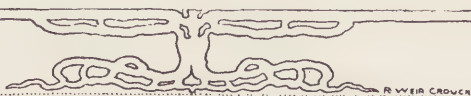
THÉOS

Se existes, onde está tua justiça,
Ó Deus severo e Todo-Poderoso?
Debalde a busco a gladiar na liça
Contra o Mal, invencivel e orgulhoso.

O que vejo é que, em roda, o fogo atiça
Das más paixões um vento impetuoso,
E a lampada do Bem, froixa, mortiça,
Despede, acaso, um raio duvidoso.

Porque trepidas, Théos, Adonai,
Jehovah, Sabaoth, Elí, Saday,
Vencedor de Moloch e de Satan,

E os braços cruzas, como heroe vencido?
— Porquê? — responde o Eterno, aborrecido —
Porque a Virtude — é uma palavra vã...

M. Duarte d'Almeida.

LISUARTE O CABELLUDO

Vivia em certa herdade um bonito rapaz, alto e forte, chamado Lisuarte. Tinha a alcunha do Cabelludo, porque desde que nascera nunca uma tesoura lhe havia cortado o cabello, que por isso não só lhe chegava aos pés, mas tambem ia pelo chão de rastos, após elle, quando Lisuarte o levava solto.

Ora já vão saber porque nunca lhe tinham cortado o cabello.

A herdade em que elle morava com a mãe ficava no meio de um descampado e não havia nenhuma outra habitação em muitas leguas em derredor. A's vezes apparecia um pobresinho e mettia-se-lhe na cabeça levantar ali uma choupana para seu abrigo. Fazia as paredes e o tecto, mas, na primeira noite em que lá quizesse dormir, acontecia que as paredes e o tecto lhe cahiam em cima, de sorte que ainda se devia dar por muito feliz
escapasse livre de algum ferimento grave. Isto era obra dos duendes que
ndavam por ali e que eram maus como as cobras. Moravam n'um palacio
baixo do chão e pelavam-se por fazer maldades a toda a gente que andasse
las visinhanças, não consentindo que ninguem podesse morar n'aquelles
tios. Mas afinal convenceram-se de que havia coisas em que precisavam do
ıxilio dos homens.

O seu palacio era obra de encantamento e tinha no meio uma fogueira,
ıe nunca se apagava. Mas um dia o lume principiou a amortecer e logo o
ılacio deu signal de que vinha abaixo.

Os duendes tiveram medo de ficar sepultados no seio da terra, conforme
succedera a outros povos da mesma especie. Ora, como nem elles, nem
gnomos nem as fadas sabiam arranjar outra fogueira egual, foram ter
›m a Lucia, que veiu depois a ser mãe do Cabelludo, pedindo para lhes
zer esse favor, que lhe custava tão pouco. A pobre da rapariga esteve pelo
uste e elles em paga deram-lhe licença para construir uma herdade n'aquelle
tio.

Emquanto a Lucia se conservou solteira, os duendes nunca a arreliaram mas, apenas casou e trouxe o marido para a herdade, começaram a fazer-lh mil pirraças. Enfeitiçaram-lhe as vaccas e as ovelhas, e n'uma noite muit escura endoideceram de tal modo o cavallo em que o marido vinha montad que o animal cahiu n'uma lagoa, onde se afogou juntamente com o dono.

— Juro-te, filho, disse a mãe ao Lisuarte, que te não deixo cortar o ca bello emquanto se não vingar a morte de teu pae!

E quando Lisuarte chegou a grande, fez o mesmo juramento. Costumav levar todas as manhãs o seu rebanho a pastar, e deitava os olhos pelo cam po, a ver se descobria algum duende. Mas os mafarricos nunca lhe appare ciam, porque tinham medo d'elle. E' que n'aquelle tempo todo o rapaz ou ra pariga, que, desde a nascença, nunca tivesse cortado o cabello, era dotado d grande poder, contra o qual nada valia o das fadas e duendes.

Uma tarde, voltando o Cabelludo para a herdade, contou as cabeças d gado que tinha levado comsigo, e achou uma ovelha de menos.

— Mãe, dê-me quanto antes de cear, que volto para o campo, onde hei d por força encontrar a ovelha.

— Deixa-a lá, filho, e não me sais de casa. Lembra-te de que estamo quasi em dia de S. João.

— Por isso mesmo é que eu quero ir... para me encontrar com o duendes.

Mal acabou de cear, o rapaz encaminhou-se para o sitio onde tinha an dado com o rebanho, e sem já pensar na ovelha, escondeu-se atraz de un penedos.

De repente ouviu risadas, fallatorio, musica e tropel de passos, e logo s abriu a porta de um palacio magico e sahiram por ella os duendes, em grand chusma, todos vestidos de verde desde a cabeça aos pés.

— A cavallo! A cavallo! gritou um d'elles.

— A cavallo! A cavallo! repetiram todos os outros.

— Tambem eu gostava de montar a cavallo, disse o Cabelludo com o seus botões, e, saltando para a frente do penedo, gritou com tanta força com os duendes

— A cavallo! A cavallo!

No mesmo instante appareceu ao pé d'elle um cavallinho alazão, co freios de ouro e sella de prata.

— Vens comnosco, ó Cabelludo? perguntou-lhe um duende.

— Vou, sim.

O rapaz deu um salto para cima do alazão e foi-se pelos ares fora, a pa do duende que lhe tinha fallado, e mais ligeiro que uma folhinha de arvor arrastada pelo furacão.

— Para onde vamos? perguntou elle ao duende, com o coração a saltar lhe do peito.

— Para o paço real. A filha do rei vae casar esta noite, contra sua von tade, com o imperador do Oriente. Se nos ajudares, podemos livrar a prin ceza de fazer uma coisa que vae ser a desgraça de toda a sua vida.

— Porque precisam vocês de mim? perguntou o Cabelludo.

— Porque não nos atrevemos a levar a princeza á garupa, no cavallo que qualquer de nós montar. Podia cahir. Ella é de carne e osso, e só deve ir com quem fôr de carne e osso, tambem.

Quando chegaram deante do paço, o Cabelludo e os duendes apearam-se e foram levados, por artes magicas, para a sala das festas, em que estavam reunidos todos os convidados da bôda. Milhares de luzes allumiavam o recinto, onde se viam lindissimas damas e garbosos cavalheiros, todos vestidos com bellos fatos e ornados de joias de grande valor, dançando ao som de uma musica muito agradavel.

Lisuarte a principio esteve para fugir, não se sentindo bem no meio d'aquelles fidalgos, com os trajos pobrissimos que levava. Deitando, porém, a vista para si mesmo, ficou de boca aberta, porque a sua roupa miseravel se havia tornado mais luxuosa do que a melhor de quantos ali estavam. Avançou então para a sala com todo o atrevimento, acompanhado pelos duendes, que só elle podia ver, porque se tinham tornado invisiveis para todas as outras pessoas.

— Onde está a filha do rei? perguntou elle aos duendes.

Ao que um d'estes respondeu:

— Olha!

O Lisuarte assim fez e viu a mais formosa donzella em que os raios do sol tinham pousado até áquelle dia. Seus olhos eram de um azul tão lindo como o do ceo, e suas faces pareciam duas grandes folhas de rosa. A boca mettia inveja, pelo vermelho, aos morangos e cerejas. Vestia de branco e tinha na cabeça grinalda e corôa. O rapaz ficou assombrado. Olhou-a melhor e viu-lhe o rosto banhado de lagrimas. Approximou-se da princeza o imperador do Oriente e pediu-a para dançar, mas a filha do rei disse que não e voltou a cara para o lado.

— Vês? segredou um dos duendes ao Cabelludo. Ella não gosta do imperador. Vae casar obrigada pelos paes. Se estás prompto a ajudar-nos, levamol-a d'aqui, e ainda esta noite lhe arranjamos marido no Reino das Fadas.

— Obrigando-a a outro casamento ainda peior, disse, de si para si, o Lisuarte. E poz-se a pensar na maneira de livrar a pobresinha do imperador e dos duendes. Logo, porém, perdeu as esperanças, porque ouviu o imperador dizer á princeza:

— Já vejo que não precisaes dançar, porque vos tarda o instante da celebração do nosso enlace. Podemos ir para a egreja.

E levou-a comsigo á força. E o rei seguiu-a, e a rainha e toda a côrte, e tambem o Cabelludo e os duendes.

Quando já estava nos degraus do altar, a princeza deu um grito e cahiu no chão.

— Arredae-vos! Arredae-vos! gritou o imperador do Oriente. A princeza desmaiou!

Os cortezãos obedeceram, deixando um grande espaço livre em roda da

princeza, e então os duendes juntaram-se ali, e começaram a dançar e a cantar esta modinha:

Casar sem amor, princeza,
Ninguem deve tal fazer:
Contra as leis da natureza
Não ha quem tenha poder.

Vem já comnosco, se queres
Fugir ao mortal horror:
As princezas são mulheres
E não vivem sem amor.

FOI PELOS ARES FÓRA, ACOMPANHADO PELA CHUSMA DE DUENDES, MAIS VELOZ QUE UMA FOLHA DE ARVORE ARRASTADA PELO VENDAVAL.

Ninguem, senão o Cabelludo, os viu dançar, e ninguem senão elle lhes ouviu a cantiga, e ninguem, quando esta acabou, poz a vista em cima da princeza. E' que se tinha tornado de repente invisivel, como os duendes. O imperador, o rei, as damas e os cortezãos, cheios de espanto, fugiram atropeladamente da capella, ao tempo que os duendes levavam para longe do palacio a princeza e o Lisuarte corria após elles a bom correr.

— A cavallo! A cavallo! gritaram os duendes.

— A cavallo! A cavallo! gritou do seu lado o Cabelludo.

E appareceu logo deante do rapaz o lindo alazão, com freios de ouro e sella de prata.

O Cabelludo saltou-lhe para cima, tomou a princeza nos braços e foi pelos ares fora, acompanhado pela chusma dos duendes, mais veloz que uma

folha de arvore arrastada pelo vendaval. Lisuarte ainda levava o fato muito rico, e os compridos cabellos corriam após elle: parecia mais um anjo do que uma creatura humana. Curvado para a princeza, que se lhe aconchegava ao seio, sorria-lhe meigamente, e ella, em paga, sorria-lhe tambem. Quando chegaram ao palacio magico, estava a porta aberta de par em par, e por isso os duendes, que iam na frente, entraram lá para dentro, mas o Cabelludo não os acompanhou. Segurando bem a princeza com o braço direito, com o esquerdo fez o cavallo voltar para o lado e bradou:

— Protegei-me, Senhor Deus, contra estes espiritos da noite!

Os duendes ainda quizeram perseguil-os, mas não poderam fazer nada, porque, apenas o Lisuarte disse aquellas palavras, os cavallos que elles montavam se tornaram de repente em hastes de erva secca, e todos elles foram de ventas ao chão. Cheios de medo, apinharam-se em volta do cavallo de Lisuarte, e um d'elles disse-lhe:

— Deixa estar que mais dia menos dia, ó Cabelludo de uma figa, has de ter a mesma sorte de teu pae! Não te serve de nada esse cabello sem fim, nem o teu atrevimento e desembaraço. E's muito curioso e d'ahi te resultará desgraça!

Emquanto dizia isto, foi-se chegando á falsa fé para a princeza e deu-lhe uma pancada, antes que o rapaz podesse levantar o braço para a defender.

— Que mal te fez o duende, querida da minha alma? perguntou elle muito afflicto.

A princeza não deu resposta, nem fez nenhum movimento. Afinal estendeu as mãos de um modo singular e tocou-lhe. Estava toda a tremer. Lisuarte esperou durante mais algum tempo. Depois, tomou-a nos braços, levou-a para a herdade e mostrou-a á mãe, para que a Lucia dissesse o que tinha a princeza.

— Se encontraste essa menina perto do palacio magico, respondeu-lhe a viuva, fica sabendo que foi enfeitiçada pelos duendes, porque não ouve, não vê e não falla.

E vae o Cabelludo contou á mãe toda a historia do que lhe tinha acontecido.

— Filho, disse ella, temos que fazer duas coisas e quanto antes. A primeira é livrar a princeza do feitiço, a segunda é vingar a morte de teu pae.

— Talvez as possa fazer ámanhã á noite, respondeu-lhe o filho. Os duendes são muito descuidados, e, quando sahem do seu palacio, costumam deixar a porta aberta.

Na noite seguinte era a vespera de S. João, e, conforme o Cabelludo tinha calculado, os duendes sahiram para o campo, na ancia de irem, como de costume, fazer arreliar as almas christãs. E' sabido que n'aquella noite os duendes, como os gnomos e as fadas, teem maior poder que em todo o resto do anno. O Cabelludo pegou em si e foi esconder-se atraz de um penedo, para escutar o que elles diriam uns com os outros.

— Precisamos trazer para cá uma rapariga, que tenha sempre accesa a fogueira, disse um d'elles. Como a princeza nos fugiu ha tão pouco tempo,

não deve estar longe e talvez nos seja possivel deitar-lhe a mão outra vez.

— Nada! Nada! respondeu outro, do seu lado. Com o Cabelludo não fazemos farinha. O melhor é pôrmo-nos ás boas com elle, e darmos-lhe o nosso unguento magico, para ficar boa quanto antes a princeza.

— Valeu! Valeu! gritaram muitos duendes em côro.

— Vamos vêr, em todo o caso, se arranjamos uma rapariga para tratar da fogueira, lembrou outro duende.

— A cavallo! A cavallo! gritaram todos.

E, muito espantado, o Cabelludo viu-os apanhar mancheias de erva secca, e fazer com ellas cavallos, em menos tempo que o que leva o diabo a esfregar um olho.

Montaram todos e foram pelos ares fóra.

Lisuarte approximou-se do palacio magico e achou a porta aberta.

— Quem sabe se isto é um laço que elles armaram contra mim? disse comsigo mesmo.

Apesar d'isto não teve medo e avançou resoluto. Foi dar a uma sala muito rica, mais rica do que todas as que ha no mundo.

O chão era de ouro massiço e o tecto de crystal. Pelas paredes havia lindos quadros feitos com pedrarias e ao meio ardia, muito mortiça, uma fogueira.

— Parece-me que é a fogueira que minha mãe accendeu, pensou Lisuarte.

Ao pé d'ella viu um boião com unguento.

— Bem dizia eu que era um laço, que me tinham armado! murmurou o rapaz.

E não se enganava. Os duendes tinham-no visto de traz do penedo e resolveram preparar-lhe uma cilada. Se elle désse na princeza aquelle unguento, e depois casasse com ella, cahia, como o pae, em poder dos duendes. Se, pelo contrario, apagasse a fogueira, ficava sepultado debaixo das ruinas do palacio magico.

— A cilada não é das peores, pensou Lisuarte, mas vocês, *seus* duendes, é que vão cahir n'ella.

Pegou no boião do unguento, foi de corrida para a herdade e repartiu a droga em duas porções. Uma, deu-a á mãe e pediu-lhe que esfregasse com ella a princeza; a outra, levou-a outra vez para o palacio magico e esfregou-a nos olhos. Viu logo que o chão de ouro, o tecto de crystal e os quadros de pedrarias, era tudo obra de encantamento. Na realidade estava n'uma caverna medonha, toda forrada de lodo. O unico thesouro que viu foi um sacco cheio de moedas de ouro e de pedras preciosas, que os larapios dos duendes para lá tinham levado, depois das suas façanhas nocturnas.

O Cabelludo carregou immediatamente com o sacco para fora do palacio, voltou á sala e deu com o pé na fogueira, mas antes que a ultima faúlha se tivesse apagado, veiu todo esbaforido para fora do portão, e foi cahir em cima de um tapete de relva muito verde, no proprio instante em que o palacio vinha abaixo e se tornava n'um montão de ruinas.

Quando o Cabelludo chegou á herdade, com o sacco das moedas de ouro e pedras preciosas, encontrou a princeza a falar muito contente com a viuva, e ficaram todos trez á espreita, para ver o que faziam os duendes. Meia hora antes do gallo cantar annunciando a alvorada, sentiu-se uma bulha como o das folhas seccas levadas pelo vento, e ouviram-se os guinchos que soltam os duendes, quando riem ás gargalhadas.

A mãe de Lisuarte abriu a porta e viu-os bailando em torno da herdade, banhados pela luz do luar. E cantavam ao mesmo tempo:

> Cabelludo! Cabelludo
> De farto e lindo cabello!
> P'ra que lhe serve isso tudo,
> Se ninguem já pode vel-o?...
>
> Não! Podem vel-o as toupeiras
> Reduzido a pó miudo.
> Acabaram-se as canceiras
> Do pobre do Cabelludo!

— Que querem vocês de mim? perguntou-lhes a mãe de Lisuarte.

— Trazemos-te boas noticias, disse-lhe um duende. Vamos abalar para muito longe d'aqui. Houve alguem que apagou a nossa fogueira, e se cavares até muito fundo, no logar onde era o nosso palacio magico, acharás o cadaver do criminoso. Ficou sepultado debaixo das ruinas.

O UNICO THESOURO QUE VIU FOI UM SACCO CHEIO DE MOEDAS DE OURO E DE PEDRAS PRECIOSAS.

— Deveras? perguntou o Cabelludo, assomando á porta.

— A cavallo! A cavallo! gritaram assustados os duendes, e partiram pelos ares fora, mais velozes que uma folhinha de arvore arrastada pelo furacão. E só pararam quando já estavam por cima da China. Desceram então, e lá se deixaram ficar até agora, com grande desespero da gente de rabicho.

Na manhã seguinte Lisuarte, com algumas das moedas que encontrou no sacco, foi comprar uma parelha de lindos cavallos e uma linda carruagem, e foi assim para o paço real.

O imperador do Oriente já se tinha ido embora, mas o rei ficou tão satisfeito por tornar a ver a filha, que a deu logo em casamento a Lisuarte.

O rapaz cortou o cabello e deixou desde então de ser o Cabelludo.

Grandes topicos

A China constitucional

JÁ ha tempos aqui annunciámos que o imperador, ou antes, a imperatriz da China que é quem realmente governa no Celeste imperio, se propunha outhorgar uma Constituição ao seu povo. A noticia acaba de ser confirmada n'um edito imperial. Trata-se de crear, n'um futuro proximo, um parlamento comprehendendo duas classes de camaras: os *Atsé-Yichu* e o *Atsé-cheng-Youan*. Cada provincia terá a sua assembléa deliberativa, o *Atsé-Yi-chu*, cujas decisões serão submettidas pelos governadores á assembléa deliberativa de Pekin, o *Atsé-cheng-Youan*. Se este approvar as resoluções das assembléas provinciaes, ellas adquirirão força de lei.

O edito imperial a que nos reportamos não é prodigo em pormenores sobre a nova organisação politica, pelo que não podemos desde já formar a seu respeito um juizo

O CZAR *(á terceira Duma) — Saudo em vós a grande Russia, a Russia serena e meditabunda.*

Da «*Luna*»

NUMERO DE SENSAÇÃO NO THEATRO DAS VARIEDADES

Eduardo, o malabarista internacional

Do «*Pasquino*»

seguro; dá-nos, comtudo, certas indicações que nos permittem avaliar o seu alcance, o qual nos parece bem insignificante. Assim, elle declara que a expressão de todas as opiniões deve estar sugeita ás leis e que a competencia das associações politicas será determinada por meio de regulamentos.

Não devemos, portanto, suppor que a China vae entrar n'uma nova era de liberdade, tal como nós a concebemos no Occidente. De resto, estamos mesmo em acreditar que um ensaio d'essa natureza seria contraproducente n'um imperio onde milhões d'homens estão ainda moralmente esmagados pela tradição. O que é interessante constatar é que a China sae pouco a pouco da sua immobilidade, e que alguma cousa se está fazendo para o seu levantamento moral e para a sua reorganisação politica.

A terceira Duma

NOS primeiros dias que se seguiram á constituição da Duma, os jornaes russos consagraram columnas e columnas á «traição octubrista», como ficou sendo conhecida no imperio do czar a alliança d'aquelle partido com os da direita. Realmente, como já tivemos occasião de assignalar, esse facto provocou uma surpreza geral, que bem depressa se transformou em indignação, aliaz bem justificada, dadas as tradições democraticas dos octubristas. Essa indignação atingiu

ABERTURA DA TERCEIRA DUMA

A fala do throno do Czar declarou o caracter irrevogavel do manifesto de outubro: «O que uma vez se deu, não se tornará a tirar».

Do «*Kladderadatsch*»

mesmo muitos membros do partido, alguns dos quaes já abriram n'elle uma scisão, alliando-se ao grupo progressista que conta cincoenta deputados. Mais de trinta outros octubristas preparam-se para seguir esse exemplo se os chefes do partido não abandonarem a politica adoptada nas primeiras sessões.

E' claro que admittindo mesmo que isso suceda, a oposição continuará em minoria na Duma, mas em numero suficiente para incommodar seriamente o governo, e, se quizer, não deixar até proseguir os trabalhos parlamentares, caso isso lhe convenha.

Não se pode, todavia, prever qual será a sua atitude que deve depender das circunstancias de momento, e em politica o imprevisto surge a cada passo. Mas o que desde já se pode dar como certo é que, suceda o que succeder, a actual Duma será absolutamente infructifera sob o ponto de vista parlamentar.

O ALLEMÃO E AS SUAS COLONIAS

«Por mais que as engraxe e as arrebique, não ha maneira de as usar».
(As botas são as colonias; a graxa é o orçamento colonial.

Do «*Nebelspalter*»

A Belgica e o Congo — A questão da annexação do Congo á Belgica parece estar cada vez mais longe de ser resolvida. O ministerio contava para fazer approvar o respectivo projecto de lei com uma pequena maioria, pois até alguns dos seus proprios amigos lhe são contrarios; mas a decisão tomada ultimamente pela esquerda liberal tirou-lhe todas as esperanças.

Esse grupo parlamentar reuniu-se ha dias para se occupar do assumpto, e quando o governo esperava que sete ou oito dos seus membros votariam a favor do projecto, eis que o grupo approva, por unanimidade, uma ordem do dia emitindo o parecer de que a Belgica tem o direito de posse sobre o Congo em virtude do decreto de 1889, da convenção de 1890 e da lei de 1901. N'estes termos, a esquerda liberal manifesta a opinião de que o projecto é inacceitavel e, portanto, deve ser regeitado.

Nas espheras governamentaes a resolução da esquerda caiu como uma bomba, e toda a gente pergunta o que dirá a ella o rei Leopoldo que já tinha declarado que o projecto comprehendia as suas ultimas concessões.

A agravar ainda mais a situação, eis que, inopinadamente, morreu o sr. Trooz, presidente do conselho de ministros, e o unico homem com quem, no consenso unanime, o rei Leopoldo podia contar para resolver a questão. Substituiu-o o sr. Schollaert, presidente da camara dos deputados, ficando o resto do ministerio tal como estava

Terá o nosso primeiro ministro a força necessaria para levar a cabo a execução do plano real? A opinião geral é de que não o conseguirá, sendo, portanto, natural que mais um governo caia. antes de o problema estar resolvido.

A ULTIMA ENTREVISTA SENSACIONAL DO «FIGARO» OU GUILHERME E GUILHERMINA

1 — *Lantier, o correspondente do «Figaro», já descobriu que na proxima entrevista entre os soberanos da Hollanda e da Allemanha, o imperador Guilherme envergará o traje nacional hollandez, e a rainha Guilhermina apparecerá com a farda de general prussiano.*
2 — *Os soberanos trocarão saudações com cordialidade excepcional. Em vez dos trez osculos usuaes em ambas as faces, dar-se hão doze na boca.*
3 — *As excelsas personagens determinarão depois as minucias do canal maritimo.*
4 — *E finalmente, a rainha Guilhermina será nomeada almirante honorario da esquadra allemã surta em Rotterdam.*

Do «*Kladderadatsch*»

RUSSIA E INGLATERRA

O elephante e a baleia — Nós podiamos casar, com effeito, mas infelizmente a historia natural não permitte irmos mais alem.

Do «*Kladderadatsch*»

Golpe de Estado na Persia — Já aqui assignalámos a pouca sympathia que o actual schah da Persia professa pelo regimen constitucional, e o de-

NICOLAU BARBA-AZUL

Já estão duas Dumas no tumulo; e ao pensar na terceira, aperta-se-nos o coração, visto que Nicolau, embora pretendendo ter amor ás esposas, não é marido muito terno.

Da «*Silhouette*»

sejo por elle mais de uma vez manifestado de o supprimir no seu paiz. Esse desejo julgou Mahomed-Ali poder satisfazel-o em meados de dezembro, graças a um simples caso de rua. Os cossacos ao seu serviço tinham assassinado dois commerciantes, produzindo esse facto grande effervescencia entre a opinião publica e, especialmente, entre a classe commercial. Esta reclamou logo do governo o castigo dos culpados, obtendo d'elle a segurança de que essa satisfação lhe seria dada. Sabendo d'isso, o schah, incitado pelos reaccionarios, que a despeito de tudo ainda dominam na côrte, mandou prender todos os membros do gabinete, e preparava-se para fazer o mesmo aos deputados quando o povo, tendo conhecimento d'esse proposito, rodeou, armado, o palacio do parlamento, disposto a defendel-o até á ultima.

O schah escreveu então ao presidente da camara pedindo-lhe que fizesse dispersar a multidão, mas aquelle recusou-se a isso, declarando ao soberano que elle violara a Constituição e que esse acto exigia a sua deposição do throno.

Ao mesmo tempo dirigia a todos os representantes estrangeiros acreditados na côrte um longo manifesto que terminava por estas palavras:

«Por este manifesto a nação persa faz conhecer a todas as legações e aos estrangeiros residentes em Teheran o actual estado de coisas, e informa-os de que o soberano violou o pacto que havia assignado com o seu povo.

Faz esta declaração a todas as nações do mundo, convencida de que ellas provarão a sua amisade fraternal para com os dez milhões de persas e não tolerarão que os seus direitos sejam calcados aos pés.»

Entretanto, travavam-se as primeiras escaramuças entre a guarda popular do parlamento e as tropas. Foi n'esta altura que intervieram os representantes estrangeiros, fazendo com que Mahomed-Ali libertasse os ministros e se resolvesse a discutir com o parlamento as condições que este já então impunha para o continuar a reconhecer como soberano.

Essas condições, que o schah acabou por acceitar, foram as seguintes:

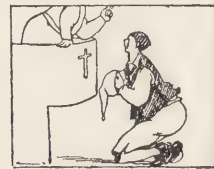
Despedir do serviço do palacio os funccionarios intrigantes e punir os responsaveis pelos assassinatos dos commerciantes;

Permittir o regresso á côrte de dois irmãos do primeiro ministro, que haviam sido exilados;

Constituir uma guarda de duzentos soldados destinada a defender o parlamento;

Colocar todas as tropas, incluindo os cossacos, até agora sob um commando independente, sob as ordens do ministro da guerra; e

Limitar a interferencia dos officiaes russos no corpo de cossacos á simples instrucção militar.

Com a acceitação d'estas condições pelo schah, restabeleceu-se a ordem e a Persia vae entrando de novo, a pouco e pouco, no caminho da normalidade.

DIVISÃO DA TERRA

Nas duas gravuras superiores — A Russia e a Inglaterra dividindo a Persia.
Nas duas centraes — A Inglaterra apanha a Albania e a Austria a Macedonia.
Na de baixo á esquerda — A França apanha Marrocos.
Na de baixo á direita — So resta á Allemanha o reino dos ceus.

Do «*Kladderadatsch*»

SURPREZAS DA VISITA A INGLATERRA

EDUARDO — *Qual é a cousa que mais admiras n'este paiz?*
GUILHERME — *E' ver-me cá.*

De «*Le Rire*»

A questão de Marrocos

DECIDIDAMENTE, a questão de Marrocos ameaça eternisar-se, agravando-se de momento para momento. Quando a

AMIGOS!

MARINHEIRO INGLEZ — *Adeus, mano allemão; nunca esquecerei os bellos dias que passámos juntos.*
O MESMO — *Co'a breca! e eu que tinha tanta vontade de jogar o socco, uma vez que fosse, com aquelle sujeito!*

Do «*Ulk*»

causa de Muley Hafid parecia já completamente perdida, eis que as principaes cidades do imperio, incluindo a propria capital — Fez — o proclamam sultão, depondo Abd-el-Azis. E immediatamente as tropas de Hafid, consideravelmente reforçadas, marcham ao encontro das do sultão legitimo, dispostas a aniquilar para sempre o poder d'este.

O facto, como se póde calcular, causou extraordinaria impressão não só em todo o Marrocos, mas em todo o mundo e, especialmente, entre as potencias signatarias da Acta de Algeciras, cuja acção, em consequencia d'ella, viram seriamente comprometida.

A Allemanha, é claro, rejubilou com isso e procurou logo tirar partido da situação, insinuando que devia reunir-se nova conferencia, na esperança de que n'essa feita a sua diplomacia fosse mais feliz e, portanto, as suas ambições satisfeitas.

A França, porém, é que não se deixou cair na armadilha, declarando desde logo que não havia necessidade alguma de tal e que, comquanto na sua marcha para o norte e por qualquer circumstancia ainda não bem explicado, as *mehilas* hafidianas tivessem travado combate com as tropas do general Amade, isso em nada modificava a situação do governo francez que se encontrava perfeitamente á vontade para pôr em execução a acta de Algeciras. Quanto á questiuncula entre os dois irmãos, a França nada tinha que ver com ella: entendia-se agora com Abd-el-Azis porque era o sultão reconhecido por todos, mas se ámanhã Hafid triumphasse era com elle que passaria a entender-se, visto para o governo da Republica só existir a entidade *sultão de Marrocos*.

Em presença d'esta habil resposta, a Allemanha recolheu de novo a bastidores... e a questão de Marrocos continua em scena.

America e Japão

Á hora a que escrevemos continua em demanda do oceano Pacifico a esquadra americana. A sua viagem, porém, depois de ter causado um verdadeiro sobresalto em todos os espiritos, perdeu todo o interesse após as declarações cathegoricas de intuitos pacificos dos dois governos, a proposital publicação na Europa e na America do orçamento japonez, da leitura do qual se deprehende que o Japão não póde no actual momento entrar n'uma lucta armada e, finalmente, o accôrdo feito entre Washington e Tokio ácerca da immigração japoneza nos Estados Unidos.

A AVE DO ESCANDALO

O ZELOSO BULOW — *Não te apoquentes, queridinha! Não tarda que limpemos toda esta porcaria.*

Do «*Nebelspalter*»

Não queremos, é claro, dizer com isto que ficou absolutamente afastada a eventualidade de uma guerra entre os dois paizes, porquanto semelhante afirmação seria ridicula. O que desejamos é consignar, e isso fazemol-o com o maior prazer, que, pelo menos n'estes annos mais proximos, esse terrivel espectro não nos perseguirá.

Briand muda de pasta

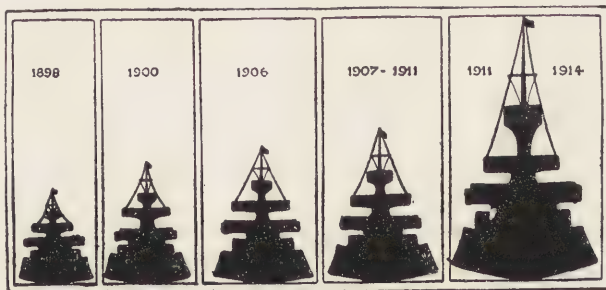
O facto capital da politica franceza nos ultimos tempos foi a recomposição do gabinete, determinada pela morte do sr. Guyot-Dessaigne, ministro da justiça. Esta pasta passou a ser gerida por Briand que cedeu a de instrucção publica aos eu colega Domnergne, o qual foi substituido no ministerio do commercio por Jean Cruppi, uma das figuras parlamentares mais em relevo. E como não seria logico que a applicação da lei de separação, devida a Briand, fosse concluida por outro, a direcção dos cultos, até ali fazendo

DESENVOLVIMENTO DA MARINHA GERMANICA

Diagramma mostrando esse desenvolvimento ate 1914, em que a sua tonelagem de deslocamento attingirá 717:000 toneladas, mais que o dobro do que era em 1906, isto é, 340:000 toneladas.

parte do ministerio de instrucção, passou para o da justiça.

E eis aqui como um socialista assumiu as funcções de vice-presidente do conselho de ministros da França.

Um paisano ministro da guerra — Ha annos que no exercito italiano se vem manifestando uma grave crise.

Ultimamente, depois de inqueritos reveladores de grandes males, procurou-se entres outros remedios, o da nomeação d'um ministro da guerra paisano. Caso novo, a bem dizer, porque até hoje em Italia apenas houve dois ministros civis na pasta da guerra. Os democratas consideram isso uma grande conquista na obra de remodelação do exercito, que está sendo feita com o apoio do proprio governo. Estepropõe-

MODERNISMO

Não é só com pastoraes que se atalhará o seu progresso

Do «*Pasquino*»

se agora supprimir os conselhos de guerra em tempo de paz, e, successivamente, adoptar outras reformas quei mprimam ao exercito «um caracter verdadeiramente democratico.»

A questão do Oriente — A velha questão do Oriente renasce de quando em quando, assumindo por vezes um aspecto ameaçador.

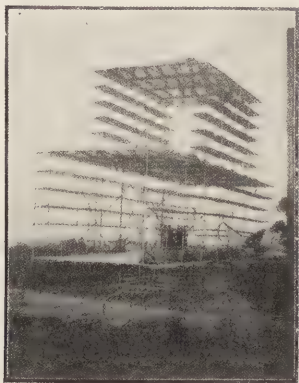
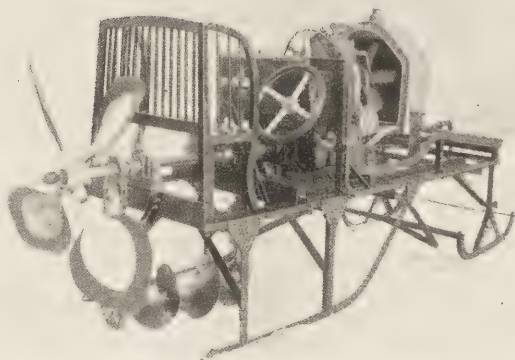
Em consequencia da concessão á Austria de uma importante via ferrea o governo imperial da Russia deu espontaneamente licença para se ausentar ao seu ministro em Vienna de Austria, parece que por não ter informado a tempo a chancellaria russa das manobras inquietadoras do governo austriaco. A dois passos da conferencia de Haya. em que se proferiram os mais solemnes protestos de pacificação universal, este velho problema tende porventura a reaccender guerra entre as potencias.

Vida na sciencia e na industria

Aeroplano Roshon — Pertence a distincção de ser o mais alto aeroplano do mundo inteiro á machina inventada por J. W. Roshon, de Harrisburg (Penusylvania), E. U. da America. É feita de aluminio e aço, bambu, arame de aço e lona. Tem 8 metros de largo e quasi 6 de altura. Emprega a construcção cerca de 100 metros quadrados de lona, e a impulsão é dada por um motor de 7 cavallos. O peso total anda por 275 kilogrammas.

AEOROPLANO ROSBON

Estimulantes de inspiração — E' interessante ver até que ponto os estimulantes materiaes influem nos grandes espiritos para as suas creações. O pintor Fuseli diz-se que devia a inspiração dos assumptos fantasmagoricos e sinistros de alguns dos seus quadros aos effeitos do porco assado, acompanhado de bebidas alcoolicas quentes. Sheridan e Byron executaram grande parte das suas obras sob a influencia do vinho do Porto. Rossini preferia para se inspirar o vinho italiano ou o champagne. Mozart jogava o bilhar ou a bola emquanto compunha a sua deliciosa musica. Gluck, para aquecer a imaginação, costumava ir para o meio do campo, com o seu piano e uma garrafa de champagne de cada lado, e assim escreveu ao ar livre as suas duas *Iphigenias* e o *Orpheu*. Os agentes da inspiração de Beethoven caracterisam bem o seu genio. Gostava que o vento e a tempestade lhe fustigassem a cabeça nua, no meio de relampagos, e deliciava-se em passeiar pelos bosques e pelos campos, recebendo por todos os poros as influencias da natureza, emquanto estava nos transes da composição.

Para o exterminio dos mosquitos — Ha um peixe pequeno da Australia, que os inglezes denominaram *blue eye* (olho azul) em consequencia da cor brilhante da iris, e que é conhecido em sciencia pelo nome de *Pseudomugil signifer* e pertence á familia dos *Athorinides*. Tem apenas 1 1/2 a 2 pollegadas de comprido, mas a sua importancia cresceu muito com a descoberta, feita pelo conde Birger Moerner, consul da Suecia, de que esse animal se alimenta de larvas de mosquito. Com certa difficuldade se capturou uma porção d'esses peixes, que foram enviados para Napoles afim de experimentar a sua possivel influencia em alterar a condição dos pantanos mephiticos

da Italia. A familia dos *Athoniri-des* é representada em diversas regiões do mundo por 14 especies principaes e 65 sub-variedades, as quaes serão avidamente estudadas, caso tenham bom resultado as experiencias italianas.

TRENÓ AUTOMOVEL

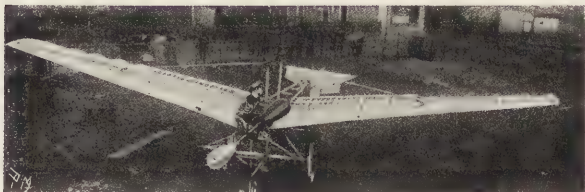
Trenó automovel

Este trenó, de invenção do engenheiro allemão Hobchaner, tem o systema de propulsão adoptado nos balões dirigiveis Parseval e Zeppelin. Compõe-se o apparelho propulsor de um motor de essencia, de um helice aereo de quatro pés e de um parafuso de Archimedes disposto a razar o solo. Com um motor de dois cylindros, de dois cavallos e meio, obteve-se em terreno plano uma velocidade de 53 kilometros por hora. Nas ladeiras, o helice é substituido pelo parafuso de Archimedes, que morde a neve endurecida ou o solo que ella cobre, sem damnificar o caminho, como succedia nos primeiros trenós com rodas dentadas. A direcção obtem-se por meio de um par de patins á frente do trenó, ligados ao volante por uma alavanca articulada.

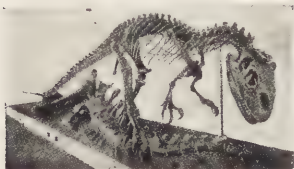
Uma enorme onda

A curiosa photographia que reproduzimos é de uma onda que rebentou no extenso quebra-mar do Rio de Janeiro, levantando-se a agua a uma altura tremenda, e assumindo a apparencia formidavel de uma muralha solida de rocha. Este curioso effeito ainda mais se accentuou por uma profunda brecha aberta no contorno, atravez da qual apparecia o famoso «Pão de Assucar», que domina a bahia do Rio. É a massa conica que se vê na photographia. Facilmente se pode suppôr que faz parte da grande onda.

UMA ONDA GIGANTESCA

Na bahia do Rio de Janeiro. Ao fundo, o Pão de Assucar

NOVA MACHINA VOADORA FRANCEZA

Nova machina voadora franceza — O novo aeroplano, inventado por M. M Gastambide e Mangin é do typo monoplano. Cada uma das azas tem cerca de cinco metros de comprido, 1,m30 de largura na extremidade e 2m. de largura na base. São mantidas nos seus logares por umas faixas delgadas de aço. O corpo do apparelho tem quasi 5 metros de comprimento e transporta um motor Antoniette de 50 cavallos á sua frente, com um propulsor directamente ligado a elle. Na rectaguarda ha uma cauda para equilibrar a machina na occasião do vôo.

Um monstro prehistorico — Montou-se ultimamente no Museu Americano de Historia Natural um esqueleto extraordinario descoberto em Wyoming. O allosauro era um saurio carnivoro, extremamente activo, capturando com facilidade o grande e lento brontosauro, que era herbivoro. Nos ossos d'este ultimo encontraram-se vestigios dos dentes do allosauro, e por isso o Museu montou os dois esqueletos juntos.

O ALLOSAURO E O BRONTOSAURO

O allosauro podia levantar-se sobre as patas trazeiras a uma altura de 6 para 7 metros, afim de saltar ás guelas vulneraveis do brontosauro. A cabeça tinha um metro de comprido, as patas deanteiras o mesmo comprimento, as trazeiras perto de trez metros, e o corpo era equilibrado por uma cauda colossal de mais de 6 metros.

Novos aspectos do cannibalismo — No recente Congresso de Hygiene Alimentar, de Paris, varios physiologistas oppozeram-se ao vegetarismo, estabelecendo o principio de que a digestão dos alimentos se faz mais facilmente, quando esses alimentos são de especie identica á do individuo que d'elles faz uso. Quanto mais afastados na escala dos organismos estão duas especies, a devorada e a devoradora, mais differentes são chimicamente, e portanto maior trabalho é necessario para a assimilação. A isto, um orador observou cordatamente que tal principio levava á justificação do cannibalismo, pelo menos sob o o ponto de vista chimico.

Para os bicos de gaz — E' uma ideia allemã a applicação das cascas de ovo como camisas para os bicos de gaz. Tira-se o conteudo dos ovos, cortam-se as extremidades, e fixa-se a casca no bico como a camisa ordinaria. A luz assim obtida é excellente, e a nova forma de camisa é de mais dura que a antiga.

Refugo de baleia — O uso industrial das baleias envolve um desperdicio lamentavel de materia. Por exemplo, de uma baleia com o comprimento de 17 a 18 metros podem-se obter 250 barris de oleo e talvez 1 e trez quartos de tonelada de ossos. O resto da enorme carcassa, que regula por 50 toneladas deita-se fóra como absolutamente inutil. Parece que ha n'este refugo uma mina de ouro para quem tiver actividade e capital para a explorar. Só a pelle da baleia estendida pode cobrir uma superficie superior a 160 metros quadrados, e quando cortida fornece excellente couro e material para luvas.

Um escandalo no mundo scientifico — Sir Julius Wernher persegue judicialmennte o engenheiro francez Lemoine, allegando que este o defraudou em 64.000 libras com a promessa formal de fabricar enormes diamantes artificiaes de grande valor. Sir Julius Wernher viu uma pedra perfeita e enorme produzida no cadinho do engenheiro. Em vista d'isso, começou a custear os trabalhos de Lemoine. Agora affirma que o diamante fora mettido no cadinho antes da experiencia, o que o accusado nega. Para desviar suspeitas de fraude, despiu-se durante a experiencia, e permittiu que o capitalista inglez Jackson, que confia n'elle, mettesse o cadinho no forno com uma pá cujo cabo tinha 5 metros de comprido. O documento contendo o segredo de Mr. Lemoine, depositado n'um banco de Londres, allega-se que é papel em branco.

O SABIO FRANCEZ MOISSAN TRABALHANDO NO FABRICO DE DIAMANTES

Pão para diabeticos — A maioria dos pães usados para diabeticos não satisfazem completamente. Descobriu-se que, empregando pó de amendoa e panificando com gluten, pode-se obter um pão contendo

menos amido que o usual, e tendo comtudo a aparencia de pão. Faz-se um novo pão com trigo, gluten e centeio. A albumina do gluten permitte a panificação e dá um paladar parecido ao do pão, mas descobriu-se não ser possivel panificar sem alguma outra substancia que supprisse o corpo do pão. Consegue-se isto com gãos de centeio que se libertam da maior parte do amido tratando-os com uma infusão de cevada.

O pão assim é agradavel aos doentes, e permitte-lhes o uso de um pouco de alimento amidado

O premio dos aeroplanos — A 13 de janeiro, realisou-se em Issy, perto de Paris, a mais extraordinaria façanha que se tem conseguido na navegação aerea.

Mr. Henry Farman, filho do correspondente de um jornal inglez em Paris, ganhou o premio Deutsch-Archdeacon, de 50.000 francos, percorrendo no seu aeroplano o circuito de um kilometro. A machina Farman, a que já nos referimos n'estas paginas, consiste n'uma especie de papagaio formado por dois planos. Na parte posterior alonga-se uma leve armação de ferro, em cujo extremo ha outro papagaio, em forma de caixa como o primeiro, com azas para manter a estabilidade. No centro d'este papagaio posterior fica o leme vertical. O leme horizontal está na frente, e o motor entre os dois planos centraes. Por baixo da armação, ha rodas sobre as quaes corre o apparelho antes de se remontar aos ares. Durante a propicia experiencia, o aeroplano ergueu-se á altura de 6 para 7 metros, e attingiu a velocidade de trinta e uma milhas por hora, fazendo com facilidade todas as evoluções. O inventor affirmou depois que poderia ter percorrido muitos kilometros, sendo necessario.

D'esta vez, ficou supplantado o grande aeronauta Santos Dumont.

Fim de um jornal millenario — Suspendeu a publicação o segundo periodico do mundo, na ordem de antiguidade. É a *Gazeta de Pekim*, a qual começou no anno de 911, sendo então mensal. Em 1361 passou a hebdomadaria; no começo do seculo passado tornou-se jornal diario, e ultimamente publicava trez edições no decurso de vinte e quatro horas.

HENRY FARMAN

O vencedor do premio Dentsch-Archdeacon para os aereoplanos

O outro jornal mais antigo é o *Tsing-Pao*, tambem de Pekim, o qual data de duzentos annos antes da *Gazeta de Pekim*.

Mysterios meteoricos — Entre os mineraes conhecidos pelos chimicos, existem alguns muito raros contendo yttrium, ytterbium, erbium e scandium, os quaes se tem encontrado apenas no hemispherio norte, principalmente em partes da Noruega, Siberia, e Estados Unidos. É possivel que ainda se revele a sua existencia no hemispherio sul, mas por ora ainda ahi não se descobriram. Sir William Crookes baseou uma conclusão singular n'este facto interessante. Suggeriu ser possivel que estes elementos tenham sido formados não no nosso globo, mas em qualquer outra parte do espaço, e que tenham chegado á supperficie da terra sob a forma de chuvas de pedras meteoricas. Essas chuvas teriam cahido na metade superior do hemispherio norte, passando pela Siberia, Noruega, Atlantico Norte, e America Septentrional. É interessante notar que a descoberta do helium terrestre, realizada ha poucos annos, fez-se n'um d'esses raros minerios, achado na Noruega, e chamado cleveite.

Tunnel do Grande Belt — Consta que o governo dinamarquez adoptará o projecto de um tunnel sob o Grande Belt, partindo de um ponto a $3^1/_2$ kilometros a leste de Korsoer em Seeland, e terminando na costa da ilha de Funen, passando sob a ilha de Sprogoe. O comprimento total será de 27 kilometros, ficando $18^1/_2$ kilometros submergidos no mar.

Linhas ferreas na China — A de Shangae a Nanking, que terá de extensão 320 km., seguindo as principaes vias navegaveis, tem já em exploração 240 km.

Decifrações do n.º 32

Charada novissima — Sapatos.
Logogripho — Barbaro.
Enigma — Rapa.
Charadas — 1.ª Turbamulta; 2.ª Murraça.

Logogripho

Em casa estou se acaso ha paz; — 4 — 3 — 2 — 1 — 5
P'rá rua sigo se ha chinfrim; — 4 — 5 — 2 — 1 — 3
Prendo o ladrão que o roubo faz; — 2 — 5 — 4 1 — 3
Do mau que achar eu dou-lhe o fim. — 1 — 3 — 4 — 5 — 2

Marcho p'ró campo de batalha,
Recebo a lucta, não me pejo,
Embora saiba que a mortalha.
E' o mesmo campo em que pelejo.

Mello *(Angra)*.

Enigma

(imitação)

No meu espirito algo enfermo
Tanta exaltação causou
O perfume d'uma flor,
Que um amigo me affirmou:
— Foi da rosa perfumada
Que esse teu mal dimanou. —

Eu não posso affiançar,
Se veiu d'esta ou foi d'aquella,
O perfume matador.
Mas parece — que loquéla! —
Que o desarranjo mental
Proveio de flor mui bella.

Mello *(Angra)*.

Charada

Mestre Gil a um estudante,
interrompe, sabiamente:
— «Qual é o prefixo grego
que designa infelizmente?» — 1

E fica o moço perplexo..
sem resposta dar por fim;
mostra ao mestre que não sabe
Nem de grego ou de latim. — 1

— «Tens a tóla enfeitiçada,
Não pescas nem patavina,
— diz lhe o Gil — alma damnada
que senhora te fascina?» — 2

Mais attonito e pasmado
Vem o leitor a ficar:
— Que doença mostra elle
Sem palavra articular?

Club dos Estouvados *(Porto)*.

Onde está o maroto que me anda a roubar os charutos?

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 34 — ABRIL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director:** Henrique Lopes de Mendonça — **Administrador:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

A

DIRECTOR LITTERARIO
H. Lopes de Mendonça

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos ***Serões***, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos ***Serões***, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos ***Serões*** encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Condições de assignatura

A assignatura dos ***Serões***, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos ***Serões***, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

ADMINISTRAÇÃO DOS Serões

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) 27

Telephone 805 **LISBOA**

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, **128, Faubourg Poissonnière — PARIS.**

RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro	20$000	Registro	5$000
Rio de Janeiro e Estados	18$000	»	3$000
Centro Commercial	15$000		

Numero avulso: Capital 1$500. Estados 1$700. Numero atrazado 3$000

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual	6$000
» com registro	8$000
Numero avulso	$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3$000 para o interior e Rs. 5$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. $500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da Renascença — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 1 da Revista a Rs. 5$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22$000 o volume, e Rs. 40$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até á importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70 % em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Comicos, por Anthero de Figueiredo — Lisboa, 1908 — E' com respeito a livros d'este valor que nós sentimos a exiguidade da resenha bibliographica a que nos vemos forçados. E' um romance? uma novela, como o designa o sub-titulo? E' antes um admiravel estudo psychologico de duas almas de amantes, n'um meio fadado para fingimentos e artificios, onde impera uma moral diversa da moral corrente, onde as paixões desabridas se tingem de ouropeis romanescos, uma bohemia em que preoccupações litterarias aristocratisam até o vicio. Pode resumir-se a impressão do livro n'uma phrase d'elle em que o autobiographo se diz preso do conflicto entre o raciocinio e os instinctos. E' talvez esta a synthese da obra, que ha de occupar na litteratura portugueza o logar de honra que por todos os motivos lhe compete. Anthero de Figueiredo, ainda ha pouco acclamado pelo seu magnifico livro *Recordações e Viagens,* vae na curva ascendente *ad astra.*

Os Luziadas — para as Escolas e para o povo — obra prefaciada, parafraseada e anotada por José Agostinho — Canto VIII — Porto, 1908 — Obra de incontestavel auxilio para os que estudam a lingua portugueza.

Rumores do Silencio — A expansão, por Cesar de Castro e Christovam Barcellos — Porto Alegre — São, diz o sub-titulo, palestras litterarias realisadas na Escola de Guerra em 17 de outubro de 1906 — Fantasias, expansões de fulgurante mocidade, com esplendor de vocabulos e opulencias estylisticas.

Flosculos, por Cesar de Castro — Porto Alegre, 1907 — Manifestações identicas ás do opusculo precedentemente noticiado.

Nimbos, por D. Maria O'Neill — Lisboa, 1908 — Já os leitores dos *Serões* conhecem a distincta escriptora, cuja collaboração em prosa e verso tem abrilhantado as nossas columnas. Este seu livro de versos, escudado pelos nomes prestigiosos de Bulhão Pato e Sousa Monteiro, dispensaria porventura tão auctorisadas recommendações para se impôr ao interesse do publico, se acaso este se mostrasse tão avido de poesia como fôra para desejar e se a prosa dos eminentes academicos não fosse um attractivo a acrescentar aos que proporcionam os talentos da poetisa. Manifestam-se estes na graça e no sentimento, inherentes a um bem cultivado estro feminino, e na correcção da forma, que denuncia o estudo de bons mestres e a pericia de um consummado Mentor. O meio litterario deve acolher carinhosamente estes *Nimbos,* que são antes roseas nuvens de promettedora aurora.

Voz de Santo Antonio — *Revista mensal illustrada* — N.º 15, Março de 1908. — Redacção e administração — Braga.

Gazeta da Associação dos advogados de Lisboa — N.ºs 11 e 12, Dezembro de 1907.

Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official — Fasc. XVI — Agosto a Dezembro de 1907. Rua Aurea 177, 2.º — Lisboa.

Boletim Photographico — Rua da Prata 135 e 137, Lisboa — n.º 94, Outubro de 1907.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa — N.ºs 249 e 250, Fevereiro de 1908.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza — Fevereiro de 1908. Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

Propaganda Catholica — A acção do sacerdote na imprensa, Opusculo 133 — 1.º do XII anno — Janeiro de 1908 — Redacção e Administração: S. Clemente — Silvares — Fafe.

A Caça — *Revista illustrada do sport peninsular e da vida dos campos* — Redacção e Administração: Rua Nova do Loureiro 36, 2.º — Lisboa — N.º 6 — Janeiro de 1908.

Estudos Sociaes — *Revista catholica mensal* — n.º 1, Janeiro de 1908. — Summario: Explicação prévia. Estudos philosophicos. — A psychophysica e a doutrina espiritualista. Mãos á obra. Bons conselhos e correcção fraterna. Falar de cadeira. Chronica scientifica. — Telephonia sem fios. Chronica social do estrangeiro. Notas do mês. Bibliographia.

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

Luz do Oriente — Anno 1 — N.º 6, Janeiro de 1908 — Redacção e Administração: Ponda-Goa.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — 4.ª serie — N.º 48, dezembro de 1907 — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º á Avenida da Liberdade, Lisboa.

Echos de Roma — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Thiago Jinibaldi — Via del Banco S. Spirito, 12, Roma.

Sexto Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Para photographos Amadores

THEMA:

Um grupo, formado á vontade do concorrente, em que sejam representadas a velhice e a infancia, obedecendo a qualquer ideia moral ou philosophica.

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação ficará pertencendo aos «**Serões**».

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Sexto concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios**, sendo o primeiro de **10$000 réis**; o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES**; o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES**, a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

SEXTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 15 de maio

Titulo da photographia: ....

Local em que foi tirada: ....

Nome e endereço do photographo: ....

....

Declaração — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura: ....

Endereço: Direcção dos SERÕES, 27, Praça dos Restauradores, 27 — No verso do enveloppe a indicação: Sexto concurso photographico.

COLUMBANO

Auto-retrato inédito

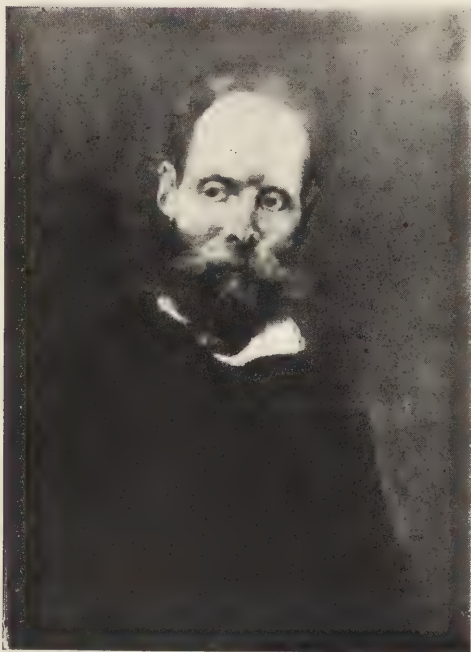
O PINTOR DOS INTELLECTUAES

Columbano

Eu não conheci Columbano no seu *atelier* do Pateo do Martel, «um recanto de aldeia, perdido na cidade — como uma arvore verde na desolação d'uma pedreira», de que na sua prosa tragediada, funesta e mysteriosa nos falla Raul Brandão.

A primeira vez que o visitei foi n'esse casarão enorme, caiado a oca, com corredores onde o som dos passos vae gritar pelas abobadas, convento hontem, quasi convento ainda hoje, xadrezado de cellas de franciscanos n'outro tempo, hoje repartido em *ateliers*, que tambem são cellas, visto que todo o artista é professo d'esse culto sagrado, divino, extremo, a que Ruskin chamou «a religião da Belleza».

EÇA DE QUEIROZ

Subindo do largo da Bibliotheca e entrando n'esse edificio que é o convento de S. Francisco, hoje installado em Bibliotheca Publica e Academia de Bellas Artes, passado o guarda vento da entrada da Academia, á direita uma escada nos força a quebrar em angulo recto a nossa rotina. Descendo a escadaria, logo no primeiro patamar nos apparece um luctador em gesso, combatendo, maior do que o natural, que reteza os musculos e se prepara para o embate. Descido outro lanço d'esta escada, toda de pedra, rodapisada de alacres azulejos, uma Venus de Milo se nos depara. Continuando a nossa

ANTHERO DO QUENTAL

viagem, ao fundo, se avista a portada do *atelier* de Simões d'Almeida á porta do qual conciliabulam ou guarda-honram varios mythologicos tambem em gesso. Essa portada de vidraça fosca cendrando a luz, se prolonga pelo corredor por onde enveredamos, via claustral e soalhada a madeira gritante, tendo do outro lado uma comprida e escura galeria envidraçada onde se guardam *maquetes* de estatuas, mascaras, bustos, etc. Collada a face ao vidro e fitando para dentro um olhar investigador, um *pandemonium* de figuras apparece. E' o grupo dos *luctadores* de Farnesio, é o *Moysés* de Miguel Angelo, é o *Lacoonte,* é uma loucura de gessos, uma população de figuras sobre a qual tivesse passado um vento de insania que lhe houvesse baralhado, confundido e aloucado as proporções.

Ao fundo, sahido o corredor e entrando n'uma encruzilhada a que se segue um tunel, ao meio do qual o torso mutilado de Belvedere mostra as suas cyclopicas proporções, espreita-se um bocado de quintal, um recanto verde e achaletsado onde Ramalho tem o seu tugurio. Mas deixa-se tudo isso para traz e começa a ascenção de uma estreita escada de madeira. Ao topo uma janella gradeada deitando sobre um telhado limoso e negro.

O *atelier* de Columbano é aqui, ultima porta á esquerda. Foi aqui que eu o conheci. Já annos passaram desde a primeira vez que o visitei e nada, d'então para cá, no seu *atelier* mudou. Tem um deslumbramento quem ali entra vindo da negridão confusa, da luz pastosa e bafienta dos velhos corredores. O *atelier* é uma enorme sala rectangular, fechada em toda a volta como uma arca antiga. A luz, uma luz tamisada e discreta, recebe-a do alto, cahindo

FIALHO D'ALMEIDA

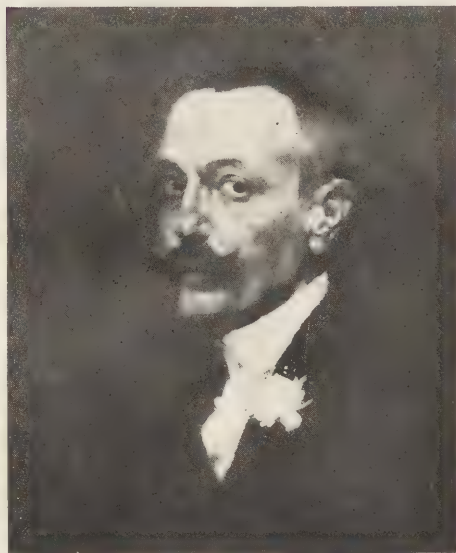
suavemente e tudo illuminando por egual. A uma das paredes do fundo, a da esquerda de quem entra, dois bellos tremós Luiz XVI se encostam. Espelhos, molduras a oiro e perola, bustos aristocraticos, figuretas adoraveis. Um biombo á direita, e um pouco a menos do centro da casa duas columnas susteem um tapete de Arrayolos de um desenho simples, quasi barbaro, e fazem por assim dizer como que uma divisão do *atelier*. Por detraz d'isto se encontra uma estante com livros, parte da bibliotheca do artista, uma armadura, gessos diversos, uma multidão de cousas que só ali achou disposição conveniente. Se levarmos mais longe a nossa curiosidade, buscando as leituras do pintor pelo relancear das lombadas, se verão aprumados na estante livros de Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Fernando Leal, e outros escriptores portuguezes, a par de estudos sobre pintura, do D. Quichote, e da mais classica litteratura franceza.

O ATELIER DE COLUMBANO NA ACADEMIA DE BELLAS ARTES

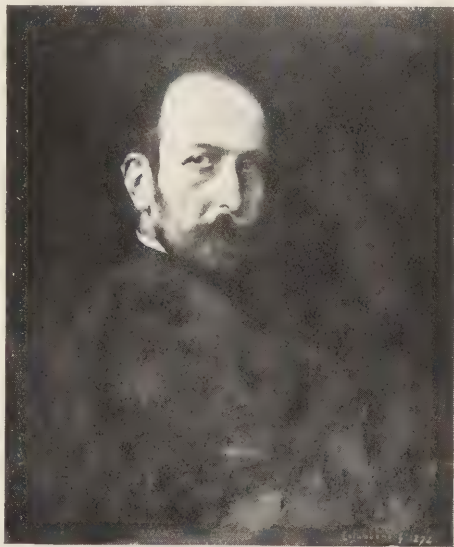
Ao longo das paredes immobilisa-se a sua preciosa galeria de retratos. O retrato de José de Figueiredo, ainda

incompleto sobresahe ao lado do de Vicente Arnoso. O de Marianno Pina, o artista tão prematuramente morto em Paris, apparece sobre aquelles, emquanto aos lados se enfileira uma preciosa serie de pequenas telas entre as quaes se avistam os retratos de João Barreira, de Raul Brandão e uma deliciosa, uma adoravel e original cabeça de mulher.

CONDE DE ARNOSO

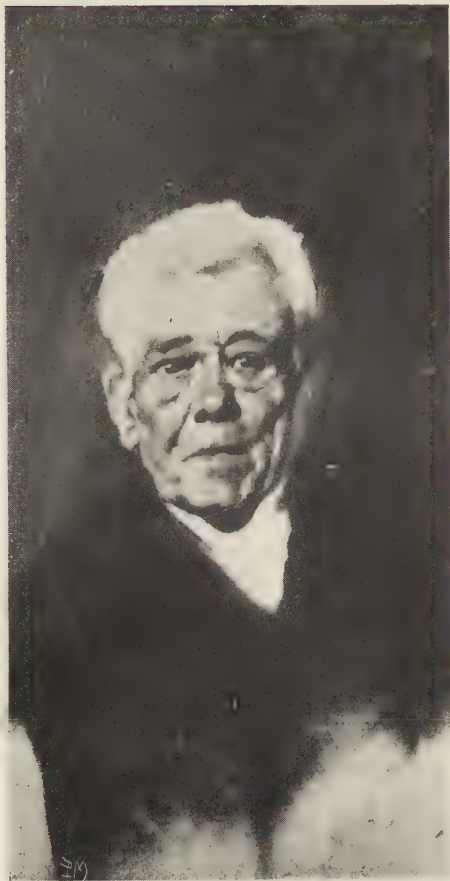
N'um sophá amontoam-se revistas de arte. Em frente n'um degrau agrupam-se pinceis. N'um cavalete fronteiro o actor Valle, n'uma tela flagrante, mostra a sua cara ironica e contumaz. Lá mais para o fundo, um Christo crucificado estorce-se na sua cruz e ao longo da outra parede correm os *panneaux* que o artista destina á Escola Medica. Eis aqui summariado o *atelier* de Columbano, o *meio* onde elle consome o maior tempo da sua vida. O conjuncto é artistico em extremo e uma nota original, pessoalissima, apparece sempre se minuciosamente buscarmos cada detalhe.

*

* *

Columbano Bordallo Pinheiro, o grande mestre da pintura portugueza, é uma figura interessantissima e muito original. Baixo, nervoso, barba negra, pallido, quasi sempre de luneta, um aspecto de timido, de encolhido, quasi se diria ao vel-o que é seu ideal passar despercebido, que o não notem, que o não apontem. Columbano tem o horror da multidão. Aos ruidos da cidade, ás grandes kermesses, elle prefere o recanto silencioso do seu *atelier*, onde o ruido da turba não chega. Na intimidade é uma creatura adoravel, cheia de bondade e de affeições, sentindo por isso mais intensamente a aggressividade dos outros. Um bello conversador, um espirito de *elite*, formado de um profundo amor pela sua arte. Tal é o homem.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

O artista é por demais conhecido. Columbano é o mais original e o mais extranhamente artista dos nossos pintores. A sua pintura divorcia-se inteiramente da dos seus contemporaneos. Debalde a pretendem tudo isto cahe por terra. A obra de Columbano não se filia em escolas. E' producto de um temperamento. E' muito sua, muito pessoal. A sua factura, o seu desenho — e elle desenha admiravelmente — a sua côr e a sua

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

filiar ora n'esta ou n'aquella escola, debalde tentam descobrir quem deu ao artista o segredo dos tons, a interpretação da luz e a originalidade do colorido tão particularmente seu. Tem-se invocado Ribera, traços de Goya, tonalidades de Rembrandt. Mas composição, a *sua maneira* emfim, impoz-se definitivamente. Columbano foi o mais guerreado dos nossos pintores. Para vencer, para conseguir chegar, que lucta exhaustiva elle não teve que sustentar contra a banalidade, a inveja e a solercia dos outros?

O ACTOR TABORDA

Cahido n'um *meio* onde todas as manifestações de arte passam indifferentes e que tem pelos seus homens de genio um grande desdem, Columbano, sombrio e cheio de talento, expoz as primeiras telas. Já então a sua côr era uma cousa original e marcava algo de novo e de maior sobre a multidão dos concorrentes. Foi um ruido extraordinario. Foi odiado, porque a ninguem se perdôa o ter talento. A critica escolheu dos seus arsenaes as settas mais hervadas e pediu ao odio, á calumnia e á inveja o que lhe faltava. Pois não conseguiram vencer. Este homem refugiou-se, com o seu perpetuo ar de misantropo, a sua tristeza vaga de sonhador, no recanto do seu *atelier*. Deitou-se ao trabalho com a persistencia dos fortes, a persistencia fria dos homens de genio, a testarudez dos que trazem dentro da cabeça alguma cousa que dizer e ninguem os quer escutar. A esta persistencia deve elle o seu nome.

Zola conheceu isto, porque um dia em que d'Amicis lhe perguntava o segredo do seu triumpho, apezar de toda a guerra que lhe moviam, o auctor do *Germinal*, candidato eterno e persistente á Academia, respondeu: «Deixo cahir os meus livros um a um no meio da rua. Um dia a multidão hade parar.» E parou. Exactamente como succedeu com os quadros de Columbano.

O *atelier* onde o pintor começou era no pateo do Martel, um *atelier* que já hoje a lenda envolve. Por ali, «por aquelle quintalorio cheio de sol,

O ACTOR VALLE

O ACTOR AUGUSTO ROSA NO «AFFONSO VI»

por sob a figueira de sombra espessa, passaram, entrando no *atelier* de Columbano, os homens mais illustres da nossa terra». «Uma trepadeira cobria inteiramente a casinha terrea; n'um recanto, ao pé do muro, um pé de balsamina, coberto de flores, entontecia e medrava.» Foi n'esse refugio que Columbano construiu a sua obra e o seu sonho. Anthero, Eça, Silva Pinto, Guerra Junqueiro, D. João da Camara, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Batalha Reis, Fialho de Almeida, por ali passaram e ali foram retratados. Foi ali que elle velou as armas. E é tambem d'ali que elle conserva as suas melhores recordações.

Fallo-lhe do nirvanico Anthero, do Anthero do Quental, o santo Anthero da minha admiração. Perguntei-lhe se elle um dia, como eu lêra em qualquer parte, lhe batera á porta com umas grandes botifarras de caminheiro, meias azues de cavador e uma bengala que mais parecia um cajado, meio de philosopho e meio de pobre, e lhe fallara: — «Sou o Anthero. Disseram-me que tinha vontade de fazer o meu retrato...

— «Não senhor! Eu é que lhe pe-

O ACTOR JOÃO ROSA

EÇA DE QUEIROZ

ha longo tempo se viesse preparando...»

— «Francisco Teixeira que ao tempo andava na Escola Polytechnica e que era frequentador assiduo do *atelier* era tambem conversador assiduo com Anthero. Tudo o que se escreveu é, como vê, pura invenção...» E continuando sobre o poeta. «Era calmo, delicado, affavel. Nenhuma tragedia transparecia na sua mascara alegre quasi. Por isso foi para mim um acontecimento inesperado a noticia do seu suicidio. E bastante tempo em meu cerebro labutou esse desgosto...»

Eça de Queiroz foi tambem um dos grandes visitantes — «Lembro-me de um jantar que, quando foi da publicação de um dos seus livros, se lhe offereceu no Montijo.» «Uma occasião dira para vir. O resto é tudo phantasia. Estou a vel-o com os seus olhos azues e as suas barbas loiras. Vestia bem, sem affectação e sobriamente. Veiu a meu pedido e depois continuou a vir. Passava tardes inteiras no *atelier*, sentado n'uma cadeira, mãos crusadas, escutando interessado ou absorto em pensamentos. Deslumbrava pela sua simplicidade e pela sua erudição. Uma occasião falloue-se de rendas. E Anthero começou apreciando, com uma tal abundancia de notas, de esclarecimentos e uma tal profundeza que mais se diria uma conferencia para que elle já de

O ATELIER DE SILVA PORTO

vindo a pousar sentara-se n'esse sophá.» E aponta-me o sophá em que me sento, forrado a velludo côr de azeitona e que desapparece quasi sob uma montanha de reproducções de quadros e obras celebres. «Olhou e viu em qualquer parte um exemplar da *Reliquia*, já ha annos publicada. Levantou-se, buscou o exemplar e começou a ler, como se lhe fosse desconhecido o livro. Riu-se muito da leitura, achou muita graça a tudo aquillo e quando o arrumou resumiu: «Ora aqui está uma coisa que eu não tenho.»

SOARES DOS REIS

Junqueiro, nervoso, alegre, foi quem peor pousou. Não socegava e perguntava continuamente:

— Está prompto? Está prompto, heim?

Outro caso interessante foi succedido com o grande actor Antonio Pedro.

Columbano começara a pintar o retrato do artista. Um dia, ao terminar uma das sessões, entra no *atelier* um outro actor, collega do retratado. Estiveram, sahiram, terminada a pose, e Antonio Pedro nunca mais voltou. Diz-se que o collega referindo-se ao retrato dissera a Antonio Pedro: — «Estás muito feio...» Mas seria essa a razão? Quem n'o sabe? O certo é que o retrato ali ficou no *atelier*, inacabado, mostrando esse feio homem de genio que foi Antonio Pedro, com uma fidelidade pasmosa. Devia ser. Antonio Pedro não podia achar-se em frente de si mesmo sem soffrer cruciantemente a magua da sua figura.

* * *

JAYME BATALHA REIS

E' de 1872 a primeira tela de Columbano. De então para cá a sua obra é enorme. Mais de 150 trabalhos se podem contar. A galeria dos seus retratos é uma cousa maravilhosa e curiosa documentação para a posteridade sobre os

RAUL BRANDÃO

grandes homens do nosso tempo. Ali encontra o futuro os nossos intellectuaes quasi todos. Pena é que falte Camillo, já alguem notou. Pena que o proprio pintor tem, mas nunca em vida do grande e desventurado homem de genio occasião se proporcionou para elle pousar.

Foi com este grupo de creaturas, que constitue a galeria de Columbano, que elle se deu. Ellas foram as suas affeições e a sua amizade, o refugio da banalidade irritante. Nenhum pintor houve que tão artista fosse, que só se desse a pintar homens de lettras, quasi todos pobres. Sim, porque Columbano com a sua vasta obra não tem ganho contos de réis. A sua vida tem sido uma dedicação ao seu Sonho e nenhuma outra labareda o consome e o faz estremecer, mais do que o grande amor que tem á Arte. Se percorrermos a galeria dos seus retratos encontraremos os nossos homens mais notaveis. Assim é que lá estão Anthero, Oliveira Martins, e Raphael Bordallo, trez grandes mortos. Antonio Nobre, Marianno Pina e D. João da Camara. Eça de Queiroz, o artista da prosa, amargo torturado. Dos vivos estão os vultos de mais valor das nossas lettras: Fialho d'Almeida, o artista maximo, da ironia e da commoção; Henrique Lopes de Mendonça, o grande artista revivedor das figuras da nossa historia; João Rosa e Augusto Rosa; Silva Pinto, o azedo commentarista dos homens e dos factos; Batalha Reis, Coelho de Carvalho, Antonio Feijó, poeta e diplomata; Eugenio de Castro, o musico, o filigranista do verso, João Barreira, de velazquiano perfil, Raul Brandão, o artista bizarro da *Farça*, Abel Botelho, chronista do *bas-fonds* e do vicio, Guedes Teixeira, o poeta da *Mocidade Perdida*, Henrique de Vasconcellos, José Queiroz, Vicente Arnoso, José de Figueiredo, critico de arte, profissão rara em Portugal; Conde de Arnoso, o pintor Casanova, Trindade Coelho, Francisco Teixeira, e muitos mais nomes que representam algo e que algo valem. O que os seus retratos são disse-o um dia Sargent, parando deante de um d'elles. Examinou-o demoradamente, cuidadosamente, após o que, procurando a assignatura, volveu: «Eis aqui um grande artista!»

HENRIQUE DE VASCONCELLOS

Os seus destaques de luz e sombra, o seu modo de vêr o modelo, tudo o torna inconfundivel. Columbano é um grande creador. Tem seguido sempre a sua linha ascencional, sem cuidar de outros processos, de outras maneiras que não sejam a sua.

COLUMBANO, POR CELSO HERMINIO

Da *Revista de Hoje*

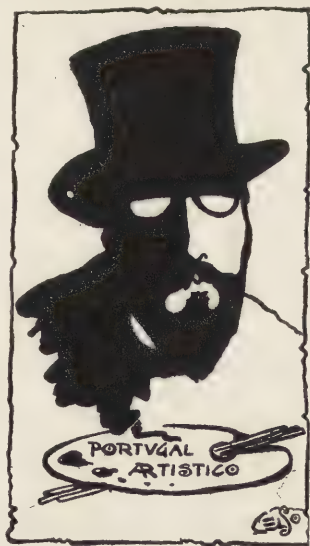
Columbano tem feito pastel, mas os seus retratos são quasi todos pintados a oleo. Desenha maravilhosamente. O retrato de Henrique de Vasconcellos, a lapis, é uma cousa absolutamente ideal. O auto-retrato que este artigo acompanha e a deliciosa cabeça de mulher que o finalisa são dois trabalhos deliciosos, de arte, de belleza e de perfeição. Nas mais pequenas coisas, vincam os grandes artistas o seu genio.

*

* *

Nenhum pintor tem sido mais discutido do que Columbano. Mas tambem nenhum tem sido mais acclamado. Quasi todos os nossos escriptores se teem occupado da sua figura originalissima e da sua obra tão pessoal.

Fialho d'Almeida, nos *Gatos*, chama a Columbano o «poeta do feio forte, o chronista da deformidade moderna, ascetico e bisonho». Mais adeante, que «Columbano mira alguma coisa mais solido que o brilhante, o convencional horrorisa-o, que é a phantasia de muitos — e, espirito raro, desdenha a arte que pensa nos applausos.» Ribeiro Arthur tratando d'elle no seu livro «Artes e artistas contemporaneos» escreve que Columbano «é já um pintor extraordinario, um dos raros que comprehendem a grandiosidade da arte... Ha na sua alma alguma cousa acima do vulgar, um ideal soberbo, um orgulho de raça e de caracter, que fazem d'elle um dos mais notaveis pintores peninsulares».

Guedes Teixeira disse que elle é o maior dos nossos pintores e que se quizesse teria sido «o maior dos nossos poetas, o maior dos nossos esculptores». «E' um temperamento extraordinario, dotado das mais amplas faculdades, com uma sensibilidade espantosa, um esmero inegualavel e uma inegualavel seriedade no trabalho, duvidando sempre como todos os grandes e, portanto, como todos os grandes subindo sempre, dedicando á sua arte toda

SILHUETA, POR CELSO HERMINIO

a sua vida e toda a sua vontade e vencendo, triumphando por fim, sem que a gloria nunca o desvaneça e os applausos o distraíam».

Henrique de Vasconcellos com Raul Brandão vê na obra de Columbano uma intenção psychologica.

CABEÇA DE MULHER

Estudo inedito de Columbano

O primeiro, depois de affirmar que «Columbano não é discipulo de ninguem» e depois de lhe notar certas qualidades da escola flamenga, outras da Veneziana, e a «riqueza de tons de Velasquez», diz que ninguem melhor do que elle sabe interpretar o «modo de ser psychico, fundamental e permanente de cada um dos seus retratados».

Apesar do juizo dos seus contemporaneos lhe ser favoravel, — refiro-me sómente aos juizos emitidos por artistas, creaturas que se identificaram com a visão de arte que Columbano tem, — Columbano é um homem com immensos inimigos. Nunca transigiu, nunca subservienciou, não louvaminha. E' justo em todas as suas apreciações e de uma rectidão absoluta, — um grande caracter dentro de um grande artista. Ora isto é uma coisa imperdoavel. Nunca ninguem perdoou aos que persistem e com vontade de ferro, energia inquebrantavel, juraram a si mesmo ir buscar poiso no sitio que imaginaram. Porque a gloria, sendo a montanha encantada das *Mil e uma noites*, onde os que começam a ascensão e lhes faltam forças se transformam logo em pedras gritadoras, bradando mil perigos e tentando demover o que vae buscar a gaiola de ouro, que se guarda lá no cimo, é tambem «o palacio encantado cujas portas abrem para o vacuo». Illusão, illusão sómente, que secca, que envelhece, que mata. E a gloria em Portugal que é? Ah! é bem triste ter nascido homem de genio n'este paiz. Penso-o sempre que lembro as luctas, os esforços e a obra de Columbano, — aguia real que o destino condemnou a viver entre milhafres.

*

E a proposito de Columbano vá lá uma anecdota.

Um critico irreverente e atrevido, sem nome e sem obra, novo, má-lingua, jactanciava-se de não sei em que revista ter aggredido Columbano. Encarecia o seu juizo, mostrava o *non plus ultra* demolidor da sua prosa, contundente, alanhante, arrazadora. Foi n'uma conhecida livraria. Uma das nossas mais gentis mulheres de theatro, auctora tambem, creatura de muito espirito, ouvia, ouvia, sem saber quem era que ali surgia inconoclasta e vingador, terramotando o mundo com a sanha do Apocalypse. Ouviu e não se conteve sem que com um riso zombeteiro lhe perguntasse n'uma voz ainda mais zombeteira e admirada: — E Columbano ficou vivo?

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO.

Quinto Concurso Photographico dos "SERÕES"

MENÇÃO HONROSA

PONTE ROMANA — Rio Homem — CALDELLAS

Cliché do sr. Antonio Manoel Lopes

O AZYLO MILITAR DE RUNA

A princeza Maria Benedicta

e o seu azylo militar

A uma comprida legua de Torres Vedras, n'um valle ameno e fertil que montanhas encandeiadas cingem, adquiriu a princeza Maria Francisca Benedicta, filha de D. José I, a quinta denominada *Terras de Alcobaça* por ter pertencido aos monges do mosteiro de Santa Maria.

Em 1792 emprehendeu a obra grandiosa de riqueza, piedade e patriotismo que hoje alli existe e que, por diversas vicissitudes d'aquelles agitados tempos, só em 25 de julho de 1827 conseguiu ter o jubilo de inaugurar, tornando assim memoravel e querida dos pobres azylados a data do seu nascimento.

Como o logar de Runa, uma caiada e graciosa aldeia, é apenas separado das *Terras de Alcobaça* por uns quinhentos metros de terra e pelo esguio leito do Sizandro, a breve trecho se chamou ao estabelecimento Azylo de Runa, nome por que ainda hoje é conhecido.

Ao fundo d'uma areada e espaçosa rua guarnecida por arvores e arbustos varios, ergue-se, n'um vasto largo um pequeno monumento com que o exercito portuguez quiz perpetuar a memoria de El-Rei D. Pedro V, entregando além d'isso ao mesmo estabelecimento 3:900$000 réis, somma que hoje se eleva a mais de 34:000$000 réis, para, sob o mesmo regimen ordenado pela Princeza, se abrigarem alli alguns invalidos mais.

A estampa que acompanha este artigo dispensa-me de descrever o azylo exteriormente. Do seu interior e recheio tentarei em rapidos e breves traços, para não ser fastidiosa, dar uma ideia ao leitor. Subindo cinco espaçosos degraus, trez largos portões de ferro dão ingresso para o atrio cuja abobada é sustida por doze elegantes columnas de marmore extrahido das pedreiras de Figueiredo e Furadouro. Na frente, a porta da capella que pelo espaço e sumptuosidade, bem se pode chamar egreja; aos lados quatro portas que communicam com o interior do edificio, cujo plano foi traçado pelo notavel architecto José da Costa e Silva tendo em vista todas as condições de hygiene e commodidade que uma instituição d'este genero requer. Trez corredores tão vastos que uma carruagem poderia sem difficuldade transitar por elles, rodeiam o edificio nos seus trez pavimentos e para elles dão portas todos os aposentos. Ao centro, um enorme pateo com mais de oitenta

metros de comprido, que o corpo da egreja divide em dois, impede que haja um unico quarto escuro. Quando as muitas larangeiras, com que o tornaram pomar, estão em flôr, espalha-se por todo o edificio um perfume estonteador que alenta e revigora aquella repousada mas, pelas recordações, nem sempre alegre velhice.

Tantas janellas como dias tem o anno! dizem jubilosamente os bons velhos tirando vaidade de que lhes sobeje luz: mas o que superiormente os encanta é a egreja, onde o architecto, mais do que em qualquer outra parte, deixou impresso o seu delicado bom gosto. Tem a fórma de Cruz; ao centro, sob a cupula, o throno, com quatro faces e na base de duas d'ellas, dois altares.

Nos chanfros das paredes, fronteiras aos quatro angulos do throno, em nichos de mais de dois metros de altura, quatro imagens magnificas representam N. Senhora da Conceição, S. José, S. Thiago e Santo Antonio. Lamento não saber o nome do esculptor, por certo insigne, ao cinzel do qual se deve tão esplendido trabalho. Todas ellas encantam pela belleza e correcção das formas mas nenhuma iguala S. Thiago pela melancolica energia do rosto macerado, a formosura dos pés, nos quaes se notam sob a pelle os mais ligeiros tecidos e sobretudo a expressão de vida das mãos que são d'um impressionismo tão vivo que, embora por diverso aspecto, em nada se mostram inferiores ás do Judas no celebre quadro da ceia de Leonardo da Vinci.

Para communicar tanto á pedra, para a tornar assim palpitante de relevo e graça, é forçoso, além d'um talento creador, ter uma poderosa faculdade de sentir, qualquer cousa de mais que humano.

A PRINCEZA D. MARIA BENEDICTA

As paredes do templo são todas revestidas de marmores brancos, côr de rosa e pretos, estes lindissimos. todos extrahidos das pedreiras das cercanias.

Sobre a cimalha, em frente da entrada, ha um formoso grupo da Gloria, maior do que o natural, tambem esculpido no marmore e cujo desenho, como o da riquissima custodia, se attribue ao artistico lapis da Princeza. Dezoito tribunas, á altura do andar nobre, cercam a igreja que por ellas e por oito janellas do zimborio, recebe profusamente luz. Nos quatrocentos aposentos do estabelecimento, todos optimos, nada ha para notar a não ser a parte em que a Princeza habitou que tem, além de divisões amplissimas, um grande pé direito, e bom gosto nas modestas pinturas que ornam as paredes, como nos soberbos papeis que recobrem alguns aposentos. Mobilia, nada ou quasi nada. Custa a crer que sua alteza tivesse a casa tão completamente desguarnecida.

Quatro mezas doiradas, algumas de jogo ordinarissimas, umas raras e mesquinhas cadeiras, uns bancos de pinho almofadados, eis tudo.

A propria cama em que dizem que a Princeza morreu é um leito de madeira tão excessivamente modesto que causa espanto. Em desharmonia com esta pobresa, mais que franciscana, um esplendido e lindo serviço

de louça de Saxe e alguns valiosos objectos de prata. Todos esses valores se acham depositados n'um quarto com porta de ferro a que dão o nome de *casa da prata*. O pequeno oratorio da Princeza, que em nada se distingue, conserva-se como ella o deixou.

Entre alguns quadros sem valor destacam-se uma magnifica tela representando S. Jeronymo, um retrato do principe D. José e dois da fundadora, um dos quaes, em tamanho natural, foi habilmente restaurado com o disvelo da mais tocante gratidão pelo alferes Charles Beghuim, official recolhido no azylo.

A dois kilometros das *Terras d'Alcobaça*, á esquerda de quem se dirige a Torres, ha uma pequena gruta aberta na rocha tendo bancos cavados em volta, e ao centro uma meza de pedra. Alguns sobreiros annosos sombreiam a entrada d'este retiro alpestre onde o povo na sua poetica linguagem diz que a Princeza vinha quasi todos os dias conversar com os anjos. Quem bem quizer ajuizar d'alguem é pelo povo e pelos desvalidos da fortuna, que o conheceram, que deve fazer obra. Diz o adagio: vóz do povo, vóz de Deus. Não ha nada mais cert .

E' pois a esses que de preferencia sempre me dirijo quando quero aquilatar o coração d'alguem.

Nos pobres tinha a Princeza quasi fama de santa.

Tratei de perto um encantador par de velhos que tinham a historia da sua mocidade e dos seus amôres ligada á construcção do azylo. Elle, o pedreiro João Cabaço, trabalhára alli desde que os alicerces se lançaram á terra, e alli caiáva ainda os corredores com mais de noventa annos: amava aquellas paredes como um pae ama o filho. A mulher, lavadeira do azylo, alli teve tambem o seu emprego até que a velhice os impediu a ambos de trabalhar. Então, arrimados um ao outro, passavam os dias a rezar e as tardes sentados n'um poyal á porta da sua misera cabana relembrando o bom tempo passado. N'essa palestra o assumpto obrigatorio era o azylo e os habitantes que alli tinham conhecido. Eu gostava de os ouvir e assim aprendi muitos e graciosos factos de que ainda conservo memoria. Contarei dois que frizam bem o immenso thesouro de bondade que encerrava o coração de D. Maria Francisca.

Gostava a princeza de ouvir as conversas dos velhos sem que a presentissem, para saber se estavam contentes ou se lhes faltava alguma cousa.

Um dia chegando a uma das janellas da casa de jantar, sob a qual havia um longo banco de pedra, viu n'elle dois invalidos jogando as cartas.

A Princeza indignada perguntou-lhes de chofre:

— Não sabeis que é prohibido jogar?

Um d'elles baixou a cabeça e não respondeu: o outro mais animoso retorquiu-lhe:

— Sabemos, senhora.

— Então porque o fazeis?

— Aborreciamo-nos, respondeu ingenuamente o soldado.

A Princeza tornou-lhe immediatamente:
— Continuai; por esta vez dou-vos licença.

E retirando-se da janella murmurou contrariada:

— Não se póde fazer ninguem feliz! . . .

A' tarde mandou-os chamar.

— A licença que hoje vos dei não se pode repetir. Quero que me digaes em que vos entretinheis em Lisboa.

— Eu, senhora, tocava flauta.

— E vós?

— Eu quando *calhava* lia novellas.

— Está bem, podeis retirar-vos. E voltando-se para o seu secretario ajuntou: Tomai nota para fazerdes vir de Lisboa uma boa flauta e cinco ou seis volumes de bonitos contos. Elles teem razão; o espirito tambem tem necessidades.

Dias depois os pobres velhos, vendo realisados pela mão da

CUSTODIA DO AZYLO

Desenho da princeza Maria Benedicta

O INVALIDO VIUVO

Princeza os seus desejos, choravam commovidos.

Mas nem sempre a gratidão é commoda: á tarde sentados sob as janellas da Princeza tocavam flauta e soletravam: e, como eram bastante surdos, calcule-se em que diapasão.

De outra vez, ouviu a princesa na horta um coxo que, para demonstrar a outro invalido a sua gratidão por ella, dizia que para lhe ser agradavel cortaria a outra perna. A Princeza mostrou-se então e disse-lhe:

— E'-me grata tal prova de dedicação e vem a proposito, prometti uma perna de cera ao Senhor do Calvario se me diminuisse o rheumatismo; prefiro offertar-lh'a de carne.

O velho, tão rude quanto dedicado, lançou mão d'uma machada que estava encostada a uma arvore e apontando o joelho interrogou naturalmente:

— Por aqui?

Não foi facil suster-lhe o impeto, nem convencel-o de que a princeza gracejava. Sensibilisada por tão cega dedicação, aquella senhora instou para que lhe pedisse o que quizesse. Então elle, enleiado e sem se atrever a levantar os olhos, respondeu:

— Um terço bento em Roma para rezar por Vossa Alteza.

E naturalmente como este, todos sentiam assim. Dizia meu avô que pagar dividas de gratidão era para corações portuguezes tarefa grata e facil: assim o creio.

Ha poucos annos ainda a jura predilecta dos invalidos era «pela alma da Princeza». Isto prova quanto, mesmo alem da morte, ella se lhes insinuou no coração.

Faltava aos velhos um sitio onde passeiar; o unico recurso que havia era a estrada, perigosa para cegos e aleijados pelo muito movimento que tinha antes da abertura da linha ferrea. Lembrou-se o general Eça de fazer construir um parque nas terras de semeadura contiguas ao azylo, e para essa boa obra concorreram, além de El-Rei D. Luiz, muitos amigos do general com grande copia de arvores e arbustos. Os velhos exultaram, sobre tudo quando viram bancos e um jogo da malha. Entre muitos melhoramentos alli introduzidos por este commandante o parque foi decerto o melhor e talvez mais do agrado de todos, bem que muitos lhe excedessem em utilidade. Alli era facil surprehender-lhes interessantes farrapos de conversa, cheios de ditos e apreciações curiosas. Alguns para amostra.

O LONGUINHOS

Um dia chegou ao azylo um novo invalido, e á tarde, sentado entre dois outros, conversavam já como amigos velhos. Depois do recem-vindo se ter informado de todos os pormenores do regulamento, chegou a vez dos outros indagarem:

— E's solteiro?

— Não, sou viuvo e tenho filhos.

— Então viéste para aqui?!

— Que querem?... cousas da vida.

— Enviuvaste ha muito?

— Ha dois annos,

— E tiveste muita pena da tua mulher?

— Hum! hum! verdade, verdade, muita não tive.

— E' que ella era das taes...

— Lá isso não; nada havia que se lhe dizer, mas era um pessimo recruta; nunca foi possivel com ella manter a disciplina no quartel.

N'isto, o hortelão, que accumulava as funcções de jardineiro e que a alguns passos enxertava uma roseira, lembrando-se de que a sua cara metade, quando elle bebia de mais, o castigava severamente, não resistiu a intervir dizendo:

— Se ella era mulher!... não ha peior gado.

Outro. Havia um invalido, chamado Soares, creio que sargento, sempre muito escovado e penteado, para o qual as delicias da terra era ajudar á missa e cuidar da igreja. Varias vezes, por estar velho, lhe quizeram dar um substituto, mas elle insistia por tal fórma em permanecer no logar que aliás desempenhava perfeitamente, que o iam deixando ficar. Tinha a mania de brunir os degraus do altar com um preparado de cêra e alcool que punha a pedra brilhante como um espelho, mas escorregadia ao ultimo ponto. Quando andava empenhado n'aquelles graves serviços, o seu estribilho valido era «Brrr... este latim é que me hade matar». Muita vez o advertiram de que um dia era o primeiro a ser victima da bellesa dos degraus, mas elle, envaidecido na sua obra, cada vez lhe puxava mais lustro. Um dia, á missa das onze, quando ao Evangelho mudava o missal, cahiu, partindo desastradamente uma perna: então no meio das exclamações do povo que assistia, e sobre tudo das mulheres, que afflictas, o julgavam morto, elle bradou n'um tom que fez com que a custo se sustivesse o riso «Brrr... eu bem disse que este latim me havia de matar». Impossibilitado de se abaixar, teve de declinar o cargo, mas sempre que podia assistir á limpeza da igreja dizia ao sachristão:

— Dá cera n'esses degraus, põe-mos como um espelho, brrr!... Aqui parava desapontado por não poder ajuntar com visos de verdade que o latim o havia de matar.

RUA DAS VINHAS — *Entrada principal do asylo*

Um outro, inda novo, chamado Longuinhos, se me não falha a memoria, presumia de erudito e pensava em casar com uma rica viuva d'um povo proximo. Querendo escrever-lhe uma carta que a seduzisse promptamente, recorreu ao Evangelho de S. João. Usou, ou antes abusou, d'elle assim:

Querida madama

«Ao principio era o verbo, e o verbo estava em Deus, e Deus era o verbo. Assim eu, primeiro estava em mim, era eu, e eu sou, mas já não sou desde que em mim es-

taes. Alguem veiu para dar testemunho de que era a luz; assim vós, não sendo a luz viestes para dar luz á minha alma. Era do mundo, fui procurar-vos e não me recebestes; fostes, como o mundo, feita para mim e não o conheceis. Tenho o poder de tornar filhos de Deus os meus filhos, e vós sereis sua mãe para que o verbo seja feito carne e habite entre nós, cheio de graça e verdade.

Dando graças a Deus, respondei-me a esta.»

O SENHOR É QUE É O PINHEIRO CHAGAS

Claro que a resposta foi a carta devolvida, chamando-lhe parvo. Elle, no auge da consternação, mostrava-a a todos, perguntando se alguem poderia escrever melhor ou teria tido ideia de fazer tão boa applicação do Evangelho.

Um outro, cego alegrissimo, dizia que Deus tirava a vista aos grandes homens por não precisarem de *olhar para ver*; e contentissimo com a sua sorte citava uma longa lista de cegos celebres tendo o nome de Castilho no cabeçalho.

Um dia que o saudoso escriptor Pinheiro Chagas foi ao azylo, apresentou-lhe o livro em que os visitantes escreviam o seu nome, um invalido que, tendo lido as obras d'elle, tinha pelo seu talento a maior admiração.

«Pinheiro Chagas é o meu homem», exclamava; e a tudo repetia *Elle diz, elle não diz*: e creio mesmo que, quando pretendia n'alguma controversia vencer um companheiro, affirmava resolutamente: *Pinheiro Chagas nega isso.*

Lendo no livro o nome do notavel escriptor, puxou os óculos para a testa e ficou boquiaberto analysando-o á sua vontade. Por fim perguntou-lhe:

— O senhor é que é o Pinheiro Chagas que escreve novellas?

— Exactamente.

— Tenho lido os seus escriptos.

— Sim? e que tal lhe parecem?

— Eu lhe digo; o senhor não é nenhum fura-paredes mas... vae a pé onde os outros só chegam de carro.

Pinheiro Chagas riu immenso do elogio e nunca mais encontrou meu avô que não pedisse lembranças para o seu admirador.

Se continuasse contando insignificantes e curiosos episodios não acabaria nunca.

Todos os annos, no dia 25 de julho, se festeja a inauguração do azylo. Em 1894 transferiu-se a festa. N'esse dia sahiu meu avô d'aquella casa, para nunca mais voltar. Todos acompanharam o seu corpo á estação e muitos ao tumulo com sentido pranto.

Nunca mais alli voltei, mas tenho sempre, quando fallo de Runa, um sorriso nos labios, uma lagrima nos olhos e uma saudade no coração.

MARIA O'NEILL.

UM CANTO DO PARQUE

A exposição colonial de Loanda em 1907 e o seu promotor sr. E. A. Gomes de Sousa

NECESSIDADE impreterivel, para o desenvolvimento commercial, da realização de frequentes exposições temporarias ou permanentes dos productos agricolas e industriaes de um paiz ou de uma região, é hoje um axioma que não carece demonstrado. As colonias, vastos emporios productores dos mais variados artigos exoticos, tendem pelo seu desenvolvimento, a constituir elementos poderosos para a riqueza commercial da nação a que pertencem.

Por isso os museus e exposições de productos coloniaes são justamente considerados como fautores necessarios do fomento das colonias. Em 1892 o secretario geral dos negocios coloniaes em França, mr. Jamais, assim o entendia, e com louvavel iniciativa promoveu a formação de um museu commercial ou exposição permanente de productos das colonias francezas, no Palacio da Industria, ao passo que no edificio da Bolsa de Paris, se estabelecia o museu Commercial da Algeria. Entre nós, quando Emygdio Navarro fundou as escolas industriaes e commerciaes, e junto dellas os museus de industria e de commercio, foi creado tambem junto da Escola Naval o museu colonial portuguez, que mais tarde, por occasião do Centenario da India em 1898, ficou a cargo da benemerita Sociedade de Geographia de Lisboa, em cujas salas se acha installado e exposto á attenção dos estudiosos, constituindo o riquissimo mostruario ethnographico e colonial que enche as vidraças da sua vasta sala.

*

As nossas riquezas coloniaes, productos da flora e da fauna dessas regiões extra-europêas, assim como da agricultura e industria dos indigenas e colonos, tem sido desde remotos tempos objecto de estudos notaveis de sabios e exploradores, desde os classicos trabalhos de Garcia da Horta sobre os *Simples, drogas e cousas medicinaes da India,* os do padre João Loureiro, de Alexandre Rodrigues Ferreira, o eminente zoologo, de Welwitsch, o botanico dedicado, até aos dos modernos Barbosa du Bocage, Arruda Furtado, Brito Capello, Newton, A. Moller, José de Anchieta, barão de Castello de Paiva, e ainda dos seus continuadores actuaes Pereira do Nascimento, Gomes de Sousa, capitão Affonso Chaves, e outros muitos prestantes e acrisolados cultores das sciencias, e glorias incontestaveis do uome portuguez.

A vasta região da nossa provincia de Angola, na costa occidental africana, é um emporio riquissimo de productos variadissimos, objecto de vasta e opulenta exportação para o paiz e para o extrangeiro.

Por occasião da visita do fallecido Principe Real á cidade de Loanda, o director do Observatorio Meteorologico e Magnetico, d'aquella cidade, o capitão de fragata sr. Ernesto Augusto Gomes de Sousa, quiz pôr em evidencia, numa exposição organizada nas salas e galerias do observatorio, as riquezas agricolas, zoologicas e industriaes da feracissima provincia.

Reuniram-se alli num mostruario opu-

EXPOSIÇÃO COLONIAL DE LOANDA EM 1907

GALERIA NORTE — GALERIA LESTE

lento, as collecções de productos variados e ricos, como o café, os cacaus, as borrachas, o algodão, os mineraes, as madeiras preciosas, os marfins, as plantas, os animaes embalsamados, as pelles raras, demonstrando os recursos commerciaes da provincia.

Nesses vastissimos territorios, já hoje servidos por algumas linhas ferreas, a producção espontanea é feracissima, e a par della a exploração agricola nas grandes fazendas modelos tem tomado natural incremento. Ainda não ha muito tempo, o intelligente o illustrado governador geral da provincia, e malogrado Eduardo Costa, percorrendo-a toda, no dedicado afan da sua missão, reconheceu que do Lobito a Catumbella, a Benguella, ao Dombe, a S. Nicolau, a Mossamedes, ás regiões do Cunéne, de Biballa, de Lubango, da Humpata, da Huilla, de Chibia, de Quihita, dos Gambos, do Humbe, de Chacuto, de Campangombe e de Cuamato, as riquezas naturaes e agricolas são admiraveis e as communicações, embora deixem ainda muito a desejar, facultam já alguns meios regulares de sahida aos productos africanos.

CONSELHEIRO GOMES DE SOUSA
Capitão de fragata

O caminho de ferro de Loanda a Ambaca, ligando com a linha de Malange, ultimamente inaugurada, com os seus 364 kilometros de linha ferrea, construidos desde 1888 até 1907, serve as regiões entre o Bengo e o Quanza, descendo até ao Lucalla, e estabelece a via commercial para as fazendas da poderosa companhia agricola do Cazengo, com centro de exploração em Canhoca, e para a região uberrima do Golungo Alto.

O exame destas riquezas incalculaveis de producção colonial só pode effectuar-se, com elementos seguros de comparação e estudo, por meio das exposições e museus de generos e productos das colonias. Já em 1892 se realisou no Porto, no Palacio de Crystal uma exposição d'esta indole, e recentemente em abril e maio de 1906 na sala Algarve da benemerita Sociedade de Geographia, se effectuou um novo certamen publico, a que concorreram os productores das nossas colonias, com amostras curiosas e variadas de café, cacau, algodão, borracha, indicando em interessante successão de modelos e exemplares, a historia minuciosa da cultura, do aproveitamento e preparacão dos artigos, de que o commercio tira avultados lucros. Deste certamen publicou-se um extenso e bem elaborado catalogo, cujas notas dão interessantes dados para a historia da agricultura colonial nas nossas riquissimas provincias ultramarinas.

A exposição promovida em 1907 pelo distincto e zeloso director do observatorio meteorologico e magnetico de Loanda, sr. Ernesto Gomes de Sousa, realisou-se nas salas e galerias do edificio do mesmo observatorio, situado na parte mais alta da cidade, a perto de 60 metros acima do nivel do mar. A' distancia de uns 187 metros da costa, é um estabelecimento notavel, que se deve á iniciativa do governador Antonio Eleuterio Dantas, cujo nome ficou ligado a importantes melhoramentos da cidade de Loanda e da provincia, merecendo especial menção o pharolamento da costa e o começo da construcção do magnifico hospital Maria Pia.

O observatorio, estabelecido na elevada torre da antiga Sé, dividida em trez pavimentos, começou a assumir o credito e re-

nome de que presentemente goza, quando a sua direcção foi confiada ao antigo director e distincto official da armada Guilherme Gomes Coelho. Acha-se munido de uma perfeita collecção de instrumentos para observações meteorologicas, que se effectuam com rigor e assiduidade, correspondendo assim condignamente ao plano geral dos serviços meteorologicos e reconhecimentos e observações magneticas, ao qual o nosso illustre compatriota sr. major Affonso Chaves ligou indissoluvelmente o seu nome, hoje de reputação européa, não só estabelecendo com uma organização superiormente dirigida, o serviço meteorologico e magnetico internacional nos Açores, como até ultimamente, ligando essas observações notaveis, com as que foi realizar no sul da Africa, onde creou um observatorio em Lourenço Marques.

Alli, em Moçambique, na Beira, nas colonias allemãs da costa oriental, o major Affonso Chaves prestou enormes serviços á sciencia, affirmando-se como uma das mais apreciadas glorias nacionaes.

OBSERVATORIO METEREOLOGICO DE LOANDA — VARANDA E JARDIM

Foi ahi, nesse edificio já notavel do observatorio de Loanda, que o seu actual director, cujos serviços á sciencia e ao paiz não se cifram só nesta louvavel iniciativa (conforme iremos dizendo), effectuou a exposição de productos coloniaes, aberta no dia 17 de junho de 1907, com a visita do principe real, que áquella data alli passava, na sua viagem ás colonias.

Nas galerias e salas, em mostruarios, em estantes, pelas paredes, se viam os mil variados productos e ricos artigos da agricultura e commercio de Angola. Em frascos, os cereaes, os legumes, as farinhas; os mineraes diversos, as amostras do café, as da borracha, as do cacau, as do algodão, da kola, do marfim, da gomma, dos azeites e oleos, da urzella, do tabaco, da coconote; os animaes empalhados, as pelles, as plumagens

das aves, as madeiras preciosas, as armas gentilicas, dispostas em panoplias pelas paredes, os manipanços, os manequins.

*

No dizer dos exploradores e viajantes, o trabalho do indigena angolar reduz-se a pouco, e as culturas que em grande numero de fazendas agricolas se estão praticando em subida escala, devem-se á direcção e iniciativa dos portuguezes. As quintas ou fazendas apresentam hoje os melhores exemplares da horticultura européa, a par com os da agricultura peculiar dos paizes tropicaes.

Os plantios simples dos tuberculos da mandioca, dos milhos, da ginguba, dos feijões, das aboboras, alternam com os do tabaco, do algodoeiro, que nasce espontaneo como a bananeira e algumas palmeiras que dão o vinho e os oleos, e como a grossa trepadeira — o *andundo* — que dá a borracha.

Fôram colonos portuguezes e extrangeiros que crearam as importantes *fazendas* agricolas no Cazengo, no Dombe Grande, no Alto Dande, em Malange, nos Ganguellas.

Na provincia de Angola, como por todas as outras possessões portuguezas, estende-se a benefica influencia das grandes companhias de exploração e fomento agricola e colonial, das quaes citaremos agora de relance algumas que nos occorrem á memoria, taes como a *Companhia da ilha do Principe*, com os extensos cacoeiros e cafezeiros em S. Thomé e Principe, a de *Agricultura Colonial*, de S. Thomé, a *Empreza agricola* do Principe, a *Companhia agricola do Cazengo*, a *Companhia agricola do Dande*, com extenso cultivo da canna de assucar, e na outra costa, na costa oriental, as poderosas *Companhias de Moçambique*, *do assucar de Moçambique*, e do *Nyassa*, com

SALA DE ENTRADA DO OBSERVATORIO

Com mobiliario feito em Loanda de tácula e outras madeiras da provincia

SALA DOS VISITANTES, ONDE O PRINCIPE REAL INSCREVEU O SEU NOME

Com mobiliario feito em Loanda, de madeira de téca da India, aproveitada da quilha da antiga corveta «D. João I», construida em Damão e lançada ao mar em 1820

s industrias mineira, agricola, de pesca, reação de tartarugas, de esponjas e de ostras perliferas, etc.

Na região dos Ganguellas, uma das mais icas productoras da borracha, ordenou o enemerito ex-governador da provincia de Angola, o sr. conselheiro Ramada Curto, studos agricolas para bem apreciar o rabalho indigena da cultura e preparo da borracha. Todas as operações successivas — e seus utensilios: — os rhizomas das otolambas, das landolphias, dos biungos e manihots que a produzem,os martellos com que o indigena os bate, para depois os fazer em manta, que é cosinhada e preparada em mutares, conforme vem aos mercados africanos, tudo se via e observava no curioso e completo mostruario obtido naquelles estudos de inquerito á região dos Ganguellas.

Não menos curiosas as collecções do Golungo Alto, onde abundam as fazendas como as de Valle Flor, do Valle Pittoresco, de Bemfica, Fidelidade, etc., merecendo especial menção o mostruario do Valle Pittoresco, do sr. José Pereira da Silva Neves.

Extraida a preciosa borracha do latex dos rhizomas ou dos troncos aereos de diversas plantas e trepadeiras, como a *Ficus elastica*, as *Landolphias* (de que se obtem a de melhor qualidade) e outras plantas, é mettida em agua, batida pelos pretos, e neste estado, em motetes de 15 a 20 kilos, é trazida á cabeça de carregadores, que se reunem em caravanas de 5 a 20 pretos, e veem pelo tempo secco, fazendo jornadas de 8 e 10 dias, offerecel-a a Noqui e a outros mercados, para ser entregue aos processos industriaes, cylindrada, triturada, lavada e manufacturada.

Cada arvore, ou cada planta pode produzir 400 grammas de borracha annualmente, e cada indigena seringueiro, bem adestrado, pode colher sem maior fadiga, uns 2 a 3 kilos de borracha liquida.

Regula por 50 toneladas a borracha que annualmente vem assim das terras de Iacca, do Zoombo, do Kimbubuge, do Soio, etc.

No Estado Livre do Congo esta vantajosa industria indigena da borracha é guiada e protegida pelo Estado, e favorecida pelas magnificas vias de communicação alli estabelecidas.

Ainda assim, segundo as estatisticas officiaes, a exploração da borracha da provincia de Angola ascendeu a mais de 3700 contos por anno, ao passo que o café, o cacau e o algodão (trez dos mais importantes productos da colonia) só atingiram respectivamente os valores de 622 contos, 452 contos e 16 contos de réis.

O algodão, esse producto textil, ao qual, dizia o sabio Welwitsch — se deveria destinar todo o territorio de Angola, — e que se dá tão bem naquella região, que logo no primeiro anno se torna arbustivo, cultiva-se largamente em quintas e fazendas, alternando com as sanzalas, e com as plantações de café. A Companhia agricola do Cazengo, cujas vastas propriedades são servidas pela linha ferrea de Loanda a Lucalla e pela estrada real de Caculo a Ambaca, tem enormes plantações de canna de assucar e de cacau.

Houve tempo em que uma febre algodoeira invadiu Angola; a carta da Commissão cartographica de 1885 indica-nos os numerosos concelhos onde o algodão se produzia. Depois sobreveiu a mania da cultura do assucar, e a do cacau, mas a do algodão foi novamente activada desde 1904 e 1905, e estendeu-se pelos districtos do Ambriz, de Benguella, do Bengo, do Zaire, do Golungo Alto, etc.

Desta cultura e desta materia prima textil resultam as industrias derivadas, que concorreram á exposição, como já haviam concorrido á da Sociedade de Geographia, de 1906, com mantas, mechas das cardas, urdiduras, tramas e porfim com riscados, sarjas, camisollas e meias. Egualmente das industrias derivadas do cacau e da borracha, se expozeram os tubos e peças de machinas, os chocolates, etc.

Não eram menos notaveis as amostras de madeiras do Cazengo, do Dande e do Congo, das quaes os indigenas fazem curiosos artefactos, nem os accessorios e productos da extensa industria piscatoria de Mossamedes.

De tácula e de outras madeiras preciosas da provincia se via, na sala da entrada do observatorio, que uma das nossas gravuras representa, a bella e rica mobilia toda construida na cidade de Loanda, sob a direcção do conselheiro Gomes de Sousa; e na sala onde se guarda o livro dos visitantes, constituia um attractivo não menos notavel o precioso mobiliario, egualmente construido em Loanda, estylo Luiz XV, sob a indicação do

director do observatorio,com a historica madeira de téca indiana, aproveitada da quilha da antiga corveta D. João I, que fôra feita no estaleiro de Damão e lançada ao mar no anno de 1820.

Da mesma madeira e tambem construida em Loanda existe na Sociedade de Geographia de Lisboa uma bella cadeira offerecida pelo dedicado apostolo da colonia o sr. Gomes de Sousa.

*

Quem é este benemerito, quasi desconhecido da maioria dos portuguezes, mas que bem merece ser estimado como um dos mais dedicados, zelosos e intelligentes promotores do nosso desenvolvimento colonial pela missão scientifica, pela propaganda da lição, do exemplo e da bôa organização administrativa, quem é o sapiente director do observatorio meteorologico e magnetico de Loanda, sr. conselheiro Ernesto Augusto Gomes de Sousa, importa dizel-o aqui, em poucas palavras, para que todos os leitores dos *Serões* fiquem bem conhecendo o seu nome e a resenha dos seus valiosos serviços.

O sr. Gomes de Sousa, distincto official da armada portugueza, foi nomeado capitão dos portos da provincia de Angola em 1892, e residindo desde então em Loanda, e noutros pontos da provincia, encetou e tem mantido uma cruzada incessante e tenaz para o estudo scientifico da colonia, tanto como para o seu desenvolvimento agricola, e commercial. Os melhoramentos materiaes da costa, a montagem da draga e doca de Loanda, são serviços que não esquecerão nunca, prestados pelo capitão dos portos da provincia de Angola, na qual em 1897 serviu de governador effectivo do districto do Congo, e depois, por mais de uma vez, na ausencia do governador geral sr. conselheiro Ramada Curto desempenhou as elevadas funcções de governador supremo da colonia.

Nas questões com o Estado Livre do Congo, foi o capitão de fragata Gomes de Sousa nomeado representante do governo portuguez, e descendo destas elevadas missões diplomaticas e governativas, ás da simples administração municipal, o sr. Gomes de Sousa, como presidente da commissão admistrativa da cidade de Loanda, deixou memoria de uma gerencia modelar, á qual andam ligados os grandes melhoramentos modernos da capital da provincia.

NO JARDIM ZOOLOGICO DE LOANDA — O CASAL DOS CHIMPANZÉS

Como director do observatorio meteorologico e magnetico de Loanda o estudioso official de marinha montou alli a luneta meridiana, e o serviço constante de observações magneticas, de que publica amiudados relatorios, que a benemerita Sociedade de Geo-

raphia de Lisboa, nos patenteia nas paginas o seu Boletim.

Homenagem justa foi prestada ao sabio bservador, quando se conferiu o seu nome novo observatorio meteorologico que se stabeleceu na cidade de Mossamedes, o qual

NO JARDIM ZOOLOGICO DE LOANDA
A LEÔA

enominando-se observatorio Gomes de Sousa, — mantem vivida a lorificação do illustre director do osto meteorologico e magnetico e Loanda.

A estes serviços scientificos de levada valia, o sr. Gomes de ousa, que já prestára serviços de utra ordem, quando commandando vapor Vilhena ajudou a pacificar s povos gentios das duas marens do Quanza, temos ainda a ccrescentar outros, de não menor alor scientifico.

Havia em roda do observatorio m terreno baldio, desaproveitado.) director do observatorio, tratou lesde logo de lhe dar uma appliação da maior utilidade. Fez delle um peueno jardim colonial — botanico e zoologico. lli plantou exemplares curiosos da flora ngolar e plantas exoticas de facil acclimaão, e ao mesmo tempo foi organizando em nstallações diversas muitos e interessantes nimaes da extensa fauna colonial, formando m viveiro precioso, e enviando para a meropole, como offerta ao Jardim Zoologico de isboa, que conta no sr. Gomes de Sousa um dos seus mais dedicados e zelosos protectores, centenares de exemplares zoologicos.

Após a visita á exposição o Principe Real D. Luiz Filippe teve ensejo de percorrer este curioso jardim colonial de Angola, examinando os aviarios muito povoados, os antilopes, a leôa, o leopardo e o notavel casal de chimpanzés que pela intelligencia, desenvolvimento e robustez podem considerar-se exemplares unicos em captiveiro.

Chamam tambem a attenção do visitante do jardim as lindissimas cabras de Angorá, cuja lã finissima figurava entre os curiosos productos da exposição colonial.

Egualmente curioso é o bello exemplar de *ceifo,* originario das regiões do Dande, creado no observatorio, onde está sendo ensi-

O LEOPARDO

nado para tracção e para cavallaria. O ceifo, por occasião da visita do Principe, apresentou-se arreiado e conduzido á mão por um creado do jardim.

No meu artigo — *Féras, jaulas e domadores,* publicado no numero 32 dos *Serões,* alludi com louvor a este notavel jardim zoologico de Loanda.

Pode agora esta revista apresentar aos seus leitores, segundo photographias directamente

tiradas naquella cidade, alguns dos mais interessantes animaes que existem naquelle jardim, onde o europeu fica extasiado ante as opulentas plantas tropicaes, que dão um aspecto encantador e surprehendente ás suas áleas.

O sr. Gomes de de Sousa tem tentado, em ponto pequeno, dentro dos limitados recursos de que dispõe, ensaiar no seu horto botanico, a cultura de plantas uteis, lançando assim o germen da idêa proveitosa de um jardim experimental, como aquelle que ora vai estabelecer-se na região do Cazengo, para o ensaio de novas culturas coloniaes, e para viveiro destinado a fornecer aos colonos e indigenas plantas e sementes adaptaveis á região. Este novo e utilissimo instituto da nossa provincia de Angola está sendo estabelecido na granja de S. Luiz, e o governo chamou para dirigil-o o sr. J. Grassweiler.

NO JARDIM ZOOLOGICO DE LOANDA — O CEIFO DO DANDE

Mas, não só plantas uteis, das quaes algun productos figuravam na exposição, como baunilha, se encontram no horto do observatorio de Loanda; bellas roseiras e outra flôres européas, magnificas orchideas e feto ornamentam aquelle jardim, que constitu hoje um dos mais appetitosos deleites do forasteiro en Loanda, e un dos mais legitimos titulos d gloria do se iniciador.

Taes são o relevantes serviços que á civilização d provincia ultramarina d Angola, e ao interesses coloniaes do noss paiz, devotad e intelligentemente, ten prestado est apostolo da pa e da sciencia — o sr. capitão de fragata Gomes de Sousa — serviços cujo brilhante remate, foi a exposição colonial, effectuada h mezes, e da qual este pequeno artigo s destina a perpetuar e divulgar a noticia

VICTOR RIBEIRO.

TEMPLO DE MAYA-SAN

O Buddhismo e o Amor

Ha um proverbio japonez, de pura essencia buddhista, que diz assim: — «*Rokudô wa, mé no máe*» (seis caminhos se encontram deante dos teus olhos). — O laconismo requer, evidentemente, explicações, para leitores occidentaes: seis caminhos, seis normas de conducta estão em frente do homem; da sua escolha, do caminho que elle prefére, isto é, das boas ou más acções que pratica n'esta vida, depende o destino da sua vida futura. — Sabe-se como seja a theoria da reencarnação: o homem morre para reviver, para ir viver uma outra vida; succedem-se as existencias umas ás outras, as quaes não são mais do que simples existencias de purificação; conduzindo naturalmente o espirito, após uma serie de estados differentes, ao reino celestial. Posto isto, vejâmos como o Buddhismo classifica os seis caminhos que apontei: — *Jigokudô*, o caminho do reino do inferno; *Gakidô*, o caminho do reino dos tormentos da fome; *Chikushôdô*, o caminho do reino dos animaes; *Shuradô*, o caminho do reino da lucta e dos maus tratos; *Ninghendô*, o caminho do reino dos homens; *Tenjôdô*, o caminho do reino dos céos; estes seis reinos abrangem todos os possiveis estados de existencia; alem d'elles, só existe o *Nirvâna*, a mansão da suprema paz, da absoluta abstracção. — Como já disse, torna-se evidente que quaesquer dos cinco primeiros reinos apontados, mais ou menos

penosos ao espirito, representam estações de penitencia, poisos expiatorios d'esse espirito, purgatorios tendentes á sua purificação, até que possa attingir o verdadeiro mundo consolador, o reino celestial. Ficamos

ESCADA COM 300 DEGRAUS CONDUZINDO AO TEMPLO DE MAYA-SAN

assim habilitados a encararmo-nos, nós mesmos e todos os seres humanos, existentes, como reencarnações de espiritos que já viveram n'outros homens, mas que, pela sua conducta pouco digna, tiveram de permanecer no mesmo estado; ou então taes espiritos já soffreram martyrios n'outros reinos, ou viveram obscuras existencias de animaes, merecendo após o que podemos chamar — ser promovidos, — passando a viver a vida humana. Os nossos mortos, os nossos queridos mortos, quem nos pode dizer aonde se encontram?... A piedade filial leva-nos a consideral-os no reino celestial, em premio das virtudes que na terra praticaram. Quanto aos brutos que relanceamos — o elephante, o cão, o cavallo, a serpente, o insecto, o verme, a inteira serie dos seres irracionaes, — devemos concluir, por identico raciocinio, que são reencarnações de espiritos que subiram dos infernos ou que já foram dos homens, segundo os seus meritos ou segundo as suas culpas. O esforço humano deve porfiar quanto possivel — e n'isto consiste a moralidade do proverbio que citei — na pratica do bem, furtando-se aos reinos dos tormentos, para alcançar sem demora o bem supremo... como, n'uma comparação mui comesinha, o sargento que, pelos seus brios, trabalhe pelos galões de official, evitando com cuidado uma preterição, ou — o que é peor — uma baixa de posto...

Ora, conheci no Japão, ha alguns annos, um homem, um russo, — um louco?... — que, pelo Amor, se consagrou ao estudo do Buddhismo, no intuito de falesal-o e de fugir da Buddha. Chegára elle á conclusão de que o homem ama a mulher por or-

gulho, por cobiça, por egoismo; ou melhor, não ama, mas deseja. Concluira ao mesmo tempo que a emotividade do cão realiza o sentimento do Amor na sua expressão mais sublime, amando o dono ou a dona para servil-o ou para servil-a, para lhe obedecer, para se lhe dar todo, para defender o idolo, para salval-o dos perigos, não pedindo nada em troca, não esperando beneficios, indifferente á belleza do idolo, á sua idade e ao seu sexo .. ao sexo, não inteiramente; pois affirmava que, quando se haja estudado com interesse a psychologia dos animaes, será reconhecivel em alguns d'elles, nas relações de sympathia do bruto pelo dono, o prestigio sexual, na sua expansibilidade mais pura, mais casta, mais subtil. Um cão em repoiso aos pés de uma mulher, fixando nos olhos d'ella a sua ternissima pupila, é — dizia o russo — o quadro da verdadeira apothéose do Amor. Pois, para amar assim uma mulher, o russo aprofundava as doutrinas do Buddhismo, cuidando de descobrir como, em frente das seis estradas que decidem da vida futura de nós todos, poderia elle fugir da Buddha, fugir de Deus, para optar, de accordo com as acções que praticasse, pelo *Chikushôdô*, o caminho do reino dos animaes, e ser um d'elles, e ser um cão... Estranho!... O mais estranho porem de tudo isto é que o idolo, a mulher, segundo me constou, não existia; seria quando muito, pelo que julguei adivinhar, uma mulher ideal, como symbolo das multiplices reminiscencias de todas as mulheres que o russo já amára; tendo de uma os pés marmoreos, de outra as mãos finissimas, de outra as tranças negras, de outra os labios humidos, de outra o olhar sereno...

OUTRO ASPECTO DO MAYA-SAN

Este curioso forasteiro alojára-se n'uma casinha japoneza, annexa ao templo de Maya-San, perto de Kobe, pagando aos bonzos o aluguer; registe-se de passagem que este templo, votado a Maya Bunin, a mãe de Buddha, encanta pelo aspecto pittoresco do logar. Os bonzos de Maya-San tratavam o russo com carinho, com os desvelos paternaes que se devem a um doente — um doente moral. — Quando porem rebentou a guerra russo-japoneza, cuidaram de convencel-o, por prudencia, a que se ausentasse do Japão. Diz-me um informador que o russo seguiu para a Siberia, onde, porem, morreu doido. A dar credito a outros boatos, um coronel

de cossacos, que o encontrára, descobrindo-lhe na bagagem grande somma de livros japonezes, buddhistas, mas suspeitos para quem não os entendia, tomou-o por um espião, mandando-o logo fuzilar pelos seus soldados.

Pelo que me respeita, ficou-me do caso uma impressão grotesca: — ao encontrar na rua um cão qualquer, lembro-me se estará n'elle o espirito do russo que conheci em Maya-San; vindo-me de quando em quando tentações de levar a mão ao meu chapeu e de bradar-me «adeus ó coisa!» — Quem sabe!... No entretanto, uma outra hypothese mais plausivel, tambem buddhista, se apresenta: n'uma existencia anterior, o espirito do russo encarnára-se n'um cão; do facto, se explica o seu desejo, activo, em readquirir aquella forma; tal como, n'um exemplo trivial, o antigo aprendiz de sapateiro, depois feito barão, deputado, inspector de intrucção publica, etc., experimenta ás vezes ganas de voltar á tripeça e ao tirapé. E essa mulher ideal, que ao russo tão ternos sentimentos inspirava, não seria mais do que uma sombra, do que uma visão do passado... a sua dona!...

Imaginêmos que o espirito do russo, sobejamente purificado nos reinos transitorios, está no céo...

Kobe, novembro de 1907.

WENCESLAU DE MORAES.

IMAGEM DE BUDDHA EM SEU NIRVANA

Este conto militar, passado durante a Guerra da Peninsula, teve na traducção de ser modificado, com o fim não só de se corrigirem os nomes portuguezes que no original appareciam sob formas estramboticas, mas tambem para ligar a sua acção com alguma das phases d'aquella porfiada lucta. Escolheu se a primeira parte da campanha 1811, por ser a que melhor se coadunava com a ideia de Walter Grogan. Para se ver quanto os nomes portuguezes tinham sido por este deturpados, basta dizer que o guia no original é *Barestro,* tão portuguez como *Selim Nuño*, o banqueiro nosso patricio que George Ohnet faz apparecer no seu romance *Lise Fleuron*.

Os inglezes n'este ponto não ficam muitas vezes a dever nada aos francezes. Vimeiro, em que se deu o combate de que o exercito anglo-luso sahiu vencedor em 1808, é sempre *Vimiero* para Napier e outros escriptores britannicos que estudaram a Guerra Peninsular.

ENTENDEU bem, capitão, as instrucções que acabo de dar-lhe?

— Entendi, meu general.

— E' serviço da maxima importancia.

— Hei de cumpril-o sem falta,

— Com que certeza o diz!... Deixe-me lembrar-lhe que tem havido occasiões em que as instrucções dadas para certos serviços não se observaram á risca.

Ao ouvir estas palavras, carreguei a barretina com força para a cabeça e aprumei-me todo... Meço seis pés de altura.

Pois aturava-se que o capitão Jack Netherton fosse tratado como um galucho?... Teria perdido a memoria o general?... Esquecera-se, ao que parecia, das minhas proezas no Bussaco e da minha bella façanha de Rio Maior, no dia em que Junot foi ferido. Já se vê que sim! Com a espada na mão, poucos se medem commigo, e quanto á cabeça, se é capaz de esquentar-se no meio de uma refrega, sabe manter-se fria para raciocinar convenientemente quando o perigo ameaça a vaier. Graças a qualquer d'estes dotes, tenho conseguido livrar-me de situações onde muita gente boa deixaria a pelle.

Vae então disse ao general:

— Esses a quem V. Ex.ª allude eram certamente uns lorpas.

— Aprecio-lhe a valentia, capitão, mas em todo o caso...

Calou-se, remexeu, contrafeito, n'uns papeis que tinha ao pé de si, e disse afinal:

— Digo-lhe só isto: se conseguir levar ao marechal Beresford essa communicação, Montbrun e a sua cavallaria ficam exactamente como uma noz entre as duas peças de um quebra-nozes.

— Considere a coisa como já feita.

— Execute pontualmente o que lhe ordenei. Monte a cavallo e marche para o logar onde está Beresford,

— Em linha recta, meu general.

— Leve todo o seu esquadrão.

— Basta a metade. O general está fraco de cavallaria.

— Diz bem. Leve só meio esquadrão. Teem-me mandado esquadrões, quando lhes peço regimentos. Vae mal acompanhado, mas já lhe disse que tenho toda a confiança na sua valentia.

Inclinei-me, ponderando:

— Sem querer gabar-me, entendo que a primeira obrigação de um official de cavallaria ligeira é a de ser valente, e preso-me de cumpril-a.

— Dou-lhe o Barreiros como guia.

— Como o general entender, mas, se me permitte uma observação, direi que tenho n'esse homem diminuta confiança.

— Porquê? perguntou o general olhando-me de fito.

— E' que perdi para elle, ao *écarté*, obra de sete soberanos, e eu sou mestre no *écarté!* *Ergo*, o Barreiros trapaceia; *ergo*, não merece confiança,

— Ora adeus! redarguiu o general, de mau modo. Leve-o como guia.

Fiz continencia e retirei-me.

— Vens animado como um gallo brigão, disse-me o Charlie Ainslie, do 43, com quem me encontrei á sahida, O general convidou-te para jantar?

— Fez mais ainda. Deu-me uma ordem para trez dias de rações,

Effectivameute eu estava alegre e á vontade, embora me tivesse contendido com os nervos aquella insistencia do general em impôr-me o guia portuguez, o que me parecia uma teimosia absurda, Apesar de ter respondido á minha razão com aquelle desattencioso. «Ora adeus!», devo confessar que o general era um excellente soldado, posto que. em Aranago, houvesse mandado atacar em linha, quando, na minha opinião, se deveria accommetter o inimigo em esquadrões cerrados.

Marchei d'ali a uma hora á frente do meio esquadrão,

Estava um tempo lindo, O sol ia alto no céo limpo de nuvens, onde perpassava a brisa afrouxando o calor. Ao meu lado cavalgava o Barreiros, secco de carnes, alcachinado, a cara imitante a caveira forrada de pergaminho. Aproveitavam-n'o de vez em quando para guia das nossas expedições de somenos importancia contra o exercito de Massena, que, forçado a abandonar a posição de Santarem, se dirigia para a fronteira luso-hespanhola, em busca dos reforços pedidos a Napoleão e sem os quaes não poderia atacar as linhas de Torres Vedras. Não era só o general que tinha n'aquelle homem a confiança qua eu estava longe de quinhoar, se bem que não ignorasse que elle conhecia a palmos a provincia da Beira, que iamos atravessando.

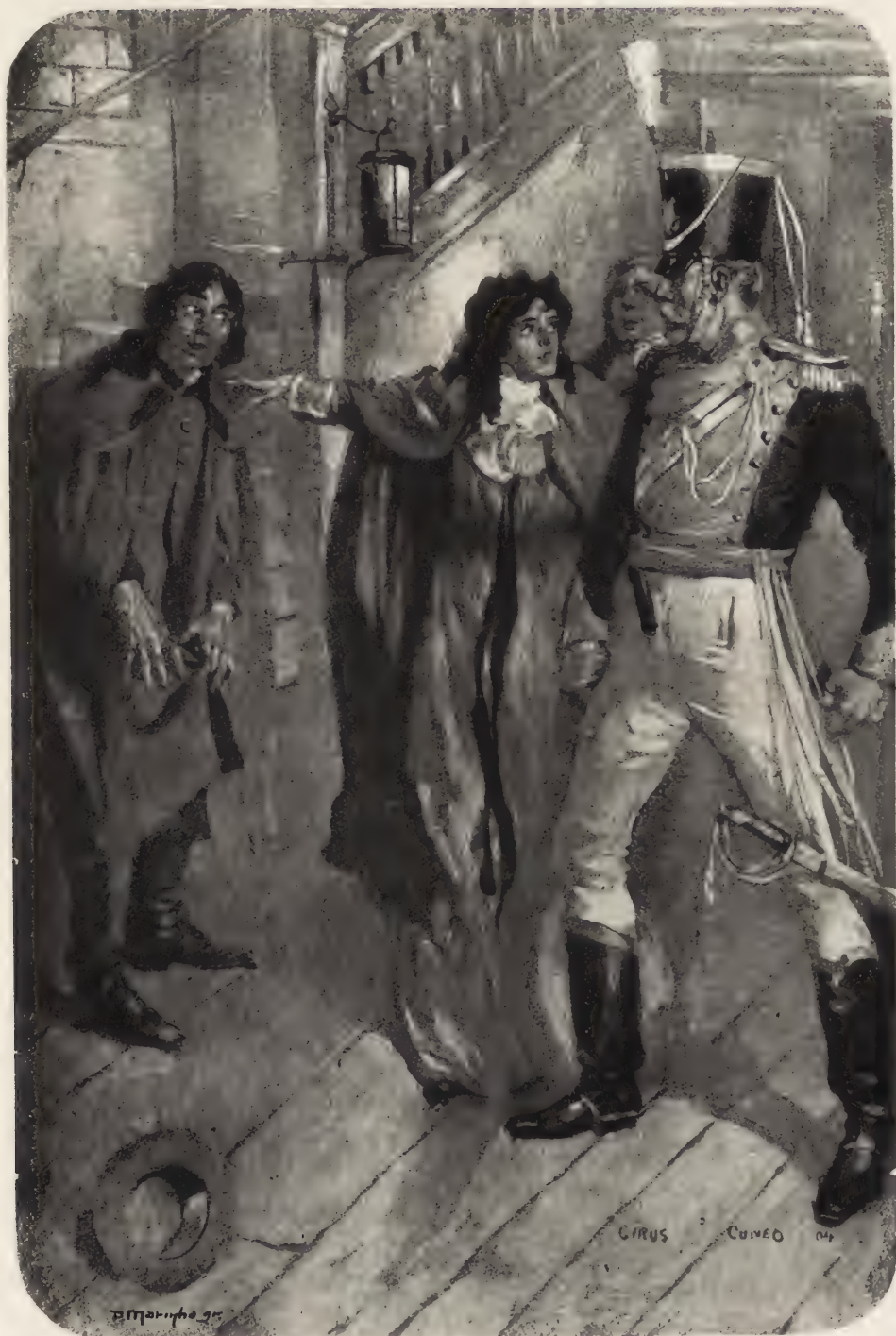
Eu não levava commigo nenhuma communicação escripta, porque a expedição era perigosa, achando-se ainda infestada por varias partidas de cavallaria franceza, ao mando de Montbrun, a região que deveriamos percorer para communicar com Beresford, que, depois do recentissimo combate da Foz de Arouce, dado em 15 de março, recebera ordem de Wellington para se approximar de Badajoz, a fim de se oppor a Mortier,

Na previsão d'aquelle perigo, — não me restava duvida, a tal respeito — é que o general me escolhera, conhecendo que para a expedição era necessario um official de coragem e fertil em expedientes.

Na pasta que me pendia do cinturão, levava eu um mappa grosseiro, onde estavam marcadas as posições dos franzezes. Era este o unico documento que eu devia entregar a Beresford. Tinha tambem que explicar-lhe certos pormenores do plano de Wellington. Estavamos occupando uma posição de alguma importancia, d'onde era possivel tornear o flanco esquerdo do marechal Ney, collocando os francezes em situação critica. Não podiamos, porém, evacual-a, porque a cavallaria de Montbrun, tendo voltado de Coimbra, batia com audacia o terreno á nossa direita, e podia causar-nos damno consideravel.

O plano do nosso general era que Beresford, que ainda ia perto, alongasse a frente, mudando de direcção e que avançasse para o nosso lado a fim de obrigar a cavallaria de Montbrun a recuar para a posição que occupavamos, ficando mettida entre dois fogos no valle do Alva, á laia de noz apertada no quebra-nozes, segundo a expressão de que se tinha servido o general.

Marchámos para a frente todo aquelle dia, fazendo um grande rodeio a fim de evitarmos encontrar o inimigo.

Era aspero o terreno, e mais aspero se nos foi antolhando á medida que proseguiamos na marcha trabalhosa e que a noite se ia approximando. Augmentaram-me as suspeitas que o sinistro guia me inspirava. Mandei-o approximar-se. Obedeceu com evidente reluctancia. Já eu tinha notado que em todo o caminho, sempre que me não eram necessarias as suas informações, o portuguez descahia para a retaguarda, e ia collocar-se ao lado do meu primeiro sargento. Evitava-me sem duvida. Tinham portanto fundamento as minhas suspeitas. Não procuraria evitar-me se não estivesse planeando traição. Eu já lhe tinha dado a entender, ao sahirmos do acantonamento, que estava longe de sentir a confiança que n'elle depositava o general. Cheguei até a declarar-lhe que o julgava um maroto, e que lhe metteria uma bala na cabeça apenas desconfiasse de

— É UM TRAIDOR, UM INFAME, UM VILLÃO RUIM!

que elle nos levava por mau caminho. Depois d'isto é que principiou a fugir de mim. E' melhor usar de franqueza com aquella qualidade de tratantes e amedrontal-os antecipadamente, porque assim podem renunciar aos seus intentos, receando as consequencias.

— Barreiros, disse-lhe eu de modo desabrido, venha sempre á minha esquerda. E' melhor assim.

O tratante poz-se branco, enfiado, quando me viu levar a mão á pistola que eu tinha nos coldres.

Nunca vi cara de reu como aquella de faces de pergaminho e olhinhos piscos.

— Juro-lhe, sr. capitão, que o estou guiando pelo melhor caminho, protestou o Barreiros.

— Um caminho de cabras!

— Só por aqui deixaremos de encontrar Montbrun.

— Cá por mim prefiro os logares onde se pode desenvolver a cavallaria. Aqui, estamos encurralados n'um apertado desfiladeiro, por onde mal podemos avançar a quatro de frente. Fica sabendo, patife, que ao primeiro tiro disparado contra nós, responderá logo outro nos teus costados. E eu nunca errei o alvo!

Tremia tanto o homemzinho, que mal se sustinha sobre o cavallo, e resmoneava um rosario de protestos, qual d'elles mais energico. Dizia que era incapaz de toda e qualquer deslealdade, e muito menos contra os libertadores do seu paiz, a quem muito prezava.

— Assim será, respondi eu, mas o que não tem duvida é que a noite está quasi de volta comnosco. Estes logares são improprios quanto possivel para forças de cavallaria e antevejo a necessidade de bivacarmos n'um terreno, onde poderemos ser facilmente cercados, Podes ser, amigo, um homem de bem, todavia as circumstancias em que nos vemos dão margem ás maiores suspeitas.

— Pode crer que não, meu senhor. D'aqui a pouco voltamos á esquerda e topamos com a Varzea, onde podemos bellamente passar a noite, se o sr. capitão assim o entender. E' um logar socegado, de que o exercito do marechal Beresford só pode estar distante meio dia de marcha, ou nem tanto.

Resmunguei não sei que resposta e d'ahi a pouco avistámos effectivamente as casas do logar que Barreiros me tinha annunciado, e a egreja da freguezia.

As minhas apprehensões não desappareceram comtudo, porque o inimigo poderia ali encontrar facil abrigo, d'onde nos infligisse grandes perdas, emquanto avançassemos pelo caminho tortuoso. A povoação, de mais a mais, não estava marcada na carta de que eu ia munido. Via-me forçado a entregar-me inteiramente ao arbitrio do Barreiros, ainda assim entrei na Varzea com todo o arreganho do official experimentado em muitas campanhas, e absolutamente resolvido a vender muito caro a minha vida e a d'aquelles que iam sob o meu commando.

Havia uma pousada ao fundo do largo, onde parei com a minha gente. Accudindo ao meu chamado, o estalajadeiro correu para mim, fazendo mil zumbaias e rapapés. Para lhe tornar ainda mais horrendo o feio carão, um dos olhos mettia-se pelo outro, e para o fazer mil vezes mais antipathico, o homemzinho estava constantemente a dar estalos com os nós dos dedos. Fiquei desesperado quando vi que elle e o Barreiros pareciam ligados pela melhor amizade,

— Tem quartos disponiveis? perguntei de mau modo.

— Ora essa, excellentissimo senhor! respondeu o estalajadeiro. A minha casa é muito insignificante para receber a V. Ex.ª, mas terei muita honra em...

— Você sabe o que é isto? perguntei de repente, cortando-lhe pelo meio o aranzel e apontando-lhe á cara uma pistola.

Envesgou ainda mais o olho torto e respondeu:

— E uma pistola, meu senhor.

— Exactamente, é uma pistola, que nunca falhou e com que metto uma bala no alvo que eu escolher.

Arranjei logar para doze dos meus homens na pousada, e disse ao primeiro sargento que fosse aboletar os restantes pela povoação. Ordenei ao Barreiros que ficasse commigo.

— Não nos podemos separar, meu amiguinho, disse-lhe eu. Palpita-me que a sua companhia me vae ser aqui muito necessaria. Esta expedição parece perigosissima e eu quero que os perigos que passarem por mim, tambem toquem pela porta ao meu caro Barreiros.

— Valha-me Deus, retorquiu este. Creia que é uma injustiça que me faz, julgando-me capaz de uma deslealdade. Pois eu havia de atraiçoar um cavalheiro tão fino e sympathico? O meu amigo Pedro que falle por mim. Vae dizer, certamente, a V. Ex.ª como eu venero e adoro os inglezes.

— Sim! Sim! Tenho a certeza de que elle dará fé de todas as mentiras que você inventar, mas como sou generoso, não o obrigarei a um perjurio. Vamos, amigo, suba adeante. Estão banidas as ceremonias.

Era uma escada já muito corroída pelo caruncho. Quando chegámos ao primeiro patamar, demos de cara com duas portas. A uma d'ellas estava o dono da pousada, saudando-nos com a larga manapola e fazendo-nos zumbaias, qual mandarim que respira traição por todos os poros. Tinhamos chegado ao ultimo degrau quando se ouviu um grito penetrante de mulher, que vinha do segundo quarto, um grito de vehemente supplica.

— Hein! Que é isto? perguntei eu.

O hospedeiro avançou para nós e respondeu com um dos mais atrozes sorrisos que tenho visto:

— É a minha prisioneira, sr. capitão,

— A tua prisioneira! retorqui, cheio de espanto. Por acaso és belligerante, para fazeres prisioneiros?

— Sou portuguez, sr, capitão, e ella é inimiga do meu paiz. Uma espia franceza, nem mais nem menos!... Fechei-a cá em cima, e por isso desatou a gritar... Não gosta de gaiola.

E continuava a sorrir, casquinando uma gargalhadinha de escarneo.

Conhecia-se que realmente não gostava de estar presa, porque fazia lá dentro uma infernal matinada. Socava desesperadamente com as mãos pequeninas a porta, e batia-lhe á doida com os pés, lembrando gallinha furiosa ás bicadas na madeira. Os gritos, porém, não deixavam de ser musicaes e a voz era indubitavelmente juvenil. Pensei no arriscado da minha expedição, e que devia averiguar todas as occorrencias, de que podesse tirar quaesquer informações.

— Quero vel-a, ordenei bruscamente.

O hospedeiro, tendo olhado para a porta com certa perturbação e receio, disse-me:

— É que ella está ali com toda a segurança...

— Quero vel-a, repito. Pode ser que lhe apanhe alguma indicação proveitosa...

— Alguma palavra má, ou alguma bofetada, é o que o sr. capitão deve dizer.

Estas palavras do hospedeiro foram confirmadas por um chuveiro de socos na porta.

— Abre lá! Vamos!

Ainda olhou para mim duvidoso e suspirou, mas resolveu-se finalmente a tirar do bolso fundissimo dos calções uma chave enferrujada. Approximou-se da porta com a pressa de quem vae buscar a morte, resmungando:

— E que ella está como uma bicha fera... peor que um cão damnado.

— Abre, já disse!

Chegou-se mais e já tinha quasi introduzido a chave na fechadura, quando se repetiram as pancadas furiosas na porta e de novo retiniram os gritos.

— Sr. capitão, disse o hospedeiro offerecendo-me a chave, não tenho o direito de ir adeante de V. Ex.ª

Metti a chave na fechadura, dei-lhe volta e a porta abriu-se para o meu lado, visto que, por capricho do constructor, para o patamar é que ella girava.

São sempre impressionaveis os homens valentes. Só tenho medo de uns olhos azues, que tambem podem ser castanhos ou pretos. Conheço a minha fraqueza, mas... apresente-se o primeiro homem impressionavel que haja evitado a probabilidade de uma derrota.

Aberta a porta, vi deante de mim o mais encantador dos quadros. Uma gentil e graciosa figurinha de mulher agitava-se n'um phrenesi de paixão. Despediam lampejos coruscantes dois grandes olhos azues, o rubor do desespero afogueava duas faces ovaes, duas mãos brancas e pequeninas enclavinhavam-se com furia, e uma verdadeira tempestade de ira fazia-lhe arfar convulsivamente o lindo seio. Como acabo de dizer, sou impressionavel. Entendam-n'o como quizerem, mas é este o meu fraco. De mais a mais, ha quem diga que sou tambem um bonito homem. Não quero gabar-me, mas deixem-me dizer que em Bath ha duas raparigas que eram antigamente unha com carne uma com a outra, mas que hoje não se podem ver. Porquê? Diz-se que tudo proveiu de eu ter feito a asneira de offerecer a uma

e outra uma miniatura com o meu retrato. Fico por aqui. Só accrescentarei que tenho visto muitas beldades durante a minha vida, mas que nenhuma se poderia comparar com aquella creaturinha encantadora, que se desentranhava em furiosos protestos, no quarto sombrio e carcomido pelo caruncho da misera estalagem da Varzea.

Estava a bater com tal desespero que, tendo eu aberto a porta de repente, deu sem querer alguns passos em direcção a mim. Teve afinal consciencia do que se passava e encarou commigo. Senti deveras que não desse mais uns dois ou trez passos. Tomou á pressa a respiração e olhou aiternadamente para mim e para o hospedeiro, Os olhos esboçaram um sorriso, que a furto desceu até á boca, desmascarando, por entre os labios entreabertos, duas fiadas de perolas, e cavando, nas faces, duas covinhas deliciosas.

A CABEÇA DA MINHA COMPANHEIRA TOCOU-ME NO HOMBRO DURANTE O EXAME

Fiz-lhe uma vénia.

— Ah! exclamou ella. E' um official inglez?

— O capitão Netherton, dos dragões ligeiros de sua magestade britannica.

— Oh! Que felicidade!... Aquelle sel-

vagem tinha-me fechado aqui... Leva muito tempo a contar...

N'isto soltou um grito de pavor ao dar com os olhos em Barreiros, que a mirava descaradamente e com fingida indifferença.

— Que é? disse eu.

— Aquelle homem veiu com o capitão? perguntou a linda mulher, indicando Barreiros.

— E' o meu guia.

— O seu guia!... Mas então, fique-o sabendo, corre perigo, um grande perigo. E' um traidor, um infame, um villão ruim. Ignora quem elle é? Ignora-o com certeza! Julga-o um portuguez leal? Oh! A boa fé e o cavalheirismo dos officiaes inglezes inhibe-os de pensar mal das outras pessoas. Aquelle homem é um espião! E' um espião de Montbrum!

Lancei um rapido olhar ao portuguez e empunhei a pistola. O Barreiros tinha escancarado a boca ao ouvir a denuncia, e já ia para falar quando viu o meu gesto. Curvou-se rapidamente e pregou-me uma cabeçada, que me apanhou ao meio do cinturão. Quando dei por mim, já o mariola tinha descido a escada e fugido para a porta da rua. Corri para a janella do quarto, e disparei contra elle a pistola, mas, como estava com a mão pouco firme, em consequencia da pancada que tinha levado, vi-o, com desespero, desapparecer ao longe, na rua principal da povoação, allumiado pelos ultimos clarões do crepusculo. Todas as praças do meu commando se tinham apeado, e o gado estava a comer a ração, de modo que se tornava impossivel mandar perseguir o traidor, com probabilidades de o apanharem. Nem era prudente o fazel-o. Chegando ao patamar da escada, vi o hospedeiro, a barafustar nas mãos do cabo Brown, que tinha acudido quando sentiu barulho.

— Este sujeito ia safar-se, disse o cabo, e por isso lhe deitei as unhas.

— Fizeste bem, tornei-lhe eu. Fica preso á minha ordem. Leva-o comtigo.

— Essa mulher é uma espia dos francezes. E' tudo o que ha de peor. Por isso a tinha prendido lá em cima. Tudo o que ella diz é uma corja de mentiras. Eu sim, eu é que sou fiel aos inglezes. O mais fiel que é possivel.

Isto dizia o dono da pousada, emquanto Brown o levava, aos empurrões, da casa para fóra.

Voltei-me para a bonita rapariga. Os olhos brilhavam-lhe de colera, dando-lhe ainda mais formosura. Nem por sombras parecia franceza. Os olhos azues, o cabello castanho claro, a brancura da pelle, tudo era essencialmente inglez. Havia n'ella, porém, umas affectações fugitivas que indicavam, de onde em onde, origem estrangeira. N'uma palavra, desconcertava-me, ao mesmo tempo que me interessava, e, devo confessal-o, attrahia-me.

— Que monstro! Que monstro repugnante! exclamou. Alegra-me, porém, ver aqui o sr. capitão. Não acredita, estou certo, aquellas ridiculas mentiras. Oh! Não imagina o que padeci por causa d'aquelle homem!

Em questões de serviço, muito principalmente em tempo de guerra, é dever de official proceder com a maxima discreção. Embora eu estivesse absolutamente convencido de que eram um acervo de calumnias as accusações que lhe tinham feito os patifes dos dois portuguezes, conheci que tinha por obrigação fazer investigações cautelosas. Primeiro que tudo sou militar, e para o militar não ha nada que possa preterir o dever.

— Minha senhora, disse-lhe eu, se bem que me custe, não tenho remedio senão interrogal-a. Aquelles dois infames assacaram-lhe tremendos aleives, que preciso immediatamente ver desmentidos.

Fitou em mim os olhos, por baixo das pestanas ramalhudas e sorriu-se afinal. Um sorriso amigavel. Retribui-lh'o, deixando que o meu sorriso expressasse tanto a amizade como a admiração. No quarto estavam duas cadeiras, que o hospedeiro trouxera para mim. Tambem havia uma banca e uma garrafa de vinho — vinho do Porto e do melhor. A dama concordou commigo n'esta apreciação.

— Os marotos accusaram-n'a de ser espia dos francezes, comecei eu,

— E' verdade. Se ha invenção mais estupida! Julgarem que ludibriavam o capitão Netherton!

— Oh! Minha senhora!... Pretende lisonjear-me... mas, com effeito, bastar-me-hia a longa experiencia que tenho tido n'esta campanha... em que consegui, modestia á parte, alcançar alguns triumphos...

— Alguns? Innumeros! Como se o seu nome não fosse já celebre em toda a Peninsula!...

— Em toda, será de mais. Oh! Não me enganam com aquella facilidade. Vamos,

ERA UM BOCADO DE PAPEL, FIXO Á CASCA... TIREI-O DE LÁ

porém, á sua historia. Espero que corresponderá á minha sinceridade com sinceridade egual. Conte-me todas as suas culpas.

Suspirou.

— Ai! Capitão! Que bem me faz o tratar com um official inglez, que é ao mesmo tempo um perfeito cavalheiro! A principio, digo-o em verdade, sentia-me um tanto assustada, porque entre os seus camaradas ha alguns... que... ouço dizer... não se parecem com o capitão... Mas agora já estou socegada.

Encantou-me a confidencia, desataviada de todo e qualquer artificio. A linda rapariga tinha a innocencia de uma collegial. Puz a minha mão nas suas, para lhe mostrar que era simples formalidade o interrogatorio a que ia submettel-a, e que não devia ter o minimo receio. Encarou commigo por instantes, sorriu-se e baixou os olhos — gentil tributo que me foi direito ao coração.

— O meu nome é Rosa.

— Muito proprio.

— Rosa Smith. Meu pae era um negociante inglez, estabelecido na Covilhã, e minha mãe era portugueza. Talvez pelas minhas maneiras o sr. capitão me não julgue bem ingleza. Mas pelo coração, affirmo-lhe que sou ingleza á valer.

— E' o principal.

— Minha mãe falleceu pouco depois de me dar á luz... e ha apenas trez semanas que perdi meu pae...

A voz embargou-se-lhe um pouco, e a sua mão pequenina procurou o lenço. Apertei-lhe a outra com silenciosa sympathia.

— Ferido mortalmente pelos francezes, que o suspeitaram de levar noticias aos inglezes, sobreviveu trez dias ao ferimento. Fui eu que o tratei... Ai! O que tenho padecido!...

Apertei-lhe a mão outra vez. Pobre creança! Parecia horrivelmente angustiada. Tenho coração muito sensivel, apesar de, em serviço, me cognominarem «o leão».

— Esta manhã fugi de Arganil.

— Esta manhã! exclamei eu, estremecendo. De Arganil?... Sabemos que estava lá hontem o quartel de Montbrun.

Ficou admirada por me ver muito excitado.

— Sim. Estive escondida no meio do arvoredo todo o dia, de sorte que cheguei aqui ha apenas meia hora.

— Mas Arganil dista mais de quatro leguas d'este logar.

— Quatro! Engana-se. Nem uma legua.

— Ora essa! Pois não estamos na povoação da Varzea?

— Estamos.

Levantou-se, dizendo;

— Oh! Que grande traidor é aquelle homem! Barreiros não lhe serviu de guia?

— Serviu, respondi eu.

— Ahi tem tudo explicado. E' espião dos francezes. Conheço-o muito bem, Trouxe-o para a Varzea, quando o capitão precisava approximar-se...

— Do marechal Beresford.

— Porque não consultou o seu mappa? Deve ter certamente um mappa da região onde nos achamos... um esboço, pelo menos... Não está lá marcada a Varzea? Ou quem sabe se foi o Barreiros que fez o esboço e?...

Tirei da pasta o mappa grosseiro que me tinham dado e examinámol-o ambos á luz de uma vella. A cabeça da minha companheira tocou-me no hombro durante o exame. Não lhe chamei a attenção para o facto, de que ella apparentemente se esquecia, tanto assim que não se arredou.

— A Varzea não está aqui marcada. Fiou-se no Barreiros, que sem duvida tinha visto o mappa. Elle então conduziu-o para este logar muito proximo do inimigo, e o capitão, no emtanto, convencia-se de que se approximava de Beresford. Nunca se viu traição egual! E' um plano verdadeiramente diabolico. Não admira! Deixou-se embahir em consequencia do seu caracter britannico, sempre inclinado á boa fé. Oh! Queira Deus não lhe resulte grande mal!

— Porém eu nunca me fiei no patife, e se o general Boxall m'o não tivesse imposto... Acredita n'elle a olhos fechados.

— Ah! Veiu mandado pelo general Boxall? E' portador de instrucções?... Por isso é que está aqui?

— As instrucções que devo transmittir a Beresford não estão escriptas... sei-as de cór. Livram-se de boa os francezes, se eu não conseguir levar a minha missão a bom termo! disse eu tristemente, havendo perdido completamente a esperança, por estar n'uma região que desconhecia, a dois passos do inimigo e sem um guia de confiança.

— Ia fazer com que Beresford marchasse contra elles... obrigando-as a descahir para as forças de Boxall?... Ficavam entre dois fogos...

— Como sabe!?...

Comecei esta pergunta, tamanho era o espanto causado pela promptidão com que a minha interlocutora comprehendera o plano. Logo, porém, a discreção, que nunca me desampara, me aconselhou a não proseguir. E disse com gravidade:

— São importantes segredos, que não posso revelar-lhe, miss Smith.

— Comprehendo-o. Mas não deve desanimar por emquanto. Conheço muito bem estos logares e estou prompta a servir-lhe de guia. Até folgo muito em prestar este serviço á nossa querida Inglaterra.

— Mas...

— Duvida de mim?

— E' dever meu, sinto dizer-lh'o, duvidar de toda a gente, quando se trata de casos semelhantes. De mais a mais fizeram-lhe terriveis accusações...

— E quem as fez? O Barreiros... um infame que se apressou a fugir da minha presença. Acha este procedimento proprio de um homem leal? E tambem o hospedeiro me accusou. Porquê? Tinha-me fechado aqui, receoso de que eu podesse dar ao general Boxall, ao seu general, sr. capitão, noticias a respeito dos francezes. Uma pequena força inimiga está bivacando perto d'aqui. Se me quer acompanhar, mostrar-lhe-hei, d'uma altura proxima, os fogos do bivaque, e deixará de duvidar de mim. Desgosta-me profundamente... a sua falta de confiança.

Tudo isto me parecia sincero, verdadeiro. O portuguez tinha fugido effectivamente. Hesitei durante alguns instantes. Succedeu-me levantar os olhos e vi-a. Contemplava-me com uma triste expressão de censura. Envergonhei-me das minhas excessivas cautellas. Decidi-me e fui ao patamar da escada, d'onde chamei com força:

— Cabo! O' cabo!

Appareceu logo o Brown.

— Vá dizer ao primeiro sargento que dê ordem para o destacamento se formar quanto antes. Continuamos a marchar d'aqui a bocado. Cuidado em não deixarem fugir o dono da estalagem. Percebe?

— Sim, meu capitão.

Rodou sobre os calcanhares e desappareceu.

N'isto senti os passos de alguem correndo a bom correr e vislumbrei o vulto de um homem baixo e gordo, que fugia deante do Brown com espantosa celeridade. O cabo ia-

lhe no encalço em direcção á porta, que de repente se lhe fechou na cara.

Quando chegou á rua já não lobrigou o fugitivo, e d'ahi a pouco tornou para dentro de orelha murcha.

Emquanto se formava o destacamento, acompanhei miss Smith até um cómoro pouco superior ao planalto onde assenta a povoação. Estava uma noite linda, e no ar adejava tépida aragem. Já lhes disse que tenho o condão de ser muito impressionavel e que ella era uma formosa... uma formosissima creatura. Ora, nas pugnas do amor, eu já contava tantas façanhas como nas da guerra, e miss Smith, de mais a mais, tambem era bastante impressionavel. O certo é que para chegarmos ao alto do tal cómoro, levámos muito mais tempo do que o exigido pela distancia. Não posso negar de modo nenhum este pormenor. Mas alguns minutos a mais não tinham, para o caso, grande importancia.

Do alto da rampa avistei, a cerca de duas milhas, os fogos d'um bivaque. Atravez do ar sereno da noite percebi uns sons, como de tropa que se prepara para uma marcha nocturna. Voltámos para traz muito mais velozmente de que tinhamos avançado.

Dentro de poucos minutos proseguimos a jornada, com toda a pressa de que eramos capazes. Rosa Smith montava um cavallo que pediu emprestado na estalagem, e não se tirava do meu lado, servindo-me de guia. Marchámos toda aquella noite, com a maior velocidade, porque á partida sentimos perfeitamente a bulha feita por um esquadrão, que nos vinha perseguindo. Quando rompeu a manhã, iamos trepando uma ladeira, em direcção a um bosque: d'aquella vantajosa posição descortinavamos muito campo, até á distancia de umas sete milhas, e não fomos capazes de lobrigar nenhum corpo de tropas. Tinhamo-nos distanciado muito do inimigo.

Vendo o estado em que já vinham os cavallos, resolvi estacionar no bosque, e fui, acompanhado pelo Brown, escolher local mais conveniente.

Ao cabo de cinco minutos descobrimos uma clareira que servia para o caso, e voltei para traz. Fui dar com Rosa Smith a escrever n'um bocado de papel.

— Algum soneto de amor? perguntei eu.

— Nem mais, nem menos.

— Deixe ver...

— Por ora, ainda não. Depois. Talvez o não ache do seu agrado.

Disse-o com *coquetterie*, porém eu protestei.

N'isto, o serviço de ir postar as vedetas obrigou-me a afastar-me do bivaque, onde tudo era sussurro, com a faina de se desapparelharem os cavallos.

Colloquei as vedetas e voltei para o bivaque, a fim de dormir uma hora ou duas.

Fui ainda dizer uma palavra ao primeiro sargento e ver que tal ficava o meu cavallo praça. Só então me lembrei da minha formosa guia. Não estava no bivaque. Perguntei por ella pressurosamente. O cabo tinha-a visto dirigir-se para o caminho, d'onde nos tinhamos afastado para entrar no bosque. Corri n'esta direcção, com o coração invadido por um vago presentimento.

Deu-me na vista uma coisa branca, posta no tronco de uma arvore. Era um bocado de papel, fixo á casca por meio da lamina de um canivete. Tinha estas linhas:

«Meu caro capião Netherton.

Agradeço-lhe muito a amabilidade de me haver escoltado com a força do seu commando. Já não preciso do seu favor. Afinal o guia tinha razão... A Varzea não é perto de Arganil, mas fica muito proximo d'aqui. Tenho bastante receio de que o capitão levasse toda a noite a afastar-se dos seus. Aquelle bivaque de que hontem vimos os fogos era da guarda avançada das tropas do marechal Beresford. Palpita-me que o seu plano não dará bom resultado, porque espero prevenir dentro em pouco o general Montbrun. Vou fazer-lhe, querido capitão, uma confidencia: minha mãe era ingleza, porém meu pae era francez. A elle é que eu saio. Mil vezes obrigada pelos cuidados que se dignou dispensar-me. *Adieu!*

Blanche Brétigny.»

Resmungando uma praga, fiz o papel em mil pedaços, e caminhei ao encontro do esquadrão de hussares, que nos tinha dado caça toda a noite.

(Traduzido livremente do inglez por Maximiliano de Azevedo.)

WALTER E. GROGAN.

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II — O PAIZ

COIMBRA

(Continuação)

Os primeiros edificios conventuaes e escolasticos pertencem ao estylo preponderando em tempos de D. João III. O collegio dos Jesuitas, na cidade baixa, datando de 1540, acha-se quasi em estado de ruina, inclusivé o proprio pateo. Este, filia-se ao mesmo systêma que presidiu á construcção do pateo de Penha Longa. Resta apenas o delicioso portico abrindo sobre a rua; trabalho assemelhando-se ao da Sé velha, e ainda com resaibos de hespanhola a sua concepção. E' um amplo arco de volta inteira sobre esbeltos columnélos, inscrevendo uma segunda e larga faixa, cuja archivolta ostenta a mais primorosa ornamentação. Duas columnas mais grossas, flanqueando-a, aguentam a flexuosa architrave, com o seu primoroso friso de folhagem, coroada por um attico de esbeltas pilastras e arcadas profusamente insculpidas e emoldurando três nichos contendo estatuas e, dos lados, uns seguintes ornamentaes.

O conjuncto d'este portico é de um mimo encantador.

A ampla rua da Sophia, na cidade baixa, cortando para o norte, partindo da praça em que existe a egreja de Santa Cruz, e na qual se encontra o alludido collegio, é uma via larga e imponente, ladeada, a uma e outra banda, por uma fiada dos mencionados collegios e conventos dos seculos XVI e XVII. Entre estes é importante o collegio do Carmo, fundado em 1542 pelo arcebispo D. Frei Balthazar Limpo. Data da mesma época o formoso pateo, tão parecido ao do collegio dos jesuitas, differenceando-se apenas pelo facto de ser duplo o numero de columnélos do primeiro pavimento, disposição produzindo aliás effeito mais rico e delicado. A egreja, edificada em 1597, é lindissima interiormente, ao passo que a fachada apresenta uma architectura isenta de pretenções; duas torres quadradas, ladeando um corpo á feição de cupula, com um attico singélo, inferiormente, sem pormenores architectonicos de sufficiente caracter, constituem um bom conjuncto. Internamente apresenta uma só nave, com duas capellas rectangulares e mais duas em semicirculo, as quaes são sensivelmente mais altas, e

funccionam como nave transversal, em relação ao côro quadrangular.

Este edificio, estreitamente aparentado com a egreja de S. Bento, aliás pertencendo a uma época posterior, é um primor de mimo architectonico. Abobadas de pedra, almofadadas, abrangem totalmente o recinto; singélas na nave central, mais ricas no côro e nas capellas.

São um encanto estas ultimas, assimilhando-se ás de S. Bento, tenuemente dourada a pedra branca.

Os motivos architectonicos, aqui como além, emolduram apenas as capellas; o lanço superior das paredes e as janellas são vestidos de azulejos. A formosa tribuna, do lado do poente, descansa sobre uma rica abobada de almofadas, aguentada por duas columnas doricas, lisas.

PATEO DO COLLEGIO DOS JESUITAS

E' sumptuoso o altar, preenchendo de todo a parede, da banda do nascente, de madeira, repartido em dois lanços sobrepostos por meio de doze columnas duplices, com seis nichos para estatuas, alternando com quatro paineis a oleo, de grandes dimensões, e todo elle dourado, produz notabilissimo effeito.

Jaz muito proximo o collegio da Graça; é muito semelhante á anterior a egreja, apenas com três capellas rectangulares, por banda, para o lado do poente, uma tribuna sobre abobada de berço e côro rectangular.

A decoração é quasi que identica; o sumptuoso altar da parede oriental dis-

posto como os da anteriormente citada. A fachada apresenta uma empêna lisa sobre pilastras, com portico e janella alta e um motivo architectonico, incluindo quatro figuras de desenho um tanto frôxo.

DO PORTAL DO COLLEGIO DOS JESUITAS

Mais para diante, na mesma rua, deparam-se-nos os restos de uma grande e sumptuosa egreja, da qual existe apenas o lanço oriental. Se veiu jamais a ser concluida, ou se haverá desabado em parte, não o pude eu deslindar. A primeira hipothese afigura-se-me porém ser a mais plausivel. Os três nichos rectangulares bastante fundos do côro conservam ainda as abobadas; estas, apaineladas, pódem ser incluidas no numero das mais formosas e elegantes que existem no reino.

A nave transversal era protegida por três abobadas de arestas assentes sobre columnas jonicas, ligadas; disposição rara por aqui. A nave, unica, deve de ter apresentado as usuaes capellas, baixas, dos lados. A egreja haverá estado já votada ao culto, certamente, porquanto, quer no transepto quer no côro, restam ainda uns grandes retabulos de pedra, e uma capella. Destas construcções de altar, uma dellas consiste num arco muito amplo, com seis nichos sobrepostos, ostentando imagens e pilastras ornatadas, aguentando as impostas; por coroamento, um frontão mi-partido. A segunda apresenta na parte inferior columnas corinthias, no attico sobrejacente columnas de candelabros e festões, e ao centro, ainda um primoroso alto relevo, representando a Ascenção da Virgem, e apostolos em nichos. Os altares são ambos profusamente dourados.

PLANTA DA EGREJA DO CARMO

O estylo, quer das abobadas quer dos pormenores architectonicos, combina inteiramente com o da sacristia da Sé velha; pertencendo pois á mesma época, supposto o edificio tivesse sido principiado em 1540.

A mais grandiosa estructura d'este genero existente em Coimbra é o novo edificio da cathedral (Sé nova), principiado a construir em 1540. Esta data não se refere ao edificio hoje existente,

SÉ NOVA DE COIMBRA

sem duvida. Este, não será anterior a 1580.

A sua architectura, quer por dentro, quer por fóra, é identica, ou pouco menos, á de Santo Antão, em Lisboa; as proporções d'este ultimo templo, comtudo, são um tanto mais importantes. A propria comparação entre as fachadas o manifesta sobejamente. Apenas a architectura do frontão denuncia uma data mais recente, apresentando muita afinidade com a do collegio novo, do Porto. São menos delicadas as fórmas do que as das egrejas lisbonenses, e, não obstante, a mão que as traçou deve ser a mesma. A circumstancia, aliás já

ABOBADA NA ABSIDE SUL DA EGREJA NOVA DE S. DOMINGOS

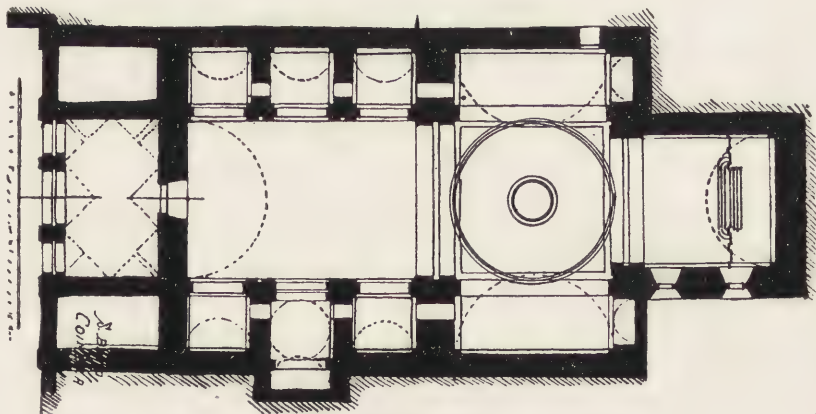
Por cima do arco cruzeiro um tambor com uma cupula baixa, hemispherica, egualmente com caixotões; completa-a um lanternim em cuja abertura inferior, pensamento deveras encantador, se divisa um anjo librandose no ar.

O recinto do côro ostenta ainda uma abobada adornada com riqueza. No lanço occidental, uma tribuna sustentada por duas formosas columnas doricas.

A decoração destas capellas, com altares esculpidos e dourados, cancêllos de optimo lavor, delicados e austeros, por partes, já barrôcos, aqui e acolá, conserva-se ainda, felizmente.

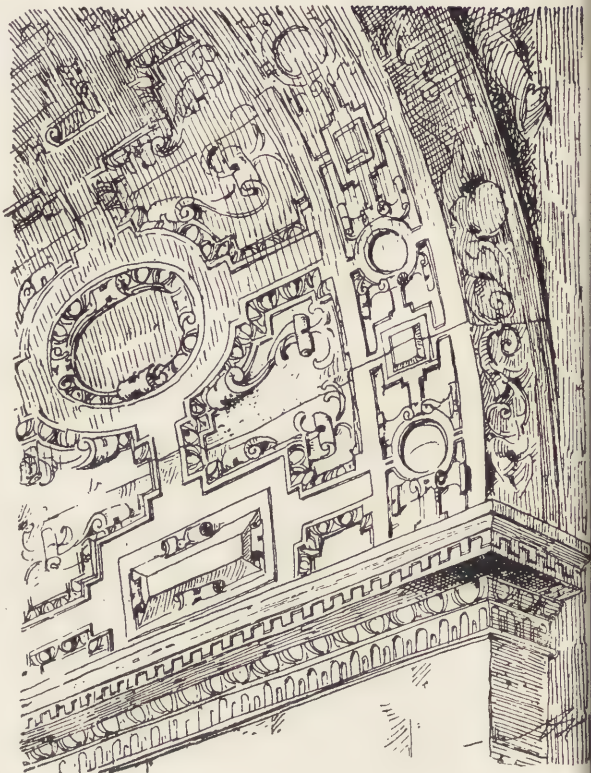
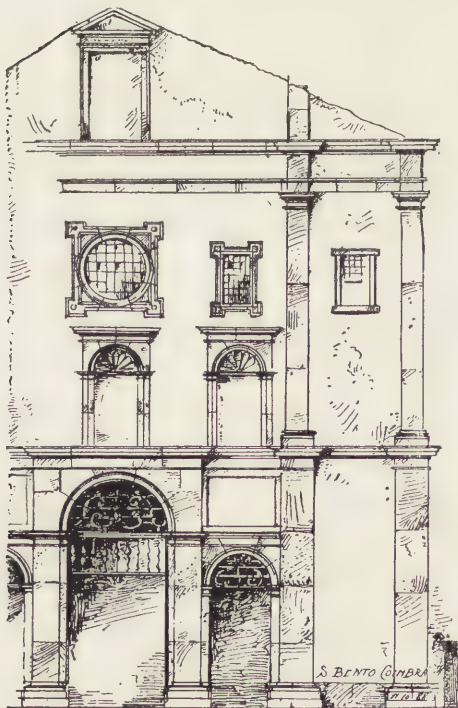
E não obstante, a egreja, no todo, constitue ainda um recinto de aspecto formoso e aprazivel, inclinando-se, no que respeita as proporções, ao estylo

citada, de existirem numa bibliotheca desta cidade os respectivos projectos traçados por Turiano, o successor de Terzi, leva-me a inferir, que o primeiro haverá empregado aqui os elementos artisticos experimentados além.

A planta patenteia-nos aqui quatro capellas lateraes, divididas por pilastras doricas, duplicadas como em S. Vicente de Fóra (Lisboa); por cima da cornija uma abobada, bella quanto simples, de berço e caixotões.

PLANTA DA EGREJA DE S. BENTO

commum ás egrejas italo-jesuiticas, o que succede com quasi todas, faltando-lhe aliás esse attico tão feio quanto frequente a encimar a architrave da nave central.

No mosteiro de S. Bento, situado num cómoro, para além da Universidade, vasto e pesado edificio com aspecto de caserna e uma egreja annexa, vamos encontrar a obra capital dos Alvares. São indigitados como autôres da planta os dois irmãos, e bem assim Diogo Marques. E sem embargo, o legitimo autôr quer do projecto quer da sua realização devemos suppôr que haja sido Balthazar Alvares, que, por esse tempo, construiu tambem o mosteiro de S. Bento, em Lisboa.

A egreja, na qual se concen-

ABOBADA DE BERÇO NO CRUZEIRO DE S. BENTO

FACHADA DE S. BENTO

trará exclusivamente a nossa attenção, e que corresponde ao estylo a que pertencem tanto a do Carmo como a da Graça, é mais importante, comtudo, no que diz respeito ás proporções. Foi consagrada em 1634, ao passo que o convento se achava edificado em 1555 por iniciativa do reitor da Universidade, D. Diogo de Murça.

A' fachada, formosa, posto que austera e singela, fallece-lhe o coroamento, sendo provavel haver ostentado duas torrinhas. São finas e desafogdaas as suas formas. A planta é no genero da planta da nova Sé, com a differença de que as capellas lateraes são n'este caso mais baixas e mais acanhadas.

E' um primor de architectura a nave, séria e digna quanto possivel. Cobrem totalmente o recinto abobadas de caixotões, ostentando singular riqueza e formosura as da nave transversal e da abs-

de quadrangular do côro. A cupula semi-circular, de caixotões e com lanternim, ergue-se prependicular ao cruzeiro, como a da cathedral. Nas capellas vêem-se restos de pinturas a fresco.

Campando ainda mais sobranceiro, no pincaro da montanha, para além da Universidade, encontra-se o convento das Carmelitas, ou de Sant'Anna. E' fundação do cardeal Ayres da Silva (reitor em 1564) e foi concluido pelo cardeal D. Affonso de Castello Branco. Jazem aqui sepultados, quer um quer outro.

A egreja patenteia ainda outro typo genuinamente portuguez; um recinto rectangular muito comprido e com abobada semi-circular; é repartido ao meio por uma parede com uma abertura gradeada interceptando o côro das freiras do espaço reservado a profanos. Esta ultima parte ostenta uma rica abobada; existe aqui tambem o tão singelo mausoleu do cardeal da Silva, sustentado por quatro leões e adornado com o brazão de armas respectivo. A decoração de um e outro recinto é representada por opulenta obra de talha, de época posterior. Ao norte, na face virada para a rua, do tão singelo edificio, pela banda de dentro, vêem-se dois portaes luxuosos com columnas embebidas e empêna brazonada; annexos dois claustros muito modestos com arcarias sobre columnas doricas; nelles se encontram abundantes capellinhas, nas paredes, e a cuja entrada enquadram uns lindos motivos architectonicos da Renascença, admirando-se ainda uma fonte, pinturesca.

Na mesma região deve ter existido aliás mais um convento ou collegiada, o da ordem de Christo, o qual, muito similhante ao de S. Bento, seria ainda muito mais rico e importante, derruiu, comtudo, desde um certo numero de annos.

NAVE DE S. BENTO

(Continua).

TIFLIS

Vinte dias na Russia

(IMPRESSÕES DE UMA PRIMEIRA VIAGEM)

POR Z. CONSIGLIERI PEDROSO

CAPITULO VIII

KOLTSOVO

Surpreza inesperada. — O cantor dos slavos, — A imiénie do maestro Slaviansky — A familia Agrénev — A hospitalidade russa — «Dobro pojalovat... Do svidania» — Mudança de nome e mudança de fato — Uma semana no coração da Russia — As canções populares portuguêsas á beira do Volga.

Se foi para mim noticia, com que estava longe de contar, a da popularidade do maestro Agrénev em Tver, assumio as proporções de verdadeira surpreza, completamente inesperada, o que me aguardava á entrada de Koltsóvo. Dizer que excedeu a minha espectativa, não posso affirmal-o, porque é certo que nunca pensei encontrar cousa semelhante. Foi ao principio um sentimento, aliás bem justificado, de incredulidade. Depois, quando em presença da realidade que se me impunha, as minhas duvidas tiveram que ceder, o que eu senti foi admiração, quasi pasmo. Pois que? tudo aquillo que diante de mim eu via, um parque magnifico de bellas e frondosas arvores; uma habitação de apparencia senhorial com a sua bandeira lá no alto a fluctuar ao vento; terras a perder de vista, fechadas ao longe pelo massiço verde-escuro de uma imponente floresta; uma aldeia inteira de *mujiks* com as suas *izbás* alinhadas dos dois lados do caminho; um lago rodeado de espesso arvoredo, em cujas aguas tranquillas cardumes de peixes descreviam curvas caprichosas e animadas; dois ou tres *drochks* atrelados de soberbos cavallos de raça; e umas

telégas trazendo pachorrentamente do campo os productos da lavoira; e creados, caçadores, guardas, um intendente, *tudo isso* pertencia ao maestro, que eu vira no Colyseo, contractado a tanto por noite pelo nosso conhecido Santos?.... Deve confessar-se que nestas condições nada mais legitimo do que a duvida. E no entretanto era assim. *Tudo aquillo* que eu estava contemplando, e *muito mais*, que n'aquella occasião não podia vêr, conforme o vim a conhecer mais tarde, pertencia a Dmitri Slaviansky em pessoa, o mesmo que tantas vezes no circo da rua Nova da Palma e no theatro D. Amelia o publico da nossa capital teve ensejo de applaudir. Era verdade.... mas não era menos certo que semelhante contraste, tão fóra dos habitos portuguezes, direi mesmo occidentaes, me intrigava devéras.

KIEW

Em Lisboa, com effeito, não estavamos acostumados, nem nas companhias theatraes extrangeiras que nos visitam, nem nos seus respectivos directores a vêr mais do que uns aventureiros mercenarios, illustres ou mediocres conforme o merito, a quem o publico paga para que o divirtam, de patria incerta, de moralidade quasi sempre duvidosa, que applaudimos se sabem da sua arte, a quem se póde offerecer em noite de beneficio uma joia ou um ramo como prenda, mas com os quaes só excepcionalmente alguem se lembraria de travar mais intimas e demoradas relações. Constitue essa gente um mundo á parte, errante e sem physiognomia propria, de caracter cosmopolita, melhor talvez desnacionalisado. No theatro e no circo, campo dos seus unicos triumphos, cifra-se toda a area da sua influencia. O bilhete de visita á chegada e á despedida das cidades, por onde passam, é o reclamo pago á linha nos jornaes ou o cartaz multicolor nas esquinas. Emquanto teem voz, agilidade de musculos, ou facilidade de dicção; emquanto sobretudo a mocidade lhes presta os seus ephemeros encantos, lá vão divertindo as multidões, colhendo as faceis palmas das ovações de uma noite. Depois, quando com os annos o poder de seducção, que era o se-

gredo das suas victorias, lhes foge, vem o abandono e a pouco trecho o esquecimento, porque o palco não é asylo nem panthéon mesmo para as mais consagradas glorias.... E desapparecem sem deixar vestigio, e morrem sem legar saudades, sem se saber bem nem onde nem quando. Ouve-se um dia dizer que cessáram de existir. Eis tudo. Nem ao menos pódem servir-lhes de necrologio os applausos recebidos em vida, porque esses de ha muito que cairam no olvido entre as acclamações aos novos, que o emprezario contractou!

E esta pouco mais ou menos a noção, que entre nós se tem das companhias e dos actores extrangeiros, que em cada estação vêem aqui explorar a nossa bolsa e não raro perverter o nosso gosto artistico com exhibições de fancaria, que os respectivos paizes apenas lhes toleram... para exportação.

Por isso, não obstante as differenças profundas que logo á primeira vista no seu valor intrinseco e na sua apresentação se notavam, eu continuava a olhar a companhia russa, nossa hospeda no ultimo inverno, e o seu illustre director, como essencialmente identicos no fundo a tudo quanto no genero tinha apparecido entre nós. Pessoalmente mais estimaveis, não ha duvida, artisticamente mais completos, sem contestação. Mas.... cantores extrangeiros, e como taes pertencentes a uma cathegoria de visitantes julgada já por toda a gente sem apellação.

Este ponto de vista explica bem as minhas duvidas antes de chegar a Koltsóvo, e a minha admiração logo que ali cheguei.

Eram as ideias occidentaes, que mais uma vez me tinham enganado; e a illusão em que eu caira e que me desnorteava, provinha de estar applicando erradamente a um *meio*, que eu desconhecia, principios que lhe não convinham.

NIJNI — NOVGOROD

Só depois vim a saber a verdade, e comprehendi o que no primeiro momento fôra para mim um enigma.

O maestro Dmitri Agrénev não é um cantor ou um musico, como tantos que nós conhecemos no Occidente.

A companhia artistica, que ha já bastantes annos elle constituiu, não representa uma especulação financeira. Pelo contrario. Grande numero das *tournées* que emprehende

especialmente no seu paiz, em logar de lhe darem qualquer lucro, occasionam-lhe não raro importantes perdas de dinheiro. Era, por exemplo, o que n'aquelle momento lhe estava acontecendo em Nijni-Novgorod, onde elle se encontrava com a sua *capella* muito reforçada em numero e que expressamente reconstituira para ir cantar ás grandes festas, que n'aquella cidade se realisavam para celebrar a inauguração da primeira exposição industrial da Russia inteira. E preciso conhecer o mundo slavo, e as suas aspirações para comprehender a missão do maestro Agrénev, porque é uma missão patriotica a que elle entre os seus desempenha. Fraccionados em diversas soberanias politicas, separados uns dos outros por grupos de população indifferente ou hostil, violentamente incorporados muitos d'elles em estados extrangeiros, é no dominio da arte e da litteratura, é na musica popular que lhes dá vida ás suas poeticas tradicções, que os slavos reconhecem a unidade da origem commum, e que como irmãos fraternisam, emquanto não pódem fazer todos parte da mesma patria, a que aspiram. Assim, o tchéque da Bohemia, o polaco e o rutheno da Galicia, o slovaco da Hungria, o polabio da Prussia, o bosniaco do imperio othomano e o montenegrino, o servio, e o bulgaro, independentes, mas mutilados, todos elles sentem pulsar o coração de enthusiasmo, encher-se-lhes a alma de esperança, quando alguem entôa um d'esses cantos em cujas notas, para elles tão doces, se conserva ainda vaga mas saudosa a recordação do berço ao pé do qual passáram junctos a primeira infancia.

O maestro é o evocador, pela arte, d'este passado querido. D'ahi lhe provem a popularidade, que entre todos os povos slavonicos disfructa. Chamam-lhe *pievétz slaviánskikh,* o «cantor dos slavos», e semelhante epitheto, que elle usa com o orgulho de um rei, depois de o ter transformado no proprio nome (1), representa hoje na Russia e nas nações irmãs um titulo honorifico, synonimo do mais glorioso sacerdocio.

Basta vêl-o a reger o seu orphéon, para se adivinhar logo que não se está em presença de qualquer maestro vulgar. Aquella cabeça esculptural e magestosa, que parece arrancada ao busto de alguma divindade da velha Grecia pagã; aquelle sorriso meio velado, mystico, quasi carinhoso, que lhe espalha na physiognomia sympathica o tom doce de uma bondade de apostolo; aquelle olhar meigo e scismador perdido no espaço, como que á procura de um ideal intangivel; aquella solemnidade, iamos a dizer hieratica, que lhe dá mais a apparencia de um levita a presidir ás cerimonias de algum culto desconhecido do que de um regente a dirigir simples musicos e cantores; tudo isto concorre para accentuar a gravidade do mistér, que Dmitri Slaviansky elevou á altura de missão patriotica e nacional.

Dada, pois, a importancia de tão interessante personalidade, não era para admirar o que eu tinha visto.

Não só a familia Agrénev, pelo seu chefe, tem na Russia artistica notavel situação, mas ainda a origem, que é das mais nobres, lhe realça esta posição já de si tão importante. Com effeito, o maestro Slaviansky, descende em linha recta dos principes de Tver, e em Koltsóvo tive eu occasião de examinar a arvore genealogica, que, reverentemente guardada no archivo da familia, comprova esta historica ascendencia.

Era pois verdade, que estava n'uma habitação senhorial russa e que a minha bôa estrella me conduzira a uma *imiénie* authentica, com o seu sabor patriarchal ainda intacto e onde á vontade eu podia encontrar a toda a hora verdadeiros *mujiks* de carne e osso, exactamente como se estivesse assistindo á realisação de um d'esses contos do grande caçador litterato (1) que por tanto tempo olhei apenas como productos da sua phantasia imaginosa, mas que ia vêr agora em toda a palpitante verdade. A *imiénie* de Dmitri Slaviansky constava, como todas as propriedades d'este genero, de vastas terras de lavoura, de florestas, a *Málaia Tepiáevka* (pequena T.) e a *bolcháia Tepiáevka* (grande T.) e de prados, com a competente casa de habitação e seus annexos, além da aldeia de Koltsóvo n'ella encravada, que lhe pertencera com os respectivos habitantes emquanto durára o regimen da servidão, e que hoje ainda após a abolição legal d'esse regimen, e embora livre de

(1) O apellido do maestro é Agrénev; Slaviansky, quer apenas dizer «dos slavos».

(1) Turguénev.

IALTA (CRIMEA)

direito lhe não está de facto menos sujeita.

A habitação é um espaçoso palacio, composto de rez do chão, primeiro andar e uma especie de *belvedere* ou mirante a dominar o edificio, o *observatorio* como lá lhe chamam, de cujo alto se descobre soberbo panorama de campos, de bosques, de *derévnias* (1) ao longo da linha d'agoa do Volga, e das cupolas indecisas das egrejas de Tver; mais proximo, atravessando a propriedade, vê-se o caminho de ferro que vae de Moscou a S. Petersburgo, onde umas poucas de vezes ao dia correm silenciosamente os comboyos, ora meio occultos pelos massiços do arvoredo, ora emergindo nas *poliánkas* (2) frescas e ridentes, sobre cujos tapetes de verdura, vistos a distancia, parecem enormes reptis a deslisar.

Um formoso parque das mais bellas essencias da região rodêa toda a casa, cuja ala esquerda termina em fórma de terrasso, sobre o qual as *lipas* (1) gigantes e as prateadas *beriósas* (2), fazem um encantador caramanchão de folhagem. No interior a habitação é de enormes proporções. Vê-se bem, que quem a construiu já contava com os numerosos visitantes, que tinha de hospedar. O rez do chão, o que poderemos chamar as aguas-furtadas, e uma parte do andar nobre são occupados por quartos de dormir. E' n'este andar que se encontra tambem a sala de jantar, a sala de visitas e o salão de musica para as reuniões quotidianas, a bibliotheca e o gabinete de Dmitri Slaviansky, sanctuario quasi archeologico, onde se conservam piedosamente as recordações da vida artistica e guerreira do maestro, (porque elle tambem foi soldado, e pertenceu ao exercito da Crimea,) retractos, bustos, corôas, diplomas, condecorações, joias, quadros, albuns, musicas, sabres, carabinas, uniformes,

(1) Aldeias.
(2) Clareiras.

(1) Tilias.
(2) Bétulas.

vasto arsenal de gloria, onde cada objecto evoca a lembrança de um triumpho a favor da grande causa do slavismo, servida indistinctamente mas com egual enthusiasmo pelo cantor nos dominios serenos da arte e pelo militar nos sangrentos campos de batalha. Completavam a parte edificada da *imiénie* as habitações da creadagem, as cavallariças, e o *sarai*. — arrecadação de madeira

o tempo que lhe sobra dos seus estudos; finalmente Elena Sómova e Olga Savitzkaia, as filhas de Dmitri Slaviansky, que eu ainda não conhecia, casadas com dois officiaes do exercito, de guarnição um em S. Petersburgo e o outro em Moscou. Aproveitando a estação calmosa tinham vindo passar uma temporada ao campo, fazendo ao mesmo tempo companhia á irmã solteira, a qual ficára só

IALTA — OUTRO ASPECTO

para combustivel e de certos productos da lavoura.

Quando chegámos a Koltsóvo apenas encontrámos da familia da casa Jorge Dmitrievitch, o filho mais velho do maestro, que actualmente seguia em Moscou o curso de engenharia; o pequeno Kirúcha seu irmão mais novo, extraordinariamente crescido desde que pela ultima vez o vira; Inna Dmitriévna, a encantadora menina de que Lisboa conserva tão grata recordação, mas que parece renunciou á carreira artistica para se dedicar aos cuidados domesticos, pelos quaes reparte

durante a ausencia dos paes, que havia mais de um mez estavam dando concertos em Nijni-Novgorod. Juntamente com elles achava-se Margarida Dmitriévna, a nossa conhecida e adoravel Rita, que por telegrammas successivos não cessava de nos pedir, que fossemos visitar a exposição, e que para nos vêr resolveu-se a emprehender sósinha a viagem d'aquella cidade a Koltsóvo, quando perdeu a esperança de que nós lá fossemos.

O resto dos habitantes da *imiénie* compunha-se em primeiro logar dos hospedes

occasionaes, que n'esse momento ali se encontravam: — André Petrovitch Domojirov, official do 15.º regimento de dragões Alexandriisky, bello typo meridional, trigueiro e de olhos pretos como qualquer andaluz, descendente, segundo me contáram, de uma nobilissima familia tatara do Caucauso; e Arsenio Alexandrovitch Biélsky, «Arsa» como familiarmente todos lhe chamavam, o mais sympathico e singelo rapaz, que póde imaginar-se, estudante de medicina na universidade de Moscou, e que depois veio a ser com Jorge Dmitrievitch o meu inseparavel companheiro para todas as excursões, caçadas, pescas e simples passeios, não só emquanto estive em Koltsóvo, mas mesmo mais tarde em Moscou, onde me accompanhou.

Depois dos hospedes, propriamente ditos, havia ainda em Koltsóvo os familiares e os criados. D'estes ultimos não esquecerei nunca dois, porque com elles mais de perto convivi: Dácha, fresca e risonha rapariga, sempre alegre e pimpante, grande dansadôra do *trepák* (1), e não menor enthusiasta pelos descantes, ao domingo á tarde na aldeia. Victor, guarda das florestas com o titulo honorifico de caçador da casa, perfeita encarnação do *mujik* infantil e despreocupado, de uns 60 annos pelo menos, mas sessenta annos rijos e desembaraçados, incansavel perseguidor de lebres, e tagarellador impagavel, sobretudo para mim, que não me fartava de ouvir, descriptas na mais pittoresca das lingoagens, as suas mil aventuras cynegeticas.

Os familiares eram dois: miss Amy, perceptora ingleza, que, apesar de viver ha mais de doze annos na Russia, fallava um moscovita que, pelas indagações a que cuidadosamente procedi, era muito inferior ao meu (com que desvanecimento aqui deixo esta orgulhosa confissão!) e o professor Nicolau Grigorievitch Malychév, que merece que a seu respeito digamos algumas palavras, pois, mais do que um simples individuo, representa o typo muito conhecido na Russia, que Turguènev immortalisou n'uma das suas melhores composições (1).

Não se recorda o leitor d'aquelle personagem representado por Novelli na comedia *Il*

(1) Dansa russa.

(1) *Nakhliebnik* (comedia em dois actos).

IALTA — OUTRO ASPECTO

ne altrui, o pobre Vassili Semenovitch Kufkin, gentilhomem caido em decadencia e rigado a viver nos seus ultimos dias, como mmensal por caridade, na çasa onde a um mpo recebe a esmóla do sustento, o *pão heio*, e as vaias e os insultos que tão amar- lhe tornam esse pão?

Pois estamos em presença de um caso seelhante, salvo já se vê o procedimento dos nos da casa, que em Koltsóvo timbra em r de uma delicadeza tão primorosa para m o beneficiado, quanto repugnante nos aprece o mo- como é trado no theao o desvenrado heroe a comedia.

Nicolau rigorievitch, usico distinissimo, como or mais de ma vez tive ccasião de preciar, veradeiro *virose* na reecca ainda oje, apesar os seus achaues physicos da sua derimida situaão moral, gosou em tempo de relativa inependencia, póde mesmo dizer-se, de uma erta abundancia de meios. Accidentes, poém, da fortuna adversa foram-lhe pouco a ouco diminuindo os haveres, a ponto de erder tudo quanto possuia. Foi então que eve de recorrer á protecção generosa do aestro Agrénev, cuja casa d'ahi por diane lhe ficou patente e onde passou a vier como commensal na condicção honroa de professor de violino do pequeno Kiúcha.

De resto o professor Malychév, o *profesor*, como a gente da casa lhe chamava é sob odos os respeitos digno da amisade, que em Koltsóvo lhe dispensavam. Alegre, condesendente, obsequiador, perfeitamente resignado com a sua sórte, não ha ninguem que não estime na *imiénie* e nas aldeias da viinhança, aonde de vez em quando faz a sua fugida, a provar n'algum *kabăk* (1) mais afamado a ultima remessa de cerveja ou de hydromel.

ORIANDA — CRIMEA
Propriedade do grão duque Constantino

Verdadeiro moscovita *vieux style* conservou sempre o culto exclusivo do nativo idioma, mantendo-se systematicamente renitente ás influencias philologicas occidentaes, tão predominantes em Koltsóvo.

Imagine-se, porisso, o jubilo de Nicolau Grigorievitch, que de mais a mais é um fallador emerito, quando encontrou alguem com quem podésse na lingua unica de que dispunha dar largas á tagarellice, que sempre trazia represada!

Foi, como dizem os hespanhoes, *la mar*!... Uma vez abertos por mim imprudentemente os diques á torrente da sua eloquencia verbosa, aquillo não teve fim! Que longas historias! que narrações estiradas! Não houve pormenor da biographia d'elle, que ao cabo de alguns dias eu não podesse repetir de cór nos mais insignificantes incidentes. De resto, tal exercicio forçado de linguistica applicada teve para mim bastante utilidade, pois me deu proveitosa licção pratica do russo fallado pelo povo nos districtos centraes da região moscovita, o qual embora se não distinga do idioma litterario a ponto de constituir dialecto á parte (a homogeneidade do grande russo (2) é bem conhecida,) como acontece em tantas zonas da Italia e da Allemanha entre as lingoas populares e as suas respectivas fórmas eruditas, possue ainda assim algumas particularidades caracteristi-

(1) Casa onde se vendem bebidas.

(2) *Veliko-rússkii.* Uma das divisões do gruppo russo que se divide em *grande-russo* (o mais importante), *pequeno-russo* e *russo branco*.

cas, que merecem ser estudadas, e sem o conhecimento das quaes não é facil comprehender muitas paginas mesmo dos escriptores modernos, sobretudo dos romancistas da escóla naturalista e realista.

Na descripção summaria, que rapidamente aqui traçámos dos habitantes de Koltsóvo, não incluimos, por n'essa occasião estar ausente da *iménie*, conforme atraz dissemos, a notabilissima figura de Olga Kristoforona, dedicada esposa e companheira inseparavel do maestro Agrénev.

Seria no entretanto mais do que injustiça deixar de prestar, por indisculpavel esquecimento, a devida homenagem a esta mulher extraordinaria, escriptora de grande talento, artista de superior inspiração, coração de ouro, que não é n'ella a prenda de menor valia entre tantas, que lhe exornam a pujante individualidade.

E' necessario ter-se convivido, como eu convivi, na intimidade de semelhante mulher para bem se avaliar a justiça d'estas palavras por mais exageradas, que á primeira vista pareçam. Educada na Allemanha, na Italia e em França, em cujo meio social e artistico o seu espirito tão ricamente dotado se foi pouco a pouco afinando; fallando com perfeição inexcedivel os principaes idiomas occidentaes e conhecendo todas as lingoas slavas; tão versada na historia e na litteratura do seu paiz como na das demais nações da Europa; possuindo vastos conhecimentos scientificos, que chegam a assombrar em pessoa do seu sexo; tendo viajado por todo o

ALOUPKA (CRIMEA)
Terraço da propriedade da condessa Schouvaloff

nosso continente, pela America, e por um grande parte da Asia; Olga Kristoforona indubitavelmente uma das mais bellas encar-nações do genio slavo,—d'este genio que pel maleabilidade da sua estructura, pela mul-tiplicidade das suas aptidões, e pela comple-xidade dos seus aspectos, melhor represent os innumeros cambiantes e os infinitos con-trastes do novissimo cyclo de civilisação, cu-jos inicios principiam vagamente a debuxar-s na linha ainda indecisa do horizonte, que n separa do dia de ámanhã.

. . . .

ALOUPKA — ENTRADA PRINCIPAL

Está descripto o solar da fa-milia Slaviansky e feita a apre-sentação dos seus moradores.

Que direi agora do acolhi-mento que ali fui encontrar?

Eu conhecia ou antes julgav conhecer, por alguma cousa qu a este respeito tinha lido, a hos-pitalidade russa. A realidade, po-rém, excede tudo quanto no ge-nero póde imaginar-se.

Desde que entrei em Koltsóv até que de lá sahi, uma seman depois, quasi perdi a noção, nã só de que me achava em terr extrangeira, mas mesmo de qu

encontrava entre gente extranha. Se é
sivel deparar além das fronteiras com
a patria, e substituir por algum outro
timento o amor dos seus quando d'elles
está longe, confesso que n'esse canto
Russia, perdido em meio das florestas do
verno de Tver, a tantos centos de leguas
meu paiz, durante oito dias, que correram
pidos como horas e que constituirão sem-
uma das mais saudosas recordações da
nha vida, pareceu-me encontrar a imagem
chão natal e o que quer que fosse, que
trazia á lembrança o doce agasalho,
rcado de amizade e carinho, que só se co-
ece no seio da familia.

O ideal da hospitalidade deve ser, com
eito, fazer esquecer ao hospede que a ca-
, que temporariamente habita, não é a sua.
a esse esquecimento tive-o eu e tão com-
eto, que quando chegou o momento da ine-
avel separação, se me affigurava ter de
sentar-me de sitios que, já por assim di-
r, me pertenciam como cousa propria e
de as affeições que ali deixava me esta-
m recommendando amoravelmente um re-
esso rapido.

Porque é impossivel encontrar, mesmo en-
e os que mais perto de nós estão, primo-
s de delicadeza maior, franqueza mais des-
etenciosa, mais captivante e mais sincera
que a que nos cercou em Koltsóvo.

Um pormenor curioso, que logo á minha
egada notei, diz mais eloquentemente o
e é a hospitalidade russa do que todas as
rrações elogiosas, que d'ella possam fa-
r-se.

No alto do portão exterior, logo á entrada
parque, vê-se escrito em grossos caracté-
s a seguinte dupla legenda.

Dobró pojálovat!
Do svidánia!

A primeira metade d'este distico, destinada
ser lida por quem chega á propriedade,
sto achar-se da parte de fóra, quer dizer
– *Sêde bemvindo!*...

A segunda não menos expressiva da parte
dentro, posta ali como o ultimo e saudoso
deus aos que deixam a *imiénie*, significa
xtualmente — *Até á vista!*...

Não está symbolisada n'estas quatro
alavras tão singelas, mas tão intencional-mente escolhidas, toda a fidalguia da hospitalidade russa, que recebe alegremente o hospede como um enviado da boa fortuna, e que só o deixa partir quasi com o compromisso de voltar outra vez?...

E depois accresce ainda a semelhante acolhimento a irresistivel attracção do caracter slavo, de uma meiguice que nos seduz e nos empolga com os mil requintes da sua expansiva sensibilidade. Tenho a certeza, porque d'isso já tive a prova, de que a minha individualidade portugueza resiste vantajosamente, por uma reação de patriotismo sentimental e reflectido, ás influencias extrangeiras, não obstante as minhas predilecções cosmopolitas. Assim, é em paiz extranho que mais identificado me sinto com a terra onde nasci, e onde o sólo, que encerra todas as minhas affeições, mais querido me apparece, mesmo entre os deslumbramentos dos grandes centros da civilisação. Tinha medo, porém, de viver por muito tempo na Russia, n'um meio como Koltsóvo. E pensei isto muitas vezes, lá, quando na intimidade da familia, que me recebera como um dos seus, eu me via submettido ao dôce influxo d'aquella athmosphera carinhosa.

....

Chegado que fui á *imiénie*, troquei o meu fato accidental pelo traje nacional russo, a classica *rubáchka*, que não mais deixei emquanto alli estive. E ao mesmo tempo que assim mudava de fato, mudava-me a gente de Koltsóvo o nome, que foi d'ahi por diante á moda russa tambem. Passei a ser, conforme o uso do paiz, o sr. Zosim Zosimovitch. Minha filha ficou para todos os effeitos chamando-se a menina Beatrissa Zasimovna. O meu amigo Gonçalves Vianna tranformou-se no sr. Aniket Epithanovitch. Era uma completa metamorphose, uma verdadeira transformação. Simplesmente no caso actual não haviam concorrido para a nossa russificação provisoria disposições algumas de *ukázes* comminatorios. A influencia absorvente do *meio* slavo operára com suavidade a mudança, quasi sem dar-mos por isso! E' este o segredo das victorias pacificas mas incessantes da propaganda russa, em toda a parte onde ella se exerce. A's suas conquistas por assimilação, bem mais valiosas que as conquistas pelas armas, não obstante os collosaes exercitos de que dispõe, ninguem re-

siste (1). E' em pleno seculo XIX o processo seguido na antiguidade por Alexandre da Macedonia, e com o mesmo resultado. Então, foi o «hellenismo» o fructo gerado ao contacto da alma grega com a alma oriental n'essas nupcias mysticas entre dois mundos, que o grande capitão promoveu. Hoje, é o «slavismo», o qual, como o genio da civilição moderna n'essas mesmas regiões, reasa-

BORGOM (CAUCASO)
Propriedade do grão-duque Miguel

lisa pelos meios infalliveis da sua attracção amorosa o enlace dos differentes povos, que uns após outros vão successivamente trocando com o seu implacavel seductor, como a mim me aconteceu em Koltsóvo, primeiramente os trajes e depois o nome...

A nossa vida n'essa semana inolvidavel, que no coração da Russia passámos, em tudo de resto se pautou pelos habitos da pequena sociedade, que nos cercava. De madrugada, logo ao romper do dia, levantava-me pa[ra] percorrer os campos, algumas vezes sósinh[o], as mais d'ellas, porém, acompanhado [de] Arsa e de Jorge Dmitrievitch. N'essas e[n]cantadoras excursões, que duravam ordin[a]riamente até ao primeiro almoço, visitav[a]mos as aldeias mais proximas, iamos até [ao] Volga, embrenhavamos-nos pelas floresta[s] ou colhiamos nas moitas as frescas *malina[s]* rosadas como amoras, e as apetitosas *zem[]liánikas*, especie de morangos, que cresce[m] e frutificam mesmo sem cultivo. Quando [o] tempo estava para isso favoravel, o passe[io] matutino convertia-se n'uma pequena partid[a] de caça. Mal raiava a aurora sentia chama[]rem-me á janella do meu quarto, que n[o] rez do chão dava para o parque, janella qu[e] ficou sempre aberta emquanto alli dorm[i]. Era Victor Romanovitch Romanov, o guard[a] das florestas de Koltsóvo, a quem melhor qu[e] a Nemrod caberia o epitheto biblico de «ca[]çador á face do Eterno», porque nunca o [vi] senão armado de ponto em branco para [a]

(1) Não deve esquecer, que isto foi escripto antes das revelações da ultima guerra russo-japoneza a respeito das suppostas forças do exercito moscovita.

constante faina de guerrear toda a casta de animal, em que andava sempre occupado e preocupado, a ponto de ainda hoje eu estar convencido, que elle ficava assim vestido de noite, para mais depressa se achar apercebido e prompto a entrar em operações.

E lá iamos os dois, pelo ar cortante da manhã, no encalço de umas lebres, que nem sempre appareciam, e em busca de umas problematicas gallinholas, que, pela teimosia em se nos não tornarem visiveis, eu hoje considero, depois de refletir sobre o caso, como destituidas de realidade — especie de miragem cynegetica, evocada pela imaginação escandecida do meu companheiro d'estas incruentas expedições.

Não importa! Estas caçadas sem caça achava-as eu deliciosas. Só ouvir os solilo-quios de Victor, ora impetuosos e frementes como maldições do ceo a choverem sobre os pobres mollosos que erravam uma pista, ora maviosos e ternos como arrulhos de ancioso amante animando com palavras de carinho as hesitações e os receios da sua namorada, quer dizer, na hypothese presente, da sua cadella perdigueira, era para mim prazer ineffavel. E depois o gesticular d'elle e o jogo d'aquella physiognomia... Simplesmente admiravel!

Que maleabilidade de expressão, e como no seu rosto impressíonavel se podiam ir seguindo todas as phases da batida, desde a esperança de um bom tiro até á raiva e á desillusão final, quando a peça, já considerada como certa, lhe escapava á pontaria da carabina. Eu vi-o chorar muitas vezes quando o dia lhe corria mal; e vi-lhe em outras occasiões sorrisos verdadeiramente mysticos, claridades celestiaes a illuminarem-lhe as faces ressequidas e amarelladas, quando a monção era boa e promettia farta presa.

Depois do almoço, propriamente dito, de ordinario ahi pela volta da uma hora da tarde, recomeçavam os passeios, mas então com as senhoras. Umas vezes sahiamos em trens, guiados por Olga Savitzkaia e Inna Dmitrievna; outras iamos a pé atravez das florestas e dos campos mais proximos; outras ainda ficavamos na aldeia a conversar com os *mujiks*, aproveitando a occasião para lhes visitar as *izbás* e travar conhecimento com o seu modo de viver.

A parte, porém, mais interessante d'estes bellos dias era incontestavelmente o intervallo que mediava entre o jantar, que se servia á noitinha, e o chá que ia para a mesa cerca das onze horas da noite ou da tarde, se quizerem, attenta a latitude em que nos achavamos.

A essa hora reuniamos-nos todos no grande salão de musica. Cantava-se, tocava-se, dansava-se, jogavam-se jogos de prendas, entre os quaes o nosso conhecido *jogo do anel*, e o *chicote queimado*, recitava-se, conversava-se, lia-se em voz alta. Uma vez por outra o professor Malychév deixava ouvir na rebecca restos da antiga virtuosidade. que em tempos fizera d'elle um dos mais notaveis executantes, ou então Olga Savitzkaia tocava alguma melodiosa canção do paiz.

Mas o que constituia a parte obrigada de cada uma d'estas reuniões encantadoras eram as musicas populares portuguêsas, que Inna Dmitriévna e Margarida haviam aprendido em Lisboa e que todas as noites cantavam ao piano ou accompanhadas pela guitarra, que da nossa cidade tinham levado como recordação. E como as cantavam!...

Deixo á imaginação do leitor reconstituir o que seriam esses serões, passados n'um salão senhorial perdido no centro da Russia, a ouvir entoar melancolicamente a dolente melopeia dos nossos fados, emquanto o luar lá fóra pelos bosques ia prateando os cimos das tilias e das faias, e o Volga, que corria a dois passos, nos en-

DESFILADEIRO DE DARIAL (CAUCASO)

viava como em echo amoroso, a sentida endeixa dos sèus *rybalovs* (1)....

Este descante singular, extranho, mas profundamente original, em que á *balalaika* (2) da Ukrania respondia a *guitarra* portuguêsa, e em que as quadras da *Noite serena* se entrelaçavam no mesmo rythmo plangente com a lettra da *Messiàtz pluviót* (3), repetia-se todas as noites. Na ultima que passámos juntos, assumio o caracter de uma verdadeira serenada de despedida. Lembro-me ainda bem. Já todos nos haviamos retirado aos nossos quartos para terminar os preparativos da viagem do dia seguinte, e ainda lá em cima no salão Inna e Margarida Dmitriévna cantavam baixinho, quasi n'um soluço, esta commovedora quadra do fado de Rey Collaço:

Eu não gósto nem brincando,
De dizer adeus a ninguém!...
Quem parte leva saudades...
Quem fica saudades tem!...

Era Koltsóvo, que no momento da separação, quem sabe se para sempre (1), nos enviava como adeus no silencio d'aquella ultima noite, a nota dolorida da saudosa melodia de Portugal...

(1) Pescadores.

(2) Especie de guitarra de tres cordas.

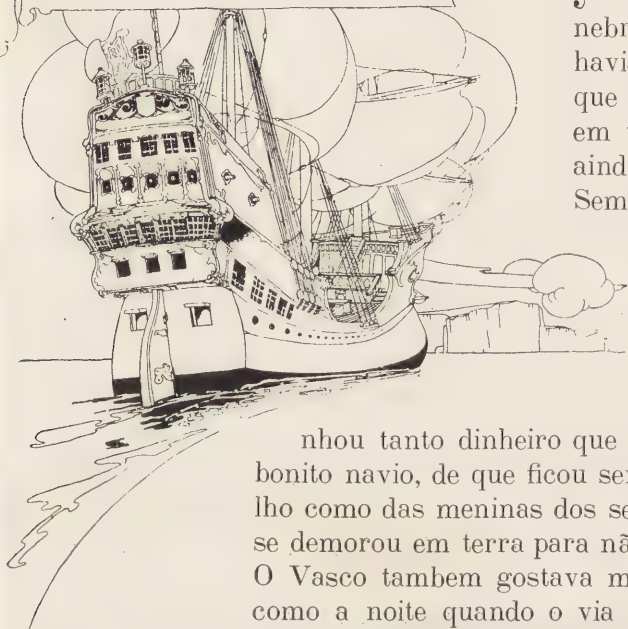
(3) *A lua nada no azul*, titulo de uma conhecida canção russa.

(1) E foi. Algum tempo depois o maestro Agrénev vendeu estas propriedades para ir viver na Crimea.

De modo que mesmo que volte á Russia nunca mais tornarei a Koltsóvo.

Travessuras no Olympo

CENTAURO — *Eu os ensinarei, meninos, a jogar o chinquilho com o meu calçado de ver aos deuses*

Vasco e o Filho dos Rochedos

No tempo em que os nossos avós corriam o Mar Tenebroso para descobrir terras, havia na Figueira um maritimo, que enviuvou quando andava em viagem. Tinha só um filho ainda pequeno chamado Vasco. Sempre que voltava á sua terra, trazia-lhe presentes muito lindos, que punham todos de boca aberta, pois nunca ali se tinha visto coisa egual.

Á força de viajar, ganhou tanto dinheiro que mandou fazer um grande e bonito navio, de que ficou sendo o capitão. Amigo do filho como das meninas dos seus olhos, mais de uma vez se demorou em terra para não se apartar d'elle tão cedo. O Vasco tambem gostava muito do pae, e ficava triste como a noite quando o via partir por cima das aguas do mar.

— Levae-me comvosco! pediu-lhe elle uma vez.

Deixava-o sempre em terra para não o tirar da escola, mas, ouvindo aquelle pedido, disse comsigo mesmo:

— A bordo tambem o Vasco pode aprender muita coisa. Está dito! Faço-o marinheiro.

E levou-o comsigo.

O pequeno tinha então dez annos. Até os quinze, acompanhou o pae em todas as viagens, viu muitas terras, e foi aprendendo a manobra e tudo o que deve saber um homem de mar. A tripulação do navio era de quarenta homens, e todos á uma lhe tinham tanta amizade como o pae.

Não havia rapaz mais alegre nem mais bonito. O mar era o seu elemento. Estava lá tão bem como um patinho dentro da agua. Um dia, andavam no mar alto, o pae do Vasco teve uma doença que o matou em poucos dias. Então o rapaz, depois de chorar muito por elle, tomou o commando do navio, com grande satisfação de todos os marinheiros.

— O nosso capitãosinho, diziam elles uns para os outros, ha de levar-nos a bom porto e salvamento.

É que realmente a bordo as coisas não iam nada bem. Havia já seis mezes que o navio andava debaixo de uma calmaria pôdre, sem que um sopro de vento lhe inchasse as velas, de modo que a agua doce, que levavam para beber, estava quasi exgotada. Mas, como tinham prophetisado os marinheiros, o capitãosinho trouxe comsigo a fortuna, e no dia seguinte de madrugada surgiu pela prôa uma ilha incognita.

— Larga a ancora e arria os escaleres, mandou Vasco. Dentro em pouco teremos boa agua para beber.

Elle mais alguns marinheiros saltaram em terra e logo encontraram uma nascente de agua muito pura, mas, quando já vinham de volta para as embarcações, toparam com um grande monstro, que sahiu de traz de uns rochedos e se encaminhou para elles. Tinha o feitio de um homem, porém o seu corpo, mãos, pés e cabeça eram cobertos de algas marinhas.

— Quem és tu? perguntou-lhe Vasco, afoitamente.

— O Filho dos Rochedos, disse-lhe o monstro. Sois os primeiros homens que aportam a esta ilha. Quereis levar-me comvosco?

— De que podeis servir-nos? tornou Vasco. O nosso navio tem andado ha seis mezes debaixo de calmaria pôdre.

— Leva-me comtigo e verás que não te arrependes, disse o monstro.

Foi assim que o deixaram ir para bordo. O Filho dos Rochedos poz-se á pôpa, tomou folego e despediu o bafo com tanta força que principiou logo a soprar vento norte e encheu as velas do navio, que cortou as ondas todo chibante, no rumo do sul.

— Vales quanto pesas, caro amigo, disse-lhes Vasco. Se comeres bem, ainda melhor soprarás. Desce á camara, para jantar.

— Eu não como nem bebo, respondeu o monstro.

— Então não queres nada pelo serviço que nos estás prestando? perguntou o rapaz.

— Falaremos a esse respeito no fim da viagem, respondeu o monstro.

Quando á noite elle se deitava a dormir todo envolto pelas algas, que se alastravam pela coberta, parecia ter oitocentos ou mil annos; mas de madrugada, ao acordar, ninguem lhe daria mais de vinte. Isto, porém, acontecia emquanto não olhavam para elle, pois, apenas alguem o mirava, rebentavam-lhe outra vez as plantas marinhas e punha-se muito mais velho do que na vespera, como se tivessem desde então passado quarenta ou cincoenta annos.

Durante uma semana o vento norte soprou constantemente. Ao cabo, surdiu-lhes pela prôa outra ilha incognita.

— Sei que todos quereis ser ricos, disse o Filho dos Rochedos e por isso vos trago á ilha das Perolas. Deitae ao mar toda a carga e enchei o navio com essas preciosidades.

Vasco mandou lançar ferro e arrear os escaleres, que se dirigiram logo para a ilha. A praia brilhava á luz do sol como se fosse toda de prata. Estava toda coberta de perolas. Vasco e a marinhagem tinham começado a apanhal-as, eis senão quando ouviram uma grande gritaria. Levantaram os olhos e viram um bando de anões, que avançavam para elles, enfurecidos.

O FILHO DOS ROCHEDOS DISSE-LHE O MONSTRO

Mais feios e mais escuros do que a noite, tinham o corpo coberto de pello e traziam na mão dardos envenenados e uns canudos muito compridos para os atirarem. Antes que o Vasco e os seus marinheiros tratassem de se defender, os anões levaram os canudos á boca e sopraram contra elles uma nuvem de dardos. Felizmente o Filho dos Rochedos estava de atalaya, a bordo. Voltando-se para o mar alto, resfolegou com ancia e fez levantar uma forte ventania por cima da ilha, de modo que os dardos se viraram para traz e foram cahir em cima dos anões. Estes desataram aos gritos e fugiram para uma floresta que havia mais longe da costa. Foi então que o Vasco e os seus companheiros puderam á vontade apanhar perolas. Levaram uma semana a carregar o navio, que ficou abarrotado.

— E agora, disse o rapaz, já podemos voltar para Portugal.

— Primeiro quero que me acompanheis á ilha Encantada, disse o monstro.

Vasco tinha vontade de correr mais aventuras, mas, vendo que os marujos estavam mortos por voltar para suas casas, respondeu ao Filho dos Rochedos que para Portugal é que haviam de ir.

— Pois ide com vento fresco, disse o monstro com ar de escarneo.

O certo é que o navio ficou mais uma semana na ilha das Perolas, n'uma calmaria pôdre. Afinal os marinheiros, conhecendo que não tinham outro remedio senão ir até á ilha Encantada, condescenderam com os desejos do Filho dos Rochedos.

— Ides ficar de boca aberta, disse-lhe este, e virado para o norte, resfolegou fortemente. Levantou-se ventania d'aquelle lado e arrastou o navio para o rumo opposto.

(Conclue no proximo numero.)

Quinto concurso photographico dos SERÕES

O VENDEDOR DE LARANJA

Phot. do sr. Antonio Ferreira de Lemos, Juiz de Fora (Minas-Brazil)

Grandes topicos

O mez dos attentados

O mez de fevereiro foi fertil em attentados contra chefes de Estado. Depois d'aquelle que já assignalámos e que victimou o rei D. Carlos e o principe D. Luiz Filippe, mais dois se registaram, felizmente sem as consequencias do primeiro: um contra o schah da Persia, outro contra o presidente da Argentina.

Quem tenha seguido com attenção a politica persa, cujas principaes phases aqui temos apontado, comprehenderá perfeitamente a tentativa de regicidio de que Teheran foi theatro no dia 25 d'aquelle mez.

Ainda está na memoria de todos, porque é bem recente, o golpe de Estado que Mohamed-Ali pretendeu dar, abolindo a constituição outhorgada por seu pae e exercendo toda a sorte de represalias contra os defensores das ideias modernas. Foi o parlamento que, de resto, toda a gente suppunha uma assembléa de simples delegados do schah, sem a menor autonomia, que frustrou os planos do sucessor de Mousafer-ed Dìne, oppondo-lhe a mais feroz resistencia que porventura tinha sido exercida por parlamentos contra soberanos.

Mohammed-Ali pareceu então submeter-se, mas a breve trecho as suas tendencias reaccionarias voltaram a manifestar-se com maior impeto ainda do que da primeira vez. Desde logo se declarou a guerra aberta entre o parlamento e o povo, de um lado, e o schah e os reaccionarios do outro. O soberano lançou-se n'uma desenfreada campanha de perseguições, em que não foram poupadas sequer as mais altas personalidades, incluindo principes de sangue. Na provincia desfraldou-se a bandeira da revolta.

Lustige Blätter.]

O PREMIO DA PAZ A KIPLING

O caricaturista allemão pergunta ironicamente se foi pelos insultos dirigidos por Kipling á Allemanha que a Noruega lhe concedeu o premio da paz de Nobel.

Do «*Lustige Blätter*»

Estavam as coisas n'este pé, quando, em 25 de fevereiro, ao passar o schah, de automovel, por uma das ruas de Teheran, lhe foi lançada uma bomba. A explosão poupou-o, matando, todavia, numerosas pessoas do seu sequito. Desde então, a Persia está entregue aos horrores da guerra civil.

O attentado contra o presidente da Argentina é, como este, perfeitamente comprehensivel, conquanto de opposta significação.

Ha muito que a grande republica sul-americana era governada por velhas oligarchias reaccionarias que systhematicamente se opunham a toda a sua expansão progressiva. Dirigia-as o general Roca, antigo presidente e verdadeira encarnação do espirito retrogrado do paiz.

Um bello dia assumiu o poder o sr. Figueroa Alcorta, espirito rasgadamente liberal, que se propoz acabar de vez com as oligarchias dominantes, estabelecendo um authentico regimen de liberdade e de progresso. Apoiando-se nos partidos avançados, lançou mãos á obra. Mas a velha politica tinha fortes raizes, a ponto de dispôr da maioria no parlamento. Alcorta não hesitou: dissolveu este e mandou con-

COMO OS EGYPCIOS ENCARAM A POLITICA INTERNACIONAL

JOHN BULL — *Sou senhor absoluto dos Mares e soberano de todas as terras; todos os habitantes do Oriente e do Occidente me estão submettidos.*
JAPÃO *(falando á America) — Santificados sejam os ossos de Washington; se não fosse elle, estarieis ainda a rojar entre esses vis insectos.*
AMERICA — *Aquelle que me deu a liberdade, imploro que faça surgir sob os passos do gigante, por onde quer que elle passe, tantos Washingtons como elle merece, para lhe abaterem o orgulho.*

Do «*Cairo Punch*»

vocar novas eleições. Os reaccionarios iniciaram então uma campanha de odio e de represalias, que terminou pelo attentado. Quando no dia 29 o sr. Alcorta entrava no palacio presidencial, foi-lhe atirada, de um grupo, uma bomba, que não chegou a explodir.

China e Japão

Um grave incidente diplomatico surgiu ultimamente entre os governos chinez e japonez.

No dia 5 de fevereiro o navio japonez *Tatsu Maru*, que transportava armas e munições para Macau, foi aprisionado ao largo d'este porto por quatro canhoneiras chinezas, cuja tripulação, depois de substituir o pavilhão japonez que elle arvorava, pelo chinez, aprehendeu o carregamento de armas e munições, e conduziu o *Tatsu Maru* para o porto de Cantão, onde ficou retido como presa.

A China justificou este acto dizendo que as armas que o navio transportava eram destinadas aos revolucionarios de Kouang-Toung e Kouang-Si, mas o Japão protestou immediatamente contra elle, alegando que o aprisionamento do *Tatsu Maru* se effectuara em aguas portuguezas. N'estes termos, reclamava a entrega do navio e uma indemnisação.

A principio, a China quiz resistir, mas como o Japão é, por emquanto, mais forte do que ella, não teve remedio senão ceder. E o incidente, que muitos já auguravam que viria a ter consequencias tragicas ficou inteiramente liquidado.

A ESQUADRA AMERICANA PARTE PARA O PACIFICO

Do «*Puck*»

Uma carta do Kaiser

O *Times* de 2 de março deu ao mundo a sensacional noticia de que o imperador Guilherme escreveu ultimamente

O INFELIZ ENFERMO

Ainda mal refeita de uma operação, a Allemanha já precisa de segunda. (Referencia aos escandalos de Berlim).

Do «*Nebelspalter*»

a lord Tweedmouth, ministro da marinha da Gran-Bretanha, uma carta na qual se permitia fazer observações ácerca da marinha ingleza. O effeito causado em Inglaterra por esta noticia foi espantoso. Apesar de toda a sua fleugma, os inglezes d'esta vez perderam a cabeça e, quer em reuniões, quer na imprensa, começaram a aggredir violentamente o Kaiser, fazendo-lhe sentir que o acto por elle praticado excedera os limites do toleravel. Para se avaliar da irritação dos animos basta dizer que o proprio

prudentissimo *Times* chegou a reclamar ao governo que retirasse a Guilherme II as honras que tem de almirante da armada britannica.

Como não podia deixar de ser, o governo inglez julgou do seu dever intervir immediatamente na contenda. E fel-o, declarando que a carta em questão fôra efectivamente escripta mas, alem de não conter coisa alguma que pudesse offender os brios da Inglaterra, era um documento particular. O argumento não colheu. A imprensa respondeu a isso que não póde ser particular uma carta escripta por um chefe de Estado ao ministro da marinha de um paiz, ácerca da marinha d'esse paiz, e á hora a que escrevemos a discussão continúa n'esse pé, não se podendo prever, dada a gravidade do caso e a animosidade existente entre as entidades n'elle envolvidas, qual será a sua solução. Seja, porém, qual fôr, o que desde já se póde affirmar é que não é evidentemente por estes processos que o Kaiser consegue dissipar a animadversão que existe entre os dois povos.

UM PRESENTE PARA O CZAREWITCH

O brinquedo é um modelo de Porto-Arthur, e os soldados representam os generaes russos disputando entre si.

Do «*Kladderadatsch*»

MAPA-MUNDI INDICANDO AS REGIÕES DA INFLUENCIA MUSSULMANA

São as marcadas a negro

A integridade da Noruega

Nos jornaes officiaes da França, Inglaterra, Allemanha, Russia e Noruega acaba de ser simultaneamente publicado o tratado concluido entre aquellas cinco nações, e segundo o qual as quatro primeiras reconhecem a integridade territorial da ultima.

O tratado tem trez artigos. Pelo primeiro, a Noruega compromete-se a não ceder, seja a que titulo fôr e a que potencia fôr, qualquer parte do seu territorio. Pelo segundo, as quatro potencias comprometem-se a respeitar a integridade da Noruega, e mesmo a defendel-a, se esta nação assim o pedir. No terceiro artigo, finalmente, fixa-se a duração do tratado, que será de dez annos.

Nasi condemnado

Terminou, finalmente, no dia 24 de fevereiro, o julgamento do antigo ministro italiano Nasi e do seu secretario, Lombardo accusados de concussão.

O Senado, constituido em alto Tribunal de Justiça, que ha mezes os vinha julgando, proferiu n'esse dia o seu *veredictum* absolvendo Lombardo e condemnando Nasi em 11 mezes e 20 dias de prisão e perda dos direitos politicos durante quatro annos. Nasi apelou da sentença.

Os mussulmanos no mundo

Ha actualmente uma grande revivescencia de sentimento pan-islamico, causa de muitos novos e intrincados problemas onde quer que venham a contacto o Oriente e o Occidente. Por todo o mundo os mahometanos seguiram com o maximo interesse a guerra russo-japoneza e seguem com alvoroço o problema turco. Um articulista do *Times* ponderou que era erro suppor que o despertar seja devido a um movimento da parte da Sublime Porta. As causas são mais profundas, e os mahometanos anceiam por affastar a censura de que a sua religião é apenas para raças degeneradas ou conquistadas.

O CZAR E O SHAH
OU O ENCONTRO DE DUAS ALMAS GEMEAS

Do «*New Glühlichter*»

Vida na sciencia e na industria

Um canal trepando aos Alpes

E' um projecto assombroso devido ao engenheiro italiano Caminada, e que mereceu o apoio do famoso engenheiro o senador Columbo, presidente da Polytechnica da Lombardia. Propõe-se a ligar Genova com o lago de Constança e a pôr barcos a fluctuar sobre os Apenninos e os Alpes. Nos espaços comprehendidos entre as represas haverá canaes tubulares inclinados. Existem dois tubos parallelos: a agua desce por ambos, mas atravessa alternadamente cada uma das linhas, de forma que emquanto o barco desce com a agua baixa n'uma secção de uma das linhas, levanta-se outro barco com a agua que se eleva n'uma secção inferior da outra linha. Os canaes tubulares serão construidos de alvenaria cerrada com comportas de ferro. Como a agua deve estar em movimento constante, o canal não gelará facilmente. O desenho que reproduzimos tem principalmente por fim mostrar a connexão entre as reprezas e os tubos. E assim se vae desfazendo a incommunicabilidade dos Alpes, não só pelas linhas ferreas que os atravessam como por este grandioso projecto.

UM CANAL NOS ALPES

A agua do mar como remedio

O Dr. Carles chama a attenção para o facto de que, alem do sal commum, a agua contem grande numero de importantes substancias mineraes, elevando-se o total de materia solida a 3,2 a 3,8 por cento. Algumas d'estas subtancias existem apenas em quantidade infinitesimal, mas no tratamento de uma doença o valor de uma substancia não depende necessariamente da porção. Está provado que varias plantas marinhas possuem a faculdade de extrahir da agua do mar quantidades minimas de compostos de iode, bromio, arsenico, boron, manganez, lithio, fluor, rubidio, cesio, e outros elementos. Não é pois desarrazoado suppôr-se que os animaes superiores possam colher beneficios da assimilação de vestigios, embora minusculos, d'estas substancias activas.

Corrida de automoveis New-York-Paris

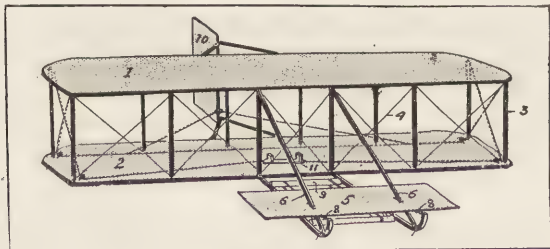
A extraordinaria corrida de 20.000 milhas, entre New York e Paris, começou a 12 de Fevereiro, entre as acclamações de 300.000 espectadores que affluiram ao Broadway, a vasta arteria de New York, para presencear a largada dos concorrentes, os quaes seguiram as primeiras milhas acompanhados por outros 200 automoveis conduzindo os membros do Club Automobilista de New York. Os carros que tomam parte no certamen são os seguintes: um Dion-Bouton, guiado por M. Chaffray; um Motobloe, guiado M. Godard; um Sizaire-Naudin, guiado por M. Pons; um Protos, guiado por alguns officiaes allemães; um Brixia Zust, guiado pelo italiano sr. Scarfoglio; e um Thomas, guiado por Mr. Montague Roberts. O itinerario, como se vê no mappa que extrahimos de uma revista ingleza, é directo atravez da America, de New York a San Francisco, passando por Chicago; de San Francisco até Skagway é feito por mar; em seguida atravessa a peninsula de Alaska até ao estreito de Behring; transposto o estreito interna-se pela Asia Russa, passa por Irkutsk, entra na Europa

ITINERARIO DA CORRIDA DE AUTOMOVEIS NEW YORK-PARIS

até Moscow, e segue finalmente por Berlim a Paris.

Via ferrea no mar

INAUGUROU-SE ha pouco e entrou em exploração o caminho de ferro de Miami na Florida a Key-West. E' uma linha curiosa construida no mar e que constitue hoje a via mais rapida de accesso dos Estados Unidos ás Antilhas. Key-West fica na extremidade de uma comprida enfiada de ilhotas; e a via ferrea que as une tem 250 kilometros de comprido, dos quaes 120 são completamente em viaducto sobre o mar. A photographia que reproduzimos representa um d'esses viaductos ligando entre si duas ilhotas proximas.

VIADUCTO NO CAMINHO DE FERRO DE FLORIDA A KEY WEST

AEROPLANO WRIGHT

Aeroplano Wright

O aeroplano inventado pelos irmãos americanos Wright é sustido no ar pelas reacções que resultam das superficies ou azas delgadas movidas horizontalmente, quasi de gume, pelo ar, n'um pequeno angulo de incidencia, quer pela applicação de força mechanica, quer pela força de gravidade. As azas (1 e 2) são feitas de panno retesado n'uma armação leve de madeira e arame. São ligadas entre si por espeques verticaes (3) e podem flectir-se e torcer-se. O leme horizontal da frente (5) é quasi livre de pressão quando em movimento. Quando a orla posterior se levanta ou se abaixa, o curso da machina faz-se em sentido ascencional ou descensional, conforme a vontade do operador, deitado de bruços sobre a superficie da aza inferior. Tem nas mãos o cylindro que dirige o leme. A cauda ou leme posterior (10) dirige o andamento da machina para a direita ou para a esquerda. Os lemes são movidos por gualdropes. Os quadris do operador pousam no berço movel, e por elles imprime movimento ás azas.

A cura do ciume

O Dr. Mairet, medico de Paris, formulou a extraordinaria theoria de que o ciume é simplesmente uma doença physiologica. Diz que deve ser tratado como outras enfermidades, por concurso da medicina, e que é por este meio susceptivel de cura. Considera que existem trez formas de ciume: 1.º hyperesthenia ciumenta, ou excessiva excitação morbida dos sentimentos com profunda impressão de desassocego; 2.º monomania ciumenta, que tem intimas affinidades com uma doença mental, visto gerar frequentemente no enfermo a ideia de que é victima de uma perseguição; 3.º loucura ciumenta, que é a ultima e aguda phase da hyperesthenia ciumenta, e que deve tratar-se como uma forma de loucura. E' opinião do Dr. Mairet que o tratamento do ciume agudo deve consistir em duches frios, quotidianos e frequentes. Tem reconhecido a efficacia d'este tratamento, produzindo muitas vezes a cura completa, e quasi sempre um grande allivio.

Electromovel de irrigação

ADOPTOU-SE recentemente em Berlim, um carro para rega e para varredura de ruas, com propulsão automovel. A principal vantagem é não levantar poeira, porque o proprio apparelho enxuga e limpa immediatamente. O consumo de agua não passa de 1 litro por cada metro quadrado de superficie. A corrente eletrica é fornecida aos dois motores de 4 cavallos, que actuam sobre as rodas deanteiras, por uma bateria de 40 accumuladores, dando uma differença de potencial de 104 volts. Além do freio electrico, tem o carro um freio manual. Tem menos 3 metros de comprido que os carros de tracção animal. Vira rapidamente, e as rodas são detidas immediatamente pelo freio sem escorregamento nem choque.

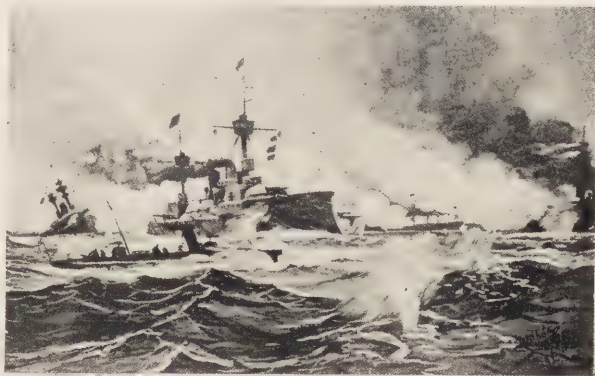
ELECTROMOVEL DE IRRIGAÇÃO

Vida na arte

DOIS TYPOS PORTUGUEZES

Desenhos de Sua Majestade El-Rei D. Carlos

Artistas regios

A fallecida rainha Carola da Saxonia suscitou á ideia de uma venda de bilhetes postaes muito interessantes para auxilio dos enfermos indigentes. Convenceu os seus amigos a que permittissem a reproducção dos seus desenhos originaes, dando um valor extraordinario á collecção, pela categoria dos autores. Contam-se entre elles, além da propria rainha da Saxonia e da princeza Mathilde, el-rei D. Carlos e a rainha D. Amelia de Portugal, o imperador da Allemanha, o principe Eugenio da Suecia, a condessa de Flandres, a archiduqueza José de Austria, a princeza Leopoldo de Hohenzollern, a princeza Waldemar da Dinamarca, a princeza Fedora de Schleswig-Holstein, a princeza de Vendôme. São doze as collecções, consistindo cada uma d'ellas em seis postaes de artistas regios, quasi todos a côres, com um retrato do autor. Cada uma d'ellas custa um shilling. Os lucros serão repartidos, para a cura da tuberculose, pelos paizes que são patria dos artistas, a saber, Inglaterra, Allemanha, Portugal, Dina-

UMA BATALHA NAVAL

Quadro do Imperador da Allemanha

UMA SCENA DE CAVALLARIA

Desenho do Imperador da Allemanha

marca, Suecia e Belgica. Reproduzimos dois bellos trabalhos mandados pelo nosso fallecido monarca e dois dos desenhos originaes do imperador da Allemanha. Os desenhos d'este comprehendem o seguinte: dois projectos para taças de regata; uma scena de cavallaria no Burggraf, Nuremberg, que reproduzimos; uma marinha (batalha naval), pintada em 1895, a qual tambem reproduzimos; projecto para um interior da torre Burggraf, em Nuremberg; outro para a torre da Redempção em Jerusalem.

CAMILLE GROULT

Um opulento legado artistico

Mr. Camille Groult, que falleceu a 14 de janeiro, legou ao Louvre a sua magnifica collecção artistica, avaliada em 800:000 libras. Comprehende das mais bellas obras de Walteau, Fragonard, Reynolds, Gainsborough, Turner e Constable. A casa de Mr. Groult na Avenida Malakoff era tão interessante que Dumas filho, disse uma vez ao colleccionador que não percebia o motivo por que elle sahia d'ella ás vezes. «Eu lhe digo», redarguiu Groult, «é para ter o prazer de entrar outra vez».

As muralhas de Roma

A municipalidade de Roma, com um vandalismo verdadeiramente deploravel, mandou abrir sete grandes brechas nas velhas muralhas do imperador Aureliano, afim de abrir communicação para outras tantas ruas, preterindo os interesses da arte e da archeologia em favor dos interesses egoistas dos proprietarios. Felizmente o clamor universal obviou á continuação de semilhantes actos destruidores. O trecho da muralha damnificada estendia-se desde a Porta Pinciana até á Porta Salaria, e determinava a linha onde no anno de 536 Belisario resistira aos ataques dos godos.

Ouida

A illustre romancista mademoiselle de La Ramée, que tornou tão conhecido o seu pseudonymo de *Ouida,* acaba de fallecer quasi em miseria. Os seus romances, escriptos em inglez e traduzidos em muitas linguas, tiveram em tempos grande voga, sobretudo entre as senhoras. Tinham um certo feitio cosmopolita e ao mesmo tempo aristocratico, um preciosismo de bom tom que lhes dava entrada em todos os salões. O mais notavel é o que tem por titulo *Os dois tamanquinhos,* que foi traduzido em portuguez pelo illustre escriptor Candido de Figueiredo.

OUIDA

UM TRECHO DAS MURALHAS DE ROMA

Decifrações do n.º 33

Logogripho. — *Tropa.*
Enigma. — *Delirio.*
Charada. — *Dyslalia.*

ENIGMA

Á Ex.ma Sr.ª D. Sophia de Ouvinho

O' Sá, diz cá. Não conheces
O commandante Selim?
Elle foi-te apresentado,
Se não me engano, por mim.

Não conheço, amigo Gil;
Que tem elle de famoso?
Inda o perguntas?... Tem *massa*,
Massa muita e é generoso.

Ah! já sei! É generoso,
Não nego, o polichinello,
Mas parece a dar com o páo
Bem bojudo cogumello.

Se o diabo é turco... De turco
Nada quero, Gil amado;
Temo morrer algum dia,
Por tratal-o, envenenado.

Envenenado?!... com quê
Não me dirás, animal?
Eu sei lá; com qualquer cousa...
Talvez co'algum mineral.

Eis aqui está porque o Sá
Nunca se deu co'o Selim.
O Gil teimou, reteimou...
Mas perdeu o seu latim.

VICTORIA — PERNAMBUCO.

CAPITÃO NEMO.

Charada

Rezando ao doce Jesus, — 2
Hão de vêr a cada instante
Com seu vestido de luto, — 1
Pórte airoso, resoluto
Marilia bella, elegante. — 2

Grande desgosto, por certo
Se abriga n'aquelle sêr!...
Será pelo qu'rido espôso?
Ou pelo filho extremôso
Que réza?! Pobre mulher!...

ANGRA DO HEROISMO.

J. N. FONSECA.

Charada

Quem larga o cabo com geito — 2
N'elle deve navegar — 1;
Mas se o puzer com preceito,
Pode o casaco apertar.

Onde pára o meu namorado?

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

SERÕES

M PANORAMA DO RIO DE JANEIRO

LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 35 — MAIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director:** Henrique Lopes de Mendonça — **Administrador:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

DIRECTOR LITTERARIO
H. Lopes de Mendonça

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

Sexto Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Para photographos Amadores

THEMA:

Um grupo, formado á vontade do concorrente, em que sejam representadas a velhice e a infancia, obedecendo a qualquer ideia moral ou philosophica.

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação ficará pertencendo aos «**Serões**».

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Sexto concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costas da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios**, sendo o primeiro de **10$000 réis**; o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES**; o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES**, a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

SEXTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 15 de maio

Titulo da photographia: ....

Local em que foi tirada: ....

Nome e endereço do photographo: ....

....

Declaração — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura: ....

Endereço: Direcção dos SERÕES, 27, Praça dos Restauradores, 27 — **No verso do enveloppe a indicação**: Sexto concurso photographico.

D. MANUEL II

REI DE PORTUGAL

Phot. Coutinho

ENTRADA DO RIO DE JANEIRO

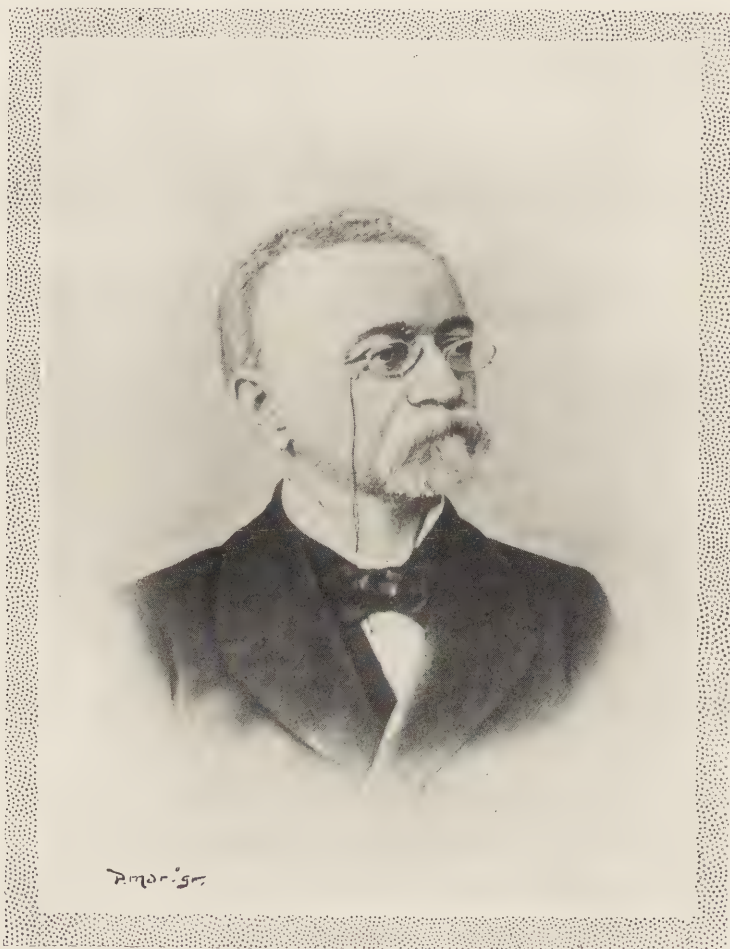
Exposição do Rio de Janeiro

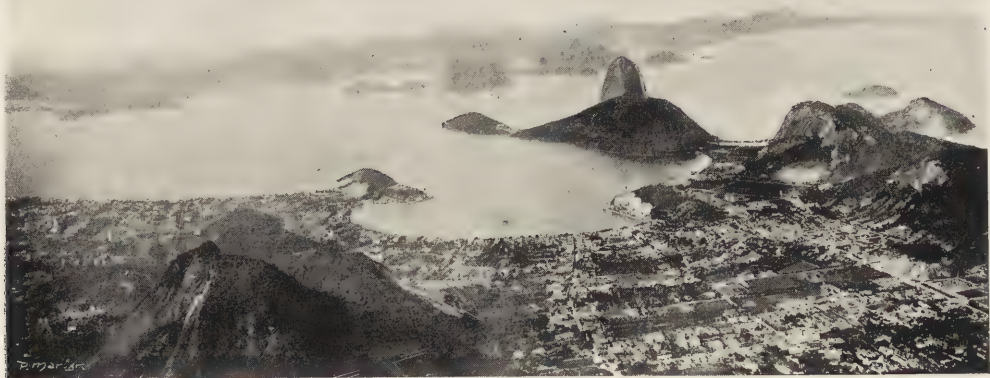
As exposições são as batalhas da paz. Um paiz que expõe realiza sempre uma conquista, tanto mais dominadora, tanto mais proveitosa, quanto mais cuidados, escolhidos, aperfeiçoados, forem os productos expostos. E' uma invasão pacifica, toda de competencia, civilisadora, uma pugna renhida de que só resultam beneficios e affectos para os adversarios. A expansão economica dos povos reclama que o commercio e a industria divulguem, universalisem, os seus processos, e é d'essa implacavel exigencia que nascem os inventos e as invenções; que o espirito humano trabalha incessantemente; que as coisas creadas se aperfeiçoam; que um determinado producto hoje desconhecido é ámanhã do dominio de todos, enriquecendo quem o descobriu e ainda todos os intermediarios por onde passa; que se utilisam objectos desprezados durante seculos, constituindo de subito inexauriveis fontes de prosperidade; que se criam ramos na industria, tão remuneradores e proficuos, que fazem uma revolução completa na economia de um paiz e até ás vezes na do mundo; que a concorrencia, o mais poderoso dos estímulos, se arvora na mais colossal e irresistivel força.

Não são antigos os certamens industriaes e commerciaes. O primeiro, digno d'esse nome, effectuou-se no seculo XVIII, em 1791, em Praga. A França copiou immediatamente esse extraordinario melhoramento, e Paris, no tempo do Directorio, iniciou a serie de concursos que tanto brilho e opulencia outorgaram á populosa metropole. De então para cá as exposições succederam-se ali dentro de periodos muito curtos, sendo a ultima, a de 1900. Além d'estas houve tres em Londres, em 1851, 1862 e em 1874; a de Vienna de Austria, em 1876; a de Philadelphia, em 1876; a de Sydney, em 1870; a de Melbourne, em 1880; a de Amsterdam, em 1883; a de Antuerpia, em 1885; a de Nova Orléans, em 1886; a de Barcelona, de Copenhague e Bruxellas, em 1888; a de Chicago, em 1893; a de Bruxellas, em 1897 e finalmente a de S. Luiz, em 1905. Portugal não podia fugir a este contagio de progresso e civilisação e celebrou a exposição internacional do Porto, em 1865; a da arte ornamental, em 1882; a de ceramica, no Porto,

e a de manufacturas, em Coimbra, em 1883, a agrícola, em Lisboa, em 1884; a colonial, em Angola, em 1885; a internacional de photographia, no Porto, em 1885; as industriaes, de 1888, 1892 e de 1893; a de arte sacra, em 1895; a da imprensa, em 1898 e a da alfaia agrícola, em 1898.

A exposição que a Companhia Fomentadora da Agricultura e Industria promoveu no Rio de Janeiro em 1879, foi felicissima nos seus resultados; a que actualmente se prepara com tanto enthusiasmo e actividade, por amavel convite do governo brazileiro, e com honrosa excepção para Portugal, e que deve ser inaugurada no proximo mez de junho, dispõe de todos os requisitos para ser ainda de maior alcance nos seus effeitos.

A capital do formosissimo Brazil, debruçada sobre essa estonteante visão a que se chama a bahia do Guanabara, é hoje uma das mais bellas e attrahentes cidades do Universo, como será ámanhã um dos mais hygienicos e luxuosos centros de civilisação do Novo Mundo. Quando se entra n'aquelle esplendido ancoradouro, onde a natureza se deliciou a reunir a paizagens verdadeira-

DR. AFFONSO PENNA

Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil

RIO DE JANEIRO — VISTA DO CUME DO CORCOVADO
710 metros de altitude

mente magicas, commodidades e facilidades que a navegação raras vezes encontra n'outros portos, parece que assistimos á phantasia de um scenographo devaneador. Por ante os nossos olhos absolutamente deslumbrados desenrola-se um panorama, que á força de nos extasiar por admiravel e extraordinario, se julga ser artificial. O colorido do immenso quadro, que nenhum pincel, por mais privilegiado que fosse, conseguiria imitar, offusca-nos a vista, fere-nos a retina n'um delirio de tintas, adormenta-nos

PEDRAS DE ICARAHY (RIO DE JANEIRO)

I — VISTA PANORAMICA DO RIO DE JANEIRO, TIRADA DA ILHA DAS COBRAS

o cerebro n'um desvario de milhares de chimericas perfeições, com que a suprema arte do divino Creador quiz dotar aquella abençoada e paradisiaca região.

Desde que se passa para além da praia de Copacabana, que se desdobra como um tapete de fios dourados e esmeraldinos nas faldas das elevações, que a certa distancia se alteiam, como o Corcovado e outros, e que deante de nós, perto ou longe, nitidos ou indecisos, desfilam os pontos mais notaveis da entrada da vastissima enseada, a Ponta do Leme, a ilha da Cotuntuba, o forte da Praia Vermelha, o altivo Pão de Assucar, uma successão inegualavel de sitios lindos, todos os nossos sentidos experimentam como uma embriaguez que afugenta qualquer pensamento triste. Transposta a fortaleza de S. João, a de Santa Cruz, o forte da Lage, a sublime apparição em logar de amortecer ainda se torna mais intensa e caprichosa. Contemplamos então estupefactos o Botafogo, o Monte da Viuva, a praia do Flamengo, Cattete, o Morro da Gloria, a Gloria, a Lapa, o Monte do Castello, a Misericordia, o Arsenal de Guerra, a Ponta do Calabouço, e atravez do labirinto do casario, com os frontaes brancos como flores de laranjeira, com os telhados rubros á guisa de fez mahometano, onde as palmeiras, as arvores de cem matizes, cortam com os seus perfis esguios ou com as suas comas arredondadas, as linhas duramente geometricas, o ambito da cidade, agglomerada como se lhe faltasse o espaço, mas já n'um ou n'outro local, como na grande avenida, desassombrada, rasgando largas arterias por onde o ar corre n'uma lufada energica e vivificadora, que expulsa deante de si os microbios das epidemias teimosas e transmitte á população a saude, o bem estar, a confiança na sua lucta pela vida.

Se olharmos n'outra direcção depara-senos a Ponta de Jurujubá, a do Cavallo, a praia de Icarahy, o forte da Boa Viagem, o Graguatá, Nictheroy e a Armação. A meio caminho, entre as duas orlas da Bahia, emerge da agua azulada e limpida o forte

II — VISTA PANORAMICA DO RIO DE JANEIRO, TIRADA DA ILHA COBRAS

de Villegaignon, além a ilha das Cobras, acolá a das Enchadas e depois a curva magestosa da gigantesca toalha liquida que invade a terra até nove leguas, salpicada de uma alluvião de ilhas e ilhotas, bordada de angras e de abrigos, onde cada rincão offerece um aspecto novo, encantador, inolvidavel.

Já o dissemos. Não é facil encontrar em qualquer outro paiz, mesmo n'aquelles em que ao bom Deus lhe approuve atirar a jorros com os mais brilhantes dos seus benesses, espectaculo de mais grandiosidade e imponencia. Fundeados na bahia, desvairados os olhos com a floresta emmaranhada de mastros, vergas, canos, de navios de vela e a vapor, vindos de toda a parte do mundo, ostentando bandeiras de todas as nações, falando todos os idiomas conhecidos; surprehendidos com a belleza inexcedivel d'essa cintura de eminencias de granito, alfombradas de plantas, que fariam a felicidade de um botanico europeu, e coroadas de fortificações, por cima das quaes tremúla como uma apotheose o pavilhão auriverde; pasmados com o extraordinario movimento que convulsiona o porto, os caes, as margens e que constitue como uma correia sem fim de pequenos vapores, escaleres, barcaças, catraios, entre a alfandega e as embarcações de carga, entre o Rio de Janeiro e Nictheroy, entre todos os pontos de um e de outro lado da bahia e que fórma um inextrincavel labirinto de cascos pintados de todas as côres do arco-iris, de velas de todos os feitios e tamanhos, de tripulações de todas as côres e raças, de trafego de todas as procedencias e especies, isto tudo coberto pelo firmamento mais limpido, diáphano e subtil que a imaginação de um poeta pode sonhar ou a paleta de um pintor conter, sentimo-nos como que empolgados por essa febre de labuta e agita-nos um impeto instinctivo de nos lançarmos de chofre, de cabeça baixa, n'essa vertigem de trabalho.

A cidade inspira-nos a idéa de uma colmeia em plena laboração. Chega até bordo esse zumbido especial, ao mesmo tempo cavo

BAHIA

e alegre de um grande centro no apogeu da vida, manifestando a sua força e a sua energia por milhares de fórmas distinctas e significativas. Agrupam-se lá dentro, como n'uma feira universal, novecentas mil almas vindas de todos os recantos do globo, e, como se fôra a realização da biblica torre de Babel, estrugem os accentos de quantas linguagens os philologos classificam e emparelham e de muitos dialectos cuja existencia ignoram. E todo este enxame humano lida para attingir o mesmo objectivo — enriquecer. A ambição, a legitima ambição, sem a qual o homem é um ser inutil, transforma-se na poderosissima alavanca que, n'um clima que convida ao enerva-

ALAGÔAS

ESCOLA MILITAR, EM BOTAFOGO

É no local d'este edificio que se realisará a exposição

mento, opéra milagres de iniciativa, cria maravilhas de vigor, transforma os novos em gente ponderada, rejuvenesce os velhos, nobilita os peccadores de muitas faltas, nivela aristocratas com plebeus, converte-se no mais efficaz incentivo do progresso e da civilisação.

Representantes de raças secularmente inimigas encontram-se ali auxiliando-se e até estimando-se, esquecendo atrasados preconceitos, arrojando se como um projectil para o futuro, querendo melhorar sempre e deixando após si um rasto perduravel de obras fructuosas e de instituições salutares. Os engenheiros nas suas multiplas especialidades, os agricultores com os seus innumeros

CEARÁ

AMAZONAS

ESPIRITO SANTO

GOYAZ

MARANHÃO

processos de desbravar o chão, o commerciante com os seus vastos meios de se relacionar com todo o orbe, o industrial com o seu pertinaz designio de aproveitar os elementos ainda os mais insignificantes e despreziveis e tornal-os valiosos, n'uma palavra, o obreiro de qualquer ramo de actividade lançou n'aquelle solo uberrimo, onde tudo é grande e fecundo, a semente de uma opulencia e de uma riqueza que os povos europeus desconhecem. A hospitalidade offerecida pelas terras americanas aos povos das outras nações, é bizarra e munificente, como a que um musulmano manifesta no seu aduar, mas essa bizarria e essa munificencia alcançaram o justo premio que mereciam, pois evidenciaram recursos e faculdades que fazem do Brasil o mais rico paiz do mundo.

*
* *

PRAIA DE ICARAHY — NICTHEROY

A colonia portugueza do Brasil talvez exceda a dois milhões de almas. Intelligente, activa, honesta, patriotica, exerce pelo seu trabalho, pela communhão de sentimentos e de interesses que a une, pelos seus ideaes cultos, levantados, uma influencia preponderante no meio em que labora. Esse agrupamento importantissimo de compatriotas é uma das mais pujantes affirmações da nossa nacionalidade. Perante o mundo civilisado robustece o asserto do nosso poder de colonisação, encarna as virtudes civicas e de

MATTO GROSSO

labuta dos nossos primeiros marinheiros e navegadores. E' o continuador pacifico da nossa epopéa da espada e da conquista, e, quando alguem nos acoima insensatamente de não sabermos colonisar, podemos, a sorrir, responder-lhe, que, até hoje, na vida das nações, só ha dois povos eminentemente colonisadores, pois só dois, por ora, foram o germen, a origem de duas grandes potencias: o inglez, constituindo os Estados Unidos da America; nós, formando os Estados Unidos do Brazil. E não se supponha que nos esquecemos da missão historica da Hespanha com toda a sua gloriosa odysséa americana. Nenhum d'esses estados, microscopicos ou vastos, fundados pelos leões de Castella, conservam actualmente os laços fraternaes, manteem caudaes de emigração tão copiosos, como os existentes entre Portugal e o Brazil. Nos outros paizes, a separação das possessões ultramarinas da mãe-patria, consumiu oceanos de sangue e fabulosas sommas; a independencia do Brazil não se maculou com ferozes hecatombes, e continuamos ligados a elle pelo cordão umbilical da nossa colonia.

Da exposição que no momento presente se organisa pode nascer tal somma de vantagens para nós, para os nossos irmãos de além-Atlantico e para o proprio Brasil, que é um dever imposto a todos os portuguezes não só concorrer na medida dos nossos esforços a esse certamen, mas ainda fazel-o com a maxima energia e devoção, empregar todos os meios de propaganda para a realizar em excepcionaes condições, conseguir que parte do vasto palacio, que o governo brasileiro tão cavalheirosamente poz á disposição dos expositores, que a secção que n'elle vae funccionar se converta n'um Portugal em miniatura, onde os visitantes nacionaes e estrangeiros examinem e se certifiquem, pelos objectos expostos, do grau de adeantamento da nossa arte, commercio e industria.

PRAIA VERMELHA — RIO DE JANEIRO

MINAS GERAES

PARÁ

E' de tamanho alcance economico, diplomatico e social este sympathico e interessante concurso, que encarecel-o é absolutamente superfluo. Da boa representação ali dos cinco grupos fundamentaes das nossas industrias muito depende o seu futuro. O nosso labor industrial está muito longe de attingir o desenvolvimento desejado e de se comparar com o de alguns dos mais florescentes paizes da Europa e da America, mas tambem não é tão pobre, nem se encontra tão periclitante, que não mereça o respeito e o convivio dos padrões dos maiores centros productores, nem que não valha pensar n'elle a serio, protegel-o, fomental-o, conceder-lhe os incentivos necessarios para que fructifique e progrida.

Trabalha-se com todo o afan para que se exponham ali bons especimens da industria extractiva, representada pela colheita dos fructos naturaes, frescos, os que possam ser, cristalisados, sêccos, em calda, especialidade em que podemos competir, não importa com que paiz; productos de caça e respectivos artefactos; a pesca nas suas multiplas ramificações, modelos de barcos, redes, apparelhos, exemplares, etc., e não ha perigo que n'este ponto não fiquemos bem representados, pois em todos os certamens anteriores obtivemos classificações das mais honrosas; ferramentas e utensilios para a exploração dos bosques e dos pastos; systemas de pesquizas e aproveitamento de minas, bem como da utilisação das pedreiras. N'estes diversos ramos, se nem tudo encontra um mercado facil e vantajoso, ha utensilios que muito convém serem conhecidos nas terras de Santa Cruz, e que, collocados em vantajosas condições de competencia, alcançarão remuneradora sahida.

A industria agrícola, na sua constante diligencia de augmentar e melhorar a producção vegetal e animal, bastante terá a ganhar com a exposição do Rio de Janeiro. As alfaias e os productos, exhibidos lá, servirão, as primeiras para provar que não estamos tão atrazados n'esse ponto como muitos suppõem, e os segundos, em que ha tantos milhares de coisas aproveitaveis, para abrir mais amplos horisontes á sua acquisição e fomento.

A industria manufactureira, de todas a

AVENIDA BEIRA-MAR — BOTAFOGO

AVENIDA CENTRAL — RIO DE JANEIRO

que mais tem a lucrar com o actual certamen, será copiosamente representada. Vae n'isso o interesse commum. Embora a industria textil não possa hombrear no Brasil, é claro, com os tecidos que saem das fabricas norte-americanas, é bom dar sempre a conhecer os algodões do Porto, de Fafe, de Alcobaça, Thomar e Lisboa; as lans da Covilhan, de Lisboa, da Arentella, Alemquer, Portalegre, Guarda, etc.; os linhos de Guimarães e Torres Novas. Possuimos ainda outras especialidades, que são exclusivamente nossas, e das quaes nos podemos, sem exaggero, ufanar. Estão n'estas condições, para citar ao acaso, as rendas de Peniche, Vianna do Castello, Madeira e outras terras; a ceramica nas suas innumeras manifestações, em que se incluem as louças tão caracteristicas e apreciadas das Caldas da Rainha, que Bordallo Pinheiro immortalisou; as deliciosas e frescas amphoras e moringues de Estremoz; as porcellanas da Vista Alegre; as faianças de Sacavem, Lisboa e Villa Nova de Gaia; os vidros da Marinha Grande, cabo Mondego e Aurora; os preparados de cortiça do Barreiro, Portalegre, Vendas Novas e Silves; a confecção do papel da Abelheira, Prado, Ruães, Alemquer e Louzan; a cutelaria de Guimarães; os metaes fundidos; o que existe de bom e de moderno nas fabricas de moagens; alguns dos nossos systemas de vehiculos mais typicos e commodos; as centenas de qualidades de bolacha, com as quaes podemos competir afoutamente com as suas melhores congeneres do estrangeiro.

OUTRO ASPECTO DA AVENIDA CENTRAL

Não nos esqueceremos de mencionar as industrias do vestuario, onde no córte, senão na fazenda, os nossos alfaiates rivalisam deliberadamente com os de lá de fóra; do calçado, em que os fabricantes nacionaes trabalham com um apuro e um esmero que ninguem excede; de

PARAHYBA

chapelaria em que Lisboa, Porto e Braga são verdadeiramente notaveis, constituindo já hoje a sua exportação uma importante fonte de receita.

Falamos atraz na industria da pesca e das que lhe andam annexas, mas queremos mais uma vez accentuar a importancia principalmente da da sardinha na Povoa de Varzim, Espinho e Setubal; da do atum, no Algarve; da da lagosta, da lampreia, dos salmões e das trutas, no Minho e no Mondego, e do auxilio que ella presta á das conservas alimenticias, nos centros onde significa o principal labor, taes como Porto, Espinho, Lisboa, Setubal, Olhão e Villa Real de Santo Antonio.

De todos estes ramos, que pertencem á grande e pequena industria, muito pode haurir a grande divisão que tem por fim essencial assegurar por meio das trocas e permutas a equitativa e rendosa repartição dos objectos e coisas produzidas, e ainda a

PALACIO MONROE — RIO DE JANEIRO

dos transportes, que se liga e aproveita directamente ás correntes de emigração, ao envio e recepção dos productos, ao barateamento do seu custo

PARANÁ

PIAUHY

PERNAMBUCO

RIO GRANDE DO NORTE

e á valorisação da sua tarefa nos principaes mercados. E' nas exposições d'este genero que as classes, que menos pensam n'isso, reconhecem como todas as industrias formam uma especie de circulo, como intimamente dependem uma das outras, e, como integrando-se, se arvoram n'uma das mais formidaveis alavancas de que uma nação dispõe para ser opulenta, civilisada e feliz.

AQUEDUCTO DA CARIOCA

*

* *

Ainda hoje, conforme nol-o affirmam os documentos officiaes, é a Inglaterra o paiz com o qual mantemos mais numerosas relações commerciaes. Esse estado figura nos algarismos da importação e da exportação, por mais de uma terça parte, e, infelizmente, não é o Brasil o paiz que se lhe segue no valor das transacções, como tanto seria para desejar, e que a todos incumbe, dentro da esphera da sua acção, procurar que succeda. Nações irmans, falando a mesma lingua, com identicos caracteres da raça na quasi totalidade, abrem-se-nos as suas portas com tal espontaneidade e tão affectuosa franqueza, que muito culpados somos de que o nosso commercio ali não seja mais avultado e importante.

Para o commercio, tanto como para a industria, a abertura da proxima exposição do Rio de Janeiro apresenta-se cheia das mais fagueiras promessas. Compete aos expositores em primeiro logar, á seriedade e honestidade das casas que representam, e

depois ao governo transformar essas promessas em realidades. A estrada encontra-se aberta, é necessario que o viandante tome

MONUMENTO DE ALVARES CABRAL

MONUMENTO A D. PEDRO I

MONUMENTO AO VISCONDE DO RIO BRANCO

por ella, a direito, sem se desviar por nenhum atalho. E' essa a principal, a incondicional garantia, para o augmento, duração e extensão do nosso trafego, não só com a colonia portugueza estabelecida na republica, mas ainda com toda a população do Brasil.

As boas contas fazem os bons amigos, diz o rifão, e, n'este particular, é mais que nunca verdadeiro.

Os nossos vinhos vão ser ali opulentamente exhibidos. Todos os typos das nossas regiões vinhateiras lá terão idoneos e esmerados representantes. As terras quentes do Alto Douro com os seus preciosos licores, os bellos e espumosos vinhos da Bairrada e de outros locaes, os generosos e perfumados moscateis de Setubal, todos os especimens da opulentissima faixa do Dão, os palhetes de Collares e os opalinos de Bucellas, os delgados do Algarve e os finissimos verdes do Minho, os productos mais densos de Torres e os nectares da Madeira, sem esquecer os dos Açores, essa longa serie de exemplares viticolas, que collocados n'um mostruario e provados

RIO GRANDE DO SUL

por um œnologo entendido, lhe parecerá ter na sua frente um delegado das mais afamadas zonas estrangeiras, brilharão no Rio de Janeiro como o nosso orgulho e a nossa riqueza.

A media da exportação nacional anda por vinte e nove mil contos. Um terço d'essa quantia é constituida pelos nossos vinhos, quantia susceptivel de se multiplicar desde que os nossos productores, conservando e melhorando os typos mais procurados da sua fazenda, sejam secundados por uma propaganda activa e intelligente. O que se pode realizar n'esse sentido é enorme. A acção do lavrador, insistimos, honrando a sua firma, conjugada com o trabalho do governo que lhe deve abrir mercados novos e ampliar os existentes, será prodigamente remuneradora. A convicção de que precisamos e podemos rivalisar com desassombro com as mais apreciadas marcas francezas, hespanholas e italianas, necessita converter-se n'um dogma em que todos creiam fervorosamente. Em nenhum outro producto o actual certamen fará sentir os seus effeitos e as suas vantagens como no dos vinhos, quando, como é de esperar, os expositores se esmerem por interesse proprio e ufania nacional e commercial a apresentarem o que possuem de mais puro, bem preparado e escolhido.

Em seguida aos vinhos, o commercio das conservas é aquelle que em mais desenvolvida escala se faz com o Brasil. Ainda n'isso o patriotismo da nossa colonia na florescente republica se manifesta tenaz e intransigente. N'este ramo o numero das encommendas pode triplicar rapidamente com o concurso agora effectuado. A industria em si é uma das mais prosperas, effectua-se em numero já avultado de fabricas e occupa um pes-

EDIFICIO DA CAIXA DE AMORTISAÇÃO — RIO DE JANEIRO

soal numeroso. Com um esforço energico e sensatamente orientado é uma especie de negocio de que Portugal pode, por assim dizer, obter o monopolio para o fornecimento dos seus naturaes e ainda das classes mais abastadas oriundas do paiz.

RIO DE JANEIRO

Não nos demoraremos a falar em milhares de objectos de consumo rapido e necessario, a que a exposição ha de rasgar horisontes recuados e proveitosos e que encontram ali um meio proprio a que facilmente se adaptarão, um terreno fecundo onde o germen se reproduzirá com pujança. Nada mais salutar para os nossos interesses de toda a especie que a corrente determinada por esse certamen. Aproveital-a, fi-

SANTA THEREZA

xal-a, engrossal-a, convertel-a em mais um elo da forte cadeia que nos une áquelles nossos irmãos, patenteia o nosso reconhecimento e significa um grande passo, uma racional diligencia para o alargamento do nosso commercio.

A riqueza e as afinidades das sociedades modernas assentam exactamente na troca assidua de productos e serviços. A missão do commerciante é buscar e abrir mercados, valorisar as suas mercadorias, collocal-as em taes condições de competencia que sejam ellas as preferidas. Ao commercio se deve, nas épocas remotas, a diffusão das idéas. Era elle que nas antigas feiras, em demoradas feiras de mezes, concorria para que os diversos povos se encontrassem e trocassem entre si os conhecimentos adquiridos e as impressões recebidas. E' ainda o commercio que nos satisfaz as exigencias materiaes e espirituaes da vida, quer essas exigencias se traduzam n'um commodo e rapido automovel, quer se limite á compra de um sabio tratado de philosophia. E' o commercio quem procura o consumidor, e, como alguem o denominou, o vehiculo da vida do universo. Um illustre economista escreveu: «O commercio está para o organismo social, como o sangue para o organismo animal. Assim como o sangue leva a cada um dos orgãos os elementos reparadores, o commercio distribue as productos onde a existencia da vida se torna necessaria. Eliminar o commercio ou pôr-lhe peias é o

mesmo que supprimir o sangue ou impedir que elle circule livremente.»

A machina a vapor, multiplicando a producção, obriga as nações que querem viver e progredir, a disputarem renhidamente os mercados. E' o que nos succede no Brasil com diversos paizes, que nos fazem ali a mais desesperada concorrencia. E' prudente nunca a esquecer. Ajudados pelo patriotismo e boa vontade dos nossos compatriotas, arrostal-a-hemos com facilidade, mas, e principalmente porque é concorrencia, convém manter-nos n'um pé de egualdade e de emancipação que orgulhando-nos á nós lisonjeie o consumidor.

CONSELHEIRO CAMELLO LAMPREIA
Ex-ministro de Portugal no Brazil

E' principio conhecido que da concorrencia internacional, quando não mantida com vigor por todas as partes, nasce a decadencia mercantil do povo menos energico. A' fraqueza de um corresponde acto contínuo o robustecimento do outro. Se não podemos egualar-nos á Inglaterra e á França em todos os seus productos, sustentemos sempre a primazia e a superioridade n'aquelles em que nos reconhecem condições privilegiadas.

De mais a mais as communicações tendem a accelerar-se e a baratearem. Com a organisação de uma companhia de navegação para o Brasil, as tarifas das cargas hão de diminuir, o commercio encontrará facilidades e protecção que lhe facultará elementos para offerecer a sua fazenda por menores preços, entrará n'um periodo successivamente mais prospero; a sua expansibilidade duplicará e com ella a sua intensidade. Consiste no seu espirito e na sua intelligencia o segredo de, na presente conjunctura, dar um prodigioso salto.

Com as excellentes relações que mantemos com o governo brasileiro não será impossivel á nossa diplomacia obter equitativa indulgencia nas pautas, justificada protecção para alguns productos, liberdades que compensariamos com outras liberdades, incentivos e convites que estimulem a preguiça e a vacillação dos mais receosos e indolentes, reprocidades que mais vinculem os sentimentos fraternaes das duas nações irmans. N'este assumpto momentoso, que tão de perto se acorrenta ao nosso provir economico, não é de mais a cooperação desde o mais humilde até o mais poderoso. Qualquer contingente, por mais insignificante que pareça, é enorme, e n'esta attrahente cruzada, toda de paz e de affectos, recommenda-se pela sua sensatez e proficuas consequencias a ce-

lebre divisa do povo belga — a união faz a força.

Talvez seja opportuno, depois de encerrada a exposição, negociar com o ministerio do Rio de Janeiro a medida tão preconisada por todos que teem estudado a fundo a politica a seguir com a republica, de conceder a esse tão amigo paiz um interposto seu no porto de Lisboa. Asseguram os economistas, entendidos na materia, que essa concessão, sem prejudicar em nada os interesses nacionaes, concorreria immensamente para ainda mais estreitar e acrisolar as gentilissimas e intimas relações que sustentamos e sempre hemos de sustentar com o Brasil. Convém, pois, estudar a monumental questão com a maxima rapidez e tambem com a maxima rapidez submettel-a á sancção do Parlamento. A morosidade, com que quasi sempre se pensa na resolução d'estes problemas, faz com que muitas vezes se lhes perca o ensejo e o proveito.

*
* *

A' actual exposição do Rio de Janeiro, nacional, industrial, pastoril e de artes liberaes, concorre Portugal com uma secção, dividida em tres sub-secções, a saber: agricola, industrial e de Bellas-Artes. Se o illustre lente do Instituto de Agronomia Cincinato da Costa tem trabalhado com o maior empenho, experimentados conhecimentos e tenaz intelligencia para que as duas primeiras sub-secções sejam larga e brilhantemente representadas, não tem sido menor o esforço, a teimosa paciencia, o inquebrantavel patriotismo do talentoso artista Jorge Collaço para organisar a ultima.

E' certo que as senhoras e homens de maior fama na arte do nosso paiz apresentarão algumas das suas obras mais celebres. As primeiras como amadoras, os segundos quasi todos como profissionaes. A arte, essa manifestação do bello, alcançará mais uma vez o triumpho que os seus cultores entre nós sempre quizeram e souberam conquistar.

E' possivel que nos escape o nome de algum amador ou artista, mas que nos seja revelada a falta, que só significa omissão involuntaria e nunca menos deferencia.

BRAZILIO ITIBIRÉ DA CUNHA
Ministro do Brazil em Portugal

O mallogrado rei D. Carlos concorre com a soberba *Paizagem Alemtejana*, um dos seus mais deliciosos pasteis e que ha de obter na formosa cidade do Guanabara o mesmo ruidoso exito que tem conseguido em toda

SANTA CATHARINA

a parte. Das amadoras, que saibamos, apresentam-se as senhoras condessa de Alto Mearim, viscondessa de Sistello e D. Fanny Munró. Dos artistas expõem: José Malhôa, o seu esplendido quadro *Os bebados,* reproduzido nas mais consideradas illustrações artisticas da Europa, uma copia do retrato do infeliz Principe Real que existe nas Necessidades e que é o mais moderno dos seus retratos, e mais sete quadros; Columbano Bordallo Pinheiro, um soberbo retrato de el-rei D. Manuel, de João Rosa e algumas das suas telas de mais nomeada; Carlos Reis, o retrato equestre de el-rei D. Carlos, que tão bella impressão causou; Ernesto Condeixa, o magnifico episodio do Samorim e outros estudos de merecimento; José Ribeiro Junior, o seu ultimo trabalho, cheio de vida, *Os ferreiros;* João Vaz, algumas das suas mais suggestivas marinhas e «panneaux»; José de Brito, Antonio Carneiro, Almeida e Silva, Marques de Oliveira, Raul Maria, Domingos Costa, Teixeira Bastos, Christino da Silva, Torquato Pinheiro, Henrique Pinto e Ribeiro Arthur, ainda não assentaram definitivamente nos trabalhos que hão de enviar; Roque Gameiro, as suas incomparaveis aguarellas; Moura Gyrão, as suas typicas aves; D. Thomaz de Mello, varias das suas finissimas marinhas.

CONDE DE SELIR

O actual ministro de Portugal, interino, no Brazil

Infelizmente, ao que parece, absteem-se de apresentar trabalhos seus, os notaveis pintores Antonio Ramalho, Vellôso Salgado, Souza Pinto e não sabemos se mais algum da sua categoria. E' para lastimar tal abstenção.

A esculptura será representada no certamen por diversas obras do grande Teixeira Lopes; por valiosos especimens de Costa Motta; por um interessante busto de Costa Motta, sobrinho; pela delicada *Hebé* e por um excellente baixo-relevo de Thomaz Costa; por differentes e cuidados estudos de Simões de Almeida, sobrinho

A. Taveira exhibe alguns dos seus mais apreciados retratos a crayon; Battistini e Jorge Collaço concorrem com os seus tão admirados «panneaux»; Constantino Fernandes apresenta um lindo exemplar de arte applicada, um cartaz annunciador de oleo de figados de bacalhau; a acreditada joalheria Leitão e o proficiente cinzelador Cristofannetti entram no concurso com varias producções das suas famosas especialidades.

Figuram tambem no certamen, e muito honrosamente, escolhidissimos trabalhos dos architectos Ventura Terra, F. Carlos Parente, Raul Lino, Teixeira Lopes (irmão), Arthur Rato, Alexandre Soares, Alvaro Machado, Norte Junior, Antonio Couto, Tertuliano de Lacerda Marques, o illustre auctor do projecto da basilica de Nossa Senhora da Conceição, e ainda outros.

Ora se muitas esperanças se fundam na presente exposição para o desenvolvimento do nosso commercio e industrias, não são

S. PAULO

O ministerio brasileiro

R. DAVID MORETZSHON CAMPISTA
Ministro da fazenda

DR. NILO PEÇANHA
Vice-presidente da Republica dos E. U. do Brasil

MARECHAL HERMES DA FONSECA
Ministro da guerra

DR. MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA
Ministro da industria, viação e obras publicas

DR. TAVARES LYRA
Ministro da justiça

CONTRA-ALMIRANTE ALEXANDRE FARIA D'ALENCAR
Ministro da marinha

BARÃO DO RIO BRANCO
Ministro das relações exteriores

Os brasileiros a quem se deve o aformoseamento da capital

DR. PAULO DE FRONTIN

DR. RODRIGUES ALVES
Antigo presidente da Republica

DR. LAURO MULLER

menores as que todos os artistas alimentam com relação ao futuro da arte pura, da arte applicada e dos labores correspondentes. O commercio e a industria provêem mais geralmente ás necessidades de ordem material, a arte ás de ordem espiritual. A intellectualidade da nossa colonia no Brasil, muito vibratil e bem orientada, offerece um poderoso auxiliar, um uberrimo campo, para a expansão da arte portugueza. Não gosa ella, por ora, do desafogo a que tem direito, embora a critica estrangeira, mais benévola e mais investigadora que a nossa, lhe marque, pelas elogiosas referencias com que exalta diversos trabalhos de artistas nacionaes, um alto e invejavel logar.

SERGIPE

O Brasil conta artistas de um enormissimo merecimento, como Carlos Gomes, na musica, como Figueiredo Americo, Parreira, os irmãos Bernardel, na pintura e esculptura, como tantos outros, que não cabe nos limites d'este artigo citar, todavia, e apesar do muito desvelo que ao governo merece o progresso das Bellas-Artes, da constante preoccupação com que desenvolve o ensino publico, da incansavel insistencia com que protege os seus alumnos mais distinctos na frequencia das academias estrangeiras, esses artistas ainda não são em numero sufficiente para acudir ás exigencias e ás encommendas que um paiz novo, opulentissimo, que quer acclimar no seu seio os melhoramentos de maior assombro e de mais requintado luxo do mundo civilisado, tem de fazer.

SANTA LUZIA

Já expuzemos a opinião de que, tendendo as principaes cidades do Brasil, com a sua capital á frente, para uma remodelação completa, transformando-se em metropoles grandiosas, furando largas avenidas, melhorando as suas condições hygienicas, tornando seus os progressos materiaes já experimentados nos grandes centros, regorgitando de vivendas sumptuosas e elegantes, se abre ahi uma promettedora arena para os nossos architectos e outros artistas. O caso é que queiram estudar, pôr em evidencia as suas faculdades creadoras, competir, e para isso não lhes falta nem habilidade nem elementos, com os estrangeiros.

O governo brasileiro, proseguindo com a tenacidade, o intelligente e virtuoso civismo que caracterisa todos os seus estadistas na sua lide de progresso, propõe-se a ampliar o Muzeu Nacional de Bellas-Artes. Offerece-se agora um optimo ensejo aos seus criticos e funccionarios para examinarem os trabalhos da maioria dos artistas portuguezes e de adquirirem as suas obras. Seria um meio de enriquecer as suas galerias, as salas dos seus edificios, os aposentos dos seus palacios e até as moradias dos particulares mais abastados. A confraternisação, debaixo dos mesmos tectos, de trabalhos da arte brasileira e portugueza, seria mais um fortissimo vinculo do parentesco tão chegado que irmana os dois paizes.

Escusado será prophetisar a impressão que essa parte do certamen ha de causar na nossa colonia. De todos os objectos expostos, os que mais lhes hão de falar á intelligencia e á senti-

mentalidade, são esses pedaços de tela ou de marmore, que o talento e o saber de compatriotas seus ahi lhes leva com trechos, episodios, typos, commemorações da terra distante e sempre saudosa. Cada uma d'essas paizagens, d'essas scenas, d'esses retratos são um boccado flagrante e palpitante da vida do seu paiz. A' sombra d'aquellas arvores ahi reproduzidas acolhem-se entes queridos, a navegar pelos rios, a caminhar pelas estradas, no cabeço dos montes, em convivio com essas figuras, sob o olhar d'essas personalidades, agitam-se, movem-se, sentem, folgam, riem ou soffrem pessoas estimadas, parentes de quem todos se lembram com funda saudade. Que incentivo mais vivo é necessario para adquirir um producto que com tanta intensidade e ternura nos fala ao coração?

Seria imperdoavel esquecimento que os *Serões* não saudassem na entidade do seu governo e do funccionalismo que o coadjuva, constituido um e outros por homens de extremo merito e rasgada cultura intellectual, a grande, a generosa patria brazileira, que, n'esta conjuntura como em todas as outras se nivela com as dos povos mais adeantados, accrescendo em seu e nosso favor a immensa estima e carinho que dedica a Portugal, seu irmão mais velho. Os *Serões,* na sua incessante tarefa de registar os acontecimentos notaveis da vida dos dois paizes, exulta em ter que dedicar hoje este artigo tanto á inclita nação, como á honrada colonia ali residente, como aos expositores que no Rio de Janeiro vão lançar mais uma pedra para construir o templo da concordia em que brazileiros e portuguezes se hão de unir na mesma communhão de affectos e de esperanças.

EDUARDO DE NORONHA.

MONUMENTO A JOSÉ D'ALENCAR

A Inquisição

O poeta Serrão de Castro — A perseguição feroz a uma familia

A BOTICA DA RUA DOS ESCUDEIROS — A CULTURA DAS MUSAS NO OCIO DAS RETORTAS E ALMOFARIZES.

POR meiados do seculo XVII, quem penetrasse no emaranhado de ruas da parte baixa de Lisboa e entrasse na rua dos Escudeiros, cujo nome e local o terremoto de 1755 fez desapparecer — se tivesse necessidade d'alguma xaropada ou cordial poderia ir avia-lo á botica de Antonio Serrão de Castro. Botica pobre, como pobre era o seu dono.

Penetremos-lhe indiscretamente em casa. Ahi veremos: um contador de páo preto de Moçambique com oito gavetas e alguns escudetes de prata; um bufete grande com duas gavetas de páo ordinario; quatro caixões da India, um grande e os trez pequenos; uma cama de damasco azul; uma banca d'estrado de matizes e uma tripeça tambem de estrado de damasco verde; seis cadeiras atamaradas com pregaria meúda, já usadas; alguns livros de humanidades e medicina; dois escriptorios pequenos de estrado; cinco paineis de paizagens ordinarias. N'isto se resumia a sua mobilia.

No emtanto a esperança sorria ao proprietario. O avô fôra cirurgião, boticario fôra o pae e para medico andava estudando em Coimbra o filho Luiz. A irmã, Francisca Serrão, casara tambem com um medico, o que tudo fazia que a pharmacia Serrão de Castro — como hoje lhe chamariamos — gozasse no sitio de credito e clientella especiaes.

Era, verdade seja, o dono meio christão novo, facto não destituido de importancia em tempos tão sanctos e devotos. Mas não era tambem thesoureiro da irmandade do Sanctissimo da freguezia de S. Nicoláo e até procurador da mesma? Não tinha um filho, Pedro Serrão, estudante de theologia Moral e muito querido na Congregação do Oratorio? Não era pontualissimo sempre em acompanhar o Santissimo? Depois, se alguem curiosamente penetrasse na sua casa havia de ver oratorio de bordo pintado recheado com um crucifixo tendo aos lados as imagens de Nossa Senhora e S. José; uma Senhora do Rosario e S. Francisco, de barro; um menino Bom Pastor, de marfim; um Santo Onofre e um Santo Antonio, de madeira e um menino Jesus ensinando a ler S. João, tambem de barro. Na parte de baixo do oratorio poderia ver um Senhor atado á columna, um *Ecce Homo*, de barro, um tumulo de madeira pintado de ouro e branco onde Christo repousava do ultimo somno e uma duzia de jarras de páo dourado, com os respectivos ramalhetes. E, se levantasse os olhos para as paredes, veria os paineis de Nossa Senhora da Graça, S. José, Nossa Senhora da Conceição e Santo Antonio.

Ali estava tudo, como resposta muda a quem se lembrasse de duvidar da crença do nosso boticario. Era evidentemente o seu arsenal defensivo.

Não se pense porém que na botica de Serrão de Castro sómente se manipulavam tisanas. Não. De vez em quando havia animadas sessões de conversa a que o boticario dava especial realce com a sua lingua essencialmente caustica e mordaz. Entre os

frequentadores podemos apontar os ourives Jorge Ribeiro e Luiz Alvares, o corretor de cambios João da Costa Caceres e Pedro Ribeiro.

Este ultimo foi durante certo tempo emprezario das *Comedias,* de cujos camarotes o segundo recebia o dinheiro. Não foi todavia sempre feliz na escolha de actores, *comediantes,* como então lhe chamavam e por isso, d'uma vez que trouxe de Hespanha uma companhia inferior, foi victima das ironias de Serrão de Castro, que contra elle chegou a publicar uns versos de troça e de zombaria. Tal era o feitio especial da veia poetica do Presidente da *Academia dos Singulares.*

O PADRE BARTHOLOMEU DO QUENTAL

Testemunha de defeza de Pedro Serrão de Castro

A DENUNCIA Á INQUISIÇÃO

Felizes lhe foram correndo os annos até que, no dia 18 de junho de 1671, quando contava já 61 annos de edade, o coronel Fernão Peres o veio expressamente denunciar como judaisante.

Antonio Serrão de Castro era um grande scelerado: vestia camisa lavada aos sabbados!...

A ordem de prisão demorou-se perto de um anno, mas ella abrangeu grande parte dos frequentadores da botica da Rua dos Escudeiros, considerada pelo visto um perigoso fóco de christãos novos, e alguns dos visinhos do boticario pertencentes á familia Pestana.

É por isso que successivamente vemos deslisar perante os inquisidores: Jorge Ribeiro, Luiz Alvares, Manoel da Costa Martins, Antonia Pestana, Filippa Pestana, João da Costa Caceres e Pedro Ribeiro.

A estes acresceram as suas irmãs, Paula de Castro e Francisca Serrão, presas depois do Poeta, a 15 de julho de 1673.

E' bastante curiosa a fórma como a Inquisição procedeu com esta ultima. A principio negou as suas culpas, mas depois d'um anno de clausura, decidio-se a fazer as suas confissões e denuncias. Francisca Serrão accusou primeiramente pessoas indifferentes, e, como Antonio Serrão tinha sido já preso, logo na segunda audiencia o denunciou, nada dizendo porém acerca dos sobrinhos, então ainda em liberdade, nem sobre o seu filho Luiz de Bulhão. Este silencio porém não agradava aos inquisidores e por isso subgeitaram-n'a a tormento, fazendo-a sentar no escabello.

Não nos dizem os documentos os gritos lancinantes que ella soltou e sabemos apenas que não poude a pobre velhinha resistir, e forçada pelas dores denunciou as pessoas, cujas culpas até ahi occultara. Nem por isso deixou de ser condemnada a carcere perpetuo e habito penitencial tambem perpetuo e ouvio ler a sentença no auto celebrado no Terreiro do Paço a 10 de Maio de 1682. No mesmo auto sahio a outra irmã do Poeta: Paula de Castro. Esta foi mais incontinente de lingua que a outra e por isso não foi preciso subgeita-la a tormento. Como porém

no carcere tivesse a imprudencia de *judaisar*, carregaram-lhe, além da pena que coube á irmã, com tres annos de degredo para o Brazil.

Mais tarde veremos como ella a cumprio.

Os interrogatorios — neto dum perseguido pela Inquisição.

Foi a 28 de junho de 1672 o primeiro interrogatorio em que Antonio Serrão de Castro declarou não ter culpas para confessar.

Descendente d'uma familia de christãos novos, só sabia que o seu avô materno, Estevão Rodrigues, fôra justiçado pelo Santo Officio. Com effeito este deu entrada nos carceres da Inquisição um seculo antes: em 16 de junho de 1570. Tinha vinte e cinco annos de edade, era ainda solteiro. Accusado de judaismo, confessou as suas culpas e por isso foi condemnado á confiscação de bens e a carcere e habito penitencial *ad arbitrium*, indo ao auto da fé de 11 de março de 1571.

Não sabemos se Serrão de Castro conheceria estes pormenores, mas certamente ficaria bem surprehendido ao saber que nesse mesmo dia 16 de junho deram tambem entrada nos carceres inquisitoriaes a sua bisavó Ignez Fernandes e as filhas d'esta Antonia Fernandes e Branca Fernandes. Ainda mais surprehendido haveria de ficar quando soubesse que o culpado d'estas prisões fôra o seu tio avô Manoel Fernandes, tosador, que em Beja se deixou cahir nas garras da Inquisição e se não soube callar, talvez mesmo para se vingar da opposição que tinham feito ao seu casamento.

De sorte que podemos fundadamente concluir a *pouca limpeza* de sangue da familia do nossso Poeta e que a fatalidade que representava para elle esse mês de junho

O PADRE BARTHOLOMEU DO QUENTAL
Outro retrato

em que a canicula aperta em 1570 se repitio um seculo apoz, em 1672.

Emquanto os inquisidores iam por seu lado accumulando provas sobre provas contra o preso, este mantinha-se na negativa mais formal.

Vestira porventura camisa lavada aos sabbados, cumprindo assim uma ceremonia do rito moysaico? Nunca fizera tal.

Praticara o jejum do dia grande que vem no mez de setembro, comendo só ao romper da estrella d'alva? Nunca fizera tal.

Então nunca se apartara da fé christã? Certamente que não, e para prova d'isso ahi estava o elegerem-no por duas vezes thesoureiro da irmandade do Sanctissimo da freguezia de S. Nicoláo e por duas outras procurador da mesma; ahi estava a sua pontualidade em acompanhar o Sanctissimo, em ir á missa e em se confessar.

Uma condemnação a fingir — a tortura do espirito e a tortura do corpo — confissões.

Como não era possivel arrancar a confissão de Serrão de Castro, os inquisidores, em 17 de abril de 1676, condemnaram-no como *pertinaz e negativo* a ser entregue á justiça secular, o que na linguagem inquisitorial equivalia a ser condemnado á fogueira.

Em 15 de maio o Conselho Geral confirmou sentença tão radical; apesar de ficar assim com todos os sacramentos, não se cumprio. Evidentemente não foi mais que um ardil destinado a amedrontar o pobre sexagenario.

E que o leitor imagine o desalentado estado d'alma de quem se via preso havia quatro annos na triste espectativa sempre de que o alvorecer d'aquelle dia fosse o ultimo; de

uem esperava a todo o instante o carcereiro a annunciar-lhe que eram chegados os eus derradeiros instantes. Que sentidas e marissimas confidencias não faria elle a ma ameixieira sua visinha que melancholiamente baloiçava os seus ramos e de vez em uando os metia pelas grades da sua prisão!

Onze vezes de folhas revestida,
Onze vezes de flôres adornada,
Onze vezes de fructos carregada,
Te vi, ameixieira, aqui nascida.

Outras tantas tambem te vi despida,
De folhas, flores, fructos despojada,
Pelo rigor do inverno saqueada,
E a seco tronco toda reduzida:

Tambem a mim me vi já revestido,
De folhas, flores, fructos adornado,
De amigos e parentes assistido.

De todos eis-me aqui tão despresado;
Mas tu voltas a ter o que has perdido,
E eu não terei jamais o antigo estado!

. . . .

Desgraçado Poeta! Os seis annos posteiores á sua fingida condemnação deviam-lhe orrer bem penosos e longos.

Afinal, em 2 de Abril de 1682, cedendo depressão moral da edade e da carceragem e quiçá a vagas esperanças de misericordia, Antonio Serrão de Castro decidiu-se fazer as suas confissões. Sim, era verdade udo o de que o accusavam; sim, crera duante cincoenta e dois annos que a salvação stava sómente na lei de Moysés e por esse notivo se apartara da fé christã, mas ali stava contricto e arrependido, pedindo perlão e misericordia e acreditando firmemente esse Christo de quem os inquisidores se iziam apenas delegados e representantes. 'orém estas declarações não satisfizeram por ompleto. Na mesa do Santo Officio sabia-se om effeito, em virtude d'outras declarações, ue os filhos do Serrão tinham egualmente udaisado, e a todo o custo era preciso arancar tão preciosa denunciação. Por isso m 7 de Abril se determina que elle seja osto a tormento e o Conselho Geral trez ias depois confirmava aconselhando expresamente para o pobre velhinho *hu trato esperto*...

Effectivamente no dia 11 foi o réo admoestado para acabar de confessar as suas culpas e, como nada mais dissesse, foi mandado á casa do tormento.

Seriam oito horas e meia da manhã, chilreariam talvez os passarinhos na ameixieira, quando Serrão de Castro dava entrada na funebre casa dos tormentos. Despojado do fato ficaram-lhe á mostra os descarnados e esqueleticos membros, tão descarnados e tão esqueleticos que o medico e cirurgião não consentiram que elle soffresse o tormento de polé. Foi por isso estendido no potro e atado de pés e mãos, foi-lhe protestado pelo notario *que se elle réo morresse*

Abjuração in forma.

EV *Antonio Serrão de Castro* ——— perante Vòs Senhores Inquiſidores, juro neſtes ſanctos Evangelhos em q tenho minhas mãos, q de minha propria, & livre võtade anathematizo, & aparto de mim toda a eſpecie de hereſia q for, ou ſe levãtar contra noſſa S. Fè Catholica, & Sé Apoſtolica; eſpecialmẽte eſtas em q cahy, & que agora em minha ſentença me forão lidas, as quaes ey por repetidas aqui, & declaradas. E juro de ſempre ter, & guardar a S. Fé Catholica, q tem & enſina a S. Madre Igreja de Roma, & que ſerei ſempre muito obidiente ao noſſo muy ſancto Padre o Papa *Innocencio Undecimo* ——— noſſo Senhor Preſidente na Igreja de Deos, & a ſeus ſucceſſores: & confeſſo, que todos os q contra eſta S. Fé Catholica vierem, ſaõ dignos de condenação: & juro de nunca com elles me ajuntar, & de os perſeguir, & deſcobrir as hereſias que delles ſouber aos Inquiſidores, ou Prelados da S. Madre Igreja: & juro, & prometo quãto em mim for de cõprir a penitẽcia que me he, ou for impoſta, & ſe tornar a cahir neſtes erros, ou em outra qualquer ſpecie de hereſia, quero & me praz que ſeja avido por relapſo, & caſtigado conforme a direito, & ſe em algũ tempo conſtar o cõtrario do q̃ tenho cõfeſſado ante voſſas merçes por meu juramento, quero q eſta abſolviçaõ me não valha, & me ſometo à ſeveridade, & correição dos Sagrados Canones. E requeiro aos Notarios do S. Officio, q diſto paſſem eſtromentos, & aos que eſtão preſentes ſejam teſtemunhas, & aſſinem aqui comigo.

AUTO DE ABJURAÇÃO DE ANTONIO SERRÃO DE CASTRO

Tem a sua assignatura muito tremula porque já tinha sido subgeito a tormento

no tormento, quebrasse algum membro, perdesse algum sentido, a culpa seria sua e não dos Senhores Inquisidores que o julgaram ao dito tormento, segundo o merecimento do seu processo.

Santos inquisidores! A sua maldade egualava a sua hypocrisia! Se o pobre velhinho tivesse ido parar a uma fogueira, não era a Inquisição que o matava, eram as justiças seculares; se morresse na tortura ou se deformasse, tambem nenhuma culpa tinha a Inquisição e sómente elle que não queria accusar os proprios filhos...

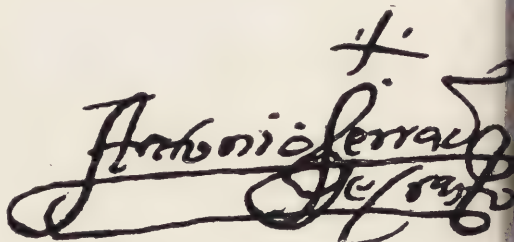
Durante um quarto de hora os seus gritos cortaram lancinantemente as abobadas da sinistra casa de torturas. Baldadamente chamou por S. Domingos e Nossa Senhora do Rosario, mas as appetecidas denunciações não vieram.

Alguns dias depois, a 23 de Abril, novamente o admoestaram a que confessasse a verdade toda, mas nada mais lhe conseguiram arrancar. O mesmo aconteceu no dia seguinte.

Todavia, passados dois dias, não se sabe por que mysteriosa suggestão, mas talvez por lhe darem conhecimento das confissões do seu filho Luiz, Antonio Serrão de Castro quiz fazer mais confissões. O dia 26 de Abril não deveria ter existido para elle Denunciou tudo, denunciou todos! A' pertinacia e coragem com que, durante dez annos soube resistir ás investidas inquisitoriaes e até ao proprio tormento seguio-se um quebramento de forças de tal ordem que logo na cabeça do rol denunciou os proprios filhos!!

A PERSEGUIÇÃO AOS FILHOS DO POETA — A MORTE D'UM E A CONDEMNAÇÃO DOS OUTROS — O PADRE BARTHOLOMEU DO QUENTAL DADO COMO TESTEMUNHA.

Quatro foram os filhos de Antonio de Serrão de Castro: Luiz, nascido em 1649, seguio a carreira de medicina; Pedro nascido em 1650, seguio a carreira de theologia; Duarte, nascido em 1654, não chegou a passar dos primeiros estudos e finalmente Thereza Maria de Jesus, nascida ou na mesma occasião de Duarte, ou apenas com differença de mezes.

Quando o pai os denunciou ha muito já que estavam presos, pois que tinham dado entrada nos carceres do Santo Officio no dia 20 de setembro de 1673.

Luiz Serrão era a esse tempo já formado em medicina pela universidade de Salamanca. Tinha abandonado a universidade de Coimbra, onde frequentava aquella faculdade, logo que lhe chegou a infausta noticia da prisão do pae, e retirou para Salamanca, onde seu primo Bento Bravo da Silva lhe ia fornecendo mesadas, até que, em certa altura, lh'as retirou. Quando o prenderam, encontraram-lhes umas *Horas de Nossa Senhora* e um livrinho de S. Francisco Xavier, frageis armas com que provavelmente pretendia demonstrar a sua intima devoção. Durante nove annos persistio, como o pae, na negativa mais formal, no mutismo mais absoluto, mas não soube como elle resistir ao *tormento*. No dia 21 de abril de 1682, dez dias depois do pae, era tambem o seu corpo atado ao potro, e tão fortes eram as dôres, que a coragem de que até ahi dera provas faltou-lhe e denunciou então pae, irmãos, tias e primos. Sahio no auto da fé de 10 de Maio, abjurando então dos seus erros e ouvindo ler a sentença que o condemnava a carcere e habito penitencial perpetuos.

Muito outro foi o proceder de Pedro Serrão e por conseguinte muito outro foi o resultado de sua prisão.

Se ao irmão tinham encontrado dois livros mysticos, a elle não só encontraram, quando foi preso, umas *Horas* de Nossa Senhora e um livro de *Meditações da Paixão de Christo*, como tambem uns bentinhos da Trindade e S. Francisco, um cilicio e disciplinas de aço. Com taes armas não conseguio ainda assim escapar o estudante de theologia, que nesse tempo não tinha ainda ordens algumas.

No emtanto christianissima tinha sido a fórma do seu proceder. Aos nossos olhos d'hoje chamar-lhe-hiamos mesmo excessivamente fanatico. Vejamo-la.

ASSIGNATURA DE ANTONIO SERRÃO DE CASTRO

TENÇA DETERMINANDO QUE PEDRO SERRÃO DE CASTRO SEJA SUBMETTIDO A TORMENTO

Com outros condiscipulos da congregação
o padre Bartholomeu do Quental todas as
extas-feiras ia ao Hospital dos Entrevados
le Nossa Senhora do Amparo, fazendo-lhes
s camas, varrendo-lhes o hospital, dando-
hes esmolas e resando com elles as ladainhas
le Nossa Senhora e perguntando-lhes a dou-
trina christan. Quantas vezes não iam ao Hospital Real dar doces aos enfermos, ensinando-lhes o acto de contricção e aos que sabiam ler deixando-lho por escripto! Quantas outras não iam levar de jantar aos presos do Tronco, jantar comprado com as esmolas que pediam! D'esta fórma dava elle cumprimento ás obras de misericordia e, se não acreditava em ganhar com ellas a mansão celestial, suppunha pelo menos livrar-se das suspeitas inquisitoriaes e da correlativa chamma das fogueiras.

Pura illusão!

Debalde Pedro Serrão persistio na mais formal e terminante negativa. Debalde apresentou os testemunhos dos pintores Felix da Costa e Braz d'Almeida, seu irmão, o primeiro dos quaes disse que elle muito se entregava á leitura da vida de Christo, e o segundo declarou que tão bom christão era que até para Hespanha lhe escrevera a recommendar-lhe viver *limpa e castamente* (1). Debalde o bom do padre

(1) Não devemos passar adeante sem f zer notar que os dois pint- res Felix da Costa e Braz d'Almeida teem tido a sua biographia muito envolta em mysterios. Do ultimo escreveu Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, tomo 4.º pagina 82, que era professor de pintura e escultura, e que tinha escripto em 1695; estas indicações foram transcriptas por Raczinski, *Dicttionaire Historico-Artistique du Portugal* pagina 4. Do primeiro escreveu Raczinski, a pagina 57, dizendo-nos apenas, quanto á sua biographia, que fazia parte da irmandade de S. Lucas em 1705 e morreu em 1712. Podemos acrescentar os seguintes dados extrahidos dos seus depoimentos, dados que suppomos totalmente desconhecidos: Eram irmãos e moravam, em 1677, na rua dos

Bartholomeu do Quental o declarou ter na melhor conta.

Para os inquisidores, senhores como estavam, de segredos que elles não possuiam, isto tudo não passava de disfarces.

Debalde allegou o odio que lhe votavam os Pestanas, sendo até Antonia Pestana sua inimiga capital porque pretendeu casar com elle.

Para os inquisidores isto tudo não passava de embustes, e por isso, a 17 de Março de 1682, foi mandado pôr a tormento, que se effectuou no dia 1 d'Abril. Pelas nove horas da manhã sentaram-no no escabello, mas apezar das dores horrorosas que sentia, apezar de gritar desesperadamente pelo nome de Jesus, nada lhe conseguiram arrancar.

Mais firme e pertinaz que o irmão foi queimado no Terreiro do Paço, no dia 10 de Maio de 1682, por causa dos testemunhos de seu pae, irmão e tios.

Simplesmente horroroso!

Denotou tambem grande coragem a unica filha de Antonio Serrão de Castro, Thereza Maria de Jesus. Mas coragem sómente até ao ponto em que a enganaram dizendo-a condemnada á morte. Então, a pobre rapariga succumbio e accusou a familia toda. Fez até accusações de que, como adeante veremos, bem depressa se arrependeu,

No decurso do processo lançou suspeitas sobre toda a familia Pestana, que considerava como inimiga da sua e sobre as suas tres tias que queriam dar ordens na casa do pae.

Thereza de Jesus tinha dezoito annos quando seu pae cahio sob as garras do Santo officio. Indigente como ficara, foi viver para casa de seu primo Luiz de Bulhão; dois mezes foi comer a casa da sua prima Izabel de Balboa, mas ficou escandalisada com ella desde que o marido faltou com mesadas ao seu irmão Luiz, estudante então em Salamanca, como dissémos.

Bonita talvez, pois que, a darmos-lhe credito, o banqueiro Gaspar da Costa de Mesquita (1) tentou violenta-la, e Martim Pestana bastantes diligencias fez para a namorar, bem cedo se fanariam as rosas d'aquelle rosto, encerrada durante nove longos annos num carcere, tendo como companheiras duas mulheres culpadas como ella, Maria Francisca e Paula de Moura. Para mais pouca saude logrou lá dentro; sangrias levou mais de duzentas e de sangue-sugas nem se falla.

Condemnada, em 1 de Maio de 1682, a ser relaxada á justiça secular, não se executou, como já vimos, a sentença por ella ter feito as suas confissões. E assim foi ao auto da fé de 10 de Maio de 1682, ouvindo então ler a sentença pela qual era condemnada a carcere e habito penitencial perpetuos com insignias de fogo e degredo para o Brazil.

No entretanto tinha-se arrependido d'algumas confissões que fizera. Como é natural pesavam-lhe na consciencia as accusações a pessoas ainda não presas e que em virtude d'ellas o poderiam ser. Thereza de Jesus resolveu por isso retractar-se, mas o caso ia-lhe sahindo mais caro do que suppunha porque os inquisidores perceberam que ella pretendia apenas salvar essas pessoas, e, por muito favor foi apenas reprehendida asperamente na mesa inquitorial.

O seu estado physico não podia ser peior; tão máo era que nem força lhe encontravam para ser transferida do carcere da penitencia para o Limoeiro e por isso lhe foi dispensada a pena de degredo.

De Duarte de Castro nada mais sabemos além do pouco que já dissemos.

Sentença final contra o poeta — como um academico ironista degenera num mendigo — desenlace tragico da sua familia.

No dia 17 de abril de 1682, foi pelos inquisidores de Lisboa proferida uma sentença em que, por lhes parecer que Serrão de Castro tinha dito bastante de si, de suas irmãs e filhos e até de pessoas ainda não indicadas, por satisfazer a maior parte d

Calafates; Felix da Costa nasceu em 1642 e Braz d'Almeida em 1649.

Tambem do depoimento do padre Bartholomeu do Quental se deduz que elle nasceu em 1628 e não em 1626, como diz Innocencio.

(1) Este banqueiro não escapou á sanha inquisitorial. Razão tinha para proferir a phrase que lhe atribuiram de que só em Roma se podia viver, porque só ahi estavam sem o susto de lhe baterem á porta e eram senhores do que era seu. Preso em 25 de Abril de 1682, foi condemnado a carcere e habito penitencial perpetuo. Foi ao auto da fé de [illegible] de Agosto de 1683.

informação da justiça e assentar na crença dos seus erros, são de opinião que seja recebido ao gremio e união da Santa Madre Igreja com carcere e habito penitencial perpetuos e vá ao auto publico da fé na fórma costumada, ali oiça a sentença e abjure publicamente dos seus erros, sendo-lhe confiscados os bens. Em 2 de maio confirmou o Conselho Geral esta sentença e em 10 ia elle ao auto da fé.

Conta-se que nesse dia, ao recolher-se a procissão já de noite, um rapaz o reconheceu entre os penitenciados que iam com as vellas accesas. «Alli vae o Serrão» disse elle; e o Poeta olhando para o familiar respondeu: «Pescaram-me ao candeio.»

REQUERIMENTO FEITO EM NOME DE ANTONIO SERRÃO DE CASTRO PEDINDO QUE O ALLIVIEM DO HABITO PENITENCIAL, PORQUE É POBRE, VELHO E QUASI CEGO E COM O HABITO NÃO PODE Á VONTADE ESMOLAR.

Nem em occasião tão tragica perdeu a sua tão proverbial agudeza!

Pouco tempo demorou a sua instrucção nos mysterios da nossa religião.

No dia 21 d'este mesmo mez foi chamado para lhe dizerem que neste primeiro anno se devia confessar nas quatro festas principaes, isto é, na Assumpção de Nossa Senhora, Natal, Paschoa e Espirito Sancto; cada semana devia rezar um rosario á Virgem e cada sexta-feira cinco Padre Nossos e cinco Ave Marias ás cinco chagas de Christo. Assignaram-lhe então por carcere a cidade de Lisboa d'onde não podia sahir sem licença do Santo Officio, devendo assistir na igreja de S. Lourenço todos os domingos e dias sanctos á missa e pregações com o habito penitencial que de resto devia trazer sempre sobre o fato. Este habito amaldiçoado atrahia-lhe as attenções da turba que o rodeava, cobrindo-o de doestos e injurias. Nem ao menos podia em paz e socego estender a mão á caridade publica...

A Inquisição compadeceu-se d'esta vez. E generosa com quem estava á beira da sepultura, consentio em 25 de Maio de 1682 que a sua filha e irmã Paula fossem viver com elle e em 2 de novembro de 1683 foi-lhe finalmente tirado o habito penitencial. O misero velho tinha 73 annos e estava cego e os seus dois filhos, que escaparam á fogueira, tinham perdido o juizo e estavam dementes!...

Assim se extinguia uma familia.

ANTONIO SERRÃO DE CASTRO E CAMILLO CASTELLO BRANCO — RECTIFICAÇÃO A'S INEXACTIDÕES D'ESTE.

Foi Camillo Castello Branco quem em 1883, publicou o poema *Os Ratos da Inquisição* de Antonio Serrão de Castro, que até ahi se achava inedito. Precedeu-o d'um extenso *Prefacio biographico*. O poeta era pouco conhecido. Barbosa Machado, Costa e Silva e o proprio Innocencio poucas palavras lhe dedicaram, dizendo-se ignorantes do seu modo de vida e d'outras circunstancias da sua biographia.

Camillo invectiva-os por tal motivo. E ajudado dos seus discursos publicados na

Academia dos Singulares, das suas poesias e da sentença do filho Pedro publicada por Ayres de Campos no *Instituto* de Coimbra, volume 9, adeantou bastante na biographia do Poeta, mas phantasiou muito, por não conhecer os processos da Inquisição contra elles.

Assim diz que Antonio Serrão foi preso no dia 8 de maio de 1672, quando a ordem de prisão, cujo original está no processo, é datada de 24 e nesse mesmo dia deu entrada nos carceres do Santo officio.

Depois apresenta-nos como origem da prisão da familia Serrão o facto do seu filho Pedro ter tido a desgraçada lembrança de escrever uma satyra, «fantasiando torneios que celebravam uma festividade universitaria no recebimento de um reitor tambem imaginado». D'esta fórma «envolveu na sua chacota a fradaria toda de Coimbra e todos os collegios monacaes, sem exceptuar, ao menos, os dominicanos». Ora dos processos não consta que Pedro Serrão frequentasse alguma vez a Universidade de Coimbra e nem a minima allusão se faz á sua musa ironica e maldizente. A origem da prisão foi, a nosso ver, muito outra. A familia Serrão era, é isso evidente, cumpridora dos preceitos moysaicos; tambem o era a familia Pestana com quem viviam de paredes meias e com quem faziam ceremonias em commum. Um bello dia desavieram-se, e como um dos Pestanas cahisse na rede do Santo Officio apressou-se a denunciar os seus então inimigos Serrões. D'estes as velhotas, irmãs do Poeta, foram as primeiras a fazer confissões; depois, vendo-se perdidos, denunciaram-se uns aos outros, e só Pedro Serrão soube pertinazmente resistir e por isso foi victimado no Terreiro do Paço.

No já citado *Prefacio biographico* diz Camillo não saber o nome do irmão. Pois agora se fica sabendo, como tambem as tragicas consequencias do malfadado auto da fé de 10 de maio de 1682.

Camillo diz-nos ainda que «o filho, cujo nome ignoro, de Antonio Serrão, morreu na tortura ou pereceu pelo suicidio no carcere; Pedro Serrão, o da Satyra, e seu pae estiveram á espera da sua sentença dez annos menos dois dias a contar de 8 de maio de 1682, dia em que sahiram no auto da fé». E tudo inexacto, como vimos. Luiz Serrão endoideceu depois de sahir do carcere do Santo Officio, e Pedro Serrão só foi preso em 20 de setembro de 1673.

ANTONIO BAIÃO.

A LAGÔA ESCURA GELADA (SERRA DA ESTRELLA)

Lagos e cascatas

As lagôas naturaes do paiz — As da Serra da Estrella, de Obidos, de Pataias e da Barroca d'Alva — Os lagos e cascatas, ornamento das grandes quintas fidalgas e reaes — Os lagos da Quinta das Lagrimas, de Santa Cruz, de Oeiras, de Cintra, de Caxias e de Queluz — Os lagos modernos em jardins publicos de Lisboa.

Não possue infelizmente o nosso paiz, sob o ponto de vista d'este nosso artigo de hoje, as apregoadas bellezas naturaes, com que tão justamente se ufanam algumas regiões da Europa, onde os lagos, mais ou menos extensos, dão á paizagem a nota encantadora das suas aguas remançosas, em cuja superficie placida se espelham as casas, os arvoredos e as flores que as circumdam, ou deslisam embarcações de variadas formas, desde os barcos veleiros até aos vapores de recreio e de transporte.

Não encontramos no nosso pequeno paiz, estreita faixa accidentada de montanhas, por entre cujas cristas escorrem rios formosos, que vão lançar-se no Oceano, nada de similhante áquellas incomparaveis regiões de lagos do norte da Italia, nem aos tão pittorescos lagos da Suissa, e aos *lochs* da Escossia, encantos dos poetas e dos viajantes, inspiradores de deliciosas lendas populares, desde remotas eras aproveitadas para os romances dos trovadores, e modernamente pelo estro de poetas e romancistas.

Comtudo, se nada de comparavel possuimos, no genero, não é o nosso paiz totalmente desprovido de algumas lagôas e lagos naturaes, que encantam os olhos de nativos e estranhos, com o espectaculo gracioso das suas aguas.

De extravagante belleza, defrontam-se-nos, em primeiro logar, as lagôas da Serra da Estrella, situadas em altitudes de 1600 metros, envolvida a sua noticia em velhas e

LAGO NA QUINTA DE QUELUZ

A RIA NA QUINTA DE QUELUZ

OUTRO LAGO EM QUELUZ

inverosimeis lendas, e cantadas pelos nossos antigos poetas, como Braz Garcia de Mascarenhas.

Mede a maior, que é a *Lagôa Escura*, uns 400 metros de perimetro, com 16 metros de fundura de aguas. Escorrem estas do cimo da Serra do Cantaro, onde está situada a lagôa, para nascente, por um canal contorcido e estreito, a que chamam *Riscas da Lagôa*, até irem alimentar a *Lagôa comprida*, lindo lago extenso e estreito, que antes parece um rio, serpeando entre curvas sinuosas das mar-

gens, por mais de um kilometro, e ostentando ao botanico a variegada riqueza de plantas aquaticas e os bellos musgos brancos e dourados que lhe tapetam as ribas, nas quaes vicejam rachiticas as coniferas — o *teixo* de bagas medicinaes, o *junipero* cujo fructo fornece a genebra, e o *nardo*, que preso só pelas raizes, offerece ao viajante um chão falso e perigoso.

Mais adiante a *Lagôa sêcca,* convertida no verão em atoleiro, como tantos outros pequenos *algáres* ou *lameiros*, que de inverno congelam; a *Lagôa das Favas,* cujas aguas se cobrem das vegetações espontaneas do *trevo d'agua,* de aspecto similhante á fava, e, porfim, na vertente norte da Cumiada, a *Lagôa Redonda,* disposta em semicirculo de cerca de 200 metros de perimetro, e que vae despejar as suas aguas no *Covão do Urso.*

O poeta das glorias do Herminio, Braz Garcia de Mascarenhas, fala-nos das lagôas no *Viriato tragico,* dizendo:

Das lagôas do Herminio pouca altura
Tem as que os naturaes chamam redondas;
Pelo contrario a chamada Escura
Fundo se lhe não vê; nem lho acham sondas.
Esta, quando se altera entre a clausura
Das penhas, que combatem ventos e ondas,
Mais que o soberbo mar se encolerisa,
Retumba longe, e perto atemorisa.

O sabio professor Link, que de 1798 a 1801 percorreu a Serra da Estrella, com o conde de Hoffmansegg, ambos dedicados botanicos, que vieram expressamente estudar a flora do paiz, para escrever as suas obras monumentaes: — *Flora Portugueza,* e *Viagens em Portugal* — diziam que a lagôa Redonda dá grande belleza á Serra e tem aspecto muito agradavel tanto pela fórma como pelos rochêdos que a cercam e pela limpidez das suas aguas.

O LAGO DO ANTIGO PASSEIO PUBLICO — ENTRADA NORTE
Reproducção de uma gravura do «Occidente»

Poucas mais são as lagôas ou lagos do paiz a mencionar num artigo ligeiro, e sem pretenções a relatorio completo. E' muito para lembrar, porém, a lagôa de Obidos, tão famosa, que deverá incluir-se na categoria das numerosas *albufeiras* que as aguas oceanicas, entrando com mais força, formam

em diversos pontos ao longo do littoral, como na costa do Algarve, e junto de São Thiago de Cacem, em Mellides.

A lagôa d'Obidos, com seus 9 kilometros de comprido por 5 de largo, é o mais encantador passeio para todos quantos povôam de verão a agradavel estancia das Caldas da Rainha, e é ao mesmo tempo a mais importante, e productiva lagôa de Portugal. Seduz não só pelo aprazivel panorama das suas margens, como pelo engôdo dos prazeres cynegeticos e piscatorios.

A bonita lagôa é a um tempo pretexto para bellos passeios, incentivo para a caça em *bateiras* aos galeirões, aos ádens e a muitas outras aves que arribam alli em grande quantidade no outono, para a pesca aos saborosissimos safios, aos linguados, douradas e tainhas, tão abundantes nas suas aguas, assim como desafio permanente ás alegres jantaradas e merendas, prazer a que não resistiram principes e altos personagens. Padrões singelos, meios occultos nas balsas, assignalam os sitios onde os monarchas, como D. João IV, D. João V, e outros, comeram alegres refeições, descançando das fadigas da caça, debaixo dos arvoredos frondosos, de frescas sombras, sob as quaes florescem as boninas e cantam as aves junto ás fontes de limpidas aguas.

A CASCATA DE CAXIAS

QUINTA REAL DE CAXIAS
PERSPECTIVA GERAL DA CASCATA

Identicamente bella, comquanto menos afamada, em razão de estar em sitio mais arredado da frequencia de visitantes, é a lagôa de S. Thiago de Cacem, com seus 6 kilometros de comprido por dois de largo, e em cujas aguas abundam as especies piscatorias e as aves palustres, contra as quaes se organizam frequentes caçadas em barcos, ou por terra, ao longo das margens.

Falaremos tambem, embora de relance na pittoresca e quasi desconhecida lagôa de Pataias. Quem, pelo caminho de ferro de Oeste, se apeiar na modesta estação de Martingança — pequeno edificio, do estylo uniforme das estações da Companhia Real, perdido no meio da vastidão dos pinhaes que se extendem pelo littoral do paiz até Leiria, e seguir depois, pelos trilhos areientos que supprem as estradas n'aquelles tractos quasi africanos da Extremadura, transportado no primitivo carro de bois, unica viatura alli

em uso, irá ter á pequena povoação de Pataias, com uns 500 fogos, tudo casaria baixa, arruada em torno do largo da egreja. Para esta se transferiu a parochia, que antes estava na villa de Paredes, velho povoado de pescadores á beira-mar, que os assoriamentos, as invasões das dunas de areia, completamente destruiram, ainda no seculo XVI.

E' mais adeante um pouco da aldeia, no caminho para a costa, que, em sitio alto, a meio das areias que se extendem por kilometros, se avista um pequeno oasis de arvoredos, circumdando a lagôa de Pataias, bastante funda, e que nunca sécca, na qual se criam abundantes carpas ou ruivacas. Conta a tradição, que ahi pelo seculo XVII, os pescadores tiravam da lagôa as redes abarrotadas, mas encontrando tantas salamandras como peixes, desistiram da pesca.

QUINTA DO MARQUEZ DE POMBAL (OEIRAS) A GRUTA DE NEPTUNO

ASPECTO DA CASCATA DE OEIRAS

Na historica propriedade da Barroca d'Alva, em Alcochete, onde o celebre Jacome Ratton estabeleceu residencia principesca, e fundou uma granja riquissima, de producção agricola importante, com marinhas, pinhaes e montados de sobreiros, ha tambem uma bonita lagôa, de 3 a 4 kilometros de circumferencia, rodeada de arvoredo, sob o qual, n'uma das margens se ergue a capellinha circular de Santo Antonio da Ussa, reedificada na sua simplicidade primitiva por J. Ratton. A quinta

da Barroca, que ficou aos descendentes de Ratton, os barões de Alcochete, é hoje pertença do abastado lavrador sr. José Maria dos Santos.

* * *

Desde remotos tempos, em continuidade das tradições da vida sumptuosa dos romanos, e da vida pratica horticola dos mouros, o paiz foi-se povoando de riquissimas quintas e de soberbas cercas das casas conventuaes.

As residencias regias, os paços dos grandes, cercavam-se de opulentas quintas, hortas e jardins. O nosso douto investigador sr. dr. Sousa Viterbo, no interessante estudo que está publicando no *Instituto* sobre a *Jardinagem em Portugal*, aponta-nos n'uma resenha breve as principaes quintas nobres do paiz, dentre as quaes apenas repetiremos aqui a indicação das do Bussaco, de Santa Cruz de Coimbra, da Arrabida, de Marvilla e do Tojal (que eram do Patriarchado) de S. Domingos de Bemfica, da Bacalhôa, de Queluz, de Cintra e de Monserrate, etc.

Entre os imensos attractivos d'essas quintas e cercas, onde abundavam as frescas sombras, as especies florestaes mais raras e estimadas, as selvas frondosas, os hortos botanicos, os vergeis, os pomares, as viçosas hortas, os tanques, as estatuas, os caramanchões, figuravam com primazia os lagos e as cascatas, os jogos de agua caprichosamente combinados, espadanando e cahindo em jorros nas bacias amplas dos tanques e dos lagos.

Nos formosos jardins desenhados em fórmas geometricas, segundo o preceito dos jardineiros de Versailles, capitaneados por Le Notre, e de que os nossos jardins reaes de Queluz e de Caxias e tanto outros, nos dão limitada idéa, abundam os lagos, os tanques, as alterosas cascatas e repuxos, as estatuas e os bustos, as pyramides e obeliscos de buxo, talhados á tesoura. Da mesma maneira os vêmos nos deliciosos quadros de Watteau, em que se pintam as alegres partidas nos parques, as excursões venatorias, as deleitosas horas passadas na barca, dentro do lago, com formosas damas, tangendo dolentemente os bandolins, tudo tão fino, tão encantador, tão delicado!

LAGO DO ANTIGO JARDIM ZOOLOGICO, A PALHAVÃ

Percorramos algumas das velhas quintas fidalgas, especialmente as que datam do seculo XVIII, e ahi encontraremos magnificos exemplares de lagos e de monumentaes cascatas.

Comecemos ao acaso pela formosa quinta

das Lagrimas, junto a Coimbra, onde uma crença pueril da poesia popular quiz ver recordações perpetuas do formoso episodio dos amores de Ignez de Castro. Alli, transposto o jardim, rico, soberbo, cheio das bellas flôres exquisitas, de laranjaes e latadas odoriferas, passado o muro, depara-se-nos o lago, quadrangular, de extrema simplicidade, e em frente a lendaria Fonte dos Amores, cujas aguas correndo sobre um fundo de pedras avermelhadas pelos musgos representam ás almas populares o sangue da linda Ignez, de quem

As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.

Cobrem o lago e a fonte cedros gigantescos, que se debruçam sobre ella projectando frescas e melancolicas sombras.

Perto de Lisboa, na sumptuosa quinta de Queluz, edificação querida de D. Pedro II e de D. Maria I, com jardins cheios de buxos, de estatuas, e de vasos de pedra, de magnificas sombras, de lagos de marmore, de jogos de agua, vê-se o extenso lago ou antes canal, formado pelo rio que atravessa a quinta.

N'este canal, cujas muralhas são totalmente revestidas de lindissimos azulejos, de assentos de pedra, de pontes que o atravessam, com suas *casas de regalo,* e de bellas escadarias ou caes de embarque, singravam em deliciosos passeios festivaes os barcos de recreio.

Mais adiante, ao fim do parque, ergue-se a alterosa cascata, de onde jorrava abundante agua.

Na quinta real de Caxías, da mesma epocha, em frente dos jardins, que são dos maiores e mais bellos de Portugal, ergue-se outra mais majestosa cascata, com galerias lateraes, verdadeiro monumento, cujo vertice forma um formoso pavilhão onde se admira um tanque de fino marmore, artisticamente esculpido.

Mais curiosas e originaes são as cascatas que adornam as duas quintas do marquez de Pombal, em Oeiras.

Na quinta principal, antiga quinta fidalga dos Barbacenas — ha a *cascata dos poetas,* construida de diversas qualidades de pedras, em trez corpos, com grutas, lagos e terrados superiores, de onde se disfructa, como na cascata de Caxias, o panorama dos jardins, que em frente se dilatam. Estatuas collossaes, de marmore de Carrara, e escul-

LAGO DO JARDIM BOTANICO DA ESCOLA POLYTECHNICA

pidas pelo grande Machado de Castro, adornam esta cascata

A meio da horta ha um tanque, egualmente adornado de estatuas de marmore de Carrara, trabalhadas em Roma.

Na quinta de cima, vandalicamente despojada do frondoso arvoredo secular que a aformoseava, erguem-se as duas pittorescas e originaes cascatas, chamadas da *Taveira* e da *Mina do Ouro*, sendo a primeira adornada de satyros de marmore, e a outra disposta em amphitheatro, no pendor de uma collina, rematando no alto pelo terrado e reservatorio de onde as aguas se despenham até ao lago.

Na vetusta quinta dos marquezes de Fronteira, em S. Domingos de Bemfica, uma das mais opulentas vivendas fidalgas dos suburbios de Lisboa, ergue-se uma cascata monumental, analoga perfeitamente á de Caxias, a *Cascata dos Reis*, onde, no grande lago inferior, circumdado de magnificos azulejos, representando grandes figuras e retratos, voga um barco de recreio; e do cimo da galeria, ornada com azulejos polychromos, e com os bustos em marmore dos soberanos portuguezes, se disfructa a vista panoramica da quinta e dos jardins e da região em deredor.

Nos jardins, cheios de estatuas, de bustos, de preciosas especies botanicas, destacam-se bellos tanques e lagos de marmore, de artistico desenho e admiravel esculptura.

Em outras quintas antigas e principescas, como a das Laranjeiras, do faustoso conde de Farrobo, e a do Alfeite, os lagos e tanques de marmore constituem aformoseamento deleitoso para os olhos encantados dos visitantes.

E' falado, e ainda hoje attrae o publico que acode ao jardim Zoologico, nas Laranjeiras, o lago da *ponte pensil*, oscillante, presa por cadeias de ferro a quatro torres, e junto do qual se conserva ainda o pittoresco caramanchão elevado, occulto sob uma perfeita sébe de trepadeiras, verdadeiro éden de reconditos idyllios.

LAGO DO ACTUAL JARDIM ZOOLOGICO (QUINTA DAS LARANJEIRAS)

Identicos lagos e cascatas se encontram nos formosissimos recintos das grandes e antigas cêrcas conventuaes do Bussaco (hoje matta do Estado), de Santa Cruz de Coimbra, e na da Mitra, outr'ora residencia patriarchal de Marvilla.

N'um pequeno lago em um dos pateos interiores do interessante convento de Penha Longa, em Cintra, havia formosos ádens, que ali se creavam e mantinham á custa de rendas especiaes que, para esse fim,

deixára em seu testamento o cardeal rei D. Henrique.

No Bussaco admiram-se as lindissimas fontes, especialmente a *Fonte Fria,* com suas interminaveis escadarias, onde a agua frigidissima escorre, ao abrigo de frondosos arvoredos. Na de Santa Cruz de Coimbra, além do *Jogo da bola* e da grandiosa *Fonte da sereia,* encanta os olhos do visitante o enorme lago circular, rodeado de uma sébe espessa de cedros que completamente o envolvem.

Em quintas, parques e jardins de mais recente data, o elemento ornamental e dulcificante da paizagem, que os lagos e fontes fornecem ao delineador destas estancias, não deixou nunca de ser, como d'antes, um dos primeiros senão o mais estimado e preferido.

Veja-se o formoso lago da quinta da Alagôa em Carcavellos, o da vasta quinta da Marinha, adeante de Cascaes, e os que num encadeamento pittoresco, constituem uma das mais apreciadas bellezas do parque da Pena. Formosos lagos, estes todos, com canôas de recreio, cysnes alvejantes, patos em bandos

LAGO DO CAMPO GRANDE

No *Choupal,* formoso parque da ridente Coimbra, a cada passo se vêem os valleiros e verdadeiros lagos, sobre cujas aguas se lançam pontes rusticas, ensombradas pelas copadas ramarias do arvoredo.

Na quinta tão antiga e tão historica dos marquezes de Bellas, os tanques, as fontes e a grandiosa cascata, hoje meio desmantelada, mostram o cuidado que mereciam nos antigos proprietarios fidalgos, todos estes ornamentos das suas quintas realengas.

. . .

numerosos, e uma multidão innumeravel de peixes de varias e vistosas especies, algumas de grandes dimensões, como os que povôam egualmente o grande lago da quinta real de Belem.

E nas estancias balneares das Pedras Salgadas e das Caldas da Rainha, como attractivo e distracção aos banhistas, construiram-se os grandes lagos, onde se effectuam renhidas e apparatosas regatas.

Para os lisboetas tem particular interesse o lago do Campo Grande, emprehendido ha mais de um quarto de seculo, depois abandonado longos annos, e por fim convertido em um dos mais estimados pontos de recreio da população da capital.

Este lago, com a sua ilhota ao centro, como o das Caldas, com o seu pequeno bo-

tequim, com os barquinhos a remos, constitue uma diversão popular do alfacinha, que aos domingos alarga o seu passeio pelas avenidas novas, até á copada e extensa alameda, tão predilecta da alta aristocracia como das classes burguezas e trabalhadoras.

LAGO DA QUINTA DO MARQUEZ DE FRONTEIRA (S. DOMINGOS DE BEMFICA)
DIVERSOS ASPECTOS

Emquanto as indecisões deploraveis, deixavam em vergonhoso abandono as obras do lago do Campo Grande por se temerem da escassez de agua para o abastecer — gozavam os lisboetas os pequenos lagos

LAGO E CASCATA EM SETUBAL *(No jardim do Campo de Bomfim)*

fazer no alto daquella aprazivel região, cercado de renques de palmeiras, que lhe dariam um aspecto tropical inconfundivel. Infelizmente lá ficou aberta a excavação no terreno, sêcca, esteril e feia!

Pelos parques particulares e publicos da cidade, e até pela sua praça principal e avenidas, se teem espalhado lagos mais ou menos artisticos e pittorescos. Citaremos entre os desta ultima categoria o do parque de S. Sebastião da Pedreira, fundado por José Maria Eugenio, e onde primeiro se estabeleceu o Jardim Zoologico.

do seu querido Passeio Publico, sendo o do fundo, junto á praça d'Alegria, acompanhado de cascata ornamental, sobrepujada de terraço, ao qual se subia por sumptuosas escadarias de pedra.

Ahi se faziam as brilhantes illuminações e se queimavam os fogos de Bengala, em noites de festa naquelle passeio burguez, com que Pombal dotara a cidade reedificada. Depois surgiu o Passeio da Estrella com seus lagos e cascatas, e por fim o Jardim Botanico, junto á Escola Polytechnica, com o grande lago circular superior, e o pittoresco lago, com pontes, grutas e copadas sombras, na encosta que desce até ao Salitre.

E' encantador o panorama deste lagosinho minusculo, como encantador devia ser, mas majestosamente bello o projectado e mallogrado lago, que a Companhia do Mont'Estoril intentou

Deste lago se effectuaram muitas ascensões aerostaticas, e em roda delle, aos domingos, se reunia a sociedade selecta da capital.

Formosissimo, numa posição soberba, ficaria o grande lago em construcção no Casal do Monte Almeida, onde com tanto amor a camara fizera o parque da Liberdade (depois chrismado com o nome de um rei extrangeiro), projecto grandioso e sympathico por fim tristemente embaraçado por gananciosas especulações.

No parque de Palhavã, para onde o Jar-

UM LAGO DA QUINTA DO ALFEITE

dim Zoologico foi constrangido a transferir-se, mandou logo a direcção deste utilissimo estabelecimento excavar um grande lago, em cujas aguas nadavam donosamente os cysnes, e junto do qual se erguiam o corêto e o botequim, e se effectuavam as ascensões aerostaticas.

A Avenida da Liberdade tem os seus lagos minusculos, a alameda de S. Pedro de Alcantara o formoso largo artistico, que proveiu da antiga real quinta da Bemposta; o jardim da Patriarchal ostenta o soberbo lago com o vistoso repuxo, obra grandiosa do abastecimento da cidade com a agua livre; e, até no Rocio, naquelle antigo terreiro da capital, hoje aformoseado com a estatua, levantaram as edilidades dois bellos lagos de pedra e bronze, com figuras decorativas e repuxos, ante os quaes se extasia a população alfacinha.

*
* *

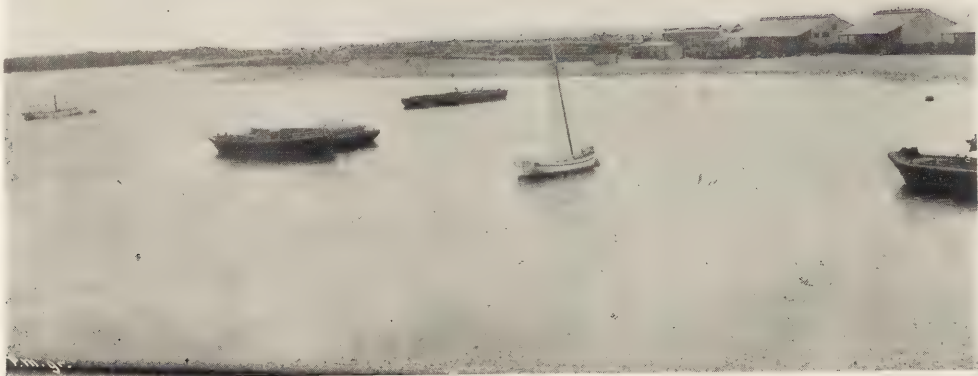
Que formosos são os lagos, com o seu caracteristico elemento decorativo — os cysnes, meneando-se donairosos e esveltos; povoados das mil variadissimas especies de peixes, de côres vivas, desde as variedades minusculas até aos peixes de agua dôce de maiores dimensões; com os barcos de recreio sulcando as suas aguas e conduzindo formosas damas ou idyllicas serenatas, lembrando as decantadas gondolas de Veneza; com as aguas correndo nas fontes, com as cascatas borbulhando em cachões, e com os seus jogos de agua mirabolantes como os de Versailles e de Queluz!

Toda esta frescura dos lagos ameniza os panoramas, dá a nota ridente e graciosa aos parques e jardins, servindo como que de multiplos espelhos em que se refletem as frondes escuras dos velhos arvoredos e as colorações vivas das flôres.

Encanto perenne de gerações successivas, cantadas pelos poetas de todas as litteraturas, os lagos fôram em todos os tempos consagrados como elemento precioso para o recreio dos sentidos, captivando a vista, enchendo de frescura o ambiente, deleitando os ouvidos com o murmurio das aguas correntes, e abrindo aos desejos das damas timidas — novos mares... sempre, com socegada confiança navegados.

Victor Ribeiro.

Phots. de Oneto, A. Guimarães e Barcia.

ANTIGO LAGO CIRCULAR DO PASSEIO PUBLICO
(Sito no logar do actual monumento aos Restauradores), hoje no jardim do largo da Graça

BAHIA DO LOBITO — VISTA GERAL

Para o paiz do cobre

O caminho de ferro do Lobito e a redempção de Angola

Um pouco d'historia. Mudam os tempos e os processos.

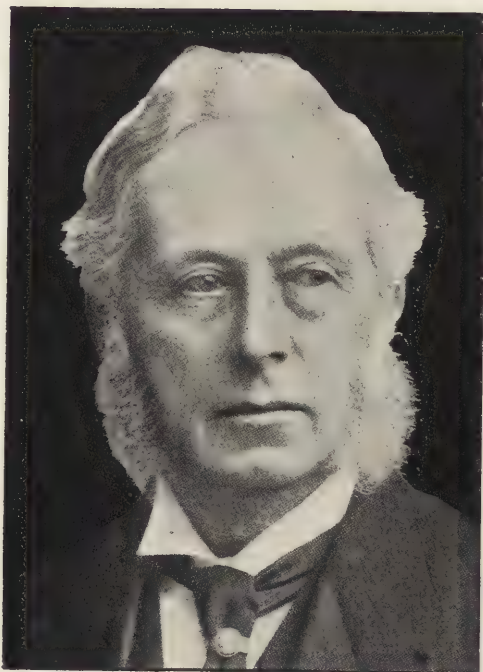
AVEGADORES e aventureiros por temperamento, como se nos girasse nas veias sangue de phenicios, sentindo estreita a faixa de terra portugueza, d'um lado Castella, do outro o mar, encurralados, abafando neste pedacinho da Lusitania, sem nos importar a dôce paz do seu clima, a frescura das suas encantadas sombras, os cambiantes ternos da sua paisagem, cedo entrámos de conhecer as cartas de marear, cedo tomámos dos remos para a lucta titanica das aguas.

Não foi debalde que o Infante D. Henrique, o olhar illuminado, o coração cheio de sonhos, entreviu por tardes calmas e manhãs brumosas, atravez das aguas de Sagres, o imperio portentoso do Prestes João, onde as pedrarias se não podiam contar e o oiro jorrava liquido das fontes.

Sahiam do Restello as nossas barcas, com a cruz de Christo nas velas, e desde o Bojador á India quasi que a palmos conhecemos os dominios e, se á volta vinham de menos os marinheiros, vinham a mais as conquistas opimas!

A Africa custou-nos muitas vidas, mas dominámos nella como povo algum jámais dominou.

Então ensinámos ao mundo a arte de navegar e foram grandes os que seguiram os nossos passos.

A côrte dos nossos reis era apontada pela sua riqueza e magnificencia, pela barra do nosso Tejo entravam a mãos cheias o ambar,

SIR DOUGLAS FOX

o marfim, as perolas, os diamantes, as drogas preciosas pejando galeões de muitas toneladas de peso.

Portugal encarnava então a figura austéra e grandiosa do capitão bravisssimo, que, tisnado o rosto do fumo das refregas, callejadas as mãos do manejar da espada e crivado o corpo de cicatrizes, dizia apontando os pelouros e os canhões: — «E esta, a moeda com que o rei de Portugal paga os seus tributos!»

A's imposições de estranhos respondia-se assim em tempos de Affonso de Albuquerque!

. . . .

Volvidos tempos, mudaram com elles os processos de politica colonial, e a experiencia tem demonstrado, com a firmeza d'uma lei, que a situação próspera e o densenvolvimento progressivo das industrias d'um paiz está na razão directa do seu desenvolvimento colonial.

Não se colonisa porém, hoje, pelo gume das lanças ou pela bocca dos canhões.

E mister dispôr de tacto, entrar a conhecer de perto o povo que se domina, apreciar-lhe os dotes, explorar-lhe as aptidões, corrigir-lhe os defeitos e attrahil-o pela protecção e pela justiça.

Vencidos e expurgados os fermentos de futuras rebelliões internas, então será facil pôr em pratica processos de administração que o conhecimento do povo e os interesses financeiros da região hão-de ensinar.

*

* *

A penetração no «hinterland». Os rios e as estradas não bastam como meios de transporte: são necessarias as vias ferreas. A civilisação segue a locomotiva.

Quando a nossa occupação colonial evolucionou, do littoral para o interior, e trocámos os simples pontos de escala de costa, iniciando a penetração no *hinterland*, logo occorreu, como meio indispensavel para a completa fruição dos productos maravilhosos que apodreciam á sombra dos baobabs seculares — a construcção de vias de communicação.

A difficuldade não estava em estabelecer relações entre as colonias e a metropole, pois o oceano é a mais simples e a melhor de todas as vias.

ROBERT WILLIAMS

Mas para a ligação dos pontos do interior com a costa, facilitando a exportação e a troca dos productos, necessario se tornava, não já a abertura de estradas, para o commercio de pachorrentas caravanas, mas o estabelecimento de vias ferreas, atravez do sertão invio, como o mais rapido e vantajoso meio de transporte que a industria moderna apresentava.

CONSELHEIRO JOSÉ JOAQUIM MACHADO

As veias liquidas, os rios, os affluentes, seriam por certo um meio naturalmente economico, mas porque a existencia de cursos d'agua nem sempre é um facto e porque, por vezes, os existentes não offerecem condições bastantes de navegabilidade, necessario se tornava recorrer ás linhas ferreas.

Erro será considerar os meios de communicação como elemento secundario para o desenvolvimento d'uma colonia; são uma condição primacial para elle e tanto que o colonialista Girault não duvida affirmar *que a questão colonial é uma questão de vias de communicação.*

Quer economica, quer politicamente, é pela via ferrea que se garante a posse d'uma colonia, permittindo o rapido transporte de productos, de funccionarios e tropas, e a penetração assim será mais proficua porque, no dizer do grande Cecil Rhodes: *Le rail est moin coûteux que le canon et il porte plus loin.*

A construcção d'um caminho de ferro fére vivamente a imaginação do indigena, mostrando-lhe o caracter definitivo do dominio europeu tão potente como a locomotiva, tão solido como o aço dos rails.

A região, cortada pela linha ferrea, desperta do torpôr em que jazia para o progresso e para a civilisação: surgem plan-

PONTE SOBRE O RIO CAVACO NA EPOCA DAS CHUVAS

PONTE E JETÉE NA BAHIA DO LOBITO

tações nos terrenos incultos, povôam-se e desenvolvem-se as regiões salubres, as industrias locaes augmentam pela facilidade de commercio, emfim a colonia resurge para uma vida nova, pois, na phrase do coronel Thys: *a civilisação segue a locomotiva.*

*
* *

A mais rica e a maior das nossas colonias. A crise que atravessa Angola. A construcção do caminho de ferro do Lobito. Difficuldades e estado dos trabalhos. Decidida influencia da linha na economia da provincia.

D'entre as nossas possessões africanas nenhuma de tão inexplorados recursos, nenhuma atravessa uma crise tão profundamente lamentavel como a provincia d'Angola, que Elysée Reclus não duvida collocar em plana superior ao Brazil, pela extraordinaria situação geographica e pelas riquezas preciosas do seu solo ubérrimo.

Quatorze vezes maior que a metropole, estendendo do rio Cacongo ao cabo Frio os seus 1:625 kilometros de costa, recortada de bahias profundas e portos bem abrigados, offerecendo aos navios excellentes condições de fundeamento e acostagem, a provincia vegeta num adormecimento improductivo pela quasi absoluta falta de vias de communicação, que permittam o transporte rapido de productos do interior ao littoral, e a fixa-

VAPORES ATRACADOS Á PONTE DO LOBITO

BARRACA INDIGENA DE PAU A PIQUE

ção d'europeus nas regiões fertilissimas do sertão.

E foi por certo o conhecimento *de visu* das riquezas incalculaveis do solo angolense e as considerações apontadas que levaram em 1902 o engenheiro inglez Robert Williams a propôr ao governo portuguez a construcção d'uma via ferrea que, partindo da esplendida bahia de Lobito, na costa occidental, atravessasse a provincia por Catumbella e Benguella, prolongando-se pelo Bihé até á fronteira do Estado Livre do Congo.

A proposta foi acceita e o governo concedeu a Robert Williams e á companhia por elle formada o direito de construir e explorar a linha, durante 99 annos, tendo além d'isso a companhia, nos dez primeiros annos, o direito de pesquizar e explorar todos os jazigos mineiros numa área de terreno de 120 kilometros para cada lado da linha.

A via ferrea, que abrangerá uma extensão de 1:200 kilometros, está orçada em 32:000 contos e deverá estar concluida no proximo anno de 1912, segundo as clausulas do contracto.

Difficilima foi a construcção do primeiro troço, em terrenos arenosos, falhos d'agua numa extensão superior a 70 kilometros, acompanhando as oscillações do terreno, elevando-se a 909^m ao kilometro 96 (Portella) para descer logo a 536^m no Catengue, tornando a subir a 893^m para novamente vir em declive até á ribeira da Sapa.

Neste troço ha 352 canos, cujos diametros variam entre $0^m,38$ e $0^m,90$, 26 aqueductos, 38 pontes e viaductos, medindo 810 metros de extensão total; o limite de inclinação é $0^m,025$, exceptuando um lanço em cremalheira na extensão de $2:120^m$ com a inclinação maxima de 6 $^0/_0$.

A PONTE SOBRE O CATUMBELLA

A segunda zona da via ferrea alonga-se

REBOCADOR TEIXEIRA DE SOUZA

por terrenos de constituição granitica, de difficil ruptura, mas vencida ella os trabalhos da terceira zona serão mais faceis, abrangendo toda a extensão do planalto de Caconda até ao terminus, num percurso de 1:000 kilometros, em terras de grande fertilidade e abundancia d'aguas.

Estão feitos os estudos definitivos de 300 kilometros de via ferrea, tendo sido já concluidos os trabalhos de campo e os trabalhos de gabinete relativos a mais 400, estando assim concluido o projecto da linha até 740 kilometros, ou mais de metade da extensão total. Os trabalhos, que no começo eram acceitos com certa relutancia pelos indigenas contractados, entraram em franco adeantamento, tendo a companhia importado mais de 2:000 *coolies* e sendo de prever enormes progressos no decorrer do presente anno.

A reluctancia dos indigenas para os trabalhos de construcção do caminho de ferro tem diminuido á medida que elle se vae internando pelo districto de Benguella, de modo tal que hoje ha facilidade em recrutar na propria região todos os trabalhadores necessarios, dispensando-se por isso as importações de *coolies* ou operarios negros de outros pontos da costa africana.

A BARRACA D'UM APONTADOR

PESSOAL TECHNICO E ADMINISTRATIVO DA CONSTRUCÇÃO DO CAMINHO DE FERRO

1. Sir Charles Metcalf, engenheiro consultor. — 2. Engenheiro Matta, fiscal do governo. — 3. Victor Anselmo, representante da companhia do caminho de ferro. — 4. Robins, engenheiro residente, fiscal da construcção por parte da companhia. — 5. Griffiths, representante dos empreiteiros Griffiths & C.ª

Os salarios pagos pelos empreiteiros ao pessoal operario em serviço elevam-se, mensalmente, a mais de 100 contos de réis, que se espalham por todo o districto de Benguella, animando o commercio sertanejo.

As cambiaes recebidas em Lisboa, para transferencias para Benguella, do dinheiro destinado ás despezas do caminho de ferro

tem regulado, annualmente, de 20:000 a 30:000 libras sterlinas, concorrendo para a manutenção do agio de ouro em condições favoraveis para a metropole.

A acção duma tão importante empreza sobre o commercio da provincia começa de accentuar-se pronunciadamente, comquanto só se achem construidos 154 kilometros de via.

Não obstante, os navios entrados no porto do Lobito onde, anteriormente a 1903, não havia movimento algum, teem augmentado de anno para anno:

Anno	N.º de navios	Total de ton.
1905..........	68	84:821
1906..........	108	187:524
1907 (1.º sem.).	68	163:054

não comprehendendo nestes numeros as embarcações de menos de 50^{m3} de arqueação.

Correlativamente, os valores das mercadorias importadas e exportadas, teem augmentado intensamente e assim, não incluindo o material do caminho de ferro:

Anno	Total de imp. e exp
1905............	1.193:058$674 réis
1906............	1.132:927$546 »
1907 (1.º sem.)...	1.283:391$546 »

VIADUCTO NO KILOMETRO 3

Tanto pelo numero de navios entrados no primeiro semestre do anno findo, como pelo valor das exportações e importações, se pode ver o progressivo augmento do porto do Lobito: o numero de navios entrados nos primeiros seis mezes de 1907 eguala o de 1905, mas ha em favor d'aquelle a quasi duplicada tonelagem, que por si é bem explicita; a cifra das importações e exportações na mesma data quasi ultrapassa a de todo o anno de 1906 e, o movimento de passageiros que em 1905 fôra de 1:058 e em 1906 de 880,

UM ANÃO, TRABALHADOR CONTRATADO NA COSTA DA MINA

subiu bruscamente, no fim do primeiro semestre de 1907, a 4:619.

* * *

No paiz do cobre. A região da Katanga e a sua fabulosa riqueza. O que mostram as explorações feitas. O futuro da Companhia.

E como se não bastassem as proprias condições intrinsecas da colonia, as suas riquezas naturaes, os multiplos productos da sua flora e da sua fauna exuberante, para augmentar a importancia da linha que a ha de sulcar de oeste a leste, ainda um factor veiu salientar essa obra gigantesca e darlhe extraordinario incremento: a descoberta das minas da Katanga na fronteira confinante do Estado Livre do Congo.

Pela sua fabulosa riqueza e pelas condições excepcionaes de situação e exploração, póde affirmar-se que a Katanga é a região mineira mais rica do mundo inteiro.

A companhia que iniciou a exploração dos jazigos mineiros, *Tanganika concessions limited,* com o capital de 100:000 libras sterlinas, tem tomado tal desenvolvimento que successivamente e em periodos pouco afastados tem elevado o capital social a 184:000, 194:000, 264:000, 450:000, 525:000 e ultimamente, desde 1906, a 1 milhão de libras sterlinas!...

Muito recentemente esta companhia fundiu-se com outras companhias belgas para constituirem a *Union minière du Haut Katanga.*

A riqueza principal da Katanga é o cobre, havendo além d'isso minas de ouro, prata, platina e estanho.

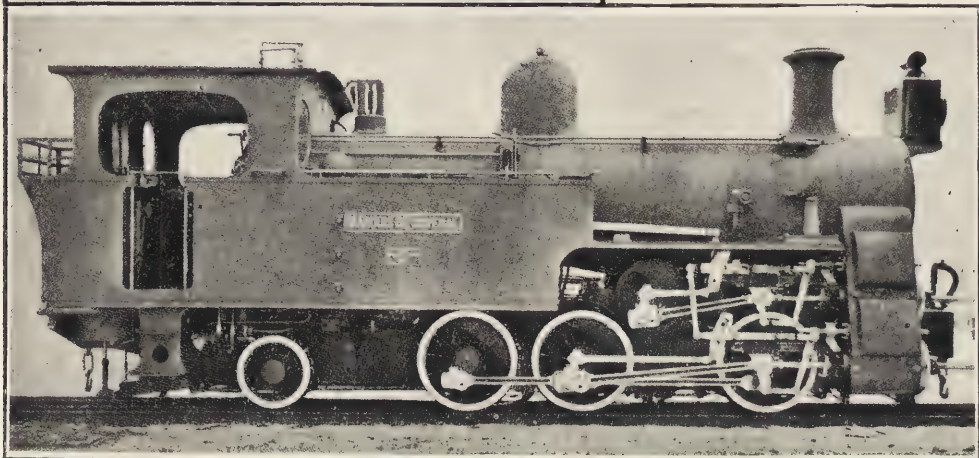
O engenheiro Buttgenbach que tomou parte nas primeiras pesquizas diz: «quando os trabalhos de sondagem, só por si, permittiram avaliar em perto de 2 milhões de toneladas a quantidade de cobre existente numa camada superficial d'uma dezena de depositos, não será exaggero affir-

CAMINHO DO PLANALTO. UM ENGENHEIRO E SUA COMITIVA

mar, que a Katanga póde fornecer de cobre o commercio mundial durante mais d'um seculo».

E effectivamente a zona cuprifera já estudada, numa extensão de 200 milhas inglezas, indicou mais de 100 jazigos de precioso minerio, cujas afflorações mostraram oxidos de cobre de grande riqueza.

A zona referida póde considerar-se dividida em quatro secções:

1.ª secção: — os terrenos situados a sudoeste do rio Lubala, comprehendendo as minas de Koluzi, Muzoni e Dirkurve, onde as explorações permittiram constatar a presença de 2 1/2 milhões de toneladas, exploraveis a céu aberto e d'um conteúdo médio de 10 %;

LOCOMOTIVA «MARQUEZ DE SOVERAL»

2.ª secção: — os terrenos das minas de Kaconda, Fungurume, Kuatobola e Pumpi, dos quaes os engenheiros calcularam poder extrahir 8 milhões de toneladas de cobre;

3.ª secção: — estende-se até ás margens do rio Lufira e onde se calcula existirem 11 milhões de toneladas de minerio numa percentagem de 14 %;

4.ª secção: — em ultimo lo-

INTERIOR DAS CARRUAGENS

VAPOR ACOSTADO NA PONTE DO LOBITO

gar figuram os terrenos situados a leste do Lufira; esta zona comprehende cerca de 50 °/o da área mineira, abrangendo uma extensão de 75 a 100 milhas inglezas.

Depois, as despezas de extracção para as pesquizas iniciaes que orçaram por 6fr.,840 por cada tonelada de minerio, fazem prever uma tiragem a preço reduzido em futuras explorações.

Accresce depois que as grandes companhias americanas e mesmo europeias vêem-se forçadas a explorar os seus depositos a 1:400 metros de profundidade, por vezes, para extrahirem um minerio pobre em metal, cuja percentagem não excede 10 °/o e em média não passa de 5 °/o, ou sejam 50 kilos de cobre, por tonelada de minerio — e não obstante isto, os dividendos são extraordinarios, chegando a companhia de *Rio Tinto* a dar 110 °/o no exercicio de 1906!...

Que fabulosos dividendos não poderão dar as companhias das minas da Katanga em condições incontestavelmente usperiores, quer em quantidade de minerio, quer em facilidade de extracção?!

Não é porém só o cobre o minerio existente na Katanga; abunda tambem ali o estanho, cujos depositos se estendem por mais de 160 kilometros, numa zona que se prolonga para além da Kaimba e do confluente do Luabala e do Lufupa; em Ruwe, a oeste do Lubala, existem depositos de ouro, prata e platina.

Quando se procedeu em 1903 á exploração d'uma bancada de quartzo aurifero, perto de Kazembe, alcançaram-se as seguintes dosagens por tonelada metrica:

Platina............	3gr.,428
Ouro.............	12gr.,287
Prata.............	8gr.,266

E se o carvão não existe na região das minas, propriamente, a força, que as innumeras quedas d'agua podem fornecer, compensa bem, de resto, a energia da hulha negra.

(Continúa.)

ANTONIO DE SOUSA MADEIRA PINTO.

CARREGADORES INDIGENAS ATRAVESSANDO O CATUMBELLA

CONSUMMATUM

És tu? Entra, e descança no meu lar.
Ha muito que eu sou triste, meu amor.
Na escuridão da vida, ébrio de dôr,
A luz do olhar gastei-a em te buscar.

Mas, como tu vens pallida e cançada,
E que signaes profundos de tristeza
Trazes no olhar! Foi longa, com certeza,
E cheia de tormento, a caminhada...

Vem para aqui; e ao fogo da lareira
Aquece o corpo virginal, perfeito.
Calor não tenho eu, que no meu peito
Morreu, ha muito, a chamma derradeira.

Sem que nunca te visse, todavia,
Desde a infancia, conheço quem tu és!
Por caminhos sem fim rasguei meus pés,
Clamando em vão por ti, de noite e dia...

Concebeu-te a minha alma, em lindos sonhos,
Linda assim, assim pura, qual te vejo...
— Acha-se estanque a fonte do desejo,
Mortos de sêde meus ideaes risonhos!

Buscavas-me tambem? — Maldita sorte,
Por legado do ceu, nós recebemos,
Que, buscando um ao outro, nos perdemos,
E só nos encontrámos para a morte...

Sim! para a morte! E, pois, o que faremos,
Corpos sem alma, sem ideaes, sem luz,
Se ambos vergámos sob a mesma cruz
E nem é nossa a vida que vivemos?...

Fatal noivado é este, minha amante,
Ao qual nem um sorriso faz cortejo!
Troquemos o primeiro e ultimo beijo
N'este angustioso, n'este doce instante...

Empallideces mais. Vem, no meu leito,
Por um pouco, ao meu lado repoisar.
Põe a cabeça aqui, sobre o meu peito;
— Basta cerrar, por um momento, o olhar...

E logo partiremos para a Vida,
Por estradas de luz e de misterio!
— Nem sequer uma cruz compadecida
Que mostre ao mundo o nosso cemiterio.

Olha. Pede commigo a Deus, nesta hora,
Antes que sobre nós descenda o véu:

— Não nos deixes, Senhor! perder, agora,
Pelos caminhos que vão dar ao ceu!

Lisboa — ***Raposo de Oliveira.***

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II — O PAIZ

COIMBRA

(Continuação)

s proprios edificios de S. Bento e Sant'Anna, ao que parece, achar-se-hão votados á decadencia, com quanto estejam ainda de pé. Na egreja nova de S. Domingos acha-se hoje acommodada uma officina de ségeiro.

Uma outra edificação importante e coeva é a Misericordia, hoje Casa pia, pintorescamente alcandorada a meia encosta, sobranceira a Santa Cruz, um complexo de construcções incluindo a egreja e um campanario, atarracado, agrupados n'um pateo; de exterior singelo mas com certo effeito. O fundador deste instituto foi tambem o cardeal D. Affonso de Castello Branco, que lhe deu principio, sendo ainda bispo, em 1590, vindo a concluí-lo em 1596.

E aqui se nos depara ainda um edificio mais antigo, d'essas éras, inclinando-se á maneira italiana e suggerindo, não sem fundamento apparente, o nome de Terzi. O adro, nobre a pár de singelo, mais do que qualquer outro existente no paiz. E' o edificio que com maior insistencia recorda as construcções italianas; muito mais do que os mais ricos de Thomar, dos quaes, aliás, traduz uma forte influencia; parece ser uma simplificação dos mesmos, aos quaes o pavimento superior segue o trilho de modo conspicuo, muito mais delicados, comtudo, os pormenores, e mais severa a sua estructura. O pateo, circuitado por três faces por construcções de uma certa altura, distingue-se pela nobreza de conjunto e da harmonia geral, circumstancias estas que nos levam a atribuir-lhe a origem a uma data anterior de cincoenta annos. E' mais um argumento vindo confirmar a minha opinião, de como esta vergontea portugueza da Renascença, mercê da austeridade e nobreza das suas formas é unica em toda a Europa. A abobada de arestas e as arcadas da portaria são adornadas com rotulos de ornamentação cursiva em estuque, recordando exemplos septentrionaes. A egreja, algum tanto baixa e acanhada, reproduz a planta da de S. Bento, com duas capellas, tão somente, a nave central, e sem cupula. As abobadas

PATEO DA MISERICORDIA DE COIMBRA

são ainda estucadas, ricamente adornadas de caixotões, o côro, quadrangular, de exuberante riqueza; rotulos, florões, diamantes, ovanos sobrecarregam quer as molduras quer as praças intermedias em vigorosissimo relêvo, a um ponto excessivo.

Observamos aqui esse estylo, posteriormente tão puro e austero em suas combinações de abobadas almofadadas, na sua forma inicial e um tanto pesada.

O interior abrange varios recintos aliás singélos, cuja decoração, em parte, é ainda a da origem. Assim pois o refeitorio apresenta uma abobada singela de estuque, almofadada; contigua, uma quadra mais espaçosa com um tecto de gaméla, de madeira, pintado.

No primeiro andar uma capellinha com tecto de madeira; ao meio, uma tabella, funda, oitavada, com rotulos, as molduras das esquadraturas do tecto, douradas; as praças inscriptas repintadas, infelizmente. Intesta aqui uma sala, espaçosa, dormitorio, actualmente, com o lindo tecto de madeira em caixotões, as vigas e florões mimosamente lavrados e dourados.

O novo convento de Santa Clara, ponderosa mole de construcção campando num alto para além do Mondego, merece ainda uma certa attenção; a veneranda egreja monacal jaz cá em baixo, enterrada até ao telhado no crescente areal do rio, haverá uns 250 annos; a construcção do novo edificio foi empreendida em 1640; o convento, com uns ares de caserna, a egreja, de uma só nave, rectangular e singela, com abobada almofadada, tambem. A absi-

de coral, unicamente, ostenta pinturas na abobada de berço. A posterior decoração é profusa quanto sumptuosa, os nichos ao comprimento da nave por baixo das janellas retangulares preenchidos com altares de talha dourada.

Os edificios colossaes da Universidade, os quaes desde 1540 foram erigidos na culminancia da cidade, em vez da velha alcaçova real, despertam mediano interesse, visto como representam apenas construcções simples e de pratica utilidade; em disposição pintoresca, não obstante, formando grupos multifarios, e atorreados; os lanços que ainda restam das primeiras fundações coevas de D. João III, apresentam formas toscas e deficientes com o caracter das edificações monasticas de Thomar; o primeiro architecto do edificio foi Diogo de Castilho. Apenas a egreja, a unica resentindo-se ainda da construcção da antiga alcaçova, apresenta algum interesse; foi toda edificada de novo, e apenas conserva o seu antigo portico e as janellas manuelinas, assim como internamente o arco do côro com molduras contorcidas. As formas são

SALA DOS CAPELLOS NA UNIVERSIDADE

algo toscas e suggerem a influencia de Marcos Pires, o qual desde 1524 era aqui mestre de obra da alcaçova.

No interior depara-se-nos ainda, na secção das aulas, uma formosissima quadra da éra joannina; pelo menos pertence a este rei o rico tecto de taboleiro, de madeira, com a sua primorosa pintura das tabellas; os ornatos respectivos, em côres de fino matiz, fazem lembrar os de Holbein; as paredes, revestidas de estofo, apresentam um alto silhar de azulejos, assim como em todo o perimetro umas anteparas de madeira exotica com embutidos de prata.

ARCARIA NA RESIDENCIA DO BISPO

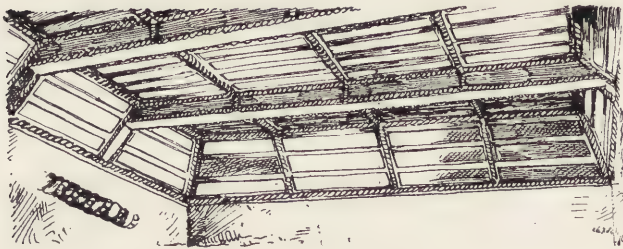
Assim pois todo o conjuncto, reedificado nos seculos XVI e XVII, é destituido de interesse artistico, á excepção da magnifica bibliotheca, edificação nova de D. João V, digna parceira da de Fischer de Erlach, em Vienna.

A residencia episcopal, edificada tambem por D. Affonso de Castello Branco, apresenta-nos, com o seu pateo, com a sua columnata de columnas emparelhadas, um dos mais formosos pontos de vista em Portugal, obra de summo effeito datada do fim do seculo.

Está ainda de pé uma residencia particular, situada na ingreme e estreita rua de Subripas, com um lanço transversal e um arco galgando a rua, pintorescamente encostada a uma das torres da cerca da cidade, datando da éra de 1530. Passa ainda aqui por ser a antiga residencia de Maria Telles (1); dado ainda que assim fosse, reconstruiram-n'a integralmente no seculo XVI.

O portico acha-se anteriormente reproduzido; nos arruinados lanços da parede recortam-se variadas janellas barroco-manuelinas, mais ou menos simples e ricas; o principal adorno consiste numa profusão de medalhões de relevo, bustos e quejandos motivos, de marmore, embutidos nos lanços da parede; todos apresentam caracter varia-

(1) Lenda que hoje se acha aliás desmentida.

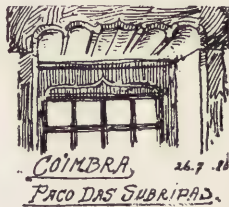
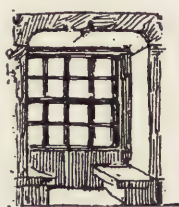
Nota do Traductor.

TECTO NO PAÇO DE SUBRIPAS

do da Renascença e apparecem nos tempos de D. João III, amiude, na qualidade de ornamento exterior; só me occorre coisa que se lhe assimelhe na tão conhecida casa dos gendarmas em Caen.

Internamente acham-se ainda bem conservados os despretenciosos aposentos do seculo XVI; a feição dos moldurados das janellas acha-se reproduzida, mais para diante, algum tanto do estylo manuelino com esquadraturas e molduras de torsaes. Conservam-se ainda em bom estado.

E por ultimo attentarei ainda no grandioso acqueducto, edificado em 1750 por «Filippo Terzio, italiano», na extensão de um kilometro, ou, porventura, restabelecido em parte sobre vestigios romanos. Com simplicidade antiga, erecto sobre possantes pilares e arcarias, parcialmente de cantaria, com singelas molduras de reforço; construido com alvenaria, a maxima parte, interrompe-o, numa encruzilhada de ruas, um arco triumphal, cujo coroamento é representado por um elegantissimo templete com uma imagem de Christo (1). Por baixo as armas reaes e uma cartella com inscripção. A architectura é tão similhante ao estylo corrente por aqui de arte decorativa, que vêmos nesta obra authentica de Terzi o mestre na lista dos portuguezes; dos italianos coévos não encontramos na firmeza e primor destas formas a minima reminiscencia.

* * *

Os suburbios de Coimbra são ricos em fundações conventuaes da éra da Renascença; desgraçadamente, acham-se na maxima parte cahidas no mais irremediavel estado de ruina. Mencionarei, como exemplo, o mosteiro de Lorvão, cuja egreja e adro

VÃOS DE JANELLA NO PAÇO DE SUBRIPAS

(1) Aliás S. Sebastião, com a devida venia ao auctor.

Nota do Traductor.

conventual condizem em absoluto aos do Carmo.

E' muito mais importante a egreja de S. Marcos, succursal dos Jeronimos de Belem, edificio interessantissimo, da primitiva Renascença, mais como decoração, do que pela estructura. O pesado mosteiro serrano dos condes da Silva, familia a que pertencia o cardeal Ayres da Silva, de Coimbra, á excepção da egreja jaz todo elle em estado de ruina; o proprio côro é o *camposanto* d'esta familia.

A egreja é um edificio rectangular, sobre o comprido, com um côro algo acanhado; este ultimo é abobadado com influencia de mestre Nicolau; isto deduz-se, aliás, da entidade do mosteiro como ramificação parcial do de Belem. As proprias formas do recinto coral são as mesmas, por assim dizer, dos tumulos dos reis; são lindissimos os moldurados que inscrevem as duas janellas lateraes do côro com o intradorso ornatado.

O côro, longitudinal, foi assim dis-

AQUEDUCTO DE COIMBRA

uma guapa abobada ricamente decorada, tambem; por fóra é singelissima, apenas o portico gothico-manuelino ostenta columnas serpentinas, e profusa ornamentação. A egreja é um trabalho d'aquelle estylo mixto, com cujas tendencias proeminentes nos familiarizou o exemplo em Santa Cruz, nos tumulos dos reis; são os mesmos, os artistas, tanto aqui como além; apresenta porém tendencias manifestas de afinidade com o estylo de Belem, de modo que nos induz a pensar novamente na

posto, sem duvida, sob a influencia do de Santa Cruz de Coimbra, devendo observar-se, o existir sufficiente accordo entre o estylo dos monumentos e o do edificio. E' de presumir que a morte de D. Beatriz de Menezes, mulher de Ayres Gomes da Silva, governador de Lisboa, e que fôra aia da Rainha D. Isabel (mulher de Affonso V), haja concorrido a dar impulso a esta fundação. Falleceu cerca de 1520, n'este mesmo convento. A sua campa é a primeira da banda do norte, em nicho de volta

CLAUSTRO DE LORVÃO

abatida e moldurados gothicos do ultimo periodo, profusão de ornatos floraes e de folhagem evolvente, e no qual a fallecida jaz incumbente sobre o modesto ataúde, em oração. O marido, Gomes da Silva, descansa na primeira arcada do duplo quanto sumptuoso tumulo immediato, o qual, innegavelmente, apresenta um arremedo dos tanta vez alludidos tumulos dos reis. A estampa dispensar-me-ha de mais dilatada exposição; devendo apenas observar-se, que o parentesco, no presente caso, entre os pilares e os já mencionados do castello de Gaillon, é claro e manifesto, sendo aliás o ornato como as figuras elaborados com muito mimo; o gothicismo das minudencias architectonicas é manuelino da gemma. Quem jazerá sepultado na segunda campa, não é facil de saber, visto esta não apresentar inscripção. Os monumentos tem a data de 1522.

No ambito immediato do côro depara-se ainda um tumulo anichado, de 1699, para nós destituido de interesse, e que é o de D. João da Silva, filho do mencionado Gomes, e coetaneo de uma época, cujos trabalhos de decoração por aqui não abundam. E' valioso este monumento, visto como, a par de alguns poucos trabalhos que existem em Coimbra, nos manifesta o haver florescido por aqui, em tempos, uma arte decorativa, primorosa. São ricas em combinações as suas formas, perpendendo para as formulas da Renascença flamenga, a qual, áquella data, havia conquistado a Europa. Duas pilastras ornamentaes, molduradas, encerram um arco supportado

por quatro delicadas columnas e abrigando o sarcophago, encimado pela imagem incumbente do fallecido; por cima, uma linda imagem da Virgem, coroada por uns anjos, da esquerda e da direita entre formosa architectura umas figuras sacerdotaes. Corôa o entablamento um retabulo com um frontão liso e as arestas ornamentadas, em cujo centro campeia o brazão de armas aguentado por duas figuras embocando trombetas. O peregrino artista seria o proprio que esculpiu o formoso altar da capella da familia dos Vieiras na Sé Velha de Coimbra, cerca de 1559.

A obra capital no recinto do côro é o primoroso retabulo do altar, com respeito ao qual, Raczynski, em tempos, se inclinava a attribui-lo ao Sansovino. E' inquestionavelmente obra do esculptor do portico occidental de Belem, genuinamente francez, todo elle finura e gracilidade. Por cima sobresahe, em relevo, a deposição no tumulo, num amplo nicho com arcaria almofadada; da esquerda e da direita, em nichos, o fundador e a fundadora, de joelhos, S. Jeronymo e S. Marcos, por detraz dos mesmos, tal qual se vêem em Belem, na arcada do portico, abrigados por uns preciosos baldaquinos. Por baixo, quatro tabellas, de opulentissimo relevo e a imagem de S. Jeronymo; no meio um encanto de tabernaculo com a porta para o Santissimo Sacramento. Subposto a todo este conjuncto prolonga-se, em quatro divisões, uma como que predella, na qual uns seres aquaticos, phantasticos, amparam as armas dos fundadores. O ornato emula em delicadeza com o pulpito de Santa Cruz, o conjuncto da architectura, da mais supina elegancia e rico em pilastras, columnélos, candelabros, e outros motivos, tão pintorescos como os de além; são importantes as dimensões (andará por uns quatro metros em altura e outro tanto em largura). Em a nave da egreja, da banda do norte, segue-se uma sumptuosa capella com uma cupula, de construcção posterior, quadrangular, com duas columnas no chanfro dos alizares. A cupula de pedra, muito ricamente decorada com rotulos e couraças e encimada por um lanternim. Dentro, existe um altar tendo á esquerda e á direita as estatuas de dois individuos fallecidos, jacentes nas respectivas campas. Um d'elles, por nome Diogo, filho de João, já fallecido em 1556; o edificio é inquestionavelmente mais novo e as suas formas correspondem ás da egreja Nova de S. Domingos; accusa, portanto os fins do seculo.

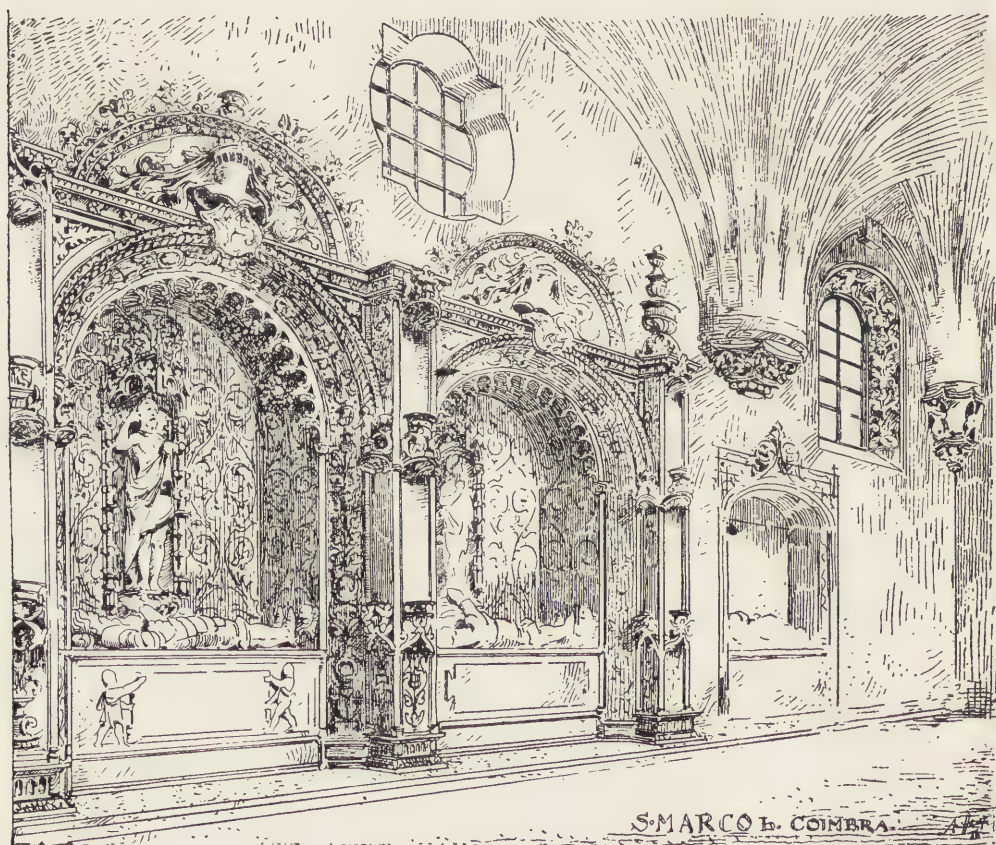
Esta capella é, aliás, um formoso edificio de cantaria com uma rica cimalha assente sobre misulas. Mais para cima, depara-se-nos ainda na nave da egreja um monumento sepulcral, o de Fernam Telles de Menezes, talvez que o pae de Brites da Silva; um sarcophago dentro de um nicho gothico, apresentando o sumulacro de uma colgadura de rica tapeçaria, com uma sumptuosa cercadura de flôres e ornato naturalistico. Este monumento seria talvez transferido para aqui quando foi effectuada a nova construcção.

O edificio conventual, em ruinas, data quasi completamente do seculo XVIII; apenas contiguas á egreja se encontram duas salas abobadadas, em formas de Renascença, edificadas ahi por 1550.

A éra de D. João III e as immediatas distinguem-se em toda a provincia pela profusão de egrejas edificadas. Referir-me hei, apenas, ás egrejas de Miranda, Aveiro e á um tanto pesada

Sé da Guarda, na provincia limitrophe. A Misericordia de Aveiro, por fóra e por dentro, é quasi que uma repetição da da Graça.

Infelizmente, não é possivel sem uma permanencia de annos, no interior do paiz, visitar a todo e qualquer logar importante, não devendo portanto este livro ser olhado como representando uma photographia artistica de Portugal; é mais que plausivel a presumpção, de como os monumentos não mencionados aqui se filiam ás obras capitaes já descriptas, sendo menor o seu valor e não offerecendo maior novidade. A Guarda reivindica no côro da Sé um dos mais avultados retabulos do tempo de D. João III.

(Continúa.)

TUMULOS DOS CONDES DA SILVA EM S. MARCOS — LADO DO NORTE

Vasco e o Filho dos Rochedos

(Conclusão)

Tres meses navegaram assim, encontrando afinal grandes montanhas de gelo, que andavam ao de cima da agua, e, mais adeante, apparecendo-lhes a ilha Encantada, o que fez com que todos soltassem gritos de alegria.

Na ilha propriamente não viram nada de extraordinario. Era uma rocha escalvada, em que se abria um bello porto, onde o navio entrou. A grande altura sobre ella fluctuava no ceo azul um castello de oiro. Pousadas nas muralhas do castello, quatro aguias brancas deram pios de raiva apenas o navio se approximou.

— N'aquelle castello, disse o Filho dos Rochedos, está encerrada a Princeza do Mar, e eu quero libertal-a.

— Como? perguntou-lhe Vasco.

— Se o soubesse, não te pedia para vires cá. Eu proprio a libertaria, porque desejo muito casar com ella.

— Ninguem pode ir até lá cima, disse Vasco, subindo por aquellas cadeias, se não matar primeiro as quatro aguias.

A principio só houve contratempos. Vasco deu ordem para lançar ferro, mas, apenas a ancora se tinha sumido na agua por bombordo, foi arremessada para o ar com tanta força, que se prendeu no tope do mastro grande.

— Larga a ancora de estibordo, mandou o capitão.

Foi assim que o navio poude ancorar.

— Se tornaes a deitar-me em cima essa coisa tão pesada, disse uma voz de dentro da agua, mato-vos a todos, desde o primeiro até ao ultimo.

Vasco olhou para o mar e viu uma sereia, que nadava perto do navio.

— Desculpae, disse-lhe elle, mas não foi por querer...

— Tende mais cuidado para a outra vez, tornou-lhe a sereia. Sempre que deitares ferro n'este porto, pergunta primeiro se anda por baixo alguma de nós. Bom! Bom! Como és um bonito rapaz, estás perdoado.

— E não me direis, perguntou elle, como poderei libertar a princeza que está presa no castello aereo?

— Ah! Foi para isso que vieste cá? Farei tudo o que estiver ao meu alcance para ajudar-te.

Mergulhou nas ondas e voltou pouco depois trazendo um vestuario completo, de que faziam parte um elmo e umas luvas, tudo de pelle de tubarão. Servia perfeitamente a Vasco e este envergou-o promptamente, emquanto a sereia tornava a mergulhar e trazia mais um escudo de pelle do mesmo peixe, e uma espada. O capitãosinho deu-lhe muitos agradecimentos e foi subindo por uma das cadeias de ouro.

Mal o viram, as quatro aguias soltaram o vôo e vieram contra elle, querendo despedaçal-o com os bicos e as garras, mas não conseguindo furar a pelle de tubarão. E o rapaz marinhou ao longo da corrente, e afinal pulou para a esplanada do castello, atravessando n'essa occasião, com a espada, o corpo da aguia que estava mais perto delle.

O mesmo fez ás outras, tambem medonhas pelo tamanho e bravura, e chegou são e salvo ao portão, que era muito alto e estava fechado por dentro. Mas, como bom marinheiro, o rapaz não se atrapalhou com isto e tratou logo de trepar por uma columna acima, de modo que, n'um abrir e fechar de olhos, entrou no castello aereo.

Recostada num divan magnifico, ao meio da sala principal, viu a mais linda e encantadora donzella que tem havido no mundo. Tanto que o avistou, ella ergueu-se e desatou a fugir, bradando:

— Não, Filho dos Rochedos, não vou comtigo! Quizera antes ser esposa do Rei das Aves, embora não possa amar a nenhum de vós.

— Senhora minha, replicou Vasco, eu não sou o Filho dos Rochedos. Vêde!

Tirou o elmo e mostrou o rosto á princeza, que fitou nelle os olhos cheios de espanto.

— Oh! Vós sois um formoso mancebo e tendes a bondade estampada no semblante. Tambem me quereis desposar?

— Do melhor grado o faria, respondeu Vasco, porém deixei á minha espera o Filho dos Rochedos, a bordo do meu navio, que está ancorado no porto da Ilha Encantada...

— Hei de arranjar maneira de vos livrardes d'elle, atalhou a princeza.

Vasco ajudou-a a descer por uma das correntes de oiro e conduziu-a para bordo.

— Agora, disse ella ao monstro, leva-nos quanto antes para Portugal, e lá te direi o que resolver. Faze com que o navio saia já d'aqui, pois de contrario pode chegar o Rei das Aves, e a sua colera será terrivel, quando elle souber que fugi do castello.

O Filho dos Rochedos fez com que se desencadeasse uma ventania fortissima, que levou para o norte o navio. Passados trinta dias, deram vista da costa portugueza. Durante a viagem a princeza tratou de resto o Filho dos Rochedos, mas occultando sempre d'elle o amor, cada vez maior, que tinha ao Vasco, com medo de que o monstro fizesse amainar o vento e os deixasse parados no meio do mar. Quando, porém, avistou a entrada do Mon-

dego, cobrou atrevimento, e, deitando os braços em volta do pescoço de Vasco, beijou-o com meiguice.

— Eu já receiava isso mesmo, gritou furioso o monstro, mas deveis saber o que elles são obrigados a pagar-me por me haverem trazido a bordo do seu navio.

— Bem sei, respondeu a princeza. Tendes direito a levardes uma pessoa da tripulação. Qual ha de ser? O melhor é tiral-a á sorte.

— Pois tira-se, responde o monstro.

A princeza cortou quarenta e uma tiras de papel branco e uma tira

A GRANDE ALTURA FLUCTUAVA NO CÉO AZUL UM CASTELLO DE OIRO

muito comprida de papel encarnado, e apresentou-as a Vasco e aos seus companheiros, dizendo estas palavras:

— Quem ficar com a tira mais comprida pertencerá ao Filho dos Rochedos.

Tiraram todos, já se vê, as tiras de papel branco, e então ella offereceu a tira de papel encarnado ao Filho dos Rochedos e disse-lhe:

— É a vossa.

— Mas eu não pertenço á tripulação.

— Lá isso pertenceis com toda a certeza. Pois não vos coube a faina principal? Fizestes andar o navio. Mas alegrae-vos, porque tambem coubestes em sorte a vós mesmo.

Vendo-se escarnecido, o monstro deu um grito de raiva e atirou-se ao mar. Levantou-se um grande temporal, mas nem por isso o navio deixou de entrar a salvamento no porto.

Pouco depois do desembarque, o Vasco repartiu as perolas por toda a tripulação, e d'ahi a tempos casou com a Princeza do Mar, com quem viveu muitos annos, sempre na maior felicidade.

Quinto concurso photographico dos SERÕES

MENÇÃO HONROSA

NAS AGUAS BELLAS (Vallado)

Photographia do sr. Cesar Coelho da Silva, Nazareth

Grandes topicos

Bannerman e Asquith

Após seis mezes de uma pertinaz doença, que o manteve durante todo esse tempo afastado dos negocios publicos, sir Henry Campbell Bannerman, o primeiro ministro inglez, tomou finalmente a resolução, ha muito esperada, de abandonar a chefatura do governo que elle vinha exercendo ha tres annos.

Quando n'essa época subiu ao poder, o partido liberal encontrava-se divididissimo, e só Bannerman conseguiu dar-lhe a unidade necessaria para assumir as graves responsabilidades do governo do paiz. Desde logo, por esse facto, a sua figura, até então apagada, começou a tomar grande vulto e, a breve trecho, adquiria enormes proporções, devido á politica rasgadamente liberal em que o primeiro ministro se lançou.

Foi primeiro, e para citarmos apenas as phases mais importantes da sua vida ministerial, a alliança com o partido operario; depois, o resurgimento do *home rule* para a Irlanda, e, por ultimo, a campanha contra a camara dos lords, que nenhum outro homem de Estado ousara ainda encetar tão decididamente. Se essa sua linha de conducta lhe custou o afastamento da parte mais conservadora do seu partido, conquistou-lhe, em compensação, a confiança do paiz inteiro, que n'elle via o executor fiel da sua vontade.

A Bannerman succede o sr. Asquith, ministro da fazenda do anterior gabinete e a sua figura primacial. Contando apenas 56 annos de edade, o sr. Asquith, que é um advogado de grande talanto, tem já uma brilhante carreira politica. Entrando pela primeira vez na camara dos communs, em 1886, era pouco depois um dos melhores logares-tenentes de Gladston. No ultimo gabinete que este constituiu em 1892, foi-lhe conferido o importante cargo de secretario do Home Office, fazendo, n'essa qualidade, votar pela camara dos deputados, o famoso projecto de lei sobre a responsabilidade dos patrões, que os lords regeitaram.

Quando o partido liberal abandonou o poder, Asquith separou-se dos radicaes, cujo grupo acompanhara ate então, para adoptar uma politica mais moderada que, a despeito das violentas criticas dos seus antigos companheiros, tem defendido até hoje.

A sua principal qualidade é um grande senso politico que lhe permittirá regular a sua conducta segundo as circumstancias, e sem se preoccupar com as idéas que podesse anteriormente ter defendido. E' claro que n'estes termos, a primeira consequencia da sua ascensão ao logar de primeiro ministro, será a redução da maioria liberal, cuja porta radical passará

PHARISEUS

CÔRO DE ANCIEDADE — *Meu Deus, rendo-te graças por não ser como aquelles outros homens.*

(Modo de ver de um jornal suisso a proposito do regicidio em Portugal.)

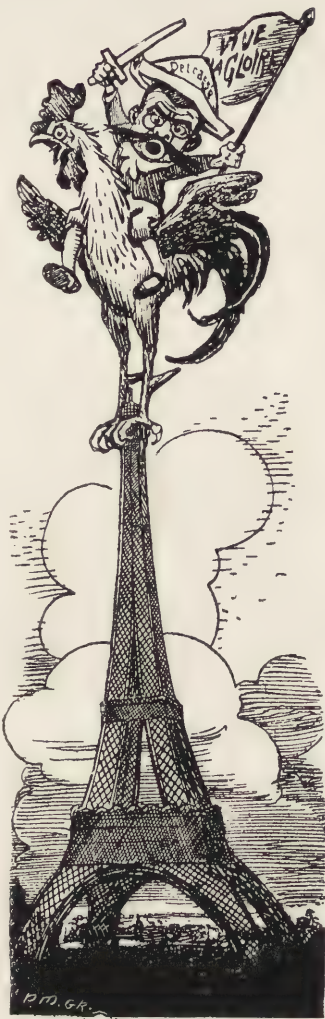
Do «*Nebelspalter*»

evidentemente para a extrema esquerda. Talvez isso, todavia, lhe seja favoravel, porque assim conseguirá talvez attenuar a opposição dos conservadores e dos lords, e, portanto, a adopção do que nos permittiremos chamar o programma minimo do partido liberal.

Como quer que seja, Asquith é o unico estadista que, dentro da actual situação, o rei Eduardo podia encarregar da chefatura do poder executivo.

Graves tumultos em Roma

Nos primeiros dias de abril, um grave acontecimento enluctou a população romana. Realisou-se na cidade dos papas, o enterro de um operario que nas fileiras socialistas conseguira adquirir certa notariedade. Calculando que o funeral seria concorridissimo, e receando qualquer alteração da ordem, sobretudo á passagem do cortejo pela embaixada da Austria, a policia tomara severas medidas de precaução.

Por qualquer circumstancia, os organisadores do cortejo quizeram á ultima hora modificar o itinerario primitivamente traçado pela policia. Como esta resistisse, estabeleceu-se dentro em pouco um conflicto gravissimo, a certa altura do qual ella fez fogo sobre os manifestantes, matando quatro e ferindo muitos outros.

A POLITICA EXTRANGEIRA DE MR. DELCASSÉ

Caricatura acompanhando uma canção intitulada «Marcha de Delcassé» com a musica da conhecida canção de Boulanger.

Do «*Lustige Blätter*»

O triste incidente causou em toda a Italia uma impressão extraordinaria e teve uma ruidosa repercussão no parlamento. No dia seguinte declarou-se a gréve geral em Roma e já as outras mais importantes cidades italianas se preparavam para seguir esse exemplo, quando, a pedido do governo, aterrado com as consequencias d'esse facto, os deputados socialistas interviram, impedindo que elle se consumasse.

A ordem restabeleceu-se immediatamente, mas os animos continuam muito axaltados, não sendo por isso de extranhar que, um novo conflicto venha sobressaltar em breve a opinião italiana.

Colombia e Panamá

De novo os republicanos americanos dão que falar de si. Agora são outra vez a Colombia e o Panamá que vieram ás mãos. Porque? Pelo seguinte: a cidade de Jurado está sob o dominio do Panamá, mas a Colombia quer á viva força que ella lhe pertença, alegando não haver fronteira definida entre os dois Estados. E como o Panamá tivesse resistido a essa pertensão, as tropas da Colombia invadiram o territorio da republica visinha e occuparam Jurado.

A impressão que a noticia d'este facto causou em Panamá foi, como é de calcular, enorme. A população, excitadissima, reclamou logo do governo medidas energicas para repelir os invasores, preparando-se ella propria tambem para o fazer por sua conta e risco. Mas o governo é que não quiz resolver o conflicto por esse processo, limitando-se a pedir a intervenção dos Estados Unidos, que já agora, estão distinados a servir eternamante de Nossa Senhora da Paz, entre as pequenas republicas hespanholas.

QUANTOS CAMINHOS LEVAM A ROMA?

Um só! Mas cada vez é mais difficil aplainal-o e evitar que os fieis andem ás topadas.

Do «*Wahre Jacob*»

VOZ BELLICOSA DO VATICANO — ÁLERTA!

Guerra contra o Modernismo.

Do «*Nebelspalter*»

AS POTENCIAS E MARROCOS

MARROQUINO — *Vossé, seu allemão, está sempre a puxar-me pela corda do tratado de Algeciras para conter a a expedição, derribar o hespanhol e concertar-se com o francez sobre os nossos interesses.*

De «*Il Papagallo*»

Guilherme II e Victor Manoel

Em principios de abril o imperador Guilherme e o rei Victor Manuel tiveram uma entrevista em Veneza, á qual, segundo se affirma, não foram estranhas duas questões importantes: a dos caminhos de ferro balkanicos e a da Macedonia. Ambas ellas teem sido causa de serios dissentimentos entre a Allemanha e a Austria por um lado e a Italia por outro, visto em ambas os interesses das duas primeiras potencias serem totalmente opostas aos da ultima.

Pelo que respeita aos caminhos de ferro balkanicos, é sabido que a Austria encontra grandes facilidades por parte do sultão da Turquia para construir novas linhas que entroncando com as do seu territorio, hão-de determinar a penetração pacifica da aludida potencia n'aquella região. Esta politica, que é muito do agrado da Allemanha porque unindo por meio de linhas ferreas os territorios austriaco e turco, estabelece-se de facto a communicação entre este ultimo e o centro da Europa, desagrada soberanamente á Italia, que n'isso vê uma seria ameaça ao commercio do Adriatico, de que é senhora absoluta.

Quanto á segunda questão ha o seguinte: Parece acabar de vez com as desordens na Macedonia, o governo inglez propoz que essa provincia fosse de todo subtrahida á influencia turca, dando-lhe um governador nomeado pelos delegados das potencias.

Esta proposta, que é favoravel á Italia, foi mal recebida pela Allemanha, pois representa para ella a perda total da influencia que tem no territorio macedonico por intermedio do sultão. Por seu lado, a Austria tambem a combate, visto que, reduzindo-se a influencia da Allemanha na Turquia, veria desapparecer as facilidades que actualmente encontra, por parte do sultão e graças ao kaiser, para desenvolver os seus interesses em territorio turco e, especialmente para a construcção dos caminhos de ferro balkanicos.

O PAPÃO DA AMERICA

Roosevelt (diz o caricatura japonez) mostra ao Japão a carranca leonina, transportada nos navios de guerra e acompanhada pelos rufos de tambor de Hoarst. Mas o focinho de leão é diversão familiar do novo anno no Japão. As creanças divertem-se immenso, e a alegria é universal.

Do «*Tokio Punch*»

Acha-se, pois, a triplice alliança profundamente dividida n'estas duas questões: de um lado, a Allemanha e a Austria; do outro, a Italia. Esta, porém, conta com o apoio da França e da Russia, o que para as suas velhas aliadas não deve ser muito agradavel.

DELCASSÉ E MARROCOS

Para evitar que se deite fogo á polvora, o bombeiro (Imprensa) está a postos para lançar agua e aquietar o visinho irritado.

Do «*Kladderadatsch*»

QUESTÕES ENTRE MENINOS

CZAR — *O meu realejo é melhor; toca como eu quero.*
BULOW — *Não; o meu boneco é melhor; em eu o apertando, deita dinheiro.*

Do «*Wahre Jacob*»

FAZE O QUE DEVES, E DEIXA LÁ FALAR!

EDUARDO VII — *Minha querida Entente Cordiale, deixal-os falar; os factos hão de ficar como nos convem.*

Da «*Silhouette*»

Estados-Uuidos e Allemanha

AINDA de todo não se haviam extinguido os echos da questão suscitada pela carta do kaiser ao ministro da marinha inglez, — questão resolvida graças á prudencia e bom senso do rei Eduardo — quando, no fim de março, um novo conflicto surgiu, provocado pelo soberano da Allemanha.

Foi o caso que, tendo, por qualquer circumstancia, de sair de Berlim o embaixador americano, sr. Tower, o governo dos Estados Unidos designou para lhe succeder o sr. Hill, e, como é da praxe, consultou sobre o assumpto o gabinete germanico. Contra toda a espectativa e contra todos os costumes, a indicação foi regeitada, a pretexto de que o sr. Hill não tinha fortuna pessoal para desempenhar á altura aquelle cargo.

Semelhante allegação causou, como era natural, em Washington enorme irritação, e desde logo o presidente Roosevelt assumiu uma attitude energica, disposto a fazer prevalecer a sua vontade, désse por onde désse. Assim succedeu, de facto, não tendo o governo allemão outro remedio senão reconhecer que as suas allegações eram absolutamente contrarias não só ás praxes diplomaticas como ao mais rudimentar bom senso.

O sr. Hill irá, pois, para Berllm, e o sr. Tower, seu antecessor, sera provavelmente collocado na disponibilidade, visto ter-se apurado que fôra elle quem urdira toda esta embrulhada, afim de continuar a viver em Berlim que elle prefere para residir a qualquer outra cidade do mundo.

Para terminar: dias depois, a camara dos representantes aprovava um credito de tres milhões e meio de dollars para a compra de palacios de embaixada nas principaes capitaes europeas.

O REI DA BORRACHA VERMELHA

O letreiro significa: Lucros mal adquiridos.

Do «*Daile Chronicle*»

O SALVADOR DA MANCHURIA

O Japão, depois de expulsar os russos da Manchuria Meridional, trata agora de explorar o paiz em porveito proprio.

Do «*Eastern Sketch*»

O TIO SAM ENTRANDO NA SALA DE BAILE DO JAPÃO

Do «*Kladderadatsch*»

Italia e Turquia

NO momento em que escrevemos, um novo conflicto acaba de surgir entre a Italia e a Turquia. As causas são duas: primeiro, a morte do missionario italiano Giustino, mandado assassinar, ao que se afirma, pelo governador de Derna; segundo, a recusa da Turquia de permittir á Italia que instale um certo numero de estações postaes na Asia Menor.

Logo que, após longas negociações, viu definitivamente repelidas as reclamações que n'esse sentido fizera, o governo italiano ordenou que a esquadra do Mediterraneo largasse immediatamente de Spezzia afim de ir fazer uma demonstração nas aguas turcas.

A questão parece porém que se resolverá pacificamente, cedendo a Turquia.

EMBARAÇO TEMPORARIO

TIO SAM — *O' John Bull! Pelo amor de Deus, vê se me emprestas alguns cobres das tuas economias!*

Do «*Sidney Bulletin*»

Vida na arte

A CANTORA NOVELLO

Actores sicilianos — Uma troupe dramatica de sicilianos, representando peças de caracter regional no dialecto proprio, teve este inverno extraordinario successo em Londres e Paris, pelo realismo empolgante na interpretação de barbaras paixões, no admiravel concerto da enscenação, na vehemencia tragica e arripiante das situações, no talento extraordinario dos principaes artistas. Entre estes destaca-se uma grande actriz, Aguglia Ferrau, que foi alvo de manifestações enthusiasticas nas duas grandes metropoles europeas. É uma creatura extremamente nervosa, de um temperamento artistico apaixonado e exuberante, ainda muito nova, de physionomia insinuante e movel, de gesticulação soberba. Aviso aos nossos emprezarios para fornecerem aos lisboetas as commoções fortes que experimentaram durante as recitas da celebrada troupe os publicos francez e inglez.

AGAGLIA FERRAU
Celebre actriz siciliana

A cantora Novello — Na edade de noventa annos falleceu em Roma, pelos meiados de março, a primadonna Clara Novello, cujo nome evocará ainda a alguns velhos *dilettanti* portuguezes recordações saudosas. Foi com effeito esta cantora com a sua rival Stoltz que, por meiados do seculo passado, deu origem á celebre lucta lyrica entre stoltzistas e novellistas, que notabilizou uma época gloriosa de S. Carlos. Clara Novello estreiara-se aos quinze annos n'um concerto em Windsor. Fizera a sua primeira apparição n'uma opera em 1841, e casara em 1843 com o conde Gigliucci. Fizera a sua brilhante carreira, como soprano, em muitos dos principaes theatros lyricos, até ao anno de 1860, em que se despedira do publico n'um concerto do Palacio de Crystal de Londres. Julgamos interessante, pela ligação do seu nome a um dos episodios mais celebres da historia do nosso theatro lyrico, reproduzir o seu retrato.

MONUMENTO A ROUSSEAU

Monumento a Rousseau — Ao grande philosopho do *Contracto social* vae erigir-se em Ermenonville, onde elle morreu, um monumento cujo projecto é devido ao esculptor Greber. Representa Rousseau sentado n'um rochedo, tendo atraz de si a figura da Verdade que surge da Natureza, symbolisando a obra philosophica do celebre suisso. A concepção tem pois bastante analogia com a do monumento a Eça de Queiroz, pelo nosso illustre conterraneo Teixeira Lopes.

O custeio do monumento é realisado por subscripção publica internacional.

Vida na sciencia e na industria

Antepassados do homem — O famoso authropoide, Pithecanthropus erectus, foi encontrado ha cousa de dezeseis annos pelo Dr. Eugène Dubois, nas camadas de cascalho do rio Bengawau, perto de Triuil, na ilha de Java. As recentes explorações no mesmo local, feitos pelo Dr. J. Elberts, geologo allemão, parece indicarem que Java teve habitantes ainda mais antigos, os quaes accendiam fogos, cosinhavam gamos, porcos, buffalos e elephantes, e usavam objectos de ola-

ria e frechas de pedra. Suppõe-se que esse povo, cujas ossadas não se encontram, viveu ha cerca de 20.000 annos.

PÉ DE UMA CHINEZA DE 16 ANNOS EM TRES POSIÇÕES

Os pés das chinezas

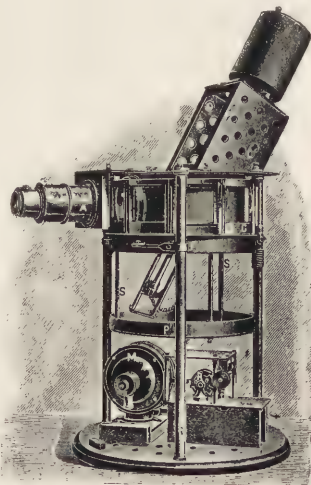
É sabido que todas as mulheres chinezas, á excepção das escravas, eram antigamente sujeitas a uma deformação nos pés, cujos resultados se podem ver na gravura junta, copiada de modelos existentes no Trinity College de Dublin, representando o pé de uma rapariga de 16 annos em trez posições. Não só a consciencia dos europeus se revoltou contra a monstruosa pratica, mas os proprios chinezes illustrados a condemnaram. O governo imperial já expediu ordens para prohibir esse uso nas provincias. É claro que o periodo de transição ha de prolongar-se, pela difficuldade de acabar com habitos arreigados. Mas tudo leva a crer que ao impulso da influencia europea esse costume barbaro terá o seu termo no Celeste Imperio, onde mandarins e lettrados já contra elle se manifestam.

VARIOS ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO FRANCO-BRITANNICA

Exposição franco-britannica

A Exposição franco-britannica que deve funccionar em Shepherd's Bush (Inglaterra) de maio a outubro d'este anno, promette ser uma das mais bellas exposições que se teem realisado. Os productos serão installados em vinte palacios, cada um dos quaes será uma maravilha de belleza architectonica, e todos elles á prova de fogo. Metade do espaço é reservado á França, cuja exposição será mais ampla do que qualquer outra apresentada em identicos certamens fóra de Paris. A representação das colonias e dependencias britannicas será importantissima. Os principaes attractivos serão os Jogos Olympicos Quadriennaes, os quaes se realizarão n'um Stadio propositadamente construido, com lotação de 80.000 espectadores. Como tão cedo não se repetirão outros Jogos Olympicos na Grã-Bretanha, os inglezes estão empenhados em tornar estes o maximo dos concursos athleticos internacionaes até hoje realisados. Os jogos comprehendem corridas pedestres, saltos, ascensões, lançamento de discos e dardos, tiro de arco, cyclismo, esgrima, foot-ball, golf, gymnastica, hockey, la crosse, lawn tennis, patinagem, natação, lucta, etc.

Projector automatico

Eis um systema inventado por M. Massiot-Radiguet, para as lanternas de projecção. A lanterna tem o systema optico A, é uma lampada electrica de arco L, com o respectivo regulador. Dispõem-se os clichés nas paredes de uma caixa polygonal de 10 ou 20 faces, especialmente adaptadas. O fundo da caixa é um prato circular P, ligado pelas columnas S, a um segundo prato identico P, situado mais abaixo. Na parte inferior ha um motor electrico que communica á roda dupla R, uma rotação de 1 volta por minuto. Contra os chanfros da roda

PROJECTOR AUTOMATICO

veem bater os dentes de um disco horizontal solidario de um eixo vertical, o qual é sollicitado por uma mola que recebe a corda do motor. Este eixo só póde ter um pequeno curso quando o dente do disco, agarrado pela roda, chega a achar-se defronte de um chanfro. Escapa então para encontrar logo a segunda roda, d'onde escapa depois para tornar a encontrar a primeira, e assim successivamente, como o escape d'ancora de um relogio. Assim pelo gyro do prato , os clichés apresentam-se alternadamente em frente da objectiva, o tempo que ahi estão é regulado pela velocidade da roda dupla R. Estes apparelhos podem ser abandonados a si proprios durante muitas horas. Basta um empregado para vigiar uns poucos. A economia resultante tem contribuido para os propagar em muitas cidades do extrangeiro, onde a multiplicação dos cinematographos e de outros apparelhos de projecção em espectaculos publicos lhes dá grande utilidade.

BRANQUEAMENTO DE UM NEGRO PELOS RAIOS X

Branquear os negros

Um velho medico de Philadelphia affirma ter achado o segredo de tornar branca a pelle dos pretos. Baseia-se na propriedade que teem os raios X de destruir a materia córante da pelle. O medico começou por applicar o systema ás nodoas anormaes. Depois, em vista do resultado, abriu consultorio especial, ao qual acorrem ás centenas os negros, avidos de adquirir a preeminencia dada em todos os paizes civilisados á raça caucasica. Dizem testemunhas fidedignas que logo na decima sessão a tez dos negros retintos passava a côr de castanha. Prolongando o tratamento, chegava-se ao moreno. Em alguns individuos, diz-se que o medico chegou a obter a côr mate do creoulo. Multiplicando as experiencias até limites razoaveis, chegou a descórar completamente a pelle em certos pontos e a obter uma tez definida pelas testemunhas como um *branco doentio*. Este medico vem pois substituir um methodo scientifico aos pretendidos remedios dos charlatães que pelas Antilhas exploram a credulidade dos pretos, ambiciosos de se egualarem physicamente aos seus antigos senhores.

Longevidade na Turquia

Parece que não ha paiz que produza tantos exemplos de extraordinaria longevidade como a Turquia, apezar de se considerar a terra mais suja do mundo. Consta que vive actualmente em Keni Baghtcha um encadernador do governo com 134 annos de edade, o qual exerce o seu logar ha oitenta annos. O pae era tambem funcionario do governo, e morreu com 142 annos.

Depoimento de um instantaneo

Deu-se ha pouco no Rio de Janeiro um curioso incidente. Um passageiro de um dos paquetes alli surtos, tirou uma photographia da bahia. No panorama incluiu-se um pequeno yacht. N'elle tinham partido dois homens, dos quaes só voltára um vivo, dizendo que o companheiro tinha cahido do mastro e tinha morrido. Não se acreditou na historia, e o homem foi sentenciado por assassino. A narrativa dos jornaes attrahiu a attenção do photographo, que ampliou o seu cliché, reconhecendo-se que uma mancha sobre a vela era a figura de um homem cahindo. Assim se reconheceu a innocencia do accusado, que foi logo solto.

Decifrações do n.º 34

Enigma. — *Agarico.*
Charadas. — 1.ª, *Christodolinda;* 2.ª, *Alamar.*

CHARADA

Na lyra sonora, mancebo saudoso
dedilha cantando. Depois, enlevado
murmura, na fórma mais doce, amoroso,
pronome adorado. — 1

Mas pensa... Tristonhas lembranças que encerra
caderno querido, vae vêr. E do dia
que acaba, as escreve; á cautela da terra
o nome abrevia. — 1

Costume que tinha; só elle, essa cifra
consegue entender. Lê aqui um almejo...
além um desgosto... mais longe decifra
um simples desejo. — 1

Mas tudo sombrio! Não mais!... Toma a lyra,
consolo da funda, da negra amargura.
Como ella resoa! como ella suspira
com vaga tristura! — 1

Que meigos acordes... trinados d'uma ave...
nas cordas feridas, na brisa que chora!
Que sons encantados, que pranto suave!
Que lyra canora!

E. R. Q. (MICHAELENSE) — PORTO.

ENIGMA

É pintor, o Catasol,
mas faz mais, este garoto:
quando vê que ninguem olha
rouba tintas, o maroto.

E depois... É um sebento.
Roupa nova, em dois instantes,
pois lhe serve de palheta,
fica logo em cambiantes.

E. R. Q. (MICHAELENSE) — PORTO.

Charada

Ao am.º sr. Antonio F. Brasil

A todos os que se oppoem,
Eu sempre contrario sou; — 1
Quando em baixo me suppõem,
É em cima que eu estou; — 2
Se todos de mim se abeiram,
Preciosidades lhes dou; — 2
Na terra é justo me queiram,
Mas dentro do mar eu vou!

(BAHIA BRASIL) ALFONSE FREDOCA

Enigma

Ao amigo Francisco Rocha

Para a primeira viver
Da segunda necessita
E o todo requisita,
Para ter morte bonita,
Do leitor muito tecer.

OBIDOS PADRE ETERNO.

O tigre vejo eu; mas onde está o domador?

B

De 100$000 a 3:500$000 réis
HALLADAY STANDARD
LISBOA
Batavia Illinois U.S.A.
MOINHOS
DE VENTO
Automaticos
Americanos
Halladay-Standard
Unicos que resistem aos mais fortes vendavaes
e de grande duração
50 modelos diversos de 10 a 60 pés de diametro, desenvolvendo uma força de 40 cavallos.
Para elevação d'agua a qualquer altura, irrigação ou moagens de cereaes, serração de madeiras, etc., etc.
UNICO AGENTE EM PORTUGAL E COLONIAS
Manoel José da Silva
Rua d'El-Rei, 31, 2.º
OU
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 27
(Redacção do Annuario Commercial de Portugal)
LISBOA
TELEPH. 805

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

O Pão e as Rosas, por Affonso Lopes Vieira — Lisboa, 1908 — Uma nova e esplendida manifestação de um dos maiores talentos lyricos da nossa terra. Pode-se divergir, com os da escola classica, das novidades de rythmo e de metrica tentadas pelo poeta; mas não se pode ser cego para as radiações de inspiração, nem surdo para as bellezas da instrumentação symphonica, realizadas pelo verbo poetico. Um livro que fica na litteratura portugueza, como outros de Lopes Vieira.

Esboços de critica, por H. Marques Junior — Lisboa, 1907 — Recopilação de noticias rapidas, escriptas com flagrante sinceridade, sobre varias obras litterarias publicadas nos ultimos tempos.

Sonatas (Prosas Varias), por Fidelino de Figueiredo — Lisboa, 1908 — São cinco contos, de diversa indole, em que o autor manifesta propicia vocação para trabalhos romanticos e um consciencioso estudo, ainda eivado, muito naturalmente, de juvenis indecisões.

Os meus versos, por Julio Baptista Ripedo — Lisboa, 1908 — Poesias de um talentoso engenho, cortado cerce pela morte aos vinte annos. A piedade augmenta, á proporção que se denunciam bellas faculdades que o tempo desenvolveria n'uma abundante e soberba messe. Cabe aos *Serões* lastimar por sua vez a perda do que foi um dos seus juvenis collaboradores, com promessas fagueiras de futuro.

Primeiras poesias, por João Motta Filho — Recife, 1908 — Ingenuidade de sentimento e de forma revelam a culpa feliz da juventude. Temos confiança de que as *segundas poesias* justificarão largamente as dificiencias das primeiras. Só com grande esforço se alcança a apetecida meta. E esse esforço é louvavel.

Musa hysterica, por Marcedes Blasco — Lisboa, 1908 — Aqui temos uma artista que não se contenta com ser interprete dos sentimentos alheios. Revela ao publico os seus, em linda linguagem poetica, precipitosa e turva ás vezes como alma sequiosa de paixões, outras remançosa e limpida como coração dessedentado de enlevos. Entra-se porventura mais nos mysterios d'essa alma, sacudida por embates pathologicos, mais n'este livro, dizemos, do que no das Memorias da insigne actriz. E basta isto para aguçar deliciosamante a curiosidade do publico.

Telas da Vida, por Alfredo Pinto (Sacavem) — Lisboa, 1908 — Meritorias tentativas de contos e episodios dramaticos, onde se sente a influencia do neo-romantismo á Maeterlinch e se revela um espirito apaixonado pela musica, procurando dar á phrase a harmonia e o rythmo symphonicos.

Os Lusiadas, para as escolas e para o povo — obra prefaciada, parafraseada e anotada e com um vocabulario, por José Agostinho — Porto, 1908 — Publicou-se o canto IX, com as qualidades já apontadas e applaudidas nos anteriores.

Péau, por Cesar de Castro — Porto Alegre, 1907 — Jogos rutilantes de palavras, revestindo uma ideia patriotica, nem sempre com irreprehensivel clareza. O autor é um idolatra da palavra sonora, e assim se manifesta n'esta meia duzia de paginas coruscantes.

O Economista Brazileiro, *Revista semanal de economia, finanças, politica e litteratura.* N.os de Fevereiro de 1908. — Redacção e Escriptorio: Rua da Alfandega 114, — Rio de Janeiro.

Revue Militaire Suisse, N.º 3, Mars 1908 — Lausanne — Summario: *Les manœuvres dans les Alpes vandoises — L'observation de l'ennemi — Attaque des positions fortifiées — Les nouveaux programmes de tir pour l'infanterie — La lunette panoramique Goerz* — e chronicas militares de varios paizes.

Voz de Santo Antonio — *Revista mensal illustrada* — N.º 15, Março de 1908. — Redacção e administração — Braga.

Gazeta da Associação dos advogados de Lisboa — N.os 11 e 12, Dezembro de 1907.

Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official — Fasc. XVI — Agosto a Dezembro de 1907. Rua Aurea 177, 2.º — Lisboa.

Boletim Photographico — Rua da Prata 135 e 137, Lisboa — n.º 95, Dezembro de 1907.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa — N.os de Março de 1908.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza — Março de 1908. Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

Propaganda Catholica — A acção do sacerdote na imprensa, Opusculo 134 — 2.º do XII anno — Janeiro de 1908 — Redacção e Administração: S. Clemente — Silvares — Fafe.

A Caça — *Revista illustrada do sport peninsular e da vida dos campos* — Redacção e Administração: Rua Nova do Loureiro 36, 2.º — Lisboa — N.º 8 — Março de 1908.

Echos de Roma — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Jinibaldi.

Belleza do Rosto

Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas à combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não vai alem das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

I. DOSE BENIGNA e AGUA DE TOUCADOR. — Vascolejar o liquido até elle fazer-se côr de leite; deitar n'um pires a quantidade d'uma colher à café, e ajuntar as seguintes quantidades de agua: 1º um a dois tantos, contra o Rosto sarabulhento e as Picadas de insectos; — 2º dois a tres tantos contra as Rugas, o Tisne do sol, Borbulhas, Espinhas, Brotoeja, Fogagem, Eflorescencias farinhentas ou furfuracéas e outras alterações accidentaes da cutis; — 3º tres a quatro tantos, como agua de toucador, para conservar a pureza, transparencia e macieza da peile. — Embeber n'estas misturas um panninho fino, e humectar duas vezes por dias os pontos affectados. Como agua de toucador, basta uma loção, com preferencia pela manhã, meia hora antes de lavar o rosto.

II. DÓSE ESTIMULANTE, contra as SARDAS e as MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias, ajuntar á pequena porção de LEITE que se deita no pires, igual quantidade de agua, e continuar esta dóse tres vezes por dia, se os effeitos abaixo descriptos principiarem a produzir-se; se não, logo no terceiro dia, emprega-se o LEITE puro e humectão se as manchas, sem esfregar, uma duas ou trez vezes *quando muito* no correr do dia (segundo a delicadeza da cutis), até que a epiderme que as cobre, passando por duas phases previstas e sempre isentas de gravidade, — 1º ardor mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia acompanhada de sensação tensiva, — tenha tomado uma côr cinzenta, e se desseque. Oblido este resultado, as loções só se comparão de uma parte de LEITE e tres tantos d'agua. A epiderme exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha, apresenta-se (depois de dez a quinze dias de tratamento) branca e fresca, livre das manchas que a embaciavão.

1849 BELLEZA DO ROSTO 1849

O LEITE ANTEPHELICO

ou Leite Candès

puro ou misturado com agua. dissipa

Sardas, Tez Crestada

Pintas-Rubras, Borbulhas

Rosto Sarabulhento e

Farinaceo, Rugas

&

conserva a cutis liza e clara.

CANDÈS, Paris — Bd St-Denis, 16

Ch. Denis — Agent exclusif pour les annonces étrangères

128, faubourg Poissonnière — PARIS

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA
132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 36 — JUNHO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director:** Henrique Lopes de Mendonça — **Administrador:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

DIRECTOR LITTERARIO
H. Lopes de Mendonça

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos ***Serões***, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos ***Serões***, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos ***Serões*** encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Condições de assignatura

A assignatura dos ***Serões***, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos ***Serões***, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) 27

Telephone 805

LISBOA

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Tristezas, por João Maria Ferreiro — Lisboa, 1908 — Collecção de poesias em que vibra a alma sentimental de um portuguez, em accentos de saudade, notas de amor, enleios mysticos e panthaistas, n'uma fórma em geral digna de apreço, em que as tendencias renovadoras se revelam apenas nas simplificações orthographicas.

Casamento e divorcio, por D. Alberto Bramão — Lisboa, 1908 — Brilhante exposição de factos e argumentos, apresentada por um pensador que é ao mesmo tempo um poeta illustre, em favor da dissolubilidade do matrimonio. Depois da resenha historica e juridica do sr. Roboredo de Sampaio sobre o assumpto, o livro do sr. D. Alberto Bramão affigura-se-nos que se exgota, e que levará o convencimento a muitos espiritos, retrahidos ainda, perante as imposições do direito canonico. E' uma soberba obra de lucta e de propaganda.

A Fidalguinha de Levada, por Alexandre Malheiro — Porto, 1908 — N'este romance, que o auctor classifica de novella militar, é seu intento seguir na piúgada de Julio Diniz. Confessa-o elle proprio no prefacio, e é meritoria a sua tentativa. Não permittirá a sua modestia que nós affirmassemos ter elle egualado o modelo; mas as suas qualidades de observação justificam a sinceridade do seu esforço.

O meu livro, por Fausto Guedes Teixeira — Lisboa, 1908 — O renome adquirido justamente por Guedes Teixeira dispensa a apreciação do seu livro, admiravel repositorio de poesias, escrinio onde uma musa exhuberante e amoravel espalhou ás mãos cheias as mais preciosas joias. Na presente quadra em que se annuncia a villegiatura, nenhum companheiro mais captivante para os passeios bucolicos do que este bello livro de um enternecido poeta, livro de que elle proprio diz com razão:

Não é marmore, não! é alma, é carne...

Estudos Sociaes — *Revista Catholica Mensal* — N.º 4, abril de 1908 — Redacção e administração, Rua da Mathematica, 43, Coimbra.

Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official — Fasc. XVII — Agosto a Dezembro de 1907. Rua Aurea 177, 2.º — Lisboa.

Boletim Photographico — Rua da Prata 135 e 137, Lisboa — n.º 98, Janeiro de 1908.

O Economista Brazileiro, *Revista semanal de economia, finanças, politica e litteratura.* Numeros de Março, Rua da Alfandega, 114, — Rio de Janeiro.

Gazeta da Associação dos advogados de Lisboa — N.os 13 e 18, de 1908.

Archivo Bibliographico — Da Bibliotheca da Universidade de Coimbra. — Vol. VIII — N.º 1, 1908.

O Instituto — *Revista scientifica e Litteraria.* — Redacção — Rua do Infante D. Augusto, 44, — Coimbra. — N.os 1 e 2 de 1908.

Alma Feminina — *Revista semanal illustrada* — Redigida por algumas das mais notaveis escriptoras portuguezas e estrangeiras.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa — numeros de abril.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza — Março de 1908. Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

Bolètim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — 4.ª Serie — Tomo XI n.º 5.º — Director: Gabriel Pereira.

A Vinha Portugueza — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — 5.ª serie — abril de 1908 — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º á Avenida da Liberdade, Lisboa.

Echos de Roma — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Sinibaldi. Via del Banco S. Spirito, 12, Roma. Recebemos o numero dedicado á memoria de El-rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Filippe.

A Saude — *Revista mensal* — Que ensina a manter, robustecer e restaurar a saude. — Redacção e Administração: Rua da Padaria, 48, 1.º — Lisboa.

Propaganda Catholica — A acção do sacerdote na imprensa, Opusculo 133 — 2.º do XII anno — Janeiro de 1908 — Redacção e Administração: S. Clemente — Silvares — Fafe.

A Caça — *Revista illustrada do sport peninsular e da vida dos campos* — Redacção e Administração: Rua Nova do Loureiro 36, 2.º — Lisboa — N.º 7 — Fevereiro de 1908.

Voz de Santo Antonio — *Revista mensal illustrada* — N.º 16, de 1908. — Redacção e administração — Braga.

EL-REI D. MANUEL II

Cliché de Arnaldo Fonseca — Lisboa

Phot. Rocchini — O PALACIO DAS CÔRTES, ONDE SE REALISOU A ACCLAMAÇÃO DE EL-REI D. MANUEL II

A acclamação de El-Rei

— *Real, real, real, pelo muito alto, muito poderoso e fidelissimo rei de Portugal, o senhor D. Manuel II.*

É esta a formula com que ha seculos o alferes-mór do reino, precedido pelos reis-de-armas, dos porteiros-da-canna e maça, dos arautos e passavantes, annuncia ao povo a ascensão ao throno do novo monarcha.

Nunca, desde a fundação da monarchia, essa participação antiquada da pragmatica medieval teve um tão tragico significado. Em trinta e tres soberanos, que contam as quatro dynastias reinantes no paiz, nenhum herdou a corôa em circumstancias tão dolorosamente dramaticas e bem poucos em tão tenra e descuidosa edade.

Duque de Beja, como o seu glorioso homonymo do seculo XV, ha na sua ainda curta existencia mais de um ponto de contacto com o feliz irmão do desventurado duque de Vizeu e ditoso filho da amargurada infanta D. Beatriz, mãe de D. Diogo apunhalado e sogra do duque de Bragança degollado no cadafalso. Não sabemos o que o destino lhe reserva, nem a época se compadece com falliveis vaticinios de astrologos phantasiosos, mas o que devemos registar é que a Historia capricha em repetir, de quando em quando, factos remotos mas semelhantes, acontecimentos muito afastados pela edade, mas demasiado proximos pela analogia.

A acclamação de agora foi das mais simples do seu genero, mas não com certeza das menos eloquentes e grandiosas pelo espontaneo carinho e funda commoção que despertou em todas as almas. Não é para comparar, é claro, no ponto de vista de magnificencia e de ostentação, com a reali-

zada em Lisboa no dia 15 de dezembro de 1640, quando o duque de Bragança foi proclamado rei D. João IV.

Levantou-se para este fim, como narra Rebello da Silva, no Terreiro do Paço um tablado alto, sumptuosamente ornado, que pudesse correr egual com as varandas do palacio. Baixou a elle o novo rei revestido de todas as insignias da soberania e acompanhado dos officiaes-móres, dos titulares e dos fidalgos. Tinha confirmado na posse dos cargos mais elevados da côrte os herdeiros dos nobres, que os haviam exercido na antiga monarchia, e até os que mercês recentes tinham investido n'elles, e entrou seguido do marquez de Gouveia, D. Manrique da Silva, mordomo-mór, de João Rodrigues de Sá, conde de Penaguião, camareiro-mór, de Luiz de Miranda Henriques, estribeiro-mór, e do veador D. Pedro de Mascarenhas, filho primogenito do marquez de Montalvão. Serviu o logar de meirinho-mór D. João de Castello Branco por seu irmão, ausente em Madrid, o de guarda-mór Pedro de Mendonça e o de alferes-mór Fernão Telles de Menezes. O marquez de Ferreira trazia o estoque de condestavel, e Francisco de Lucena exercia as funcções de secretario de estado. D. João sahiu trajado em vestes reaes, com uma opa de tela branca semeada de ramos de oiro, botões e cadeia de diamantes, e segurava-lhe a cauda do manto o camareiro-mór. Sentou-se no throno com desassombro. A côrte occupou os logares que lhe pertenciam.

Phot. Barcia

SALA DA CAMARA DOS DEPUTADOS

Onde se realisaram as ceremonias da abertura do parlamento e da acclamação de el-rei

Deu começo á ceremonia o doutor Francisco de Andrade Leitão, desembargador dos aggravos, recitando uma oração, na qual ponderou a justiça com que os tres estados do reino restituiam a D. João IV a corôa usurpada a D. Catharina por Filippe II, memorou a el-rei a sinceridade com que os povos se offereciam para defendor o throno e com elle a liberdade, e avivou aos povos

a resolução em que estava o soberano de se expôr pela sua conservação. Terminada a oração seguiu-se o juramento, subindo ao estrado pequeno o reposteiro-mór para collocar deante de el-rei uma cadeira coberta de brocado com sua almofada e outra aos pés. O capellão-mór, D. Alvaro da Costa, abriu em cima da almofada um missal e poz uma cruz, e o arcebispo de Lisboa, assistido pelo de Braga e pelo inquisidor-geral, ajoelharam defronte. D. João, tambem de joelhos, repetiu a antiga formula de reger e governar bem e direitamente, de administrar justiça quanto a humana fraqueza lh'o permitisse, e de guardar os bons costumes, privilegios, graças e franquezas, que os reis seus antecessores haviam dado, outorgado e confirmado. Levantou-se logo, e sentado tornou a empunhar o sceptro de cristal com remates de ouro, que servira aos principes portuguezes. Seguiu-se o juramento de fidelidade dos tres estados, confirmado semanas depois nas côrtes celebradas em 28 de janeiro de 1641, principiando D. Miguel de Noronha, duque de Caminha, e concluindo o marquez de Ferreira. O alferes-mór terminou o acto desenrolando o estandarte e saudando o novo rei com tres acclamações estrondosamente repetidas pelo povo.

Desceu D. João e montou depois a cavallo debaixo do pallio, cujas varas seguravam o conde de Cantanhede, presidente do Senado, e os vereadores. Levava-o de redea D. Pedro Fernandes de Castro, fazendo as vezes do conde de Monsanto, ausente, alcaide-mór da cidade. Adeante caminhavam os reis-de-armas e os porteiros-da-canna com suas maças de prata. Precediam a pessoa do soberano o condestavel e o alferes-mór e logo atrás os grandes do reino, titulares, senhores e fidalgos, todos a pé, descobertos e trajados de vistosas galas. D. João, na flôr dos annos, airoso, e bem posto, sorria-se para os subditos, correspondendo aos applausos populares. Na praça do Pelourinho estava erguido outro tablado adereçado tambem de ricos pannos. Parou ali o prestito, e o doutor Francisco Rebello

Phot. Barcia — OUTRO ASPECTO DA SALA DA CAMARA DOS DEPUTADOS

Homem, vereador da camara, em uma curta pratica significou ao principe o alvoroço do povo e sua firme resolução de sustentar a gloriosa empreza de 1 de dezembro. Acabada a oração o conde de Cantanhede entregou as chaves da cidade. Das janellas e dos logares altos lançavam sobre o cortejo flôres e aguas cheirosas entre parabens e vivas. Continuou el-rei com o mesmo apparato até ás portas da cathedral, onde se apeou, recebido pelo bispo em habitos pontificaes. No antigo templo, soberbamente armado e illuminado, rompeu a musica instrumental e o cantico de *Te-Deum*, emquanto o monarcha, prostrado com humildade, elevava ao céo o coração e as esperanças. Concluida a festa religiosa voltou o acompanhamento a passo pela Rua Nova, orvalhado por uma chuva miudinha, que não diminuiu o jubilo nem o concurso, cada vez mais numeroso.

Para se conhecer, que as visões da vinda do Encoberto vexavam ainda muitos crédulos, citaremos um incidente curioso. Quando D. João IV recebia o juramento dos vassallos, o chanceller-mór Fernão Cabral disse para alguns fidalgos, rindo-se:

— Sua Magestade deve accrescentar a esta clausula: «até a chegada de D. Sebastião».

O monteiro-mór D. Francisco de Mello referiu á mesa o dito gracioso do chanceller, e el-rei, festejando-o respondeu:

— A clausula não é necessaria. Em elle vindo largo-lhe tudo, porque não sou nenhum tyranno que lhe tome o reino, que foi seu.

Mais ainda. Nomeando aia do principe D. Theodosio, D. Marianna de Lencastre, viuva de Luiz da Silva, soube que apesar de muito estimar a mercê, não acabava de se mudar para o paço com escrupulo de faltar a el-rei D. Sebastião, do qual era grande apaixonada. Mandou-lhe recado que se tranquilisasse, affirmando-lhe:

— Se vier entregar-lhe-hei a corôa.

Phot. Barcia

SALA DOS PASSOS PERDIDOS NA CAMARA DOS DEPUTADOS

Eis o que foi a ceremonia que permittiu a D. João IV fundar a dynastia de Bragança, com o intrépido concurso de um punhado de fidalgos, poderosa e denodadamente secundados pelo povo que odiava o jugo castelhano e que queria ser livre.

*
* *

O desvario do attentado de 1 de fevereiro provocou uma reacção natural, consequente. Para um povo bondoso como o nosso, desaffecto a transes sanguinarios, habituado a um longo socego na sua vida social, sem commoções violentas que lhe perturbem a monotonia quotidiana da existencia tranquilla, a morte do rei, o assassinio de uma creança indefesa e sem responsabilidades, as inauditas e pungentes angustias da rainha D. Amelia no tremendo lance, a dôr profundissima da Senhora D. Maria Pia que cahiu gravemente enferma, o luto que envolveu toda a familia real, foi uma serie de choques, de tal modo intensos e inesperados, que no primeiro momento o assombrou e o deixou, á força de tragicos e alheios á indole nacional, como inerme e petrificado.

O enervamento, a catalepsia moral em que mergulharam todas as consciencias honestas, foram pouco a pouco sendo sacudidas, e, um bello dia, por um d'esses phenomenos psichicos tão faceis de explicar, despertou radiante, austera, magestosa, cheia de imperio, no uso completo das suas faculdades affectivas e dos seus mais subtis e delicados sentimentos, a alma das mães portuguezas.

Não, aquella creança de dezenove annos a quem algumas cegas e irresponsaveis grammas de chumbo e polvora arrancavam, n'uma horrorosa tragedia, o pae e o irmão, e atiravam n'um impeto de feroz brutalidade para um cargo, com que nunca sonhara, coberto de espinhos e recheado de perigos, não teria só por mãe a princeza, que o concebera no seu seio, não, n'um movimento unico e espontaneo, sem outra consulta que não fosse o impulso isolado, mas poderoso, dos seus corações, arredando de si quaesquer crenças politicas da familia, todas as mulheres de Portugal, esposas ou virgens, re-

Phot. Novaes EL-REI SAHINDO DO PALACIO DAS CÔRTES DEPOIS DA ABERTURA DO PARLAMENTO

solveram perfilhar o juvenil e attribulado orphão.

El-rei D. Manuel ficou desde esse momento sob a égide do amor materno da nação.

Cerca das duas horas do dia 6 de maio era enorme a concorrencia em todas as ruas que o cortejo devia percorrer e no largo das Côrtes. O dia, um dia lindo de primavera, ostentava as suas galas mais viçosas e deslumbrantes Os bilhetes para assistir a ceremonia nas galerias da sala tinham sido disputados com empenho e obtidos com immensa difficuldade. Nos oitocentos logares que ali existem, couberam, sem se queixar do aperto, approximadamente o dobro das pessoas. O aspecto do recinto lembrava o de um gigantesco açafate de camelias brancas, de tal modo predominavam as *toilettes* d'esta côr, realçadas aqui e ali pelo tom escuro e austero das casacas e pelo brilho offuscante dos bordados e veneras das fardas e uniformes.

A' uma e meia é nomeada pelo presidente da camara dos pares, conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, a deputação a quem compete acolher o soberano á entrada do parlamento. Cá fóra.

VARIOS ASPECTOS DO CORTEJO DA ACCLAMAÇÃO

Phot. Barcia

no atrio, havia um borborinho intenso de ministros, magnates, officiaes, politicos, etc. Para além, no largo, apesar das ordens severas recebidas pela policia, agglomeram-se compactos magotes de povo de onde se desprende um incessante e confuso murmurio, um vozear baixo e respeitoso. Por cima da multidão campeia o vulto desassombrado e altivo de José Estevam, que do alto do pedestal parece indicar ao novel monarcha quaes os seus deveres constitucionaes.

A architectura banal e fria do edificio cujo contraste de uniforme produz excellente effeito.

Pouco a pouco veem chegando as altas personagens que devem representar o papel mais importante na ceremonia. A's duas horas em ponto apeia-se o senhor infante D. Affonso, incumbido de desempenhar as funcções de condestavel do reino. Approxima-se o momento. A anciedade é grande. Não o anceio temeroso que pairava sobre a multidão no dia das exequias nos Jeronymos, mas o anceio confiado e impaciente de que

EL-REI D. MANUEL APEIANDO-SE Á PORTA DAS CÔRTES PARA A CEREMONIA DA ACCLAMAÇÃO

Phot. Novaes

como que se anima com as colgaduras de damasco carmezim franjadas a ouro que pendem da varanda, com os trophéos de bandeiras que corôam as cinco portas da construcção, com os grupos de militares e de civis que enxameiam e oscillam n'um fluxo e refluxo de cabeças de todos os matizes e expressões. Na sala dos *Passos Perdidos*, enfileiram-se os alumnos da Escola do Exercito, no corredor do primeiro pavimento os da Escola Naval, em baixo uma força de caçadores 5. São as tres guardas de honra

appareça alguem a quem muito se deseja vêr.

De subito ouve-se como um marulho enorme, a distancia repercutem os sons estrídulos dos instrumentos de metal das bandas, e aquelle Oceano de physionomias ávidas e risonhas, onde predomina o elemento feminino, acairelado pelos cordões dos regimentos, revolve-se n'um sussurro que abafa, por assim dizer, quaesquer outros ruidos. Repentinamente o colossal zumbido cessa. Ao longe surge a comitiva régia, as

Phot. Barcia

CASA ORNAMENTADA NA RUA DE D. CARLOS

carruagens e os coches rodam com vagar ao trote curto dos cavallos sumptuosamente ajaezados. Coisa curiosa! O tejadilho da carruagem que conduz el-rei dir-se-hia convertido no esmaltado canteiro de um jardim, de tal modo as flôres o revestem e o perfumam. Desencadeia-se então um formidavel ribombar de vivas, dos que sobem espontaneamente do coração aos labios e de cuja sinceridade e affecto não se pode duvidar.

Quando D. Manuel II desce o enthusiasmo augmenta n'uma vertigem de delirio. A fazer

Phot. Barcia

O AUTOMOVEL DO GOVERNADOR CIVIL PRECEDENDO O CORTEJO

côro aos vivas atroadores crepitam infinitas e prolongadas salvas de palmas. Os lenços saem de todas as algibeiras e as lagrimas saltam de todos os olhos. O sympathico rapaz a custo domina a sua commoção. N'esse momento, certamente, livrou-se de um grande attentado: o de ser devorado a beijos pelas damas presentes.

Forma-se o cortejo, depois do estribeiro-mór correr o estribo e de um caudatario segurar o manto a el-rei. O prestito desfila por entre alas de archeiros. A' frente os e saudações continuam sempre dentro e fóra do edificio.

O interior da sala, como já dissemos, era imponente. Em cima de uma credencia ostentavam-se as insignias da realeza, o precioso missal de Estevam Gonçalves e a fórmula do juramento. O rei transpoz a porta tranquillo e de expressão ponderada. A sua farda de generalissimo, calção de anta, bota de montar, de polimento, esporas de ouro, a banda das tres ordens, as veneras rútilas de diamantes, o collar da Torre-e-Espada,

Phot. Novaes EL-REI D. MANUEL LENDO A FORMULA DO JURAMENTO CONSTITUCIONAL

porteiros da real camara, passavantes, reis-de-armas e arautos; depois o porteiro da camara, D. Luiz Alvito com a corôa n'uma almofada de velludo carmezim; a seguir as deputações da camara alta e electiva; após el-rei e rodeando-o e seguindo-o o mordomo-mór, o estribeiro-mór, o commandante da guarda real, o alferes-mór de estandarte enrolado, o ministerio, o conselho de estado, officiaes-móres, mestre-sala, porteiro-mór, veador-mór, condestavel do reino, capellão-mór, gentil-homem de serviço, ajudantes e moços fidalgos. Os cumprimentos

o manto de velludo purpura orlado de arminhos e mosqueado dos symbolicos castellos, imprimiam-lhe um cunho de grandeza despretenciosa, que não afugentava a sympathia que a todos inspira. Cumprimentou com graça e dignidade o corpo diplomatico e assentou-se no throno tomando cada um dos dignitarios o logar que a pragmatica lhe assignalava.

Então o guarda-joias offereceu ao soberano, n'uma salva de ouro, o sceptro real, insignia que o monarcha segurou com a mão direita ao passo que apoiava a esquerda

Phot. Novaes SAHIDA DE DIGNITARIOS POR OCCASIÃO DA ABERTURA DAS CÔRTES

Phot. Novaes NA ESPERANÇA — A GUARDA MUNICIPAL AGUARDANDO O CORTEJO

nos copos da espada. N'esse momento levantou-se o presidente da camara dos pares, ladeado pelos pagens, que pela primeira vez desempenhavam funcções publicas, trajados de velludo e seda e calção e meia, levando o da direita a fórmula do juramento e o da esquerda o afamado missal. Todos ascenderam os degraus do throno. D. Manuel II ergueu-se, mudou o sceptro para a mão esquerda, estendeu a direita sobre o missal aberto e pronunciou com inflexão sonora, firme e magestosa a fórmula apresentada pelo delegado da representação nacional, pela qual o monarcha jurava defender a religião do Estado, a patria, observar a constituição e as leis do paiz e promover a felicidade da nação. O silencio na sala era profundo, e se algum rumor o interrompeu foram os soluços de algumas damas mais commovidas e nervosas.

N'este momento o alferes-mór desenrolou o estandarte. O presidente da camara dos pares reoccupou o seu logar, o primeiro ministro approximou-se de el-rei e entregou-lhe uma allocução que sua magestade leu com energia, pausa e tom convicto analogo ao juramento que prestara. Procedeu-se acto contínuo a acclamação propriamente dita. O conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco levantou um viva ao monarcha, e então, como se todas essas centenas de gargantas formassem uma só, com a rapidez fulminante de uma corrente electrica, com um enthusiasmo impossivel de ser excedido, tudo se ergueu e saudou vibrantemente o rei. O proprio corpo diplomatico, apezar das reservas impostas pela sua missão especial, não se furtou ao contagio d'esta delirante manifestação. Os applausos não tinham fim. O cardeal José Netto, patriarcha resignatario e officiante no baptismo do joven monarcha, arrancou do mais intimo do seu peito uma calorosa acclamação e victoriou o rei em nome do clero, da nobreza e do povo, á moda antiga, acenando com o seu chapéo cardinalicio de purpura e oiro.

Phot. Novaes ACCLAMAÇÕES DO ELEMENTO OFFICIAL

O programma fôra rigorosa e vehemente executado, tornava-se necessario regressar ás Neccesidades; a não ser assim as ovações estrondeariam até o cahir da noite. O soberano sentou-se por um instante, tratando-se immediatamente de reorganisar o prestito de sahida. No exterior do edificio, na varanda, o alferes-mór procedia á proclamação do estylo como narramos no principio.

Logo que o soberano appareceu no vestibulo a multidão que se apinhada em densos cachos, que nem a policia nem a tropa podiam conter no desvario das suas effusivas expansões, prerompeu n'um estupendo clamor de ruidoso jubilo. As palmas estrepitosas, os vivas retumbantes, os applausos de toda a especie, os chapéos que se agitavam movidos por braços febris, os lenços que se assemelhavam a milhões de azas offuscantes de gigantescas revoadas de pombas, tudo isso constituia um extraordinario e prodigioso espectaculo, que nem o protagonista da festa nem quem lh'a dedicava tornarão com certeza a esquecer.

A loucura d'estas ardentes expansões repetiu-se sem um desfallecimento por todas as ruas do trajecto, e se o tejadilho da carruagem, como atrás dissemos, desapparecia litteralmente sob uma densa camada de flôres, não era menos significativo nem menos eloquente o numeroso sequito que acompanhava o monarcha, não só formado pelos estados-maiores e dignitarios, mas principalmente por um longo e luminoso rastro de sorrisos, de faces marejadas de commovido e consolador pranto, de um unisono e suggestivo côro de bençãos e desejos de um bom futuro. Até, no fundo, os mais irreconciliaveis adversarios do principio monarchico se sentiam empolgados por essa corrente de sympathia, que transbordava em redor de uma creança a quem um horrendo morticinio da sua familia arvorara caprichosamente em rei,

Phot. Novaes

ACCLAMAÇÕES DO POVO

O palacio das Necessidades, como se fôra qualquer humilde choupana, abrigava a mãe mais anciosa do paiz. A etiqueta impedira a rainha de acompanhar o filho, e, durante essas compridas duas horas, não obstante todas as affirmativas, todas as communicações,

Phot. Rocchini

RETRATO DE EL-REI D. CARLOS I
Na sala da camara dos Pares do Reino

todos os argumentos para tranquilisar o seu espirito attribulado, o seu coração devia ter sido atormentada arena onde se digladiassem as sensações mais afflictivas, as espectativas mais contrarias, onde a esperança e o receio luctavam n'uma pugna feroz e renhida.

Debruçada no eirado do Paço, com essa acuidade de percepção que nos tortura nas occasiões criticas da nossa existencia, chegavam até ella os rumores longinquos da turba, esse sussurro tão parecido com o embate e ressaca das ondas, e que umas vezes, como agora, significa um hymno radiante e

alegre de hossanas e outras um rugido cavo e ameaçador de actos selvagens. Nunca ella fôra tão grande, tão magestosa com os emblemas da soberania. Nunca a corôa lhe circumdara a fronte com tão deslumbrante aureola, nunca os immaculados arminhos do seu manto regio, nem os fulgores iriados das suas joias mais raras, attrahiram sobre si tão reverentes e dedicadas homenagens. Envôlta n'um singelo traje de luto, sem nenhuma insignia exterior que a differençasse das outras mulheres que a contemplavam, a realeza d'aquelle momento impunha-se a todas as sensibilidades, o throno do qual ella dominava a multidão nenhuma creatura ousa destruir. Symbolisava n'esse instante o amor de mãe, e, suprema verdade da democracia dos sentimentos, soffria tanto como a mais humilde das suas vassallas em condições identicas

O filho appareceu por fim, não escoltado por baionetas nem lanças, mas nimbado pelas mais sinceras felicitações com que um povo tem celebrado o advento de um principe. O rei apeou-se, subiu agil a escada; nem lhe pesava o diadema nem o atemorisava o futuro do seu reinado. De tudo se esqueceu só para vêr os dois braços que se lhe abriam e nos quaes se lançou trémulo de uma alegria que raras vezes se repete na existencia. Sentiu então na face um longo e demorado beijo, todo um intimo poema de amor materno. Esse beijo demoliu as paredes. ouviu-se em Portugal, no mundo inteiro, penetrou nas almas femininas e supplicou-lhes o seu amparo.

Que agitação collectiva da politica ou que desvario isolado de um fanatico pode ser efficaz contra uma creança santificada pelo carinho de todas as mulheres de um paiz?

EDUARDO DE NORONHA.

SAUDANDO O NOVO REI DE PORTUGAL

UM AUTOGRAPHO

DE

Lord Byron

(Propriedade do Dr. Coelho de Carvalho)

LORD BYRON

OAQUIM Coelho de Carvalho, que todos por ahi conhecem do jornal, do livro ou do theatro, e muitos tambem como um dos mais espirituosos conversadores n'estes ruins tempos de *apagada e vil tristeza,* para falarmos na linguagem dos *Lusiadas,* — Coelho de Carvalho, meu antigo amigo, disse-me, ha dias, que fosse eu a sua casa para vermos ambos uma ruma de livros, que elle comprara ultimamente na loja de um alfarrabista.

Folguei immenso com este convite, e escuso dizer que no dia seguinte, ás onze horas da manhã, lá estava a bater-lhe á porta...

Desatado o lote dos livros, Coelho de Carvalho pegou n'um d'elles, collocou-o sobre a sua banca de trabalho, e, apontandome uma cadeira, disse:

— Veja lá esse.

Era um grosso volume, em formato grande, das obras completas de lord Byron, na edição de Galignani. Apenas o abri, logo me excitou a curiosidade uma folha grande de papel branco, que, por mais comprida e mais larga que o livro, estava posta em dobras apropriadas ao tamanho d'elle.

Aberta a folha de papel, — oh! que impressão de extraordinaria surpreza! — deu-me em cheio nos olhos a letra do proprio punho de lord Byron, letra que os entendidos conhecem á primeira vista, e até dispensava bem a assignatura que lá está, a d'elle, a verdadeira, traçada pela excelsa mão que esculpiu os versos immortaes do *Childe Harold.*

Um autographo de lord Byron é sempre um achado precioso. E então este de que falo perfeitamente conservado; nem poído o papel nem a tinta desmaiada. Por tudo isso, a meu ver, é grande o seu valor.

Vejamos o que elle diz em vulgar:

Ill.mo Sr.

Em varios numeros do seu periodico tenho visto menção de uma obra intitulada O Vampiro, *seguida do meu nome, como auctor d'ella. Não sou o auctor e nunca até agora ouvi falar em semelhante obra. N'um jornal mais recente vejo o annuncio formal do* Vampiro, *acompanhado de uma noticia da minha «residencia na ilha de Mitylene», pela qual me succedeu passar, viajando ha annos pelo Levante, e onde não teria duvida de residir, mas onde nunca vivi.*

Nenhuma d'essas affirmações partiu de mim, e parece-me não ser injusto nem menos attencioso pedir-lhe o favor de desmentir o annuncio a que me refiro.

Se o livro tem merecimento, seria baixeza prejudicar o verdadeiro escriptor — seja elle quem fôr — da honra que lhe cabe; — e, se é estupido, não ambiciono a responsabilidade da estupidez de outrem, bem me basta a minha.

Espero me desculpe o incommodo que lhe dou — a imputação não tem grande importancia — e emquanto se limitou a boatos, referencias, te la-ia recebido como a tantas outras, em silencio. Porém, a solemnidade que tem um annuncio publico de um livro que nunca escrevi — e de uma residencia que nunca tive — é já de mais, especialmente por não ter conhecimento do conteúdo de um nem dos incidentes da outra. Além d'isso, tenho particular embirração com vampiros, e o pouco que os conheço em nenhuma maneira me induziria a divulgar-lhes os segredos.

Muito menor aggravo me fizeram os paragraphos ácêrca da «minha devoção e o abster-me de sociedade,

Sir,
In various numbers of your Journal – I have seen mentioned a work entitled "the Vampire" with the addition of my name as that of the Author. – I am not the author and never heard of the work ~~[illegible]~~ in question until now. In a more recent paper I perceive a formal annunciation of "the Vampire" with the addition of an account of my "residence in the Island of Mitylene" an Island which I have occasionally sailed by in the course of travelling some years ago through the Levant – and where I should have no objection to reside – but where I have never yet resided. – – Neither of these per=formances are mine – and I presume that it is neither unjust nor ungracious to request that you will favour me by contradicting the adver=tisement to which I allude. – If the book is clever it would be base to deprive the real writer – whoever he may be – of his honours; – and if stupid – I desire the responsibility of nobody's dullness but my own. – – – You will excuse the trouble I give you; – the imputation is of no great importance, – and as long as it was confined to surmises and reports – I should have received it as I have received many others, in silence. – But the formality of a public advertisement of a book I never wrote – and a residence where

I never resided — is a little too much — particu-
larly as I have no notion of the contents of
the one — nor the incidents of the other. —
I have besides a personal dislike to "Vam-
pires" and the little acquaintance I
have with them would by no means induce me
to divulge their secrets. — — You did
me a much less injury by your para-
graphs about "my devotion" and "abandonment
of Society for the sake of religion" — which appeared
in your Messenger during last Lent, — all of which
are not founded on fact — —
but You see I do not contradict them, —
because they are merely personal — whereas the others
in some degree concern the reader — — — —

You will oblige me by complying with my
request of contradiction — I assure you that
I know nothing of the work or works in
question — and have the honour to be — (as
the correspondents to Magazines say) "your
constant reader": and very

obedt.

humble Servt.

Byron

To the Editor of Galignani's Messenger

&c. &c. &c.

Venice April 27th 1819. — —

A CARTA AUTOGRAPHA INEDITA DE LORD BYRON

por amor da religião», que appareceram no seu Mensageiro, *durante a ultima quaresma — os quaes não assentam em factos — mas note que os não contradigo, por serem muito pessoaes, ao passo que os outros até certo ponto dizem respeito ao leitor.*

Muito me obsequiará, annuindo a fazer o desmentido que lhe peço, — affirmo-lhe que nada sei da obra ou obras de que se trata — e tenho a honra de ser (como dizem os correspondentes de Revistas) *«constante leitor» e muito*

Obediente e Humilde Servo
BYRON

Ao redactor do Mensageiro *de Galignani.*
Veneza, 27 de abril de 1819.

galante menina, muito instruida e romantica, de cabeça leve e idéas livres ácêrca do matrimonio. Ia pedir-lhe que empregasse toda a sua influencia para ella ser admittida como actriz no theatro de Drury Lane.

Chamava-se Jane Clermont a gentil pretendente. Sua mãe contrahira segundas nupcias com o negociante Godwin, que tambem era viuvo, e tinha uma filha mais velha um anno que Jane, e da mesma sorte formosa. Estas duas meninas eram, portanto, irmãs por uma affinidade bem pouco vulgar, sendo que a mais velha era tambem romantica, um tanto ou quanto leviana e de idéas li-

A Monsieur
Monsieur Galignani —
18 Rue Vivienne.
Paris.

SOBRESCRIPTO DA CARTA DE LORD BYRON

vres. Bem se pode dizer, pois, que, a não ser pelo sangue, eram em tudo irmãs!

Não se sabe ao certo se lord Byron pensou que a Jane Clermont faltavam os predicados necessarios para seguir com vantagem a carreira do theatro, ou se de si para comsigo entendeu que era muito melhor fazer d'ella sua amante. O certo é que a linda Jane, esse fresco botão de rosa, cedeu á irresistivel tentação do poeta lhe aspirar o perfume, e se inebriar com os seus encantos.

Abro aqui um parenthesis para observar, em homenagem á verdade, que a esta Jane Clermont é mister dar outro nome, que foi o que ella escolheu para si, e pelo qual é conhecida na volumosa e agitada biographia de Byron.

Jane, em nossa linguagem Joanna, principiou por eliminar de todo este nome, quiçá

Verdade, verdade, este caso do *Vampiro* apresenta bastantes difficuldades — por uma parte, um jornal que affirma a existencia de uma obra com esse titulo, feita por lord Byron, e, por outro lado, uma carta d'elle, que nega o facto terminantemente, e até pede um desmentido não menos formal que o annuncio.

Em segundo logar, vamos já ver que este assumpto se prende com a vida de lord Byron desde 1816, quando elle estava em Londres, em vespera de separar-se judicialmente de sua mulher, até 1819, em que vivia em Veneza ao sabor nauseabundo de paixões ignobeis.

Caminhemos, pois, de vagar e por partes, segundo a ordem dos acontecimentos.

Remontando a 1816, lord Byron, em fevereiro d'esse anno, foi procurado por uma

por lhe parecer bastante prosaico. E, submettendo á analyse o seu appellido Claremont, Clairmont e Charlemont, decompô-lo em duas partes—*clair* e *mont*. Supprimindo a ultima, mudou a primeira em CLAIRE, e por este optou, ficando para sempre Claire, modificação de Clare, que em portuguez é Clara.

Cerrando o parenthesis, lembrarei apenas ao leitor attento as graves perturbações que pouco antes tinham sobrevindo no pouco afortunado lar de lord Byron, e deram causa a que sua esposa formasse o proposito inabalavel de conseguir a separação do homem illustre, a quem ingenuamente amara. E, sendo desnecessario insistir n'este ponto, por de mais sabido, baste dizer que lord Byron, mal visto por esse facto de toda a sociedade e até do povo inglez, se viu exposto a gravissimos insultos e até forçado a sahir immediatamente de Inglaterra.

Por esse tempo, isto é, na primavera de 1816, a irmã de Clara, apaixonada por Shelley, outro grande poeta, tambem separado da mulher, tinha já um filho d'elle, e com elle vivia maritalmente.

Shelley tinha resolvido fazer uma viagem á Suissa, e suppõe-se com fundamento que Clara combinou acompanhar a irmã, para depois se encontrar com Byron na Suissa.

Fosse como fosse, aos 25 de abril de 1816, lord Byron partiu de Dover para Ostende, onde aportou na noite do dia seguinte. D'ahi passou a Bruxellas, e, tendo atravessado a Flandres, seguiu pela estrada do Rheno para a Suissa. Levava comsigo três creados, Fletcher, Rushton, um suisso chamado Berger, e um joven medico, Polidori, de nome e parentesco italianos, que teve, como veremos, ingerencia no caso do autographo de lord Byron, de que aqui tratamos. E observa um dos seus biographos que o leitor o pode seguir n'essa viagem, abrindo o canto III do *Childe Harold*.

No fim de maio havia já oito dias que Shelley com as suas companheiras, Maria e Clara, e o filhinho de um anno das suas relações com aquella, estavam no hotel Sécheron, nos suburbios de Genebra, quando a carruagem de Byron entrou no pateo da hospedaria, onde causou grande alvoroto a sua chegada, e ainda mais a intimidade que para logo os hospedes notaram entre elle, Shelley e mais familia. De todos foi sabido que Maria não era casada com Shelley, e que sua irmã, a formosa Clara, substituia agradavelmente a falta da legitima mulher de Byron. E tão vexatoria se tornou a persistente curiosidade dos commensaes de Sécheron, viajantes inglezes e outros, que se juntavam sempre nos corredores e á porta do hotel para ver os dois poetas e o seu sequito, quando sahiam de carruagem, ou, ainda ao ar livre, quando, ao lusco fusco ou já noite fechada, desembarcavam depois de andarem no lago, que não houve outro remedio senão elles sahirem do hotel para umas casas na margem, do lado do Monte Branco. Lord Byron e Polidori foram habitar a Villa Belle Rive, e Shelley mais as senhoras uma casa pequena distante da outra uns dez minutos. Nem ahi os deixaram em paz os importunos hospedes de Sécheron, que os perseguiam com oculos assestados aos jardins e ao caminho de uma para outra casa. De maneira que, para estarem mais á sua vontade, lord Byron teve que mudar ainda uma vez para a Villa Deodati, e os Shelleys para uma casa situada por baixo d'aquella, Maison Chapuis ou Campagne Mont Alègre. No entanto, em Genebra, circulavam os mais escandalosos boatos sobre a convivencia dos dois poetas com as duas irmãs, nenhuma das quaes tinha ainda dezenove annos.

«Quando a chuva — diz Jeaffreson, auctor da bella obra *The real lord Byron* — os tinha presos em casa por muitos dias, os inquilinos da Villa Deodati, excitados pela leitura de phantasticas novellas allemãs, entretinham-se a compôr contos que ultrapassassem em mysterio e terror as obras dos auctores germanicos. — Publicaremos os nossos juntos, senhora D. Maria Shelley! — exclamava lord Byron, que fez um esboceto intitulado *O Vampiro*, que não era mais que a idéa ou indicação de uma narrativa atterradora.» E, tendo Polidori aproveitado o pensamento de Byron para fazer o seu romance, *O Vampiro*, ahi se deve ir buscar a origem primitiva do annuncio do periodico, ao qual Byron pedia um desmentido.

Isso, porém, succedia na Suissa em 1816, e a carta de lord Byron é escripta de Veneza em 27 de abril de 1819. Que acontecimentos occorreram no intervallo d'esses três annos entre os actores d'este drama! Vamos resumi-los, no interesse do leitor, que estimará dar um nó em factos que, á primeira vista, podem parecer desconnexos.

A romantica existencia que lord Byron levou com Clara na Suissa nem sempre decorreu suavemente. Algumas vezes lhe mordiam o coração pungentes amarguras, occasionadas da recusa persistente de sua mulher em tornar a unir-se a elle. São d'isso eloquente testemunho estas palavras traduzidas do seu *Diario:* «... mas em tudo isto — a recordação de amargura, e mais especialmente de recente e maior consternação domestica, que deve acompanhar-me durante a vida, tem-me affligido aqui; e nem a cantilena do pastor, o estrondo da avalanche, a torrente, a montanha, a geleira, a floresta, a nuvem, alliviaram por um momento o peso que tenho sobre o coração,

FRONTISPICIO DO VOLUME «THE WORKS OF LORD BYRON»
Edição de A. and W. Galignani, Paris, 1831, onde se achava collada a carta do grande poeta inglez

nem me permittiram confundir a minha desventurada identidade na magestade, o poder, a belleza, que ha em torno de mim, acima e abaixo.» Essa passageira quadra acabou aos 29 de agosto do mesmo anno 1816, dia em que Shelley partiu para Inglaterra com a familia toda, isto é, Maria, seu filho, e tambem Clara, gravida de cinco mezes.

Pobre Clara! era uma pagina volvida da existencia do poeta.

*

* *

Ficou satisfeita a curiosidade, mas ainda não está dito tudo.

Temos de nos transportar á magnifica cidade de Veneza, em 1819, e de collocar a figura de lord Byron — typo genuinamente britannico — n'essa moldura feiticeira e original da antiga rainha dos mares. Cumprenos repô-lo n'esse meio historico, artistico, galanteador e depravado, que uma legião de poetas e pintores tanto celebraram com o seu genio. Precisamos de o contemplar aqui como elle era em Veneza no anno de 1819.

Havia então em Veneza dois palacios muito concorridos á noite por pessoas da primeira sociedade — dois *salons,* como dizem os francezes, o da condessa Albrizzi e o da condessa Benzoni, que eram, já se vê, rivaes. Byron concorreu primeiro ao da condessa Albrizzi, denominada a Staël de Veneza, senhora dotada de grande instrucção, maneiras singelas, e attenciosa com os extrangeiros, que compoz uma obra intitulada *Retratos* de pessoas celebres, e n'ella traçou com fervoroso enthusiasmo o de lord Byron, que é como se segue:

«Não vale a pena insistir na mera belleza de um semblante em que era tão notavel a expressão de uma intelligencia extraordinaria. Que serenidade pousava na fronte adornada de finos cabellos de tom louro-escuro, leves, anelados e com tal arte dispostos que a arte se occultava na mais aprazivel natureza! Que variada expressão nos olhos, da côr azul do céo, donde pareciam derivar a sua origem! No feitio, na côr, na transparencia, os dentes semelhavam perolas, e as faces tinham o delicado colorido da rosa pallida. As mãos eram tão bellas como se ossem uma obra de arte.»

RETRATO DE LORD BYRON AOS 35 ANNOS (1)

(1) Este retrato foi offerecido ao auctor do presente artigo por Camillo Castello Branco, e publicado na sua traducção da *Peregrinação de Childe Harold* (Ed. Livraria Ferreira, 1881) com a seguinte carta.

... Sr.

Offereço a v. um rarissimo retrato de Byron. Quasi toda a gente conhece o retrato de Byron rapaz; mas raro haverá quem entre nós tenha exclamado o *quantum mutatus ab illo*, confrontando o juvenil auctor da *charge* aos poetas inglezes e escossezes com o desvairado que deixava as gondolas do Adriatico para ir romper o seu aneurysma n'um pobre catre em Missolonghi. Pode ser que em um jornal illustrado esse retrato, acompanhado de algumas linhas de v., seja bem acceite. Offereço-lh'o com muita satisfação.

De v. etc.

S. C. 9-1-81 *Camillo Castello Branco*

Antes de mandar essas linhas para a imprensa, a condessa Albrizzi pediu a lord Byron que as corrigisse, mas elle não só o não quiz fazer, mas até lhe aconselhou que as entregasse ás chammas. Rejeitou esse alvitre a talentosa italiana, e lord Byron, offendido por tal motivo, nunca mais lhe appareceu, e com grande desgosto d'ella passou a frequentar o outro *salon* da condessa Benzoni, onde veiu depois a apaixonar-se por Tereza Guiccioli, tambem condessa, a qual, depois da morte de Byron, mandava estas linhas a Thomaz Moore:

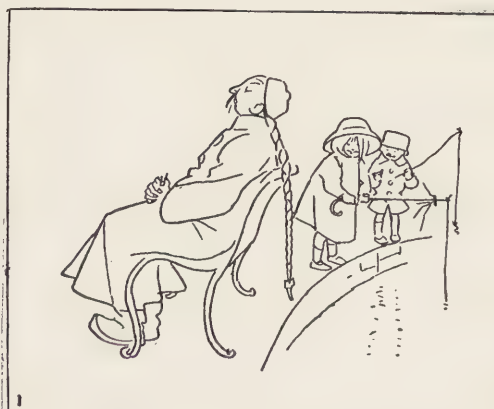
«O seu aspecto nobre e requintadamente bello, o som da sua voz, as suas maneiras, os mil encantos que o cercavam, faziam d'elle um ser tão differente e tão superior que era impossivel que não produzisse em mim a mais profunda impressão. A contar d'essa noite, e durante toda a minha estada em Veneza, encontravamo-nos todas as noites.»

Lord Byron viu pela primeira vez a condessa Guiccioli nas recepções da Albrizzi, em 1818, mas só lhe foi apresentado nas salas da Benzoni no mesmo mez em que escreveu a carta, que é objecto d'este estudo, isto é, em abril de 1819.

ALBERTO TELLES.

NOTA. — O original da carta tem no papel 0,22×0,26, e a linha completa da escriptura 0,19.

Como se utilisa um rabicho

1 2 3 4

VIADUCTO NO LENGUE

Para o paiz do cobre

O caminho de ferro do Lobito e a redempção de Angola

(Conclusão)

Do Lobito á Katanga. O terminus da linha portugueza entroncará numa linha que leva ao paiz das minas. Do Lobito á Beira em quatro dias. O maior emporio commercial do sul africano.

Para que ao caminho de ferro do Lobito affluisse todo o trafego mercantil das minas, faltava apenas a ligação do terminus leste da linha com a região da Katanga.

O governo do Estado do Congo, que ao começo mostrára uma certa relutancia em conceder esse entroncamento, deu ultimamente o seu consentimento.

Por outro lado organizou-se uma sociedade anonyma, belga, para a construcção no Estado Livre do Congo de uma linha que, partindo do *terminus* do caminho de ferro de Benguella na fronteira, proximo do parallelo 11.º de latitude sul, seguirá até ao Ruwe, prolongando-se d'ahi até á fronteira da Rhodesia atravessando toda a região mineira da Katanga.

Esta linha terá a extensão total, approximada, de 1:000 kilometros sendo 600 da fronteira d'Angola ao Ruwe e os 400 restantes d'este ponto á fronteira da Rhodesia, junto ao parallelo 12.º de latitude sul.

D'este ultimo ponto seguirá um ramal de perto de 320 kilometros de via ferrea

que entroncará em Brocken-Hill, na secção de transafricano Cabo-Cairo já em construcção.

Em dois annos, talvez, o precioso centro mineiro será pois servido pela rêde ferroviaria do sul e oeste africanos e assim em extraordinarias relações commerciaes com o mundo inteiro.

A construcção do caminho de ferro portuguez até ao extremo da provincia, por si só, será sufficiente para arrancar o commercio angolense á modorra em que se afunda, permittindo a exploração intensiva da borracha, de tão rendosos proventos, cujo commercio baixou de 1890 a 1900 a bagatella de 2:200 contos!

PESSOAL EUROPEU DA CONSTRUCÇÃO

Com a borracha resurgirão tantos outros productos: a canna, o café, o cacau, o algodão que, postos a preços reduzidos no littoral, permittirão aos nossos productores luctar nos mercados europeus com os commerciantes belgas, inglezes e allemães.

O caminho de ferro permittirá tambem cultivar lucrativamente no planalto d'Angola o milho e o trigo, cuja cultura em terrenos fertilissimos não só bastará para o consumo da região, como tambem, com pequeno esforço, dará para a exportação, substituindo assim o que hoje importamos de paizes estrangeiros e supprindo o deficit cerealifero da metropole.

A ligação do terminus da linha com a Katanga completará o incremento commercial da provincia transportando ao Lobito o cobre, a prata e o ouro d'essa região privilegiada.

O porto do Lobito, por muito tempo olvidado, tem extraordinarias condições para o trafego mercantil: é extenso, profundo, perfeitamente seguro e de facil accesso em todas as marés, permittindo a acostagem de vapores da maior tonelagem pela ponte-caes já construida.

Incontestavelmente superior aos seus congéneres do cabo da Boa Esperança, Lourenço Marques e Beira, o Lobito surgirá num futuro muito proximo como o maior emporio sul africano, uma immensa cidade commercial, de edificios magestosos, refervilhando de negociantes das mais estranhas nacionalidades nas suas arterias macdamisadas, desde o inglez pratico e singelo ao judeu especulador e argentario.

Antes da construcção da linha de Benguella, dizia ha pouco numa conferencia o distincto colonialista Augusto Leão, tudo corria para o Transvaal; a Katanga vale porém mais do que o Transvaal, porque o Transvaal é o ouro e a Katanga é o cobre.

Ora para o transporte do ouro um wagon basta para transportar uma fortuna; por isso não é directamente da exportação das minas do Transvaal que o caminho de ferro de Lourenço Marques aufere o seu rendimento, mas sim da importação de madeiras, ferramentas e outros materiaes necessarios á exploração das minas.

A Katanga porém, além da importação de materias para o trabalho das minas, exportará minerio d'um valor incalculavel, o cobre, tão necessario hoje na industria que a tonelada se vende por 104 libras.

Só nos jazigos até hoje reconhecidos, a Katanga tem cobre sufficiente para abastecer o mercado mundial durante 280 an-

Na Katanga

EXTRACÇÃO DE OIRO NA MINA DE RUWE

DISTRIBUIÇÃO DE RAÇÕES

LAVAGEM DO OIRO

ENTRADA DE MANTIMENTOS

COOLIES TRABALHANDO NO KILOMETRO 140

nos, extrahindo, em média, mil toneladas por dia sem interrupção!

E toda esta immensa riqueza transitará para o Lobito pela via ferrea atravez da Angola.

Comquanto nos primeiros annos, antes de terminada a linha, o serviço dos centros mineiros da Katanga e Kansanshi se faça pela Beira via Bulawayo, de preferencia ao Cabo — uma vez que de Bulawayo á capital da Africa do sul o percurso é de 2:160 kilometros e a distancia de Bulawayo á Beira são apenas 1:072 kilometros—póde affirmar-se que construido o caminho de ferro Lobito-Katanga e á medida que o transcontinental Cabo-Cairo fôr avançando, á medida que as regiões por elle atravessadas se forem fertilisando agricola e industrialmente, diverso será, por certo, o caminho que os productos hão de seguir porque tambem muito diversos são os direitos a tutelar.

Demais, sendo esta a via *rapida* e *mais economica* não resultará gratuita a affirmação que fazemos.

E assim: a distancia da região mineira da Katanga desde a fronteira Congo-Rhodesia ao Lobito será:

	Kilom.
Da fronteira da Rhodesia ao Ruwe	400
Do Ruwe á fronteira d'Angola ...	600
D'esta fronteira ao Lobito	1:200
Total......	2:200

A distancia de mesma região á Beira será:

	Kilom.
Da fronteira Congo-Rhodesia a Brocken-Hill	320
De Brocken-Hill a Bulawayo	1:118
De Bulawayo a Salisbury	480
De Salisbury á Beira...........	592
Total......	2:510

A distancia d'essa região ao Cabo da Bôa-Esperança será:

	Kilom.
Da fronteira Congo-Rhodesia a Brocken-Hill	320
De Brocken-Hill a Bulawayo	1:118
De Bulawayo a Cape Town......	2:160
Total......	3:598

Convem notar, que nas indicações apontadas incluimos em relação ao Lobito a totalidade de percurso de 1:000 kilometros

COOLIES TRABALHANDO NO KILOMETRO 142

LANÇO EM CREMALHEIRA NO LENGUE

a differença de percurso maritimo entre o Lobito e os portos da Europa, immensamente menor que a de qualquer dos portos da Africa occidental. E assim a distancia de Southampton, por exemplo é respectivamente:

	Milhas
A Cape Town	6:350
A Lourenço Marques (pelo Cabo) ...	7:400
A' Beira (pelo Cabo).............	7:900
Ao Lobito.....................	4:900

A construcção do ramal de Brocken-Hill, que pode ser terminada em poucos annos é necessaria para o transporte de material a empregar na construcção da linha da fronteira da Rhodesia á fronteira d'Angola. Por essa fórma se poderá conseguir que esta ultima linha esteja con-

UM ASPECTO DA VIA

no Congo, como se todas as minas da Katanga estivessem situadas junto da fronteira rhodesiana, e que em relação á Beira e ao Cabo se não comprehendeu percurso algum no territorio do Congo.

Ora sendo certo que muitas das minas da Katanga estão situadas a grande distancia d'essa fronteira, o percurso no territorio congolez para as expedições via Lobito será, na maioria dos casos, muito inferior ao que acima indicámos e correspondentemente será bastante maior para as expedições via Beira e via Cabo.

A' differença de percurso terrestre em favor das expedições pela linha portugueza accresce

ABERTURA DE TRINCHEIRAS

RIO GANDA KUBÁL (KILOMETRO 190)

cluida e prompta a ligar ao caminho de ferro de Benguella na data em que este chegar ao seu *terminus*.

Emquanto essa ligação se não ultimar, o trafego seguirá pelas linhas da Rhodesia dividir-se-hão segundo os centros de producção, derivando por esta ou aquella via conforme as tarifas, a brevidade de transportes e as relações mais ou menos favoraveis com as companhias de exploração.

ACAMPAMENTO NO KILOMETRO 200

para o porto da Beira, provavelmente, visto que este fica quasi meio caminho de Bulawayo a Cape Town.

Concluido o caminho de ferro de Benguella, os productos mineiros seguirão a via Katanga-Lobito; os agricolas e industriaes

A isto acresce que logo que a linha Lobito-Katanga se una com a linha Bulawayo-Beira e assim o porto de Lobito na costa occidental estiver ligado com o porto da Beira na costa oriental, será este transafricano o caminho, mais curto e mais rapido entre a

KRAAL INDIGENA KILOMETRO 290

O PRINCIPE REAL D. LUIZ FILIPPE — ASPECTOS DOS FESTEJOS POR OCCASIÃO DA SUA VISITA AO LOBITO

Europa e a America para a Africa Central, e Oriental.

Em quatro dias se transporá o continente africano de extremo a extremo, evitando as tempestades do Cabo ou as elevadas temperaturas d'uma incommoda viagem pelo mar Vermelho.

*
* *

Uma viagem que passou á historia. O infortunado principe real visita o Lobito em setembro ultimo. Manifestações de regosijo. Uma illuminação feerica.

A 5 de setembro do anno findo o *Africa*, transportando a bordo o principe real, o então ministro da marinha, a comitiva e os dignitarios de serviço, lançava ferro em Benguella, pela tarde.

No dia immediato o principe visitava o caminho de ferro do Lobito, acompanhado pelo governador da provincia, Paiva Couceiro, conselheiro Joaquim José Machado, administrador delegado da *Companhia do caminho de ferro de Benguella* e pelas pessoas de representação do districto.

No regresso da excursão, a população de Benguella e o pessoal da companhia acolheram com manifestação carinhosa o moço principe.

Ao jantar, servido num pavilhão expressamente construido para esse fim, levantaram-se enthusiasticos brindes ás prosperidades da provincia d'Angola e ás da grande empreza ferro-viaria, demonstrando o sr. coronel Machado o alcance e o futuro esperançoso do caminho de ferro, d'onde proviriam incontestaveis beneficios ao commercio angolense.

Pela noite, terminado o jantar, todo o Lobito tremeluzia de muitos milhares de balões, recortando as linhas singelas dos edificios, alongando-se por caprichosos arcos até á ponte-caes, debruando as margens da bahia d'um sem numero de lumes variegados, que reflectidos nas aguas serenas do porto davam a impressão d'uma tenue poeira luminosa que tivessem espalhado por todo aquelle recinto, recordando por um momento um cantinho do Minho em noite de festa, na patria querida, a tantas milhas de distancia!...

....

E mal diria o principe real ao deixar Lisboa pelos calores de julho, entre as despedidas affectuosas dos seus, encetando commodamente uma viagem ás colonias d'Africa, que era a *ultima* vez que descia o rio ao sabor brando da corrente...

ANTONIO DE SOUSA MADEIRA PINTO.

O «AFRICA» CONDUZINDO O PRINCIPE REAL E SUA COMITIVA, ATRACADO Á PONTE-CAES DO LOBITO

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II — O PAIZ

PORTO

Na estação em que a uva amadurece ao abrigo da amarellida folhagem do esbelto carvalho, ao qual se enredou a vide, quando o sol do outomno vem tingir de matizes purpurinos a crista das montanhas sobranceiras ao remanso das torrentes, é então que a região do norte em Portugal veste as suas mais luzidas galas, e que aos olhos de quem viaja pelo Minho se lhe afigura estar vendo uma nesga do Paraizo que baixou á terra. Terra abençoada entre todas é a que permeia entre o Douro e o Minho, com as suas soberbas florestas vestindo as montanhas, a florescencia pujante da vegetação atapetando as planicies, entrecorridas de rios caudaes, povoadas por uma raça tão guapa quanto operosa; um paiz de remota civilização; baluarte outr'ora opposto ás invasões em toda a Peninsula dos cardumes da mourisma.

Nem se póde dizer que seja pobre em Arte, pois que esta medrou por aqui, austera e pesada, visto como o material predominante era o granito. N'essa conformidade, tanto as sés como

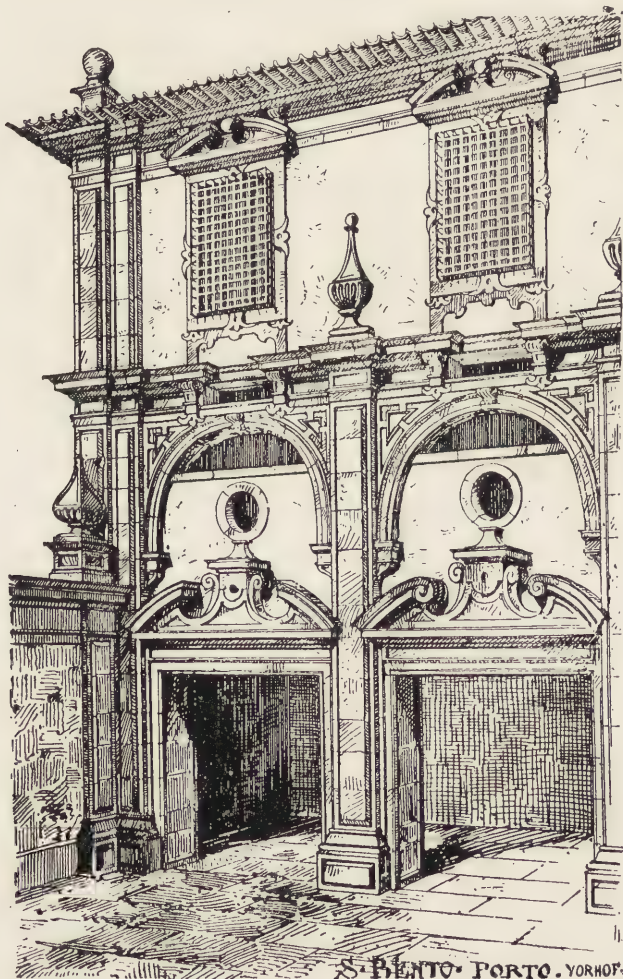
NO DOURO

as egrejas das velhas cidades episcopaes são pequenas e, por assim dizer, informes; Porto, Braga, Guimarães, as cidades mais antigas da actual hegemonia portugueza, não pódem ufanar-se de possuir basilicas imponentes, apenas os eriçados castellos, as muralhas possantes narram a chronica d'esses dias primeiros das luctas renhidas da Monarchia.

DE UMA CASA DO PORTO

*

* *

O Porto, capital do norte, conserva apenas escassas reliquias d'essas eras; a sua Sé, campando no ponto culminante da cidade, oriunda do duodecimo ou decimo terceiro seculo, a pequena egreja de Cedofeita, a egreja de S. Francisco, a soberba corôa de muralhas cingindo-a da banda do nascente, eis quanto possue, digno de nota.

PATEO DE ENTRADA DO CONVENTO DE S. BENTO

Pelo andar dos seculos veiu crescendo e subindo, sobranceira á margem do Douro, a nova e galharda cidade; o pesado estylo dos seculos XVII e XVIII correspondendo melhor ao massiço material.

Assim, pois, as nossas considerações não encontram aqui assumpto muito abundante.

Monumentos ecclésicos da Renascença poucos por

aqui se encontram e esses, de ordem inferior, por via de regra. Na tão singela egreja conventual de Santa Clara ainda se depara um portico ogival, de uma certa riqueza, ostentando formulas manuelinas sem demasiado valor, toscas, conforme o consentia o material.

E não obstante, o formoso edificio do convento de freiras de S. Bento apresenta uma architectura valiosa a par do original. E' o habitaculo da communidade, limitando os dois lados do adro, separado da rua por um muro. Das alas, uma tem dois andares, mais baixa do que o corpo principal, annexo, da sumptuosa egreja de estylo barrôco; é identica a sua architectura.

O modo como se acha tratada a architectura, com a sua profusão de cartellas apresilhadas, rotulos e escudetes apresenta um não sei quê de septentrional, insolito de todo no paiz. E não obstante, o granito aqui acha-se dominado, quanto possivel.

Um pouco mais para além, na praça principal do velho Porto depara-se-nos, no interior da egreja dos Congregados, a mesma singeleza do exterior. Os lanços de parede são vestidos de azulejos, meio, aliás, profusamente empregado no Porto para supprir a nudez da pesada architectura. A egreja é pois muito singela; de planta rectangular e com abobada de berço. A época da fundação quer de um quer de outro edificio não irá além dos principios de seculo XVII.

Em frente do lado occidental da Sé ergue-se uma capellinha do meado da regencia de D. João III, com um bonito e airoso portico arqueado, flanqueado de columnas nichadas; lá dentro encontra-se um altar, coévo, talvez, da era de 1570, de talha dourada, de boas e bem combinadas fórmas, e singular finura.

Infundem-nos ainda um certo interesse varias egrejas da mesma época,

COLLEGIO NOVO NO PORTO

visto pertencerem áquelle grupo de obras especificamente portuguezas, que em Coimbra e Lisboa tão distinctas precursoras veiu a estabelecer. Tornase isto mais obvio na egreja das Benedictinas, a qual, no alvorecer do seculo, conforme succedeu nas duas referidas cidades, aqui foi erigida pelo tanta vez citado Balthazar Alvares. Esta egreja seria sem duvida a maior e mais consideravel de quantas construiu o mesmo Alvares, a qualidade do material, porém, imprime ao frontipicio aspecto pesadão e alambazado, tal qual em Hespanha o granitico Escurial, ostentando identidade nas formulas decorativas.

Esta frontaria, com frontão, é provida de três ordens de pilastras toscanas com uns nichos intercalados; o coroamento consiste em uma empêna lisa acairelada por severas molduras.

No pisoterreo abrese uma columnata de três arcadas, com pilastras geminadas.

PLANTA DE NOSSA SENHORA DA SERRA DO PILAR

INTERIOR DE NOSSA SENHORA DA SERRA DO PILAR

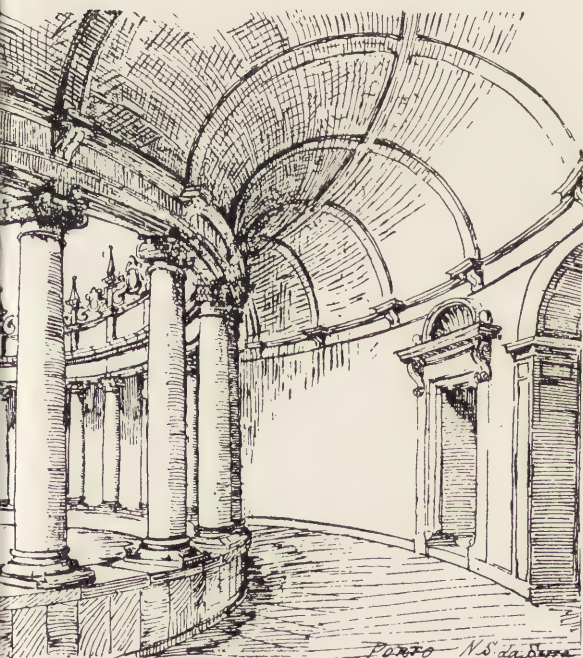
O interior, em forma de cruz, com a sua ponderosa abobada de caixotões assente sobre pesadas pilastras doricas, corresponde ao da Sé nova de Coimbra, sem todavia ostentar cupula no cruzeiro, antes, porém, uma abobada de arestas um tanto frouxa.

Os possantes e amplos pormenores architectonicos recebem realce e complemento de uma esplendente decoração de talha dourada ornamental, e dos sumptuosos altares. Além d'isto, no côro occidental, tanto as paredes como as pilastras ostentam uma exuberancia de faixas ascendentes em relevo insculpidas em madeira.

Identico, tanto por fóra como por

dentro, e da mesma epoca é o Collegio novo nas trazeiras da Sé, no esbarro do monte. A fachada é de construcção manifestamente posterior, mas habilmente composta, comquanto pesada; muito semelhante o motivo do remate superior ao da Sé nova de Coimbra.

O mais original e valioso de todos os edificios claustraes da mesma época, existentes aqui, é o de Nossa Senhora da Serra do Pilar, no suburbio de Villa Nova de Gaia, situado na margem fronteira do Douro. Deve ter sido principiado em 1540; e todavia, as circunstancias do conjuncto combinam amplamente com a data de 1602, a qual se encontra no claustro.

Em frente do ponderoso quadrado do mosteiro, campeia a egreja, redonda. Um lanço mais estreito communica a propria ligação com o mais amplo côro, em cujas trazeiras, annexo, fica o sumptuoso claustro.

DE NOSSA SENHORA DA SERRA DO PILAR

O systema a que obedece o exterior da egreja patenteia-se na estampa annexa. A cornija é coroada por uma formosa platibanda de acroterios; a cupula, externamente um tanto achatada, é revestida de azulejos e rematada com um lanternim.

O interior apresenta uma primorosa rotunda com uns vinte metros de diametro. Dezeseis esbeltas pilastras doricas com capiteis idoneos, como em S. Vicente de Fóra, Lisboa, repartem a parede entre as capellas e as arcarias de accesso. A cornija sustenta a imponente abobada espherica, a qual, dividida em tabellas se ergue até á altura do lanternim. Quatro janellas rectangulares transmittem abundancia de luz.

E aqui se nos depara outro exemplo de intimo parentesco com as egrejas lisbonenses coévas, tal como resulta do confronto. Tinô-

CLAUSTRO DE NOSSA SENHORA DA SERRA DO PILAR

CASA NO PORTO

a individuação estylistica, de um selvatico mexicano, em mais de um ponto; é preconisada como inestimavel adorno do conjuncto do quadro que apresenta a cidade.

Com respeito a residencias particulares da primitiva Renascença, conservam-se ainda algumas, das quaes a mais conspicua é aquella cuja reproducção apresentamos, sita na rua do Ouro (das Flores). Construida de alto a baixo com silhares de granito, o coroamento da cornija ostenta essa decoração privativa da região do norte, a saber, uns pilares dispostos á feição de ameias. As janellas exhibem um mixto de formulas gothicas tercearias e da Renascença.

Existe na rua Chan uma casa parecida, muitissimo singela, com duas janellas mas com três andares, conspicua mercê do remate de uma formosa janella no andar nobre, com um friso alternadamente de archetes e intersecções lineares.

co, talvez, ou Turiano, haverá sido o mestre da construcção.

O formoso claustro circular, com trinta e seis columnas e abobada de berço, patenteia no attico respectivo fórmas um tanto mais barrôcas do que as da egreja, e não obstante, mercê da originalidade da traça, produz notavel impressão.

O convento, com um guapo torreão no angulo para a banda que pende para o rio, é todo elle uma ruina, e reivindica apenas a sua formosa situação sobranceira á cidade, á qual, com a sua móle imponente e estructura monumental, domina totalmente.

Cá em baixo, na cidade, existe ainda uma serie de egrejas de construcção posterior, das quaes S. Ildefonso, pittoresca, com as suas torrinhas acaçapadas, erguendo-se acima de uma imponente escadaria, a cavalleiro de uma ingreme rua proxima, é interessante pela profusão de trechos barrôcos, com o caracter da época de Filippe IV.

A luxuosa quanto pittoresca Torre dos Clerigos, do seculo XVIII, a mais alta e magestosa torre de egreja em todo o paiz, nimiamente barrôca e crua

DO MONUMENTO FUNEBRE DE BRANDÃO PEREIRA
EM S. FRANCISCO DO PORTO

QUINTA DO FREIXO, PERTO DO PORTO

com friso denticulado, encimado por um frontão de concha e abrigando um sarcophago aguentado por três leões. Tanto as fórmas geraes como a individuação, accusam um caracter de Renascença temporan e nimiamente *holbeinesca,* elaborada com largueza não isenta de frouxidão, e sem embargo, o monumento é formoso, quer pela estructura, quer pelo effeito, e o melhor da sua época, em todo o Porto. A concepção, aprazivel, antolhase-nos ser categoricamente allemã; e não foi sem sobresalto que lemos o jazerem aqui Francisco Brandão Pereira e sua mulher. Pois não sôa extranho a ouvidos allemães este nome; é

Nem devo esquecer outro bem construido monumento da Renascença, digno de menção, existente na capella á mão direita do côro, em S. Francisco. Consiste em uma arcaria de volta inteira, descansando sobre umas pilastras ornatadas, ladeadas por candelabros e

CASTELLO DA VILLA DA FEIRA

o do feitor portuguez em Antuerpia (Brandanus ou Brandão), com quem o nosso Durer durante a sua viagem contrahiu relações de tão estreita amizade, que assim no-lo transmittiu no seu diario. Falleceu em 1528.

A propria egreja gothica, da primitiva, por dentro é revestida de alto a baixo com lavôr de talha polycroma e dourada, inclusivé a mesma abobada, uma das mais sumptuosas peças em todo o mundo. Alguns altares, capellas e trechos decorativos devem ser mais antigos; a maior parte d'esta decoração, comtudo, corresponde aos principios do seculo XVIII (1).

(1) Existe aqui uma imagem de S. Francisco, o especimen mais antigo, talvez, da esculptura gothica em Portugal. *Nota do traductor.*

*

* *

Douro acima, deparam-se-nos ainda outras construcções interessantes, palacetes e castellos, principalmente.

A tão pittoresca quinta do Freixo, edificio do seculo XVII, rigorosamente está fóra do nosso assumpto, e comtudo, mercê dos seus jardins, ainda dispostos n'um certo gosto da Renascença, assim como do seu aspecto phantastico, não deixa de ser digna de menção.

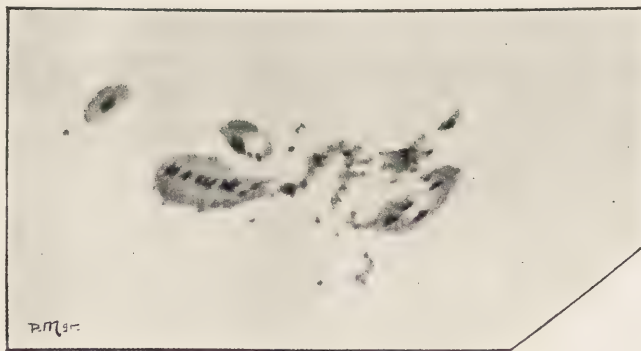
O castello da Villa da Feira, situado n'um alto, é um exemplo typico dos castellejos distribuidos por D. Manuel, com quatro torres acantonadas e telhado conico.

(Continúa.)

A acção das manchas solares na economia da vida

NINGUEM ignora que o astro colossal, denominado Sol, é o potente regulador da vida vegetal e animal. Distante de nós 149 milhões de kilometros, elle exerce a sua influencia benéfica por differentes fórmas: fazendo amadurecer o trigo e a vinha que nos fornecem o pão e o vinho; fazendo crescer a erva no prado para nos dar o linho, o algodão, etc., para o vestuario; evaporando a superficie dos mares para levar a agua ás fontes e aos rios; e, finalmente, alimentando os proprios glaciares, porque sem elle não existiriam.

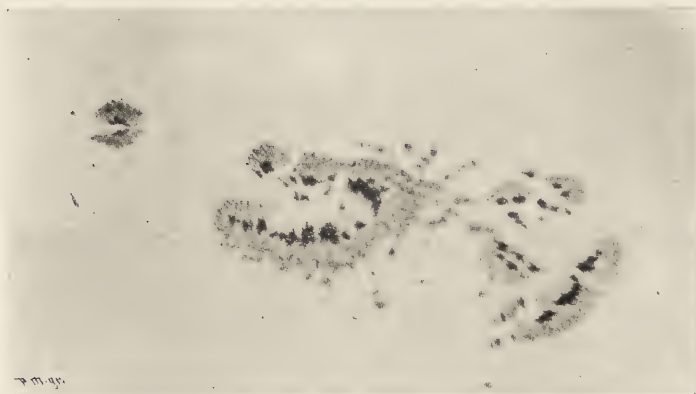
GRUPO DE MANCHAS SOLARES OBSERVADAS NO OBSERVATORIO DE CATANIA (ITALIA)

Em 5 de outubro de 1903

GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)

Em 6 de outubro de 1903

Photographando o astro do dia, nota-se uma superficie uniformemente brilhante, isto é, no fundo granulado do disco solar apparecem umas regiões escuras, denominadas *manchas*, que parecem ter uma acção decisiva na economia da vida. Ellas são de variadissimos feitios, nascendo e desapparecendo, muitas vezes, bruscamente e, com frequencia, variaveis de grandeza e posição — apesar de ligadas ao Sol, mas não com tanta fixidez como a principio se suppoz. De facto, a astronomia moderna tem mostrado que, além da rotação commum a toda a superficie solar, as manchas teem ainda um movimento proprio independente.

Constam as manchas solares, em geral, d'uma parte relativamente escura — que ainda assim é duas mil vezes mais brilhante do que a Lua cheia — designada *nucleo*, a qual é cercada por uma outra mais clara, a que se dá, impropriamente, o nome de *penumbra* da mancha.

O seu reconhecimento data de epochas remotas, porquanto o phenomeno é descripto na obra de Ma Twan Lin, publicada em 1322, a qual encerra um quadro notavel contendo quarenta e cinco observações

GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)
Em 8 de outubro de 1903

ca mais os astronomos cessaram de observar as manchas solares, destacando-se d'entre outros Faye, Spörer, Zollner, etc.

* * *

A genesis das manchas solares é ainda um ponto dubio na astronomia; o que, porém, se sabe é que a sua abundancia está submettida a periodos de maximos e de minimos, sendo proximamente de onze annos e um terço o intervallo entre dois maximos successivos, não occorrendo as epochas do minimo senão sete annos e meio depois dos maximos precedentes. Presume-se tambem que estes maximos e minimos offereçam uma variação periodica de cincoenta a cincoenta e cinco annos em que os maximos não se reproduzem em intervallos eguaes.

Alguns astronomos querem explicar a dupla periodicidade das manchas solares pela influencia directa do Sol, sob a simultaneidade das acções dos planetas Jupiter e Saturno.

Com effeito, a duração da revolução de Jupiter (11,86 annos) eguala approximadamente o periodo mais curto das manchas solares, emquanto que a durabilidade da revolução de Saturno (29,46 annos), duplicada, é quasi identica ao periodo maximo

realizadas entre os annos 301 e 1205. Esta obra, conhecida pelo nome de *Encyclopedia Chineza*, comprehende vinte e quatro tomos, divididos cada um em trezentos e quarenta e oito capitulos, encerrando um grande numero de memorias chinezas attinentes a diversos assumptos, taes como: religião, economia politica, legislação, agricultura, astronomia, etc.

A consulta d'este livro diz-nos, que a fórma mais frequente affectada pelas *manchas solares* era a oviforme, assim como a mais rara a de *adem* (ave palmipede), sendo esta disposição observada pela primeira vez em 6 de abril de 374.

Na Europa, as manchas do Sol só muito mais tarde foram conhecidas; pois que as regiões escuras até então observadas sobre o disco solar, quando este estava prestes a desapparecer no horizonte, eram attribuidas á passagem de corpos pela frente do astro.

O primeiro astronomo, que estudou este phenomeno, foi João Fabricius ou o padre Scheiner, sendo todavia aquelle, que deu á publicidade um trabalho intitulado: *De maculis in Sole visio et earum cum Sole revolutione narratio*, apparecido em Wuttemberg no mez de junho de 1611.

Desde esta epocha nun-

GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)
Em 9 de outubro de 1903

GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)
Em 10 de outubro de 1903

das manchas; além d'isso, os dois planetas voltam a occupar a mesma posição, um relativamente ao outro, depois que Jupiter effectuou cinco revoluções (59,30 annos) e Saturno duas revoluções (58,92 annos).

Mais recentemente, o distincto membro da Sociedade Astronomica de França, Emilio Anceaux, admittiu que a marcha geral da fluctuação das manchas solares depende, embora indirectamente, da acção congruente dos três planetas Jupiter, Venus e Terra; obedecendo o maximo das manchas a uma mesma lei de periodicidade undecennal e sendo as variações d'este periodo derivadas, em grande parte, da excentricidade dos planetas e, sobretudo, da do planeta Jupiter.

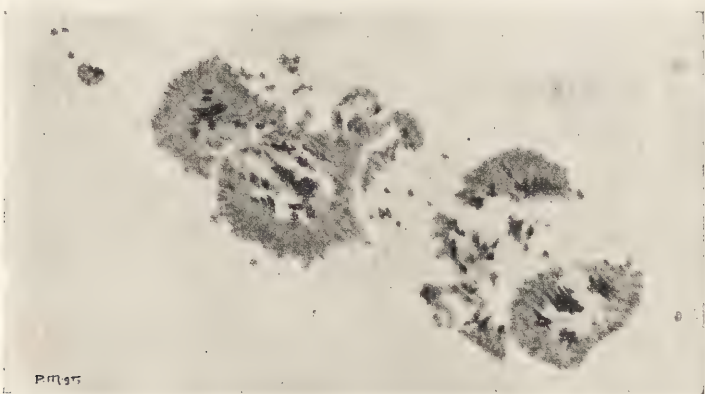
Do exame superficial d'uma mancha solar se deprehende que ella está n'um estado de agitação constante, mudando rapidamente de fórma, augmentando, diminuindo ou segmentando-se e, muitas vezes, assumindo na penumbra a apparencia de turbilhão.

Hoje, a observação das manchas solares não é objecto exclusivo dos astronomos; antes, pelo contrario, deve merecer, a attenção de todos os homens estudiosos. Senão vejamos! O simples facto, de que as manchas são o factor principal da actividade solar, é bastante de per si para aquilatar a importancia da theoria d'este phenomeno, se bem que a actividade do Sol se não manifeste unicamente por uma recrudescencia de manchas ou de faculas (corpos de fórma ramificada mais brilhante ainda do que a photosphera).

As hypotheses mais conhecidas, para interpretação da theoria das manchas, são as dos insignes astronomos Secchi e Faye: a theoria de Secchi suppõe que as manchas são erupções da photosphera; e a de Faye explica a formação das manchas solares por movimentos giratorios ou, antes, por cyclones, devidos ao modo de rotação da photosphera e tendo por origem a differença de velocidade entre dois parallelos proximos.

Uma outra theoria, e esta mais recente, formulada pelo illustre astronomo Moreux, diz — que as manchas não são erupções, nem cyclones, mas regiões hyperthermicas, isto é, sobreaquecidas.

*
* *

A feição mais proeminente, que caracterisa a actividade solar, é a da estricta influencia sobre todos os phenomenos terrestres que se encontram

GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)
Em 11 de outubro de 1903

ligados com a producção do calor, taes como: a elevação e depressão thermometricas, quédas de chuva, avanço e retardamento da vegetação, migração de certas aves, carestia de cereaes, todos os phenomenos electricos, auroras polares, e variações normaes e anormaes do magnetismo terrestre.

GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)
Em 13 de outubro de 1903

Assim, ainda ha pouco tempo, um dos membros da Sociedade Astronomica de França diligenciou investigar, se era possivel estabelecer um determinado parallelismo entre a abundancia das manchas solares e a producção do vinho, pesquiza de natureza identica áquella, tentada anteriormente pelo astronomo Herschell, concernente ao preço do pão.

Servia de base ao criterio d'aquelle astronomo a circumstancia de que nos annos de 1848, 1859, 1869, 1870, 1881, 1893, 1904 e 1905, annos nos quaes, sendo a quantidade de manchas em maior numero, a producção do vinho foi mais consideravel e de melhor qualidade; ao passo que no anno de 1902, anno em que menor numero de manchas appareceu no Sol, houve pouca abundancia de vinho e este de qualidade inferior.

GRUPO DE MANCHAS SOLARES (OBSERVATORIO DE CATANIA)
Em 16 de outubro de 1903

E como, para que a colheita do vinho satisfaça áquellas duas qualidades, é necessario que a primavera e o estio sejam seccos e principalmente quentes, serve-nos semelhante illação para demonstrar, pelo methodo indirecto, que a apparição das manchas coincide em geral com as temperaturas elevadas.

Devemos notar que taes investigações não são ultra-modernas, pois que, de ha muito, nos observatorios, as curvas das manchas se prestam para o confronto das do magnetismo terrestre, temperaturas, chuvas, florescencia, migração de aves, etc.

Ainda, n'esta mesma ordem de idéas, vamos descrever um caso que, por julgarmos interessante e digno de ser narrado, o reproduzimos na integra, devendo naturalmente prender a curiosidade do leitor.

Da consulta da valiosa obra do padre Secchi, sabio eminente, suggeriu a um astronomo amador, de não acanhada illustração, a maneira mais efficaz de estudar a constituição solar, afim de ver se a experiencia comprovava os factos.

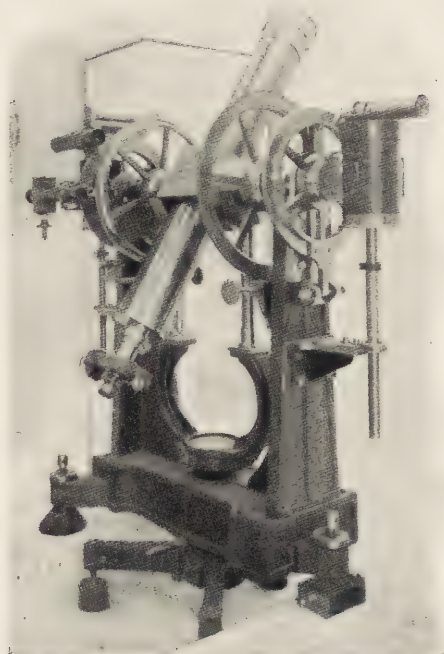
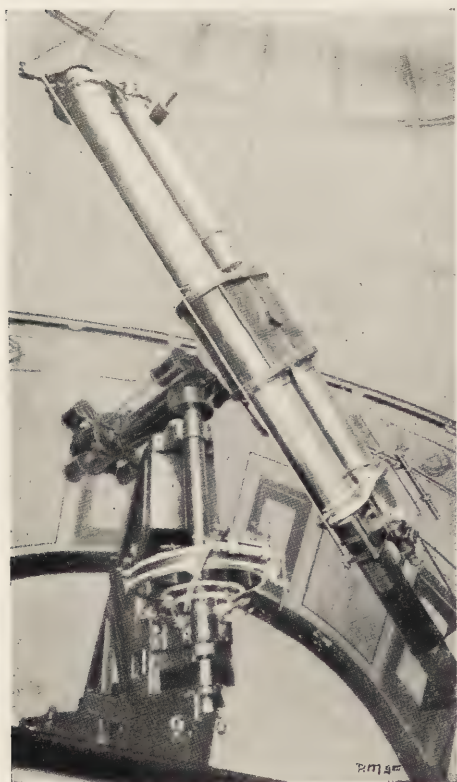
Com effeito, este associou-se, em França, a dois industriaes dos quaes um era fabricante de assucar de beterraba e o outro distillador de melaços, ficando elle encarregado da parte puramente commercial, de modo que a compra do genero e a venda dos productos das duas fabricas agricolas lhe ficavam exclusivamente incumbidas.

A tarefa não era facil, pois que o abastecimento da beterraba deve ser feito com bastante antecedencia, isto é, ella é comprada na occasião da sementeira e mesmo

durante o crescimento, para ser tratada mais tarde no fabríco do assucar e do alcool. Estes productos, cuja venda se effectua seis mezes depois da entrada da materia prima na fabrica, são negociaveis; mas nem sempre facilmente, devido á especulação na Bolsa de Paris, onde a influencia no curso é bastante irregular. Resulta d'aqui que os negociantes, não se satisfazendo com os pequenos ganhos na venda immediata, preferem muitas vezes correr o risco da alta e baixa.

Havendo alta no momento do fabríco, o industrial vende o artigo por um preço lucrativo; o contrario succede quando se dá a baixa.

Estas altas e baixas são especialmente funcção da colheita; assim, sendo boa a colheita da beterraba baixam os preços do assucar e do alcool, e sendo ruim elevam os preços.

Como os socios preferissem correr o risco da alta e da baixa, a tarefa complicava-se

CIRCULO MERIDIANO DO OBSERVARORIO DO EBRO

EQUATORIAL PARA O ESTUDO DE ASTROPHYSICA NO OBSERVATORIO DO EBRO

para fazer uma previsão que désse logar a lucros; por isso elle, abordando-se de livros astronomicos e manuseando estatisticas, verificou que o anno, em questão, de 1875 se encontrava na mesma phase do periodo das manchas solares de 1865.

Confrontado meteorologicamente o inverno de 1875 (periodo da sementeira), elle deprehendeu que, sendo semelhante ao de 1865, a colheita deveria ser favoravel, o que assim succedeu, conseguindo por isso auferir bons lucros para a firma commercial de que elle era administrador. Egual exito teve no anno de 1876; porém, como, em 1877, a ultima década do mez de janeiro se affastasse bastante, recorreu aos valiosos conhecimentos do emerito astronomo Secchi, sabio director do Collegio Romano, obtendo uma resposta que o punha, mais ou menos, ao facto da actividade solar. Este, elogiando as investigações a que o mesmo negociante se tinha devotadamente dedicado, fez ver-lhe que não era sufficiente apenas conhecer a quantidade de calor directamente emittido pelo Sol, mas conjuntamente a acção chimica exercida por elle. Como, além d'isso, a temperatura não depende só do calor proveniente

VISTA GERAL DO OBSERVATORIO DO EBRO

Recentemente fundado, onde se fazem actualmente os estudos de astrophysica — a) *Escola* b) *Laboratorio chimico, gabinete e museu.* — c) *Observatorio*

do Sol, mas ainda dos movimentos cyclonico e da atmosphera terrestre, elle estabeleceu para a relação entre a vegetabilidade e a maior ou menor quantidade de manchas solares a seguinte lei:

Existindo uma relação intima entre as manchas solares e os phenomenos meteorologicos, é natural que, com o auxilio d'uma larga serie de observações feitas com rigor, se attinja o poder prever, com bastante exactidão, a serie periodica de identicos phenomenos de vegetação.

* * *

Os nossos economistas attribuem o pouco rendimento da cultura cerealifera á irregularidade do clima.

E' certo que os cereaes localisam-se nas regiões que offerecem melhores condições de

VISTA DOS PAVILHÕES DO OBSERVATORIO DO EBRO

1. *Pavilhão electro-metereologico.* — 2. *Pavilhão sismico-* — 3. *Pavilhão astrophysico* — 4. *Pavilhão nephoscopico.* — 5. *Pavilhão para os instrumentos magneticos absolutos.* — 6. *Pavilhão para os instrumentos magneticos de variação.*

vegetabilidade, sendo a sua pouca productividade funcção da nociva localisação; por isso somos de opinião d'aquelles que teem, por causas efficientes da má economia cerealifera, a rudeza do clima e o atrazo dos processos de producção.

N'um paiz, cuja climatologia está perfeitamente descurada, devido ao retardamento da sciencia meteorologica ou, antes, ao do estudo da astrophysica, a cultura cerealifera deve ser uma industria pouco rendosa e até mesmo periclitante.

Razão bastante para admittirmos que o estudo da astrophysica é indispensavel ao fomento da agricultura, e serão portanto os lavradores intelligentes e illustrados os primeiros a deverem exigir da nação este melhoramento.

O estabelecimento d'um observatorio, onde se estude a astrophysica, torna-se por conseguinte de urgente necessidade, afim de ver a connexidade existente entre a actividade solar e os phenomenos magneticos e electricos observados na Terra, origem dos phenomenos meteorologicos. Este problema, cuja attenção é reclamada mundialmente, não tem só importancia theorica; mas tambem prática e universalmente acceite, quanto mais não fosse para o conhecimento exacto da fórma porque actúa o Sol no nosso planeta.

De tudo isto conclue-se:

Que o estudo das manchas solares, ao presente, depois das experiencias bolometricas (ramo da astrophysica) importa sobremaneira a todas as profissões que mais intimamente se prendem com a economia vital, taes como: agricultores, industriaes, agronomos, etc.;

Que as manchas solares teem nimia importancia sobre todos os phenomenos terrestres;

Que o conhecimento da climatologia d'um paiz, ou d'uma região, e bem assim a sua metereologia está na investigação dos phenomenos do globo solar e consequentemente subordinada ao estudo da physica e da chimica solar;

Que, finalmente, do que nós carecemos para o estudo da climatologia e, portanto, para a prosperidade economica da vida é d'um estabelecimento, onde se estudem cumulativamente os phenomenos electro-metereologicos, sismicos, nephoscopicos, magneticos, e os da physica e da chimica solares.

A. Ramos da Costa.

Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

Nota do auctor. — *A narração que se segue e os documentos que lhe dizem respeito fôram-me entregues por Mr. Bruce Ingersoll, em dezembro de 1906. Eu ouvira, como muitos outros, certos rumores ácerca da vida do notavel personagem, Jehan Cavanagh; mas o circumstanciado relato d'este assombroso acontecimento e o renome que obteve conheci-os primeiro pela narrativa de Mr. Ingersoll. Addicionar qualquer coisa á sua exposição insinuantemente escripta seria uma impertinencia.*

Havia, no emtanto, omissões que se tornavam necessarias aclarar em preito aos vivos e em homenagem á morte. Esclareci-as o mais discretamente que me foi possivel. O resto é com Mr. Ingersoll e com a historia d'aquelles passados bons tempos como a imprensa e os boatos a mencionaram.

E' dever meu accrescentar que o auctor d'estes pasmosos documentos era um estudante de grandes promessas e muito applicado do Collegio de Jesus, de Cambridge. Jogou o cricket como campeão de Middlesex, alcançou premios, distincções, e obteve com egual facilidade a primeira classificação nas sciencias moraes.

I

Bruce Ingersoll principia a sua historia

Pediram-me que escrevesse a descripção dos singulares acontecimentos que me succederam nos ultimos doze mezes, e que os escrevesse sem reserva. O pedido é justo, e não posso na verdade recusar-me. Em nome do meu amigo Jehan Cavanagh e d'aquelles que o julgaram, principío a minha tarefa. Oxalá que mereça a approvação das pessoas que tão ardentemente desejaram a sua realização.

Devo declarar que tenho escripto muito pouco. A habilidade necessaria para desfiar a meada d'este assombroso mysterio, coordenal-a no meu manuscripto de modo que todos a possam acompanhar, não é minha. Mal sei em que ponto d'esta narrativa o interesse do publico principia e onde elle ao certo se extingue. Pelo meu lado, não me lembro de nada que se prenda com esta historia antes de um *garden party* dado pelos estudantes do collegio Trindade, de

Cambridge (1), em junho do anno passado. Essa festa foi uma urdidura de lindas superstições sahida de uma linda bocca de mulher.

Minha prima Una e minha tia lady Mary Elgood tinham vindo assistir á nossa impropriamente chamada semana de Maio. Preparara-lhe quartos em Jesus Lane; e, para não citar outras circumstancias, passara dez dias divertidos. Succedia isto na minha ultima temporada de Cambridge. O universo estendia-se deante de mim como um grande mar sobre o qual pairassem as nevoas da madrugada. Não sabia nada ácerca do meu futuro; pouco confiava n'elle desde a morte de meu pae. Una achava-me concentrado e eramos dois antigos companheiros na frivolidade.

— Nunca me arranjará um marido com esses modos solemnes — queixou-se ella.

Respondi-lhe que os maridos hoje em dia gostam de gravidade.

— E o casamento não é assumpto para rir — como descobrirá dentro de pouco tempo — accrescentei no tom que ella chamava o meu genio sardonico.

Passava-se isto no *Garden party* em que falei.

Como era dos estudantes mais antigos, um dos meus condiscipulos novatos e aristocratas veiu-nos buscar para a diversão e dirigimo-nos para ali depois de um lanche galhofeiro nos seus aposentos. Creio que sympathisava com Una e talvez lhe não repugnasse se não fôssem as suas suissas e o seu intoleravel costume de intercallar um «Eh, que?» por meio das suas conversas mais interessantes. Quando chegámos ao jardim da Trindade, combinámos desembaraçarmo-nos d'elle proximo da porta d'uma barraca, onde uma dama chiromante amadora dava sessões em beneficio da pobresa da terra, segundo dizia. Minha tia insistiu, comtudo, que era simplesmente para apertar as mãos dos rapazes; e eu disse a Una que a allusão se podia entender com ella.

— Entre e gaste tres pence visto não dispôr tambem de uma barraca — suggeri eu. — Póde vêr o seu futuro marido, como a cobra na relva. Não diga a essa dama o seu nome, ou arrisca-se a que ella se lhe antecipe. Acredite, é verdade. Se estas coisas não fôssem verdade, a vida não era nada. Entre e apanhe um rajah indiano, é barato por tres pence.

Riu-se para mim, a boa, a jovial Una, que está longe de ser esperta, como tantas vezes lh'o disse, mas que é uma das melhores creaturas, e que só joga quando tem todos os trunfos na mão. Emquanto discutiamos sahiu um sujeito da barraca. Era um decano, mas não da minha faculdade. Exhortou-a immediatamente a fazer o que eu lhe aconselhava.

— Não me lembro de me ter divertido tanto — disse o decano; — citou-me uma doença que tive quando andava na escola e descobriu que eu era casado. Deve haver alguma coisa de anormal nas linhas da mão que revele os nossos segredos. Tenciono lêr os principaes tratados ácerca do assumpto, e uma mulher accentuadamente bonita tambem o deve fazer — adduziu quando se affastou, rindo e motejando.

O conselho convenceu Una. Puxou pela bolsa e entrou na barraca antes de eu ter tempo de contar até tres. Quando sahiu, vi-lhe as fáces inflammadas com as côres mais rubras; os seus lindos olhos azues pareciam duas turquezas a scintillar. O seu cabello castanho estava todo a uma banda, e conhecia-se que vinha furiosa.

— Então? — perguntei-lhe.

— Uma perfeita pateta — respondeu sem tomar o fôlego. — Disse-me que eu havia de morrer solteira.

— Esqueceu-se de pagar os tres pence, Una?

— Não, não esqueci. Mas quasi senti vontade de lh'os exigir quando sahi. Não é mais que um lôgro.

— Oh! fez mal! — bradei eu; — succede sempre ao contrario. Que esperava por tres pence, Una? Os maridos são hoje raros, são quasi tão raros como os cafres.

Não abrandou, mas minha tia Mary, que se approximava n'esse momento, e ella, insistiram ambas para que eu tentasse conhecer o meu futuro e me apresentasse ante essa Pythia com meza de baeta verde, e ver se me acontecia o mesmo que ao excellente decano que me precedera. Era, no fim de contas, uma brincadeira, e todos a tomámos como tal.

— Bem — commentei eu — quem nasce

(1) Celebre universidade ingleza, dividida em varios collegios.

para a forca não morre afogado; — e mais para as divertir a ellas que a mim proprio entrei na barraca e dirigi-me á dama.

Era realmente uma bonita rapariga, e a claridade vacillante, baça, do interior da barraca fazia com que não reparassemos no desnecessario rubor das suas faces. Um collar de ouro, que se lhe enroscava ao pescoço, suggeria a idéa de que ella convivia habitualmente com cobras; na mão formosa, brilhavam offuscantemente alguns diamantes de notavel tamanho. O seu vestido era de uma brancura immaculada; os braços, observei, estavam nús até o hombro. Recebeu-me com uma dignidade graciosa, que ella diligenciava tornar impressionante: e acto contínuo fixou sobre mim os mais maliciosos olhos que me lembro de ter encontrado.

— Já deu a sua mão a ler a alguem? — perguntou ella.

— VAE ENCONTRAR-SE COM UM DESCONHECIDO — DECLAROU

Respondi-lhe que nunca tivera essa felicidade.

— E acredita na chiromancia, suponho?

— Absolutamente nada.

Principiámos a gracejar, como é facil de perceber, e assim continuámos. Os seus clientes, imagino, os do sexo forte, bem entendido, gostavam de ter as suas mãos acariciadas e comprimidas pelos seus formosos dedos. Do mesmo modo procedeu commigo, e depois de me olhar de frente, inquiriu se eu padecera de alguma enfermidade em pequeno.

— De sarampo — retorqui — e de muitas outras.

— Ah, mas não foi doença seria, e não partiu para fóra do paiz depois d'isso?

— Lembro-me de um ataque de birra, e de uma viagem a Bolonha.

E' natural que esta resposta a contrariasse; diligenciou não o manifestar, e adduziu:

— Soffreu ultimamente uma grande perda... a de seu pae ou de sua mãe?

— Soffri. Meu pae morreu ha oito mezes.

— Essa morte operou em si uma grande transformação?

— Que póde ser ou não ser manifesta. Concordo na transformação.

— Sente inclinações artisticas, e tem escripto ou pintado.

— Pintei uma vez, quando era pequeno... as grades da porta. Com a escripta é outro caso. Talvez tenha visto o meu nome no *Fortnightly*?

Córou a tornar pallida a pintura das faces, pintura absolutamente superflua, como o decano poderia certificar. A minha hostilidade tornou-a perplexa. Conheci que ella resolvera impressionar-me, e, á minha obstinação antepoz a sua persistencia.

— Vae encontrar-se com um desconhecido — declarou — se lhe trará boa ou má fortuna, não lh'o posso dizer. Vejo que se ha de casar depois de muitas peripecias e de um grande conflicto entre a cabeça e o coração. A sua linha da vida é boa e a fa-

culdade affectiva não está fortemente desenvolvida. Cautela com o homem que vae interferir na sua existencia. E' tudo quanto lhe posso revelar, Mr. Ingersoll.

Tornou a olhar para mim com a funda e viva insistencia de alguem que sabia muito mais que aquillo que a minha mão lhe desvendara.

E eu sahi da barraca recordando-me que no dia seguinte me devia encontrar com Mr. Jehan Cavanagh.

II

Adeus a Cambridge

Harry Relton declarou-se á Una no baile Caio. Una acceitou-lhe a declaração, creio que despeitada com a chiromante, porque nunca lhe conheci nenhuma inclinação para Harry, embora eu soubesse que elle gostava immenso d'ella. Disse-lhe que era uma rapariga feliz e que estimava essa conquista de um laureado. Harry sempre dispoz de dinheiro, e mais teria agora que seu pae que se occupava com o fabrico de automoveis.

Parece que a declaração foi feita na escada da cosinha, exactamente quando os creados estavam servindo a ceia. O caso era significativo e espero que Una venha a cosinhar tão bem como namorava. Confessou-me que não sentia a menor differença agora que era noiva. Esperava algumas expressões de extase e o que chama em estylo francez «um delirio de arrebatamento». Talvez Harry consiga levar Una a encarar a vida pelo lado serio e não pelo burlesco como até aqui. Se elle não fosse rico, pediria a Deus que protegesse ambos. Com certeza não se ganha dinheiro tendo por profissão remar; ao passo que as extravagancias de Una arruinariam até o proprio Vanderbilt. Taes como são, farão um lindo par, e irão pela vida fóra como uma creança n'um passeio pelo campo.

Ficara satisfeito com esse ajuste de casamento, talvez tambem um pouco mais melancolico. A separação, no fim de tudo, é um caso triste e nem mesmo os mais felizes o contemplam de leve. Abandonar alojamentos que tanto se estimaram; lembrar que na futura matricula serão occupados por *calouros;* ceder cargos que desempenhamos com tanto orgulho, como a capitanía do *cricket,* o posto de presidente da *União,* o direito de nos sentarmos nas cadeiras dos chefes; deixar de admirar da nossa janella paizagens que nos são familiares, o velho pateo onde quasi contamos cada pedaço de herva; perder de vista o castello, a capella, a torre coberta de hera, o panorama distante das flechas e cupulas de Cambridge; conhecer que deixamos isto para sempre, é um momento em que poucos podem deixar de pensar e que poucos arrostam com coragem.

E lembro-me quão vago era o futuro que se me apresentava na frente. Havia oito mezes que meu pae morrera e deixara tão pouco que escassamente satisfizera os seus muitos crédores. Sobrevivera a minha mãe apenas tres mezes; e eu attribuia os seus infortunios á dôr que soffrera com a sua perda. Nunca, depois d'isso, trabalhou com a energia anterior. Eu não sabia que a sua pobresa era tamanha, mas lastimei-o na sua infelicidade, e enternecia-me a idéa de que era por causa de minha mãe. A somma remanescente, depois de pagos todos os crédores, mal chegava para me manter em Cambrige até a minha formatura. Eu possuia os meus dois cursos, mas as minhas dividas tinham progredido com elles, e quando chegou o fatal termo de maio, reconheci que só a morte os poderia liquidar.

Não é preciso dizer que conto encontrar alguma occupação, e encontral-a rapidamente. Os desejos de meus paes, nos seus dias de prosperidade, eram que eu fosse director de uma das nossas grandes escolas, onde a sua influencia se tornara consideravel. A minha optima classificação justificava esse anhelo. Escolhera as sciencias moraes e conhecia-as a fundo. Essa escolha fôra devida talvez a meu pae ter grande predilecção pela logica e philosophia, e, embora fosse advogado com larga pratica commercial, possuia abundante leitura da litteratura alleman e ingleza. Esta minha escolha afigurava-se-me agora infeliz. Não podia conservar esperanças ácerca do professorado e como me atreveria a apresentar-me n'uma casa commercial e dizer: «A minha logica é irreprehensivel, desejo ser guarda-livros». N'este ponto a universidade causara-me mal e não bem. O facto era indubitavel, embora o raciocinio parecesse uma traição feita a Cambridge que eu tanto adorava.

Como vêem, precisava de ganhar a minha vida e não perder tempo n'essa diligencia. Escrevera alguns artigos para as mais sérias revistas e não me sahira mal do emprehendimento. Um estudo critico sobre Marx nas paginas do *Fortnightly* angariara-me muitos amigos. Publiquei um longo artigo ácerca do «Individualismo» no *Quarterly* e esboçara criticas de diversos livros n'alguns diarios litterarios. Esta especie de trabalho, como todos sabem, não dá de comer a ninguem. Pensei que melhoraria de situação se a este labor juntasse o ser secretario de qualquer personagem, e para esse effeito inseri um annuncio no *Times* explicando o que desejava e quaes as minhas habilitações. A resposta a este annuncio constitue o principio da singular historia que vou contar.

Esperava coisa muito differente, uma extensa correspondencia, talvez, e com certeza a apresentação de certificados. Quem quer que me tomasse a seu serviço, raciocinava, desejaria obter informações minhas dos meus professores; discutiria o caso das minhas aptidões para o logar, a minha capacidade e o ordenado que pediria. Imaginara ligar-me a um membro do Parlamento, ou talvez a um diplomata, porque falo francez e allemão e viagei muito com meu pae. Que devia eu imaginar, quando recebi duas linhas escriptas n'um folha de papel tarjada de preto, que me eram endereçadas do Hotel Claridge e que me informavam que Mr. Jehan Cavanagh se considerava satisfeito em me tomar ao seu serviço immediatamente, Se, de subito, tivesse cahido um enorme diamante na minha frente não me surprehenderia mais. Pois não era Jehan Cavanagh o grande magnate dos caminhos de ferro canadianos, e o seu nome não me era tão familiar como o do proprio Mr. Rockefeller?

Convem notar que a mensagem não excedia duas linhas.

«Mr. Jehan Cavanagh apresenta os seus cumprimentos a Mr. Bruce Ingersoll e ficaria muito satisfeito se pudesse começar a aproveitar os seus serviços no proximo dia 15 de junho.»

Como é facil de observar, nem exigia referencias nem mencionava ordenado. Nem sequer sabia onde iria desempenhar os meus serviços nem a sua natureza. E todavia o nome do signatario era d'uma garantia tal que até os mais incrédulos o teriam acceitado. Não havia individualidade mais proeminente que a sua para quem se interessasse pelo futuro do Canadá e pela sua rede ferroviaria. Todos tinham visto nos jornaes illustrados gravuras das suas coutadas e do seu yacht. Quando seu pae, o famoso politico e financeiro de Quebec, foi assassinado pelos fanaticos de Baku, havia dez mezes, a imprensa tratara do caso como d'uma tragedia universal. E este homem desejava que eu fosse seu secretario; dispunha-se a empregar-me sem me ver, não descia a combinar o meu ordenado, nem me fazia a minima pergunta! Se fosse menos afamado, ou a sua reputação menos firme, esta circumstancia terme-hia posto de sobreaviso contra elle. Mas mais depressa duvidaria da solidez do Banco de Inglaterra, e hesitei tanto em me dirigir a elle como vacillara em frequentar as aulas.

Eis qual era o estado dos meus negocios na manhan do meu ultimo dia em Cambridge. Minha tia Mary e Una tinham já voltado para S. Peter onde possuiam uma casa. Prestara o meu juramento solemne ante o vicechanceller e recebera o respectivo diploma de doutor. Restava distribuir os meus coçados trajes escolares; gratificar o meu creado; tratar da venda da mobilia; e finalmente entender-me com os meus fornecedores. Tudo isto eram tarefas incommodativas, mas a ultima apavorava-me. Os meus haveres subiam ao todo a cento e cincoenta libras, e eu devia cerca de tresentas em Cambridge. Não possuindo o dom de multiplicar o capital, não podia dirigir-me aos meus credores e lembrar-lhes que o tempo é dinheiro e que é mais digno de bençãos quem dá que quem recebe.

Acceitariam ou não a maxima. De qualquer maneira a diligencia não tinha nada de agradavel e nunca me senti tão envergonhado na minha vida como quando entrei no estabelecimento de Messrs Warren e Fullerton, e declarei que desejava falar com um dos socios acerca de um assumpto particular. A estes negociantes devia eu approximadamente cem libras e ia offerecer-lhes quarenta... e promessas.

Foi o proprio Mr. Fullerton quem me appareceu, emergindo do seu gabinete com os oculos erguidos para a testa e com um

sorriso amabilissimo nos labios. Nunca o vira tão affavel e essa coincidencia mais augmentou o meu embaraço.

— Quer que lhe faça algum fato novo para as férias? — perguntou-me.

Respondi-lhe que se tratava de coisa mais importante.

— E não tão agradavel, infelizmente — accrescentei — venho cá por causa da minha conta, Mr. Fullerton.

— A sua conta está paga. Não lh'o communicaram ainda?

Fitei-o como se me atirasse com uma nota do banco. O bom do velhote participava-me o caso mais surprehendente e engraçado que podia ouvir na minha vida. Com certeza, havia equivoco; o que tornava a minha posição ainda mais difficil.

— Paga! — bradei eu n'uma explosão de honestidade. — Mas quem a pagou?

— Não lh'o posso dizer. O meu socio está a lanchar. Mas lembro-me do cheque e do recibo que foi passado em troca. Lamento muito que lhe não tenham participado a occorrencia.

— Está absolutamente certo do que affirma, Mr. Fullerton?

— Tão certo como da minha propria existencia. Não nos costumamos enganar aqui, Mr. Ingersoll.

Chamou o empregado principal, um homem chamado Humphreys, e perguntou-lhe se a minha conta não fôra liquidada.

O digno empregado, esfregou as mãos como se as lavasse n'uma agua mithica e assegurou que o cheque fôra pago no banco havia tres dias. Comprehendi immediatamente que os dois não se podiam ter enganado.

— Bem — raciocinei — necessito agora cobrir a retirada — e alto, adduzi: — foi, supponho eu, o meu procurador quem saldou o debito. Se precisar d'alguma coisa durante o verão, escrever-lhe-hei a pedir amostras. E, é claro, se ainda quizer continuar a ser meu fornecedor...

Interrompeu-me declarando-me que fazer fato para mim era a suprema satisfação da sua vida, e que tinha algumas amostras de uma flanella ideal que causaria inveja a um imperador.

Esta cantiga de fornecedores não me commoveu e sahi d'ali para continuar a minha peregrinação. Talvez não fosse preciso declarar que todos estavam pagos. Jonas, o estanqueiro de Market Place; Wasgood, o sapateiro de Sidney Street; Tufnell, que fabrica as melhores raquetas do mundo; Simkins, cujos pasteis vão direitinhos aos corações das primas ruborisadas; Wiseman, o livreiro;... em nenhum d'esses estabelecimentos eu devia a mais insignificante quantia. Affirmar que estava attonito é ficar áquem da sensação que experimentava. Havia como um presagio de morte em tudo isso. Nem me regosijava, nem me lamentava. Aquelle mysterio que se intromettia na minha vida excitava-me a curiosidade acima de qualquer outra emoção.

Seriam cerca de tres horas quando voltei para casa e mandei chamar uma carruagem. Tencionava partir para Londres no comboio da tarde e procurar ali immediatamente Mr. Cavanagh. Só depois de conferenciar com elle poderia resolver se sim ou não acceitaria as suas propostas. A sua generosidade longe de me agradar, amedrontava-me, mais até, despertava em mim vagas suspeitas.

Porque é que esse homem me protegia, e como é que eu, apenas sahido da universidade, me tornara tão necessario a elle que não só me tomava ao seu serviço, mas ainda me pagava préviamente todas as dividas? Só em Londres poderia responder a todas essas perguntas. Veremos como me enganava redondamente.

III

Jehan Cavanagh

O comboio atrasou-se e eu só cheguei a King's Cross depois das seis. As pessoas que vivem na provincia experimentam com frequencia uma especial sensação de extranheza quando entram em Londres, e eu nunca me emancipei completamente d'essa impressão. N'essa noite addicionava-se uma certa dose do melancolia. Parecia-me estar muito só. O que me reservava o futuro? E, para ser franco, o meu generoso desconhecido preoccupava-me mesmo no comboio. Porque procedera assim? Qual o motivo?

Estes pensamentos enchiam-me a cabeça quando um trem me conduziu ao Hotel Claridge. Ia um tanto excitado e tive como uma brilhante visão. Talvez descobrisse que a Mr. Jehan Cavanagh sobravam razões para

assim me tratar. Quem sabe se em vez de me apoquentar devesse regosijar-me e abençoar o annuncio que me proporcionara tal chefe. Eram estes os meus raciocinios quando a carruagem parou á porta do Hotel Claridge e perguntei por Mr. Cavanagh. A certeza de me encontrar n'aquelle sitio augmentava o meu optimismo. Frente a frente com elle saberia toda a verdade. Nenhum de nós tinha nada que occultar... suppôl-o era um absurdo.

O escripturario do hotel deu-me por escolta um arrogante lacaio, e o homemsinho, comprehendendo que devia alguma coisa ao seu collete côr de canario e aos seus flammantes calções de pellucia, conduziu-me com impertigada gravidade ao primeiro andar, e ahi n'uma antecamara esplendidamente mobilada, pediu-me o meu cartão e disse-me que esperasse. Esta sala era muito pequena; e a porta que a separava d'outra mais espaçosa estava entreaberta quando eu entrei, o que me permittiu ouvir um pouco da conversação animada que a apparição do lacaio interrompeu. Depois de trocadas algumas palavras, appareceu subitamente um homem á entrada e lançou-me um olhar investigador antes de eu ter tempo de o relancear. Assegurar que no seu aspecto havia o quer que fosse de extraordinario era transmittir uma falsa impressão do seu physico e do quasi repulsivo caracter do seu rosto. Viajei muito como expliquei, e tomei-o immediatamente por um argelino. O facto de se me dirigir em francez mais radicou esta opinião no meu espirito. Era um argelino ao serviço de Mr. Cavanagh, raciocinei, talvez um *chauffeur* como o seu traje parecia indicar. E de ahi, quem sabe? A impressão causada por elle não me desappareceu facilmente, devida, é possivel, ao seu feio traje.

— Recebeu indicação de Mr. Cavanagh para vir cá hoje? — perguntou-me.

Respondi-lhe que não.

— Vou levar o seu bilhete a Mr. Edward — continuou — mas duvido que possa falar com o meu patrão.

Era pouco animador e esperei fundamente desapontado. Decorreu cerca de um quarto de hora sem que ninguem tornasse a apparecer. Depois encontrei-me defronte do homem de maneiras mais insinuantes que podia existir em Londres. Baixo, de cabello negro, curto, de fato preto, sereno nos seus movimentos, de palavras mansas, dirigiu-se a mim com o ar de um homem que receia evaporar-se se alguem conversar com elle n'outro tom que não seja o d'um murmurio.

— E' Mr. Ingersoll? — inquiriu n'um sôpro.

Redargui-lhe affirmativamente.

— Mr. Cavanagh não o esperava esta noite, mas creio que o deseja vêr. Queira entrar para esta casa

Conduziu-me ao aposento contiguo onde eu ouvira o som de vozes, e d'ali, a uma saleta, mobilada como todas as saletas dos hoteis, e sem nada de especial. A saleta estava só, o argelino sumira-se. Indicou-me uma cadeira e com a sua voz meliflua, disse-me:

— Deseja lêr algum jornal? — inquiriu.

Peguei no numero do *Wesminster* que me offerecia e abri-o ao acaso. Como se pudesse lêr em tal momento!

— Vou participar a Mr. Cavanagh a sua chegada—proseguiu;—está occupado agora, mas não faz mal.

Agradeci-lhe e elle sahiu. O ruido de uma conversação que chegava até mim de uma casa annexa, a que talvez esta servisse de ante-camara, convencera-me que me apresentara n'uma occasião impropria, e que seria melhor addiar a minha entrevista para outro instante. Para realizar este intento tornava-se necessario que o proprio Mr. Cavanagh não entrasse na saleta, antes mesmo de eu atirar para o lado com o jornal. Levantei-me de salto, examinando-o com a pertinaz fixidez com que se perscruta a physionomia d'aquelles que teem o nosso futuro nas suas mãos.

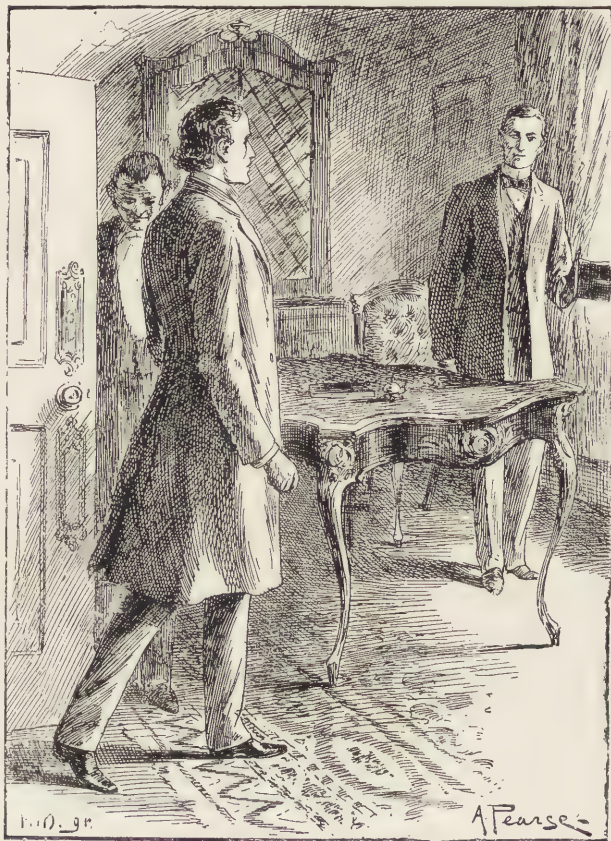
Deverei descrever Jehan Canavagh, ou o que a imprensa relatou a seu respeito é o bastante? Não ha mais impressionante rosto em Inglaterra ou na America. Alto, de bello physico, possuia a attracção magnetica das grandes personalidades. E' canadiano, como todos sabem; mas o que alguns desconhecem é que seu pae partiu da Irlanda para a America aos vinte annos. Sua mãe era uma parisiense pura; não conjecturo o motivo porque se chamava Jehan.

Dispõe de todas as qualidades dos celtas: impetuosidade, uma tremenda capacidade de avaliar as pessoas n'um simples relancear de olhos, indole compassiva, natureza franca e bem dotada, instinctos artisticos. A juntar

a isto, o que é notorio, é um portento nos labirintos da finança e ninguem o excede nas tricas da diplomacia financeira e internacional. Ha poucas linhas ferreas do Canadá que não lhe devam alguma coisa da sua soberba prosperidade. Desenvolveu, de um modo quasi maravilhoso, a producção dos poços de petroleo de Baku, que seu pae perfurou. São propriedade sua meia duzia de jornaes no Canadá e tres na America. O seu *yacht* é uma fabula de magnificencia; os seus thesouros de arte seriam um presente que as maiores nações ambicionariam. Sempre julguei que não fosse casado, nem tivesse casa na Europa. Só o conhecia então por informações, mas n'esse momento os meus olhos fitaram-se n'elle pela primeira vez na minha vida, no Hotel Claridge, n'aquella inolvidavel noite de junho.

Imaginem um homem de seis pés e tres pollegadas e meia de altura, de cara oval e tão trigueira que a sua complexão podia designar-se de morena; supponham uma figura robusta e extremamente bem proporcionada; phantasiem uns olhos azues e profundos, um cabello negro de azeviche e annelado, um nariz um tanto proeminente, uns labios grossos, uma bocca rasgada, mãos delicadas como se fossem de mulher; vistam este corpo com um facto cinzento e com uma gravata tambem cinzenta a condizer; colloquem um pequenissimo brilhante na sua gravata e um annel de ouro massiço no annelar da mão esquerda; penteiem-lhe o crespo cabello negro para a testa, e atrás, de modo a roçar pelo collarinho; presumam um semblante completamente rapado; um modo expedito, perscrutador e vivo; uma voz profunda e bem timbrada, e teem Jehan Cavanagh deante de si, tal como eu o vi no Hotel Claridge e ouvi a sentença do meu destino dos seus labios. Mas o prodigioso magnetismo do seu aspecto não é o sufficiente para o conhecer como eu o conheci durante os terriveis mezes que me demorei ao seu serviço.

— Mr. Ingersoll, não é verdade? — disse elle, entrando na saleta.

Retorqui-lhe que era, que viera de Cambridge procural-o em resposta á sua carta. Para ser franco, penso que elle não ouviu uma unica das minhas palavras. O pregão de um garoto que berrava na rua attrahia-

— MR. INGERSOLL, NÃO É VERDADE?

lhe a attenção, e voltou a cara para a janella. Em seguida tocou uma pequena campainha que estava em cima da mesa e chamou o dengoso empregado a quem chamavam Edward.

— Estou á espera! — exclamou elle n'um tom que denotava impaciencia e quasi zanga. — Pois não ouviu?

— Peço desculpa; prometteu que mandava o jornal cá acima.

— Communique-lhe que, se isso se repetir, não volto aqui. Mande approximar immediatamente o automovel.

Mr. Edward sahiu e deixou-nos sós. O garoto continuava a apregoar o jornal da tarde, e só ao de leve reparei na anciedade manifestada por Mr. Cavanagh. O que me inquietava, é que pareceu não dar pela minha presença durante todo o tempo que esperou pelo jornal. Não me disse nada, não olhou para mim; permaneceu junto da janella escutando o garoto, esfregando os olhos, e assim se conservou n'aquella curiosa attitude até que o empregado voltou trazendo o jornal.

— Não foi culpa de ninguem. O rapaz esqueceu-se de o mandar cá acima.

— Não lhe dê nada quando sahirmos. Edward e Mr. Ingersoll vão a Hutingdon commigo. Jantaremos quando chegarmos. Expeça um telegramma a dizer isto.

Desdobrou o jornal emquanto falava e fixou os olhos na primeira columna da pagina das noticias. O que lia parecia interessal-o enormemente. Era visivel o esforço dos seus olhos para apprehender o sentido de cada palavra. O seu costume de sacudir a massiça cabeça á maneira dos cães corpulentos e doceis mais denunciava a sua commoção. Conclui que o jornal inseria algum facto de grande importancia para elle e confirmava as suas peores previsões. Quando o atirou fora, já a sua mão nervosa o amarrotara tanto que quasi perdera a forma. Cahiu-lhe aos pés rasgado e amachucado — e então, e só então se lembrou de mim.

— Um homem que lê jornaes e acredita n'elles está louco — exclamou por fim. — Venha commigo, Mr. Ingersoll, teremos de jantar muito tarde. Não percamos tempo.

Que lhe havia de dizer? Que deixara a bagagem em King's Cross; que nada se combinara entre nós; que não sabia se devia acceitar ou rejeitar o seu offerecimento? A verdade é que me calei, mas baixando-me quando Mr. Cavanagh saiu da saleta, apanhei o jornal que attirara ao chão, segui-o até o vestibulo e entrei para o automovel com elle.

IV

A casa do Fen

O automovel era espaçoso e um rapido exame indicou-me que viera da Hollanda, da casa Spyker. Havia dois homens nos assentos da frente e reconheci n'um d'elles o argelino que encontrara antes nos aposentos de Mr. Cavanagh. Edward, o lacaio, como depois soube ser o seu verdadeiro cargo, abriu-nos a porta. Fui o primeiro a entrar devido á insistencia de Mr. Cavanagh. Quando, porém, ia para subir, tambem elle se lembrou da minha bagagem.

— Deixou-a em King's Cross, certamente — exclamou, e, virando-se para Edward, accrescentou. — Outro carro que vá buscar as malas de Mr. Ingersoll e não se esqueça da sua raqueta de tennis.

Abri os olhos a esta observação, acreditem; como sabia elle que eu jogava o tennis? Não me deu, comtudo, tempo a fazer a pergunta, porque, sentando-se a meu lado, proseguiu:

— Em Waterbeach ha um terreno coberto, jogaremos ali. Um parceiro como o senhor é um achado para mim, mas com condições. Não me quero comparar a si... podiamol-o ter tomado em Cambridge, quando atravessamos a cidade.

Pensei que era sensato não me mostrar em demasia curioso, e animal-o a conversar... se pudesse abrir a bocca. O conhecer o meu jogo do tennis convenceu-me que eu não era um estranho para elle e que as suas investigações a meu respeito tinham sido completas. O que me espantava era a sua mudança de maneiras desde que sahiramos do hotel. Do choque que soffrera não existia o minimo signal. Conversava com o suave encanto que todos quantos d'elle se approximavam lhe reconheciam; e principiava a sentir que me eram concedidos privilegios de que não devia fazer alarde.

— Sempre lastimei não ter cursado a universidade — disse; — ganhar ou perder dinheiro é um objectivo mesquinho, embora seja muito n'estes dias. A frequencia das escolas superiores desenvolve a virilidade. Escreveria os seus artigos sobre o «Estado» e «Todos» se não cursasse a universidade? Era impossivel. A illustração só floresce n'uma atmosphera propria, da mesma maneira que uma palmeira não floresce no gelo. Todo o homem no seu meio, que concebe um grande pensamento serve-se do producto de milhares de pensadores que viveram antes d'elle; cada livro escripto não é o livro d'uma individualidade e sim o trabalho, a vida, dos que morreram, que brotam nas suas paginas... Eu pertenço a um outro

mundo e esse facto moldou-me de forma diversa. Nunca transpuz as portas da sua esplendida academia sem me impressionar a alameda dos philosophos e sentir que daria immenso para poder dizer *quorum pars fui*. Orgulhe-se de Cambridge Mr. Ingersoll, nunca esqueça o que lhe deve.

Respondi que não me encontraria ali ocioso, mas que não podia deixar de accrescentar que a alameda dos philosophos era um tanto soporifera algumas vezes e que, de quando em quando, nos nossos dias, chegavam até lá varios echos do mundo. Esta reflexão não lhe agradou. Construira um muro sagrado em redor do nosso senado e não queria que ninguem o escalasse.

— Ha no universo muito d'essa coisa que denominam modernismo — exclamou, — mas nada se faz com isso, Mr. Ingersoll. Não escute os que lhe elogiam tal principio. Tudo quanto possuo, qualquer mercieiro por grosso, deitando areia no assucar, que vende, pode possuir se se lhe metter na cabeça fazel-o. O que o senhor possue, nenhum dinheiro o compra. Acredite na experiencia que o tempo faculta e despreze o modernismo. Foi feliz durante quatro annos como nunca mais o tornará a ser. Agradeça-lhes, Mr. Ingersoll, foram esses quatro annos que justificaram para si esta phantasia a que chamamos vida.

Muito mais accrescentou sobre o mesmo assumpto, versando a sua conversa sobre o bom ensino e sobre os elogios que merece a minha saudosa Cambridge. Só dei por mim quasi fora de Londres; approximavamo-nos de Finchley quando um garoto na rua, correndo mais que um expresso, se dirigiu para o automovel, e nos offereceu o mesmo jornal que tanto impressionara Mr. Cavanagh no hotel. Desde esse instante o meu companheiro emmudeceu. Repelliu o gaiato com um gesto de accentuada ira, e deixou-se cahir sobre as almofadas como succumbido. Creio que andámos cerca de trinta milhas sem que me tornasse a dirigir a palavra.

Em Cambridge andei muitas vezes em motocylo, e era-me familiar cada pollegada da estrada. E' coisa facil de acontecer hoje em dia que o automobilismo é tão popular. Encontrámos e cruzamo-nos com uma immensidade de vehiculos n'aquella cálida noite de verão. Para ser sincero, não ha nada tão delicioso como um passeio de automovel de noite, quando as estrellas scintillam docemente por cima das nossas cabeças, ou a lua brilha n'um céo limpido. N'essa noite a lua estava em quarto mingoante e pouco serviço nos prestava, mas o firmamento conservava-se claro e o ar soprava fresco e agradavel como a brisa do mar.

Lembro-me que sahimos do hotel um pouco antes das sete e que eram sete e meia quando atravessámos Barnet. N'esse sitio, como todos sabem, o campo começa a limpar-se de aldeias. A estrada orla-se de mattas. Breve se chega a Hatfield Park e entrevê-se, atravez das portas de bronze, o sumptuoso palacio. E assim por ahi fora até Welwyn, em Digowell Hill, por meio de uma deliciosa paizagem coberta de arvoredo como se não encontra em nenhuma outra parte a não ser n'este jardim da nossa Inglaterra.

Disse que Mr. Cavanagh se atirara para traz e fechara os olhos como se dormisse. Não quiz imitar o seu exemplo. O que via deliciava-me e divertia-me. Os meus olhos perscrutavam cada recanto da estrada. Podia encher as florestas de gente e evocar personagens de ha um seculo; recordar os nomes das carruagens que galopavam em direcção a Londres por esta famosa arteria; reconstruir as pousadas; e enxergar os vultos escondidos dos salteadores. A musica da esplendida machina transformou-se para mim n'um murmurio de vozes de duendes trazidas pela brisa estival. Deante de mim desdobrava-se um variado panorama; cidades e aldeias, bosques e prados, montes e valles. Quando a escuridão se tornou mais profunda e brilharam luzes nas janellas das vivendas campesinas, suppuz-me um mensageiro do rei, dos velhos tempos, correndo desordenadamente para o norte e deixando a tocar a rebate todos os logarejos. As sombras indecisas do crepusculo mais auxiliavam a illusão. Arrastavam-me para um ambiente novo, em companhia de extranhos que tinham o meu futuro ao seu dispôr. Mesmo as luzes de Cambridge só com difficuldade me chamavam á razão. Rendera-me completamente ante a magia da noite e sentia-me como estremunhado quando M. Cavanagh de subito me perguntou:

— Conhece a estrada de Hutingdon?

— Uma bella estrada — retorqui — e pouca gente por ella.

— Foi essa a razão da minha preferencia,

Mr. Ingersoll. Devemos agradecer andar pouca gente pela estrada n'estes dias. A minha casa fica nas margens do Fen... isto é a casa onde actualmente resido. Pertenceu em tempos ao capitulo de Ely. Creio que ainda lhe pertence, pois teem ali muitos rendeiros. E' um logar antigo e excentrico que merece ser visitado. Se soffre de rheumatismo, cautella, mas quem soffre de rheumatismo aos vinte e um annos! Tenho trinta e nove e não gosto de falar n'isso. Olhe pela sua saude, não a trate ao de leve.

Respondi qualquer trivialidade e instei para que me dissesse alguma mais ácerca da casa para onde nos dirigiamos.

— Não vive aqui muito tempo? — commentei — Viaja tanto!

Não se resentiu com a minha curiosidade.

— Quem não viaja não vive — declarou — e se desejo viver muito é porque posso viajar. O descanso que se segue a uma viagem é como o charuto depois de um bom jantar. Aluguei esta casa para meu socego. Pedi-lhe para vir commigo porque pode auxiliar-me n'esse intento. Aqui, escondo-me do mundo. Além dos meus creados, em quem confio, não existe homem ou mulher que saiba que eu moro na casa do Fen. Guardará segredo, porque é esse um dos seus principaes requisitos. Seja o que fôr que se passe aqui, espante-o ou não, lembre-se que é para meu descanso. Basta que comprehenda isto e obterá resposta a muitas perguntas. Somos dois entes que fugimos do universo... durante uma hora e tanto. A nossa cidadella é inexpugnavel. Rimo-nos dos nossos amigos e dos nossos inimigos. Quando voltarmos, adeus repouso. Foi um dia funesto. Não pensemos n'isso.

Tornou a recostar-se, e, a despeito de affectar uma certa alegria, ouvi-o soltar um profundo suspiro e estampou-se-lhe no rosto uma expressão de cruciante anciedade. Confessar que essa circumstancia me surprehendeu é revelar a verdade. Calculei as immensas responsabilidades que pesavam sobre elle, o fardo das suas riquezas, o isolamento da sua vida. Os homens como elle, é demasiado conhecido, raras vezes são felizes. Sentia crescer dentro em mim uma intensa piedade, e ia para dar largas á phantasia, mas de repente o automovel metteu por um atalho, parou, e o homem a quem eu designava por argelino apeou-se, e, deliberadamente, apagou as lanternas de acetylene.

O que succedia era na verdade curioso e muito me deu que pensar. O procedimento de Mr. Cavanagh, a quem os jornaes podiam acompanhar até o polo norte se fosse ali, afigurava-se pouco logico. Ninguem seguia um automovel Spyker de quarenta cavallos a menos que não dispuzesse d'outro de egual força para esse fim. Sahiramos da estrada real, na qual não se divisava viv'alma desde que nos afastaramos dos arrabaldes de Cambridge. Ali, n'esse escuro atalho, onde as sebes se erguiam formidaveis por cima das nossas cabeças e onde a custo a vacillante claridade do crepusculo podia penetrar, a necessidade das poderosas lanternas da frente, duplicava. E ainda o tal africano, como eu lhe chamava, não só as apagara cautelosamente, mas voltou á estrada e lançou um rapido olhar em todas as direcções antes de reoccupar o seu logar. Foram estes factos que me tornaram pensativo. Imaginam, certamente, com que razão!

Principiámos a rodar por uma estreita vereda, ás escuras; o automovel mantinha-se em absoluto silencio, e nem o mais pequeno som da potente buzina prevenia qualquer viandante da nossa approximação. O pouco que podia ver assemelhava-se a um sitio selvagem, como uma aldeia abandonada, um relvado oval com uma ou outra vivenda em redor, mas estas vivendas estavam a desabar e ermas, e perto uma egreja que não apresentava melhor aspecto. Lobriguei isto durante umas cem jardas ou mais; depois o automovel, virando rapidamente, parou, e percebi que nos encontravamos ás portas de uma casa e que um homem nol-as abria. A escuridão era enorme para o distinguir, e poder retratar, e mesmo para o fazer não dispuz, ao todo, de mais de trinta segundos. D'este ponto fomos conduzidos por um trilho sem arvoredo e d'ali através d'uma espessa matta a um dos parques mais planos que existem em Inglaterra. Conheço muito bem os suburbios de Cambridge, mas nunca suspeitei da existencia de uma tão cuidada propriedade na planicie do Fen; e, quando, decorridos uns instantes, se me deparou subitamente a casa, surprehendi-me que escapasse ás investigações dos antiquarios e que se conservasse em pleno seculo vinte n'um tão invejavel incognito.

Escrevi que a casa se me deparara de subito, e não exaggerei a phrase. A noite estava tão escura que eu não podia ter visto nada absolutamente, se não existisse na parte superior da residencia um intenso foco electrico. A apparição foi repentina, envôlta n'um amplo arco de luz deslumbrante, batida em cheio como pelo projector de um navio de guerra, que illuminava quantos pedaços de relva atravessaramos.

Circumdava a casa como uma aureola, e, sem grande esforço de imaginação podia suppor-me defronte de um castello medieval, situado n'uma das extensas planuras da Touraine ou no valle do Garonna. Uma floresta de torres redondas desenhava as suas ameias e perfis no firmamento e debruçava-se ameaçadora sobre um lago ou rio, não sei bem ao certo. Se me deitasse a conjecturar denominal-a-hia uma velha construcção normanda ou talvez lhe attribuisse edade ainda mais remota. Não apresentava nenhuns vestigios de conforto moderno a não ser aquelle feixe luminoso que me permittiu abranger tudo n'um momento. Mr. Cavanagh ouviu, naturalmente, a minha exclamação de pasmo quando a luz surgiu e pareceu agradar-lhe o meu espanto.

— E' o meu observatorio — explicou, e adduziu apressadamente — e tambem uma das minhas diversões. Gostamos de ver quem anda de noite por estas immediações, embora os meus guardas não approvem este processo. Não lhe digo nada ácerca da casa, dentro de cinco minutos fará a sua critica. E' um solar velhissimo; ha dois annos não era mais que um acervo de ruinas. Os constructores, porém, trabalharam depressa e transformaram-n'o n'uma das mais curiosas habitações que hoje existem. A'manhã apresentar-lhe-hei as minhas desculpas por tel-a arrendado em seu nome.

Olhei para elle como se me tivesse dado uma bofetada.

— Em meu nome?

— Em seu nome, Mr. Ingersoll. Entre, tome posse... e zangue-se commigo depois. Não nos vestiremos para o jantar. Já passa das nove...

O automovel parou em quanto falava, e veiu ter comnosco um mordomo, muito inglez e muito delicado. Não proferi uma palavra quando segui o meu chefe até o salão, nem depois quando um lacaio me conduziu ao meu quarto.

O mundo modificara-se, com certeza, desde que eu sahira n'essa manhan de Cambridge. Ainda era Bruce Ingersoll, mas quem me poderia dizer o que estes singulares acontecimentos presagiavam?

(Continúa.)

A MACAMBUZIA E O CHICOTE MAGICO

N'uma choupanasinha construida na encosta verdejante da serra, vivia, ha já muitos centos de annos, um camponez em companhia de sua mulher.

Tinham só uma filha, ainda pequena, de nome Joanna. Porque a viam andar sempre com uns ares exquisitos, pensativa, tristonha, não faziam grande caso d'ella e chamavam-lhe a «Macambuzia» e outras coisas pouco agradaveis.

Ora a mais de trezentas leguas d'aquella serra e em outra nação, vivia um rei e uma rainha, que tinham um filho unico, chamado Rosamundo, bonito rapaz, a quem os paes queriam muito e faziam todas as vontades.

Uma noite, Rosamundo teve um sonho muito singular. Sonhou que andando a passear n'uma cidade desconhecida para elle, chegara em frente de uma casa muito velha, cuja porta estava aberta. Olhou para dentro e viu um quarto escuro, de tecto baixo, apenas alumiado pelo lume de pinhas que ardia na chaminé. Junto d'esta estava uma bonita rapariguinha, mexendo uma grande panella, e ao mesmo tempo que a mexia, derramava muitas lagrimas que lhe escorriam vagarosamente pelas faces e cahiam, uma e uma, para dentro da panella.

Mas a rapariguinha nem por um instante parava de mexer, e o principe admirou-se muito de a ver chorar tanto e pediu-lhe que dissesse a maneira como poderia consolal-a do seu desgosto. A rapariguinha continuou a mexer a panella e a chorar, e nem sequer se voltou para o lado onde elle estava. Então o principe quiz entrar no quarto escuro e avançar para a rapariguinha, mas n'isto acordou sobresaltado e percebeu que tinha sido tudo um sonho.

Rosamundo saltou logo para fóra da cama, pegou n'uma penna e n'um bocado de pergaminho, e fez apressadamente o retrato da rapariguinha do sonho, porque tinha muito geito para o desenho. E representou-a tal qual a tinha visto, com o vestido exquisito com que ella estava e que não se parecia com os que usavam as mulheres do reino de seu pae.

Não satisfeito com o possuir apenas o retrato da sua bella, em vez do

rapaz alegre e folgazão que tinha sido até ali, tornou-se pensativo e tristonho, e foi emmagrecendo e perdendo as côres, a tal ponto que os paes se assustaram e quizeram saber que pesar o affligia.

Rosamundo não respondeu nada e não fez senão suspirar.

Veiu o physico do paço, e depois de examinal-o bem, disse para o rei e para a rainha:

— O que o principe necessita é viajar, correr as sete partidas do mundo. Só assim poderá distrahir-se e esquecer o desgosto que o afflige.

Então o rei e a rainha perguntaram ao filho se queria ir ver terras, o que, diga-se a verdade, daria grande magoa ao coração de ambos elles.

Rosamundo poz-se logo muito alegre e respondeu:

— Meus queridos paes, sabereis que nada me dará tanto prazer, comtanto que eu jornadeie sósinho e a pé, como se fosse um pobre de Christo.

Foi assim que Rosamundo se poz a caminho, levando apenas comsigo um chicote, com um açoite muito forte e comprido, e o retrato da rapariguinha do sonho.

Logo que se viu fóra do reino de seu pae, foi mostrando o retrato a quantas pessoas encontrava e perguntando a todas se lhe sabiam dar noticias da rapariguinha vestida d'aquella maneira. Mas nenhuma soube dizer-lhe nada.

FOI MOSTRANDO O RETRATO A QUANTAS PESSOAS ENCONTRAVA

Assim se passaram dois annos, até que um dia Rosamundo foi ter a uma cidadesinha differente de todas as que até ali tinha visto, e encontrou, com grande prazer do seu coração, mulheres vestidas do mesmo modo que a rapariguinha do sonho.

Cheio de esperança, foi correndo todas as ruas e espreitando para dentro de todas as casas, emquanto houve ares de dia. Ao lusco-fusco estava n'uma viella, que ficava nas trazeiras de uma estalagem e viu uma janella illuminada pelo clarão do lume que ardia no interior do quarto. Vae então Rosamundo espreitou atravez da janella e lobrigou o quadro que tinha visto em sonhos: a fogueira de pinhas a arder na chaminé, uma panella preta fazendo rom-rom em cima do lume, a rapariguinha a chorar muito e o quarto de tecto baixo e ennegrecido.

O principe bateu e tornou a bater nos vidros da janella, e chamou umas poucas de vezes em voz muito alta, mas a rapariguinha continuou a mexer a panella e não deu mostras de o ter visto nem de o ter ouvido.

Rosamundo foi d'ali muito descoroçoado, cuidando que seria surda a rapariguinha, mas no dia seguinte voltou com mais esperança, resolvido a tirar informações a respeito d'ella. Entrou na estalagem e pediu de almoçar. Quando

o estalajadeiro lhe veiu trazer uma malga de leite e um pão quasi tão negro como a cara de um preto, Rosamundo perguntou-lhe quem era a rapariguinha que tinha visto na vespera á tarde.

O estalajadeiro fez logo uma cara de poucos amigos, mas respondeu velhacamente:

— A rapariguinha chama-se Joanna, mas a gente só a trata pela «Macambuzia». Tomei-a para criada ha uns dois annos, embora o pespêgo de pouco sirva. E' ella que faz o caldo para os moços de lavoura, pois ainda que lhe deite uma pinga ou duas a mais de agua salgada com isso não o estraga, emquanto que estragaria outra coisa sobre que derramasse as lagrimas, que está sempre a chorar. E nunca préga olho quer de noite, quer de dia, nem responde ao que se lhe diz.

— Ah! E' surda? perguntou o principe.

— Não. E' «Macambuzia», e por isso lhe deram este nome, respondeu o estalajadeiro.

Rosamundo ainda lhe fez outras perguntas, mas não ficou mais adeantado, porque o estalajadeiro tinha medo de que o viajante lhe quizesse tirar Joanna, a quem não pagava soldada.

— Se desejaes informações completas, disse-lhe elle por fim, ide pedil-as ao Homem da Montanha Branca. E' pessoa muito sabia e conheceu-a antes de a Joanna vir para cá.

Ora a Montanha Branca ficava d'ali a um rôr de leguas, e o estalajadeiro disse aquillo ao principe só para o ver pelas costas.

Rosamundo fiou-se-lhe na palavra e abalou para a Montanha Branca. Só ao cabo de oito dias de jornada a avistou, muito alva da neve que a cobria.

Por isso lhe tinham posto aquelle nome. Na falda da montanha havia uma lagôa muito azul, e á beira da lagôa uma gruta cavada no gelo. Rosamundo entrou na gruta e viu logo um homem tão edoso que a gente mais velha d'aquelles sitios sempre o tinha conhecido com o cabello e a barba toda branca e o corpo vergado para o chão.

NÃO GOSTAVAM D'ELLA PORQUE A VIAM SEMPRE A SCISMAR

Sabia tudo aquelle homem, não só do passado mas do que estava para acontecer. Veiu ao encontro do principe, pois que adivinhara o que elle queria perguntar-lhe, e respondeu com um aceno á grande reverencia que Rosamundo lhe fez.

— Filho, disse-lhe o velho, vens pedir-me informações a respeito de Joanna, pois não é assim? E' filha de honrados camponezes, que não gostavam d'ella porque a viam sempre a scismar e porque não podiam dar-lhe

trabalho mais custoso. Depois da morte dos paes, ficou em grande miseria, e foi para a cidade em busca de um pedaço de pão com que matasse a fome. O estalajadeiro tomou-a para casa e faz d'ella uma verdadeira escrava, porque a rapariguinha é mansa de genio e vive n'um sonho perpetuo.

— E porque chora tanto? perguntou Rosamundo. Dizei-m'o, pelo amor de Deus!

— Chora porque está sempre a sonhar, respondeu o velho, e porque os seus sonhos são tristes. Quando acordar, tornar-se-ha feliz e nunca mais chorará.

— E como posso eu acordal-a? tornou Rosamundo a perguntar. Chamei-a muitas vezes e ella não me ouviu.

— A unica maneira, meu filho, de fazer com que te ouça, é entrares na cozinha onde Joanna está, e, sem ella te ver, metteres a ponta do açoite do teu chicote na panella para onde cahem as suas lagrimas. Olhará em volta de si, querendo saber quem pretende estragar-lhe a sopa, e apenas te vir, acordará.

— E ficará logo sendo feliz? perguntou Rosamundo, ajoelhando aos pés do velho e beijando-lhe a mão.

— Sim.

— Graça vos dou, meu pae!

Rosamundo já se ia embora, quando o velho o chamou e lhe disse:

— Espera, que me esqueceu avisar-te de uma coisa. Quando Joanna acordar, dá dois estalos com o chicote, de contrario ficas arriscado a perdel-a para sempre.

— Não me esqueço, respondeu o principe. Adeus!

Apressou-se tanto na volta, que em dois dias chegou á estalagem onde Joanna tinha ficado. Entrou logo na cozinha que estava alumiada, como da primeira vez, só pelo lume que ardia na chaminé. Sempre a mexer a sopa, Joanna não o sentiu e continuou a chorar conforme o seu costume. O principe foi por traz d'ella, pé ante pé, e passando-lhe o chicote por cima do hombro, metteu a ponta do açoite dentro da panella,

Joanna olhou em volta de si muito assustada, e, mal deu com os olhos em Rosamundo, soltou um grito fortissimo e cahiu nos braços que elle lhe estendia. Porém as lagrimas tinham-se-lhe enxugado dos olhos e o seu rosto só mostrava felicidade.

Rosamundo ficou tão enlevado na formosura de Joanna que por alguns momentos se esqueceu do aviso que recebera do Homem da Montanha Branca, e só tinha tido tempo de dar um estalo com o chicote, quando a porta da cosinha se abriu de par em par e entrou por ali dentro o estalajadeiro.

— Não te envergonhas da tua ingratidão? disse elle, agarrando Joanna e tirando-a dos braços de Rosamundo. Não consinto que sáias de minha casa!

Xit!... Tric! Trac!

O açoite de correia assobiou no ar, e enroscou-se em volta das pernas do estalajadeiro, que deu um berro de desespero e saltou para o ar, tendo aberto a mão que segurava em Joanna. No entretanto, Rosamundo, levando

O AÇOITE ENROSCOU-SE
EM VOLTA DAS PERNAS DO ESTALAJADEIRO

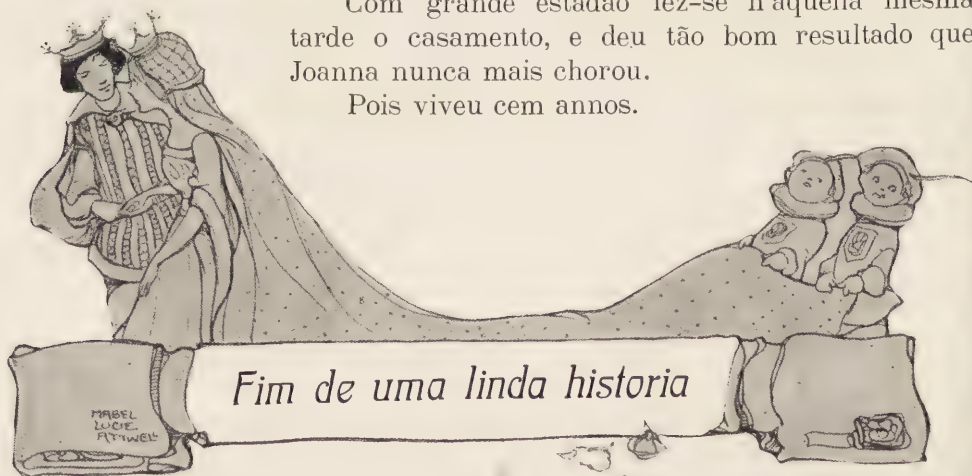
no braço a sua carga preciosa, corria para o pateo e entrava n'uma carruagem que tinha ali apparecido por artes magicas. Apenas Rosamundo se sentou na carruagem com Joanna a seu lado, os cavallos desataram a galope. Eram dois lindos baios, com arreios bordados a ouro e guizeiras de prata. E o assento da carruagem tinha almofadas de seda e uma pelle de urso branco muito fôfa e macia.

O estalajadeiro ainda foi á porta, gemendo com a dôr que lhe tinha causado a chicotada, mas o mais que poude fazer foi mostrar o punho fechado a Rosamundo, que já ia a distancia, abraçado a Joanna, e se voltou para traz rindo a bandeiras despregadas.

O chicote deu outro estalo e os cavallos ainda mais galoparam. Ao cabo de poucos dias entraram no reino de que pertencia o principe, e levaram por fim a carruagem até ás portas do paço, onda já estavam á espera o rei, a rainha e toda a côrte.

Rosamundo tornou a fazer estalar o chicote e os cavallos levaram d'ali a carruagem, n'uma corrida doida, até chegarem ao pé do Homem da Montanha Branca, por quem tinham sido mandados.

Com grande estadão fez-se n'aquella mesma tarde o casamento, e deu tão bom resultado que Joanna nunca mais chorou.

Pois viveu cem annos.

Grandes topicos

O novo gabinete inglez

NOTICIÁMOS no nosso ultimo numero a demissão de *sir* Henry Campbell Bannerman da chefia do gabinete inglez e a nomeação de mr. Asquith, em seu logar. Substituido o chefe, era natural que o gabinete sofresse modificações, a despeito da identidade de vistas que sempre pareceu existir entre os dois. De facto, passados trez ou quatro dias sobre a sua nomeação, mr. Asquith apresentava ao rei Eduardo a recomposição do ministerio, que ficou assim constituido:

Primeiro ministro, Asquith; lord grande chanceller, lord Lareburn; presidente do conselho privado, lord Twedmouth; lord do sello privado, marquez de Ripon; chanceller da fazenda, Lloyd George; secretario do interior, Herbert Gladstone; secretario dos negocios estrangeiros, Edward Grey; secretario das colonias, lord Crewe; secretario da guerra, R. Haldane; secretario da India, John Morley; primeiro lord do almirantado, Reginald Mac Kenna; secretario da Escossia, John Sineclair; ministro do commercio, Winston Churchill; ministro do trabalho e hygiene, John Burns; ministro da agricultura, lord Carrington; ministro da instrucção publica, Walter Runciman; chanceller do ducado de Lancaster, Henry Tawler; secretario da Irlanda, J. Brice; ministro dos correios, lord Stanley.

Como se póde calcular, a imprensa ingleza commentou largamente a composição do novo ministerio, sendo quasi unanime em elogial-a. A escolha de Lloyd George para a pasta da fazenda foi geralmente bem acceite, pois o novo ministro, que é um advogado de grande fama, já deu brilhantes provas gerindo no ultimo gabinete a pasta do commercio. Lloyd George, todavia, não tomou ainda posse do seu novo cargo. Seguindo o exemplo de Peel em 1842 e 1845, será o primeiro ministro quem este anno apresentará á camara dos communs o orçamento geral do Estado.

O CZAR DA RUSSIA

EDUARDO, O PACIFISTA

O REI DE HESPANHA E O SEU INFANTIL HERDEIRO

Tres caricaturas de Moloch

MR. ASQUITH
O novo primeiro ministro da Grã-Bretanha

Winston Churchill, novo ministro do commercio, conta apenas 33 annos. Filho do celebre estadista do mesmo nome, em 1895 combateu em Cuba ao lado dos hespanhoes, manifestando extraordinario arrojo. Depois acompanhou, como reporter de guerra de um grande jornal londrino, o exercito inglez á Africa do Sul e n'um combate caiu prisioneiro dos boers. Pertence á camara dos communs desde 1900.

Mac Kenna, ministro da marinha, é advogado e conta 44 annos. Runcinnan, novo ministro da instrucção publica, tem apenas 38.

Coincidencia curiosa: em 22 de abril, isto é, dez dias depois de ficar constituido o novo gabinete, morria *sir* Henry Campbell Bannerman.

Italia e Turquia

Como era de prever, o conflicto levantado entre a Italia e a Turquia a proposito das estações postaes italianas na Asia Menor, terminou com a capitulação do governo da Sublime Porta.

Após alguns dias d'aquella resistencia passiva que é a principal caracteristica da diplomacia ottomana, o embaixador da Turquia em Roma procurou o ministro dos estrangeiros italiano, para lhe dizer que o seu governo estava resolvido a adoptar com a Italia o mesmo tratamento conferido ás demais potencias, no respeitante ao estabelecimento de estações postaes na Asia Menor, acrescentando que qualquer accordo que no futuro se tomasse a respeito das estações postaes estrangeiras, se tornaria extensivo ás italianas.

Quer dizer: a Turquia cedeu a todas as exigencias da Italia. Ainda bem.

JUSTA INDIGNAÇÃO!

(1) *Se eu sou almirante da armada ingleza, e* (2) *coronel dos Reaes Dragões, e* (3) *Doutor pela Universidade de Oxford, é claro que tenho todo o direito de escrever uma carta ingleza! Aliás,* (4) *atiro com toda a trapagem aos pés do tio Eduardo.*

Do «*Kladderadatsch*»

A Inglaterra na India

A dominação ingleza na India está evidentemente atravessando uma crise grave. em principios de maio deu-se em Bengala um atentado que victimou um alto funccionario. Procedendo ás investigações sobre o caso, a policia encontrou-se a breve trecho em presença de uma vasta conspiração, que não tinha por fim matar funccionarios da categoria d'aquelle a que acima nos referimos, mas assassinar lord Kitchener, commandante em chefe do exercito anglo-indiano, e alguns outros altos representantes da Inglaterra na India.

Ao mesmo tempo estalavam serias insurreições nas fronteiras do

Á BEIRA DO ABYSMO

BULOW *(á Allemanha) — Não tenha medo, minha rica senhora, nas minhas mãos está segurissima.*

Do «*Wahre Jacob*»

A CARTA DO KAISER

O espectro de Bismark — Mais outra imprudencia! Quando aprenderás a ter juizo?

Do «*Pasquino*»

A BELLA ADORMECIDA

A ALLEMANHA — *Amigos, aqui temos um soberbo poiso! Talvez lá esteja alguem, mas esse alguem é tão pequenino, e a minha vista é tão curta, que eu acho melhor não fazer caso. Se nós repartissemos isto entre nós tres?*

Do «*Melbourne Punch*»

Afghanistan e dos Mohamnds, obrigando as auctoridades inglezas a mobilisarem para ali alguns milhares d'homens. A' data das ultimas noticias sabe-se que se têm travado grandes combatės, constituindo outras tantas dorrotas para os indigenas que, afirma-se, batem em completa retirada, mostrando-se, pela sua atitude, dispostos a depôr as armas.

Mas ou isso não é verdade, ou as auctoridades inglezas não confiam muito n'essa attitude, pois não só as tropas conservam as suas posições, como estão sendo dia a dia reforçadas.

Oxalá tudo isto não seja o preludio da tão receada insurreição geral da India, que os nacionalistas indios andam ha tanto tempo preparando e que por mais de uma vez tem ameaçado estalar com medonho estrepito.

As aspirações d'elles são certamente muito legitimas e respeitaveis, como é respeitavel toda a aspiração de liberdade, mas o peor é que só conseguiriam satisfazel-as — se o conseguissem — á custa de uma pavorosa chacina.

SITUAÇÃO INCOMMODA

O francez ancioso por se ver livre d'aquelles assados.

Do «*Kladderadatsch*»

ASPECTO CURIOSO DA POLITICA EUROPEA

MARROCOS — *Soccorro, grande Kaiser, não te lembras da tua visita a Tanger, tão cheia de promessas?*
KAISER — *Adeusinho! Vou a caminho de Marte, a ver se lá encontro outro Marrocos a soccorrer.*
EDUARDO — *Lembra-te de mim, rico sobrinho, se por lá encontrares um bom cantinho para conquistar.*

Do «*Cairo Punch*»

O mar do Norte e o mar Baltico

Em 23 de abril ultimo dois tratados importantes foram simultaneamente assignados em Berlim e em S. Petersburgo.

Assignaram o primeiro os representantes dos paizes que teem costas no mar do Norte: a Allemanha, a França, a Inglaterra, a Suecia, a Dinamarca e a Hollanda, os quaes se compromettem a respeitar o *statu quo* do littoral d'aquelle mar, cujos limites ficam tambem perfeitamente determinados.

O segundo foi concluido entre a Russia, a Allemanha, a Suecia e a Dinamarca. Estas quatro potencias garantem nelle a manutenção do *statu quo* no littoral do mar Baltico.

Ao mesmo tempo era assignada em Stockolmo uma declaração, pela qual a Suecia, a França, e a Inglaterra accordam em abrogar o tratado de 21 de novembro de 1855, concluido entre as duas altimas potencias e que garantia a integridade da Suecia e da Noruega.

Fica assim regularisada a situação internacional dos dois paizes — Suecia e Noruega — creada pela separação d'este da União scandinava e pelo reconhecimento da sua integridade, ultimamente acordado.

QUE BELLO ELEPHANTE!

Diz-se que o amigo allemão está deitando as suas vistas para as Filipinas.

Do «*Minneapolis Journal*»

PORTA ABERTA NA MANDCHURIA

JAPÃO — *Nada d'isso! Aqui não mette o senhor o nariz, se eu puder evital-o.*

Do «*Internacional Syndicate*»

A NOVA SITUAÇÃO NOS BALKANS

Do «*Kikeriki*»

PROJECTOS FERRO-VIARIOS NOS BALKANS

GUARDA DA LINHA (SULTÃO) — *Não caio em os avisar; o que eu quero ver é uma collisão tremenda.*

Do «*Ulk*»

Os japonezes na Corêa

Como se sabe, concluida a guerra russo-japoneza, os soldados do imperio do Sol Nascente ficaram ocupando a Corêa, com grande desespero dos coreanos que, em vista d'isso, voltaram as suas armas contra elles. A lucta entre dominados e dominadores tem-se mantido desde então, com diversas alternativas, e como a ameaça se eternisou, visto os coreanos terem adoptado, a partir de um dado momento, a guerra de guerrilhas, o governo japonez resolveu fazer um supremo esforço para restabelecer definitivamente a paz no antigo imperio da manhã calma.

Assim, ordenou a immediata partida para Seul de mais duas divisões de infantaria, quatro esquadrões de cavallaria e dois mil gendarmes, a fim de reforçarem as tropas de ocupação do general Hasegawa.

Uma vez chegadas em reforços á Corêa, Hasegawa dividirá as suas forças pelas treze provincias coreanas e começará uma guerra de exterminio, pois recebeu do seu governo as mais severas ordens para acabar com os rebeldes. Não lhes tendo reconhecido a belligerancia, tratal-os-ha como a bandidos, mandando fuzilar quantos lhe cahiam nas mãos. Ao mesmo tempo considerará como fóra da lei todo e qualquer individuo que os auxilie.

Os coreanos estão, como é de calcular, irritadissimos com estas deliberações, e ameaçam exercer horriveis represalias.

Tudo leva, pois, a crer que a infortunada Corêa deve ser theatro de uma lucta selvagem.

Vida na sciencia e na industria

Expedição ao Polo Sul

A 1 de agosto partirá em nova expedição para o Polo Sul, o famoso explorador francez Dr. Jean Charcot. D'esta feita tenciona levar trenós automoveis para o auxiliar no transporte. Cada trenó tem um motor de 24 cavallos, ligado a uma enorme roda, parecida com o propulsor de um dos antigos vapores de rodas. Uma serie de experiencias recentemente realisadas nos declivios nevosos dos Altos Alpes, no Delphinado, deram excellentes resultados. O trenó trepou ás montanhas e desceu para os valles com uma velocidade uniforme de 8 milhas por hora, sem nunca desgovernar.

TRENÓ AUTOMOVEL

Para a expedição do Dr. Charcot ao Polo Sul

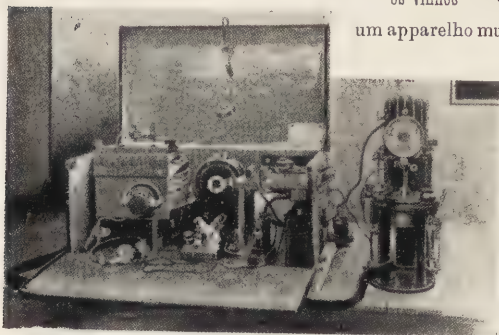
Valioso presente

Sir Wiliam Ramsay acaba de receber da Academia das Sciencias de Vienna meio gramma de radium puro, como reconhecimento pelos seus magnificos trabalhos sobre a chimica do

O PROFESSOR SIR W. RAMSAY

radium. Este meio gramma faz parte de tres que foram extrahidos de dez toneladas de minerio uranifero. Até hoje nunca, d'uma só vez, se obteve maior porção d'este raro metal.

Telephone sem fios

Mr. Valdemar Poulsen, que descobriu o emprego do arco cantante de Duddell para telephonar sem fios, levou ultimamente o seu apparelho a uma notavel perfeição. Os instrumentos empregaram-se com exito a uma distancia de 1:500 kilometros. Por meio de um intensificador de sons, podem ler-se signaes normaes á distancia de 12 pés (4 metros) do apparelho. Mr. Poulsen addidicionou-lhe ainda um instrumento registrador que imprime a mensagem.

ESTAÇÃO PORTATIL
DE TELEGRAPHIA E TELEPHONIA, SYSTEMA POULSEN
Á direita vê-se o gerador telephonico

A passagem do nordeste

O ministerio da marinha russo, aproveitando a severa lição da ultima guerra, reconheceu a necessidade de procurar uma communicação pratica pela passagem de Nordeste. Esta passagem existe visto que Nordenskjold a atravessou, ainda que á custa de innumeras difficuldades. Prepara-se, por isso, uma expedição para estudar qual o caminho que possa estar livre durante certos mezes no anno.

Do cabo Norte ao estreito de Behring medeiam cerca de 3:200 milhas; é, portanto, natural que, se a expedição tiver bons resultados, o commercio se apreveite da nova communicação, que terá a vantagem de reduzir muito o caminho maritimo entre as possessões occidentaes e orientaes da Russia.

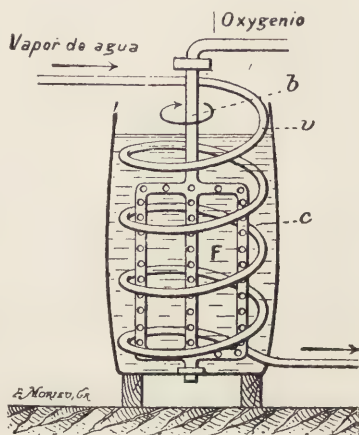
Utilidade dos girasoes

O girasol cultiva-se em certos paizes para usos industriaes, principalmente na Russia, nas provincias do norte e do Caucaso. Das sementes extrae-se um oleo que se emprega no fabrico dos sabões e até nos usos culinarios. Os caules e as folhas são reduzidos a cinzas e d'elles extrahe-se a potassa. O tratamento das cinzas do girasol produziu em 1907, nas 24 fabricas do Camaso, 15:000 toneladas de potassa.

Meio de envelhecer prematuramente os vinhos

Um œnologo italiano, o sr. Cassisa, inventou um apparelho muito simples para envelhecer rapidamente o vinho novo. Esta transformação, que prendeu a attenção de sabios como Pasteur, é produzida por uma serie de reacções cujos agentes essenciaes são a *temperatura* e o *oxygenio* do ar. Em condições normaes, estes agentes gastam na trasformação oito a dez annos. Com o apparelho a que o inventor Cassisa deu o nome de *Ossigénos*, e que já foi experimentado por ordem do governo italiano, obteve-se em *duas horas* um vinho de Marsala com o perfume e propriedades orgonolepticas caracteristicas dos vinhos de Marsala do commercio, preparados pelos processos habituaes e com muitos annos de adega.

Usa-se o apparelho assim:

Deita-se o vinho que se pretende

APPARELHO PARA ENVELHECER OS VINHOS

envelhecer em uma pipa no interior da qual ha uma serpentina *v* por onde circula o vapor destinado a elevar-lhe a temperatura. O oxigenio é introduzido por um tubo *b* ligado ao quadro *e*, ambos com orificios para escoamento de gaz. O tubo e o quadro são animados por um movimento de rotação que tem por fim distribuir por toda a massa de liquido, tão uniformemente quanto possivel, o calor e o oxygenio. Os resultados obtidos nas experiencias são muito animadores.

Se as modificações rapidas que por este processo se produzem no vinho forem duradoiras, podem advir d'ahi enormes beneficios não só para o vinicultor, como para o consumidor que poderá obter por preços modicos, vinhos novos com as qualidades de gosto e estabilidade dos velhos.

HELICOPTERO PAUL CORNU

O Helicoptero de Paulo Cornu

PARECIA abandonada a idéa de resolver o problema da navegação aerea por meio dos helicopteros, sobretudo depois das satisfatorias experiencias realisadas com os aeroplanos.

Mas recentemente o sr. Paulo Cornu apresentou e submetteu a trezentas experiencias um helicoptero de sua invenção, que, apezar dos geraes defeitos que evidenciou, e que o autor, n'outro modelo que se propõe construir brevemente, espera remediar, veio mostrar a possibilidade de luctar com os aeroplanos na conquista do ar. O aeroplano tem porém sobre o helicoptero as vantagens de maior simplicidade e segurança relativa, pois que, no caso de paragem do motor os seus planos permittem-lhe descer vagorosamente á terra, emquanto que o helicoptero, cujo motor soffresse accidente, seria precipitado.

A machina experimentada compõe-se d'uma armação em V muito aberto, formada por um grosso tubo, ao qual estão ligadas seis estrellas de tubos d'aço, constituindo um systema absolutamente rigido. Esta armação assenta sobre quatro rodas, tem 6,5 m. de comprimento e 50 kilog. de pezo. Ao centro fica o logar do piloto e um motor *Antoinette* de 24 cavallos, que faz mover por meio de uma correia achatada de 22 metros de comprimento e 10 centimetros de largura, duas helices de dois ramos, de 6 m. de diametro, fixadas horisontalmente nas extremidades da armação. As azas das helices constam de uma grade de tubos de aço coberta de seda, impermeabilisada pelo coutchouc, e fortemente esticada. Cada helice peza 245 kilog. A' frente do apparelho ha o reservatorio de agua com 12 litros de capacidade, e á rectaguarda o de essencia que comporta 7 litros. Para auxiliar a propulsão, utilisando o turbilhão de ar, produzido pelas helices em marcha, o inventor teve a judiciosa idéa de dispôr verticalmente por baixo de cada helice dois pannos de seda, estendidos sobre grades de tubos achatados de $2^m,5$ de comprimento, e $0^m,60$ de largura.

Os principaes defeitos que as experiencias revelaram, acham-se no excessivo volume e pezo das helices, e na correia de transmissão que constantemente se negou a communicar mais de metade da potencia do motor (3 cavallos sobre 24). O autor conta porem remedia-las.

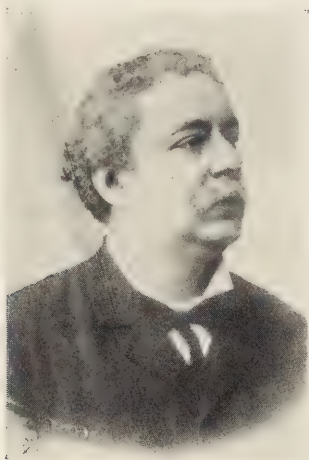
AUTOMOVEL PARA TERRENOS INVIOS

Automovel para terrenos invios

FIZERAM-SE recentemente notaveis experiencias de uma nova machina inventada por Mr. David Roberts, engenheiro inglez. Este invento propõe-se a proporcionar um meio conveniente de transportar material de guerra, minerio ou outros artigos pesados por terrenos montanhosos ou pantanosos onde ainda não penetrou o caminho de ferro. O caracteristico essencial da nova invenção consiste n'uma cadeia sem fim que cerca as rodas. Com um motor de 35 cavallos, o automovel realisou espantosas façanhas atravez de uma região asperrima, e rebocou com facilidade um carro carregado com cinco toneladas por solos alagadiços. A firma a que pertence o inventor já construiu uma machina d'este systema para o ministerio da guerra britannico. Em virtude do seu aspecto extranho, os soldados alcunharam-n'a logo de «Lagarta n.º 1».

Vermes intestinaes

TEM-SE pretendido sustentar n'estes ultimos tempos, que a causa real de febre typhoide no homem, são os vermes intestinaes. Os srs. Chantemesse e Rodriguez, depois de dois annos de aturadas pesquizas, concluiram: primeiro, que os vermes intestinaes e em particular os tricocephalos, não teem na febre typhoide a culpa que se lhes attribue; segundo, que a presença dos tricocephalos nos intestinos das pessoas atacadas pela febre typhoide, não modificam o prognostico da doença; e por ultimo que seria perigoso desprezar as medidas de prophylaxia ordinaria, como a do uso da agua potavel pura, desinfecção de materias contaminadas, para as substituir por prevenções de therapeuthica individual sem outro fim senão de expulsar helminthos intestinaes.

Vida na arte

EDMUNDO DE AMICIS

Edmundo de Amicis — O auctor de «Il Cuore», fallecido com 62 annos no apogeu da gloria, deixou um grande vacuo nas lettras italianas. Tinha no seu alto idealismo, sempre grande e humanitario, um poder balsamico nos espiritos; e a nota, impressionante de verdade, com que pintava bons e formosos caracteres, com que se apiedava das desgraças humanas, faziam-nos crer que na terra nem tudo é mau, como a maioria da litteratura moderna se compraz em demonstrar.

Elle continuou Manzoni. Quem o continuará a elle?

GABRIEL D'ANNUNZIO

Gabriel d'Annunzio — GABRIEL d'Annunzio, enthusiasmado com o triumpho da *Nave*, tem entre mãos nada menos de tres peças novas — *Amaranto, Néro* e *Tristão e Isolda.*

A casa de Hans Andersen — A municipalidade de Odense, na Dinamarca, adquiriu a casinha que alli possuia o famoso escriptor de contos de fadas. Restaurou-a e encheu-a de recordações tornando-a assim um dos mais interessantes relicarios

A CASA DE ANDERSEN

litterarios. Existem alli originaes a lapis do illustrador dinamarquez Petersen, talvez o melhor do museu, retratos, bustos, primeiras e raras edições, e muitas outras curiosissimas lembranças.

Uma d'ellas é o busto de Andersen, feito em uma hora pelo esculptor inglez Joseph Durhan.

Modestia antiga — EM 1851 Schumann, escrevendo ao seu amigo Bennett, musico inglez, a proposito d'uma viagem com sua mulher, pianista insigne, tencionava fazer a Londres, perguntou-lhe: — Ganharemos bastante para cobrir as despezas da jornada e do nosso sustento quotidiano? Se lhe parece que sim, nós nada mais pedimos.

HOLGER DRAKENANN

Holger Drakenann — ESTE illustre poeta falleceu, como Amicis, aos 62 annos de idade. Era uma das mais brilhantes glorias da moderna litteratura dinamarqueza.

SCHUMANN

Resenha portugueza

THEATROS

RICARDO STRAUSS

Ricardo Strauss.—O festejado compositor da *Salomé,* que tivemos entre nós, regendo a orchestra de Berlim, não colheu nos tragicos gregos o thema da *Electra,* a sua nova obra, mas n'uma adaptação do conhecido poeta Solsffo nam de Fallersklen, ultimo trovador allemão, cuja correspondencia com o titulo de «Cartas aos meus amigos», acaba ha pouco de ser publicada. Ha n'ella referencias a Freilegrath, Bettina d'Arnim, Grimen, Büchner, Geibel e outros, o que a torna verdadeiramente interessante.

AMALIA ISAURITA

Zarzuela.—Damos o retrato de Amalia Isaurita, que, além de Pilar Marti, já muito conhecida do nosso publico, faz parte da Companhia de Zarzuela, que actualmente está exhibindo o seu vasto reportorio no theatro D. Amelia.

EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO

UMA PEÇA DA OURIVESARIA LEITÃO

EURICO

Quadro de Teixeira Bastos

UMA AGUARELLA DE ROQUE GAMEIRO

Exposição do Rio de Janeiro.—Pelos paquetes allemães *Wurzburg* e *Bonn,* foram expedidos para o Brazil, em 6 e 19 de maio, os volumes de productos agricolas, industriaes e de Bellas Artes, destinados ao pavilhão e annexo da secção portugueza. Jorge Colaço, o delegado dos artistas portuguezes junto á nossa secção na exposição fluminense, suprirá certamente a falta de commissario especial que o governo resolveu não nomear. A sua direcção artistica, como tanta vez succedeu com Raphael Bordallo Pinheiro, certamente conseguirá dar á installação portugueza um ar caracteristico e original, que a faça distinguir por completo das outras installações.

Desejariamos poder fornecer aos nossos leitores, uma nota, completa quanto possivel, dos varios artistas e dos trabalhos que expõem, mas começámos tarde, quando a maior parte d'elles já tinham sido enviados. Ainda assim, do que podermos obter, iremos dando uma amostra. Por hoje, apenas Roque Gameiro, Teixeira Bastos e Leitão, honram com alguns dos seus trabalhos as columnas dos *Serões*.

NOVIDADES LITTERARIAS

Embrechados

PELO

CONDE DE SABUGOSA

Um successo litterario de primeira ordem foi o apparecimento d'este novo livro do eminente academico.

Serie de artigos sobre interessantes pontos de historia e sensacionaes assumptos de actualidade, revelando um alto criterio, uma indulgente philosophia e um nobre coração. A primeira edição está prestes a exgotar-se.

O Pão e as Rosas

POR

AFFONSO LOPES VIEIRA

Um dos maiores artistas modernos do verso portuguez deu á publicidade um novo volume, um feixe de maravilhas poeticas, onde não se sabe o que admirar mais, se a alteza do pensamento, se as audaciosas novidades em materia de rythmo. *O Pão e as Rosas* — o alimento do corpo e a delicia do espirito — consubstanciam as duas aspirações nativas de alma humana: a verdade e o ideial, a bondade e a belleza.

A arvore cortada

POR

PAULINO DE OLIVEIRA

Linda plaquette, contendo um poemeto cheio de sentimento e frescura, que revela uma alma de verdadeiro poeta.

LIVRARIA FERREIRA, Rua do Ouro, 132 a 138 — LISBOA

NOVOS ACADEMICOS

Eleitos socios correspondentes da Academia Real das Sciencias, em 14 de maio

ALFREDO DA CUNHA

JULIO DANTAS

CARLOS MALHEIRO DIAS

Alfredo da Cunha.—Poeta apreciado e jornalista brilhante, os seus livros teem o condão de agradar sempre. *Endeixas e Madrigaes* e *Rimas Soltas*, são volumes de versos em que se sente o pulsar d'um vivido coração. Ensaiou-se na litteratura scenica com a comedia *O livro de Mesmer*, e entre os seus trabalhos salienta-se a biographia de Eduardo Coelho.

Julio Dantas. — Revelou-se-nos primeiro como poeta, depois como dramaturgo e prosador. A sua obra é vasta e cheia de imprevisto, não se podendo por isso avaliar por este ou aquelle trabalho, mas pelo seu conjuncto, variado e gracioso como um ramo de diversas flôres. Não citando as suas pequeninas comedias senão como uma manifestação instantanea do seu deslumbrador talento, *O que morreu d'amor* e o *Nada* são, cada qual no seu genero, duas joias de subido preço que o publico soube apreciar. Dantas trabalha agora n'uma grande magica moderna intitulada o *S. Frei Gil*.

Carlos Malheiro Dias. — É um espirito de eleição e um luminoso talento. Além do *Filho das Hervas* e dos *Telles d'Albergaria*, o primeiro dos quaes constituiu a sua estreia litteraria, tem escripto varios volumes de subido interesse psycologico. O mais valioso d'elles é, talvez, o que se intitula *Paixão de Maria do Ceu*, quadro do seculo XVIII, onde o auctor descreve um amor de mulher com a justeza de observação e penetração d'alma que só possue quem, pelo grande alcance das suas faculdades intellectuaes, faz no coração humano as suas leituras mais queridas e tira d'elles ou deixa que os outros tirem, o conceito moral que de tudo e em tudo se póde colher na vida.

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA

Antonio Correia d'Oliveira. — Primoroso nas suas composições, cheias de vida e luz, segue ha muito a evolução que n'estes ultimos tempos procura infiltrar nos corações bella philosophia em bellos versos, brotados d'um jacto, que lembram na sua espontaneidade e graça, o leito caprichoso d'um ribeiro. *As tentações de S. Frei Gil*, o melhor livro de Correia d'Oliveira, no novo genero que adoptou, tem paginas encantadoras. A sua ultima obra é o *Pinheiro Exilado*, um mimo de sentimento e delicadeza.

Francisco Esteves Pereira. — É um orientalista distinctissimo e um investigador incansavel. Um dos seus mais importantes estudos foi o *Dos feitos de Christovam da Gama*, trabalho composto por Miguel de Castanhoso, publicado por occasião do centenario da India, e que muito captivou a attenção dos que estudam. Tambem para o X congresso internacional de orientalistas traduziu e prefaciou a *Vida do Abbas Sammel do mosteiro de Kalamon*, versão ethiopica que foi altamente apreciada por Th. Nölnede.

Não nos foi possivel obter o seu retrato.

ESCOLA MARQUEZ DE POMBAL

SENHORAS TRABALHANDO EM PINTURA

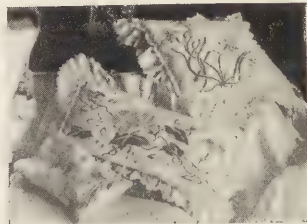
Escola Marquez de Pombal.—Damos a photographia dos *estudos* de pintura na Escola Marquez de Pombal, por occasião da visita que alli fizeram os professores, que assistiram ao Congresso d'Instrucção Primaria. Os trabalhos que n'aquella casa se estão executando são perfeitissimos, não deixando nada a desejar.

Uma conferencia sobre um grande sabio portuguez

BARBOSA DU BOCAGE

Sessão de homenagem.—A Sociedade de Sciencias Naturaes promoveu no dia 2 de maio, no Real Instituto Bactereologico, uma sessão solemne em homenagem a Barbosa du Bocage. Encarregou-se do elogio historico do eminente naturalista o distincto bactereologista dr. Carlos França, que d'elle se desempenhou brilhantemente.

Presidiu o dr. Miguel Bombarda.

EXPOSIÇÃO DE LAVORES FEMININOS

ALGUNS TRABALHOS EXPOSTOS

Exposição de lavores femininos.—Damos uma amostra dos innumeros trabalhos femininos que a sr.ª D. Luiza Teixeira Bastos envia ao Rio de Janeiro. Esta senhora, que obteve na exposição de S. Luiz a medalha de ouro, tem nos seus primorosos trabalhos uma garantia de exito.

SPORTS

FESTA HIPPICA NO PICADEIRO GAGLIARDI

Festa hippica.—Damos a photographia de um grupo de cavalleiros e amazonas que tomaram parte na festa hippica realisada na tarde de 9 d'abril, no picadeiro Gagliardi.

Exposição canina.—No Paraizo de Lisboa, na rua Nova da Palma, realisou-se no dia 2 de abril a abertura da primeira exposição canina em Portugal. Foi o jornal *A Caça*, coadjuvado pela Spratt's Patent de Londres, que a organisou.

Alguns dos exemplares expostos são interessantissimos. A cadella Trilly, de raça italiana, já premiada nas exposições de Paris e Nice com medalha d'ouro, obteve tambem aqui o primeiro premio. Em seguida á exposição teve logar o leilão de muitos dos exemplares expostos.

A VENCEDORA DA EXPOSIÇÃO CANINA

FESTA ATHLETICA NO PARQUE DE PALHAVÃ

Festa athletica.—Effectuou-se uma festa de sports athleticos em 2 de abril, no parque de Palhavã, em homenagem ao conde de Fontalva, que cedeu parte dos seus terrenos ao Grupo Imperio, para exercicios sportivos dos socios d'este Grupo.

Feira de Alcantara

Feira de Alcantara. — Com grande numero de barracas e enorme concorrencia de povo, inaugurou-se no dia 1 de maio esta antiga e popularissima feira que, ha já alguns annos, tem logar nos terrenos marginaes conquistados ao Tejo, junto á estação de Alcantara-Mar.

EXEQUIAS REAES

Exequias reaes.—Damos uma photographia de Sua Magestade El-Rei D. Manoel sahindo dos Jeronymos, onde no dia 25 foi assistir ás solemnes exequias que o governo mandou celebrar por alma de seu Pae e seu Irmão.

CURIOSIDADE METEOROLOGICA EM LISBOA

Curiosidade meteorologica. — Não ha memoria nos ultimos annos, d'uma geada em Lisboa, como a que se observou em abril, na Avenida da Liberdade.

LETTRAS

ANTHERO DE FIGUEIREDO
Auctor dos «Comicos»

CONDE DE SABUGOSA
Auctor dos «Embrechados»

AFFONSO LOPES-VIEIRA
Auctor de «O Pão e as Rosas»

Comicos. — E' um estudo psychologico, que no nosso meio litterario se destaca, o ultimo livro de Anthero de Figueiredo.

Nos dois protagonistas d'aquelle drama de amôr, é intensa a paixão sob varios aspectos. Elle é um idealista, *um delicado*. Ella, uma leviana, quasi irresponsavel. D'aqui a desintelligencia dos espiritos, apezar da partilha real e vivida do sentimento, amor-paixão, que os domina.

É um drama doloroso, em que as fraquezas do coração apparecem a nú, mas que a tristeza do irremediavel aureola de graça e poesia.

Embrechados. — O novo livro do apreciado auctor do *Paço de Cintra*, é um elegante volume, nitidamente impresso, que, em 194 paginas, trata 16 assumptos differentes com a mestria, leveza e graça, que são peculiares da brilhante penna que os traçou. Descrevendo ou investigando o passado, perfuma-o de tanta suavidade e poesia que revivemos n'elle. Explicando as varias acepções da palavra com que designa o livro, escreve o illustre prosador, que a tomava na peor d'ellas. Não é este o nosso sentir nem o do publico, que já exgotou a primeira edição.

O Pão e as Rosas. — O auctor do *Ar Livre* acaba de dar á estampa um novo livro intitulado *O Pão e as Rosas*. A edição é esmeradissima, rivalisando em tudo, até na leveza, com as melhores edições inglezas.

O que sobremodo nos agrada em Lopes Vieira é que as regras procuram-no quando elle pensa fugir-lhes, e é n'ellas, e com ellas, que o seu talento se mostra mais elevado e rutilo.

Quantas coisas citariamos se não dispozessemos de tão limitado espaço, porque entendemos que a critica, seja em que sentido fôr, é documentando que melhor se exerce.

Decifrações do n.º 35

Charadas — 1.ª *Tetracordo;* 2.ª *Promontorio.*
Enigmas — 1.º *Furtacôres;* 2.º *Entear.*

ENIGMAS

Quando ás vezes eu me exalto
Em conversa acalorada,
'Inda mesmo co'um amigo,
A' boa etiqueta falto:
Perco o fio da meada
E já não sei o que digo.

Certo termo apropriado
A' tal conversa em questão,
E que preciso dizer...
Foi-se!... Não é encontrado,
E fico como um pavão
Triste figura a fazer!

Qual o termo a designar
A minha perturbação?
Dizei-o lá se sabeis...
Pois eu indo-o procurar:
Para lá, lia um tostão;
E p'ra cá, lia cem réis.

Angra.

MELLO.

⁂

Dispensa, caro leitor,
Da tua fina attenção
Uma parte por favor;
E, apoz pausada inspecção,
Dirme-has, mas sem mentir,
Se, depois de... vêr attento,
Não tens a todo o momento
Obrigações a cumprir.

Covilhã.

MARIO SOUSA.

Resposta ao gentilissimo convite para collaborar n'esta secção.

Queres amigo, que da Esphinge as formas
Eu tome e enigmas ao leitor proponha,
Mas, sem que o achado da verdade, imponha,
O tredo risco das antigas normas.

Edipos muitos, pelo que me informas,
Hão de encontrar os que eu talvez proponha,
Mas... não importa, pois não é vergonha
Morrer. Com tal de certo te conformas.

Logo: obedeço, pois quem póde manda.
Pelos navios hão de ver bem panda,
Ou pelas ruas carregada ser

Uma ave extranha que *n'uma outra* mora,
E, coitadinha, conhecida embora
Ha de custar aqui seu nome ver.

Jaboatão — Pernambuco.

DE ELAIA.

⁂

CHARADA (Enigmatica)

Eu tenho, tu tens, ell'tem — 2
Se não fôrmos maus, crueis;
Faço, fazes, faz tambem — 2
O povo, o clero e os reis.
Quem a segunda fizer
Sem a primeira empregar
Gente fraca mostra ser
Que não tem sangue a girar.
Prima e segunda ligada
Com pericia, com mestria,
Diz que o enigma-charada
E': livro d'astronomia.

Obidos.

PADRE ETERNO.

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME VI

(2.ª SERIE)

INDICE

INDICE

Belleza do Rosto

Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas à combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não vai alem das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

I. DOSE BENIGNA e AGUA DE TOUCADOR. — Vascolejar o liquido até elle fazer-se côr de leite; deitar n'um pires a quantidade d'uma colher à café, e ajuntar as seguintes quantidades de agua: 1º um a dois tantos, contra o Rosto sarabulhento e as Picadas de insectos; — 2º dois a tres tantos contra as Rugas, o Tisne do sol, Borbulhas, Espinhas, Brotoeja, Fogagem, Efflorescencias farinhentas ou furfuracéas e outras alterações accidentaes da cutis; — 3º tres a quatro tantos, como agua de toucador, para conservar a pureza, transparencia e macieza da pelle. — Embeber n'estas misturas um panninho fino, e humectar duas vezes por dias os pontos affectados. Como agua de toucador, basta uma loção, com preferencia pela manhã, meia hora antes de lavar o rosto.

II. DÓSE ESTIMULANTE, contra as SARDAS e as MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias, ajuntar á pequena porção de LEITE que se deita no pires, igual quantidade de agua, e continuar esta dóse tres vezes por dia, se os effeitos abaixo descriptos principiarem a produzir-se; se não, logo no terceiro dia, emprega-se o LEITE puro e humectão-se as manchas, sem esfregar, uma duas ou trez vezes *quando muito* no correr do dia (segundo a delicadeza da cutis), até que a epiderme que as cobre, passando por duas phases previstas e sempre isentas de gravidade, — 1º ardor mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia acompanhada de sensação tensiva, — tenha tomado uma côr cinzenta, e se desseque. Oblido este resultado, as loções só se comparão de uma parte de LEITE e tres tantos d'agua. A epiderme exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha, apresenta-se (depois de dez a quinze dias de tratamento) branca e fresca, livre das manchas que a embaciavão.

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27